Histórias de Muito Longe

Contos



Gil Cleber

Gil Cleber



Histórias de muito longe



Contos



Arte final e capa: Gil Cleber
Ilustração da capa: composição com desenho e fotografia, ambos do autor.

Nota importante:
Sendo o autor contra a maioria das mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:
gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Nota ao leitor

Este livro de contos compõe, juntamente com o romance **No caminho para Muito Longe**, o ciclo de narrativas regionais, em que as histórias se passam no distante e fictício povoado de Sertãozinho (além de outros), cobrindo aproximadamente o período de um século de aventuras.

Este ciclo, contudo, ainda não está completo: um último conto, a ser inserido no presente volume, ainda se encontra em fase de gestação.

Não existe uma ordem pré-determinada para a leitura dos contos e do romance, ficando a critério do leitor escolher. Eu, porém, sugiro que no presente volume o leito siga a ordem em que os contos foram apresentados, que não é certamente aquela em que foram escritos.

Gil Cleber

… I
Eu serei o teu amor 6
Roupa de boneca 18
Um caso de espantar 28
Um relato sobre cachorros 47
Notícia de um combinado entre companheiros 59
A trágica noite de Tião Cascavel 136
A menina da ponte 147
Um cavaleiro sob a lua 157
Boneca de palha 185
Um homem de muita ruindade 208
Noite de Baile 241
O capim verdinho dos morros 283
Prosa dum peão velho com sinhá dona em tarde de Abril 302
Dívida 312
Cantiga de bem-querer 343
Romance do boi encantado 392
… 423

...

Muito longe, um lugar... quem já foi, sabe.

Lonjura.

No tempo antigo, dia e meio em lombo de animal mode se chegar pr'aquelas bandas, e em escurecendo era o caso de pernoitar no meio do caminho, tenda armada no largo com fogueira acesa na frente, não fosse correr o perigo de enfrentar a mata tarde da noite, risco de peçonha de cobra e mesmo onça, que naquelas brenhas se escutava o miado. Sacrifício aquele, no vagar da jornada — subidas, vertentes, planuras. Estrada, cadê? Um trilho só, estreiteza, cortando a morraria que parecia não acabar nunca, duma virada se avistava a outra; da outra, no espiar a distância, as vistas não esbarrando em fechamento de mata ou empinamento de colina iam dar com um risco nos longes, nos costados da serrania: o trilho, o caminho por diante, sempre o caminho...

— Que passarinho canta assim?

Hoje em dia, no correr desse final de séc'lo, em lugar do trilho, estrada, se bem que estreita, buraqueira, mas facilita a viagem: passa por ali, bem, um jipe desses velhos — jipe, condução própria mode enfrentar caminho que carro nenhum suporta sem escangalhar as molas —, e por último um lotação que cruzando Sertãozinho uma vez por semana ia dar na Vila, adonde despejava sua carga: um encardido de gente mal acostumada a escapulir daquelas paragens, sacos de mantimentos, um balaio de frangos, de vez em quando um porco vivo.

E a viagem abreviou? Decerto, inda que nem tanto, a estrada insuficiente para avizinhar o sertão da cidade. Possa ser que o movimento pra lá aumentasse, conforme, se fosse uma estrada larga, tingida por demão de asfalto feito se vê noutros lugares, mas qual o quê! Trator passou meses naquelas grotas desbastando barranco, berrando no matagal em tempo de apavorar os bichos, marcando o chão com suas unhas de ferro, e foi embora. Mas a estação era de pouco estio: choveu, esburacou a terra mole, abriu valetas no meio do caminho. Aquilo permanecia terra esquecida de Deus, como se diz quando se quer representar um lugar adonde tudo é embaraçado e o que vale o povo em hora de aperto calha ser um doutor de roça prestativo que obra qualquer coisa, desde curar bicho-de-pé inté ajudar as donas a botar anjinho no mundo, e, em último caso, um padre mode ministrar os sacramentos.

— Num vê, moço doutor!... Isso é pio de cobra.

Carro de praça por lá não se aventura, a não ser pelando o freguês — e com razão, pois se quebra uma peça durante a viagem, adeus: o prejuízo não recompensa. E se o lotação só sai no sábado pela manhã e perna de animal retarda na travessia, no que um moço da cidade lá por motivos seus resolve se encafuar nos confins, e se ainda é terça-feira, a condução mais própria é carona, se aparece uma, que sói aparecer pois mesmo naqueles retiros um que outro têm automóvel, jipe, como sobredito — pra toda jornada.

Mas sem capota, atravessado por cima da carroçaria só um ferro adonde se suster, mode não escapulir pro chão com os solavancos.

Dirigia um certo Brás, com porta de secos e molhados na Vila. Do lado, a dona do Brás, uma gorda ainda nova, de perna cabeluda e beiço tingido de encarnado, muito do agrado do Brás que achava bonito mulher bico-de-lacre.

O moço da cidade se aboleta em cima duns sacos, assento de macieza que convém na ocasião, a mochila largada num recanto. Um matuto mulato de pé esparramado salta pra riba na última hora, *"dia, sá Chica"*, *"dia, Quitério"*, *"podemos ir, sô Brás"* lança, curvando-se para coçar uma unha encravada. O jipe arranca, nuvem de poeira que sobe, embaça o ar, fica, feito não fosse abaixar mais.

O Brás calculou que o moço devia estar só de passeio, comentou a modo de pergunta mas sem perguntar — só no dizer, esperando esclarecimento. Ele esclareceu: que não, ia inté Sertãozinho em razão de um compromisso, *"ouvi dizer que é longe"* disse investigando o fim da estrada, que não tinha fim.

— Perto n'é não — respondeu o matuto. — A gente só esbarra em Sertãozinho no cair da noite — espiou pro alto, o sol na parecença de um relógio: conforme se adiantava pelo céu ia indicando as horas, p'lo certo, mais ou menos, por apresentar erro de vez em quando, inda que não para fazer caboclo perder a hora da bóia ou do cochilo. — E vigia, sô moço, que nós, mode vim pra cá, só de vesp'ra — e busca confirmação: — Né, sô Braz?

O rapaz consultou o relógio de pulso, dez horas mal chegando. *"Só no cair da noite…?"* pensou com desânimo.

— Num sendo da minha conta — pronunciou a dona do Brás —, o moço vai de visita a algum parente?

— Não senhora — disse, e explicou: era médico recém-formado, funcionário do Estado. Estava ali para conhecer esses recantos retirados, essas populações sertanejas, fazer relatório e encaminhar ao governo.

— Há projeto de melhoria nas instalações dos postos de saúde no interior. E em Sertãozinho talvez até a construção de um pequeno hospital…

A mulher do Brás pareceu satisfeita com a explicação, o matuto olhou o companheiro de carona com reverência: não apenas um novato qualquer da cidade mas doutor formado, anel no dedo (punha reparo) e sabença de muita medicação. Coçou de novo a unha encravada a merejar umidade, esperançoso duma receita.

— Sim, o governo… — principiou o Brás girando o volante com força numa curva. — Ouvi falar… — fez questão de mostrar-se informado, não parecer ao moço doutor da mesma laia do mulato Quitério. — E carece, não sabe? — disse, acrescentando informação minuciada: — Por lá só temos um posto de saúde com um doutor já antigo que vévi no arraial, e o povo é numeroso.

Esperou resposta. Não houve resposta. Não havia assunto, a viagem prosseguiu em silêncio.

O jipe roncou estrada afora, trambolhões e nuvens de pó, lá se foi. Por cima do mundo, um sol-fogaréu, o céu dum azul que benz'o Deus!; no mais, o abafamento sufocativo do dia: aragem que não passa, poeira que entremeia com a respiração, o cansaço que esgota o corpo.

— A estrada deve ser antiga — a certa altura o moço doutor comentou, já um tanto moído de buléu. — Não há manutenção?

— A estrada? — disse o Brás, e demorou-se pensando nos anos que fazia. — Parece que de 58… abriram inté Sertãozinho, cortaram por lá tudo enlarguecendo os caminhos, pai conta, que eu nem não era nascido… Em antes só um trilho pr'essa morraria aí toda que o senhor vê… Mas essa gente do governo s'esquece de que chuva abre valeta, esburaca, adonde que raro em raro vem trator, pá mecânica raspar o chão mode tapar os buracos, só… — e arrematou: — O povo lá vévi meio esquecido de Deus, num sabe, seu moço?

Beirava as quatro e meia quando sucedeu o desastre: uma sacudida violenta quase projetou o Quitério numa soqueira de arranha-gato que crescia perto do barranco, um estrondo, o jipe adernado à direita num buraco no meio do caminho, e todos tiveram de descer.

O Brás rodeou o carro, inspecionou, franziu a testa. Suspeitou o pior e rosnou qualquer coisa que ninguém entendeu. Meteu-se por debaixo, estirado no chão poento, em volta os outros olhando, esperando.

Outra vez de pé, o Brás escarrou grosso antes de esclarecer, *"o eixo"*, porém como os mais permanecessem na dúvida compreendeu que não bastava aquilo, *"quebrado"* disse, e baixou a cabeça como se pensasse no que fazer — pois calamidade maior, dessas que desnorteiam um desprotegido de Deus, havera de ser possível?

Sucedia que nem sá Chica nem o matuto, e nem mesmo o doutor, compreendiam o que provinha dum eixo quebrado naquele ponto do caminho — primeira vez que tal coisa acontecia, e olhe que ele já transitava por ali com aquele jipe há quantos anos! Então o Brás explicou: voltar à cidade à procura dum mecânico, despois levar o homem de volta, por fim retornar e seguir viagem… lá se ia um dia inteiro só naquilo, um desacerto, uma aflição… Calhava de ali perto, arrecuado um tanto da estrada, morar desde tempos um certo iô Norato, um preto já de idade, prestativo, *"não recusa pousada"*, e tinha lá umas alimárias que em caso de precisão cedia mediante paga. *"Paga, a modo de dizer"*

referiu o Brás, que conhecia toda gente, *"não estipula preço"*, sim, pois iô Norato, que inté já fora logrado por quem de mau proceder, não punha valor, ficava na consciência do freguês deixar uns níqueis pro velho — coisa de obrigação, quando menos, reforçava o Brás, *"porque antes quem quisesse tinha de pousar no chão, a céu aberto, ou armar barraca"*.

— Não haverá outra carona? — aventou o moço doutor, que não queria perder mais tempo. — Ou quem sabe seguir até Sertãozinho a cavalo hoje mesmo?

— Pra carona hoje é um dia ingrato — asseverou o Brás —, e quanto a ir a cavalo, não aconselho: cai a noite e pega vossência no caminho no meio da mata, que pra perna de cavalo inda sobra muito chão a varar.

— E haverá perigo? — tornou o moço.

— Arriscoso é — interveio o Quitério, cuspinhando um bagaço de capim que pegou a mastigar —, não seja só por fera do mato, inda tem as almas, troço rúim… assombração, o moço doutor sabe…

O Brás, que não acreditava nessas coisas, riu, afastou o Quitério com sua negativa, que abanou a cabeça arredando um pedaço — desconjurava falta de fé nos mistérios do *outro lado*. Mas o Brás ia explicando: antigamente, quem não quisesse se arriscar, fosse por receio de cobra ou de tombo em ribanceira, tinha de armar barraca e acender fogueira mode passar a noite. Mas desde que iô Norato ocupou seu pedaço de chão, na carência ia-se pousar mais ele, que inté levantou quartinho a mais, nos fundos, pra atender a demanda. Sim, um que outro tinham obrado com desacerto, não pagando o velho, mas a maioria era povo decente, iô Norato recebia bem.

— O meu conselho — finalizou — é pousar lá e amanhã, então, sim…

O moço doutor encolheu os ombros. Se não tinha jeito…

Bateram no rumo de iô Norato.

E era noite, por fim, no avarandado da casinha de estuque e telha encanoada, entre a qual avultava um cano de chaminé a fumegar restolho. Sentado num banquinho e espiando um luar de causar espanto à gente da cidade, que não tem por costume ver um céu assim, com uma lua que é um despropósito, o moço doutor descansava as costas contra a parede, descansando também a janta — uma feijoada de caldo grosso em riba do macarrão goela-de-pato, provido de um guisado de jiló e abobrinha verde, mais um angu reforçado com miúdos de porco e torresmos —, que fizera peso no estômago.

O Brás e a dona dele, sá Chica, tinham se acomodado debaixo de uma mangueira, frescor de sereno, pra lá conversavam, assuntos, coisas de casal que não interessam aos outros, enquanto o Quitério, meio carcunda, sentara-se num cocho defronte à casa, as pernas estiradas para adiante.

Num recanto da varandinha, o pito sossegado de iô Norato preto.

Donde estava, o Quitério lançou:

— O moço doutor vai ver que nunca escutou causos do sertão…

— Nunca vim ao sertão, Quitério — respondeu o moço.

— Iô Norato sabe contar umas histórias… hein, iô Norato?

De seu recanto, o aceso do pito, a catinga da fumacinha que ia subindo no ar calmo. O pigarro que se prolongou num tossicar de leve.

— O sertão tem seus enredos — disse o velho no vagar da voz cansada, no pretume meio confundido com a noite —, cada qual mais que bonito…

— E veros enredos, n'é mesmo iô Norato? — disse de seu longe o Brás, que de ouvido apanhou a fala do velho.

— O que não é vero não supõe agrado cá pro velho, seus moços — respondeu o preto —, só as verdadeiras lendas encantam — e do pito o avivar da brasinha no escuro do recanto, feito claridade dum diverso vaga-lume.

— Conta pra nós, iô Norato — pediu o Quitério.

O Brás mais a dona dele se levantaram debaixo da mangueira, chegando-se mais pra perto mode escutar também…

Eu serei o teu amor

— — pois, esse menino, mecê disse que nunca visitou fazenda de gado? Ora, já comigo foi diferente, que dessas eu nunca arredei o pé, ao menos nos meus tempos de moço quando ainda tinha força p'ra labuta, porque no transcurso do tempo descambei, peguei envelhecer e me arretirei pro sitiozinho da família, lá pros lados de Sertãozinho. É… quando se é moço a gente nunca pensa que vai fraquejar um dia, mas não tem jeito que em a idade chegando é isso, é preciso largar o bem-bom e botar tento só nas mazelas que vêm de permeio… Mas do que é mesmo que eu 'stava falando?… Ah, de fazenda de gado… Apois, fique mecê sabendo, não tem coisa melhor; a lida com o gado, as conversas dos boiadeiros, tudo tudo que se faz todo santo dia e nunca enjoa. Pra mecê ver como era, ó… era na fazenda do nhô Belmiro, que adespois eu também trabalhei pra outra gente, mas com o nhô Belmiro eu fiquei desde molecote inté a casa dos trinta… lá era eu mais o Dodô, o Lidugero, o Alfredinho e o Zé Miguel. Tinha também o Albino e o Paulão, mas esses dois pouco lidavam na campeação do gado, era mais nas lavouras de café com os pretos, que nhô Belmiro se resolvera também pelo plantio do café, no que foi muito feliz, boas colheitas fez e muito cobre apurou. Mas eu, o Dodô, o Alfredinho e o Zé Miguel, era todo dia às cinco da manhã no curral, cada um com um balde embaixo de uma vaca tirando leite, que sem tardança a gente transferia pruns latões grandes e um moleque, cria da fazenda, ia vender na Vila, de casa em casa. No terminar a tiração de leite, soltavam-se os bezerros pra mamar. É que de noite, de tardezinha quando as vacas recolhiam ao curral, era perciso prender os bezerros separados da mãe; não vê que se não fizesse isso, de manhã nem tinha leite nenhum pra tirar, que a bezerrada tinha mamado tudo? Isso é uso nas fazendas de gado, inté o desmame, e não é maldade não, esse menino, que os bichinhos se desenvolviam redondos de tão gordos. O mais pior era o desmame, que aí punha-se o bezerro grande noutro pasto, mode ficar de vez separado da mãe. Tinha vaca que dava uns berrados compridos de saudade do filhote, inté de doer no coração, mas não tinha outro jeito, não se pode deixar bezerro mamando inté muito tarde que prujudica a criação.

— De um tudo eu já fiz, nesse assunto de gado: tirei leite, vendi leite que em criança quem ia na carroça levando os latões para a vila era eu mesmo, tangia gado pro pasto, trazia de noite, laçava no curral, curava, só a meu cargo

era pra mais de mil cabeças que eu tinha de dar conta, eu mais o Alfredinho e o Dodô e uns outros, diversos, de menos experiência. O Lidugero e o Zé Miguel adjutoravam vez a vez, mas nem não podiam estar sempre pois tinham outras viração: o Zé Miguel ali mesmo na fazenda, que em terra de plantio de café e criação de gado sempre tem muito quefazer, ói, pr'adonde se espia tem trabalho esperando; e o Lidugero num sítio seu mesmo, adonde também laborava. Mas que coisa boa essa lidação no diário, cresci forte no meio do gadame e quando botei tento já era homem formado! Inté matar pra açougue matei, mas não gostei, nunca foi do meu feitio tirar vida de bicho. Matei uma vez só, adespois larguei disso e voltei pro curral. O mais do meu agrado era curar, aplicar injeção, tratar do boi. Mecê não sabe o que é curar, eu lhe explico dum relance: gado solto no pasto pega carrapato, inda que em pasto de boi quas' que não dá carrapato. Mecê quer ver carrapato é em pasto de cavalo, não sei por causa de quê, mas o pobre do bicho fica assim se não cuidar, dentro das orelhas inté parece jabuticaba no pau, de tanto carrapato gordo. Em pasto de boi não, mas boi tem a desvantagem dos bernos, coisa que já em cavalo é raro. É aí que é preciso curar: se arreúne o gado no curral e se prepara num latão grande uma mistura de remédio pra berno com água, na medida certa. E tem a brocha, feita de um pano que se enrola numa vara: molha-se a brocha no remédio e vai se passando no corpo do bicho, mormente nos lugares mais afetados. Mata tudo que é berno, a criação tá curada. Se deixar? Ah, se deixar dá inté bicheira… Já injeção tinha de várias qualidades, mas a mais principal era de febre fetosa. Esse negócio de injeção em gado eu aprendi com um veterinário que apareceu por lá um dia, ensinando. Nhô Belmiro falou: *"Quem tem mais cabeça pr'essas coisas aqui é o Luizim da Manuela"* – é que minha mãe tinha por nome Manuela, e foi assim que fiquei conhecido naquelas redondezas: Luizim da Manuela. Nhô Belmiro pra mim: *"Ô Luizim, bota tento no que o doutor explicar, que mecê é que vai cuidar dos remédios da vacaria"*. Então foi o veterinário falando e eu botando atenção, ele falava e eu ali, de olho aberto e ouvido em pé, aprendi tudinho, os nomes das doenças, com'é que elas faziam no corpo do pobre do bicho, o tipos de remédios, de injeção, o jeito e a época de aplicar, e daí por diante eu que passei a cuidar de tudo. O elogio de nhô Belmiro: *"Quando aceitei o moleque Luizim pra trabalhar mais nós aqui na fazenda, é porque vi nele essa inteligência pra serviço de curral"*. De um tudo eu já fiz, e tanta prática adquiri que mais tarde sempre recorriam a mim em caso mais difícil, inté das fazendas vizinhas mandavam me buscar. Diziam: *"Pra lidação de gado, não tem como o Luizim da Manuela"*. Já leitura não tive, sempre garrado no serviço nem escola freqüentei, malemal aprendi a desenhar meu nome mode não ter que fichar decumento. É que nasci de família pobre, mamãe viuvou ind'eu pequeno e não tinha ninguém por ela, de forma que desde cedo tive de ajudar em casa. Foi quando peguei trabalhar com nhô Belmiro, que gostou de me ver na lida, *"garoto esperto t'aí, faço gosto"*, e me botou na entrega do leite. Saía cedo na carroça

puxada por burrico, com os latões amarrados atrás pra não virar, e um canecão dentro do embornal. Freguesia era certa, a de sempre: a carroça parada defronte ao portão, gritava: *"olha o leite, dona!"*, e logo aparecia alguém trazendo uma vasilha, chaleira, caneco que fosse. Acabando a entregação lá pelo meio-dia, vinha de volta reto pra fazenda, que no fim do mês os fregueses acertavam direto com nhô Belmiro.

— Mas nhô Belmiro não era nem patrão, era amigo de todo mundo. Porque não era homem de dinheiro herdado não, enricou ali, na labuta, na lida com o boi, no rabo do cacumbu, na colheita do café – é certo que o pai dele, falecido sô Demastor, deixou bastante terra, lá isso… mas não fosse ele ter juízo na cabeça e mão pra lida, duvido que chegava adonde chegou! Não vê que nhô Belmiro ficava em casa, na varanda, só dando ordens, não vê… Era nhô Belmiro garrado com nós no curral, era nhô Belmiro nos cafezais, pra todo lado onde houvesse lida, ali estava nhô Belmiro, homem de muito bom coração, que sabia do sofrer do pessoal pobre e tinha muita consciência… Nhô Belmiro era casado com nhá Branca, uma morenona sacudida que mesmo adespois de ter boa cama e boa mesa não largou de ser simples e de trabalhar. Pensa que virou madama? Pois sim! Mesmo dona principal, com criada de quarto e tudo, ainda gostava de botar a mão na massa: fazia queijo, tanto pra vender quanto pro gasto de casa. Era o melhor queijo da região, ninguém tinha mão pra queijo que nem nhá Branca. Não merecia passar pro desgosto que passou despois, que todos por lá passamos… Ah, tanto que eu nem gosto de alembrar. Mas sempre alembro, quando pego falar assim… sempre tem um moço que dá atenção prum velho que nem eu, então eu pego falar e as lembranças vêm se achegando feito cortejo de defunto… Ói, esse menino, no coração de gente velho tem muita lembrança enterrada, mas enterrada em cova rasinha, é só pegar puxar que vem tudo, igual barbante de rolo…

— Porém o desgosto que estou referindo foi por mode o filho de nhô Belmiro, Florêncio, que não era que nem o pai, porém moço de soberba… Penso que não era mau, não, mas por ignorância dele foi que se assucedeu o que vou lhe contar. Ponha tenção, só. De filho, nhô Belmiro mais nhá Branca só tiveram um, o Florêncio, que regulava idade comigo. E se tinha coisa que desgostava o pai era a mania do Florêncio tomar ares, se fazer capataz na fazenda: só queria vistoriar o serviço alheio, dar ordens. Mas era o jeito lá dele, e não tinha mesmo percisão nenhuma de fazer força, pois afinal era o filho do dono, aquilo tudo seria dele mesmo um dia mode bem de herança. Dizia: *"Meu pai, nós somos os donos, nós temos de administrar, os empregados é que têm de pegar no pesado"*, e nhô Belmiro, inda que não concordasse muito com aquilo, acabava aceitando porque o Florêncio tinha tino, sabia administrar. Quem não ia com o Florêncio era o Lidugero, *"esse sujeitinho metido a besta pensa que entende do riscado"* ele dizia às vezes com gana, vendo o filho do patrão passar tinindo espora, batendo de leve o chicotinho na perna da calça e o chapéu cambado, *"só porque sentou a*

bunda em banco de escola". Eu bem que já havia botado sentido nas maneiras do Florêncio, seu jeito de espiar todo mundo de cima como se fosse Deus no céu e ele na terra. Mas pinima tinha em especial contra minha pessoa, sempre de olho meio atravessado pro meu lado (e a mode quê nem sei, já que nenhum desacerto entre nós não houve). Ind'assim, arrespondia: *"Deixa o moço, Lidugero, é jeito lá dele, não é mau pessoa não. Tá certo que anda meio de cara amarrada como se tivesse zangado, mas lida direito com todos"*. O Lidugero, porém, não se deixava levar: *"Um dia você ainda vai ver, Luizim, e aí vai me dizer…"*. Eu por mim me entendia bem com nhô Belmiro, que por minha pessoa nutria amizade e consideração, tratando-me por igual, sem eu carecer quas' que de acerto nenhum com o Florêncio. Se queira alguma coisa, era com nhô Belmiro, tinha liberdade de entrar na casa pra falar com nhá Branca, pra que esquentar a cabeça com o outro? Nem te ligo, cara amarrada…

— Na fazenda, no terreiro de cima, morava nhá Miguelina com a neta. É que havia lá o terreiro de baixo e o de cima. No de baixo, nhá Branca tinha mandado plantar grama e fazer canteiros de flor pra enfeitar a frente da casa: canteiros de rosa, petúnia, muitas flores, danado de bonito aquilo tudo florido, dava gosto!… Mas o terreiro de cima era limpo, ali nem crescia pé de mato pra mode poder bater feijão em época de colheita; o menino sabe o que é bater feijão? Não?… Pois presta atenção: na colheita do feijão, o feijão-preto, por exemplo, arranca-se ele da terra com pé e tudo, e é preciso esparramar os feixes num terreiro grande e limpo pra secar no sol; quando as vagens 'stão bem sequinhas, inté estalando, arreúne-se um grupo e cada um com uma vara comprida vai batendo pra's vagens acabar de abrir e deixar cair os grãozinhos todos. Adespois é só varrer por cima que o feijão fica embaixo. Mas o serviço ainda não findou, que daí é preciso peneirar e escolher o feijão, deixar ele limpo. Por esses meios de mato aí inda se usa fazer desse jeito. Ah, é que o menino não conhece lida de roça… Mas com'eu ia dizendo, ali, num canto do terreiro de cima, tinha uma casinha velha adonde morava Nhá Miguelina, amiga de moça da falecida mãe de nhô Belmiro. Era uma dona muito branca, diziam que mestiçada com raça alemoa, e tinha uma neta, sinhá-moça Mirinha.

— Ah, a sinhazinha Mirinha! Donzela de todas as delicadezas. Macia no dizer e leve no andar, trejeitos graciosos de menina que ainda nem dezenove anos não tinha, cintura fina de pilão e corpo leve como uma abelha que pousa na flor sem a flor balançar, mais a covinha nas bochechas quando ria e alegrava tudo com aquele riso que parecia uma aurora… ah, a sinhazinha Mirinha!… Era clara que nem a avó, os olhos feito duas contas de vidro. Moça bonita!, esse menino, era ver e logo gostar, bonita e boa tava ali. A mãe de sinhazinha Mirinha fazia três anos pegara uma febrona dessas brabas, e não arresistiu. Como a menina não tinha ninguém por ela, a avó foi buscar mode assistir mais ela na casinha do terreiro de cima, e não tardou nhá Branca pegar de chamego com a menina como se fosse filha, porque botara no mundo só um filho homem e era

doida por uma menina pra formar casal. Despois se conformou, dizendo que se Deus não lhe tinha dado uma filha mulher é porque era da vontade dEle, muito religiosa nhá Branca, muito cheia de devoção: *"Nosso Pai lá de cima sabe o que faz"*. Dona prestativa, esse menino: às vezes qualquer um de nós, ou o Lidugero, ou o Dodô, inté eu, ia lá à procura dela, pra isso ou pr'aquilo, pro que fosse, nhá Branca sempre atendia com boa vontade. Quando a mulher do Zé Miguel teve neném ele foi lá pedir uns paninhos pra criança, *"que não deu tempo de fazer enxoval, patroa"*, e a boa da dona mandou de um tudo pro neném, inté sabonete. O Dodô vivia com dor de dente, era nhá Branca quem o acudia fazendo emplastro, botando remédio na panela do dente, e por fim mandou o pobre no boticário, que era prático de dentista, arrancar. Mas foi como eu dizia: nhá Branca garrou de chamego com a menina Mirinha, tratava dela feito uma princesa, ensinou-a a fazer queijo e costumava dizer meio brincando, meio a sério: *"As mãos dessa menina são da cor do leite, isso é bom sinal, que sai um queijo de sabor sem comparação"*. Que fosse ou que não fosse as mãos brancas de Mirinha, o caso é que ela aprendeu a fazer um queijo quas' que melhor que o de nhá Branca, todo mundo punha elogio. O mal todo, porém, veio de querença que brotou de mim mais ela e dela mais eu.

— Como foi o causo? Ó, esse menino, nem eu mesmo não sei direito, que isso de gostar não tem regra nem explicação. Eu espichar o olho pra ela não é de admirar, que não era só eu, os moços todos do lugar tinham vistas pr'aquela moça de modos bonitos e sorriso feito espiga de milho branco, formando covinhas na bochecha. Sim, botei olho em sinhazinha Mirinha e não era de hoje que eu inventava pretexto pra ir inté a queijeira ou à casa grande. Acho que nhá Branca nem prestava atenção, ou não ligava – ia lhe passar pela cabeça que eu procedesse abuso de olhar pra moça que ela tinha na conta duma filha? Que é de se esclarecer, sinhazinha não acudia só no fazer queijo, não senhor!, nhá Branca fez dela moça prendada em tudo, na costura, no bordado, nos doces e cozidos, no que fosse de dentro de casa, e mais leitura de livro e jornal. Já nhô Belmiro de seu lado, quando me via ali na queijeira, vinha logo com boas vontades querendo saber se eu tinha percisão de alguma coisa, *"é, nhô Belmiro, vim aqui pra mode pedir a nhá Branca isso ou aquilo"*, e dava uma desculpa que já tinha imaginado cá na cabeça bem em antes. Nada, que lá ia apenas mode espiar sinhazinha Mirinha, e passar aquele resto de dia, e de noite, com a vista bonita guardada na lembrança dos olhos. Mas era só pra olhar mesmo e guardar na lembrança, esse menino, pois cadê coragem de falar pra ela do meu sentimento e do meu querer? Não vê!... Vai um dia, porém, e a moça se achega pra mim proseando dum jeito que me deixou meio desnorteado. Foi assim: era um sábado de tarde e nós todos do curral tínhamos terminado o serviço mais cedo, que o Paulão e o Albino não tendo nesse dia mais quefazer foram ajudar. Inda nem eram quatro horas, e cada qual queria aproveitar o fim de tarde para se arrumar melhorzinho, fazer passeio de noite, ir a baile, que o dia seguinte,

domingo, era dia de descanso. O Dodô, enrabichado por uma moça de Sertãozinho, 'tava de namoro firme; o Alfredinho, tendo desmanchado querença antiga com uma moça da Vila, era doido por fole de oito baixos e tinha sabido de um baile na casa de um primo do Zé Miguel, adonde já provia tenção de ir, tanto que convidou pra ir mais ele o Albino, porém não o Lidugero, casado que era com uma dona por nome Lindaura e com quem tinha um menino de nove anos, de seu portanto sítio e família mode também dar assistência. Paulão não, que esse era casado, pai de filhos, já de meia idade e sem atração pra divertimento, tinha inté ficado crente. Dodô também me chamou, mas eu negaceei, *"não"* eu disse, *"não tou com vontade de sair hoje, mas se calhar, mais tarde…"*. Então arresolvi ir em casa de minha mãe, pois eu passava a semana toda na fazenda e só no domingo ia visitar a velha, que reclamava sempre d'eu a deixar muito sozinha. *"Mas é perciso, mãe, é a vida, é a labuta de todo dia, e eu tenho carência de ganhar o de comer, pra mim e pra senhora. E vai que um dia eu queira casar, sem ganha-pão como é que eu posso?"*, mas mamãe, coitada, reclamava mais por mania de reclamar, porque no outro dia era ela mesma quem me fazia pular cedo, *"ói, menino, que patrão não gosta de empregado que atrasa pros seus comprimissos"*, daí eu dava um beijo nela e lá ia, segunda-feira antes do sol nascer, rumo à fazenda de nhô Belmiro. Era dessa maneira toda semana. Naquele sábado, como a gente fosse parar mais cedo, recusei o convite do Dodô e decretei passar a noite na companhia da velha, carente do filho mode a solidão da semana. Então fui inté a cachoeira e lá tomei um banho pra limpar bem o corpo da imundice, mudei de roupa pra não fazer feio porque tencionava, em antes, passar na casa do nhô Belmiro mode dar uma espiada, ainda que de longe, na moça dos meus encantos. Quando lá cheguei, quem me arrecebeu foi nhô Belmiro, muito alegre naquele jeito dele de vir pra gente aberto num riso largo e com elogio de cumprimento: *"Mas o moço hoje está empinado, espia só, Branca"*, e eu, meio sem jeito, gaguejei que ia visitar a velha. *"Ah, quer dizer que não vai mais o Dodô e os outros hoje no baile em casa do primo do Zé Miguel?"*, *"Fica pra outra vez, nhô Belmiro, hoje tou arresolvido ir ver a velha, que na semana passada deixei atacada de gripe forte e não tive mais notícias"*, *"Mas ela lá não fica sozinha, sinhá Margarida não costuma estar com ela?"*, *"É, sinhá Margarida é uma mão na roda, nhô Belmiro, de grande valia mesmo pra mamãe, mas eu sou filho, tenho de dar assistência"*, *"É assim que se fala, moço, gosto de ver filho atencioso com pai e mãe. É mandamento de Deus, e você faz muito bem. Mas ainda é cedo, entra um pouco, vem tomar um café com uma broa de milho que Mirinha fez. Olha que essa menina tá ficando com uma mão especial pras tarefas de fogão, benza Deus!…"*, e foi entrando pela porta da frente, e eu acompanhei, e ele foi atravessando a casa grande e eu, meio sem-jeito, fui acompanhando inté na cozinha. E nhô Belmiro mesmo botou na mesa a broa de milho cortada em fatias num prato de ágate, o bule de café, o açucareiro… Vai

que enquanto eu comia e punha atenção na conversa de nhô Belmiro, lá de dentro veio o chamado de nhá Branca, que ele fosse lá mode causo de percisão, e ele pegou e foi, e eu fiquei sozinho, mais à vontade pra repetir a broa, que repeti com muito gosto pensando que sinhazinha Mirinha tinha mesmo muito jeito pras tarefas do fogão, conforme dizer de nhô Belmiro. Foi então que aconteceu: eu repetia outra vez a broa quando percebi uma sombra no cômodo pegado à cozinha, e no que espiei era sinhazinha Mirinha que nem teve tempo de se esconder. Mas eu penso que ela não fazia tenção nenhuma de se esconder, porque apareceu de vez, chegou pra perto da mesa com um tipo meio de passarinho com medo, um risinho sem-jeito, e perguntou se eu tinha apreciado a broa de milho. *"Muito do meu gosto, sinhazinha, nhô Belmiro disse que foi a menina que fez"*, *"Pois é"* ela disse, *"eu que fiz, que tenho prazer em lidar na cozinha, fazer coisa gostosa pra se comer"*. Eu, pouco à vontade, nem tive continuação de conversa, e ficamos em silêncio por um minuto – um minuto que me pareceu encompridar num sem-fim de agonia e embaraço, em que eu engolia a broa com custo e o café esfriava na caneca. *"O senhor sabe, seu Luizim, que eu fiz essa broa pensando no senhor? É que eu sabia ser iguaria muito do seu agrado"*, e quando ela disse aquilo eu devo ter ficado vermelho, esse menino, feito um pimentão maduro, pois subiu um calor na minha cara que inté baixei a cabeça. Garrei matutar: *"Por que ela havera de fazer uma broa pensando em mim? E com'é que ficou sabendo que eu tinha apreceio por iguaria daquela qualidade?"*, e disse: *"Fico muito sastifeito com a boa intenção da menina, de muita simpatia mesmo"*, e enquanto matutava, ia lembrando que naquela semana eu tinha comentado com nhá Branca sobre broa de milho. Fora por causa que minha mãe também tinha boa mão para fazer essas coisas, e preparava umas receitas muito especiais, *"mas o que eu gosto mesmo é da broa de milho que ela faz"* eu tinha dito. E sinhazinha Mirinha confirmou minha desconfiança: *"Eu não tenho tenção de fazer uma broa melhor que a senhora sua mãe, seu Luizim, mas se tá do seu gosto, fico contente"*. *"Não, dona Mirinha, não posso dizer que está mais gostosa que a de mãe, mas não fica atrás não, lá isso não fica, que pelo jeito a menina é parelha dura pra ela"*, e vi que a menina gostou muito do elogio, embora eu ainda não atinasse com a razão do agrado que ela me fazia.

— Mas não é que a menina parecia ler de carreirinha o que se passava no meu pensamento? Tomou coragem e me esclareceu com nova declaração: *"O senhor sabe que tenho muita amizade pelo senhor, seu Luizim?"*, e me cravou aqueles dois olhos que pareciam contas de vidro, brilhando mais que o sol da tarde: pareciam alumiar toda a casa, pareciam alumiar minha alma por dentro. Embaraçado estava, mais embaraçado fiquei, sem resposta, só nós dois ali na cozinha e eu escutando a moça dizer que me tinha muita amizade. *"É amizade do fundo do coração, seu Luizim, o senhor pode acreditar em mim"*, *"mas menina, a amizade de mecê por minha pessoa só pode me deixar sastifeito por demais, nem*

sei se sou merecedor… mas se nhô Belmiro escutar, ou nhá Branca… é capaz que eles levem por mal", *"não levam a mal, não, seu Luizim, porque conhecem bem meu jeito, sabem que sou moça de decência…"*, *"mas eu nem duvido disso, sinhazinha, mas de maneira nenhuma!!"*, *"…e de respeito. Nem por isso havera de deixar guardado o que tenho vontade de falar. O senhor não se ofende, não é verdade?"*, *"mas como é que eu havera de me ofender, sinhazinha, se o que a sinhazinha diz é tão do meu agrado, ou mais, que a broa de milho que apreparou pra mim?"*, e então pegamos a sorrir juntos, e ela estendeu a mão, e eu toquei a ponta dos dedinhos dela, assim, cheio de vergonha e alegria ao mesmo tempo. Foi desse jeito que lhe relatei, esse menino, a querença que pegou d'eu mais ela e dela mais eu… Ah, esse menino, se o destino tivesse deixado… Mas quem é que pode saber o que vem por aí de galope, feito ventania? Qual aquele que tem o poder de adivinhar o que tá'moitado atrás da curva do caminho?

— Assim pegamos a nos ver quas' que sempre, não digo todo dia porque eu preferia não dar muito na vista no começo, mode não chamar atenção de nhá Branca mais nhô Belmiro. Mas assim mesmo ia ver a moça pelo menos duas vezes no meio da semana, afora os sábados: tomava banho na cachoeira no fim da tarde e vestia roupa limpa; não tinha extrato mas guarnecia o bolso da camisa duma folha de malva, e como quem não quer nada ia me achegando pra fazenda. Sinhazinha Mirinha já me esperava, vinha lá de dentro toda formosa com aquele riso bonito me arreceber e a gente ficava proseando na frente da casa, fazendo planos, formando projetos, coisa muito do agrado dela. Se não tinha ninguém por perto pra espiar, eu pegava na mão dela, mas pegava com jeito pra não magoar com minhas mãos ásp'ras, que eu nunca vi mãozinhas de tanta macieza que nem as de sinhazinha!… Mas sucedia uma coisa d'eu ficar vexado na presença dela: é que eu era um bruto, um boiadeiro reles, sem leitura, mas ela era moça prendada, e nhá Branca é certo que ia querer um prínspe pra ela, que era feito uma princesa. (Pra falar a verdade, eu bem que tinha um pouco de arreceio, mormente de nhá Branca, que seguia dando lições a sinhazinha mode continuar aprendendo.) Por causa dessa vexação, falei um dia com ela: *"Tem uma coisa que eu não entendo, sinhazinha…"*, e como eu mais ela estivéssemos de mãos dadas, tratei de arredar um passo, meter as mãos no bolso, macambúzio. *"Não entende o quê, Luizim?"* ela perguntou, estranhando meu jeito. *"O amor de uma moça delicada feito a sinhazinha por um caboclo rude que nem eu"*. Sinhazinha Mirinha teve então um gesto de muita boniteza, esse menino, inté hoje me lembro com aperto no coração do sorriso que deu; foi se achegando pra mim de novo, olhou prum lado e pro outro mode ver se não tinha ninguém vigiando, e veio e me deu um beijo. *"Amor é amor, Luizim, não há que se explicar"* ela disse.

— Assucede que o filho de nhô Belmiro, com seus ares de mandão, também tinha pegado querença pela moça, e se já não apreciava minha pessoa, passou a ver com menos agrado ainda minhas idas mais a miúdo na casa. É que assim

que ficou acertado entre nós o bem-querer que um tinha pelo outro, eu formei tenção de assumir comprimisso e pedir permissão em primeiro lugar pra nhô Belmiro e nhá Branca, e adespois pra nhá Miguelina, mas não queria tomar atitude antes de ter casa boa pra levar a moça. Pé-de-meia eu tinha, que nunca fui cabra esbanjador, porém faltava levantar o teto. Foi sinhazinha Mirinha quem me alertou um dia: *"O Florêncio de nhô Belmiro não está se agradando de ver nosso querer um pelo outro, Luizim"*, e eu arrespondi de supetão, contrariado: *"E quê que ele tem com isso?"*. Ela me explicou que ele tinha encostado ela não canto e dito que quem queria casar com ela era ele, e que se eu continuasse indo lá ainda acabava me costurando na faca. Aquilo me trouxe muita tristeza no coração, e naquela noite nem dormi direito. Eu agora me via numa camisa de onze varas: eu tinha amor pola da moça e a moça por mim, Florêncio não queria saber de minhas visitas na casa porque tinha tenção com a moça, nhô Belmiro e nhá Branca tinham apreço por mim – eu me criara ali, mais eles –, me tratavam por igual, mas eram os pais de Florêncio, por certo que dariam preferência no matrimônio de sinhazinha com o filho deles. E eu, que é que eu fazia se o moço atrevido viesse munido de faca pra cima de mim? Relatei tudo pro Lidugero e pedi conselho. *"Ói, Luizim, não queria tá no teu lugar não, que o caso nem é pra brincadeira"* ele disse coçando o queixo, isso durante um descanso de almoço, na sombra do curral. Eu funguei, matutando, matutando, tempos matutando, mas sem esbarrar com uma solução. *"É querença grande? Tá mesmo de amor com a moça, mode casar com ela?"*, fiz que sim com a cabeça e olhei para ele, esperando uma sugestão boa que não veio. O Lidugero balançou a cabeça: *"Ói, Luizim… sei não…"*, e ficamos nisso. No dia seguinte eu tinha de ir à fazenda pra falar com sinhazinha Mirinha. Não tinha dormido direito, não tinha trabalhado direito e os companheiros inté já cochichavam que eu parecia muito esquisito demais naqueles dias. Só o Lidugero, que sabia da história, ficava quieto. De tardezinha tomei banho, mudei de roupa e fui mexer nos meus guardados: peguei com relutância um embrulho que tinha no fundo da mochila e abri: olhei bem pr'aquilo, inda sem saber o que fazer, mas de improviso meti o revólver na cintura, um 32 que pouco volume fazia por debaixo da camisa, e fui. *"Estou pra tudo"* eu pensei cá comigo, *"estou pra tudo, não sô moleque, não"* eu arrepetia, nervoso por dentro, de tremedeira feito febre maleita. *"E então, sinhazinha, o Florêncio, continua falando?"* eu perguntei quando pegamos conversar em frente da varanda. Ela baixou a cabeça, deu de ombros: *"Guardo meu coração é pra você, Luizim, pra mais ninguém"*. O amor da menina por mim me deixava feliz, tanto mais que eu por ela tinha paixão antiga que em antes me parecia sem esperança nenhuma, mas o perigo que agora me rondava por causa do ciúme de Florêncio me punha desassossegado e nervoso. Não que eu tivesse medo dele, meu medo era mais de mim e do que podia se assuceder, que se o homem viesse tomar sastifação e não quisesse aceitar minhas razões a coisa toda podia terminar muito mal. *"E nhô Belmiro mais nhá*

Branca? Será que eles não são contra nós, não?" tornei a perguntar, pensando que se o Florêncio já era sabedor de tudo, nhô Belmiro e nhá Branca já deviam de estar sabendo também; mas ela levantou os olhos para mim, com firmeza: *"Ninguém tem nada a ver comigo, Luizim, eu mando no meu coração, e foi pra você que entreguei ele"*. Nesse momento, o chapéu cambado, apareceu Florêncio no oitão da casa e veio vindo para nós, andando sem pressa naquele seu jeito de capataz, tinindo espora e batendo com o chicotinho na perna da calça; passou rente a nós e fez um movimento de cabeça para mim, a mode cumprimento; passou, subiu pelo terreiro, entrou em casa… Eu suando frio o tempo todo, a mão na cintura… qualquer coisa, era puxar e atirar… e foi aí que tomei tento de que a desgraça passara bem por perto daquela vez.

— *"Ocê quer saber do que mais, Lidugero?"* eu disse aquela noite no curral, adonde tinha ficado inté mais tarde esperando a turma se arretirar pra mode conversar com o Lidugero, *"hoje faltou um tico pra eu me tornar homem com morte nas costas, e isso não é coisa que quero pra mim nem pra ninguém". "Mas o que foi que assucedeu, Luizim?"* o Lidugero perguntou, e eu contei. *"Ademais, nhô Belmiro é como se fosse um pai pra mim, que trabalho pr'ele desde que eu era menino, não posso matar o filho dele assim por causa de rabo-de-saia", "É de bom pensar, Luizim, é de bom pensar. Mas, e a moça?", "É uma pena, Lidugero, que mais bonita e mais prendada adonde que eu vou arrumar outra? Não tem… mas é melhor a coisa parar por aqui do que acontecer desgraça feia"*. E o Lidugero balangou a cabeça: *"Eu bem lhe avisei desse tipo, Luizim, eu disse que não prestava…"* Mas não deu palpite no que eu devera de fazer, não queria ter influência. Porém eu 'stava arresolvido, e no dia seguinte fui falar de minha decisão pra sinhazinha Mirinha. *"É mais melhor evitar, sinhazinha. O dia de amanhã a Deus pertence, e tudo o mais é na mão dele que fica. Mas nós temos de fazer por donde. Pode acabar se dando uma tragédia, por isso é mais melhor evitar. E no mais, com o tempo, quem sabe…",* mas eu só vi aquele lampejo de tristeza nos olhos dela, que ela nem resposta não deu. Virou as costas e, de cabeça baixa, se arretirou para dentro de casa.

— Foi então que veio a quermesse de Nossa Senhora da Glória, na Vila, que aquele ano prometia, com banda de música trazida de Sertãozinho, muitas barraquinhas de novidades, e leilão de gado muito concorrido. No primeiro dia da festa a frente da igreja lotou de gente de todos aqueles recantos, com a banda tirando uns drobados bonitos de dar inté tristeza no coração, a criançada correndo pra todo lado, as donas parando nas barraquinhas pra comprar doces, e todo mundo esperando aparecer a imagem de Nossa Senhora que vinha em procissão de Sertãozinho e devia de chegar por volta das cinco horas. Fazia pra mais de mês que eu não via sinhazinha Mirinha, e ali, naquele alvoroço todo, no meio de tanta alegria, eu andava de um lado pro outro, atristado e meio cambaio, pensando na moça e sem saber se havera de ter força mode não tornar a

procurar por ela. Então arresolvi entrar na igreja, recostar num banco e ficar pensando em Deus Nos'sinhor, que pra tudo dá jeito. Tinha pouca gente na igreja aquela hora, que a procissão inda tardava, mas junto do altar da Virgem avistei sinhazinha Mirinha enjoelhada, com véu branco de renda na cabeça. Fiquei espiando ela inté que ela se levantou e me viu também, e veio adonde eu estava. Trocamos um cumprimento e saímos juntos da igreja para o terreiro em frente, pro meio da multidão. Ficamos proseando um pouco por ali; quas' que nem tinha palavra que dizer, e então notei nos olhos da moça que persistia neles a mesma tristeza, uma tristeza que respondia cá no meu peito e que por muito custo eu evitava de mostrar. Inté que ela falou pra mim: *"É, Luizim, você tá me vendo hoje aqui na igreja, mas amanhã vai me ver saindo dela por mão dos outros"*. Aquilo me arrupiou o corpo todo e retruquei de imediato, com susto: *"Larga disso, menina! Não diz bobagem não que Nos'Sinhor não aprova"*, *"É verdade, Luizim, amanhã vou sair dessa igreja por mão dos outros, num caixão todo branco"*, e como se não tivesse mais nada que dizer olhou pra mim daquele jeito triste e, de cabeça baixa, saiu, foi se afastando pelo meio dos outros, foi indo, foi indo… e sumiu. Aquilo que ela disse não me saiu da cabeça o resto do dia, esse menino, passei a noite vendo no escuro aqueles olhos brilhando feito contas de vidro, escutando aquela vozinha macia que anunciava morte, mas sem atinar com o sentido de suas palavras.

— No outro dia a notícia da tragédia correu cedo: tinham encontrado sinhazinha Mirinha morta na cama, e da boca roxa feito flor de quaresma escorria um caldo escuro, como de quem bebe veneno. Adespois ficou-se sabendo que na vesp'ra sinhazinha Mirinha tinha passado no armazém do Maneco e comprado veneno pra rato, dizendo que era encomenda da avó nhá Miguelina, pois tinha rato dando no milho da despensa. Do lado do corpo acharam uma caneca com restos do veneno preparado na água, que ela bebeu por demais da conta, a ponto de nem dar tempo de procurar recurso. E foi como ela me tinha dito na vesp'ra: lá se foi sinhazinha Mirinha, moça, bonita, saindo da igreja por mão dos outros, num caixão de donzela todo branco, e a festa que prometia grandes coisas pr'aquele ano findou em dor e sofrimento para todos. Tiveram de correr às pressas com nhá Branca pra Santa Casa, em T…, mode o desgosto, e nhô Belmiro de um dia pro outro envelheceu, não era mais o mesmo, nem ele nem nhá Branca nunca mais foram os mesmos.

— No dia do enterro, na volta pra casa esbarrei com o Florêncio, que me olhou meio ressabiado e fez que ia cortar caminho. Porém eu me cheguei pra ele e estendi minha mão: *"Agora não adianta mais raiva nem mágoa nenhuma, seu Florêncio, que o que tinha de se dar já se deu e não tem retorno. O melhor é esquecer tudo"*. O Florêncio, com os olhos cheios dágua, aceitou minha mão e apertou com força. *"É, seu Luizim, nada do que sucede tem retorno, mas lá se foi um pouco da gente dentro daquele caixão. E tudo por culpa minha…"*. Pegamos andar no rumo da fazenda, e eu arrespondi: *"Não sei, seu Florêncio, se agora*

adianta falar em culpa, pois quem quer que seja o culpado, o que é certo é que havemos de carregar com a gente essa dor sem remédio, feito um boi carrega pra sempre no couro a marca do ferro em brasa". Então ele se virou e disse, num tom de verdade que eu nunca esperei ouvir da boca dele: *"Só que nós vamos carregar essa marca mas é por dentro, seu Luizim, no peito, no coração."*[1]

[1] Certo dia estava na rodoviária de Vassouras esperando o ônibus para Paty do Alferes quando, ao meu lado, sentou-se um senhor com aparência de trabalhador rural e puxou conversa. A certa altura relatou-me a história de um amor de juventude, e tão logo cheguei em casa escrevi este conto. Os episódios que formam a linha central da história são reais: o amor entre o rapaz e moça (parece-me que uma agregada à fazenda ou sítio onde trabalhava) e os ciúmes e ameaças de um terceiro (o qual não me lembro se realmente filho do patrão ou outra pessoa de certa influência na casa), o fato de o rapaz apanhar um revólver e sair disposto a tudo, a cena do outro passando pelo casal enquanto conversavam, o rapaz caindo em si e dando-se conta do risco que haviam corrido de provocar uma desgraça, sua decisão em romper o namoro, o diálogo dos namorados na frente da igreja, as palavras da moça e em seguida seu suicídio – tudo isso me foi relatado por ele.

Roupa de boneca[2]

Sois o caso desses que tem duração para muitos anos e às vezes até pr'a vida inteira, se deu quando a mais velha arranjou um namorado. Que a mais nova, temporãzinha, não chegara ainda aos nove anos, porém a mais velha já abria a porta de trás na casa dos vinte, pulando direitinho pros vinte e um. Não que nunca tivesse namorado, nessa idade já tinha arranjado uns, diversos. Mas se por um lado não se firmava, por outro nenhum deles produzia impressão em casa: entravam, sentavam-se, proseavam. A coisa ia por uma semana, até duas, e a moça se desinteressava — que isso de namoro tem de ser do agrado, não havendo gosto não prossegue, e com moça nova é coisa comum agarrar-se a um tal hoje e desagarrar-se amanhã. Pois tinha sido assim no mais das vezes com a mais velha.

Mas a mais nova era menina sorumbática. Vivia pelos cantos, uma tesourinha velha na mão recortava paninhos: feitura de roupa pra uma bonequinha que ganhara da Mãe no completar seis anos. Nunca quisera outro brinquedo, e não fazia outra coisa além de cortar e recortar paninhos. A Tia, que morava na cidade, fizera tenção de levar a garota para estudar em colégio importante, Pai e Mãe não obstaram, ela não quis ir. Que coisa! A menina tinha dito uma vez que estava pra ir embora, mas não por enquanto, só um dia — e o dito causou cisma em muita gente: pois quem a visse com a tesourinha velha, sombra miúda, quase sumida num qualquer recanto, não pensaria outra coisa: era criatura destinada a partir, a ir pra longe, não se sabe pra onde, com certeza pra não voltar.

(Morrer?)

A mais velha, porém, não perdia festa, isso desde pequena. Pegou namorar com catorze anos numa quermesse na Vila, um moleque feio com espinhas na cara, e comadre Esmeraldina comentou que não ficava bem menina daquela idade pegar de graça com rapaz, inda mais que não era um rapaz, senão um garotote. Depois namorou outro, na festa da Padroeira de Sertãozinho, e nos doces de Cosme & Damião já estava com o terceiro — tudo isso no intervalo de dois meses.

[2] Conto premiado em 1º lugar no Concurso Literário do Servidor do Estado do Rio de Janeiro/2001, promovido pela FESP, em que concorreu com o título "E agora?". (N.A.)

Pai não se agradou, Mãe deu de ombros (certamente lembrada de que se na sua época não era assim, também ela fazia das suas, "e não serei eu a cortar. Namoro é da vida, e a menina é ajuizada."), e a mais velha ficou livre. Mas não era bobinha não: viva que só, não deixava moleque avançar o sinal, e no que o filho do Janjão Açougueiro quis viajar a mão dentro de sua calcinha, tacou-lhe um sopapo nas ventas que verteu sangue.

Chegou aos dezoito com juízo, namorava direitinho sem escandalizar a família, e Pai viu que Mãe estava com a razão.

Mas os namoros não iam por diante, a moça pouco se importando. Um qualquer chegou a lançar, em agravo: "Alça de caixão, todo mundo põe a mão", e pai teve de ir pro meio da rua com o cujo pelos gorgomilos, largando-o contra o chão e pisando-lhe a garganta:

— Pra falar de filha minha tem que ter três ovos dentro do saco!

Povo calou a boca, e quando Povo cala a boca é porque ou não há o que falar ou falar é perigoso. Sou pela primeira suposição, ainda que não descarte a segunda, pois Pai tinha sangue quente e não medrava.

Mas vai quando certo dia a mais nova viu chegar um Moço formoso, os olhos com modos de ribeirão em tempo de inverno, um verde de penumbra e fundura que trazia mistério e encantamento nos escondidos — pelo menos assim lhe pareceu. O Moço chegou e, pela mão da mais velha, foi entrando de um jeito diferente, aceitou um copo dágua, ficou para o almoço, comeu metade da broa de milho na hora do café e só saiu despois da janta.

Apertou a mão de Pai que se encabulou da estranheza, engasgando um sorriso embaixo do enorme bigode; e da Mãe que, acanhada, pousou os dedos relaxos no peito sem pronunciar palavra. Então viu a mais nova — olhos grandes, tesourinha velha, paninhos recortados — aparecer no fundo da sala: acabava de entrar, parando de súbito entre a porta que dava para o corredor e a figura do Sagrado Coração pendurada na parede, e ficou ali, atoleimada, a olhar para ele, boba com a novidade. E o Moço fez sinal para que ela se achegasse, "vem cá, menina bonita" ele disse e a superfície dos olhos pareceram rasas num improviso, pois vinha o sorriso por diante feito barco a vela, as mãos longas, belas, em sua direção. Mas a menina recolheu-se, encolheu-se, sumiu detrás de uma parede.

Porém não foi embora, certo que não: que ficou ali nas vizinhanças da sala onde agora Pai proseava com o Moço, a mais velha do lado, toda cheia, vigilante, decerto de medo d'ele escapar.

Mãe entrou com bandeja tirada do armário, fora do uso anos e anos, esperando ocasião especial, e as xicrinhas de louça da avó — "bem de família" dizia a mãe exibindo as xicrinhas com orgulho, "centenárias" acrescentava, no exagero. Mãe entrou, e até o vestido já era outro, que não desleixara de fazer boa figura: de galope no quarto, calhou achar pano de melhor aparência, quase

novo; de galope na cozinha, água a ferver, café fresco, forte, que homem gosta de café forte — pelo menos Pai gostava, e a visita devia de gostar também.

E agora agarravam os quatro a conversar, e o Moço fazia questão de falar bem, no seu natural lá dele, sem afetação, com simpleza mas bonito que só — pois escutar a voz dele era como estar na chuva, tarde de temporal com sol brilhando, o órgão da igreja onde Padre Bento rezava missa tocando no alto de um penhasco, ou outra coisa mais linda — e a menina ficava imaginando o que seria mais bonito que um órgão a verter melodia num penhasco, sob a chuva e, ao mesmo tempo, o sol brilhando.

E assim a mais nova esteve escondida atrás da parede, atrás das portas, atrás das frinchas da janela, atrás da cortina, o corpinho nem fazendo volume, quase imóvel, todo o dia: espiava, vigiava, medo de ser vista — pois o Moço cada vez que dava com os olhos em sua pessoinha parecia abrir as velas do sorriso, "menina bonita tem medo de mim?" e ela estremecia, recuava, tornava a desaparecer — mas presa pelo visgo daquela visão.

Na hora do almoço não foi para a mesa, de vergonha: escondeu-se mais, alegou barriga cheia, mas ficou de longe vendo o Moço com suas maneiras francas trinchar o frango. Nem no café teve coragem, e na hora da janta pretextou dor de cabeça, sono repentino, qualquer coisa, mas — como se fosse para o quarto — saiu pela porta da cozinha, foi postar-se a salvo de ser alcançada por aqueles olhos de fundo ribeirão por diante — mas retirada — da janela, através de cuja vidraça podia olhar para *ele*, que já começava a fazer parte da família. A mais velha, toda solícita, oferecia um pouco mais de farofa, servia-o, punha atenção no pretendente, e o sorriso que recebia em troca a mais nova sonhava para si — e ela, que o vira chegar, viu-o sair, acompanhado até o portão pela mais velha, onde se demoraram ainda uma meia hora. Ela, que o vira almoçar sem pejo algum e comer a broa sem qualquer cerimônia e, ainda por cima, logo da primeira vez aceitar a janta como se a casa já fosse sua, presenciara abismada aquele beijo no escuro embaixo da mangueira em que um parecia querer devorar o outro, "será que ele ainda está com fome e vai comer a língua de minha irmã?", escutando uns cochichos últimos dos quais não apanhou palavra, mas cujo sentido não lhe parecera de todo obscuro.

O namoro nem bem firmou, desembocou em casório, a mais velha de emoção sem fala, a mais nova arredia de assombramento, sem saber se tudo aquilo — panelas e panelões de comidas das mais variadas, latões de doces estocados na despensa, convidados que enchiam a casa com seus pacotes em papel de cor, comadre Esmeraldina de pano amarrado na cabeça que não largava a cozinha a semana inteira, Pai andando de um lado para outro esbaforido, Mãe muito despachada, muito vermelha fazendo de um tudo, Padre Bento suando em bicas enquanto despedaçava uma perna de carneiro na primeira mesa, a irmã toda de branco feito uma couve-flor e o Moço nos trinques, numa finura, nuns risos largos, todo ele, enquanto a cachorrada disputava entre si aos rosnados e denta-

das os sobejos —; sem saber, portanto, se tudo aquilo estava mesmo acontecendo ou não passava de sonho, visagem, ilusão.

Porque a mais nova fizera tenção de casar com o Moço, de ter para si o verde misterioso daqueles olhos que a faziam estremecer quando recaíam sobre ela. Era só ele esperar um pouco: em breve (quando? Não tinha bem certeza, mas não devia demorar — e nos dedinhos calculou: cinco mais quatro, nove…) teria dezesseis anos, já poderia casar, e seria mais bonita que a irmã, com certeza mais do agrado dele, mais de conforme com seu jeito.

Pois fizera tenção de casar com ele, e naqueles três meses do início do namoro ao dia da cerimônia, apesar do plano de lhe dizer tudo, na hora "H" estacava, embatucava, vexada. "Era só eu chegar perto dele" remoía a menina mais tarde, enquanto seguia recortando paninhos, "e agarrar mesmo assim a mão dele" e agarrava a mãozinha pequetita da boneca que ganhara aos seis anos, "e dizer desse jeito: eu vou casar contigo quando crescer. Você espera eu crescer?", e ela estava certa de que ele responderia que "sim, menina bonita, não vê que eu vou perder noiva tão jeitosa!" e terminaria na mesma hora o namoro com a mais velha.

Mas agora, pra sua surpresa, era com a mais velha que casava, e isso lhe fazia tremenda confusão na cabeça, remexia seus miolos, não cogitava com clareza.

— Só se ele casou por enquanto — ela disse de repente, um dia, num estalo, e ficou segurando a tesourinha durante muito tempo, quietinha, a lâmina dos olhos varando para adiante na surpresa de uma descoberta inesperada: sim, só podia ser aquilo, ele casou com a mais velha enquanto esperava ela, a mais nova, crescer, pegar idade, "pra não ficar perdendo tempo" sobreveio minutos depois o raciocínio confirmativo.

Descansou. Que era isso mesmo, e assim firmou nesse pensamento durante dois dias.

Mas no terceiro acordou, manhãzinha, num sobressalto:

— Mas, e minha irmã?

Pois que agora a mais nova atinava com uma coisa que não tinha passado por sua cabeça até aquele momento: se o Moço estava esperando-a crescer, como é que seria? Ela crescia, casava com ele, e a irmã?

— Só se ela voltar pra casa até aparecer outro…

E a solução parecia acertada, pelo menos no improviso do momento, pelo menos enquanto não lavava a cara ainda meio tonta de sono na bica, no fim do quintal. Mas enquanto tomava o café da manhã, mais cismadora se punha, macambúzia no geral, e varou a manhã, emendou a tarde naquele pensar sem solução: pois a solução que arranjara lhe desprazia, não era de bom alvitre, tinha seus poréns.

Não, a irmã não podia voltar para casa e esperar outro noivo aparecer. Que ela soubesse, isso não tinha sucedido antes, e se dando agora seria caso nunca visto, de produzir mal-falar por toda a freguesia.

"Por que ele tinha de casar com ela?"

Pensamento por pensamento, tudo é só pensar. Coisas que ocorrem no escuro da gente, razões não sabidas: pensa-se, mesmo se pode acreditar naquilo que se pensa sem remordimento qualquer. Demais, a menina bulia por enquanto na ante-sala dos nove anos, não conhecia culpa e podia suas cismas. Pois tanto lhe ocorreu tal pensamento, que ela não sentiu remorso: a irmã podia morrer. Assim o Moço ficava solteiro de novo, e como tinha casado com a mais velha, escolheria agora a mais nova — e esta solução lhe pareceu quadrar bem.

Naqueles dias a irmã chegara de visita: trazia novidade, o corpo avolumado, a barriga suspendendo o vestido na parte da frente e envergando o espinhaço para trás. Pesava. Que devia pesar, cogitava a mais nova, ia ter neném, e era hora de morrer para deixar o Moço solteiro de novo. Bem que ela já escutara casos assim, e não fazia muito tempo: uma dona que morava na Vila, muito conhecida de Mãe, ia ter neném, estava assim mesmo, o corpo desconforme, envergado, feio de assustar — e num abatimento que só. Morreu no dia em que o neném nasceu. Não "dava passagem" — foi comadre Esmeraldina quem falou —, correram com ela pra cidade mas Doutor não teve nem tempo de operar!

A menina não percebia bem isso de "não dar passagem", mas era coisa de importância, que podia até matar a pessoa. Se a irmã também "não desse passagem", morria, e a dificuldade do caso estava resolvida.

Pensou em saber da Mãe se a irmã "dava passagem", mas susteve a pergunta no último momento. Não era coisa que se fizesse — tinha pejo, era assunto de gente grande: ela já havia percebido que chegando pra perto quando os adultos conversavam, tinha vez que todo mundo silenciava, mudava de prosa, "conversa em que criança não deve meter o bedelho" a irmã lhe explicou depois. Mas se de momento não achou por bem conversar com a mãe, enfiou sozinha por vários meses à espera do desimpedimento. "E pra ela até que era bom" refletiu sem maldade, "ela ia pro céu conhecer Nos'Senhor, padre Bento diz que no céu é tão bonito…"

Um dia teve correria em casa: Mãe se arrumou aflita, mal penteando os cabelos; Pai, atarantado, foi chamar o marido de comadre Esmeraldina, que tinha calhambeque; ela, criança, a última a saber: "tua irmã vai ter neném". Pensou em perguntar a Mãe: "E se ela 'não der passagem?' Ela morre, mamãe?", mas continuou quieta em seu canto com seus paninhos, a tesourinha velha, as roupinhas de boneca, esperando. Chegava o dia…

Mas no domingo seguinte a casa festejava.

Até Padre Bento estava lá, arriara num banco seu volume num respiro forte de cansaço — estava velho Padre Bento, coitado —, e alagado de suor esperava a hora do rega-bofe. A irmã, muito corada, achegava ao peito uma trouxa donde provinham uns choramingos magros, logo calados a bico de peito gordo. Todos pareciam muito felizes, e a mais nova viu quando o Moço de seu bem-querer, avistando-a meio atrás de uma cortina, se aprochegou, todo riso e satisfação. Quis fugir, mas estava pálida, banzeira, e de imediato foi agarrada por mãos poderosas que a suspendiam no ar.

— Um garotão de muita saúde, benza-o Deus — disse Padre Bento espiando uma carinha vermelha no meio dos panos.

— Puxou a mãe — disse Pai orgulhoso da filha —, o Doutor do posto disse que nunca viu moça com mais força.

E a mais nova afastou-se, soverteu-se, perdeu-se o resto do dia no fundo do quintal, ganhou os morros atrás da casa, foi ficar bem longe. A irmã então tinha saúde, "dava passagem", não ia morrer assim sem mais nem menos.

— Vou tomar ele dela — deliberou por fim voltando para casa quando escurecia, achamento último, recurso final —, deixa eu crescer que eu tomo ele dela.

Firmou pé nessa decisão por vários dias, e o caso lhe parecia finalmente resolvido.

Porém um dia — que não era bem dia, pois acabava de brilhar uma estrela no azul escuro da tarde, noite entrante — escutou conversa de adulto, parou, prestou atenção, aos poucos foi colhendo a notícia, s'inteirando do ocorrido que fazia zunzunzum no arraial de Sertãozinho.

Mãe estava séria — viu pela greta da porta.

Pai coçava o queixo.

Comadre Esmeraldina, chegada de pouco, parecia derreada.

— Ai, comadre… — e comadre Esmeraldina dava uns suspiros esticados relembrando a filha ingrata, "criada dentro da moral, comadre, dentro da lei de Deus", de quem nunca que podia esperar uma atitude daquelas. E a menina esticou o ouvido.

Pai continuava a coçar o queixo.

— Mas não se desassossegue não, comadre — Mãe dizia. — É da vida. Quem sabe ela inda põe o juízo no lugar?

Mas comadre Esmeraldina fazia que não, que o mal estava arranjado de vez, um lar fora desfeito, e sua filha era a culpada…

Pois se dera o fato de que a filha de comadre, moça de pouco siso, enrabichara-se por um homem casado e com quatro meninos pequenos, morador lá pros lados da Laguna. Tanto fez que acabou entortando a cabeça do tal: tinham fugido na noite passada, ninguém desconfiava para onde, ficando a mulher com as criancinhas no ora veja. Comadre Esmeraldina por fim desabou, Mãe com muita pena alisando os cabelos grisalhados dela.

Pai se levantou pra sair da cozinha. Da porta dos fundos voltou, escapuliu para a sala, tomado por pena da comadre — Pai não podia com choro de mulher.

— Coisa muito feia — disse Mãe depois, já tarde, sozinha no quarto com Pai —, ofender o lar do outros, a família dos outros. Moça sem tino.

A menina, ouvido colado na porta, escutando.

Pai limpou a garganta. Certamente imaginava que se tal sucedesse com filha sua, tomaria providências.

— Fez a desgraça da mãe também — disse ele por fim, sentencioso —, fez a desgraça da mãe!

E a menina enfim caiu em si.

Cogitou: o que tencionava não era igualzinho o que a filha de comadre Esmeraldina obrara? Diferença não havia, pensou; e repensou: "Não posso fazer a desgraça de Mãe, tão boa, coitada!" e assim desistiu definitivamente do Moço cujo olhar era feito fundura de ribeirão. Pertencia à irmã mais velha por direito, e isso lhe parecia, assim de supetão, presenciando a gravidade da atitude da outra, sagrado, e que pecado medonho seria aquele de violar uma coisa sagrada. Nem precisava Padre Bento dizer, fazer sermão, que ela se lembrava das aulas de catecismo. E a idéia do sagrado entrou em sua cabeça, fez pousada lá, não saiu.

"E agora? E agora?"

No dia seguinte achegou-se a Mãe:

— Mãe, se a Tia inda quiser que eu fique com ela, pra estudar na cidade, a senhora deixa?

E foi assim que a menina, a Didita — e só agora me ocorre dizer o nomezinho dela —, com o consentimento de Mãe e Pai foi embora do lugar. Confirmava-se a impressão que produzia na gente de que era criatura com sina de partir — sina, coisa de que não se pode escapar.

Mas o tempo passa. Não tem que ver, vem que vai, vai que vem, com voltas e reviravoltas, feito fumaça que sobe e se desfaz em curvas muitas e retorcidas. O tempo. Fera das grandes, invisível, morcego de asas intocáveis.

E no que vai, morre Mãe tão de repente que nem se soube direito o motivo. A Didita não esteve no enterro, muita gente reparou, mas Pai explicou muito entristecido que Didita morava com a Tia e estavam de passeio, "férias, não sabe?, por longe", não tiveram como avisar.

E mais um volteio do tempo, morre Pai, e Didita também não apareceu. À irmã, à mais velha, coube obrigação de explicar por que a mais nova não aparecera também desta vez: é que tinha adoecido naqueles dias, tosse comprida, e a Tia com medo de que uma viagem longa lhe fizesse mal observou resguardo. Que não, a Didita estimava por demais Pai e Mãe, e certamente rezaria por eles, compreendia-se. E todos compreenderam.

E as asas invisíveis ainda batiam. Por muito que batiam; e os dias transitavam nos desvios da eternidade.

A Didita não voltou.

❄

Um dia Sertãozinho se maravilhou com uma moça muito distinta que chegava ao entardecer pelo lotação figurando elegância e beleza nunca vistas naquelas grotas.

Esteve um minuto de pé no meio da praça, olhando em volta, eis senão quando brota da igreja a figura mais redonda, mais velha e derruída de Padre Bento. Mancava agora Padre Bento, por causa dum coice no joelho dado por uma mula de más entranhas em certo dia de batizado. Suava o mesmo que sempre, aguaceiro, mormente devido ao calor da tarde.

Mas mesmo assim, manquitolando e derretendo, seguiu na direção da moça.

— A menina Didita — exclamou, secando o rosto com a manga da batina —, mas quem diria! A menina Didita!

A moça sorriu, estendeu a mão, curvou-se donzela de muito respeito e maneiras educadas: beijou a mão do padre.

— Mas, menina! Que coisa! Que surpresa!

E a levou para a cozinha de sua casa, nos fundos da igreja. Lá o ajudava agora comadre Esmeraldina, que a cozinheira antiga, tomada de reumatismo e outros achaques, não vinha mais.

Comadre esbugalhou os olhos de espanto…

— Oh! Oh! — …e abriu muito a boca. — Que beleza está a menina Didita! Moça feita, ah, se os compadres pudessem ver a menina agora!…

E avançou para cumprimentar, respeitosa, súbito vexada, esfregando a mão na saia gordurenta.

Padre Bento adiantou um tamborete.

A Didita sentou-se. Olhou o padre, olhou comadre Esmeraldina, sorriu frouxo, agora ela, com encabulação.

E seguiu-se um momento de muita gravidade: comadre Esmeraldina fez-se consternada, e Padre Bento fungou, secando mais uma vez a testa.

— Foi muito triste, menina — disse, e fungou repetido —, ninguém contava. Afinal já era o sexto filho e sempre sem embaraço nenhum…

Comadre Esmeraldina virou as costas, escorou-se na pia, curvou um pouco o cocuruto. Passou a mão pelos olhos.

— Eu soube — disse a Didita —, mas havia viajado, estava fora do país… recebi a notícia com atraso…

Pois que a irmã havia morrido há coisa de ano ou pouco menos, no parto do sexto filho. "Uma hemorragia que Doutor da terra não tinha poder de estancar…" explicou Padre Bento. "O viúvo e os filhos assistem agora na casa que foi de vocês…"

Então se aquietaram: comadre Esmeraldina, murcha, lavava louça; Padre Bento, ensopado, olhava abismado para o chão; Didita tomava lentamente o café, numa canequinha de ágate.

Enfim retornou o à vontade, a alegria espanejou de volta, a cozinha rebrilhou.

Mas a menina então estava só? E a Tia, não quis vir também? Não, que à Tia não agradava a roça, "é uma mulher da metrópole" explicou a Didita; oh, mas que importa, uma moça feita pode muito bem viajar sozinha, justificou comadre Esmeraldina, não se repara. Sozinha não, corrigiu Padre Bento, que nunca

está só quem conta com a companhia de Deus, e comadre Esmeraldina sorriu-se, concordante, que sim, Deus Nos'Senhor, a mais boa companhia.

E assim passaram, no entretimento da prosa, aquele resto de tarde.

Mas ela, a Didita, agora moça e formosa, e que havia maravilhado Sertãozinho com sua graça, não estava ali apenas para conversar com Padre Bento ou rever comadre Esmeraldina — que aproveitou ensejo no decorrer da palestra pra dizer da filha, que desgosto lhe dera em certa ocasião, enfim ajuizada, casara conforme as leis de Deus, e impava de satisfação por poder dar a notícia — mesmo reconhecendo que na época do mal-feito "a menina ind'era muito pequetita, decerto não se alembrava…"

Não, a Didita queria rever o lugar — seria isso. Estar com os conhecidos daquele tempo, ainda tinha gente sua morando ali.

Será que ainda sobrava um tiquinho dos pensamentos antigos? Certo que não. Aquilo? Coisas de criança, quem pode falar? Agora, mulher feita, a vida abria-se à sua frente feito amplidão, esperando para ser descoberta, desvendada como por quem desfaz um encantamento.

Não, qual nada, a Didita estava ali a passeio. Visitar a velha casa de sua infância, conhecer os sobrinhos, falar ao cunhado, pôr-se à disposição para o que precisassem, essas coisas.

Mas que não fossem avisar, disse, queria chegar de surpresa, fazer festa, abraçar a todos.

E foi.

E chegou.

E bateu à porta.

Atendeu-lhe uma meninota esquálida de uns dez anos que se assustou com a visão daquela mulher de grande beleza com uma vestimenta como de anjo, ou fada, ou ser de outro mundo, mas que a mandou entrar quando escutou o nome do pai.

Na casa havia umas crianças outras, menores, feinhas, magricelas, encardidas.

Dos fundos surgiu, entrando na sala, um homem velho, desmanchadão, olhos mortiços feito poças dágua choca, dentes enegrecidos e escavacados, mas que mostrava ainda uns traços não por inteiro aluídos. Reconheceu-o, reconheceram-se, e ele, muito envergonhado, estendeu a mão tímida, convidou-a para sentar.

Conversaram.

Didita quis saber da família. Os meninos? Ah, o mais velho tem treze, o cunhado informou, anda campeando. A segunda é essazinh'aí, a Lilina, despois vêm os outros…

Em seguida falaram da vida — da vida, do tempo, da seca, das coisas que não corriam bem, isso e mais aquilo. Umas lamentações vagas, uns perdimentos mal relatados.

Uns silêncios compridos que o vento no jardim preenchia, ou um choramingo de criança, um gato que miou mirrado na cozinha.

— Mas a cunhada veio pra ficar? — e voltando-se para a menina de dez anos que espreitava pelos cantos: — Lilina, prepare o quarto para a tia.

A Didita estremeceu. Não, que não viera incomodar, além do que não podia, deveria partir logo, no lotação da noite: compromissos urgentes no dia seguinte pela manhã, questões de trabalho, papelórios a providenciar, essas coisas. Aceitou o café por obrigação (a xicrinha, notou, era daquelas que Mãe só usava nas grandes ocasiões, mas estava com a asa quebrada); em seguida, soergueu-se, apertou a mão escalavrada do outro, sorriu forçado para as crianças, deixou a casa, deixou Sertãozinho para nunca mais.

Sim, a Didita fora uma menina de quem, reparando nela, um qualquer diria: nasceu para partir, ir embora, não se sabe pra onde — mas para não voltar.

Era a sina.

Ela violara o preceituado pelo destino. Tinha de pagar a pena, agora.

Um caso de espantar

Isso causo teve por acontecido ind'eu moço, tempo em que era costume passar a noite em lombo de animal rompendo a mata, enfrentando a altura das serras e a solidão dos vargedos mode chegar numa festa, num daqueles bailes em casa de moça casadeira pr'adonde corria a rapaziada do lugar, inda que fosse longe, isso por motivo de não se conhecer outro divertimento.

Me alembro bem que naquela época — e lá vai inverno, sim senhor, que eu tinha meus vinte e poucos anos e hoje passo bem dos sessenta! —, naquela época não era que nem agora, que sempre calha uma coisa diferente pra se fazer, pode-se espiar uma televisão ou apreciar uma moda no toca-disco; quando muito se escutava um rádio, mesmo assim rádio sendo coisa de quem tinha com quê, pobre o que podia era ver de longe e comentar com os outros aquela raridade. Vivia-se praticamente no meio do mato, o arraial mais próximo (Vila Branca, mais conhecido tão só por Vila) na lonjura duns vinte quilômetros pra mais, e mesmo assim só tinha dúzia ou dúzia e meia de casas e um armazém, que além de mantimento vendia também uns cortes de pano: chita, morim, flanela. Cidade se conhecia só de ouvir falar, mas ao certo não se supunha como seria, e em alguém propiciando muito minucioso relato a coisa ficava difícil de entrar cá na cachola, "como é que pode as pessoas viverem umas em riba das outras, empilhadas feito jabuticaba na caixa?" escutei um velho indagar certa vez de um viajante que falava das cidades que havia conhecido.

Mas não era um tempo ruim não: tinha suas vantagens, uma delas a mocidade que foi minha e não tenho mais, meu amigo, pois diga quem quiser, o melhor tempo é o da mocidade, nenhum outro, e afirmo: se possível fosse voltar àqueles dias e ser moço de novo eu voltava na hora, igualzinho que nem antes, naquela mesma época. Não digo nada do aperreio da lida, que ninguém não tinha certas facilidades de hoje em dia e responsabilidade era coisa que, pra homem, vinha na raiz da barba brotando na cara. Eta vida boa, benza Deus! Eu me alembro que nós moleques, pro mode exemplo, quas'que nem teve escola pra nós, a garotada já desde cedo agarrada na labuta. Em parte, escola nossa era o cabo da enxada, nosso dia dividido assim: de manhã, em antes das sete horas a molecada se arreunia na casa de dona Celestina, uma portuguesa gorda e rosada de uns quarenta e poucos anos que cedeu a sala dos fundos pra ensinar

leitura pro pessoal. A aula começava às sete e ia inté as onze. Dona Celestina ensinava a ler, escrever, fazer conta e tomava a tabuada "para vocês não serem enganados nas contas quando um dia tiverem de negociar, meninada!" ela dizia, mas ela dizia de um jeito bonito lá da fala de Portugal, e sem um errinho que eu aqui nem consigo escrever do mesmo jeito com toda falta de letra que tenho (e não por culpa dela, coitada, que bem se esforçava mode botar lição na nossa cabeça, mas cabeça de menino vadio não tem lugar pra lição, que eu mal e mal aprendi a garatujar as palavras e decifrar letra de jornal, mesmo assim sem ler de carreirinha!). Dona Celestina também ensinava história do Brasil e dizia coisas da terra lá dela, sucedia vez inté dos olhos da dona se encherem dágua na lembrança, ela jurando que ainda voltava pra lá. Nesses momentos a garotada sustinha um silêncio respeitoso, esperando que ela desse um sorriso e continuasse a ensinar. Terminada a aula, todo mundo de volta pra casa: menina mulher ajudando a mãe na cozinha, menino homem pra roça, junto com o pai. Brincadeira só de tarde p'lo fim do serviço, havendo tempo, ou então nos domingos, e lhes digo, criança de hoje não brinca que nem as de antigamente. Hoje tem muito brinquedo bonito que naquele tempo nem por sonho, mas não sucede mais a mesma alegria, lá isso!... Quando me alembro!... Bem, mas como eu dizia mais pra riba: no despontar da barba acabaram-se as reinações, e nós, os mais velhos, pra nós o brinquedo dos menores era coisa mesmo de criança, o que a gente já queria, já pensava, era em namoro, em baile de sanfona que a rapaziada nunca perdia, sempre de olho nas carinhas bonitas que por lá se mostravam.

Então, assim: a notícia do baile corria, seria no sábado e já na segunda ou na terça-feira se começava a falar, cada qual se preparando do seu jeito, ou escolhendo camisa vistosa ou encomendando do arraial uma água-de-cheiro mode ficar perfumado pra quando as moças se aprochegassem na dança. Eu também cuidava da minha pessoa, não fosse lá fazer feio, por isso engraxava as botinas, procedia um jeito de arrumação no cabelo e largava um extrato mode alegrar a dama no se-achego, mas muita atenção também eu punha na aparência do cavalo: fosse longe, fosse perto (era sempre longe, distância no sertão é sempre distância), eu ia a cavalo — a rapaziada daquele tempo não conhecia diversa condução, mas que satisfação sair num animal de porte e bem tratado. Mode fazer presença nos bailes eu tinha comprado um baio de raça, marchador de corpo afilado, bem nutrido a milho e ração, sempre de ferraduras novas e enfeitado que nenhum outro: os metais do arreio um só rebrilhar, o couro engraxado mode uma cor e inté a carona mais os baixeiros trazia limpos, fazendo gosto se ver. Adonde o baile havia movimento desde cedo: durante o dia armava-se no terreiro a barraca — as casas sempre tinham um terreiro na frente, mais ou menos grande, quase que justo pra esse fim —, barraca feita num trançado de ramagem de bambu e coberta do mesmo jeito, só pra mode desviar o sereno porque se chovesse não adiantava de nada. (Por isso que noite de baile era sempre noite de bom tempo, e no acaso de um toró de improviso todo mundo corria pra sala, pra cozinha, a casa se enchia e baile então só se parasse a chuva.)

A iluminação ficava por conta de uns faróis de querosene, um em cada canto, que por ali tardavam queimando por muito tempo e soltando fumaceira escura que vinha pretejar o nariz da gente por dentro, inté começarem a apagar-se: hora de encher outra vez de querosene. O sanfoneiro chegava o mais tardar no escurecer, e levando consigo um tocador de pandeiro os dois iam com o dono da casa pra cozinha, convite nunca enjeitado pro repasto, que dá é canseira uma noite agarrada no fole, cansa inté mais do que costela de mulher fogosa.

Na beira da noite principiava a chegar povo — era o tropel dos cavalos, os moços fazendo aprumar o animal pra dar mais na vista, o tinido das esporas quando o cavaleiro saltava no chão pisando duro com as botinas novas, os gracejos e as risadas, a alegria da festa tomando conta —, enquanto na barraca, pra mod'esenferrujar, se ouvia o choro da sanfona no entôo duma moda triste, o pandeiro fazendo coro respeitoso: era só o começo, só pra esquentar enquanto os pares não se formavam. Do lado de fora por enquanto os rapazes em grupos, no bom proseio, um ou outro apontando a orelha na barraca a vigilar o ambiente por ora vazio — dois pares dançando, a sanfona ainda indecisa, crianças correndo no espaço vago — e se arredava. Ainda não era hora. Sim, não era hora, as moças nem tinham chegado. Mas quando chegariam as moças?

As moças não vinham de qualquer maneira, mas sempre na barra da saia da mãe, bonitas, mimosas, tetéias de fazer vista. Apontavam como quem não quer nada, sem nem espiar de banda pro rapazio — que fazia silêncio abrindo caminho pra elas — passavam durinhas, orgulhosas, sumiam dentro da casa. Apareciam com seu vestido mais bonito, porém sem pintura, que naquele tempo não era uso, a não ser pra mulher-dama; moça de família que tingisse a boca restava mal-falada. Mas vestidos bonitos, lá isso se via! E cabelos? Olha, seu moço, cada cabelama de dar no meio das costas, soltos, avoando no vento feito farrapo de nuvem! Puxa vida, inté dói as vistas da lembrança quando garro a pensar nas donzelas de minha mocidade. Quando as moças iam chegando, quando passavam durinhas e orgulhosas rente a nós sem dar uma olhada por piedade que fosse, cada qual escolhia a sua, e eu também no meio da turma, façanheiro que só, falando alto e contando casos para atrair pela fala a atenção das meninas — isso adespois d'elas já terem passado porque na hora não vê que a voz escapulia! Daí a pouco, outra leva: escutava-se conversa vindo pola estrada e sem tardar lá surgiam elas novamente, mais moças, mais bonitas sempre na barra da saia das matronas, sempre orgulhosas, e a história se repetia: a rapaziada se aquietando abria caminho, e elas passavam. Pouco a pouco, porém, a barraca enchia: os moços se aventurando na luz dos faróis punham-se a um canto, as moças por sua vez iam aparecendo, um mais corajoso corria a convidar sua eleita para uma parte, outros de imitação faziam o mesmo, e o baile começava de vez para acabar no clarear do dia: era desse jeito o divertimento que a turma daquele tempo conhecia, bailes animados a pandeiro e sanfona em casa de família.

Mais pra riba eu disse de mim façanheiro mode agradar as moças pela fala. Rapaz da farra eu sempre fui, nem tem que ver, e querido das meninas bonitas,

talvez o mais cobiçado porque tinha boa figura, meu cavalo o mais vistoso, minha fala cheia de histórias, e o de mais agrado a pai e mãe de filha em ponto de matrimônio: umas terras muito boas, propriedade de encher os olhos que papai ao falecer me deixou e eu, olhando pro dia de amanhã, cuidava em ir aumentando aos pouquinhos.

Só que eu, na flor da mocidade, com meus vinte e poucos anos, adonde sabia que o fole ia roncar pra lá me largava sem fazer caso de lonjura. Casar pra quê?, saber de compromisso tão cedo! Seguia tranqüilo com meus regalórios, as moças acabavam ficando na saudade e em mais de um casamento eu fui — de mais de um bolo de noiva comi fatia — sabendo que a moça o que queria mesmo era que o noivo fosse eu. Mas era coisa de nem me assustar: a cada ano vinha nova safra de meninas sestrosas, cada qual mais cheia de garbo, tanto que eu nunca que podia escolher uma só, e como quem muito escolhe finda sem nada, se eu bobeio acabava mesmo era sem ninguém! Se, porém, foi pro mode os bailes que tardei botar aliança no dedo, foi pro mode um deles adonde não consegui chegar que tomei sem mais tardamento minha decisão, e foi também num deles que encontrei a morena que ia ser dona mais eu da terra bonita que recebi de pai por bem de herança, morena da boca rosada, mimosa feito ninho de beija-flor, o céu do amanhecer no fundo dos olhos. E prendada! E fogosa! Ô, saudade!

Mas isso é coisa que ainda se verá, que o relato mal principia.

Atrás de pandeiro e fole de sanfona, de cheiro de moça e olhos noturnos, qualquer rapaz do meu tempo se atirava, eu era só o mais saído, de costume arriscar-me por lugares recuados sem medo do escuro da noite ou de caminho ruim. Foi também pro mode os bailes da mocidade que se deu o causo que me alembrei de contar, e do qual se estou me arredando não é por esquecimento, que a memória, se bem que vez por outra resvala um pouco, não está desarranjada de todo: é porque foi acontecido dos mais inesperados que pode se dar com um cristão por debaixo do céu e em riba da Terra, e para o qual não peço crédito, só atenção e despois de cada um seu próprio parecer.

Foi o Felismino de Siá Cocota quem disse:

— Eu não ia.

E eu perguntei:

— Pro mode quê?

E o Felismino:

— Pro mode que é longe demais e o caminho tá rúim. Tem chovido muito nas cabeceiras do rio, calha inté trecho alagado. Ói o perigo!

Fechei o cenho. Ruminei comigo mesmo: eu nunca que me assustara com lonjura, e meu baio, não é pra me gabar não, mas que nem ele pra ter tino dentro da noite, que eu soubesse, inda não tinha nascido: só no deixar a rédea solta ele ia caminho afora, sabedor da viagem. Se avistasse perigo, então parava: como é que podia avistar no escuro eu não sei, mas por mais de uma vez ele me salvou

de quebrar perna ou braço numa queda, fosse em beira de buraco ou fundura de precipício.

— Chuva recente? — perguntei.

— Pelo que ouvi — disse o Felismino, e ajuntou: — Não paga a pena. Cangote de moça se acha por aqui mesmo, ói, sábado que vem tem dança na casa do Geraldo da Grota, que é logo ali e adonde dá é gente. Por mais uma semana…

Olhei pro Felismino. O cuidado todo dele era pro mode que eu arresolvera ir num baile pros lados de Poço Fundo, baile grande, em casa de fazenda de uns Albuquerque que meu falecido pai conhecera em eu criança. Gente de posse, com moça bonita em casa. Só que Poço Fundo ficava a não sei que distância, caminho retorcido p'las morrarias afora, restando um trecho de certo perigo por causa de enchente quando chovia nas cabeceiras do rio. Mas isso era perigo de pouca monta, e dilatei argumento:

— Mas se a coisa ficar feia, durmo na casa dos Albuquerque. Ói, meu pai era muito conhecido daquela gente.

O Felismino pensou.

— Mas, ô Marialvo — ponderou —, o causo não é voltar, porque pouso por lá é certo, além do que é baile para acabar no clarear do dia. O causo é ir, que mesmo saindo com dia claro ocê só vai arribar por lá polas tantas.

Mordi o beiço. Pra não dar mais cuidado ao Felismino, feito um irmão meu de sangue, não disse que sim — nem que não: virei a cabeça dum lado, funguei, e deixei dúvida no ar:

— É… calha…

Não supria, porém, intenção de perder a festança em casa dos Albuquerque; além do que, formara plano de acabar mais cedo meus quefazeres no dia seguinte, cogitando meter o pé na estrada com dia claro. Mas não vê que deu pra sair cedo da roça, que uma coisa eu tinha comigo: largar serviço por fazer, podendo deixar tudo pronto pra desafogar a lida no outro dia, eu não largava, já sendo bem umas quatro horas quando arriei o cavalo no terreiro de casa. A promessa de uma noite de folgança não permitia mau pensamento, e no que a tarde ia findando acabei de preparar o baio: montei de um só pulo, no que o danado espetou as orelhas pra frente e cavucou o chão com as ferraduras na impaciência de sair; aproveitei a ausência do Felismino pra ganhar a estrada sem escutar chorumelas. Quando vi a primeira estrela no céu foi que pensei na distância: lonjura igual poucas vezes eu tinha atravessado à procura de cheiro de moça, e no Poço Fundo fazia bem uns dez anos que eu não punha os pés. "Deve de ter isso ou mais" ia eu ruminando comigo mesmo, falando meio em voz alta pra dar alento, "alembro que papai ind'era vivo, eu tinha o quê? Treze, catorze anos?… Por aí…" Não tardou, fechou a noite, não muito escura porque o céu aparecia cravejado de estrelas — se bem que fosse quarto minguante e de lua nenhum clarão se pudesse esperar. Dava pra ver o vulto das árvores e dos esteios, e quando vinha um vento mais forte chegava a assobiar nos arames.

"Saí de casa quatro horas" refleti, falando comigo mesmo, "lá pelas dez estou chegando em Poço Fundo. De lá nos Albuquerque, um pulo…" Despois de algum tempo de caminhada o tempo começou a esfriar um pouco, o vento se fortaleceu de modo que tive de vestir o capote que atravessara no arção e levantar a gola pra não colher resfriamento. "Chegar em baile constipado, t'esconjuro!…", e dei um cutucada de leve com a espora nos vazios do baio pra ele tomar tenência e saber que tinha caminhada comprida por diante. O bicho empinou as orelhas e adiantou o passo, que o caminho não sendo ruim permitia andar bem. "Decerto que vou ter de pedir pouso por lá" ia eu murmurando pra me sentir mais à vontade, "se bem que o mais certo é o baile ir inté umas quatro ou cinco da manhã, raiando o dia", e se eu insistia em falar em voz alta como se tivesse companheiro comigo além do baio, era pra dar não digo coragem, que medo eu desconhecia, mas ânimo, que a jornada não prometia ser curta e a história do Felismino sobre muita chuva naqueles dias — "tem inté trecho alagado, ói o perigo!" —, não me fugia da cabeça. Esses sustos era raro eu ter, nunca que eu saía pra baile ou festa de noite pensando em perigo, inté mesmo por costume de costurar um breve no forro da camisa e carregar também uma medalhinha de Nossa Senhora, que me tinham ensinado com recomendação: era sempre bom ter fé no sair pelo mundo feito eu fazia. Esses sustos era raro eu ter, mas naquela noite, sei lá se era susto, mas eu estava com a história do Felismino na cabeça, embora não quisesse pensar em perigo nem falar de medo, muito menos cogitar uma volta pra casa. "Esse baile eu não perco!" repeti com voz firme, sempre na espera de chegar.

O trote ligeiro do baio ganhou a noite. Principiando uma subida, maneirava o passo pro animal não se esfalfar demais, mas na vargem falava com ele por meio da espora, só roçando os vazios mod'ele ficar alerta e se adiantar, e assim as horas foram avançando. Quando dei idéia de espiar no relógio de bolso que tinha sido de papai — "já faz tempo que 'stamos na estrada" cogitei, no resfolgar do baio já um sinal de cansaço —, tomei um susto: já passava das dez e inté ali nada de Poço Fundo, que por menor que fosse sempre devia de ter umas luzinhas no escuro a modo de guia, e se não avistara ainda vestígio do vilarejo, menos ainda de qualquer moradia perdida naqueles sertões, ou de algum caminhante em tal hora que pudesse dar uma indicação. Parei o cavalo mode um descanso e apeei, firmando as vistas dentro da escuridão no tentame de reconhecer o lugar, mas foi bobagem. Custei a acreditar que estava perdido. Na pressa de chegar, não atinara com a passagem do tempo, as horas tinham voado e agora eu dava por mim em paragem estranha, noite alta e completamente sem rumo. Comecei a refazer na minha cabeça o caminho percorrido, botando tento na memória pra saber adonde é que eu tinha errado: me alembrei de ter deixado pra trás a casinha do Raimundo da Helena ainda não eram sete horas; o Raimundo assistia arredado , mas vez ou outra eu passava pela casa dele e inté parava pra tomar um café, no mais quando tinha negócio de gado na fazenda Laguna, e foi sem cuidado que vi se apagar no escurão lá atrás a luzinha da

jinela dele. Dali por diante eu tomara direção diferente da Laguna, que ficara toda vida à direita: por um bom tempo era um caminho só a percorrer, mas despois vinham umas encruzilhadas adonde na memória eu tinha por certo de não ter tomado direção errada. Será que eu me havia enganado? Da última vez que passara por aquele ermos, me alembro de papai ter dito sobre uma árvore grande que existia num certo ponto descampado do caminho, e então, matutando, relembrei que passando a primeira encruzilhada um bom trecho eu tinha dado com um campo adonde, no meio, avultava a figura de uma árvore grande. "Inté ali eu não me embaralhei" pensei, alisando a crina do cavalo, que ainda bufava um pouco, mas já esperto mastigava umas gramas da beira do trilho. Matutei mais ainda tentando achar outras indicações que eu pudesse ter de memória da época que fizera aquela jornada com papai — será que daquela vez eu passei pelo topezinho de morro que fica além da segunda encruzilhada? Não havia um riachinho adonde se dava de beber pros animais? Eu tinha cruzado por um coqueiral; com papai passara também por aquele coqueiral? Certeza eu não tinha nenhuma a não ser que, passando a árvore grande, vieram mais duas ou três encruzilhadas e eu escolhi direção sem muita firmeza… Deu no que deu: me via perdido no ermo, e pior, já tarde e sem saber pr'adonde seguir.

Prestei atenção também numa friagem que vinha de maneira que o capote com a gola levantada não era suficiente, e tive de tirar da mochila uma capa de couro forrada com lã que eu sempre trazia par'o caso de precisão em esticada maior. O vento cada vez mais forte, sacudindo o arvoredo, era o único barulho que se ouvia, e enquant'eu me embrulhava na capa espiei o céu: aborrecimento maior, cadê?, pois o céu já não se via tão cheio de estrelas que nem antes, mas nuvioso e pesado de chuva. "Um toró agora é o que falta" pensei cá comigo, e garrei a imaginar o que havera de fazer se chovesse forte. Montei no baio e antes de reiniciar caminho tentei escutar, por detrás do sonido do vento, algum barulho de correnteza, de rio transbordando, e mais uma vez me batia nas ouças as palavras do Felismino: "tem inté trecho alagado, ói o perigo!" E se de repente eu afundasse com cavalo e tudo numa correnteza? A ventania não me deixava escutar nada (agora vinha um vento molhado de permeio com lubrina, indicando chuva para breve), e penso que inté o cavalo, apesar de ter um tino danado pra andar no escuro, podia se atrapalhar no meio de um vendaval. Foi então que alembrei de minha cama quentinha, o café no bule que eu costumava tomar àquela hora com broa ou batata cozida, e tive arrependimento de não ter escutado o Felismino. "Sim senhor! Foi maluquice eu me meter por esses caminhos de noite sem conhecer bem o rumo" ia eu me recriminando enquanto guiava o animal a passo curto, e lancei meia dúzia de pragas ao meu apego por barulho de sanfona e moça bonita. Calculei voltar pra trás? Ou seguir adiante mode esbarrar com a direção certa? Resolvi avançar mais um pedaço, mas aquele trecho de caminho era o pior que tinha enfrentado: de repente principiava uma subida que parecia não acabar mais e logo vinha uma descida sem fim, que o baio fazia com cuidado e bufando, penso que inté ele meio arreceoso; o escu-

ro ficou ainda mais turvo: agora eu cruzava por dentro de uma mata de eucalipto, que com o vento produzia tremenda rangeção de galhos dando inté arrupio p'lo corpo, e não tinha jeito de tocar a montaria, senão era acabar no fundo de um abismo com o pescoço quebrado. Logo começamos a subir outro morro dentro da mata de eucalipto, e em seguida a descer, e agora eu já não sabia mesmo mais pr'adonde ir ou o que fazer. Ficar parado não daria certo, e andar era seguir pro desconhecido. Foi então que a chuva começou a cair feito dilúvio, faísca estralando no céu e alumiando tudo de repente pra apagar no instante seguinte, deixando a noite mais turva. As trovoadas chega estremeciam inté o chão, e vinham novas faíscas, uma de carreirinha com a outra, enquanto a água não respeitava nem mesmo minha capa de couro revestida de lã: fios gelados iam escorregando pelo meu pescoço, empapando minha camisa nova vinham formar um pocinho no meu embigo. O baio agora quas'que nem andava: escolhia o ponto do caminho onde botar os pés, e por mais de uma vez escapou de ir ao chão, escorregando na terra fofa de lama, sorte minha que ele conseguia aprumar em tempo, coitado do baio! animal bom aquele!, mas sorte não é sempre que se arrepete, e num vai-que-vai ele escorrega de novo numa descida de ladeira e afunda. Eu fui prum lado e ele pra outro, rolando ladeira abaixo no meio do lamaçal — e chuva que Deus dava! E cada vez com mais força, faísca atrás de faísca, a terra sacudida pela barulheira das trovoadas e a ventania arrancando inté galho de eucalipto, que mais de um eu vi, no entremeio dos clarões, se partindo por riba de minha cabeça. Consegui me alevantar sem sério prejuízo, a não ser a roupa enlameada, e mais adiante o baio também já se soerguia, e bufava, cheirando o chão. "Não posso mais montar" pensei, "por demais perigoso. O jeito é encostar aqui em qualquer barranco e esperar pelo menos uma estiada…"

Peguei o baio pela rédea e antes que desse meia dúzia de passos escutei o ronco violento do rio em volta de mim, o rolar poderoso da enchente — sentia inté o bafejo das águas na cara —, e se não tinha botado tento antes pro risco que corria era mode a preocupação de continuar procurando caminho e meio surdo com os estampidos das faíscas e o ronquejar da galharia. Estaquei. Continuei escutando, e o baio, era certo, estava de orelha em pé, atento também pro perigo. Pelo estrondo, o rio era por ali mesmo — mas onde? Onde, que eu já tinha perdido todo o tino de direção e podia de estalo me soverter nele? Se continuar caminho já em antes não entrava em minhas cogitações, muito menos agora, porque inté ponte, se tivesse uma, as águas decerto teriam levado e pelas beiradas estaria tudo alagado, de modo a não se saber adonde era ainda chão firme e adonde já correnteza. "É ficar parado aqui inté clarear", e pensei em olhar as horas. Mas nem isso podia mais: no apalpar o bolso percebi que com a queda tinha perdido o isqueiro. "Inda mais essa!" resmunguei. É engraçado como nessas horas de aperto e aflição é que vem na memória da gente as coisas de maior agrado que possam haver: inda há pouco eu pensara em minha cama e no café com broa que podia estar tomando aquela hora; agora me vinha o

pensamento do baile na casa dos Albuquerque. Que beleza a barraca cheia de gente, o sanfoneiro num banquinho cruzando os dedos pela baixaria, e as moças ou dançando ou esperando cavalheiro que fosse tirar elas pr'uma parte. Quanta moça vistosa na alegria e no conforto da barraca enquanto eu não tinha outra coisa a fazer a não ser ficar parado ali, embaixo de chuva, esperando por uma estiada mode fazer o caminho de volta… Então um outro perigo me veio ao pensamento: se a chuva engrossasse mais e teimasse em cair por mais algumas horas, era certo a enchente aumentar, resvalar inté onde eu estava parado, alagar tudo ali, arrastar comigo e com o baio pro fundo, pr'adonde não tinha volta. Estremeci, porque foi pensar na desgraça e ela suceder: a chuva redobrar de força e a ventania envergar os eucaliptos à minha volta foi coisa de instante, mais forte agora o rugido do rio, o bafejo das águas, tanto que cheguei inté a sentir correnteza rebelde passando em riba de minhas botinas novas.

No meu desamparo o pavor começou a tomar conta de mim, mas foi nessa hora que tive sorte como nunca antes, que nem sempre a sorte é companheira: espiando em volta avistei no meio da escuridão um ponto brilhoso de luz que fez meu coração descansar, e um calor de alento me animou o corpo todo. Aquele ponto de luz seria na certa uma casa, o morador talvez dormisse mais tarde e, no esquentar o fogo à beira dum fogão aceso, ia jogando pela noite aquela claridadezinha amiga. Firmei as vistas e puxando o baio pela rédea dei um passo ou dois na direção da claridade. Botei tento: a cada passo cauteloso eu escutava ficar para trás de mim o barulho do rio, de modo que já não havia perigo de topar com a enchente. A chuva caía ainda com força mas os relâmpagos haviam diminuído; porém, dum de-vez-em-quando clarão eu espiava adiante e via um trilho direito no meio da mata. A casa eu supunha num tope de morro, de modo a enxergar bem a luz que provinha da jinela aberta, inté que de um novo clarão me pareceu avistar num alto uma parede branca, pr'adonde se ia por um caminho enviesado morro acima. Agora era só água e mais água rolando céu abaixo, e como guia só mesmo a luzinha provindo da jinela. De repente a luz se apagou e num enxerguei mais nada, "Virge Nossa Senhora!" eu disse num princípio de desespero, e me peguei à Santa numa oração, enquanto segurava com firmeza o breve costurado no forro da camisa: "Senhora dos Céus, não me desampara agora, ajuda que eu vença esse caminho e chegue naquela casa mode pedir pouso. Ajuda também, Virge mãe de Deus, que o morador seja hospitaleiro e tenha pena dum cristão que perdeu o rumo numa noite tremenda feito essa!", e arrematei: "Em Ti confio!".

Oração feita com fé é arma poderosa, pois eu mal tinha acabado de dizer o "em Ti confio" avistei a uns dez passos não a jinela, que naquele meio tempo se apagara, mas o branco da parede fronteira. Larguei o baio no meio do terreiro e corri para a porta, batendo de leve pra não assustar o morador. Chamei:

— Ô de casa!

Não houve resposta, e eu bati um pouco mais forte.

— Ô de casa! Em nome da Virge, arresponde eu!

Então veio uma voz de mulher lá de dentro:

— Quem é? — e após uma pausa, repetiu a pergunta: — Quem chama?

— Aqui é o Marialvo, dona, a senhora decerto não me conhece que eu moro longe, lá pros lados da fazenda Laguna, mas noutra direção, que da Laguna inté meu sítio inda se estica por largo pedaço. O causo que assucede é que eu ia na fazenda dos Albuquerque em Poço Fundo mas errei o caminho e a chuva me apanhou.

De dentro de casa veio barulho de gente se mexendo, parecia um estalar de cama velha quando alguém se levanta. Uma lamparina foi acesa porque brotou pela greta da porta uma claridade leve, e em seguida barulho de chinelo em chão de barro se aproximando da porta, mas não foi a porta que se abriu, e sim a jinela da frente. Uma dona bem velha, de uns oitenta anos, botou a cara pra fora, e perguntou:

— O moço como é que disse? Que ia à fazenda Albuquerque?

— Sim senhora, sá dona, é que se noticiou uma festança por lá hoje, de modo que decidi conferir. Mas errei o caminho e a chuva me apanhou. A valença foi ter avistado luz na sua jinela: vim pedir pouso. Qualquer canto serve, só pra fugir do breu da noite e desse aguaceiro.

— O senhor deve de estar a cavalo, não é? É que escutei animal bufar no terreiro…

— Sim senhora, meu baio deixei ali.

— Ah… Pois pode ficar por aqui hoje, moço, que lá fora a noite não é amiga de viajante e tem suas artimanhas. A casa é de pobre mas sempre tem um quartinho sobrando para ajudar a um encarecido de Deus em hora de dificuldade. Pegue seu animal, tire o arreio e ponha ele no cercadinho que tem aí atrás. O cercadinho tem uma parte coberta de sapê, pra animal é bem agasalhado. Voltando, pode entrar que vou preparar uma cama.

— Agradecido, dona, Deus Nosso Senhor que lhe dê muita paz e saúde — e saí pra desarrear o baio e levar ele pro cercadinho enquanto a dona dizia às minhas costas:

— O senhor tem fé, moço, isso é importante. Mas Nosso Senhor já me deu tudo que eu podia ter, e olha que não foi pouco não!

Assim que vi o baio agasalhado retornei à frente da casa e, limpando os pés, tirei o chapéu e adentrei uma salinha pequena e muito limpa mas quase sem mobília nenhuma: um banco e uma mesa coberta com uma toalha de fustão, de um lado, e do outro duas cadeiras de palhinha e um armário pequeno. Na parede, mode enfeitar, uma estampa mas que eu não pude discernir o que fosse porque a luz era pouca. Ali tudo parecia novo e cheirando limpeza, inté as paredes era como se fossem caiadas de pouco, ambiente que agradava as vistas e dava prazer estar nele. A dona apareceu, e só então pude ver melhor as feições dela: tinha o cabelo amarrado atrás, branquinho feito algodão. Sorria um sorriso manso de bondade, e não vinha de mão abanando: numa bandeja trazia chaleira de ferro, caneca e um prato de bolinhos.

— Não repare o de-comer, moço, é só o que tenho pra lhe forrar o estômago. É que não janto, mas inda há pouco coei um café fresco, costume de velho tomar café tarde da noite, e fritei uns bolinhos.

— Agradecido, sá dona, mas não era preciso ter trabalho.

— Não se apoquente que não é trabalho nenhum. Já estava tudo feito, nem foi preciso esquentar. Só janta que não tenho, por não ter costume.

Sentei no banco defronte à mesa e me servi do café com bolinho. Comi à farta, observado pela dona que vez por outra sorria, fazendo gosto em ver meu apetite.

— O senhor falou que veio da Laguna? — ela perguntou por fim.

— Quas'que daquela direção, sim senhora — respondi. — Mas é que quando chega na casa do Raimundo, o Raimundo da Helena, não sei se a senhora sabe, indo daqui pra lá, a Laguna fica à esquerda. Dali inté meu terreno se toma pela direita e ainda é um estirão.

— É, estou vendo que o senhor veio de longe. E tudo por causa de festa e calor de moça — e ela sorriu, achando graça. — Mas é isso mesmo, moço, rapaziada tem dessas coisas. Então não me lembro de meus tempos de nova? Ora, se não lembro! — e tornou a sorrir pra mim com uma malícia inocente.

— No tempo da senhora devia era de ser diferente de hoje — eu disse enquanto ia refazendo as forças.

— Qual o quê! — ela respondeu. — Diferença sempre tem, mas o ser humano é o mesmo em qualquer tempo, moço.

— Ah, lá isso… — eu disse, meio sem entender.

— O moço veja só: quando eu era moça não havia muitas coisas que o senhor conhece hoje, coisas novas que vão surgindo com o tempo. Não é verdade?

— Sim, senhora. Nisso sá dona tem razão.

— Então! Mas homem sempre gostou de mulher, e mulher de homem, e um pelo outro quando gostava era capaz de fazer de tudo, como o senhor hoje, que não teve receio da noite e de caminho estranho só pra esbarrar com moça bonita em festa.

— É bem verdade o que a senhora diz — confirmei rindo —, porque pra ir em baile e ver as meninas nunca medi caminho. E não foi uma nem duas vezes não!

— Eu não dizia? Estou velha, moço, o senhor bem que poderia ser meu neto, mas no meu tempo de nova o mesmo sentimento que faz o coração das moças bater hoje pelo senhor, fez o meu bater pelo falecido. E não teve quem pudesse com a gente, o senhor fique sabendo.

— Mas eu acredito, sá dona.

— O amor, seu moço, ah, o senhor ainda não conheceu o amor, mas quando ele chegar vai botar fogo no seu peito por dentro, e não tem água que apague.

Muito me admirou a dona saber assim que eu ainda não conhecera amor, mas continuei botando atenção nas palavras dela, que agora me deixava curioso

seu jeito de falar. E foi escutando seu relato que eu fiquei sabendo de um causo de muita surpresa e graça que se deu com ela na mocidade e lhe decidiu a vida: um causo mesmo de espantar a gente.

— Quando conheci o falecido eu tinha quinze anos e estava para casar com um primo meu, filho de um irmão de papai. Papai fazia empenho no casamento e me havia prometido pro meu primo nenhum de nós dois inda tinha saído dos cueiros, que naquele tempo era costume: pai e mãe escolhiam o casamento dos filhos sem a ciência deles, muitas vezes até mesmo antes do nascimento, de modo que casavam gostando ou não um do outro. Como eu fosse muito nova, ouvia mamãe falar no meu futuro marido sem preocupação: muito bem!, casava-me com meu primo, era um moço de boa aparência e muito educado, tinha afeição por mim e eu por ele, era trabalhador e bem estabelecido, e era isso que contava. De mais a mais, eu não tinha idéia do que fosse gostar de alguém: pra mim, a afeição que eu tinha por ele era aquela que deve ter a noiva pelo noivo.

— Então a senhora inda não tinha conhecido outra gente?

— Eu era muito nova, quase uma menina, e os rapazes de lá, a maioria eram filhos de conhecidos da família, todos muito de casa, muito achegados pra que eu visse diferença entre eles e o meu primo. Se minha mãe dissesse que eu já não casava com meu primo mas com um qualquer daqueles, diferença nenhuma ia fazer, e eu sem dúvida aceitaria o novo partido sem reclamar. A situação era esta, mas não definitiva, e mais cedo ou mais tarde o caso haveria de mudar, não é mesmo?

— Foi daí que a senhora deve de ter conhecido um moço diferente…

E a dona fez que sim, mexeu a cabeça, riu sorriso de lembrança:

— Vi… Um dia apareceu lá em casa um moço de fora com um recado do pai dele para papai, o assunto uma compra de gado. Avistei da jinela do sobrado quando ele chegou, apontou na porteira montando um rosilho impetuoso que pouco faltou para saltar a cerca. Tinha um lenço vermelho no pescoço e os cabelos feito um trigal em floração, o corpo vigoroso e alto como se fosse um anjo descido em glória do céu!… — a dona, no falar daquele que seria seu escolhido, parecia de volta aos tempos de moça, pelo menos na memória dela era assim que se passava. — Corri para baixo, a espiar pelo buraco da fechadura, enquanto na sala o moço e papai conversavam. Vexada em aparecer, ele não botou as vistas em mim, nem de minha existência tomou conhecimento: sem demorar em nossa casa, mal se entrevistou com papai, partiu, e só o avistei de novo quando corri de volta ao quarto e o vi pelas costas atravessando a galope a porteira, sumindo na estrada, e quase que acreditei cá dentro na minha cabeça, nas fantasias da mocidade, que em vez de o rosilho sumir na curva depois da porteira, veria ele criar asas nos pés e se soverter numa nuvem, num clarão de relâmpago. Bastou botar as vistas no rapaz uma vez só pra ter certeza de que se eu não me casasse com ele, não me casaria com nenhum outro, e a partir desse dia meu pensamento não se distanciou de sua pessoa. Já a idéia de ser mulher do meu primo me parecia insuportável: como estar com um pensando em

outro? E como me livrar de tal embrulho, se papai tinha empenhado a palavra? Voltar atrás a palavra dada não era apenas impossível: simplesmente não entrava em cogitação, de forma que o casamento com meu primo era coisa tão certa como nascer o Sol de manhã e pôr-se ele de tarde. A data do noivado cada vez mais perto, eu sabia: uma vez noiva estaria acabado, e o tempo ia passando sem que eu voltasse a ver o escolhido do meu coração, de quem nem o nome eu ouvira falar.

A história que a dona referia me deixava cada vez mais admirado, pra não falar que um causo de amor assim bonito sempre tinha sido coisa do meu gosto. Ela continuou:

— Vi com desespero chegar o dia do meu noivado, a casa ir se enchendo de gente, e eu sem remédio arriada no quarto, feito doente. A cada barulho de casco de cavalo na estrada, a cada vozerio de gente que ouvia no terreiro, eu me levantava da cama e corria esperançosa para a jinela: mas nada!, que só via chegarem os vizinhos, os conhecidos, os parentes. A casa, passando meio-dia, foi se enchendo de gente e eu enfurnada no quarto. Mamãe, que cedo viera me ver, não gostou da minha aparência, mas eu reclamei que mal tinha cochilado durante a noite e queria ficar recolhida até mais tarde para me recuperar. O almoço, durante o qual meu tio faria oficialmente o pedido de minha mão para o filho, fora marcado para as quatro horas. Uma horinha antes minha mãe, que até então estivera ocupada nos preparativos e tinha se esquecido de mim, entrou novamente no quarto pra ver se eu já me aprontara: "Lenira, minha filha, se apresse" ela disse, aflita, vendo-me ainda de camisola, "o dia todo na cama! Se apronte que está quase na hora", mas se alarmou e veio pôr a mão em minha testa, verificando se eu tinha febre: "Lenira, você está com uma cara que parece de doente, e logo hoje, um dia que deve ser de grande alegria para todos! Está passando mal? Adoeceu?" Eu fiz que não, só uma dorzinha de cabeça por não ter dormido bem, "nervoso, mamãe", podia tranqüilizar-se que logo passava. Mas que passava que nada, e de novo sozinha no quarto corri para a jinela com uma esperança que eu tinha medo de revelar até para mim mesma, e encompridei os olhos e o coração na direção da porteira, esperando… Minha espera, porém, alguma coisa me dizia, tinha sua razão de ser, e de repente vi um cavaleiro aparecer no caminho, e já de longe o lenço vermelho e o brilho dourado do cabelo dele me fez o coração saltar dentro do peito. Na varanda escutei vozes, as pessoas comentavam a chegada do rapaz e alguém falou com ele. Só então fiquei sabendo seu nome: Altamiro. Como me pareceu bonito aquele nome, combinava com o dono, alto que só, e para melhor escutá-lo eu mesma o pronunciei diversas vezes, em voz baixa, como num carinho em minha boca.

— Que coisas bonitas a senhora sabe dizer, sá dona! — eu não me contive.

— Todo mundo sabe dizer coisas bonitas quando tem amor no peito, seu Marialvo. O senhor também dirá coisas assim quando tiver o seu.

— Mas, pelo que entendi, ele só tinha ido na casa do vosso pai uma vez, no dia em que a senhora avistou ele pela jinela…

— Pois foi. Mas a família de Altamiro, eu vim a saber depois, não era gente de todo estranha, e noutros tempos houve até negócios entre meu pai e o dele. O pai dele, porém, era homem já idoso e por último muito achacado, impedido de viagem longa, e a mãe via-se obrigada a ficar em casa cuidando do pobre. Por isso acharam de mandar o filho pra representar a todos em meu noivado.

— Ah…

— No entanto que eu estava decidida: ou me casava com Altamiro ou com mais ninguém. A dificuldade toda, ia matutando cá comigo enquanto principiava a me vestir, é que ele ainda não sabia de mim; "é preciso então que saiba" eu disse com os meus botões, pois diante de sua reação ao me ver é que eu saberia que atitude tomar. Decidira-me a não noivar, mesmo sabendo do abalo que ia causar na família, mas o que iria fazer depois dependia somente dele: supondo que eu me apresentasse na sala e ele nem me notasse, na hora do pedido eu começaria a chorar e diria que na noite anterior tivera um sonho (invencionice eu tinha de sobra, cabeça de moça pensa em tudo), uma visão com a Virgem, que deixara determinação para eu não casar mas entrar pro convento, virar freira (com o que ia tocar no ponto fraco de mamãe, a cega devoção dela pela Virgem), e essa desculpa serviria muito bem de explicação para o meu ar de doença durante aquele dia. Mas se Altamiro tivesse a reação que eu esperava, eu simplesmente recusaria o noivo, aceitando as conseqüências, que eu já sabia quais seriam: a porta da rua, a sumária expulsão de casa.

— Mas a senhora esperava dele uma reação assim, à primeira vista? — eu perguntei, espantado.

— Eu estava confiante em mim mesma, seu moço. As rugas que tenho hoje não falam da formosura de minha mocidade, formosura que todo mundo comentava e que mais de uma vez foi motivo de papai correr de nossa porta com pretendentes inoportunos. Por outro lado, o atrevimento e a coragem de enfrentar meu pai significavam a renúncia à minha família, e somente um amor súbito como o meu, e assim tão grande, era merecedor desse atrevimento e dessa coragem. Foi pensando assim que botei o vestido encomendado para a ocasião, um vestido longo, azul acetinado que chegava a brilhar, o corpete com minúsculos bordados feitos por uma bordadeira antiga e de muita fama, representando uma infinidade de pequenos ramos e flores entrelaçados a corações miudinhos, tudo em linha de cetim ora num azul mais escuro, ora mais claro que o do vestido, coisa rica de se ver! E meus cabelos? Ah, moço, o senhor tinha de ter conhecido meus cabelos, a inveja das outras moças, compridos como eram, e fartos, e negros… Nos cabelos eu não quis mexer, prendi atrás com simplicidade deixando só umas mechas soltas dos lados do rosto, e, pra finalizar, coloquei no peito, figurando um broche, um cravo vermelho que tirei do jarro. Não existia graça maior que a minha naquelas redondezas, graça com a qual naquele entardecer dei entrada na sala onde os convidados, reunidos, preparados para se sentarem à mesa do almoço, me receberam com vivas e exclamações de surpresa. A todos sorri sem a ninguém olhar, ignorei até a presença de meu primo que se

adiantou para tomar-me pela mão: Altamiro estava de pé junto à jinela, pela qual a luz poente vinha envolver seus cabelos de um resplendor feito um farol! Foi tudo muito breve: eu tinha parado um instante ao pé da escada, surda a todos os comentários e felicitações das pessoas que me cercavam, e foi com admiração que soergui os olhos para o escolhido do meu destino. Assim que nossos olhos se cruzaram, na paralisação do momento, e o vi sorrir para mim com o mesmo encantamento, compreendi que estava certa, que ele teria por merecimento minha renúncia e o meu amor.

Falando, a dona parecia transfigurar-se naquela de belezura sem igual do seu tempo de mocidade. O rosto cheio de rugas, era como se agora tivesse uma luz nele, uma luz que se eu quisesse não poderia pegar, mas que era tão real como a claridade da lamparina de querosene em riba da mesa.

— E o pai da senhora? — perguntei.

— Quando, diante de todos à volta da mesa posta para o almoço, meu tio formulou o pedido para o filho dele e eu, antecipando-me, respondi que não, que meu coração a outro pertencia e que somente com esse outro haveria de me casar, pois do contrário preferia a morte, quando a menina de apenas quinze para dezesseis anos se levantou do banco e respondeu com tal afronta, o tio dela se calou, desnorteado; o noivo dum estremecimento descambou a cabeça pra trás, a boca aberta de assombro; e o pai empalideceu enquanto a mãe baixava a cabeça de vergonha, e dentro do silêncio pavoroso que se fez entre os convidados aturdidos somente a voz dele — um sereno trovão — se escutou: "Uma filha, a filha única de uma família, que faz desta maneira uma tal desfeita ao seu pai e ao seu noivo, diante de sua gente e de seus convidados, em casa desse pai não pode mais haver lugar para ela". Ninguém deu um pio, minha mãe cobriu os olhos e principiou a chorar, eu respondi apenas "eu sei, meu pai" e continuei de cabeça baixa, esperando. Esperei um tempo que deve de ter durado quando muito uns poucos segundos, mas que me pareceu interminável. Porém, não esperei em vão.

— E o que foi, sá dona, que se assucedeu? — inquiri, o bolinho que tinha levado à boca meio perdido no trajeto, a boca aberta pelo suspense.

— Sucedeu o que eu sabia que sucederia, aquilo que devia de estar escrito no livro de Nosso Senhor desde o princípio do mundo, pois como eu disse não esperei em vão: Altamiro, com quem eu nunca tinha trocado palavra, nem mesmo um cumprimento, se adiantou no meio do pessoal, deu volta à mesa e, parando do meu lado, falou: "A menina Lenira pode não ter mais a casa de seu pai, mas terá a minha, se for de seu agrado e de mim que seu coração estiver cativo, como o meu está cativo de vosmecê". Todo mundo, já espantado com aquilo, mais ainda se espantou quando eu me virei para ele e lhe estendi minhas mãos sem dizer palavra, apenas dois filetes dágua escorrendo polas faces abaixo.

E a dona espiava para fora, para o turvo da noite, como se pudesse, no meio da escuridão, enxergar de novo aquele dia claro de sol do passado que lhe ressuscitava na alma. Respeitei o sentimento dela, mormente porque o causo refe-

rido era de muita boniteza, que só o bem querer de duas pessoas prometidas por Deus pode ser bonito assim. Mas por fim, agoniado, perguntei mode saber o final da história:

— E então, dona? Daí por diante?

Ela então se alembrou que eu 'stava ali e me sorriu daquele seu jeito sereno, um riso doce no qual os olhos miúdos se fechavam, quase se sumiam:

— Então ele segurou minhas mãos e conduziu-me para fora, para onde deixara o cavalo, e os convidados, cheios de reverência, abriam caminho para nós — ela sorria e mexia a cabeça num jeito de quem diz que sim. — Naquela mesma tarde um padre abençoou nós dois, e duvido, moço, que tenha existido nesse mundão todo casal mais feliz, e isso — e a velhinha empinou o dedo para mim, chamando atenção pra importância do que ia dizer —, isso durante mais de cinqüenta anos, até que Deus Nosso Senhor chamou ele…

E ela se calou. Apanhei na bandeja mais um bolinho e me servi de um pouco mais de café. Enquanto isso ia matutando naquele relato, pensando se um dia havera de encontrar pra minha companheira uma moça assim, mas ao mesmo tempo me perguntando se eu faria por donde merecer ela como Altamiro merecera a sua.

— E agora que o esposo da senhora é falecido, a senhora vive sozinha por estas lonjuras, arredada de todo mundo? — perguntei por fim. — Saudade eu imagino que tenha, mas medo, não tem medo não?

— Distância é coisa que não me incomoda, e a saudade é doce quando a gente se acostuma com ela. E, com a graça de Deus, o sossego é o que vale.

— Amém, que o que a senhora diz é uma santa verdade. O sossego é o que vale.

— Além do mais meu tempo neste mundo está para ser cobrado, seu moço, então é certo d'eu encontrar com ele por lá, não sabe, do lado de lá… — e fez um gesto vago com a mão, querendo se referir à terra das sombras.

Baixei a cabeça na sofrência[3] do momento, em respeito às relembranças da dona.

— Se o senhor não tivesse errado o caminho — ela diz então, mudando o rumo da conversa —, na certa estaria na festa a uma hora dessas.

— Se o senhor não tivesse errado o caminho, na certa estaria na festa a uma hora dessas.

— Pois é, perdi a festa, mas não tem nada não. Ganhei a noite, porque ganhei a vida. Nunca se sabe o que pode acontecer a quem se aventura numa noite assim. Escutei barulho de rio aqui por perto, deve ter havido enchente.

— Ah, é o riachão… Sim, não é rio largo não, mas quando chove fica perigoso porque a água que vem das cabeceiras é muita e vem juntando mais pelo

[3] Neologismo que introduzi, significando uma espécie de suave sofrimento ou plangente melancolia, a fim de traduzir na linguagem do peão o sentimento que os envolvia a ambos naquele momento.

caminho. Em tempo de estiagem qualquer criança atravessa ele a vau, sem perigo.

— Louvado seja Nosso Senhor, que eu escutei o ronco dele em tempo de desviar. E por fim escutei a história mais bonita de todas, sá dona. Foi a compensação pela festa que deixei de aproveitar.

Terminei de comer e afastei a caneca com a mão, enquanto limpava a boca com a manga do capote.

— É bom que tenha gostado — ela disse —, porque assim descanso sabendo que não o enfadei. Mania de velho, o moço compreende, ficar lembrando, principalmente quando não se tem quase com quem conversar… Mas o senhor pode entrar naquele quartinho ali — e ela indicou uma porta no corredorzinho —, e tire essa roupa molhada pra evitar constipação. A cama está pronta, e na corda tem umas roupas que foram do falecido. Hão de ter serventia, como mal não seja pra esta ocasião.

— Agradecido, sá dona — eu disse, apanhando a lamparina que ela me entregava. — Aceito o oferecimento, que já o cansaço começa a bater.

— Pode ir, seu moço, e boa noite. Durma bem.

A dona entrou no quarto dela e eu no meu, adonde havia uma cama arrumada com um lençol branco e uma colcha de retalhos, tudo igualzinho à sala, cheirando a novo e a limpeza. Num prego atrás da porta pendurei a capa para secar, e na corda avistei umas peças de roupa do falecido, mas não tive precisão de usar nenhuma, porque tirando a roupa molhada me meti embaixo da coberta num piscar de olhos. Assoprei a luz da lamparina e então, no escuro, do cansaço que me combalia proveio um amolecimento por todo o corpo. Fechei os olhos e enquanto o sono vinha me apagando de mansinho a chuva continuava forte, a ventania irrompendo pela mata de eucalipto com sua presença descompassada, e mais alto, mais rumoroso, na distância o riachão estrondejava.

Abri os olhos com a claridade do dia e sentei na cama, estranhando que a jinela estivesse aberta, pela qual podia ver o baio que já tinha saído do cercado e aproveitava a capinheira no terreno dos fundos. Inda não 'stava de todo acordado, mas bastou olhar em volta pra dar um pulo da cama: Santa Virge! Que o quartinho me parecia mas era muito diferente daquele adonde eu entrara de noite pra dormir, apois!, se já não tinha a parecença de um quarto limpo e pintado de novo e nem a jinela 'stava aberta, pois acontecia de não ter jinela nenhuma no batente! A cama não passava dum estrado de pau com um colchão velho e muito sujo, sem lençol limpo nem coberta segundo me tinha parecido, a não ser uma xerga muito encardida com a qual eu me cobrira. Vesti de qualquer maneira minha roupa suja, agarrei a capa pendurada no prego e saí para a salinha adonde comprovei que não havia vivalma naquela casa além de mim, e com certeza há muito tempo que por ali não permanecia vivente, tudo abandonado como eu via e num silêncio medonho de morte: o armário de madeira que avistara naquele cômodo não tinha porta nem gaveta e nenhum guardado den-

tro dele, o banco e as duas cadeiras quebrados, arriados polo chão, e em riba da mesa sem toalha (a toalha de fustão da vésp'ra, cadê?) faziam vista só uma lamparina sem bocal e uma chaleira de ferro que alguém devia ter feito de vaso de planta, porque cheia de terra. No quartinho adonde a dona velha entrou pra dormir restava só um amontoado de madeirame que alguém resguardou ali pro mode de alguma serventia. Meu cabelo arrupiou de pavor, e sem tardança me botei porta afora, corri pra trás da casa, selei o baio de improviso e, pulando em cima, varei caminho o mais rápido que pude.

Do meio da mata de eucalipto inda dei uma espiada para trás, num estremeção que me sacudiu o corpo, e tive uma derradeira vista da casinha: que pintura nova, que nada!, que nas paredes esfuracadas não se via nem vestígio de cal, a não ser as lascas do pau a pique e do barro por baixo do reboco quebrado, e os batentes sem jinela nem porta figuravam uns olhos de caveira triste espiando para mim.

O baio, refeito do cansaço, se achava pronto pra uma cavalgada boa, por isso cheguei-lhe as rosetas com vontade pra ganhar terreno. O caminho de volta, fiz ele sem errada, deixando pra trás o mistério da casinha abandonada e sua velha moradora que tinha me servido café com bolinho e inté proseado comigo contando seu causo de amor, mas que não era mais deste mundo.

Pro Felismino não menti: disse de minha viagem pra casa dos Albuquerque, mas que lá não tinha chegado mode a chuva que me pegara no meio do caminho. Cauteloso, não referi o causo de mistério que me embatucava: contei tão só que pedira pouso num sítio de uma gente hospitaleira que ele não conhecia.

A partir daquele dia, eu vez por outra especulava informação sobre quem podia ter morado na casinha dentro da mata de eucalipto, quem teria sido a velhinha que veio do outro mundo pra me salvar a vida e contar a história mais bonita que eu já tinha escutado — sim, porque parafusando no assucedido daquela noite me dei conta de que a velhinha me tinha livrado da morte certa, apois se não fosse por ela, se não fosse eu ter avistado a casinha com luz acesa, era certo d'eu acabar mergulhando, eu mais o baio, nas águas mortais do riachão, ou, ainda que tivesse ficado parado no mesmo lugar, a enchente engrossando ter me arrastado. Outra coisa que a velhinha fez por mim e que falta pra completar o relato foi que, com a história de sua querença de moça, história de amor e de renúncia que só se vê em causo de fantasia, não tardou muito que eu também me decidisse por matrimônio, e com moça cheia dos encantos e de muita distinção, uma que sem ser filha dos donos, fora criada de novinha na fazenda Albuquerque, adonde naquela noite de festa eu não conseguira abicar.

Como quem não quer nada, eu às vezes tocava no assunto falando dos eucaliptos que tinha pr'aqueles lados, "um eucaliptal grande de fazer gosto" eu dizia, "deve de pertencer a alguém". Se a pessoa não respondia com informação procedente, lá ia eu cutucando de novo: "Uma vez passei por lá e vi, de longe, uma casinha. Uma que fica num topezinho de barranco, perto dum riachão. Deve de ter morador. O senhor que é daquelas bandas deve conhecer".

Mas a pessoa balangava a cabeça.

Não conhecia. Ninguém conhecia. Foi assim que esse mistério permaneceu inté hoje sem solução, e quando garro a pensar nele me pergunto se não há de ser somente despois de minha passagem que vou ter enfim uma resposta.

Um relato sobre cachorros

Am causo sobre cachorros, história arrevesada, de desgraça miúda por se tratar de animal, bicho doméstico de pouca valia, cachorro, inda por cima esmagrecido, um, que o outro inté possuía umas carnes, não de fartura, mas era velho, principiava por faltar visão, quase cego. Daí se vê: fato que não vale nem o trabalho de desfiar em formato de história, apois, que história, causo, fabulação, é coisa pra divertir seja menino ou pessoa de mais idade, e de um princípio assim que divertimento pode proceder?

Mas o que começa com pouco, costuma avantajar, era o que costumava dizer uma dona velha, benzedeira, uma de Lajinha muito conhecida mas cujo nome não alembro, de visitação a Sinh'Antônia.

Davam-se muito — comadres —, a benzedeira de Lajinha madrinha de batismo do mais velho de Sinh'Antônia, por essa altura já homem madurão e pai de família, que num calha entrar na história a mode que os cachorros pertenciam, um, o magro, a um tal Nonô, recém-mudado pra Freguesia, o outro, o quas'que cego, ao Felismino de Siá Cocota, pode-se dizer vizinho dele, embora que num fronteirasse terreiro, cada qual em sua casa, restando uma da outra distância mais ou menos.

Freguesia? Povoadozinho renqüém, roça mais que roça, retirado da Lajinha hora e meia em lombo de burro: punhado de casebres salpicados nuns morros, caminho com feição de trilho de boi indo de um pra outro (passagem difícil inté mesmo pra montaria simples; carroça, carro de boi nunca que chegavam lá), e no mais só a vendinha pra fornecer pinga, caixa de fósf'ro, fumo de rolo. Lamparina alumiando de noite, inté lá pelas sete e meia, oito horas; às nove, todo mundo na cama — fazer mais o quê, num lugar assim?

Freguesia, lugarzinho tristoso, Sinh'Antônia e Sinh'Anica porém já acostumadas que rente residiam, em boqueirão de mato.

E Sinh'Anica se aprochegou.

— Tem menino pra benzer — disse. Tomou assento. Na sala, o sol da tarde marcava quadrado de luz nas tábuas do assoalho que moleca nova limpava, passando pano úmido.

A de Lajinha, o pito por costume, cachimbo dependurado no canto da boca franzida, berruga com cabelo no queixo, pano de saco encardido na cabeça. Mas o pito: que se num prazia a Sinh'Antônia o fartum do fumo de rolo, calava

incômodo mode num desagradar a comadre, que só ficava pouco, dum dia inté no outro, inda por cima prestativa, o único defeito aquele.

Mas conhecedora do mundo essa dona; na suposição, setenta anos, se não pra mais, dilatavam seu viver — porém, quem sabia? Nem ela ao certo, que certidão de batismo se extraviara, e lembrança de aniversário falhava, escapando da memória. Era dessas de rija estrutura, recurvava-a o tempo para mais forte tornar-lhe o espinhaço, tinha suas leis. Sabia o mundo, andara por ele; varando pelo acolá além tinha conhecido de Freguesia inté Sant'Antônio do Brejo, de Sant'Antônio do Brejo inté Sertãozinho, inda mais longe seguiu penitenciada incumbência de rezar contra espinhela caída, osso desnocado, olho gordo, mau agouro e o que mais houvesse e carecesse de reza e benzedela, léguas que léguas em dorso de mula — sem tropeço, lá ia. A de Lajinha tinha suas sabedorias: em tope de morro espiava na lonjura o azulamento da terra no recontro com o céu, macio explicava: "Lugares de Deus Nosso Senhor", e ficava pitando miudinho na admiração da grandeza do Pai. Se um requeria explicação mais ampliada, repensava antes de prolatar ensinamento: "Ninguém vai lá, que Deus não dá consentimento", prolongava pausa, "por muito que se escabuja, no alongar viajado caminho, naqueles azuis o homem não põe o pé, os olhos só de longe, que nem nós agora". Sempre ocorre qualquer de avultada perquirição que deseja saber mais: "Mas e se um de nós chegar inté aqueles morros azulando mais pra cá, por ali se diz que é Poço Fundo — que é que se vê?", e a de Lajinha com suas palavras certeiras, o sol no pano encardido da cabeça perfazendo baços reflexos, quase entrefecha os olhos: "Sempre os azuis de Deus, mais lonjura nunca exp'rimentada" e "O mundo é vasto. Nos lugares Dele, que homem há de levar sua catinga?"

Limpava a garganta encatarrada, soerguia-se nas pernas, ia cuspinhar pela jinela, espiava o quintal, espiava o mundo de relance. Retrocedia. E o pito: fumacinha subindo devagar.

Moleca nova passando pra lá e pra cá.

— 'Cabei, dindinha, tá um brinco.

A de Lajinha botando reparo naquela indecência, que sem-vergonheira tal, e grave na advertência a Sinh'Antônia:

— Iss'é vestimenta pr'essa menina andar por aí, mostrando as pernas, já mocinha?

Moleca nova, afilhada de Sinh'Antônia, magrela, feiosa mas engraçadinha, de boas formas. Não passava dos treze anos, parecia ter dez — mas dava-se que a dona de Lajinha era antiga, de rígidos princípios, proceder rigoroso. Dentes não mostrava em chocarrice, não por não tê-los — tinha-os, uns restos, cavacos escurecidos do fumo — mas por siso: que se este falta, aquele supre em excesso, descompõe, desdiz da pessoa, no seu ver. Vestimenta? Daí que devia denunciar recato, como em sua formação, no de acordo com ordenamento proferido por pai e mãe pois, do contrário, couro no lombo: naquele tempo era assim, dizia, afirmava, mode seguir o certo caminho. A dona de Lajinha fora menina reco-

lhida, tinha-se feito moça no aprender dos quefazeres de casa e de roça, tanto operava no fogão como no eito, em rabo de cacumbu; não arrastou pé em baile, usança de perdição conforme remoto pensar, que divertimento para uns era coisa do malino mode acarretar a ruína da mocidade, e cedo casou com moço de poucos haveres e parcos pareceres porém de direitos costumes, o que bem figurou ao pai e melhor à mãe que pelos mesmos princípios se matrimoniara, como a filha não sendo feliz nem conhecendo desgosto, pois em cumprir obrigação perante a família e diante de Deus somente cabe cogitar no certo e no errado, não em alegria ou tristeza. Filhos teve: seus, e criou uns de fora, mode piedade por criança largada, enviuvou e manteve-se daí por diante casta, uma dona de respeito não carece de ter um segundo homem, que com o primeiro já cumpriu sua missão de mulher. Recolheu-se nos seus pensares, nas suas ruminações, viu o mundo entortado pelo mau praticar das gentes, e no ritmo da fumacinha que do cachimbo lenta se evolava prosseguia na reformulação dos costumes que poriam o mundo nos eixos. Por isso e não por implicância desaprovar o vestido que moleca nova usava, de lhe deixar as pernas de fora.

— Vai botar outro vestido, moleca — Sinh'Antônia condescendendo com a de Lajinha, se davam muito, não valia fazer desfeita, conhecedora das manias dela.

— Vou sim, dindinha — e saía.

— Tem menino pra benzer — disse de novo Sinh'Anica —, espinhela caída.

— Manda trazer — respondeu a de Lajinha, cujo nome nem acerto de memória. — Pra mais tarde, despois de abrandar o sol. Ô calor!…

Inda foi Sinh'Anica quem alembrou:

— Mas o causo dos cachorros, comadre… — e tratava a outra de comadre por jeito de uso, que nem tinha comadrio aí, Sinh'Anica mãe só de uma filha, muito moça tinha ido batizar na cidade grande, orgulho bobo como se Deus lá fosse diferente daqui. O padre possuía vestimenta mais bonita, lá isso possuía, e inté hoje tinha de cabeça os enfeitos da igreja, dobrava a língua mode pronunciar "catedral!", e dizia "tudo de ouro, rebrilhoso!". — …vosmecê que mora lá por perto deve de saber por miúdo.

A dona de Lajinha segurou o cachimbo com as mãos, o dedo de unha negra cavucando o fornilho, pitou pra avivar a brasa, porém não fumaçou: apagado. Do bolso da saia que, assim sentada, recobria os pés (aparecia mal que mal uma unha estropiada por tropicão em pedra), extraiu saquinho de pano, petrecho do costume, vício antigo. Embrulhinho de papel com pedaço de fumo de rolo, preto, catingudo. Canivetinho de uma folha só, amolado. Ia cortando o fumo em farelinhos e acumulando na cova da mão escura inté formar um montinho que despois atochava no fornilho. E agora isqueiro de pavio, a chama forte, pitadas curtas mode acender devagar, o olho meio fechado na concentração da obra.

Fumaça, fartum. Os petrechos do vício de volta ao bolso da saia. O cachimbo na mão, a vista pensativa, mortiça, além da jinela.

A boca franzida, a berruga.

— Sim, tem o causo dos cachorros.

— Mas cumé que se deu mesmo o causo, comadre? — Sinh'Antônia puxando pela outra.

No que a outra principiou o relato.

Caso recente, disse, nem todos tinham sabença do ocorrido, muito comentado pois ninguém podia entender de que jeito os dois se haviam estranhado só por mode uns cachorros que não valiam tostão, e era nesse ponto que a de Lajinha fazia interrupção, comentava:

— Coisa de honra — e pensava, repensava, também sem entender. — Será?

Moleca lá de dentro, remexendo no armário:

— Qu'é qu'eu visto, Dindinha?

Sinh'Antônia alteia o pescoço. Parece pensar um pouco, a boca meio aberta, já sabia o que responder:

— Apois, a saia 'marela!

Moleca nova lá de dentro:

— Dindinha, deix'eu ponhar o vestidinho novo? O azul?

Sinh'Antônia ralhando, ásp'ra:

— Roupa nova pra mode lidar em casa, moleca? Toma tento! Veste a saia 'marela e vai ver se tem lavagem na ceva. Anda ligeiro.

Mas coisa de honra não podia, no seu entender, estar por diante dos mandados de Deus, muito religiosa botava Aquele lá de cima à frente de tudo. Pode um cristão cortar o outro por motivo de honra, quando a Palavra desdiz de tal atitude? O sangue dum homem tem preço que outro homem não pode pagar. A honra está nos Caminhos, ela ensinava a um que outro de duro coração, essa dona tinha seus preceitos, pregava, inda que não assistisse missa com freqüência — ou por costume —, só de quando e vez, que não é na missa, conforme seu pensar, que se encontra Deus, mas cá por dentro, no desvão do peito. Ensinava: os outros aprendiam?

Sinh'Anica ajeitando-se na cadeira de palhinha:

— Mas comadre…

— Apois — e a de Lajinha principiou: — Cachorro…

O cachorro do Nonô era magro a mais não poder, na vendeção de costela, berno formando bicheira na figura de flor por riba do lombo. Dava inté catinga. O do outro, cegueta, carcomido. Mas explicou que o Nonô tinha amizade ao bicho, e se o pobre não engordava era porque o dono não supria nem mesmo o próprio prato.

— Mas vai ver que pra pinga nem num faltava — alertou Sinh'Antônia, sungando o queixo com indignação.

— Antão — tornou a de Lajinha —, decerto. Do berno inda tratava com querosene, no lembrar…

E cachorro com costela varando o couro não tarda buscar rumo de comida, que pode ser um passarinho bobo que não escapa do bote (cachorro toma inté

feição de gato quando o estôm'go determina), e pode que se dê o causo de encontrar ninho com ovos. Ninho no mato calha não pertencer a ninguém, tem passarinho que faz ninho rente ao chão, em moita de capim-gordura, mato baixo, bem assim. Mas costuma que o ninho tenha feitio desses de galinha, e ninho desse porte com toda certeza não é fácil de se achar no mato, senão que às vezes pode ser visto numa beirada de terreiro, em caixote bem ajeitado, donde se vê que não padece falta de dono: que preservara o Felismino de Siá Cocota dúzia e meia de ovos mode galinha choca, uma carijó que ele gostava de tirar a raça com um galo pescoço-pelado de boa cepa, mas já de idade, não tardava emborcar. O ninho, um caixote que ele ajeitou com o Zé da Vendinha, forrado de capim fofo na beira do terreiro, embaixo de um pé de limão. Galinha choca viu o arranjo, a brancura formando um círc'lo no miolo do capim, pulou pra dentro: tempo de choco, vinte e um dias riscados na folhinha, não passa, carece de na vésp'ra vigiar os ovos, ajudar pintinho a quebrar a casca, um ou outro não têm força de nascer sozinho e pode morrer sufocado. O Felismino tinha experiência: não era a primeira vez que tirava ninhada, e sabia tratar bem, água, canjiquinha, milho quebrado na pedra, do melhor, galinha com pintinho passava bem.

— Então houve uma galinha com pintinho na história — disse Sinh'Antônia, que não perdia ponto.

Mas essa dona em ocasiões abismava-se. Era de prosa curta, doutrina paterna: falar parco mode errar escasso — seu costume, nele permaneceu desde nova. Alargara conversa sobre esse causo dos cachorros, mas a palavra cansava-a um tanto, tinha de tomar fôlego — cansaço sem fadiga, fôlego só no modo de dizer, ocorria que seus pensamentos cada vez mais marginavam o Mistério do mundo que, no seu entender, o homem não discernia. Se uns simples caminhos humanos se perdiam sem retorno, decerto que o céu imenso guardava segredos que Deus só mostraria ao homem quando fosse de seu merecimento. Exemplo dava, ilustração do que dizia, que lhe punham dúvidas uns menos crentes, desdizentes do Pai — que sempre havia aqueles que não acreditavam, incréus, grande pecado cometiam com seus duros corações: exemplo do sol, que nasce de um lado e se esconde do outro. Como é que ele dá a volta? Quem sabe? E pitava grosso, fumaça subia enquanto um risinho repuxava os cantos da boca, o olhar parado, ninguém com resposta pronta para tal questão. Outro? Chuva, como é que no céu se forma tanta água, e de vez em quando pedra de gelo? Inda porventura outro? As estrelas no céu, todo dia de manhã se apagavam, mas chegando a noite se acendiam. Que mistério maior do que esse podia haver? Quem obrava desse modo, que nosso muito olhar e pouco entender testemunhasse? Quem era capaz?… O caso dos cachorros, coisa cá da terra, desavença dos homens, sobre o que Deus punha olhos reprovativos — contar por miúdo sabia contar, falava mode produzir satisfação na comadre, mas não merecia atenção maior: as coisas do alto é que tinham valimento.

— Galinha não — e cutucou o fornilho: distraída, o pito apagava, era preciso avivar a brasa. Cachimbou: surdiu fumaça, pitou que pitou em silêncio, meditativa. Prosseguiu: — Com pintinho num houve, que num restou tempo mode nascer ninhada…

Moleca nova passou de vestido amarelo pela sala, saiu serelepe pro terreiro. A de Lajinha botou reparo, satisfeita comentou:

— Mais de acordo com o gosto de Nos'Sinhô. É assim que deve de ser…

— Mas então, comadre… — Sinh'Anica puxando a cadeira de palhinha mais pra perto da outra.

Sim, o causo.

Porém nesse momento batem palmas fora, que pra interromper um causo sempre há de surgir um ou outro; batem palmas, Sinh'Antônia se levanta e chega inté a porta:

— Se adentre, Cerli. — disse.

A por alcunha Cerli entrou, cumprimentou na mão a visita, Sinh'Anica e Sinh'Antônia que, indo lá dentro, da cozinha proveu outra cadeira.

Cerli, uma dona rechonchuda, mais pra nova que pra velha, não ultrapassava os trinta e poucos, branca amorenada que andando assim no sol, feito agora que vinha lá de baixo, se punha vermelha, gotinhas de suor na testa, no buço. Os olhos vivos, grandes, jeito de alegria no ser, um sorriso com sinal de ouro no dente, sombrinha fechada na mão, no colo, já que estava sentada.

— Ô diacho! — disse bebendo a água que Sinh'Antônia serviu em caneca de ágate. — Calor assim nunca que vi!

A primeira coisa que a de Lajinha reparou foi no vestido curto, deixava o joelho quas'que de fora, falta de compostura numa dona casada, será que o marido não via, ou dava consentimento, frouxo no trato com a de casa? *"Tem homem que Deus me perdoe…!"* Essa dona de Lajinha era firme em suas leis: menina nova inda tinha desculpas no usar um vestido mais à vontade — nos dias de hoje, pois no seu tempo o proceder diferia —, mas dona casada não podia trajar como bem entendesse, mesmo por conta de aprovação do esposo — no sentar-se os joelhos deviam restar guarnecidos mode não acarretar indecência, motivo de falatório.

— De passeio, Cerli? — Sinh'Antônia quis saber.

— Andando — disse a outra, a voz gorda, alta, retumbava no quieto da casa. Falava com vontade, se impunha. Mostrava sorriso largo, rebrilho dourado na tarde que avançava. — Na casa de dona Lucinira, mode ver menino que nasceu.

— Ah… então…

— Pois nasceu — disse a outra tomando ares, soerguendo o peito cheio —, que pouca-vergonha — exclamou engrossando a voz que retumbou lá dentro —, veja só a senhora, filha solteira em casa e já com menino nos braços!

A de Lajinha reparou que a outra achava pouca-vergonha aquilo, mas tinha ido lá, cheirar. Cerli inté parece que farejou o pensamento da velha.

— Enfim, o inocentinho não tem culpa — disse —, fui levar lembrancinha. Sabonete pra dar banho, lata de talco.

Sinh'Anica raspou a garganta. Ansiosa pelo causo começado.

— Mas, comadre… — e se remexeu, querendo saber.

A de Lajinha pitou.

Reinou silêncio por um momento.

— O cachorro do Nonô foi lá de tarde e num restou ovo no ninho…

— Mas como é que o Felismino ficou sabendo que era o cachorro do Nonô? — perguntou Sinh'Anica.

Dá-se que galinha choca, no que se ameaça o ninho, costuma fazer barulheira, redobrado escarcéu, de longe o Felismino escutou, donde estava na roça acudiu, chegou em tempo de avistar um conhecido cachorro magrelo correr.

— Ah — estralejou a voz, chapada feito aço, a Cerli relampejando o dente com dourada obturação no seu jeito de falar com a boca e os olhos muito abertos — é sobre o causo do Felismino mais o Nonô?

A dona de Lajinha reparava nesses modos, nesse jeito de falar alto, de interromper os mais velhos, de mostrar os joelhos quando sentava, pro mode estar usando vestido de pouco pano. Pitou, sem olhar pra outra. Prosseguiu no relato: que o Nonô mais o Felismino já não tinham bom entendimento um com o outro, decorrência de antiga troca de ofensas, inda que se cumprimentassem — bom-dia e boa-tarde, no bom costume — quando por força topavam um com outro no meio do povo. O Felismino foi sem tardança procurar o Nonô mode tomar satisfação e requerer paga.

— Pois eu já 'vi falar diferente — disse a Cerli, os olhos revirando de uma pra outra, o peito arqueado pra'diente, e acrescentou seu detalhe: o encontro sucedera na venda.

A Cerli era dona de suas simpatias, proseava conforme o assunto, atendia a quantos ao mesmo tempo falavam, dizia um sim e um não, comentava, virava-se para aqui e para lá, gostava de lidar com a gente. Mas tinha por mau costume desdizer o dito de outrem, não que o fizesse por intenção de acinte, respeitadora era inda que usasse um traje diminuído: agradava-lhe acrescentar novidades, nem tanto exatas. Seu jeito.

A de Lajinha não fez caso, sojigou-se. Deixou a outra relatar o que sabia, que não era certo, nem tudo. Escutou quieta, esqueceu-se… Donde mesmo sentada espiava, por costume, o dia aparado no quadrado de tábua da jinela: o mundo era uma curva de montanhas no longínquo — pra ela não era maior, mais além era de Deus — o homem pensava que podia ir inté lá? Engano dos grandes, sustentava que pra lá de lá daqueles azuis esbranquiçados que se avistava, os caminhos se perdiam. Uma vez lhe perguntaram: "E se o homem se aventurar por aqueles caminhos?" e ela parou para pensar. "Não voltam" disse tão somente. Mas era enorme ou não o mundo?

"Que mundo grande, que mundo pequeno!..."

— Foi assim mesmo, comadre? — Sinh'Anica se virando pra de Lajinha.

— Desconheço parecida história — foi o que disse a velha de regresso a si mesma e à sala de Sinh'Antônia, e supinou o nariz envergado.

Porém nesse intervalo moleca nova apareceu no vão da jinela:

— Dindinha, sinhá Maria mandou saber se poder trazer o menino dela mode benzer.

— Diz que fica mais pra despois... de tardezinha, no que o sol refrescar.

Moleca nova se sumiu, chinelo arrastando pelo terreiro.

— Sendo minha moradia por lá — a voz da de Lajinha em prosseguimento feito o chinelo da moleca nova no terreiro —, não represento ter instrução de um parecido assunto. Adonde eu sei, foi no terreiro do Nonô.

— Não? — a Cerli estranhando. — Pois diz que...

Mas em sombra que pareceu cruzar por diante de casa não cabia semelhança: sombra que cruza o terreiro ninguém nem vê direito, a não ser Sinh'Antônia, esperta nessas coisas: cruza e vai, solerte[4], na direção dos fundos, ali pros lados do chiqueiro.

Sinh'Antônia, porém, não se moveu! Tardou...

A de Lajinha se desagradava dos modos da outra, mau costume lhe parecia contradizer os mais velhos, figurando desmentido agravoso. No cume da berruga o pelo único, grosso, tremeluzia. O pito jazia esquecido, quase, num canto da boca: acordava vez em quando numa fumacinha escassa, os olhos miudando na contemplação do mundo pelo quadrado da jinela. Sim, o mundo é vasto de por lá não poder o homem avançar, "terras de Deus", e o mundo nem tão grande não deve de ser, sendo assaz menor do que se pensa a pessoa humana — a de Lajinha professava por esse entender, se requerida falava dessas coisas com sua ciência. "O homem calcula seu tamanho por sua obra, uns são maiores outros menores, mas perdura engano nesse pensar" era o que dizia. "Um homem não é maior do que outro, o tamanho da cova nunca é muito maior, e sua obra o vento leva, no tempo se desfaz. Ele, maior de grande, imenso no pisar os pequenos — mas ele sabe os caminhos? A morte é para todos, e os caminhos vão indo, vão indo, por eles vai o povo. Despois de uma curva borda-se outra curva, e se vem uma chapada em linha reta, não tarda que finde numa curva. O mundo é assim: feito de curvas. Deus entortou os caminhos mode o homem ter entendimento que nem tudo é seu, pois no à vontade de seu querer os caminhos seriam todos retos, de fácil caminhar. Nem descida não teria, que não produzisse de lá pra cá subida: planuras seriam. Da mesma forma nem todo caminho pode ser pisado, pois o pé da pessoa carrega derrota, não tem poder o homem, poder é dEle, Nosso Senhor. Por isso os caminhos vão indo, vão indo e duma hora pra outra somem, causam confusão, se embaraçam uns nos outros: é o que se dá naquelas lonjuras, naqueles azuis de lá, além. Se um se aventura, perde o

[4] Solerte: (pessoa) sagaz, manhosa, velhaca.

rumo, regresso não encontra, quando olha pra trás o caminho sumiu — mesmo aquele que se julga muita coisa. E agora?" E nessas explicações delongava-se, a gente mais nova escutando sem botar fé, os mais antigos entendendo a fina sabedoria — entendimento por dentro, que não acertavam em dar definição, explicação por miúdo mode a juventude aprender, "que o aprender é com o tempo" dizia a dona, "só com o tempo", e na vastidão tudo se azulava, umas nuvenzinhas pousavam nos cumes, "ali ainda é perto…"

Alguém debicava dessas lições? Não acontecia, inda que não crendo respeitavam, era uma dona de restritas tolerâncias: algum, de pouca idade ou que não a conhecesse direito, que prolatasse de modo desabrido sobre suas convicções, ela se fechava, trunfava-se[5], por certo se levantava miudamente e saía, punha-se na estrada em busca de outro pouso. Seria dona soberba? Tinha quem de sua pessoa não formasse bom juízo: o não sorrir dava-lhe ares por demais sérios e, duma contrariedade, o franzir do cenho, o nariz envergado produziam impressão de zanga orgulhosa, altivez despropositada, inda mais quando saía assim, deixando todo mundo adonde estivesse, nem se despedindo dos de casa. "Metida…" murmuravam, "acaso todos têm de entender pelo seu molde?"

…foi então que Sinh'Antônia se levantou num rompante, saiu da sala — e a história dos cachorros restou suspendida…

De prosseguimento escutou-se fora um alarido, griteiro provindo da ceva: Sinh'Antônia esparramava a voz num estardalhaço do dianho!

A Cerli deu um pulo e correu, Sinh'Anica seguiu no encalço e a da Lajinha, arrastando o vestido de bainha puída, foi atrás — tomada de susto, que uma desgraça devia estar sucedendo.

Saíram para os fundos, correram pelo trilho na direção do vozerio. No caminho havia um rego dágua que era preciso pular: Sinh'Anica e a da Lajinha não pularam, Cerli muito espevitada se adiantou, afundou o pé na lama, respingou em volta e seguiu em frente, mas de lá já evinha Sinh'Antônia trazendo a moleca nova pela orelha e, mais atrás, ressabiado, um garotote, um traste de olhos enormes com os brancos sobressaindo assim, no espavento.

— Na descaração — proferia Sinh'Antônia —, na sem-vergonhice!

— O que sucedeu, S'Antônia? — a voz gorda da Cerli.

— Na sem-vergonhice, Cerli, de agarração com um fedelho que nem escapulir dos cueiros escapuliu ainda!

E passou pela outra conduzindo moleca nova pela orelha, que tropicou no reguinho dágua e quase foi de cara no chão.

— Espia só! — fez a Cerli. — Mas como é que a senhora soube, S'Antônia?

Sinh'Anica balançou a cabeça. A de Lajinha pitou, franziu o sobrecenho.

[5] Trunfar-se: com o sentido não dicionarizado de "amarrar a cara".

Com um riso entre escandalizado e alegre pela novidade a contar adonde fosse, a Cerli fazia questão de falar alto, cutucou Sinh'Anica e virou a cara rechonchuda para a de Lajinha, atirou:

— Não é do que a gente falava inda há pouco, da de dona Lucinira? — e com vigor, a voz mais cheia, mais papuda: — Falta se juízo!

Mas Sinh'Antônia já tinha suas desconfianças — moleca nova pegava 'panhar corpo apesar da magreza, por último inté uns volumezinhos principiaram a avultar por debaixo do corpete. Então era pro mode safadeza de agarramento que a descarada queria se encascar no vestido novo? Ora, já se viu!

— Enxerguei uma sombra — disse Sinh'Antônia chegando à porta da cozinha —, e a sombra vinha cá pr'os fundos…

— Mas eles estavam mesmo de pouca vergonha? — insistia a Cerli, fuxiquenta, em alto cochicho.

O traste também vinha chegando, para ali ficou, vermelhoso no encabulamento, enquanto Sinh'Antônia travava outra vez o braço da pirralha, "já pra dentro!" e num solavanco a atirou pro escuro da cozinha.

A moleca entrou com cara de choro, foi-se enfurnar no quarto, fechou a porta com estrondosa pancada, malcriadona. Sinh'Antônia se virando para o traste, ainda parando por ali:

— Raspe-se, criatura!

— Sá dona — ele gaguejou —, deixa eu falar mais a senhora…

— E falar o quê? Com catinga de fralda querendo desencaminhar menina na casa dos outros!

— Não sucede tal, sá dona Antônia… eu tenho pensamento direito…

Sem fazer caso, Sinh'Antônia entrou, esperou as visitas mais Sinh'Anica adentrarem também e fechou a porta na cara do traste.

— Desplante! — e foi-se, resmungação comprida, de volta para a sala.

De novo calmaria na casa.

A de Lajinha, abismada com o ocorrido. No seu tempo, pensava… mas como era mesmo no seu tempo? Lembrava-se?

Sinh'Anica ponderou:

— Menina nova, Antônia, coisa que acontece. É da idade.

A Cerli não perdia ponto:

— Qual o quê! — a voz retinia pelos quatro cantos da casa, o peito alteado, o rosto em brasa, dente com incrustação de ouro parecendo inté que alumiava mais: e mais uma vez vinha à baila a filha de dona Lucinira, solteira e com menino no colo.

Porém Sinh'Antônia já voltava ao causo dos cachorros. Não pagava a pena aborrecer-se mais, prometia apenas mandar recado para o pai do atrevido, que uma sova ele não perdia.

— Mas então, comadre — disse —, como é que se deu a história afinal?

A dona de Lajinha referiu que o Nonô estava pouco satisfeito de o Felismino de Siá Cocota provir em seu terreiro munido de descabida acusação, princi-

piando parlenda, fala-que-fala de cá e de lá: que a magreza e a fome de um cão cachorro fornia pecha contra o dono que de comer não lhe dava, enquanto o parecer do outro era de se preferir um cachorro magro a um velho e cego, mas de passagem surgindo na lembrança do primeiro que a bicheira a adornar o lombo esquelético do pobre cheirava mal, dando-se que agora mais importavam os animais que o prejuízo do ninho…

Sucede, porém, que a Cerli tinha outras notícias, suas, desse desacerto entre o Felismino e o Nonô, que se a de Lajinha relatava de uma forma, a outra recortava falando de forma diversa, com o que dividia a oitiva de Sinh'Antônia e Sinh'Anica que não acertavam em quem botar atenção: por fim, teria mesmo o Felismino relampejado na mão lâmina de faca com intenção de cortar o outro ou só de intimidar? O Nonô não era cabra de susto fácil, ou não respeitava o desafeto? — pois em tal pormenor cabia vasta diferença, que por não ter medo não merecia desaprovação, mas por desrespeito valia que o outro fizesse por considerar sua pessoa, inda que em tal proceder não se requeria o uso de mortal violência, conforme se tinha por veraz: que partiu para cima do adversário com golpe certeiro, o qual abrindo-lhe o ventre pôs para fora as tripas, o Nonô caindo emborcado sobre os intestinos, hora em que acudiu um que por ali passava e tudo presenciou. Ou não se dera dessa forma? Pois se sabia que o Nonô nunca tinha sido homem de desconsiderar quem quer que seja, donde que o Felismino já carregara pra lá a faca com intenção perversa, pois do contrário mode quê tinha de ir procurar o outro instrumentado com objeto cortante? Ora pois, então não seria de geral conhecimento que o Felismino por hábito andava sempre com uma faca, não sendo portanto verdadeiro que tenha previamente dela se munido ao sair à procura do Nonô? Pois era verdade, inda mais tendo-se por certo que a dita faca nem era grande, mas de menor porte, uma faquinha, como se usa carregar ora para descascar uma laranja, ora para cortar um ramo de mato em caso de precisão, não faca a feitio de matar ninguém. Por outra, dava-se afinal que o Nonô foi o primeiro a ferir o ar com desrespeitoso tabefe, que acertou o Felismino no peito, pois do contrário o pobre nem puxava a faquinha, mas o certo era que não havia sido de vero um tapa mas um empurrão, sim, no peito, pois o Felismino calhava de ser um tanto abusado e foi-se chegando muito pra perto do Nonô, em desafiadora atitude, cheio das arrogâncias, e isso em quintal alheio, e em sendo esse alheio do próprio Nonô, o que em tudo por tudo fazia do Felismino um procurado criminoso, pois o caso é que ele se escafedera após o golpe que exibiu à luz do dia as tripas do coitado por pouco não dando com ele na cova, e enfurnara-se no mato não sendo mais visto por ninguém. Mas teria mesmo escapado? Notícia havia de estar recolhido agora na cadeia de Sant'Antônio do Brejo, pr'adonde tinha sido levado por tropa comandada por um tal Sargento Pereira, que do feito ciente se pôs no rastro do homem e foi desentocá-lo numa moita de iri…

A tarde findava, o sol virando caminho, avermelhando, pondo tinta de fortes cores nos morros mais altos. Embaixo ensombrecia primeiro, refrescava com o ventinho que agora cruzava o campo e vinha adentrar a sala, resvalar pelo corredor e dar de leve na toalha da mesa da cozinha.

Sinh'Anica, sentada no canto do fogão, principiava cochilo. Sinh'Antônia punha a mesa: café, de mistura bolinho, o açucareiro areado reluzia em cima da mesa, a colherinha fazia barulho tlim-tlim na xicrinha de louça: desenxabida, a Cerli mexia o açúcar.

— Comadre foi embora pisando nas trouxas — disse Sinh'Antônia.

A de Lajinha tinha saído cheia dos melindres: já não com paciência, soergueu-se da cadeira, a barra puída da saia recobrindo a unha estropiada, e se desculpou: que de pequena recebera ensinamento grave ministrado por pai e mãe, severosos no aconselhar, qual seja, que não é bonito, senão ofensivo sinal de má educação, desmentir os mais velhos feito aquela ali fazia, pois no que ela contava o causo vinha a outra desdizer, dizer de outra maneira, remendar mal remendado; portanto retirava-se, batia estrada, em anoitecendo pousava na casa de sinhá Apolinária, "mas comadre" opôs Sinh'Antônia indo nos calcanhares da velha inté o terreiro, "não se apoquente, é da Cerli esse proceder, mas ela não é ruim não", sendo que a de Lajinha não aceitou a explicação, "ela devia enxergar minha idade, comadre" e se foi. Tinha suas arrogâncias em tal atitude? Seria dona soberba? Coitada, ia-se diminuta, humilde se punha para fora, a saia arrastando no pó…

Sinh'Anica, como que despertando de sua sonolência, disse:

— E não se ficou sabendo ao certo o sucedido na Freguesia.

A Cerli depôs a colherinha no pires:

— Eu cá ouvi do jeito que relatei… são coisas… uns dizem assim, já outros… não fosse a dona velha espevitar-se…

— Apois, se ela é de opinião — disse Sinh'Antônia —, não tolera conversa…

— Que houve facada houve — tornou a Cerli —, e o Nonô quas'que morre. Morria, não fosse o auxílio dum cujo que passava na hora…

Fora se escutou então a voz de sinhá Maria, que do terreiro chamava.

— É sinhá Maria — Sinh'Antônia enxuga as mãos na saia, vai atender.

Sinh'Anica, desconsolada, do canto do fogão:

— E nem o menino não foi benzido! Mas que coisa…

Notícia de um combinado entre companheiros

O tempo antigo chega inté nós a notícia de um ajuste, um combinado entre companheiros que propiciou comentação geral quando de mais pr'agora se referiu. Inda que algum alguém pusesse dúvida — mesmo por causa dos anos que faz, com os anos um sucedido deixa de ser sucesso para se converter em fantasia, imaginação do povo —; porém, inda que se duvidasse algum, consta que foi causo de muita veracidade, os mais velhos atestam, deu-se no tempo da mocidade deles, que lembram bem de ouvir falar, sem risco de engano.

Diz-se que eram cinco, e companheiros de serviço, quase como se fosse: o Quirino, esperto no laço, nunca que perdia um chifre de boi em volteio de corda; o Zaquia e o Lourenço, muito requeridos nas lidas de curral, de um tudo obravam com sabença, desde segredo de planta pra curar a bicheira do gado inté, não deixando passar por ser de risco, tratar boi ervado, que em suas mãos calhavam escapar da morte; o Tõizim, carvão, retinto de alumiar, no laço ou no curral não era de valia, mas tinha por ofício amansar cavalo xucro, e dum jeito que ninguém nunca vira, cheio das delicadezas, o que agradava o dono do animal e a vista das senhorinhas que soíam aparecer mode apreciar; por último o Demastor, Adamastor da Encarnação na pia batismal, que nem pelejava em curral nem em amansadura de cavalo, mas na lavoura agricultava, muito extraía da terra, com proveito.

Amiudando, é de se explicar essa amizade.

Haviam crescido juntos, de criança amadrinhados numa terra de povo escasso.

Tinha a roça — boqueirão de mato — adonde habitavam, e o lugarejo, Corgo Seco, não menos roça, mato tampouco menor, a meio dia, quase, bem puxado em lombo de animal. De boa conta, umas vinte casinhotas salpicadas no entrecruzar de duas ruazinhas fora de esquadro, mais a venda de seô Deodato e, no largo de um terreirão, a igrejica — pelo certo, capela — com sua torrinha cujo sino pequeno repenicava tinido. Botica seria coisa de luxo ali, andaço de disenteria sarava com o chá da carobinha, mais a losna usada nas indisposições do estômago; pra gripe, xarope de limão com mel era o remédio, e duma

picada de cobra era só cortar o local em cruz e espremer bem o sangue, despois do que o doente carecia de ficar amoitado na cama quatro, cinco dias, suando num febrão medonho. Outras mazelas teriam seus salvatórios, era só entrar no mato. Das que não tinham, morria o doente e enterrava-se em recanto sombroso, com uma cruz em riba da cova, que covas e cruzes outras havia, não tantas, o povo — como foi dito — sendo escasso. Em derredor, os morros, e no despois de uns vinham outros, e mais outros, e pelo meio deles, subindo e descendo, o trilho comprido, ingrato inté pra quem viajasse na sola, que dizer a cavalo!, constante o risco de tropicão e tombo ladeira abaixo. Vivia ali um povinho sem tempo que mal sabia decifrar a folhinha: que havia uma, na venda, adonde apareciam uns e outros mode consultar data de festejo; então seô Deodato, que de criânço tinha soletrado cartilha, ia espiar nas carreirinhas de números. Calhava inté de uns e outros botarem admiração naquilo de alguém compreender aquelas garatujazinhas que pouco se diferençavam umas das outras, esses os mais antigos, a espiar a folhinha feito instrumento de mistério, "e num é que marca dereitinho o tempo!" o boquiaberto comentário quando na data estipulada, pela sobredita trilha e provindo de Lajinha, chegava o vigário em dia de festa, reza de missa e batizado de criança nascida no entremeio, que batizado por lá só duas vezes ao ano, quando acontecia: certos anos o vigário aparecia uma vez só. O homem de Deus já encontrava Corgo Seco enfeitado: o povo era miúdo mas punha gosto em fazer barulho. De um buraco — mala, baú, patuá — brotava uma sanfona mode alegrar a gente no arrasta-pé, e a poeira subia mesmo de dia claro. Os mais antigos, entre eles nhô Esmeraldino e siá Totonha, se recolhiam prum canto no final da tarde, hora em que vinham os mais novos se aprochegando. Seô Deodato servia a pinga em dose dobrada no balcão, e cedo já se via pinguço estirado pelos recantos. As mulheres colhiam flores no mato, lá uma ou outra tinha um canteiro nos fundos da casa: e o arruado se punha florido — grinaldas nas janelas, nas portas, desenhos de pétalas no terreiro em frente à capelinha estreita, e lá dentro só florinhas brancas, louvando a pureza da Virgem.

Fora essas datas, que de antemão seô Deodato destacava na folhinha com o sinal de um X, Corgo Seco não conhecia movimento: feira, haveria? Se calhasse: duas vezes por mês a caboclada surdia dos matos, vinha negociar, esparramados no terreiro diante da capelinha um jiló, um aipim, um milho, e só. A gentinha do arruado vinha ver, escolhia, pagava tostão. Na venda se encostavam uns e outros, e como seô Deodato pusera ali um balcão de armarinho, soíam escolher um corte de pano mode costurar uma calça ou uma camisa nova pra missa do Natal. "Pra quando, seô Deodato?" perquiria um, os outros botando tento. O homem lá ia na folhinha: "Inda tarda" informava, "inda medeia agosto."

Tirante a festa e os dias de feira, Corgo Seco secava. Subia no céu um sol esturricante de levantar vapor do chão poento, a gente miúda e reles a abrigar-se em casa, na venda seô Deodato vigiando desesperançado para fora.

Mas, os meninos?

Apois, escapulindo do arruado o que sobrava era o deserto, e os meninos, já se sabe, perdidos, a casa de cada qual enfiada p'las brenhas, umas grotas fundas de meter medo, arvoredo fechado no arrodeio, o sol chegando no terreiro só de meio-dia pra tarde, e à noite grito de coruja e pio de cobra produzindo susto. Escuridão. Pra sair de casa, varar caminho, ir um na casa do outro mode cascatear um pedaço, havera de ser munido de porrete e farol de bambu: gomo cortado no nó, atochado de querosene e torcida, rolha de estopa, que despois de aceso provia o nariz da gente de uma fumaceira preta.

Mas carece amiudar mais o crescimento deles, sendo o mais velho o Zaquia, nesse começo de relato espichando polos quase dez anos, e o mais novo o Quirino, dois anos abaixo, enquanto que os outros entremeavam. Que eram todos espevitados, eram, apreciando caçar passarinho, fazer arte, e no matar cobra braba espetar a bicha num pau e sair se exibindo. Brincavam de se esconder, brincadeira que toda criança conhece, e se não conhece, inventa — assim como inventa brincadeiras outras, todas conforme a necessidade de divertimento.

Cada qual tinha seu jeito, apois, se cada vivente é de um jeito, no seu brincar já dando mostra do que viria a ser, futurando. Assim o Zaquia e o Lourenço fingiam dar remédio pras bem modeladas vaquinhas de barro que iam amontoando num curralzinho de taquara; representavam que as vaquinhas sofriam com carrapato, a mosca azul do berno voando por ali, então não era de estranhar que mais cedo ou mais tarde aparecesse um olhinho no couro do bicho, outro olhinho, mais outro, pronto, bicheira! E aquela vaquinha caída no canto tinha abocanhado erva, veneno brabo, carecia salvar a pobre — e o Zaquia e o Lourenço, pirralhinhos, tratavam o bichinho de barro como se vivo fosse. O Tõizim duma vara comprida de bambu dizia um cavalo brabo a dar pinote e quase a deitá-lo por terra, mas ele enganchado na sela, seguro, amansava o bicho, ora se! E amansava, mas não é que nem não batia de pau na vara de bambu? Figurava ali um cavalo, e se era um cavalo tinha carnes, sentia dor — como é que se maltrata quem sofre dolorido? Primeiro era preciso se impor, mostrar que era ele, Tõizim, que havia montado; despois que o bicho conhecesse seu peso, era tratar com carinho, alisar o pêlo, puxar daqui pr'ali, dali pr'acolá, e assim ia (e assim foi, feito homem —, todo mundo bobo de ver — nunca amansou animal dando pancada). Já para o Demastor não servia a lida com bicho: em plantar conhecia satisfação. De primeiro tinha feito uma horta para a mãe — dois canteiros de couve e um de alface —, perto da mina dágua, onde era mais fácil de molhar. Despois inventou de plantar outras coisas, umas batatinhas, umas covas de feijão, outras de milho, seu zelo e gosto ver a semente nascer, despontarem duas folhas pequetitinhas, uma coisica à toa, parecia que nem vingava. No correr da semana as folhinhas já não eram duas, mas quatro, seis, o caulezinho engrossando crescia, e o Demastor só vigiando, vigiando… No que encorpou, deu de cavucar a terra com vontade.

Esquisito era o Quirino, que tinha suas manias e dos outros um tanto se diferençando. A mania era de laçar galho de pau, ponta de moirão, pescoço de

galinha no terreiro, com o treino não errava mais. Quando cresceu foi o laçador de gado sem comparação daquelas terras — daquelas e de quantas andou, ninguém que podia com ele em disputa de corda. Mas tinha a diferença, e era de criança também: que fazia parte da turma, dos cinco, mas sendo de pouca fala e ainda sofrendo duns repentes, e fosse como fosse se arretirava prum canto, cismativo, encolhia ali, jururu, não respondia quando falavam com ele a não ser com um olhar comprido, varado, uma cara de quem não está aqui. O Quirino era assim: alegrinho feito os outros, menos nessas horas. Crescido, cumpria com seu quefazer, consciencioso, não negando o braço, e se estivesse nos seus dias de desando continuava no serviço, mas quieto, nem riso nem pio, estranhão. Quem o visse assim nem procurava assuntar, já sabia, era deixar quieto que mais cedo ou mais tarde o Quirino voltava. E no voltar era o mesmo de sempre, e fazia brincadeira, laçando o pescoço de quem estivesse mais perto.

Ali os meninos, nascidos das famílias mais chegadas que se esqueciam naquele sertão, quas'que não conheciam variadas brincadeiras nem outros meninos; decerto não eram filhos únicos, cada qual tinha lá seus irmãos, mas eram os que mais regulavam a idade, por isso o achego maior entre eles: podiam brincar das mesmas coisas, entendiam-se como iguais, constituíam quadrilha. Se porventura vinha algum de fora na companhia do pai, que por lá aparecia mode algum causo a tratar, esse outro era o estranho: seria recebido com cerimônia, a quadrilha não repelia, tratava bem mas não se abria de todo, não o acolhendo como a um igual — fazia-se amizade passageira, pois no fim do dia o garoto voltava para casa com o pai e não se veriam de novo a não ser daí a quantos meses!...

Cresceram sem conhecer banco de escola e sem aprender a letra "a": em Corgo Seco escola seria luxo, além do mais quem por lá conhecia o abecedário mode instruir criança em leitura? Assim, nem desenhar a própria assinatura lhes fora ministrado, e era certo que pai e mãe de cada um por pouco escapavam de desconhecer o nome dos dias da semana.

Foi por essa época que, na direção do sol, surgiu o Retiro, fazenda grande esparramada na serrania, pela qual sinhozinho Dodó tinha pago bagatela — numa tal lonjura ninguém punha cobiça.

Sinhozinho Dodó não era muito garoto quando comprou aquelas terras: beirava os quarenta, e para lá não foi sozinho, senão que o havia acompanhado na qualidade de esposa legítima uma dona de poucas graças possuidora de uma sombra escura no sobrebeiço — buço de má aparência —, sinhá Jacira, apesar de tudo forte e de boas cores, boazinha no trato, mas que não lhe dera filhos.

Com disposição pr'a labuta, ergueu sem demora a casa principal e derramou o gado pelos pastos. A casa, no fim do primeiro ano, ganhara imponência, sobrado espaçoso de fazer vista, avarandado com escadaria de pedra e cadeira de balanço, onde sinhá Jacira passava as tardes ocupada com seus bordados; decerto sentia-se satisfeita naquele fim de mundo, pois nunca se via aborrecida,

por costume um sorriso com dente de ouro alumiando-lhe as feições coradas. O gado se multiplicou, ganhou os morros, requereu espaço. Os dias de sinhozinho Dodó agora eram no pasto com a camaradagem a campear o gado, cuidar, separar os bezerros, curar do berne e do carrapato; também vistoriava a derrubada do mato, as cercas que era preciso levantar, invernadas a formar, a multidão de empregados que ia a vinha, ora recebendo a cumprir, ora dando conta das ordens cumpridas, e para cada qual sinhozinho Dodó tinha um minuto de atenção, benquisto por todos. Entrava em casa noitinha, a lua espelhada no céu, e ia encontrar a dedicada e feia mulher esperando-o com as lamparinas acesas e o de comer servido.

No Retiro os meninos iriam crescer, junto com a fazenda, e se fazerem homens.

Quirino, cedo, já laçava bezerro no curral, os mais velhos botando admiração no tiro certeiro do moleque, todo mundo apreciando, e se não arriscava ainda com gado mais graúdo era por ser novo e não ter força por enquanto pra suster boi no braço. Mas não era prosa (laçar? Coisa fácil, não carecia tanta comentação, ele mesmo não entendia como é que alguém podia errar, fosse bezerro, cavalinho novo, qualquer bicho, andando às vezes devagar. Se estivesse correndo, dando de cabeça, pulando, ele pensava, inda ia lá que errasse, mas andando? Pois tinha quem não botasse acerto nem assim, jogava a corda, mas quedê?), demonstrada a perícia ria um riso desenxabido e se arredava de olhos baixos, ia prum canto, cismativo, ficava lá, de longe, espiando os outros. No que foi crescendo, fino, de cara chupada, a musculatura fibrosa escrita por baixo da pele seca, foi deixando o curral e se aventurando pelo pasto; já não via graça em bezerro novo, carecia de enfrentar animal de maior porte, começou a laçar cavalo, boi, touro. Da primeira vez que se aventurou foi com uma vaca assustadiça que havia no pasto do Retiro, vaca amarela da cara preta, ninguém podia com a tal, fugia pelas grotas escapando dos peões, cachorro nenhum chegava perto pois se a bicha corresse os chifres fininhos p'la barriga do pobre era certo ponhar as tripas pra fora — acabou se perdendo no mato ralo. O Quirino tinha catorze anos quando decidiu laçar a Assustada, e um dia de manhã cedo botou-se pro pasto, a pé, entrou pela mataria, subiu morro e desceu morro, foi encontrá-la numa ravina, pastando sozinha, arredada do gado geral. No que viu o Quirino a Assustada já empinou as orelhas, decerto que não acreditou que aquele menino franzinote iria lhe dar trabalho, ficou vigiando, o rabo no vaivém de espantar mutuca, os chifres duas agulhas. O Quirino já trazia o laço pronto, a vaca por fazer pouco caso dele deixara que se aproximasse um tanto, e agora um encarava o outro com jeito de desafio. De repente a corda voou, rápida, redonda, a Assustada só piscou as vistas, o que era aquilo? Soube quando sentiu o pescoço preso, e recuou; o Quirino fez pulso firme, a Assustada recuou mais, o Quirino quis fazer força mas era só um garoto e a Assustada, amarela da cara preta, vaca feita: arrastou-o, que não largou a corda mode não passar vergonha, pelo meio do capim, de um lado pro outro, por cima de toco de pau e moita de

malícia, afundou pelo brejo e o Quirino afundou junto, atravessou lamaçal e ele agarrado na corda agarrado ficou, inté que a Assustada resolveu botar um fim naquela brincadeira, largou-se por um barraco abaixo, e o Quirino não soltou a corda… Quando o encontraram, coitado, o corpo do moleque era uma ferida só, na cabeça avultando uma racha sanguinolenta: pois no que a Assustada se despenhou do barranco o Quirino foi de encontro ao chão, a testa chegou na frente. Enquanto se curava dos lanhos, deitado numa esteira no quartinho dos fundos da fazenda, os outros iam visitá-lo e abanavam a cabeça, "menino doido, carece botar juízo no miolo", mas o garoto, com seu risinho desenxabido, no entrefechar dos olhos, cismático, por dentro se ria mais à vontade, que o que corria ninguém supunha: um homem! Pois era isso que, de uma voz muito funda em seu ser, ele escutava, os olhos fechados, orgulhoso, cheio de si: agora ele era um homem. O povo sustenta que nunca houve laçador feito o Quirino.

Já o Zaquia e o Lourenço começaram aprendendo com os mais velhos: curar bicheira era coisa fácil, e agora que não faltava gado de verdade para cuidar não queriam outra vida: só a lida no curral, no adjutório a sinhô Duliro, um homem de idade que no trato com bicho não tinha outro. Sinhô Duliro reconheceu o pendor dos meninos, requereu a sinhozinho Dodó autorização mode ficar com eles no curral, começou a ensinar. Cabeça de criança é caderno de folha branca, as linhas sem escrita nenhuma, nelas o lápis corre que é uma beleza, e qualquer errinho sem impedimento se corrige. Os meninos cresceram aprendendo, com sinhô Duliro aprenderam de um tudo: verminose, piolho, pisadura, sintoma de erva, o que fosse mal de criação — não somente boi, mas cavalo, porco, galinha (o velho sabia remédio inté pra gogo de galinha!). Sinhô Duliro morreu idoso, não tinha certidão de nascimento e na conta não fazia bonito, era de se duvidar quando se dizia na casa dos oitenta, mas era bem velho no fechar os olhos. No entanto o Retiro não restou desguarnecido de tratador de animal: o Zaquia e o Lourenço ficaram no seu lugar, muito do agrado de sinhozinho Dodó, que não deixava os ditos se apartarem dali, "a gente tem precisão d'ocês aqui" dizia, todo no elogio, que os outros ouviam com satisfação, "não vê que o gado está aumentado e pra tratar dessa animalzada toda se requer gente de experiência? São ocês dois mesmos, seu Zaquia, não tem outros não, seu Lourenço".

Já o Tõizim o que apreciava: o trato com animal xucro, bicho brabo de rejeitar sela e cavaleiro montado em cima. O primeiro cavalo que montou era manso, andou pra cá, andou pra lá, fez o bicho correr dum lado pro outro, apeou, coçou o focinho, tosou a crina, raspou o pêlo, cuidou como se fosse seu, mas era de sinhozinho Dodó. Um dia viu um peão amansando um burro, e por condenar judiaria não se agradou: perguntou pro peão se ele gostaria que lhe botassem um arreio em cima e lhe cortassem as costelas na espora. O peão olhou atravessado pro fedelho que avultava à sua frente feito gente grande, tiçãozinho irrelevante, mas não deu trela: maltratou o burro e no fim da tarde disse a sinhozinho Dodó que no dia seguinte voltava mode continuar o serviço, "que esse, sinhozinho, não é fácil não, é daquele tipo tinhoso, o sinhô não sabe?

Bicho de teima que nunca vi, só cortando na espora e na soiteira, mas deixa estar comigo que eu amostro a ele". No dia seguinte quem levantou da cama com escuro viu no terreiro grande um menino, um pretinho diminuído, dando banho no burro brabo, banho de arnica mode fazer passar a dor, esfregando o pêlo com cuidado, ganhando a confiança do animal; quem viu ficou de longe, curioso, inté achando graça, que é que o negrote pretendia? Não tardou sinhozinho Dodó se chegar à turma que, meio escondida, vigiava. E viram quando o menino jogou o baixeiro no lombo, despois a sela, e apertou sem muita força a barrigueira, e no que o burro se punha assustadiço e saía às arrecuas, lá ia o pretinho cheio dos chamegos com ele, alisava, conversava falando baixinho como se o animal fosse capaz de entender, não sendo de duvidar que entendesse mesmo, se não o que era dito, pelo menos o jeito carinhoso da fala macia, da voz infantil; e de repente o Tõizim tinha montado no burro brabo e sinhozinho Dodó se alarmou, que podia cair, quebrar um braço! Mas um outro cochichou no ouvido do patrão: era deixar pra ver no que dava, pois se alguém acudisse agora era certo de o burro se espantar, sair de galope, largar com o garoto no chão, pisá-lo a pé, o que sinhozinho Dodó achou de bom pensar: todos ficaram parados, apreciando. E inté clarear o dia por completo o Tõizim cavalgou o burro, de um lado pro outro, tocando com jeito, conduzindo pelo bridão, fazendo ir e voltar, parar quando quisesse e andar mais rápido, inté galopar mode ele se acostumar melhor com a sela. Eram dez horas da manhã quando sinhozinho Dodó chamou o peão perverso pra espiar: "É assim que se lida com animal, seu moço, é assim que se faz burro xucro acostumar com arreio e bridão. Se vosmecê não tem competência pra isso, pode ir se arretirando da minha casa".

O Demastor já o que fazia era cortar a terra mode lançar nela a semente, a muda, o adubo, tinha mão boa e ali no Retiro, se bem que a maior força residia no gado, também se aventurava a lavoura. Junto dos mais velhos, com eles o pai, a serviço de sinhozinho Dodó tão logo se firmou no Retiro, passava o dia no rabo da foice, ou da enxada: roçar o mato, gaspear o terreno, fazer coivara, do mais leve ao mais pesado, inda que no serviço difícil pouco se demorasse, era mais pra treinar os braços, ganhar força, um adulto perto mode acudir em caso de necessidade. Preparar a terra seria obra de mais resistência, requeria fôlego, o enxadão pesava: cavucar era cansativo, Demastor menino ia atrás quebrando os calhaus; quando o sol endurecia a terra, era ele quem vinha com a mangueira mode amaciar, mas não tardou alinhar-se no eito com os demais. Seguia-se a covação: serviço leve, o Demastor nem era com ele, bastava acompanhar a linha e abrir as covas, a enxadoquinha nem provendo incômodo. Por fim o plantio, a molhação, os cuidados todos que as novas plantas requeriam, mimosas, exigentes, que o sol era bom e mau ao mesmo tempo, carecia muita água na raiz mode não esturricar. A colheita vinha farta naquelas terras virgens e o pai não lhe subtraía uns miúdos com que festejar em Corgo Seco, na venda de seô Deodato: lá se ia com os outros da quadrilha; o resto metia embaixo do colchão, prudente

no gasto mode não faltar enquanto não tirasse outra colheita. Isso tudo quando, ainda menino, não podia com o cacumbu. Já mais crescidinho vencia o peso do ferro, as mãos calosas nem se ressentiam. Tinha treze anos, depois catorze, por fim já era homem.

Desse jeito que os meninos espicharam.

Mas não estavam mais sozinhos, outros meninos foram aparecendo, todos iguais agora, garotada no serviço, na folgança, gente muita espalhando-se pelo sertão, povoando as grotas, inté o arruado de Corgo Seco aumentando, um endireitamento de ruas, um levantamento de casas, loja de pano desbancando seô Deodato que, mode não ficar para trás, fez novo sortimento pro seu balcão de armarinho, por fim uma escola com professorinha que ensinava pelo primeiro livro… Tudo isso levou tempo, demora, e quando a professorinha traçou o primeiro risco de giz na lousa, o mais novo dos cinco já era um homem com seus vinte e tantos anos, quase trinta bem contados.

Com tudo, porém, os cinco companheiros inda mantinham por costume se reunir em certas ocasiões, só eles, os mesmos de outros tempos: e nesses momentos recompunha-se a quadrilha — que se fechava pros outros, que se perdia nos mesmos matagais da infância.

Deu-se que um ano não choveu no Retiro, nem nas redondezas, nem em Corgo Seco. A bem dizer, naquele janeiro inté que choveu bem, mas as águas foram escasseando pros meados de fevereiro, em março não se viu senão uma garoazinha rala no começo, e daí por diante — abril, maio… — o céu calculou um azul interminável, sem nuvem anunciativa, alongando-se ano afora. Finalizou agosto com um calor abafado e só um ventinho fraco remexendo o arvoredo, porém como o ribeirão inda corresse com vigor esses meses de seca não chegaram a incomodar por demais. Finalizou novembro com sinhozinho Dodó espiando o céu — azul sem fim, raro branquejar de nuvem — da varanda de casa, auspiciando chuvarada boa no mês entrante, o mais tardar lá pela terceira semana, e chegou mesmo a comentar no curral que sentira uma viração fria na tarde anterior, "cheiro d'água" ele disse, "conheço o tempo, é assim que começa".

Mas dezembro passou em branco e janeiro já ia pelo meio quando o Demastor foi ver sinhozinho Dodó na cozinha. Tirou o chapéu e pediu licença. Dos últimos tempos para cá o Demastor administrava a plantação, e naquele ano a colheita havia sido prejudicada pela seca, inda que a safra não se tivesse perdido por completo mode o expediente de molhação que principiou cedo, logo que ele percebeu tardança em São Pedro. Sinhozinho Dodó requereu de sinhá Jacira um café com rosca, e puxou um tamborete para o outro. A conversa foi rara, que o Demastor tinha ido lá mais para desencargo de consciência, carecia dar uma satisfação ao patrão, mostrar interesse, noticiar o que se passava no roçado, conquanto sinhozinho Dodó por lá comparecesse dia sim dia não. "A coisa parece que não vai…" principiou o Demastor, despois enfiou, ficou tomando o café muito aquentado devagarinho, o olho varado para adiante, no

assombro. Sinhozinho Dodó se levantou da mesa, "pega uma rosquinha, Demastor", e chegou inté a porta. O céu persistia naquele azul de meter medo. "Finalizando janeiro" disse, "pode ser… é tempo das águas…" O Demastor imaginou uma pergunta — "E se não chover?" — mas preferiu não fazer carga, a situação já por demais sombria. "É…" disse concordativo, enquanto estrondava uma rosca, tinha de se mostrar esperançoso mode o patrão não fazer má cara, sinhozinho Dodó era um homem bom, não merecia passar por dificuldade, "lá pro final do mês, entrando fevereiro, deve de…" Sinhozinho voltou para dentro, "é certo" a voz firme, "já vi piores" garantiu, "uma vez, lá em casa…" começou um relato, mas não terminou. Não que não fosse verdade o que ia dizer, é que de nada servia consolar a fome com prato vazio (inda que pra rigor de exatidão o que sinhozinho Dodó tinha conhecido como seca fora noutro tempos uns meses de estio entremeados de lubrina que se não molhava a terra, também não deixava o ar tão seco, e inté as plantas agradeciam com cores novas). O Demastor, quando saiu da cozinha do Retiro naquela tarde, ia com uma falsa esperança, um alívio só temporário, um mau pressentimento.

Cumprindo ano e meio de seca o capim já não brotava, entrando o segundo ano a água do ribeirão baixara pra menos da metade, o gado já se ressentia, e mais ano e meio transcorrido o estado era de calamidade. Plantação não saía mais, o gado chegando ao bebedouro mugia comprido, magoado, esfregando o focinho na lama, o ribeirão agora um fiapo de umidade correndo lá no fundo; a pastaria tinha virado morro nu, desprovido de soqueira de capim, e a mata virgem um entrelaçamento de galhos e troncos ressequidos adonde o vento esbraseante assobiava no passar.

Na iminência da ruína, sinhozinho Dodó chamou os meeiros e colonos, reuniu a turma no terreiro grande em frente da varanda, não teve palavras, não carecia: tinha os olhos vermelhos, era o bastante, e o povo compreendeu — de cabeça baixa ninguém sabia o que dizer. Lágrima de lá, soluço de cá, chapéu esmagaçado na mão, cada qual se retirou, fugiu mode carpir longe da vista uns dos outros, choro de caboclo é assim mesmo, quieto, sossegado, doído em sua decência.

Para evitar prejuízo total sinhozinho Dodó tratou de vender os animais todos, fosse de cria ou de corte, por menos da terça do valor, que para menos da terça tinha caído com a magreza de furar o couro (o Lourenço e o Zaquia, esbarrondados, presenciaram a venda; o Quirino, mais de longe, no curral, assistiu a tudo, sentado na tábua da cerca, pitando breve, quieto, a corda companheira do lado, murcha — cadê chifre que laçar agora? O Tõizim chegou mais despois, o gado já indo embora ao toque choroso do berrante, mas o Demastor nem lá não foi: agachado no morro, espiava a terra convertida em pedra encosta abaixo. De que jeito cavucar ali, jogar semente no chão pra quê?). Foi então que muitas famílias que se haviam firmado no Retiro principiaram a fuga atrás de uma rota para melhores paragens.

Também Corgo Seco naqueles quase quatro anos tinha voltado ao que era no começo, se é que não sofreu piora: a escola, fechada; a maioria das casas vazias, e seô Deodato espevitando idéia de largar tudo de mão e por sua vez caçar outro rumo. No que ia, no que não ia, foi ficando por mais três meses, despois por mais três, sempre na esperança de ver tudo aquilo abençoado de novo. "Se não chover" dizia de si para si mesmo, espiando o céu, "isto aqui morre, acaba de vez".

Por ali aparecia um que outro freguês, moeda encardida em cima do balcão, solicitava um dose da 'margosa, fungava o cheiro, virava de um gole só. Despois sentado, espichado o pé pra frente, os olhos fechados, serenava, cochilo demoroso no abafamento da tarde, da noite, só o chiar da cigarra rompendo o silêncio, o pio de um pássaro tristonho: desafio à vida ou à morte, só Deus sabia.

Numa noite, estando já seô Deodato para fechar, por lá compareceram os cinco companheiros, decerto devido a encontro marcado: um a um foram chegando, sentando em volta de uma mesa. Os primeiros foram o Zaquia e o Lourenço, solicitaram uma garrafa e seô Deodato apresentou uma já pelo meio. Em seguida apareceram o Quirino, o Demastor, por último o Tõizim preto, esbranquiçado de ruço, de terra, poeira entranhada na pele sem banho, desbotada. A quadrilha dos cinco meninos outra vez reunida naqueles tempos de fome, e era de noite, cada qual com um copo à sua frente. Seô Deodato adiantou outra garrafa, "a despedida, seus moços" ele disse, "amanhã estou capinando fora daqui".

— Seô Deodato também caiu no desânimo — murmurou o Tõizim.

— A terr'stá morrendo, seus moços, jeito não vejo…

Os cinco em roda da mesa ficaram calados, espiando os copos num mexer vagaroso de cabeça, mexer de quem pensa, meditação prolongada.

— Qual! — o Zaquia quis botar dúvida, incerteza na certeza que cada um já carregava nos guardados do peito. — Terra num morre, vai indo, vai indo e um dia floresce outra vez, dá seu fruto…

O Quirino virou o copo, despois revirando-o na mão encarava para fora, para o escuro, donde provinha o barulho dos animais, os cavalos amarrados em frente à venda, que se mexiam.

— Pode acontecer — disse o Demastor, que desde menino conhecia a terra —, pode inté acontecer… mas…

A conversa decerto não tinha prosseguimento: secara com a seca, carecia palavra… era de se saber o que conversar numa situação assim, pois se um falava era de morte, se o outro respondia não sabia de que vida falar — pois que vida restara ali com tudo dum jeito que parecia não ter escapula?

Lá do balcão, acendendo outra vela, seô Deodato:

— É por isso, seus moços, é por isso… é pelo caso de não haver amanhã… não se pode futurar mais aqui… já se sabe…

— Será que não chove mais? — perguntou o Tõizim.

Ninguém respondeu, nenhum queria ser aquele a acrescentar duvidação.

Foi seô Deodato quem disse, repetiu:

— Assim, que eu arresolvi, vinha perrengando esse tempo… mas tomei decisão: vou m'embora.

— Vai restar morador em Corgo Seco? — quis saber o Lourenço, pergunta de mau agouro, desagradava ter de responder, seô Deodato baixou os olhos tristonhos, deu de ombros. — Ninguém? — tornou o Lourenço.

— Siá Totonha — disse o vendeiro —, que'stá muito coroca, sem força pra sair… se escora por aí no velho, nhô Esmeraldino… os dois sozinhos… mais uns, poucos…

— Mas é capaz que morrem de fome se todo mundo for embora — alvitrou o Zaquia.

— Pode ser — disse seô Deodato —, mas o couro está curtido… o couro deles… o estômago desacostumado de um de comer mais regular, no de todo dia… se morrerem é de velhice… de fome, não sei não…

— Mais ninguém? — o Tõizim insistiu.

— Uns, alguns — e a voz do vendeiro se fechou com a escuridão. A vela em riba do balcão esfuracado de cupim nem alumiar direito alumiava, o homem tinha a parecença dum fantasma, alma penada no sofrimento.

Em volta da mesa, os cinco também se fechavam. Bebiam aos golinhos, esvaziando a garrafa gradativos, sem murmuração.

Foi o Quirino, despois de um silêncio comprido, quem falou — e falou pela primeira vez desde que chegara:

— Vou embora também — e fez uma pausa —, esta noite. Saindo daqui, ganho o mundo.

Seô Deodato não estranhou. Estranharia se algum deles insistisse em permanecer. O Quirino falou, e dizendo o que tencionava os outros também arriaram: cada qual partia, deixando a terra onde haviam crescido e apanhado barba traçava rota diferente mode achar recurso com que construir a vida, afinal um pretendia talvez casar, um outro comprar terreno, ser dono do que é seu, todos querem alguma coisa — mas naquele lugar amaldiçoado quem podia ter esperança?

Nenhum deles, porém, trazia sorriso, senão que um nó vinha apertando os gorgomilos de dentro pra fora, cortando a fala: deixar a terra que se aprendeu a querer bem é obra doída, requer força e decisão.

Seô Deodato percebeu o que estava acontecendo, sentou-se lá atrás, não fosse parecer que se intrometia: ele não era dali, chegara mascate cansado de mascatear fazia de vinte anos pra mais e ficou, foi ficando, e mesmo assim não era fácil. Pros outros então!…

Agora em cima da mesa cinco mãos se sobrepunham, em atitude de juramento, solene.

— Cada qual pro seu lado? — perguntou o Zaquia.

— E não há de ser? — respondeu o Demastor.

— Cada um tem uma vida pra levar — o Lourenço confirmou.

— Não tem o que ver — tornou o Zaquia.

— Ora, pois… — e o Tõizim suspendeu por um momento. Despois completou: — Eu me vou mas é amansar animal cá do meu jeito, continuar minha lida, bicho é coisa que me agrada.

Por fim foi a vez do Quirino, cabeça arriada, o chapéu tombado na testa. Empinou o queixo com vagar, espiando lá daquele jeito que ele tinha de vigiar assim de baixo pra cima quando falava.

— Cada um tem seu destino — disse —, cada qual uma sina a cumprir.

— Mas nós cinco — gaguejou o Tõizim —, não carece de se separar pra sempre, nossa companheiragem permanece…

— Então! — e o Demastor acendeu um cigarro.

— Vamos combinar uma coisa — principiou o Zaquia, e os outros o encararam, interrogativos. — Daqui a dez anos, nesse mesmo dia de hoje… apois, que dia é hoje?

— Eu não sei — disse o Tõizim —, não ponho atenção nessas coisas…

Zaquia olhou para os outros. Ninguém sabia.

— Seô Deodato — gritou então lá para o fundo do armazém —, que dia é hoje na folhinha?

Sem se levantar, o outro respondeu:

— Outubro, seus moços, vinte e nove.[6] O fim do ano não tarda.

Zaquia voltou a encarar os companheiros:

— Escutaram? Outubro, vinte e nove… daqui a dez anos, por essa época assim, adonde a gente estiver… — e espiou com vagar cada um dos companheiros.

— Que é que tem? — perguntou o Lourenço.

— Adonde a gente estiver, cada qual vai largar por uns tempos o que esteja fazendo e vir pra cá, chegar neste mesmo dia, e nesta hora, mode se arreunir de novo, seja pra permanecer na terra ou pra se retirar outra vez, não tem importância, em todo caso pra cada um referir o que viveu nesse decorrer…

— Daqui a dez anos — disse o Lourenço devagar, palavra por palavra — nós vamos… voltar…? e nos encontrar aqui, nesta mesma data?

— É o combinado que proponho — tornou o Zaquia —, isso pra encarecer nossa companheiragem, que é dos tempos de menino.

— Carece escrevinhar num papel — alvitrou o Demastor —, pode se dar o caso de um se esquecer…

— Mas nenhum aqui sabe escrever — disse o Lourenço.

— Seô Deodato escreve — lembrou o Quirino —, e fornece um papelzinho a cada um.

— Mas e se algum de nós, nesse entremeio, vier a faltar? — lembrou o Tõizim. — Porque, Deus nos livre e guarde, pode acontecer…

---

[6] Corria o ano de 1889 quando os cinco companheiros combinam reencontrar-se novamente dez anos depois.

— Bem… nesse caso, já se sabe… no caso de algum falecer… está claro que o combinado é para os vivos… Mas, antão?… Vosmecês, o que é que me arrespondem?

Todos se entreolharam no assombro do juramento a que se prestavam — inté o próprio Zaquia se fazendo surpreso, que aquela idéia lhe escapulira do bestunto sem que ele desse pela coisa, que de si mesmo, de caso pensado nunca que teria uma idéia assim, dava-se não ser pessoa de provável engenho. Foi então que cada qual estendeu a mão sobre a mesa. O último foi o Quirino, que no normal lá dele pouco falava:

— É o ajustado — disse, a voz serena —, pra mim é o que basta.

E assim ficou combinado entre os cinco companheiros: a partir daquela noite cada um tomaria seu rumo, mas passados dez anos — carecia escrevinhar a data, vinte e nove de outubro, num pedaço de papel e andar com ele nos guardados mode não esquecer — deveriam voltar ali, no mesmo dia e na mesma hora, para se encontrarem e beberem todos juntos outra vez. Podia ser que na volta o lugar já tivesse arribado de novo, que os pastos do Retiro estivessem verdes, que a chuva abençoasse outra vez a terra. Era inté capaz que no lugar da venda de seô Deodato avultasse um armazém grande de secos e molhados e que Corgo Seco se tivesse convertido num arraial com um ror casas, crescendo cada vez mais e gente enxameando pra todas as direções. Mas podia ser também que tudo restasse na mesma, que o povoado não mais existisse e o mato tivesse tomado conta das ruas. Não importava: na data aprazada os cinco estariam ali — de qualquer jeito.

A fala decisiva calhava ser a do Quirino, "é o ajustado, pra mim é o que basta" e todos se levantaram, se despediram de seô Deodato e, em lombo de alimária, cada qual pro seu rumo, ganharam a noite.

✶

Lourenço não tinha por costume viajar — decerto os outros quatro também viam nisso uma novidade, pois nunca se haviam arredado do Retiro: o que conheciam era Corgo Seco e, no mais, o vilarejo por nome de Lajinha, recém-formado, de terem ido lá uma vez ou duas. Deles, Lourenço era quem mais estranhava, não estranhação de desassossego que provocasse desgosto, pois não podia dizer que lhe desagradasse ir avistando terra nova, vistas diferentes a se descortinarem no andar do cavalinho Branco, de trote jeitoso, que abria caminho para sua vida.

Tinha dez anos por diante inté o prazo de voltar. Esse tempo e essa largueza, que aumentava ainda mais no contorno duma curva ou no cavalgar trilho afora a altura dum morro, traziam para ele um desconhecido vento de liberdade: não que alguma vez se sentisse tolhido em sua terra, nas suas ocupações lá pelo Retiro, vida boa que nem aquela não haveria outra. Mas é que a novidade tinha um gosto diferente, e Lourenço começava a apreciá-la — tanto que,

quando a saudade dos velhos campos de sua meninice apertasse, era só montar a cavalo e seguir para mais longe, espiar o horizonte e dizer consigo mesmo: "É pra lá que eu vou, tenho anos pela frente inté a hora de cumprir o combinado".

Mas saudade é coisa que nem sempre bate, e esse aperto no peito que ele sentia — Lourenço matutava, falando em voz baixa e dando tapinhas no lombo do animal como se ele pudesse entender — os outros também sentiriam adonde estivessem, o que era um consolo e servia, mesmo distantes uns dos outros, para mantê-los mais perto.

Mode angariar um de comer e um pernoite, parava aqui num sítio, mais adiante numa fazendola, capinava um morro, curava uma bicheira, sempre labutando por paga insuficiente — em todo lugar assistia os efeitos da seca, que parecia geral. E quando certa madrugada se levantava, arriava o cavalo e seguia adiante deixando atrás de si a terra nua e a gente com pouca esperança, sentia um aliviamento por dentro que vinha feito uma onda fria, um refresco inté na alma: o chão se abria à sua frente feito porta larga, que era só atravessar e sair pr'esse terreirão vasto que sua vistas abarcavam.

Lourenço talvez não se sentisse só, cavalgava, ia pensando, ia descobrindo o mundo pouco a pouco — que é assim que sói acontecer: só se descobre o mundo mesmo é pouco a pouco, que do contrário o entendimento é capaz de se embaralhar de tal maneira que um cristão perde o juízo.

Deu-se assim que Lourenço foi conhecendo o mundo sem pressa. De parada em parada, transcorreram meses no lombo do Branco, o cavalinho de bom trote que restara da ruína. Mas cavalgou sertão afora e não deu com cidade, vilarejo nem arruamento, pelas trilhas esbarrando com uma casinha aqui e acolá conforme o sobredito, penando na miséria da seca, mas despois que deixou para trás a terra castigada pelo sol conheceu o verde de outros campos, viu chuva que não via há anos, as nuvens formando inchaço dágua no céu e prometendo temporal para breve. Foi num cair de noite que sentiu despois de muito tempo o cheiro da água sobrevindo, "essa não tarda" remurmurou consigo mesmo, e catucou o cavalinho Branco, que avançasse mais lesto mode encontrar pousada pois se bem que sentisse saudade da água fria que vem de Deus, no ser de noite produzia medo por causa do caminho, trilho sem largueza, perigando cair morro abaixo, precipício arriscoso, e invocou a Virgem num rogo de última hora tirando o chapéu pois não era de fé pronunciar coberto o nome da Santa, desconsideração que beirava o desrespeito, pois nisso o Lourenço fora bem iniciado, ou pelo exemplo de casa — falecida mãe muito devota —, ou mesmo do Retiro, sinhá Jacira tendo por costume rezar o terço no cair da tarde e ele menino bem lembrando os comentários de fundo de cozinha, recomendação de silêncio à molecada zoeira no que batia as seis horas "pois a sinhá está no oratório". Lourenço espiou para o alto ao falar com a mãe de Deus e no que acabava de escurecer principiando de seguida a pingalhada avistou um clarão de janela no recurvo de uma grota. Já encharcado, apeou no terreiro e bateu palmas, atendido por um moleque que ficou olhando pra ele abobado, lerdo de

entendimento, pois não percebia de que jeito um estranho podia estar parado ali, e querendo o quê?

— O senhor vosso pai, menino, ou a senhora vossa mãe…

Lá de dentro veio, junto com um cheiro de franguinho frito, a voz do homem:

— Quem é, moleque?

E um lampião entrou na sala, veio saber:

— O que há?

— Venho pedir pouso, seu moço — disse o Lourenço —, pela Virgem, que não posso prosseguir debaixo desse toró, mormente por causa de não conhecer o caminho.

— Se arrede moleque — disse o homem, e depositou o lampião em cima de uma cômoda velha. — O moç'stá de viagem? Pois adentre, que prum cristão sempre tem pouso em casa de pobre, é só não botar reparo.

— Só careço de um canto mod'esconder da chuva, benza Deus, que há muito desconheço o que seja essa benção, mas que é de meter medo a estas horas.

— Venha pra cozinha aquentar fogo. A jant'stá saindo, logo se fornece o estâm'go. A vossa graça qual é?

Na cozinha o Lourenço viu uma mulher mexendo uma panela em riba dum fogãozinho de lenha de boca miúda e trempe reduzida, uma lamparina pretejando a parede de pau-a-pique e uma mocinha numa cadeira descanhotada que segurava menino de colo. O garoto abobado encolheu-se num canto e ficou espiando o recém-chegado, a boca aberta de espanto como se fosse uma inovação nunca presumida.

Apresentaram-se: a mulher, nhá Noca, limpou a mão no avental; menino abobado era Januário, "tem esse jeito vagaroso" explicou o pai, "mas é obediente, trabalha na roça mode ajudar"; a moça tinha dezesseis anos e por nome Licinha, "filha do coração, seu moço, prendada, já costura bem com linha e agulha e aprendeu de nhá Lolota uns pontos de bordado "; o menorzinho ainda não tinha sido batizado, "que nesses recantos é difícil inté de se dar um anjinho a conhecimento de Deus, quem por tudo obra e não repreende pois sabe nossa *dificulidade*". O chefe da família atendia pelo prosônimo de Jumiro. Lourenço esclareceu o próprio nome e por alto donde vinha.

— Mas agora ponho reparo numa coisa que vosmecê disse — comentou o homem —, que há muito tempo não via chuva. Deu-se então que vem de algum lugar assolado?

E o Lourenço explicou, "já vai pra três meses que campeio por esse sertão, e se deparei com três ou quatro casas, adonde fiz pouso mode botar um de comer na boca em troca de lida, foi muito. De onde venho, não cai gota dágua beirando uns quatro anos, secou tudo, secou inté o gosto de viver, todo mundo arribou, fugiu, cada qual pro seu lado"; o dono da casa ficou pensativo: sim, noutros tempos tinha conhecido estio, mas de quatro anos nunca vira por ali. "Coi-

sa triste, de muito penar" Lourenço finalizou, baixando os olhos pro chão — no recanto, o garoto abobado seguia sua história com a boca aberta.

— Arraial inda é longe, seô Jumiro?

Nhá Noca botou um prato defronte o Lourenço, colher de alumínio, e o dono da casa perguntou se ao outro não agradava uma dose duma curtida na carqueja, "que é favorável ao estâm'go". O peão respondeu apreciar e o dono da casa se levantou, indo apanhar a garrafa no armário. Voltou com uma canequinha de ágate.

— O moço pode se servir.

Nhá Noca arrumou um pratinho pro garoto abobado que continuava em seu canto, quase no escuro, e cruzava as pernas mode jantar bem acomodado. Despois serviu o esposo e segurou o menino de colo: comia por último, "cheiro de comida me enjoa" explicou, "enche, mais tarde tiro um pouquinho", e a menina Licinha botou seu prato. De esguelha espiava com agrado o moço que aquela noite vinha requerer pousada.

Então o dono da casa lembrou a pergunta do outro, acudiu:

— Arraial, seu Lourenço, vosmecê perguntou… Taquara… mais ou menos, esticada de quas'que dia inteiro por diante, saindo cedo…

— Alguma fazenda por perto? — quis saber ainda o Lourenço.

— Fazenda nenhuma… quase ninguém nessas grotas… Mas por esses dias a gente vai pros lados da Taquara… carece, conforme lh'instruí, batizar o menino… e corre que ano retrasado apareceu por lá uma santinha…

O Lourenço suspendeu as vistas, encarou o dono da casa: santinha? Nunca que tinha escutado falar disso. Pois sucedia haver uma santa naqueles recantos?

— O povo fala… um que outro passa por aqui, às vezes… comenta…

— Dizem que é uma menina nova, foi agraciada com o dom, deu de futurar as coisas — nhá Noca embalando o menino de colo —, fala do que vai acontecer…

— Mas não será imaginação do povo? — arriscou duvidar o Lourenço.

— Quem sabe! — disse o dono da casa. — A gente vai inté lá, carece de ver… e como tem o menino pra batizar…

— Tem gente que já recebeu graça, dizem — a menina Licinha, no dar essa informação, aproveitou para espiar de frente o visitante. — E mãe quer pedir pr'ela rezar uma dor nas costas, né mãe? — Lourenço apanhou o olhar com respeito, não firmou vista, baixou os olhos para o prato com receio de parecer atrevimento espiar demorado pr'a filha dos outros, sustentar conversa mais ela.

— A senhora está passando algum incômodo? — perguntou mode desviar a atenção de cima da moça.

— De uns tempos pra cá… uma dor nas cadeiras, no que faço pra abaixar… deve de ser reumatismo… o moço não bota fé em benzedura?

— Pode ser… dessas coisas não se deve duvidar muito… inda que eu, cá comigo… só vendo…

— O moço querendo permanecer — o dono da casa, acabando de jantar, despachava o prato —, daqui uns dois ou três dias a gente marcha pra lá. O cavalo, eu mando o moleque soltar no pastinho aqui atrás de casa…

— Agradecido, seô Jumiro — respondeu o Lourenço —, aceito o oferecimento, jornadear sozinho tem hora que enjoa, não sabe?, a gente acaba tendo de conversar ou consigo mesmo ou com a alimária…

— Jinuaro, apanhe o animal do moço — o pai falou, e o garoto abobado deu um pulo —, leva o farol, por perigo de cobra.

E o garoto saiu num improviso.

— Eu aprecio muito conversar — disse Licinha de frente pro Lourenço, que levantou os olhos na encabulação do momento. A menina era espevitada, se bem que ele se sentia satisfeito com a atenção dela, e achava graça no rostinho miúdo, amorenado pelo sol.

— A menina tem boa prosa — disse, e não achou mais que comentar.

Naquela noite Lourenço dormiu recolhido, a moça parecia levada, coisa de deixar um cristão sem sossego, mas nisso ele tinha juízo: bulir com filha dos outros não era do seu feitio, quanto mais dentro de casa, adonde era recebido como da família.

No dia seguinte esteve longe da casa, longe da moça, no mato, ajudando a seô Jumiro em serviço de roça. Garoto abobado foi levar o almoço dos dois: a comida num prato de ágate com outro prato emborcado em riba, uma toalha amarrando os dois com firmeza, nó apertado mode não escapulir, num embornal a garrafinha de café. Já fechava a tarde quando os dois pararam, Licinha no terreiro esperando, toda nos trinques, tinha inté botado água de cheiro e vestido de cor vistosa, de atrair a atenção do visitante.

Não carecia desconsiderar, Lourenço palestrou um tiquinho com a moça, que riu para ele um riso alegre.

— A menina Licinha como passou o dia?

— E como havera de passar, moço? — disse ela, no que se viu só de prosa com a visita. O pai fora inté a cozinha, requeria água prum banho, se refrescar.

— Um dia nunca tem muita diferença do outro — ela disse, dando um passo —, não havendo doença…

Lourenço se embaraçou. Licinha costumava falar sempre assim com os outros, chegando muito perto? E sentiu o cheiro que vinha de seu corpo, do arredondado de seus peitos fazendo volume por debaixo do vestido, da roda de sua cintura, moça levada faz de tudo mode enredar um homem.

Agora Licinha virava-lhe as costas, dava um passo adiante, e vinha o vento mexer nos cabelos dela — que bonitos!

— Eu quero mas é ir-me embora daqui — ela disse —, conhecer cidade…

— Mas a moça já deve de ter ido na Taquara…

— Taquara será cidade? — retrucou a moça. — O moço conhece?

— Não calhou ainda…

— Taquara é só um recanto… eu quero é ir pra longe, ver o mundo… quero ir com alguém, um que me queira levar…

— Mas abandonava sua gente?

E Licinha se virou para ele:

— Abandonava tudo — disse —, um dia vinha mode levar eles também… mas primeiro ia eu, conhecer, ver como é…

Então apareceu o garoto abobado no oitão da casa chamando pelo peão:

— Pai manda avisar que a água já 'stá morna, se o senhor quiser se lavar.

E o Lourenço, no confundimento em que ficara sua cabeça, seguiu o menino. Por cima do mundo o céu vermelhava, Licinha fechava os olhos virando o rosto para o alto, abrindo os braços. Queria voar.

(Voava?)

No outro dia p'lo mal clarear da manhã seô Jumiro punha a família de pé, o povo no caminho, tinham o dia quase todo de caminhada inté Taquara.

Nhá Noca conduzia o menino de colo; Lourenço, tendo oferecido o animal mode ela seguir mais descansada, ia adiante com seô Jumiro, que puxava o cavalo pela rédea. Garoto abobado seguia no encalço; de tempos em tempos ficando para trás, corria ligeiro mode alcançar os outros.

Licinha seguia recuada proseando mais o Lourenço. Falava quase que só, tinha conversa demais, sobre tudo, referia causos, coisas de terreiro e de dentro de casa, acontecimentos domésticos. Lourenço ia escutando, matutando nas intenções da moça: queria porque queria enfrentar estrada, conhecer o mundo. Era capaz de ir mais ele, se dissesse "vem" ela iria, mas ele podia fazer isso?

Se ainda fosse o caso de ficar e casar mais ela, bem. Mas assuntava duas coisas: primeiro, ele tinha saído pra ir-se embora. Os outros? Se iam, e para onde iam, não era com ele: o trato era voltar a Corgo Seco dentro de dez anos, se vivo fosse, mode o reencontro em data estipulada, e o trato ele iria cumprir; mas por enquanto queria varar lonjura, ir por aí afora inté não acabar mais; já beirava quatro meses de vagueação, porém ainda lhe parecia pouco: seguiria adiante, sempre adiante. Segundo: se casasse, Licinha não ia querer ficar, fazia já tenção de partir e para isso queria alguém que a levasse. E ele podia seguir caminho carregando mulher? Mesmo nos conformes da lei de Deus, com o consentimento de pai e mãe e a benção do vigário, era causo de muita complicação e coisa com que ele, cabra de cabeça assentada, não podia concordar. Mas, lá por dentro, o coração por acaso não requeria a moça, não chegava a suspirar pela presença dela? Outras moças tinha visto na vida mas por nenhuma chegou a pegar estimação, essa estimação que no breve daquelas duas noites e dos poucos momentos de prosa principiara a sentir por Licinha. E agora, entre o acerto do juízo e o reclamo do peito, que direção dar pros seus passos na encruzilhada imprevista?

Situação muito séria, coisa pra se matutar alongado. Ia escutando a moça com suas histórias e pensando. Inté Taquara restava muito chão — e uma decisão a tomar.

No avançar da jornada foram encontrando mais uns, alguns, que também marchavam no caminho do arraial: uma família formada por pai, mãe, uma avó velha de pito na boca em riba duma carroça, um moleque sequelo e amarelento de barriga inchada e um cachorro estuporado. O pai e a mãe, que iam na sola, arrastaram uns bons-dias do fundo da garganta quando seô Jumiro se chegou para perto. Informavam que a avó padecia dum inchaço nas pernas, adonde que procediam pr'a Taquara mode a santinha rezar, e nhá Noca também reclamou de sua dor nas cadeiras.

— Mas será verdade que a santinha procede cura? — arrematou nhá Noca, a fim de conhecer a opinião dos outros.

— Diz que… — a outra mulher principiou, mas calou-se. Ouvira falar, mas quem era a tal santinha, e de que maneira começara a enxergar o futuro e curar moléstia, isso não era de seu saber.

A avó permanecia, do pito escapulindo uma fumacinha de quando em vez. Então se escutou um barulho: a velha raspava a garganta num estrondo, catarreira grossa que ela punha pra fora num tiro, cuspidura de voar longe. O moleque sequelo, dedo atochado no nariz, espiou a avó, a boca aberta não de susto ou de surpresa, mas na inércia de sua leseira. O cachorro estuporado enroscou-se mais num saco de estopa, dorminhou.

— Nhá Noca, o moço lá atrás mais a menina Licinha calha ser namorado dela? — quis saber a mãe, que atendia por Linôra e andava ao lado do cavalo.

— Inda não, nhá Linôra — respondeu na dúvida —, o moço pediu pouso lá em casa anteontem, na hora da chuva. Pernoitou, ficou inté hoje mode não seguir sozinho pra Taquara. Fez camaradagem mais Licinha…

— Ah… — disse a outra, e depois, passado um instantinho: — É botar tento, nhá Noca, a mocidade carece juízo, e rapaz de fora, sem pouso certo pode abusar…

— Jumiro já reparou, nhá Linôra, inté já cochichou cá alguma coisa. Mas deixa os dois conversar, o moço parece respeitador, e às vezes inté se agrada mesmo de Licinha, que já chegou na idade…

O pai, um Lipurdino pardo, encareceu:

— Bote o menino na carroça, seô Jumiro, mode descansar as pernas. Vai lá mais o meu, de companhia, criança com criança.

Seô Jumiro agarrou o filho e tiçou pra riba da carroça. O garoto abobado sentou ao lado do outro, quietos seguiram, sem fala nem brincadeira, e a avó cuspiu de novo.

O dia avançava no chiado das rodas.

Inté ali o céu permanecera recoberto, nuvioso, mas de repente arreganhou um sol tremendo, esquentou, o cansaço obrigou o grupo a parar embaixo de uma árvore grande mode desfrutar a sombra. Adiante corria um riacho. Nhá Linôra catou duas ou três canequinhas de alumínio na carroça, "que não carece beber na mão" disse, e uns foram na direção do riacho, outros permaneceram embaixo da árvore.

No que já descansavam ali havia uns vinte minutos veio vindo por outro caminho nova caravana, que se achegou também para debaixo da copa. Um grupo duns oito em duas carroças: três meninas feiosas de pé no chão e unhas quebradas, a mais velha com treze ou catorze anos, as outras duas beirando onze; raquíticas, encardidas de poeira, olham os outros com uma curiosidade atoleimada e cochicham entre si soltando risinhos curtos e abafados, mas logo se aquietam e continuam a espiar; uma dona gorda, preta, de papo e pernas arqueadas pra fora, na cabeça um pano vermelho enrolado mode não sofrer tanto com a solina e por último um velho de chapéu de palha com as calças molhadas, "urinou-se todo" esclareceu alguém do grupo, "não consegue mais segurar… carece de ver a santinha de Taquara, rogar por uma graça"; além destes, um homem mais pra moço que pra velho, de nariz bem fornido, meia dúzia de dentes furados na parte da frente; uma com a parecença de ser a mulher dele, também de pano na cabeça e a barriga cheia, inchadona, a cara meio murcha pela canseira da jornada, mancava um pouco devido a uma topada que levara meia hora atrás, ao descer da carroça mode se aliviar atrás duma moita; desgraçara a unha, o dedo maior enrolado num trapo minava sangue; e por fim um garoto de nove anos, corcunda, cego duma vista, feio.

O grupo se abrigou embaixo da árvore grande, a sombra supria a todos, benção de Nossinhô J'sus Cristo. Uns ficaram por ali, outros foram buscar água no riacho, despois os que ficaram foram e os que foram voltaram. Permaneceram na sombra, todos, de conversa durante o descanso.

De repente o sol amainou de novo: o céu se recobria e no mais longe umas nuvens prometiam chuva pra mais tarde. Era hora de aproveitar e seguir caminho. Feito oferecimento, cada qual se empoleirou numa carroça, que não prosseguissem a pé pois havia condução para todos, e seô Jumiro, enquanto ia conversando mais o Lipurdino e a dona preta, que atendia polo nome de nhá Joaquina, espiava de rabo de olho a filha Licinha noutra carroça, estabelecida ao lado de Lourenço. Será que ali tinha coisa?

A dona preta, nhá Joaquina, relatava um episódio antigo, outro caso de santidade de que sabia notícia, dera-se quando criança, "Vó dizia que esse era um menino", coisa muito de fazer um cristão parafusar sobre os mistérios do céu: um dia apareceu um velho doente pr'aqueles lados (que lados? Não esclareceu), doença ruim, o corpo tapado dum cascão escuro por cujas rachaduras minava uma água catingosa, tanto que ninguém tinha coragem nem de chegar perto pra banhar ou botar pomada, e o infeliz foi levado pra morrer à míngua numa cabana no meio do mato, longe do arraial. No começo ninguém prestou atenção, só com o tempo é que deram pela coisa: havia por ali um menino muito quietinho, muito apegado com as rezas, sempre no oratório, pelo que o pai do menino inté se aborrecia, apois, será que ele não enjoava desse negócio de reza a toda hora? "Vai um dia, alguém vigiou o menino entrando na cabana do velho" nhá Joaquina contando, "foram espiar e viram ele enjoelhado junto da esteira adonde o doente minguava, as mãozinhas postas…" Em menos de um mês o

velho se levantou e apareceu no arraial: são outra vez, inda que um tanto combalido, mas o corpo limpo, nem sinal de ferida, e a catinga, ó, nem cheiro! A notícia correu, o menino é santo dizia o povo, "e devia de ser mesmo" arrematava a preta passando a mão magrela pelo papo, "Vó dizia, principiou a fazer milagre" e despois, finalizando, "pr'aqueles lados os mais antigos inda se recordam, deu-se há muito tempo". Como a voz de nhá Joaquina sobressaísse, o Lourenço também escutou a história e ficou pensando consigo mesmo que, no que se conta um fato, por mais assombroso, sempre tem alguém que conhece outro parecido. Apois, ali estava: apareceu a santinha na Taquara, mas a preta sabia de coisa similar. Talvez não fosse verdade, Lourenço pensou: nem a avó da crioula referiu similar história, nem o menino existiu e aquilo não era mais que conversa inventada mode passar o tempo, chamar atenção… "inda que dessas coisas não é bom duvidar…" o Lourenço, não sendo muito crente, também não seria de todo descrente, por isso reconsiderava…

Mas Taquara agora estava perto, e à medida que iam se aproximando outros grupos se reuniam a eles; ao adentrarem o arraial eram ao todo umas quarenta ou cinqüenta almas.

Taquara, a bem dizer, por pouco não seria um arruamento, embora maior que Corgo Seco. Tinha igreja, cartório e escola, tudo pequeno já que o povo do lugar figurava escasso. Com o surgimento da santinha, porém, começou a encher, vinha gente de longe em procissão a suplicar uma graça, escutar predição do futuro, desfazer mal-feito que inté esse poder lhe fora concedido, segundo diziam. Em menos de seis meses mais de trinta famílias se arrancharam por lá, granjearam terra mode fazer umas roças e foram ficando. Muita gente ia e vinha, enchia o lugarejo, chegou um mascate, despois mais um, logo se formou uma feirinha com dezena e meia de barracas vendendo quinquilharias, e um violeiro apareceu trazendo a moda de viola: sentado num tamborete, a cuiazinha do lado, em antes de entoar uma cantiga arranhava as cordas na afinação do instrumento e fazia por fim seu pregão em versos bem rimados:

— Minha gente estou aqui
Mode alegrar vocês,
Se minha cantiga agradar
Eu canto mais uma vez;
Se não for do seu agrado,
Não sou cabra descortês:
É só jogar uma prata
Que eu volto no fim do mês.

Taquara então fervilhava: as duas ou três bodegas abarrotadas, em loja de pano e armarinho só o entra e sai constante das donas mode ver as novidades de fora, na feirinha transitava-se em todas as direções, detendo-se em todas as barracas, coçando-se o bolso na procura de um níquel, moedinha à toa: era o

agrado de uma fita para o cabelo da menina, um botão vistoso pro cós do vestido da patroa, um pente de osso ou um pote de brilhantina com que assentar o cabelo mais a jeito. A molecada brincando fazia zoação, gritaria, e uma chusma de cachorros rondava atrás de uma cadela no cio. Na carroça do Lipurdino adonde a avó permanecia, no sossego de seu pito de fumacinha branda e com a dor das pernas inchadas, o cachorro estuporado levantou a cabeça, empinou as orelhas no susto do barulhão, mas desanimou, enroscou-se de novo e ficou esperando que lhe caísse por perto um petisco, sem coragem de se levantar.

— É de se caçar a santinha já, agora, ou não será melhor forrar o estâm'go em antes?

Quem formulou foi seô Jumiro, considerando pelo Sol que já deviam ser três horas, pois no que o grupo se dispersou restaram por ali só os da casa. Nhá Noca reclamou que necessitava pôr qualquer coisa na boca, e decerto os outros também tinham apetite. Licinha lançou um olhar buliçoso na direção de Lourenço, que nesse momento espiava a multidão sem que tivesse deixado de escutar a pergunta.

Pois foi Lourenço quem deu a palavra final:

— Se requer um de comer, seô Jumiro, por causa de que saco vazio não se sustém.

E se encaminharam para uma das bodegas, adonde avistaram umas mesinhas do lado de fora parecendo que lá forneciam almoço, no que não se enganavam — no prato feito arroz, feijão, farofa e um naco de carne, sendo que em tal ocasião não convinha o prato feito mas sim refeição de vista e volume, o bom era se servir do que quisesse e botar no prato o quanto bastasse, era um dia só, um gasto maior não aumentava a pobreza: divertimento dum mal favorecido é comer bem, pois a labuta é custosa e a canseira prolongada. E o sobredito arroz com feijão, farofa e naco de carne se concluía com um macarrão e rodelas de ovo cozido a modo de enfeite, uma salada repolhuda, pedaços de galinha e uma lingüiça untada de gordura no espeto, em tigela de farinha. No arremate, um vinho muito ordinário, servido em jarro, de que seô Jumiro e Lourenço tomaram dois ou três copos, Licinha e Nhá Noca provaram um pouco com medo de tontura, e o garoto abobado bebericou mode desaguar, pediu mais, no que seô Jumiro, mesmo atendendo o pedido do filho, prolatou sentença "criança não deve de tomar muita bebida forte". E o almoço encerrou-se no vagar da mastigação demorada, do gosto permanecido na boca, longamente.

Mas, a santinha?

No perguntar, mesmo em antes de arribar da mesa, o botequineiro adiantou informação: defronte a igreja, numa barraca de lona, os crentes faziam fila entrando um por um, conforme. A santinha só atendia entre oito e onze horas da manhã, e das duas às cinco da tarde, três vezes por semana, mode não cansar por demais a menina, novinha e mirradinha de corpo. Calhava ser aquele um

dia de atendimento, e já ia dando três horas. Se não se apressassem, era capaz que perdiam a vez.

— Padre não entica? — quis saber seô Jumiro, que conhecia caso de um padre certa vez que tinha implicado com um beato aparecido lá pras bandas do Capim-Melado. Contava-se que o beato pegou a predizer o fim do mundo, foi ajuntando povo em roda dele e escutando o que ele dizia, adespois principiou a correr que o beato fazia reza de muita virtude, e o padre achou de interferir. Causou reboliço, veio autoridade da Capital e inté o Bispo mandou determinação mode excomungar o beato, que foi trancafiado por uma semana e despois mandado embora com a advertência de sossegar com aquela conversa de fim do mundo e reza poderosa.

O botequineiro botou muita atenção no relato de seô Jumiro, e Lourenço enquanto ia escutando consigo mesmo calculava como é que seria esse tal de Capim-Melado, no dizer de sô Jumiro (que provinha de lá) distante quantos dias de jornada!

— Mas isso já faz é tempo — disse —, vim de lá rapazola, e o causo conforme soube tinha se dado bastante tempo em antes.

— Mas — o botequineiro perguntou —, o tal beato parou com as pregações?

— O povo dizia que sim, um que outro replicava no porém que ele persistia na devoção mas tinha sumido mato adentro e não aparecia, pouca gente sabia adonde era seu acoito. Pelo certo, o corrente era que o beato não calhou mais aparecer no Capim-Melado.

Mas ali, em Taquara, explicou o botequineiro, o padre não mostrou aborrecimento porque a santinha, todos sabiam, era a filha mais nova de uma irmã lá dele, do padre, que se achava em estado de graça por causa que Deus, ele dizia no sermão todo domingo, "pôs os olhos em minha casa e de dentro dela tirou uma escolhida".

— Mas como é que sucedeu tal graça? — quis saber nhá Noca, e o botequineiro declarou que a primeira predição da menina tinha se dado há coisa de uns dois anos.

— O Bento era um homem pra lá de velho e puxava duma perna mode uma mordedura de cobra há muitos anos, que ofendeu um nervo. A menina estava sentada defronte a casa, ali pra baixo, e o Bento ia passando na rua, manquitola, arrasta que arrasta. Conta quem viu que a menina, no que o Bento foi chegando perto da casa, se alevantou dum pulo e apontou o dedo pra ele, dizendo assim: "Esse homem em três dias não vai mais arrastar a perna". Daí a três dias o Bento, ó, estrebuchou…

E em roda da mesa, mal soerguidos, seô Jumiro, nhá Noca mais o de colo, Licinha, Lourenço e o garoto abobado se quedaram calados, os mais velhos de espanto e fé, Licinha e Lourenço (este por se achar entre Capim-Melado e os olhos da moça) quase que não acreditando na história do botequineiro; e o

garoto entretido com o povaréu nem escutou (se tivesse escutado, que compreensão teria daquele prodígio?).

— Daí, foi… — disse o homem, pois em poucos dias a santinha multiplicou suas predições, e conforme as coisas iam se sucedendo a gente do arraial viu que aquilo era obra ou de Deus ou do canhoto. Do canhoto não podia ser, por causa que a menina era criança ainda, dez anos por completar, inocentezinha, e sobrinha do vigário, não saía da igreja mais a mãe, sempre nas rezas e nas devoções; então era de Deus, e todo mundo se incumbiu de propalar o mais longe possível a maravilha que tinha se dado em Taquara. A primeira cura ocorreu menos de três semanas depois, um menino do Isolino com uma febre de quase cozinhar por dentro. Pois foi só a santinha botar a mão na cabeça dele: hoje está por aí, corre e brinca como se nunca tivesse tido nada.

— Então é verdade mesmo — comentou o Lourenço.

— Ora, se é! — disse o homem. — Pois o moço inda descrê, mesmo depois de ver essa gente toda?

— Vou me consultar com ela — disse o Lourenço, que requeria uma solução para sua vida: devia tomar uma decisão que a cada hora lhe parecia mais difícil.

Mas naquele dia não foi possível, que mesmo entrando logo na fila, que se alastrava rua afora, deu as cinco horas e ainda tinha era gente na frente dele e de nhá Noca, que agora se ressentia ainda mais da dor nas cadeiras. Teriam de passar ali a noite e o dia seguinte, esperar, cada qual estar um pouco mode não cansar todo mundo ao mesmo tempo, era como todos obravam, "a fila dura dias e dias" garantiam alguns, "em certas épocas um coitado permanece semana ou mais inté poder consultar c'a santinha".

E naquela noite dormiram ali Lourenço e seô Jumiro, enquanto Licinha cuidava do de colo, nhá Noca repousava as costas doloridas e o garoto abobado se arrimava ora num, ora noutro na hora do sono, pois cedo ficara de farra com a molecada — garoto abobado se punha esperto no meio de muita gente, inda que lá não perdesse aquela mania de proceder vigiando os outros com o olho comprido, boquiaberto como se fosse falar uma palavra que não saía nunca. De manhã Licinha ficou enquanto o pai um tanto dormia, e Lourenço, depois de ter comido qualquer coisa, voltou para a fila com a intenção de estar com a moça, levando pra ela fatia de bolo e caneca de café com leite. Ali permaneceram inté a hora do almoço, quando foram rendidos por seô Jumiro e nhá Noca. Almoçaram juntos no mesmo botequim, e Lourenço ficou orgulhoso de poder oferecer à moça um copo de vinho. Numa barraquinha ele comprou um broche para lhe ofertar, e espetou no vestido da moça a joiazinha de vidro, que lhe caiu muito bem, enfeite agradável, de embonecar mormente se o cabelo recebia um laço da mesma cor. Mas o rubor das faces era ao natural, não desses que se passa com esponja: carmim produzido pelo Sol, quem sabe pelo acanhamento de ver o moço de seus agrados pregar um broche em seu vestido e lhe amarrar o

cabelo com fita colorida. E os dentes alvos inté alumiaram num sorriso nem disfarçado.

O violeiro, ali perto, viu o gesto do rapaz. Dedilhou as cordas, entoou:

— Um moço quando entrega
Um presente pra donzela,
É porque forma tenção
De demorar junto dela.
E se a moça tem a face
Vermelhada que só vendo,
Não é tinta nem vergonha,
É o amor que está nascendo.

Licinha escutou a cantiga e se encabulou de vez, enquanto Lourenço cada vez mais carecia da santinha mode declarar sua sorte, pois ia se tornando mais e mais dificultoso escolher: o caminho do mundo ou o caminho de casa.

— A santinha, tem hora, fala dum jeito que um não chega a entender — calhou ouvirem alguém comentar.

— É que o destino dum homem é coisa muito séria — um outro explicou —, sabe-se lá se Deus Nossinhô quer que aquele tenha conhecimento de sua sorte agora? Por isso Ele ensina à santinha o que deve falar, assim de jeito embrulhado, que o cujo só vai perceber quando a coisa principiar.

— É um dom — disse o primeiro, os olhos sumidos no infinito, como que enxergando maravilhas.

— Deus deve de achar graça numa criança mode ela ter merecimento desse dom.

— Tomara que a santinha diga coisas para mim que eu cá possa compreender — disse o Lourenço se afastando, Licinha ao lado dele, encantada.

— Eu acho inté que sei o que ela vai dizer — Licinha arriscou, e bem que podia arriscar porque naquele caso não carecia ter o dom: com o futuro ali, em roda deles dois, era só espiar um na cara do outro. Restavam dúvidas? Logo se desfaziam, espere só pra ver…

E a tarde avançou.

Pela graça de Deus o tempo manteve-se firme por enquanto, se bem que viesse prometendo desde o dia anterior. Nhá Noca ajuizava que no dia seguinte seria atendida, ainda que a fila fosse grande — e espiando para trás reparava que mais gente havia chegado: gente carecedora, uns pela falta de um de comer dentro de casa, outros estropiados de doença, outros apenas curiosos querendo saber de alguma coisa importante no seu destino, iam-se todos esticando por ali, alongavam-se ao comprido da rua, amontoamento de passar a noite, que caiu abafadiça e trazia no bojo escuro uns trovões de longe em longe.

De madrugada, por fim, choveu: a água varreu o céu de cima para baixo, encheu as ruas, veio uma ventania que sacudiu os casebres e obrigou o povo a se

encolher, o negrume foi cruzado em todas as direções por coriscos e estrondos violentos, mas a fila se manteve — ou se escondendo em qualquer abrigo (um bico de telhado, um limiar de porta) ou ficando mesmo no tempo, que aquela água chegava inté a lavar a alma, mas se manteve. Seô Jumiro mandou nhá Noca procurar um teto, não fosse piorar a dor das cadeiras por apanhar friagem, e junto do Lourenço, agasalhando-se como podiam, permaneceram na fila.

O dia amanheceu de sol e o violeiro na outra rua fez o seu pregão em boas rimas:

— Minha gente estou de volta
Pra lhes trazer alegria.
Minha fé é a viola,
Minha prece a cantoria.
E botem a moedinha
Na cuia de todo dia.

Ensaiou uns acordes de viola, não tardando a entoar cantiga chorosa de amor perdido que respondeu em Licinha uma tristeza que ela não conseguia explicar, e reclamou, que esse violeiro bem que podia cantar coisas alegres para bem-estar de todos, mas o Lourenço óbice nenhum não supôs: moda de viola era do seu agrado qualquer que fosse, e mesmo cantiga triste alegrava seu coração.

De súbito o povaréu caiu de joelhos fazendo o pelo-sinal, e nhá Noca, mesmo com a dor das cadeiras, tombou por terra com lágrimas nos olhos (Lourenço também aconteceu de ajoelhar e tirar o chapéu, mais demorado mode observar o que sucedia, mas em tempo de não parecer desrespeitoso): em procissão, o padre à frente de um grupo de beatas, veio a santinha numas andas embrulhada num manto que a escondia por inteiro das vistas da gente. Foi conduzida inté a barraca, pois o vento, afirmavam uns, para não ofender o lugar santificado, nem sequer tinha mexido com ela durante o temporal — e logo o atendimento começou.

Começou e se arrastou o dia todo. Nhá Noca já desesperançava mais uma vez de ser atendida, preparando-se para mais duas noites de aflitiva espera, pois a fila parecia agora maior do que ela havia imaginado, sendo que na confusão da chuva bem podia ser que uns mais espertos tivessem passado à frente. Mas teve sorte, que alguns foram recebidos e despachados sem tardança, e logo chegou sua vez. Também com ela não houve demora, e ao sair garantiu que já se sentia melhor, sendo que a santinha lhe dissera que boa mesmo, por completo, ela só ia ficar daí a uma semana, que essa era a vontade do Pai lá do alto, "e só vendo" dizia nhá Noca maravilhada, "o dedinho dela apontando para cima, parecia inté que tinha uma luz por debaixo da unha". Mas despois de nhá Noca era a vez do Lourenço, e quando ele sumiu na barraca Licinha ficou espiando, esperançosa, um sorriso errando em sua boquinha delicada. Licinha sentia amor por ele, a

santinha iria unir os dois, e ela por fim partia com seu amado para longe, mode conhecer outras terras, outra gente, melhorar de vida…

Lourenço entrou na barraca, descobrindo-se e olhando em volta, e topou uma velha logo na entrada, com uma caixinha no colo.

— Quanto, sá dona? — ele perguntou, metendo a mão no bolso e tirando uns cobres escassos.

— O que o seu coração lhe disser, moço — ela murmurou em voz baixa —, inté nada se o moço estiver desprovido, que a santinha não cobra pelo dom que de graça recebeu. O recolhido na caixinha é pros pobres e pras almas…

Lourenço não contou, o que tinha na mão depositou na caixinha, e a velha lhe fez um sinal com a cabeça, indicando um vulto no fundo da barraca. Ele se aproximou devagar, se ajoelhou a um passo de distância e permaneceu de cabeça baixa. A menina que diziam santa estava sentada numa esteira e se cobria com o mesmo manto com que o povo a tinha visto vir em procissão, mas agora era possível ver-lhe o rostinho miúdo, pálido, de olhos claros e um ar de cansaço.

— O que o moço vem buscar? — a menina perguntou. — Carece de cura pra alguma dor do corpo ou deseja saber sua sorte?

— Em primeiro lugar, minha santinha — disse Lourenço sem levantar os olhos para ela —, requeiro a benção da menina, que há de me guiar pela vida qualquer que seja minha sorte. Em seguida, peço que a santinha atente pra minha situação, que estou num dilema do qual não consigo encontrar saída…

A menina fechou os olhos, estendeu a mão em direção de Lourenço e deu-lhe a bênção, murmurando umas palavras que ele não entendeu. Despois ficou em silêncio por algum tempo, silêncio cortado pela vozearia da gente que esperava fora da barraca e, nos entremeios, pelos acordes do violeiro, ao longe, na outra rua.

O Lourenço, naquele momento solene, num aquietar repentino da multidão, pôde escutar claramente a cantiga que o da viola entoava:

— (…) Uma estrela de cinco pontas,
Cada qual desconhecida,
No completar uma volta
Uma delas foi perdida. (…)

Mas logo a zoeira encheu os ares, e os acordes e as outras palavras da cantiga se perderam, se confundiram no murmurinho.

A santinha falou:

— Dá-se muitas vezes que na fala de um de fora está a palavra do Pai lá do alto, moço.

Lourenço meditou um minuto, de olhos fechados, e despois levantou o rosto devagar:

— Mas minha santinha, se a menina de Deus está se referindo à cantiga do violeiro, não consigo compreender o que tem a ver comigo e com meu dilema…

— Nem tudo, moço, pode ser explicado, que essa é a vontade do Pai do alto — ela respondeu —, mas o que o Pai me deixa ver é que o moço tem um caminho muito comprido pela frente, e vai por ele afora sempre sozinho.

Lourenço escutou essas palavras e toda dúvida desapareceu de seu coração: tinha encontrado resposta para o dilema.

— Era isso que eu queria saber, minha santinha, era isso mesmo — e, pondo-se de pé, fez o pelo-sinal e saiu da barraca.

Agora, o cair da noite vai encontrar Licinha de olhos marejados diante dele.

— Foi o que a menina santa me disse, Licinha: um caminho por demais comprido, mas eu tenho de percorrer ele sozinho.

— Então vosmecê não quer me levar mode conhecer o mundo e ser feliz?

Lourenço, parecia que um nó fechava sua goela.

— A gente não tem força contra a vontade do Pai lá de riba, Licinha… mas a menina há de encontrar um que vai levar ela pra longe, conforme é de sua tenção e desejo. Preserve o mimo que lhe dei, mode se lembrar sempre de seu amigo.

Licinha fechou longamente os olhos, e ao abri-los feito ribeirão não mais encarou a figura do moço de seu querer, ainda à sua frente: virou-lhe as costas e saiu à procura da mãe. Lourenço ficou espiando a moça que se afastava, despois apanhou o cavalinho Branco, montou e começou seu caminhar.

No largo em frente da bodega avistou primeiro nhá Joaquina papuda a se afastar p'lo meio da multidão, e mais adiante a carroça do Lipurdino, em riba da qual o cachorro estuporado que dormia, pois era como se não fizesse outra coisa aquele cachorro, estando o dono por ali, de prosa com uns homens: vai ver, pensou o Lourenço, a avó velha inda não calhou se avistar com a santa, e esperava mode obter restabelecimento do inchaço. E chamou o Lipurdino à parte, que esclareceu o causo da demora: a velha já tinha estado com a menina de Deus, mas o inchaço permanecia o mesmo, inté doer doía um tanto mais, em vista da canseira daqueles dias.

— Mas, Lipurdino — o Lourenço inquiriu —, o que foi que a santinha preceituou pr'a dona velha? —, e o outro explicou que a santa deu a benção e disse que ela inda ia padecer com aquele inchaço, que era o querer de Deus Nossinhô, mode que tal padecimento sucedia ser castigo por causa de algum mal-feito, o que o Lipurdino não tinha desenredado, "apois, seu moço, a velha, que eu tenha notícia, nunca prujudicou a ninguém" e que, por fim, eles se arretiravam por um lado muito entristecidos, mas por outro com um consolo, pois a santinha, deitando a benção no moleque sequelo, agourou coisa boa para ele, "vai ser moço de dinheiro e posses, foi o que ela disse" se bem que isso havera de demorar um tanto, o moleque ainda era miudinho, raspava só pelos dez anos.

— Alguma coisa valeu, Lipurdino — ele disse —, alguma coisa valeu.

E o Lourenço, sem conversar mais, despediu-se do outro e tocou para a saída do povoado. Aí encontrou mais gente que abicava, decerto também à procura de uma bênção ou um milagre:

— Espia, moço — disse ele a um que vinha mais adiantado —, saberá vosmecê me informar pra donde fica o lugar por nome Capim-Melado?

O tal indicou uma direção, disse que era longe, dias de jornada, não aconselhava aventurar pela estrada de noite.

— Mas é de noite mesmo que eu vou, moço — respondeu Lourenço —, a paz — acrescentou a modo de cumprimento, e tocando o cavalinho Branco avançou. Consigo levou sua saudade e, de memória, os versinhos do violeiro.

Consta que o Lourenço jornadeou dias, anos, não encontrou pouso nem sossego: tinha apanhado gosto pela vida errante, num lugar só não tardava, logo parecia pequeno para sua pessoa. Capim-Melado foi estada de pouco tempo, depois outros caminhos se estenderam à sua frente.

Esperavam por ele.

O Quirino e o Tõizim, despois de alguns anos sem saberem um do outro, tornaram a se esbarrar, conforme notícia, perto de um lugarejo por nome Serradinho, na fazenda Macambira, propriedade de um tal coronel Pantaleão Valadares, homem de muitas posses cujo divertimento era promover de dois em dois anos, p'los festejos da Santa Virgem de sua devoção, um rodeio adonde compareciam peões de todas as partes mode montar cavalo xucro e touro bravio, além de outras concorrências.

Durante uma semana, todos os dias, davam-se disputas, e mode festejar e assistir acorria não só o povo do arraial mas também gente de fora, da cidade, uma chusma de sinhazinhas bonitas que muito se compraziam em ver montaria braba varejar peão pelos ares, coisa por demais engraçada que espicaçava o riso delas a mais não poder. Procurando namoro, lá comparecia também a gente nova do lugar, os moços de povoamentos maiores e inté cidades como Águas Claras, rapaziada de boa figura que na sua melhor vestimenta durante aquela semana — e inté uns dias mais, que acabados os festejos o coronel mantinha hóspedes por quase mês — desfilavam pelo jardim ou percorriam as árvores fruteiras de braço dado com alguma donzela, palestrando um palavreado formoso, desses que a juventude quando 'panha agrado têm por costume proferir.

Informado da festa, inda que por longe andasse pra lá tocou o Tõizim, que já vinha amansando animal xucro em muitas fazendas e sempre daquele jeito maneiroso que adotara, na maciota, como dizia, pois bicho também tem sentimento, gosta de afago. Sabendo o coronel possuidor dum burro bravio com o qual peão nenhum prosperava, duvidou: estava para nascer animal de sela que ele não amansasse do seu jeito. Coronel oferecia prêmio em dinheiro para aquele que procedesse à proeza de montar o burro, mas mesmo sem prêmio algum, o desafio já era suficiente para ele não faltar.

Transcorria o terceiro ou quarto dia da festa quando o Tõizim chegou na Macambira, a tempo de assistir umas boas montarias de rodeio, que principiaram por volta das duas horas naquele dia, em que se montavam cavalos. Duma tribuna as moçoilas e as madamas se riam e aplaudiam, ora no que um peão voava p'los ares, ora quando se sustinha na sela o tempo requerido, cada qual querendo por sua vez obrar mais bonito mode a presença das saias, cada qual mais vistosa, inda que um qualquer soubesse que não seriam pro bico lá deles, pés rapados sem eira nem beira, de ofício só aquele, montar em rodeio, e de posses quando muito um retalhozinho de terra de pouca valia e no mais a roupa do corpo. Nas sinhazinhas da tribuna só filho de fazendeiro ou doutor da cidade podia botar as vistas: peão fedendo a curral, se quisesse, era contentar-se com as desbeiçadas que apareciam mais o povinho miúdo do arraial, umas feiosas que não perdiam festa na esperança de arranjar casamento — moça feia é coisa que em todo canto se vê, sempre procurando enleio.

Chegando, o Tõizim buscou instrução sobre o tal burro, um animal nem novo nem velho, forçudo e corpulento, lhe disseram, ligeiro e desembaraçado no corcovear e escoicear pra todo lado. "Mas pode-se ver o cujo?" inquiriu, e um moleque-de-mandados da fazenda o acompanhou inté a estala: ali avistou o animal, gordo e lustroso, que também o viu, espichando as orelhas pontudas. Fez que nem era com ele: cheirou o chão, cavucou, soltou um bufado curto… mas o peão persistia ali, e o burro espichou de novo as orelhas na direção dele, encarando-o arisco.

— É burro brabo — garantiu o moleque —, vosmecê não tem medo?

O peão botou tento, balangou a cabeça pensativo enquanto vigiava o bicho. "Medo?" murmurou, "medo…" O burro agora recua pro fundo da cocheira, cheira-que-cheira o cocho, o chão, bate com os cascos bufando, e de lá espicha outra vez as orelhas na direção do preto feito mode saber o que ele intencionava.

Tõizim parecia satisfeito.

— Menino, vá avisar senhor seu patrão que quem está aqui é o Antõi amansador, e que com a permissão dele eu vou montar nesse que'stá'í amanhã.

Por volta das nove da noite o Tõizim já se recolhia, ele e outros, que por esses dias todos tinham direito a pouso e comida na Macambira — decerto não na casa principal, o que seria um despropósito, peão tem que conhecer o seu lugar; mas num paiol grande, assoalhado, pros fundos da estala, adonde o coronel mandava as de casa passarem uma vassoura, dar uma limpeza mode melhorar o aspecto. Daí apareceu o moleque-de-mandados trazendo ordem de Coronel: Tõizim devia se apresentar.

Em roda duma mesa larga, à cabeceira da qual aboletava-se o coronel Pantaleão Valadares, reunia-se a gente importante da terra e uns outros, visitas, dessas que por lá se hospedavam nessa data.

Fora esses, a casa se encontrava cheia: pelas dependências viam-se moços, moças, donas e senhores de idade se divertindo. Nhá Felícia, esposa de Coronel,

transitava daqui pr'acolá, a todos propiciando atenção. Percorria por ali também a criançada vistosa das famílias de prosápia vindas de fora, de mui ricas vestimentas, e o Tõizim ficou muito vexado ao penetrar com suas roupas desprovidas aquele recinto de luxo onde todo mundo trajava com finura. Na cabeceira da mesa deparou um homem avultado de corpo, não que fosse alto mas gordo, duma gordura farta e roliça, e não muito velho, uma bigodeira cobrindo o beiço dum jeito debochado, que naquele momento parecia contar algum causo de fazer rir aos presentes — que às gargalhadas estrepitavam. O moleque-de-mandados se achegou inté ele e disse qualquer coisa, e o homem se virou com indolência. Deu com aquele escurinho raquítico em posição respeitosa e o examinou, exame de muita desconsideração, reparando em sua figura por prolongado minuto. Junto de si, reclinada em seu colo, Ninice, a filha bem-amada do obeso coronel, criança de oito anos, que também espiou o peão com olhos grandes e curiosos.

— Então — disse por fim o homem, com má vontade —, é vosmecê o tal amansador que o menino veio anunciar?

Tõizim avançou um passo, sério, o chapéu na mão:

— Com vossa permissão, coronel — e nesse então achou por bem dar volta na língua, pronunciar o nome por inteiro —, Antônio Severo mode lhe servir.

A presença daquele pretinho na casa do coronel, adonde só se via gente bem aparentada, costumava ser divertida, só os olhos muito brancos aparecendo na cara escura, e o coronel continuou espiando para ele, avaliando a figura, enquanto palitava os dentes demoroso.

— Mas, moço — disse o coronel com qualquer severidade na voz —, vosmecê que me desculpe, mas não vejo aqui tipo de quem conhece montaria, nem nunca escutei referência ao vosso nome.

Tõizim lastimou, pois ainda que fosse conhecido noutros lugares, ali, na fazenda de coronel Pantaleão, ninguém tinha ouvido falar nele. Ficou encabulado, baixou a cabeça, e Coronel prosseguiu:

— Então é do intento de vosmecê montar no meu burro?

— Com a vossa permissão, coronel — respondeu espiando mal e mal o outro, anafado na cadeira.

— Vosmecê já deve de ter ouvido que ninguém montou esse burro inté hoje e que eu ofereci recompensa pr'aquele que conseguir a proeza…

— Eu estou inteirado desse ponto, sim senhor.

— Isso calha atrair uma gente pra cá, promessa de dinheiro — e virando-se para os outros que, da mesa, admiravam com cara de zombaria o negrinho —, tipos que não tem peso no bolso e acham de vir caçar ferro por aqui.

Alguns riram da frase do coronel, que isso era verdade, tinha peão que mode necessidade de uns trocados punham o pescoço em risco, mesmo com pouca experiência em montaria.

— Com a vossa licença, coronel, não vim pelo dinheiro prometido. Tive informação de que ninguém monta no burro. Não acredito em lenda, vim mostrar que eu monto em qualquer animal de sela.

A resposta do Tõizim, se bem que a fala do peão fosse mansa, desagradou ao dono da casa, parecia bravata, desafio, falta de respeito, e coronel Pantaleão lançou provocação:

— Quer dizer que mesmo que eu resolva não conceder premiação nenhuma, mesmo assim vosmecê está disposto…?

— O coronel não é homem de voltar atrás com a palavra dada — retrucou o negrinho —, mas se for da vossa vontade, não questiono. Eu, o que não careço é de prêmio, mas de ver se o burro é que nem o povo diz.

O coronel não apreciou de novo a atitude do Tõizim, pois se bem que o peão continuasse falando com delicadeza, parecia por demais provocativo.

— Apois, está dito — e deu por encerrada a conversa dando um tapa na beirada da mesa —, amanhã de manhã esteja pronto. Todo mundo aqui quer apreciar a façanha, sendo que vosmecê tem quatro dias pra ir se acostumando com o bicho.

— Não carece tanto tempo, coronel — disse o Tõizim que, de novo, adiantou um passo —, mas eu tenho um pedido a fazer…

O coronel, que já se virava para as visitas principiando a relatar qualquer história, desviou-se de novo na direção do pretinho, amarrou a cara pois no seu entender já o havia despachado e não tinha mais o que ser dito. Mesmo assim concedeu, esperou:

— É que eu possa tratar o burro do meu jeito — ele disse, dessa vez levantando a cabeça e encarando de frente o dono da casa, que deu um risinho de dúvida, palitou os dentes, e mexeu a cabeça pra lá e pra cá:

— Escute aqui, moço, o jeito não importa. Só não vale montar no bicho tonto de algum preparado de boca que se dê pra ele, ou espancar a ponto que fique derreado. Pra uma coisa, tem vigia a noite inteira na estala, e pra outra tem o povo que vai ver vosmecê amanhã.

— Nhô coronel, quanto a esse porém, esteja descansado que eu não obro por judiaria com bicho — o Tõizim declarou.

Foi então que se escutou a voz delicada de Ninice menina, que durante todo tempo vigiara o preto com seus olhos curiosos:

— Pai…

— Diga lá, minha filha…

— Eu acho que ele vai conseguir — e com um sorriso cheio das infantis doçuras, olhando de frente o pretinho: — O senhor vai conseguir montar no burro, seu Antônio, eu sei que vai.

Coronel achou graça da fala da menina:

— Será que vai, filha? — fingindo espanto.

A criança deu de ombros. Ainda sorriu, mas baixou o olhar:

— Eu acho que vai.

— Se eu conseguir — o Tõizim ousou um sorriso, um pouco se recurvou pr'adiente —, faço empenho em dedicar a montaria à sinhazinha menina.

Ninice olhou-o de novo nos olhos.

— Obrigada — e se aconchegou ao pai, súbito tomada dum acanhamento.

— Antão está dito — Coronel finalizou, e, em vista dos convidados e do dito da filha, mode não desagradá-la, quis parecer amistoso: — Se vosmecê chegar inté a cozinha, seu Antônio, lá vão lhe servir um licor ou uma pinga, conforme vosso paladar — e voltando-se para a criança: — Ninice, cadê a Lurdinha?

— Acho que na cozinha, pai, ajudando a mãe.

— Pois vai dizer a don'Emerenciana que dê assistência ao moço.

— Com vossa licença, coronel, agradecido, mas não carece, que eu cá não bebo em vésp'ra de montaria — e retirou-se, enquanto coronel Pantaleão, já esquecido do episódio, se virava para os convivas.

O Quirino chegou naquela noite. Andava perto dali quando foi informado do rodeio, quis conhecer, pediu pouso, e o encarregado o levou ao alojamento. Só pela manhã teve a surpresa de deparar com o Tõizim, que despontava a cara preta debaixo de um lençol mal lavado e arregalava os olhos assim, desmedidos, por ver o outro ali.

— Soube que tem prova de laço — disse o Quirino, naquele jeito reservado lá dele, enquanto tomavam um café com broa que o coronel mandara servir à peonagem.

— É certo — o Tõizim confirmou —, despois de amanhã…

O Quirino bebia o café devagar, o chapéu tombado na testa.

— O coronel oferece premiação — ele comentou.

— Oferece — disse o Tõizim, e reforçou: — Pra todas as concorrências. O coronel é homem de muitos haveres.

Quirino escutou o comentário de olhar baixado, esperou, falou vagaroso, certeiro:

— Vim por precisão do dinheiro. Vim pra ganhar.

E o Tõizim não botou dúvida alguma: decerto que ganhava! Quem é que podia com o Quirino no laço? Ninguém não, que ele conhecesse. Dizia às vezes que o Quirino e o laço eram uma coisa só, feito o corpo e o braço de uma pessoa: não se separa o braço do corpo, é tudo um — assim era o laço, um braço mais comprido que o Quirino manejava como queria. A prova de laço era dele, não tinha o que ver!

— Mas hoje sou eu — disse o Tõizim despois dessa tirada —, agora de manhã.

— Cavalo? — o outro perguntou.

— Burro — Tõizim esclareceu —, um burro que, dizem por aí, ninguém atura.

— Vosmecê já viu o burro?

— Vi, ontem. Decerto ninguém atura o bicho… conheço animal tinhoso quando vejo um… mas cá do meu jeito, veremos…

E terminando o café com broa, saíram pro terreiro.

O moleque-de-mandados do coronel se achegou nesse momento com aviso: o burro já estava pronto, as visitas se encaminhavam para o cercado mode assistir, e o coronel requeria a presença do peão.

— Vem, Quirino — disse o Tõizim ao amigo —, vosmecê tem de ver isso.

O burro fora largado no meio do cercado; solto, arrancava a grama do chão assim dum jeito raivoso: demonstrava gana, animal soberbo, sim, de muito vigor. E quando o Tõizim entrou, miudinho e preto feito um tição, um zunzunzum abafado percorreu a assistência.

Do coreto, o coronel lançou:

— Conforme estabeleci desd'o começo, a prova não é só montar no burro: é preciso botar cabresto e bridão, despois selar, por fim montar — e passeou os olhos pela gente em volta, que levantou murmuração rasteira: das vezes anteriores tinha sido diferente, que o burro, no adentrar o peão o cercado, já estava com freio e sela, era só montar. Mode que a mudança das regras assim, de última hora e sem aviso? Mas murmuração ali só mesmo em voz baixa, cochichada, que o coronel, homem nervoso, se escutasse podia não ficar satisfeito. Era deixar correr e pronto! De mais a mais o Tõizim talvez não soubesse disso, a vontade de enfrentar o animal era dele, que se virasse do melhor jeito (assim corria no geral, em falação baixa e no pensamento de todos, que o povo não é mau, mas tem gosto pela desgraça alheia, e tanto seria de alegrar a turma que o pretinho vencesse o burro como se ele acabasse no chão, descadeirado). — O moço peão já está pronto? — inda gritou de lá o coronel. — Então… — e fez um gesto: que começasse. Tinha o dia todo, teria três dias, ele estava ali, mais a assistência, só para espiar como é que o peão se saía no começo, que despois tinha mais o que fazer. (Aqui o Tõizim estranhou, pois lhe parecia que o coronel, na noite passada, falara em quatro dias, mas não reclamou, decerto escutara mal, inda que a mesma informação houvesse colhido de oitiva. Mas ele ligava? Ele mesmo não garantira que em menos tempo vencia o xucro?)

Primeiro, apanhou o cabresto. Foi se aproximando do burro devagar, com um murmúrio, falando baixo como de costume — quem escutasse era capaz de pensar que aquilo era reza ou que no pensamento do peão o burro entendia.

(E será que não?)

O tinhoso, vendo aproximar-se o negro, murchou as orelhas, cavucou chão e soltou um bufado ruidoso, cheirando uns fiapos de grama que restavam por ali, mas sem bocar, de sobreaviso, sonso, mau. Tõizim parou a uns três passos de distância, gungunou qualquer coisa na direção dele, que permaneceu imóvel mas virava a cara e as orelhas espiando o outro com curiosidade, se pensasse feito gente era inté capaz de perguntar: "Que será que esse negrinho está querendo?" Tõizim aproveitou e conseguiu se achegar mais, esticou o braço e coçou o pescoço largo do animal, de leve, só pra ganhar confiança, e foi coçando mais,

vagaroso, com delicadeza de dama mode não causar susto. Agora passava a mão cariciosa no focinho, cruzava por diante e prosseguia do outro lado, e ia alisando o pêlo lustroso em direção do lombo; muito arisco o burro voltou a murchar as orelhas e abaixou o focinho com a intenção de se afastar — mas o Tõizim, esperto que só, não lhe deu tempo: retirou a mão, prosseguiu falando macio, correu os dedos pela crina cheia, comprida, e o burro de novo se mostrou curioso, virou o focinho largo e cheirou o peão, bufou mas amansou aos poucos quando ele coçou inda uma vez a tábua do pescoço. Pouco a pouco o peão foi ganhando a confiança do animal inté que conseguiu botar o cabresto. O burro se contrariou um pouquinho, quis tirar a cabeça, mas não resistiu à falinha macia do preto e àquela coçadura ao de leve perto da orelha. Feito isso, Tõizim puxou-o pra lá e pra cá, a passo, sem estouvamento, deu uma volta pelo cercado e retornou ao meio.

Agora, segurando o cabresto, começou a dar uns tapinhas no lombo do bicho, que mostrou desagrado: levantou o focinho e recuou dois ou três passos, um bufado de irritação. Tõizim não fez força: soltou o cabresto, deixou-o livre, e o burro estranhou: de onde estava investigou o peão com o olho manhoso, e os dois se encararam, um de cá outro de lá. E o preto recomeçou suas manobras para aproximar-se de novo.

Haveria demora se se fosse referir miúdo por miúdo as idas e vindas do Tõizim preto mode ganhar de todo a confiança do bicho, que parecia um tanto aplacado nas mãos dele: a assistência via graça nessas manobras, os peões que já se haviam arriscado com ele espiavam da beira da cerca, duvidosos, e coronel Pantaleão, testa franzida, escarrapachado numa cadeira larga de jeito a acomodar sua gordura, esperava.

Não breve surpresa foi, e inté coronel Pantaleão arribou da cadeira no que o Tõizim ajeitando a manta pulou em cima do burro, que mostrou desagrado outra vez, mas no que pensou em corcovear mode expulsar aquele peso incomodativo, voltava a escutar a fala cariciosa, continuada, a sentir no pescoço o coça-coça jeitoso, carinho de peão com que bicho nenhum era capaz de atinar, quanto mais um burro brabo que só conhecia espetada de espora — e na lembrança da espora cortando os vazios, quando ele num corcovo de que burro nenhum era capaz socava com o estupor no chão, viu que ainda não tinha sentido futucada e parou, esperando, mode seguir com seu pinote sem igual. Mas a espora não veio, só restando aquele peso incomodativo e a fala miúda, a mão alisando o pêlo, e continuou parado — inté sentir um tapinha de leve nas ancas e deu um passo, com desgosto, inda não queria se dar por vencido, e deu outro passo…

Montado no burro, que aos poucos ia se acostumando com cavaleiro no lombo, Tõizim deu primeiro uma volta completa no cercado, sem pressa, e depois fez o bicho correr um tantinho, um trote meio preso ainda, o animal não tinha pegado o jeito por enquanto, mas não tardava. E no que completou a terceira volta, saltou para o chão e deu por finda a montaria daquela manhã,

livrando o bicho do cabresto e da manta. Por enquanto não convinha meter a sela, disse ainda dentro do cercado, causar susto no bicho e perder a confiança conquistada, que o animal conforme vai-se amansando vai-se ganhando a confiança dele, que o amansar não é mais do isso, ganhar a confiança, conforme explicou ao coronel que, largado na cadeira, punha nele um olho miúdo (o Quirino, estando ali por perto, chegou a perceber o olho do coronel, escutou seu resfolgar de homem cheio, gordo), e arrematou com respeitosa firmeza:

— Não tem montaria brava, coronel, o que tem é peão que não sabe lidar.

No resto daquele dia o Tõizim esteve arredado do Quirino: a rapaziada rodeou o pretinho perguntando, querendo saber como ele procedia, pedindo instrução, ao que ele respondia que não tinha instrução, segredo nenhum, era jeito, coisa que vinha de criança, "comecei a lidar com animal inda menino" explicava, e sempre dessa forma. Inté sinhazinha Lúcia Helena, moça agradada, filha de um coronel Otávio que viera de visita, foi, acompanhada do noivo e tendo pela mão a menina Ninice, cumprimentar o amansador, falar da surpresa geral, coisa que ninguém podia esperar — sendo que essa atitude de Lúcia Helena causou muito reparo, onde já se viu uma moça das prendas e da posição de sinhazinha apertar a mão dum negrinho-catinga feito aquele? O noivo da moça manteve-se sério, de lado, enquanto ela palestrava mais o Tõizim, e a mãe, assim que pôde, chamou-a para dentro, para o quarto, onde lhe passou uma descompostura. Mas sinhazinha Lúcia Helena nem ligou, retrucou à mãe que se existia ali um homem esse era o Tõizim, e quanto lastimava que o noivo fosse um atoleimado que só sabia engravatar-se mode parecer aquilo que não era. Coronel Otávio durante a janta reclamou que não podia com a filha, e coronel Pantaleão, seu tanto desgostoso por Ninice ter participado da presepada, respondeu que se fosse com Ninice nas mesmas circunstâncias de sinhá-moça Lúcia Helena, ele saberia como lhe quebrar a crista. A resposta desagradou bastante a coronel Otávio, que, trocando um olhar com a mulher, se lembrou de uns compromissos e deu-se pressa de ir embora com a família, a mãe sempre zoando no ouvido da filha que era ela, moleca teimosa, a culpada de tal desacerto. Sinhazinha Lúcia Helena sorria, "ora, mamãe, esse coronel é um grosseirão e bem fizemos nós em partir. Só é pena que não verei o rapaz montar novamente amanhã".

O Quirino, desacostumado de muito ajuntamento, deixou o Tõizim prosear à vontade, o que lhe era de muita satisfação, mormente quando podia se lembrar de sinhazinha Lúcia Helena, tão gentil, que não desdenhara dele, um preto, "um pretinho reles feito eu" disse mais tarde escancarando o riso, cheio de si — e agora, arredado, meio de longe, avistava o outro que seguia ao lado da moça, pela mão a menina da casa e o noivo na retaguarda para não dar o que falar (que mesmo se tratando de um qualquer era capaz de haver uma língua má que botasse reparo, lançasse perfídia, gente ruim em todo lugar s'encontra).

O Quirino deixou o cercado, meteu-se pelo meio da gente, veio para a frente da fazenda. Ali parou, um grupo de homens conversavam sobre um assunto de

selas e arreios e ele ficou escutando; um deles, risco de faca na cara a principiar p'la altura da sobrancelha direita e descer enviesado inté o pé da orelha (cicatriz decerto antiga e meio branquicenta em vez de mais escura que a pele), segurava um laço de couro curtido, nada mau, embora o Quirino tivesse para si que o seu era melhor, tratado com jeito, que ele mesmo fizera e no tamanho certo. Chegou-se e requereu o laço mode examinar. O do corte na cara o vigiou de cima embaixo e estendeu a peça com má vontade. O Quirino percebeu a má vontade, podia se afastar sem tocar no couro, mas isso seria desfeita, princípio de rixa em lugar de gente estranha, fez que não viu, mais proveitoso era angariar simpatia, mormente porque o tal parecia gente do coronel. O laço, que coisa!, quando pegava um laço com a mão o Quirino adquiria aquela certeza de que ninguém era capaz de lhe fazer frente: sentiu o peso, a grossura do couro, bem feito era se bem que mais curto do que devia, pois na sua preferência o laço devia de ser mais longo, inda que mais difícil de manejar, porque no laçar uma rês, novilho ou boi formado, o que fosse, costumava manter mais distância, girava o grande aro aberto com calma acima da cabeça enquanto ia acompanhando os movimentos do animal, e então, de repente...!

Devolveu a peça ao da cara riscada a faca, não disse nada e foi andando.

A fazenda do coronel Pantaleão era uma beleza, agradou ao Quirino conhecer: em toda a frente da casa, inté a cancela que dava para a estrada, verdejava uma grama bem tosadinha com roseiras plantadas de longe em longe, diversos canteiros com flores miúdas e outras plantas ornamentais, um caminho calçado de pedregulhos levando inté o portão da varanda. Para os fundos, mangueiras, laranjeiras, abacateiros, uns pés de jaboticaba, tangerina, graviola, e um gracioso coité, as cuias parecendo enfeites, que não sendo fruta de se comer tinha sua graça, e serventia para o pobre que não podia comprar vasilha, malga, prato que fosse, as cuias secas e cortadas pelo meio, principalmente as maiores, formavam umas tigelas muito práticas.

O Quirino avistou moças e rapazes entre as árvores, visitas de coronel Pantaleão com vestimenta domingueira. Com delicadeza colhiam uma laranja, uma tangerina, descascando-as com faquinha ou canivete. Conversavam, calharam de rir um pouco ao avistar o peão que, parado ali, na esquina da casa, espiava para eles. Mas o Quirino não se demorou: que tinha ele de fazer no meio da gente grã-fina? Ele viera mode concorrer numa das disputas na festa do coronel, não para se meter com o povo dele, feito o Tõizim que ficara de prosa mais uma sinhazinha como se fossem da mesma prosápia — se bem que, o Quirino ponderava, fora Lúcia Helena quem havia procurado o peão, e decerto foi decisão dela sair a passear em volta do cercado ao lado dele, o noivo atrás (aquele tal emproado que ia na retaguarda devia ser noivo, não fosse irmão), vigiando. Do que será que falaram? — pensou enquanto se encaminhava para os fundos, adonde uma trilha conduzia à estala e, por detrás, ao paiol que fazia as vezes de alojamento, e para onde a peonagem toda se punha agora, sendo sabido que

despois dos sucessos do dia não era do agrado do coronel que uns estranhos restassem ali por perto, adiantados, adonde sua gente passeava.

O Quirino conhecia seu lugar, não era de seu feitio permanecer sem ser chamado, e mesmo em roda de peão, a não ser que fossem conhecidos, não se metia sem convite. Avizinhava-se um pouco, sentava-se recolhido a descansar as costas nalguma espalda, parede ou tronco de árvore. Quase se podia dizer dum cochilo, mas que nada! O chapéu tombado sobre os olhos, amolecia o corpo, mas não dormia: escutava. Pois era de apreço: escutar a conversa alheia, e sem incorrer em mau costume, que o Quirino tinha princípios — se ele estava presente, se todo mundo podia enxergá-lo ali, em caso de tratarem de assunto segredoso era só buscar recanto mais discreto.

Mas o que cochichavam seria de importância pouca, não se fossem descuidar e falar bobagem, colher antipatia do dono da casa, pois sempre se corre o risco de haver no local um espia, embora todos no paiol — e por perto — fossem de fora, talvez, pois uma coisa ele havia notado: os homens da propriedade do coronel não se misturavam com os de fora a não ser durante as concorrências, dormiam em local diverso e inté prosar prosavam pouco — ou, quem sabe, assim pareceu ao Quirino, que como já foi redito era sujeito recolhido, de conversa rara. Mas um assunto a outro se sucedia: as disputas do dia ou o que fosse, perto alguém dedilhava o violão, outro batia pandeiro inté dar a hora de dormir — e no seu sossego o laçador ouvia, fosse o pandeiro, fosse a viola, fosse a conversa baixa dos peões mais próximos, e justo um deles referia o olhar incomodado, assim de través, de Coronel pro Tõizim despois da montaria, coisa que o Quirino consigo mesmo confirmou (só consigo mesmo, pois de fala, nem pio!), já que também ele notara aquele olho miúdo, um olho de desagrado, pois o burro que ninguém domara até então pareceu muito manso ao trato que o preto lhe dera.

Um lá cochichou:

— Foram dizer pro coronel que o pretinho tem trato com o coisa-ruim, e que aquela conversa dele mais o burro era feitiço puro.

O Quirino riu por dentro, maior disparate não podia haver! Podia-se lá ponhar fé em conversa de peão? Talvez por isso mesmo ele falasse tão pouco (não seria bem por isso, sendo esse seu natural; não fosse, porém, aí estava um motivo de serventia): não queria que duvidassem de suas palavras, que o tachassem de mentiroso porque um homem, no seu entender, pode inté ter medo (não ser medroso, desses que à toa correm, mas ter um medo assim de coisa desconhecida, troço doido da escuridão, o que não é vergonha), mas ser mentiroso é defeito de que não padecia nem relevava — mentira na fala do homem, dizia, é feito pito em boca de moça donzela: coisa pra lá de deplorável, sem desculpa nem perdão. E agora calhava um por ali achando de espalhar que o Tõizim tinha parte com o *feio*, o que além de ser tolice podia acarretar mais zanga do coronel pelo peão, que era uma alma limpa, de tanta bondade que mesmo por isso tinha inventado aquele jeito de amansar animal esquivo: pena de ver judiaria.

Os outros quiseram saber quem se havia saído com aquela história, não acreditavam porque o Tõizim parecia um bom sujeito: quem enxergou nele algum sinal diferente, marca no corpo, o que fosse? Ninguém, pois então? Daí que um outro disse:

— Tem um aí que anda escondido nas terras do coronel — e deu a pinta: esse que trazia um riscado na cara feito a ponta de faca, já tinham visto?, andava fugido por causa de crime de morte, e não somente um. Coronel Pantaleão sabia, mas como se tivesse agradado de seus serviços a ponto de com pouco tempo deixar por sua conta a administração de currais e plantações, não quis entregar o assassino à polícia: dizia-se inté que, apeando no terreiro da fazenda uma tropa no encalço do cabra, deixou-o amoitado no porão do moinho, atrás de uma pilha de sacas de café, e, despois de uns agrados e de mandar servir limonada com bolinho na varanda, despachou os soldados prometendo que se um tal assim assim aparecesse ali, ele mandava avisar.

E tinha sido esse a historiar? perguntou alguém; sim, que de fato tinha sido esse quem se saíra com aquela conversa, coisa lá da cabeça dele conforme o parecer de todos, mas que para o coronel procedia cabimento. O Quirino não perguntou, mas bem gostaria de saber por que o tal da cara riscada fora inventar um caso que fizesse o Tõizim cair no desagrado do patrão. Seria que eles não se topassem doutra diversa situação e o capataz agia por obra de vingança? Mas pelo que sabia o Tõizim não era inimigo de ninguém, e muito menos daquele, já que não era certo se conhecerem. Então?

— Calha ser por motivo do desastre com o moço Francisquinho — aduziu um outro, conhecedor do assunto, acrescentando que aquilo era coisa que não se comentava por ali, em voz alta, por motivo de proibição severa, —, que Coronel penou por demais com o fato, o moço era na época seu filho único. — E o Quirino foi escutando, foi destrinçando os nós e os enleios daquela história… em conversa de peão nem sempre se pode confiar, se redizia, sai muita invencionice, mas lá uma coisa ou outra sói ser verdadeira, peão também acerta falar a sério de quando em vez.

Noite fechada, uns já tinham ido dormir, outros continuaram à roda da fogueira, inda se ouvia o dedilhar da viola, mas o Tõizim só apareceu mais tarde, pois estivera se despedindo de sinhazinha Lúcia Helena que acabara de partir na companhia dos pais, do que ele muito se entristecia pois se todas as moças finas fossem da educação de sinhazinha, um que nem ele, inda que não quisesse se passar por alguém acima de sua posição, haveria de ser mais considerado pelos graúdos. Mas ali estava o Quirino sentado embaixo de uma mangueira, solitário, o chapéu tombado no rosto. Sentou-lhe ao lado, no seu cansaço estirou as pernas, puxou conversa; o Quirino fez "huum!" e escutou, mas como de costume não deu resposta direta, disse qualquer coisa, resmungou, os olhos fechados e o ouvido no som da viola. Os que ainda agora ali perto formavam roda referindo uns causos e que ele, sem intenção, acabara escutando, já tinham

se recolhido. Não tardou, eles também se recolheram, já passava da hora e na manhã seguinte o Tõizim teria de estar cedo no cercado.

E esteve: ao entrar, já deparou com o burro, com a assistência, mas não avistou ali o coronel, e por mais que esperasse enquanto prosseguia suas manobras não viu o dono da festa chegar.

Naquela manhã o Tõizim conseguiu botar sela e freio no animal, que já o conhecia e aceitava, e quando montou e o conduziu para um lado e para outro num trotezinho lento, completando duas ou três voltas no cercado, deu por finda sua tarefa. Da assistência, fora uns e outros que o vigiavam com ar carrancudo, recebeu muitos aplausos, com pena de sinhazinha Lúcia Helena não estar mais ali e sem entender por causa de quê coronel Pantaleão não aparecera.

Já o Quirino andou sumido todo aquele dia, e era bem de tarde quando veio, pegou o Tõizim pelo braço e disse em voz baixa:

— Careço de ter um dedo de prosa mais vosmecê — e ampliando a voz, mode ser escutado por qualquer um enquanto se misturavam com a peonada, disse que como não tivesse mais que fazer naquele resto de tarde, seria de seu agrado um passeio pelo lugar, conhecer melhor as redondezas, e saíram.

Para os lados das estalas avistaram uns homens: gente do coronel, peões que haviam acabado de montar, uma turma que se preparava para as últimas montarias do dia. O Tõizim estranhou quando o Quirino arredou o passo dessa direção e, sempre devagar como se estivesse passeando, seguiu no rumo de um arvoredo que costeava a estrada lá na frente, mas calado, sem um pio, ele, que requeria palestra.

— Ô Quirino… — principiou o Tõizim encabulado, mas o outro fez um sinal com a mão, que não dissesse nada por enquanto, e atravessando a cerca saíram para a estrada. Adiante, um pouco retirado, existia uma curva: lá o arvoredo engrossava, o caminho já ensombrecido pela noite que vinha vindo e de longe em longe se escutando um piado, um grito de ave noturna, um barulho de bicho no meio das moitas, pisando as folhas secas.

Quirino de súbito, sem se virar pro Tõizim, perguntou:

— Vosmecê está provido de alguma arma?

O outro estranhou a pergunta, franziu a cara e recuou um passo, encarando o amigo que se virava para ele agora, a interrogação repetida no jeito de olhar.

— Que é que'stá havendo, Quirino?

O outro, que havia estacado o passo, recomeçou a caminhar, sempre se afastando da fazenda. As mãos nos bolsos, espiando reto para frente, mascando um palito, o homem tenteava: de pouca fala, não sabia como explicar. Despois murmurou qualquer coisa, "o que acontece é que andei escutando por aqui e por ali", deve ter sido isso que ele disse, pelo menos foi o que o Tõizim entendeu — não muito bem, que o amigo falava com voz surda, recolhida na garganta.

— Escutando? Mas o que vosmecê andou escutando?

Quirino baixou a cabeça, andou mais devagar, mais devagar… parou. "Eu não tenho por costume carregar arma de fogo" disse, sempre daquele jeito, "calculei que vosmecê estivesse provido…"

— Mas Quirino, por que é que eu havera de andar com sortimento desse tipo? Vosmecê me conhece, sabe que não sou homem de entrevero com ninguém…

Quirino fez que sim, ainda parado, ainda espiando o chão. Despois olhou para frente, abeirou-se da estrada, visitou com os olhos o outro lado dos montes, os arvoredos ao longe, rolava o palito na boca dum canto ao outro sem encarar o amigo, que de novo se avizinhou dele, ficando ao seu lado.

Fazia uma grande paz no lugar: a noite caía leve e fresca, de vez em quanto tudo silenciava, num intervalo, inté recomeçarem cá e acolá os barulhos naturais, um grito de animal, um bater de asas, um ranger de galhos, e enquanto isso os cumes longínquos, onde se demoravam uns restos de sol, iam escurecendo vagarosamente.

— Vosmecê sabe — disse o Quirino então — que se a gente fica quieto no seu canto, como quem não quer nada, e presta atenção…

O Tõizim franziu o sobrecenho:

— Mas vosmecê prestou atenção… em quê?

E o Quirino, a seu modo salteado, foi explicando que desde o dia anterior tinha ido de um lado pro outro, sempre andando, olha que olha na intenção de conhecer o lugar, propriedade bem cuidada, mesmo lembrava o Retiro de sinhozinho Dodó, também muito caprichoso; mas nisso calhou escutar o comentário do povo, as risotas sobre o burro, aconteceu ver um olhar de desagrado do coronel enquanto ele, Tõizim, no cercado fazia o que queria com o animal. Havia apanhado a coisa no ar, conforme seu dizer.

Mas não, o Tõizim não compreendia, fazia cara de não levar a sério uma conversa assim, "o coronel está mal satisfeito comigo?", ora, não podia ser: não estava ele agindo dentro do combinado, ele que viera para montar o burro do mesmo jeito que outros antes dele?, e se o Tõizim não compreendia, carecia de o Quirino explicar, e o Quirino explicou.

Dava-se que as visitas, por promessa do coronel, esperavam que o burro "acabasse com o negrinho num corcoveio só, e o negrinho vai e monta no burro como se não fosse o animal intratável que todos diziam", mas apenas maltratado, assustadiço. Teve quem achou graça… um lembrou ao coronel que ele acabara de perder dinheiro para um qualquer, um peão desconhecido, ainda por cima preto, que aparecia por ali dizendo "vou montar no burro" — dizendo e montando; outro chegou inté a perguntar em voz alta quando é que iriam trazer o tal burro brabo, que aquele ali…

— Só — prosseguiu o Quirino no seu vagar, mascando o palito, que jogava de um lado para o outro na boca — que esse burro é mesmo impossível — e esclareceu um ponto duvidoso, coisa de que ouvira falar noutros tempos e só agora recordava: certa ocasião, estando longe dali, escutou a lenda de um burro

que ninguém domesticava e dum peão que morrera tentando montá-lo, que lenda não era, senão a pura verdade; foi certa noite, numa birosca, em que assistia a um jogo de dados (não tinha por costume apostar, não era de seu feitio arriscar dinheiro em jogo, sendo de seu agrado tão só assistir); vai que nas apostas e nos lances a vozeada era grande, gritava-se e ria no nervoso da espera quando as pedrinhas subiam, rodopiavam no ar e caíam no tampo da mesa, quicando até parar e mostrar os números, momento que alguém aproveitava para soltar um berro de alegria e arrepanhar os cobres; no meio desse griteiro pareceu-lhe que falavam qualquer coisa sobre um moço escoiceado há tempos por um certo burro brabo em tentativa de montaria. O assunto brotou sem que soubesse como, e não ali na roda de jogo, uns outros por perto comentavam. Na hora não botou atenção, o assunto não mais que uma conversa corriqueira, peão sempre leva um esbarro ou outro de animal xucro; no mais, o Quirino acompanhava o jogo com interesse, divertia ver o procedimento dos apostadores, sua ânsia, seus gritos, seus palavrões, pois havia aqueles de boca suja e por qualquer coisa era nome em cima de nome — o que parecia açular o riso de todos. — Um deles inté afiançou que, de fato, sabia o causo desse cujo que havia sofrido sérios danos, pois no cair o coice lhe acertara a cabeça, como se uma coisa ruim tomasse conta do animal — mas a conversa sobre o burro não prosseguiu ou ele não prestou mais atenção, e acabou esquecendo o caso.

Esqueceu, para relembrar no dia anterior, quando percebeu a má vontade de uns com o sucesso do Tõizim em dominar o burro, e então começou a assuntar, sem pressa, como se já soubesse de alguma coisa e comentasse por comentar. "Isso é coisa que não se comenta" alguém lhe aconselhou, cutucando-o com o cotovelo, "pelo menos em terra do coronel. Vosmecê por acaso não sabe?".

Sim, teve de admitir, saber ele sabia, tinha dito sem querer, e se afastou.

— O caso é que de fato morreu um peão na tentativa de montar esse burro — disse o Quirino —, foi o que apurei…

— Mas e o que é que tem isso? — o Tõizim perguntou, sem atinar ainda com aquele mistério.

— O dito peão era filho do coronel — disse o Quirino —, o primeiro filho dele, moço distinto, bem apessoado, que nem peão direito não era, parece que inté havia estudado fora, a menina dos olhos do pai — e diante do espanto do outro, explicou tudo que apurara: dera-se talvez há cerca de nove ou dez anos; o rapaz, visto que muitos já tinham sido descadeirados pelo burro, que estropiava qualquer um, resolveu ele mesmo amansar o animal. Mas dono de pouca experiência nessas lidas, nem chegou a se firmar direito na sela. "Um tombo só" disse o Quirino, e o rapaz foi pisoteado, levou um coice na cabeça. Morreu em antes de chegarem com ele na varanda.

— Aqui não se comenta o caso, proibição severa — explicou o Quirino, que mesmo assim, no sussurro, acabara sabendo da história, "só se fala em voz baixa". Foi quando surgiu o desafio e a oferta de dinheiro para qualquer peão que montasse o burro, mas cada um que vinha, ó!… E sorte daquele que só

quebrasse uma costela ou desnocasse um braço. O único a morrer fora o rapaz do coronel, mas uns outros saíram em mau estado da brincadeira. Coronel Pantaleão (e nesse ponto o Quirino baixou mais a voz em vista da gravidade do que ia referir) era homem rancoroso, decerto não se agradaria de ver alguém domar o animal que matara seu filho, inda que mantivesse a oferta de dinheiro, coisa que não se podia compreender por mais que se forçasse o bestunto, pois se ele não aceitava que ninguém vencesse o animal que o privara do filho, mantinha o desafio por causa de quê? Seria por não acreditar que houvesse alguém capaz? Agora, tendo o Tõizim montado no burro, andava nervoso dentro de casa, não admitia a presença de ninguém, mormente pelo que sucedeu despois: uns atrevidos que acharam de fazer chacota, sinhazinha Lúcia Helena que fora apertar a mão do negro e havia largado uns desaforos ao ir embora, além do que começara a correr uma história de que ele, o Tõizim, fizera trato mais o canhoto ("Está-se cogitando… e que por isso vosmecê montou o burro… que enquanto tratava com ele, ia pronunciando encantamentos…"), tudo isso junto para humilhar o homem; por fim calhou escutar uma conversa diferente, mussitada no segredo, em recanto mode ninguém botar ouvido: o coronel mandara chamar um empregado, homem de má índole, um pra-tudo que ele acoitava em suas terras…

O Quirino se virou de repente para o amigo:

— Penso que vosmecê deveria ir embora…

Tõizim parecia calmo. Escutou o outro falar de sua suspeita, do receio duma covardia ("O coronel é homem rancoroso…"), sentou na beira do barranco, cismativo. Será…?

Matutou seu proceder de agora por diante. Carecia uma providência que acabasse com essas histórias, consertasse o mal-feito. Explicar-se com o coronel? Mas o Quirino era de outro parecer: ele devia ir embora já, aproveitar esse princípio de noite e desaparecer, pois se o coronel tinha má tenção decerto ia deixar para mais tarde, por enquanto o pessoal permanecia todo por ali, acordado, pra lá e pra cá, não havia como sem levantar suspeita.

Tõizim punha dúvida: queria, no dia seguinte, ver o amigo laçar.

— Sou inté capaz de desistir — disse o Quirino —, mode ir com vosmecê…

Então o outro decidiu:

— Não — disse —, então eu vou… não carece perder a concorrência de amanhã… deixa estar… a gente se esbarra no Serradinho, fico por lá uma noite ou duas… e se não calhar, nosso reencontro tem data marcada, daqui a uns anos… inté lá… inté lá, cada um segue sua vida.

Tarde da noite o Quirino saiu ao ar livre, não conseguia pegar no sono e resolveu fazer um passeio. Já fazia horas que não se escutava passo ou pio nas redondezas, mas, inda que não houvesse lua, via-se avultar mais adiante a fazenda com suas janelas escuras. O Quirino esteve fora algum tempo, corria uma aragem fresca que ele resolveu aproveitar pois no paiol o abafamento inté atra-

palhava a respiração, calor forte, mais ainda por causa da montoeira de gente que lá se recolhia (tinha peão que, querendo aproveitar a boquinha oferecida por coronel Pantaleão, lá se alojava a semana inteira, tomando parte em todas as concorrências — fora aqueles que requeriam permanência, ficar de vez a serviço do homem).

O Quirino não planejou o caminho: saiu sem rumo, rodeou o paiol, a estala, espaireceu entre as árvores fruteiras mas não colheu fruta — p'lo descostume de ponhar o que fosse na boca a essa hora da madrugada, a não ser água no caso de uma sede; adiantou-se inté por perto da casa principal, sem intenção, só queria esticar as pernas, e assim deu mais uns passos, espiou as paredes altas, brancas, imaginou as horas: "já passa bem de uma da manhã", pensou, recomeçando a andar. Mas ali, nos fundos da casa, numa varandinha discerniu duas sombras e parou — teria sido visto? e se escondeu por trás de umas moitas, cauteloso. Espreitou. Não, as duas sombras decerto não chegaram a perceber sua presença, pois o Quirino andava sem fazer barulho, coisa do costume lá dele, andar assim de noite que nem gato, a feitio de ser astucioso, mas só na aparência, que não trazia naquilo manha intencionada: era só jeito, costume.

Mas esse costume foi de valia, que ele pôde pressentir as duas sombras sem ser pressentido — e com tempo de se amoitar.

Uma sombra não parecia fora do comum, tão só um simples vulto, mas a outra chamava a atenção pelo tamanho, que não sendo alta possuía larguras, lerda no mover-se era como se andasse com dificuldade, apoiando-se numa bengala, por causa do volume. Mas as sombras falavam qualquer coisa, conversa que o Quirino não fazia questão de escutar por não ser da sua conta, mas escutando assim mesmo pois não podia se afastar de seu escondedouro: vai que por azar pisasse um galho seco ou tropeçasse numa raiz!

— E então — cochichou a sombra grande, a voz arrastada a modo de cansaço.

— Se soverteu — respondeu a outra sombra.

A sombra grande arrastou dificultosa as pernas grossas feito tronco de bananeira, bateu a bengala. Respirou pela garganta, um bufado, raspou um pigarro áspero. Cuspiu.

— Mas vossência esteja descansado, já tem gente no caminho de Serradinho atrás do cabra, que ele pode ter-se escondido por lá.

A respiração pela garganta, o pigarro áspero, a canseira.

— A ordem, patrão… é sempre a mesma?

A sombra grande se moveu para a casa, lerda, pesada. Lá de dentro, canseira, respiração ofegada pela garganta, respondeu:

— A ordem é uma, homem, uma só — e o Quirino escutou o barulho de uma porta se fechando.

Pela manhã coronel Pantaleão saiu à varanda, pois é certo que se levantando cedo havia tomado um café com mingau de milho verde, preparado com capricho e em ponto de cortar fatia conforme instrução de sinhá Felícia, que conhe-

cia seus gostos; sentia-se satisfeito e nem se esquecia de que naquele domingo findava a festa em louvor da Virgem: já cedo, com missa na capela da Macambira rezada por padre Porfírio, sacerdote de muita virtude provindo da paróquia de Serradinho, e pr'a tarde com a concorrência final. O coronel parecia mais bem disposto, a irritação da véspera desvanecera: no seu modo de pensar não convinha mostrar má cara no fim da festa, não seria de boa educação e corria o risco de desagradar os de fora. Desceu a custo os degraus apoiando-se na bengala, pois amanhecera com um joelho pior, dolorido desse reumatismo que lhe afligia por último, e atrás dele a esposa, a filha, as visitas — primeiro as moças que, recendendo a água de cheiro e exibindo vestidos alegres, chapeuzinhos emplumados e sombrinhas rendadas a girar entre os dedinhos buliçosos, logo se adiantavam em direção da capela; despois os mais velhos, mais graves, com um andar mais cerimonioso, não querendo passar à frente do dono da casa; enquanto isso, a criançada traquinava de um lado para outro. Mas Coronel se deteve mode estar um trecho em meio da peonada e convidar aquele povo rústico para o ofício sagrado; vendo-o a turma que por ali rodeava se aquietou: retiraram os chapéus, com respeito, esperando discurso. Não teve discurso: coronel Pantaleão fez um sinal com a mão, disse qualquer coisa a modo de saudação pois não lhe agradava palanfrório — homem de palestra que fosse, não discursava, punha-se vexado, perdia o rumo das palavras. Finalizou com um gesto, referindo que "o padre santo já espera por nós na capela" e todos o saudaram com um grito em conjunto, alevantando os chapéus. A capela encheu-se das visitas ilustres, do lado de fora a gente reles agrupou-se em reverência, seguiu-se enfim a devoção, a manhã encheu-se da prédica suave proferida pelo sacerdote, dos cânticos entoados pelos fiéis, e do Sol, que a tudo esclarecia.

Finda a missa, não houve sequer almoço, tendo início imediato as concorrências finais, as provas de laço, pois o povo ainda restava curioso e, no cercado, os ariscos animais pareciam esperar com impaciência.

Já passava de duas da tarde, a assistência não tardaria a dispersar-se quando, no meio do cercado, aquele da cara riscada a faca levantou o braço. À sua frente, laçado e amarrado, estirado no chão, um boi furioso bufava. Os vencidos, encarapitados nas barras do cercado, as senhorinhas na tribuna, a molecada, todos bateram palmas, e o coronel, largado na cadeira e coçando o joelho dolorido, fez também um gesto com o braço gordo, lerdoso, pronto para consagrar o sucesso de seu encarregado: decerto não tinha mais ninguém mode dar prosseguimento à luta, e fez um esforço para levantar-se ajudado por Ninice, que lhe deu a mão — amparo de pouca valia, pois com o peso de Coronel, fosse fiar-se na pequena e iam os dois de cara no chão: um amparo mais por assim dizer, uma ajuda só, que mesmo com o joelho ruim Coronel conseguiu firmar a outra perna para ficar de pé.

Foi então que viram o Quirino, que trazia um laço de muitas voltas atravessado no ombro, encostado no esteio do lado de fora do cercado. O Quirino, que sem pressa acendia um cigarro, sem susto olhava para eles.

Do Demastor fica-se sabendo mais tarde de sua própria boca, que ele também viajou buscando pouso, levou vida quieta e nesse meio tempo, tendo se agradado de uma moça de família e comprado um terreno, casou-se. O Zaquia, porém, teve um destino bastante arrevesado no começo, que de contínuo vai se referir.

Zaquia não era feito o Lourenço um desassossegado. Como os outros, seu costume era a terra onde nascera, o Retiro, o vilarejo por nome Corgo Seco, aqueles desertos. Por ele, nunca deixaria os lugares de sua infância, da vida toda inté aquele momento, mas lhe pareceu, assim como aos companheiros, que era preciso procurar outras rotas agora. Deixando o arruado morto tomou a direção de Lajinha, pr'adonde seguiu em companhia do Demastor. Lajinha também padecera — vinha padecendo — a seca, por não ser lugar tão distante do Retiro, e por ali os dois pões parece que se demoraram umas semanas — se mais de um mês, bem menos de três —, despois do que cada qual divergindo ganhou seu rumo.

O Zaquia partiu um dia de tarde por direção que ao certo não sabia e cedo anoiteceu. Naqueles morros cujo caminho não conhecia — menos que um trilho riscado no chão — não lhe era fácil enxergar, mormente no escuro, que mais se turvou no que o céu se encobriu e os relâmpagos riscaram de um lado para outro, desabando aguaceiro. A chuva que tardara anos caía agora, de supetão, sem se anunciar, e pegava o Zaquia de surpresa, deixando o pobre sem tino porque de repente o cavalo, um animal aniquilado que ia devagar mode conseguir romper a morraria, deu um tropicão, balançou, esparramou-se morro abaixo, jogando longe o cavaleiro aturdido.

O cavalo aniquilado se susteve de continuar escorregando para baixo dum encontrão com um tronco, e o Zaquia conseguiu agarrar uns ramos, umas soqueiras de capim, inda que tenha escalavrado os dedos e os braços, só não se machucando mais porque a terra, com a chuvarada, amaciara um tanto.

Zaquia se soergueu escorregando por causa da sola lisa da botina, o último par de calçado que lhe restara da miséria daqueles anos de seca, e num clarão de relâmpago avistou o aniquilado adiante, de pé, o arreio virado para a barriga, a carona dependurada, cai não cai.

Com muito custo arribou daquele trecho dificultoso, puxando a montaria pela rédea e meio perdido por causa de umas encruzilhadas que foi passando sem prestar atenção, de forma que por último já nem atinava com o rumo; despois de umas duas horas de penação avistou uma casa e pra lá se achegou, não mais porém que um rancho abandonado de sapê que podia ter sido morada de algum cristão naquele meio de mato mas que agora não tinha ninguém, e de serventia só aquela, abrigar um desavisado em hora de temporal. Nos fundos, embaixo de um puxado estreito, e no estado de fraqueza em que se encontrava, o aniquilado achou logo de se deitar mas o peão não pensou em dormir por enquanto: agachado perto da porta da frente, ficou por muito tempo espiando os relâmpagos, que desenhavam formatos de nuvens enormes no céu encarvoa-

do, e matutando nos contratempos do viver, nos despropósitos, sem que compreensão clareasse seu enleado entendimento…

Quando abriu os olhos já era dia claro, o animal focinhava do lado de fora procurando um ramo de capim, difícil de encontrar na sequidão do mato, contentando-se com uns restos de folhagem amarelenta, coisa que em situação diversa nem cheirava.

Zaquia procurou bica dágua mode lavar as mãos, mas não encontrou. O aniquilado ainda lutava com a folhagem seca, no desânimo de engolir aquilo, e o peão teve pena de meter o freio, deixou que ele mastigasse mais um pouco e espiou por perto. Eta lugar! Só um rancho a ponto de cair na beira de um trilho que mal se via no chão — há que tempos não passava por ali um vivente? Adonde ia dar aquele caminho? Pra saber, só seguindo adiante, e foi o que fez.

De tarde inda não tinha encontrado ninguém: o caminho, o trilho, por vezes sumia por completo e o cavaleiro se via no ermo, solidão tremenda, de longe em longe um pio de pássaro, um tinido de grilo, e só. Já noutros pontos encontrava uns vestígios, decerto era o caminho de novo, e via que não se perdera. O estômago produzia uns roncados de vez em vez, já que não levara farnel e nem topava com vila ou casa adonde pedir um de comer, e no cair a noite o que encontrou foi um pé de araçá com umas frutinhas miúdas, azedas, que ele botou pra dentro mode quebrar o jejum. Sobreveio então uma sede pior que a fome, e o pior de tudo: não viu sinal de água. O tempo parecia firmar — durante o dia fizera sol, não havia prenúncios de outra chuva, e agora, se bem que ali e acolá avistasse uma nuvem escura, o céu persistia mais para limpo, não parecendo que fosse chover novamente. Como não calhasse nem rancho nem árvore por perto, resolveu prosseguir por mais um pedaço favorecido um tanto pela lua minguante, pois se bem que naquele ponto não visse risco de caminho no chão, pelo tino conseguia prosseguir, mais ou menos. De um lado e do outro, ou o píncaro de um cabeço ou o despenhar-se duma fundura, mais acertado parecendo ao peão seguir pr'adiante, sempre reto, se possível fosse o reto transitar p'l'aquelas corcovas de morro, ainda que para adonde olhasse era sempre o mesmo: desolação.

Viajou bem, bastante, procurando esquecer a sede, mas era preciso dar uma folga ao animal, e como não topasse nem outro rancho nem árvore qualquer, que o mato por ali era na forma de uns arbustozinhos de alecrim que nem vulto fazia, o jeito foi esticar a carona no chão e fazer o arreio de almofada. Ficou espiando as estrelas enquanto deixava o pensamento vaguear, qualquer coisa, o silêncio das horas ajudando a não pensar em nada. O corpo bambeou, veio uma dormência que lhe foi fechando os olhos devagarinho, e dormiu.

Acordou de madrugada com os primeiros pingos frios na cara, e o céu lhe pareceu um abismo.

Tudo o que pôde fazer foi agachar-se e cobrir a cabeça com a carona, que no cair para os lados oferecia alguma proteção enquanto o temporal formava rio-riacho a lhe dar pelas canelas, correndo furioso morro abaixo. Vez a vez mudava

de posição no enrijecer-se das juntas, a água forte desequilibrando-o se bobeasse, e para suster-se melhor agarrou um pé de assa-peixe enquanto a água lamacenta abria rego, vala, valeta em seu redor. De cada relâmpago avistava mais adiante o aniquilado, imóvel, suportando a chuva como tinha suportado a seca, sem reclamação a não ser na vista tristonha de seus ossos perfurando o couro — e o Zaquia, assombrado com aquilo, excogitava: como é que despois de tantos anos de seca, sobrevinha uma água assim, que de uma noite repetia na outra? Isso devia alegrá-lo, pois era sinal de que as coisas tornariam a prosperar: plantação, gado, capinheira, inté sinhozinho Dodó era capaz de voltar para o Retiro, e dessa maneira não carecia ele se arredar para longe como fazia, ir por aí sem mais nem menos e sem destino certo. Então ele também voltava, "possa ser inté que os outro'stejam vendo essa chuva e pensando da mesma forma": com todos de regresso ao Retiro tudo ficava como antes.

A manhã foi clareando devagar e a chuva serenou. No nascer do Sol o Zaquia pegou o aniquilado pela rédea, botou nele a carona e o arreio e ficou sem saber: tomava o caminho de volta, e nesse caso era seguir na direção de onde tinha vindo, ou ia em frente? Aquela chuva seria sinal de que a seca chegara ao fim? Ou será que seu destino estava na incerteza do rumo à sua frente em vez da pouca certeza do trilho às suas costas? Mas essas dúvidas iludiam-lhe demais a cabeça, ele, um peão acostumado com o raiar do dia e o cair da noite, com a labuta de curral e o trato dos animais, sem leitura, e o mundo ou lhe parecia muito simples ou se afigurava um livro cheio de letras que ele não compreendia. A vida feita de perguntas não era para ele, queria apenas viver. Porém, no fim desse emaranhado, sempre aquela mesma pergunta: seguia em frente ou voltava para trás? Não soube ao certo por que decidiu seguir, pelo menos inté encontrar alguma casa, um povo qualquer — será que a gente do mundo tinha-se acabado?

De primeiro puxou o cavalo, que o chão escorregadio lhe parecia perigoso, mas quando o sol forte enxugou a terra tornou a montar. Por volta do meio-dia avistou um casebre num topezinho de morro, mas ao se aproximar percebeu logo que naquele também não havia morador: uma das paredes já caíra, as outras talvez não agüentassem outra chuvarada, mas ao lado amarelavam umas goiabas feias que serviam para matar a fome. Agora o Zaquia não via mais sinal de trilho, seguia o caminho mais fácil, contornando as encostas, evitando ribanceira, procurando os lugares mais baixos, escolhendo um rumo qualquer ao deparar uma encruzilhada, mas o que estava mesmo era perdido. Pelas três horas resolveu subir uma encosta e do alto do morro espiou: o que viu em toda volta foram corcovas inté o azulado do fim do mundo. Em que lugar para qualquer direção haveria gente? Com desânimo prosseguiu, já arrependido de seu desassossego: se tivesse ficado mais uns dias na Lajinha… mas foi achar que se era para varar o mundo, melhor seria o quanto antes…!

Zaquia esteve perdido beirando duas semanas: dormia embaixo do firmamento, mais de uma vez suportou chuva nas costas, que a água agora vinha com

fartura, e de boca o que conheceu foi goiaba, araçá azedo, numas grotas topou umas bananeiras, só coisa assim, que acabava dando enjôo por não ser de sal. Bebia muita água depois de comer fruta, por último o que caía no estômago lançava, e começou a sentir umas fraquezas. Pensou que seu fim estivesse perto, mas um dia de tarde avistou uma galinha, cisca que cisca numa moitinha de mato, e o coração deu pinote dentro do peito. Se havia galinhas, haveria pessoas, e tocando o aniquilado avançou mais rápido, procurando, não fosse perder a chance única que lhe aparecia, porque outra coisa era certa: sem nenhum sinal de povoado por perto, havendo casa seria de algum morador retirado, e se perdesse a direção dela quem sabe se acharia outra tão cedo? Mas não teve susto: no contornar um barranco avistou à frente, brotando do meio de umas árvores, uma colunazinha de fumaça, escutou um cantar de galo, e tocou a meio trote naquela direção.

Do terreiro da casa uma mulher, um pano amarrado na cabeça e a picar lenha, escutando o tropel espiou, viu o peão que chegava. Aprumou o corpo esfregando as mãos na saia e na porta da frente apareceu um homem baixote, vestindo uma calça muito suja e larga e uma camisa de saco, que também vigiou o visitante. Zaquia não precisou bater palmas: a mulher permaneceu no mesmo lugar, mas o homem saiu para o terreiro.

— 'Tarde — disse o peão de cima do aniquilado.

— 'Tarde — respondeu o da casa, e nisso a mulher também pertichegou-se.

Então o Zaquia esclareceu donde vinha, como estivera perdido aqueles dias, e requereu pela bondade de Nossinhô J'sus Cristo um de comer mode salgar a boca, que fizesse peso por dentro e desse força, "porque, por essa luz, que durante esses dias só tenho mastigado umas frutinhas, poucas, quando calha".

O homem, meio vesgo — Zaquia discernia agora a vesguice dele —, fez um sinal com a mão:

— Pois pode apear, moço — e indicou para os lados da casa um lugar de mato mais verdolengo —, deixe o animal solto por ali — e se virou para a mulher: — Virinha, acende o fogo.

E foi assim que o Zaquia depois de estar perdido e com fome por quase uma quinzena conseguiu refeição e pouso na casa de um tal Didino, um tipo provido de uma vesguice dos olhos, que no rir seu riso curto mostrava uma fileira de cavacos negrejados, no uso umas roupas encardidas (embora a do Zaquia parecesse também em precária situação) que lhe ficavam muito folgadas no corpo, sendo o dito amasiado com Virinha, uma dona ainda nova, de cara cheia e lenço na cabeça, que, não sendo feia, não fazia também presença de bem apessoada, inda que se mostrasse corada e a pele estivesse firme e lisa, principalmente no recanto dos olhos, adonde as rugas dão primeiro nas vistas.

A casa tinha somente um quarto, por isso o Didino achou por bem estender uma esteira no recanto da sala (repleta de ferramentas e outras tralhas), adonde o peão podia tirar um cochilo, descansar, que sendo conforme seu relato uma noite só seria pouco. Não se diz que tenha sido pouco: mal pesou no estômago

o prato de arroz, feijão com farinha e aipim frito mais um ovo sobreposto que esparramava em volta o dourado da gema crua, Zaquia sentiu uma fraqueza bambear-lhe as pernas, e mal estirou o corpo na esteira, ferrou no sono, um sono que durou inté clarear o dia.

Levantou e saiu para os fundos da casa, esticou-se ali ao sol mode dar ânimo ao corpo, e avistando a bica foi meter a cabeça embaixo dágua para espaventar um restinho de sono que lhe amolentava a musculatura. Bochechou e cuspiu, esfregou a cara com as palmas das mãos, com força, e se afastou dois ou três passos sacudindo a cabeça baixa, despois aprumou-se. Quando se virou, deu com a dona do Didino na porta, nas mãos uma toalha de saco alvejado.

Zaquia, meio sem jeito, recebeu a toalha e enxugou o cabelo, a cara, e foi pendurá-la num arame que atravessava o terreiro no feitio de varal. Aguardou novo convite para entrar, e Virinha reapareceu à porta:

— O moço pode se achegar, que o café está na mesa.

— Com sua licença, dona… 'gradecido…

E se sentou, enquanto Virinha trazia para a mesa uma caneca de alumínio e um prato com angu frito cortado em fatias finas, uma chaleira de café e um canecão com leite.

— É leite de cabrita — disse —, caso o moço não aprecie…

— Aprecio, sá dona, é de meu gosto sim senhora, mas não carecia ter trabalho…

E misturou o leite no café, serviu-se de uma fatia de angu, gordurento da fritura.

Mastigou devagar. Sorvia o café com barulho olhando para fora, para o terreiro, onde o sol rebrilhava na manhã alta.

Um frango de pescoço pelado formando galo apareceu na porta, a crista rubra feito uma grande flor. Cagou dum esguicho e ficou por ali, bobeando.

A dona do Didino lidava na cozinha, mexia com as vasilhas, colhia umas achas de lenha na despensa. Saiu e voltou instantes despois com um caldeirão dágua, que botou na trempe mode ferver.

— Se calhar, o arraial inda fica meio longe, sá dona? — disse o Zaquia.

Virinha estava agachada apanhando uma caçarola no guarda-comida.

— Longe sim — disse ao se levantar.

— Vossência mais vosso esposo assistem bastante retirado…

— A trote de cavalo, saindo de manhãzinha se chega em Vargedo passando bem de meio-dia.

— Arraial de Vargedo?

— Apois…

— Nunca ouvi falar. É grande?

— Não se dá… algumas casas, bastante… tem igreja e botica…

— Então é grande.

E colheu do prato mais um fatia de angu. Estendeu a mão para a chaleira, misturou meio a meio na caneca leite e café.

— Vossência mais vosso esposo costumam ir por lá?

— De raro em raro… no que falta um mantimento… ou pra vender uma mercadoria.

— Vosso esposo planta?

— Umas rocinhas… nada de vulto… mais pro gasto da casa…

— Não tem criança em casa — ele disse virando o último gole. Despois limpou a mão na barra da camisa, que ainda não tinha trocado: a roupa que vestia era a mesma daqueles dias todos, não cheirava bem e ele se sentia vexado.

— Não… Deus Nossinhô não nos agraciou ainda…

— Vossência deve de sentir falta…

— Às vezes… criança em casa traz alegria… porém…

Então o Zaquia se levantou do banco, espichou inté a porta. Encabulava, mas carecia fazer uma solicitação.

— Sá dona, eu…

Virinha, da beira do fogão, se virou.

— …é que por esses dias todos não troquei peça de roupa… e também estou carecendo uma lavação boa no corpo…

— Aí pra trás tem um corgo, se não se importar com água fria… ou, por outra, querendo, posso botar um caldeirão no fogo pra esquentar, mas vosmecê vai ter que se lavar na bacia…

— Não, no corgo, sim… não me incomodo com água fria…

Nesse momento apareceu no terreiro o Didino, que chegava da roça mode uma boquinha, bebericar um café inté a hora do almoço, por costume. Virinha para o marido:

— O moço quer se lavar, indiquei pra ele o corgo daí de trás… requer, porém, uma camisa limpa.

— O moço, se não fizer questão, eu lhe cedo uma muda de roupa…

— Não carece, vossência… não estou pra dar trabalho…

— Não é trabalho — disse o outro entrando na cozinha e apanhando a chaleira. — Despois, não precisando mais, o moço devolve — Virou o café na boca.

— Se for assim — disse o Zaquia —, sendo… aceito a oferta, e agradeço.

— Virinha — disse o homem, que vestia a mesma roupa do dia anterior —, vê pro moço… vou voltar pro serviço — e foi saindo.

O Zaquia o apanhou no terreiro:

— Vossência, se precisar de um adjutório… o animal carece de um descanso mais, daí que lhe dou uma mãozinha na roça…

— Seja da vontade do moço — disse o outro com seu riso de cavacos, o olhar sem direção certa —, não enjeito não, mas não ponho como condição pra pouso em minha casa.

A mulher apareceu à porta da cozinha:

— A roupa — disse —, apanhe a toalha aí no arame. Tem uma barra de sabão na bica, pode usar.

E o Zaquia recebeu a muda, recolheu a toalha e apanhou o sabão em cima do batedor de roupa. Seguiu o trilho. Lá adiante num largo o corgo aparecia, fundo arenoso e água clara rebrilhando. Primeiramente despiu a roupa imunda e principiou por lavar a camisa com sabão, despois a calça, esfregando bem e batendo na laje de pedra, mas não era fácil tirar o encardido, e mesmo o fartum saía a custo. Por fim enxaguou, torceu bem e jogou na grama da margem para despois pendurar no varal. Por fim tratou da sujeira do corpo, que não era pouca. Esfregou-se bem, ia se renovando devagar, e quando escutou um barulho nas moitas próximas deu um pulo, "será que tem alguém por aí? Alguma dona?". Agachou na água, ficou olhando na direção das moitas mas não viu ninguém. "Algum bicho…" sossegou. Terminado o banho vestiu a camisa e a calça do Didino, que serviam mais ou menos, sem aperto, pois o Didino usava roupas largas, mas meio curtas por ele ser baixote.

— Por acaso tem mais algum morador por perto? — perguntou o Zaquia entrando de novo na cozinha.

— Não… aqui semos nós só, eu mais o Didino.

— É que escutei um barulho no mato… calculo então que havera de ser uma paca, ou bicho qualquer…

— Havera de ser, tem paca por aí, tatu, bichos…

Despois do almoço o Zaquia acompanhou o Didino inté a roça, plantaçãozinha de mandioca, milho, feijão preto, uma partida de cada coisa, não muito, mas tratado direitinho fazia gosto, o Didino tinha aquele jeito desleixado mas da lavoura cuidava bem.

— Por cá não houve seca, seu Didino?

Não, por ali não se conhecia seca, tinham se dado sim uns estios, uns prolongavam mais, outros menos, mas ele mesmo não chegara a ter prejuízo — e foi mostrando ao Zaquia as vantagens de seu sítio, "não tenho muita terra, com custo adquiri esse corte, mas tem de tudo, e água é com fartura…"

E agarraram no serviço, a covação de um trecho grande que sem ajuda um homem levaria dois dias ou mais; com as chuvas a terra ficara fofa, fácil de amanhar, a enxadoca nem pesava muito nas mãos do Zaquia. Mais para a tarde quem apareceu foi a dona do Didino, contra o costume, levando chaleira de café e bolinhos fritos na gordura, num prato de louça embrulhado em toalha limpa.

— Ara, mulher, vosmecê que não se dá com o pesado…

— Inté parece que não labuto — respondeu a mulher.

— No de dentro de casa — retorquiu o Didino, cuspindo na mão mode umedecer, que com o tempo o cabo da enxada endurece, resseca o couro.

— Que já não é pouco — e indicando a chaleira, o prato: — Coei um café fresco, fritei uns bolinhos.

— Visita em casa é bom por isso — disse o Didino procurando uma sombra e chamando o outro —, a gente conhece agrado que nos outros dias não tem.

— O moço não é empregado nosso — disse ela —, se ajuda é por boa vontade, requer atenção.

— A dona — disse o Zaquia —, vossência… é muita bondade ter preocupação… mas não carecia trabalho com minha pessoa.

E tomaram o café, e comeram os bolinhos, e Virinha se retirou satisfeita.

Em antes das cinco, o sol ainda alto, o céu num repente se recobriu de nuvens e anunciou outra chuva. Não tardou: caiu grossa e demorosa, e a noite chegando ainda encontrou uma lubrina fina que persistia. Os homens tinham corrido para casa, à última hora o Zaquia se lembrando de suas roupas penduradas no arame que despois de secas deviam ter-se molhado de novo. Mas ao chegar Virinha entregou-lhe a calça e a camisa passadas e dobradas, que ela tivera lembrança de recolher no que viu o tempo escuro.

Despois da janta não havia o que fazer: a conversa durou pouco, só inté a dona do Didino terminar a arrumação da cozinha, e se recolheram. O Didino alegou a necessidade de levantar cedo para terminar a covação, que mais tarde pretendia dar uma esticada inté a Castanheira, Fazenda Castanheira, mode adquirir umas sementes de boa qualidade.

— Saindo em antes do almoço — disse o Didino —, quando for de tardezinha estou de volta.

— Se carece que eu acompanhe, seu Didino — se ofereceu o Zaquia —, mode algum adjutório…

— Se for de seu gosto… lá vosmecê ia gostar de conhecer. Fazenda grande a Castanheira, muito gado. Me dou bem com o dono, ele me ajeita sempre umas sementes, que adespois eu pago com alguma mercadoria, não que ele requeira, mas por obra de não ficar devendo aos outros, que dever favor já é muito.

— No que estou de acordo com vossência — asseverou o Zaquia.

Didino disse boa-noite e se deitou, e Zaquia se levantou também da mesa: a salinha cheia de utensílios, num canto a esteira esperava por ele e o corpo ainda esgotado pedia repouso, noite de sono. Virinha ficou na cozinha remexendo numa coisa e noutra, dona de casa sempre acha no que remexer, sempre resta um quefazer, qualquer coisa que com capricho prefere não deixar para o dia seguinte, e o Zaquia escutava o passo dela de um lado a outro, o barulho de uma porta do guarda-comida sendo aberta, uma vassoura correndo no chão, um tinir de vasilha de ferro.

Quase adormecia quando viu um vulto na porta: firmou as vistas, o vulto deu um passo dentro da salinha, mas era a dona do Didino que ia lhe falar:

— O moço não precisa acordar cedo, pois o Didino só vai à Castanheira despois da covação. Pode descansar a gosto.

No sono que já lhe amolecia o corpo Zaquia respondeu qualquer coisa, que sim, que não, que se precisassem dele estava pronto bem cedo, era só chamar, e dormiu pesado em seguida, só acordando às oito.

Levantou-se vexado: inda que estivesse carecendo de umas boas noites bem dormidas, àquela altura o Didino já devia de estar na lida há pelo menos duas horas, e ele, Zaquia, tinha por obrigação ajudar. Sentou-se à mesa encabulado, espiou para fora e, pelo vão da porta, viu passar o frango de pescoço pelado, o olho redondo, a crista de sangue, as barbelas dois imponentes atavios.

— O moço não se apoquente — disse Virinha —, tem tempo…

E botou a chaleira na mesa, trouxe a caneca, a broa com funcho que fizera bem cedo, ainda quente do forno. Zaquia se serviu com moderação, bebia o café aos golinhos, mastigava com vagar a fatia de broa.

— Vosmecê indo à Castanheira faz tenção de permanecer por lá? — perguntou Virinha.

— Não posso garantir — respondeu o peão —, careço de uma colocação, mas será que vão me aceitar?… também, em antes tinha vontade de conhecer o arraial, Vargedo, não é?…

— Vosmecê pode esperar por cá mais uns dias, o Didino deve ir inté Vargedo semana que vem. Pra viagem assim, é bom ter companhia.

— Posso esperar — disse o peão, mas emendou: — Conforme… vamos ver…

E saíram na direção da Castanheira lá pelas dez horas, o Zaquia no aniquilado, o Didino num burrinho gordo que pouco trabalhava e, não querendo deixar o companheiro para trás, carecia refrear de vez em quando. Chegaram na fazenda passando o meio-dia, mas em tempo de alcançar o almoço. O dono era um homem velho, seô Filomeno, com uma enfiada de filhos e netos, a família inteira vivendo nas terras, ali mesmo trabalhando e produzindo. No terreiro a gritaria da criançada, uma chusma, mas quando retiniram uns ganidos de cachorro muito altos seô Filomeno se levantou da mesa e chegou na varanda. Com seu vozeirão berrou, a criançada aquietou-se um pouco e o cachorro que levara com um pau nas costelas já estava longe, lambendo o couro magoado. Seô Filomeno voltou para a mesa:

— Esses moleques! — resmungou, e agarrou uma asa de frango.

O Didino disse a que viera: umas sementes, precisava para jogar na cova e aproveitar que o tempo trazia chuva, pois do contrário teria de molhar a regador, trabalheira redobrada que era melhor evitar. Seô Filomeno respondeu que ajeitava, "inda essa semana tirei uma semente de primeira" disse, e virando para o Zaquia se informou:

— O moço, como e mesmo sua graça? Zaquia?

Zaquia fez que sim, sem poder responder com a boca cheia.

— E lida com quê?

E o peão explicou, falou da seca, da derrocada da Fazenda do Retiro, dos dias que estivera perdido.

— Escutei falar do Retiro — disse seô Filomeno —, mas não cheguei a conhecer o dono… É longe, não? Dias de viagem… Mas se o peão não tiver

pouso, e quiser ficar por cá… olha que pra serviço de curral está me faltando alguém experiente…

Zaquia não respondeu logo. Engoliu primeiro, limpou com as costas da mão a boca engordurada.

— Agradeço a oferta de vossência — disse por fim —, estou carecendo… mas se vossência não reparar… em antes eu tinha tenção de chegar inté Vargedo, mode conhecer… despois então, sim… eu vinha…

— Vosmecê fique à vontade — bradou seô Filomeno, vendo-se na precisão de chegar outra vez à varanda mode pôr sossego na assuada dos meninos. Retornou. — Vosmecê, vindo — disse sentando-se outra vez —, tem seu lugar…

Umas três horas estavam de volta. O Didino satisfeito com as sementes, o Zaquia com a acolhida que tivera por parte de seô Filomeno e com o oferecimento deste — e foram encontrar Virinha de vestido limpo e cabelo penteado, sem aquele pano amarrado na cabeça que a tornava tão mais velha.

Didino, nem é com ele, mas Zaquia reparou na Virinha, mais bem aparentada, com uma vestimenta a melhor se ajustar ao corpo, os cabelos presos dos lados com grampinhos e na parte de trás com uma pregadeira. Reparou, mas não fez comentário, muita falta de respeito seria sendo a dona casada, mormente estando o marido. Sentaram para uma boquinha, que a jornada, mesmo em lombo de animal, era cansativa e abria o apetite: de mistura, restavam umas fatias da broa com funcho que o peão comeu devagar, enquanto o Didino se apressava mode aproveitar o resto da tarde para iniciar o plantio.

— O moço, querendo, pode estar — ele disse, levantando-se e virando o último gole de café —, só vou aproveitar umas duas horinhas inté anoitecer. Amanhã, então, sim, se for de vosso agrado…

E saiu em seguida.

Uma galinha que entrou pela porta da sala veio vindo, acostumada com a dona cruzou a cozinha sem medo, e cacarejou na porta inspecionando em volta, debicando uma casca de legume caída no chão. Surgiu o frango de pescoço pelado e o Zaquia viu seu olho redondo cravado nele, mas logo a galinha saiu para o terreiro e o frango foi acompanhando, meio pinto meio galo, receoso por enquanto de cortejar uma galinha formada.

— Eu bem que gostava de assistir em lugar de arraial — disse a dona do Didino de repente, enquanto mexia nas panelas sobre o fogão. Com uma colher tirou uma prova, botou na palma da mão e levou à boa para tomar o gosto.

— Dá mais comodidade — concordou o Zaquia, que permanecera sentado. — Mais perto de recurso, em caso de precisão…

— Também a gente pode se arrumar mais a jeito — ela disse —, nesse meio de mato nem dá gosto, se arrumar pra quê?

Zaquia estranhou um pouco, e ficou na dúvida se devia comentar que, no seu juízo, ela tinha ficado mais bem parecida daquele jeito. Mas não disse nada, e esperou que ela desse prosseguimento.

— O Didino nem liga — disse ela —, garanto que o moço notou que eu me ajeitei um pouco, mas o outro, não vê que…!

— Apois… vossência… é certo que uma dona deve de se trajar com jeito, no caso de ter de sair, ir a algum lugar… mesmo em casa, mode fazer agrado ao marido… eu, de mim, não digo nada, não sou casado por enquanto, mas se fosse, gostava que…

Virinha não disse mais, Zaquia sentiu-se atalhado. A conversa caiu.

O pescoço-pelado cantou no terreiro.

— Apois…

Mas o peão, que ia dizendo alguma coisa, parou. Imaginou se não estaria aproveitando muito: teve vontade de requerer a toalha mode um banho no corgo, espiou para o arame que podia ser visto através da porta da cozinha, a toalha não estava lá.

Por fim se decidiu:

— Apois, sá dona… vossência não se incomodava se eu solicitasse o favor da toalha… vou inté o corgo…

Virinha não respondeu. Entrou no quarto e saiu com uma toalha limpa, que entregou ao Zaquia.

— Por hoje inda fico com a muda de roupa de seô Didino — disse —, mas amanhã…

— Não tem pressa — disse a mulher —, o Didino não liga, nunca muda de roupa, a não ser quando já está feito baixeiro…

— Ah… mas mesmo assim…. bem, então, com vossa licença…

E seguiu na direção do corgo.

Zaquia estava pensativo — se não devia seguir logo no dia seguinte, sozinho mesmo, inté Vargedo mode conhecer como pretendia, e lá, com os cobres que inda tinha no embornal comprar mais uma muda de roupa e uns dois pares de botina, um de mais vista para ocasião de festa ou passeio e outro para a lida, e despois retornar direto rumo à Castanheira, onde seô Filomeno ficara de lhe arranjar colocação. Não ficava bem estar na casa de gente estranha por mais tempo, inda que ajudasse na roça, pois era sempre uma despesa a mais e ele não tinha recurso mode uma paga, inda que os da casa decerto nem aceitavam.

O aniquilado suportaria bem a jornada: seguia a passo, sem pressa, calculou, e despois também podia ir parando pelo caminho mode não sacrificar muito o coitado. Era o melhor a fazer: tomava informação de como alcançar o arraial e para lá batia bem cedinho, inda com escuro — e formou projeto de, mais tarde, dar parte de sua decisão ao Didino.

Tirou a roupa, entrou na água e começou a se ensaboar. Foi quando escutou de novo um barulho nas moitas, que nem no dia anterior, e se virou.

A dona do Didino estava ali, no morrinho, espiando para ele.

A lua principiava um crescente lançando pela planície aquela luz bacenta a clarear o caminho, um trilho largo, branco, espichado entre o verde da mata.

O aniquilado trotava devagar, às vezes diminuía o passo mode abocar uma moita de capim, ia por ali pastando sem se incomodar com o peso no lombo, e só retomava o meio-trote no que, dando acordo de si, o peão fingia uma espora (que não usava, não sendo de seu gosto mormente com o animal ainda fraco para andar mais ligeiro), ou dava uma pancadinha com a rédea, fazia com a boca "tum, tum, tum". Mas nem tardando havia mais adiante outra moita, e o aniquilado baixava o focinho, se bobeasse ia ficando por ali inté o peão acordar de novo, e de novo fingir espora nos vazios ou tocar com a rédea, ou repetir "tum, tum".

A noite possuía seus alvoroços: dum brejo vinha o vozeio dos sapos num martela-que-martela sem fim, nos campos os grilos, na mata as aves da noite, o caburé, a coruja, e algum bicho do chão com seu tropel…

O peão não ouvia nada disso.

Em seus ouvidos ainda zunia a voz da mulher, Virinha, que o abraçava com força e pedia: "Me leva contigo, peão, me leva contigo", ele, no tresvario daquela situação só achando de proferir: "Isso é maluquice, sá dona, isso é maluquice", e tanto mais dizia que aquilo era maluquice, mais Virinha se apertava contra seu corpo.

O que havia acontecido?

Fora tudo um baralhamento tal que ele não botava sentido desde que, escutando o barulho na moita, tinha espiado, dando com a dona do Didino em pé, no morrinho, a vigiá-lo pelado dentro do corgo.

Despois viu que ela se livrava das roupas e descia também inté a água. O que se deu em seguida perfazia inda confusão em sua mente: sentiu os abraços dela, o fogo de seu corpo, sua fala ofegante e seus pedidos mode ele carregar com ela pra longe dali, "pra longe do Didino". Mas aquilo não podia ser, era maluquice das mais grandes, ele dizia, e mesmo despois, enquanto ele apertava a barrigueira e montava no aniquilado pra ir embora antes que o Didino chegasse, ela ainda pedia e ele repetia "maluquice, sá dona, maluquice, maluquice…"

No que ia tocar o animal para sair, Virinha, o choro na forma de umas lágrimas grossas que desciam feito cascata pelas faces, inda se agarrou na perna dele.

— Eu sei, eu sei — ela disse, e ele parou. Então ela novamente se agarrou à perna dele e, encarando-o bem, falou: — Eu não estarei mais sozinha, peão, agora não estarei mais sozinha, se Deus Nossinhô quiser — e alisou a barriga com jeito, um gesto manso e um sorriso que se parecia com um raio de sol.

Então ele se curvou e fez uma meiguice com a ponta dos dedos nas faces úmidas da mulher. E, sem tomar indicação do rumo, tocou o aniquilado que lá se foi, trotando.

Madrugava quando o Zaquia atingiu Vargedo, e como de arraial só conhecia Corgo Seco, que tinha se acabado, e Lajinha onde estivera pouco tempo, achou a povoação avultada. Dia claro, percorreu as ruas estreitas adonde aqui e ali ocorria um ajuntamento, ou numa saída de armazém, um num largo em que se

amarravam os cavalos; admirou a matriz com seu sino grande donde viu surgir um padre de batina que desceu a rua e se misturou à demais gente; passou em frente à botica e pelo cartório de paz, e num recanto de beco deparou inté com uma escola mode ensinar o abecedário à meninada.

Bodega encontrou várias. Entrando numa delas requereu uma média, e enquanto ia bebericando ali mesmo, no balcão, a cabeça mais arejada apesar da noite em branco, imaginava o que fazer agora, pois o certo é que se em antes ele formara um plano, a situação se modificara por completo, e de novo ele se via na incerteza. Pensando bem, podia fazer o que tinha em mente: adquirir por ali uma muda de roupa e dois pares de botina e despois retornar, bater direto para a Castanheira, adonde tinha arranjo garantido por seô Filomeno. Podia também seguir em frente, dali avançar inté Deus sabe onde, parando em algum lugar, algum dia, mas o mais longe possível. Se voltasse para a Castanheira, inda que não ficasse muito perto, corria o risco de o Didino desconfiar (afinal Virinha garantira estar esperando criança, "mas como é que uma dona pode saber que está de barriga assim, na mesma hora? Será que sabe?…", donde supor que se até então não tivera filho a culpa seria do marido; sua saída de supetão da casa dele, sem ao menos esperar que ele voltasse da roça, daria o que pensar): desconfiava, acabava sabendo de sua permanência com seô Filomeno, ou ia lá mode tratar algum assunto e o via, ou inté mesmo batia no seu encalço procurando primeiro no lugar mais certo, a Castanheira, nunca que podia saber da disposição do homem, e a desgraça estava feita. Por outro lado, se seguisse em frente, adonde iria achar pouso? O dinheiro era aquele que tinha no bolso, um minguado que não dava pra nada — e despois?

Zaquia bebia o café devagar espiando a ruazinha lamacenta onde uma dona passava a pé, pela mão um guri de barriga de fora e cara suja; um carroceiro passou também, com um pretinho à frente candiando; veio um senhor gordo e baixo, chapéu de camurça e charuto fumacento, esteve uns instante diante da bodega, as mãos metidas nos bolsos, e despois seguiu em frente; do sobrado, do outro lado da rua, caiu uma quantidade dágua suja, uma mulher nalguma janela berrou que "tivesse cuidado, fulana" e a fulana no mesmo tom que "saíssem de baixo", enquanto uns e outros espiavam para cima; meninos passaram fazendo tumulto, um preto bêbado deu um tropicão e quase tombou bodega adentro, mas conseguiu em tempo agarrar-se à porta… Zaquia espiava, ouvia a matinada do povo, via as formas passando, os vultos, percebia o movimento… mas estava longe, longe, abismado em si mesmo.

Despois saiu da bodega, entrou num armarinho e explicou: queria comprar um par de botinas, "mais ou menos" disse, "das mais baratas" e o homem que atendia ao balcão esclareceu que ali não vendia botinas, "se calhar, uma muda de roupa" e o homem disse que também não, que procurasse o turco, o da lojinha na esquina, lá ele podia inté comprar um corte de pano mode fazer umas calças, que saía mais em conta. Zaquia agradeceu e saiu.

Na lojeca do turco escolheu umas botinas ordinárias, duas camisas e um corte de pano grosso, e saiu para a rua perguntando-se adonde encontraria uma costureira que costurasse para ele. Mas voltou à loja, inquiriu do turco se aquele corte bastaria para duas calças, "uma só" respondeu o homem, que tinha um olho vazado e falava para dentro, engolido, com má vontade, então o Zaquia mandou embrulhar outro corte de pano, de outra qualidade, e lhe entregou o último níquel. Ao deixar a loja levava o embrulho debaixo do braço e uma decisão: de bolso não lhe ficara reserva, não podia se dar o luxo de enjeitar, mode receio bobo, o oferecimento de seô Filomeno, e enquanto se dirigia para o largo adonde amarrara o aniquilado ia pensando que por mais que o Didino desconfiasse — se fosse capaz de desconfiar de alguma coisa — sempre careceria de uma certeza, uma prova, e assim não teria cara de ir atrás dele tomar satisfação. Por outra, seguia ruminando enquanto o aniquilado no seu vagar de costume tomava caminho, bem podia ser que Virinha estivesse enganada, como é que ela, mal tinham acabado de "fazer aquilo", podia ter tanta certeza de ter embuchado? "Mulher sabe dessas coisas" disse-lhe uma voz dentro de sua cabeça, voz que ele escutou direitinho mas de que, no aperto da necessidade, resolveu não fazer caso. "Seja o que Deus quiser" pensou decidido, "do Didino eu não me arreceio" e um pouco mais aliviado adiantou o passo: o cavalinho agora andava ligeiro, e seguiu direto para a Castanheira.

Seô Filomeno, soltando na varanda sua voz grossa contra os meninos que faziam berreiro na frente da casa, o avistou de longe. Mas um maiorzinho deu com um pau nas costas de um cachorro manso que saiu ganindo para, daí a pouco, retornar e receber outra paulada, se bobeasse, e seô Filomeno teve o moleque pela orelha.

O Zaquia apeou e fez um aceno, o dono da casa gritou:

— Se achegue, seu Zaquia — e passando pelo portão saiu para o terreiro —, então vosmecê resolveu aceitar meu convite.

— Com a mercê de vossência… caso inda possa…

— A oferta está de pé, ora essa! — exclamou o homem com sua voz de trovoada. — Já vou lhe indicar seu pouso, é ali pra trás, numa despensa velha, adonde os outros também se acomodam… mas isso fica pra depois, agora que já está escurecendo venha pra dentro mode a gente se entender melhor…

E o Zaquia ficou, foi ficando, agradado do serviço, o mesmo que sempre tinha feito na vida. Seô Filomeno, por sua vez, também se agradou da atitude do peão, trabalhava com vontade e era isso que ele queria ver. Passado um mês, passados três, o Zaquia já era parte da Castanheira, e os outros, os mais antigos, lhe guardavam respeito por ver que entendia do riscado. Nos primeiros dias foi fazendo camaradagem, e de noite, em antes de a turma se recolher, um sempre se supria dum bandolim para tocar moda tristonha, ou alegre, conforme, e na falta de um pandeiro para a marcação cada um se provia, batendo com o pé. Sendo novato, cabia a ele contar causos, e de boa prosa não se fazia esperar: relatou seu tempo de garoto, contou sobre o Retiro e sinhozinho Dodó, falou

de sinhô Duliro, um homem velho de muita sabedoria que o tinha iniciado no trato com boi, a ele e a um amigo seu, Lourenço, que também lidou no Retiro; e referiu a seca de mais de quatro anos que consumiu aquelas bandas e obrigou o povo, assim como ele, a fugir. Os outros punham atenção; um e outro sabiam coisas sobre a seca, que por ali não chegara, e o Zaquia fazendo que sim referiu toda chuva que levou p'las costas durante sua viagem inté dar com a casa do Didino. Nesse ponto achou por bem não amiudar, declarou somente que por lá estivera dois ou três dias, despois seguiu inté Vargedo mode ver como era pois de arraial só conhecia Corgo Seco, que se acabara, e Lajinha, que não era grande coisa. Por fim, como seô Filomeno tivesse feito proposta e ele precisasse, recuou inté ali e muito a gosto permaneceu.

Zaquia referiu seus causos em três ou quatro noites, logo nos primeiros dias, mas sempre calhava de esquecer um fato, uma minudência, alguém perquiria mais, ele ia acrescentando, recontava, os outros ouviam com interesse. Despois todo mundo já sabia quem ele era, não havia mais novidade a referir e era ele a escutar de um e de outro histórias antigas que a maioria já conhecia bem, mas que sendo novidade para um eram sempre recontadas com boa vontade. No mais, parolava-se sobre as tarefas do dia, alguém desfiava projetos para o futuro; os mais velhos, já de família constituída, punham-se saudosos de sua mocidade, pois é certo que a gente moça tenha idéias, diga isto e mais aquilo, mas os mais velhos já não pensam muito, a não ser em levar o sustento para casa adonde os esperam esposa e filhos, e por isso calham de botar mais atenção no serviço e não formar na cachola pensamento desviado. Zaquia, sendo moço, teria lá seus planos, também falava deles, e quando um dos outros perguntou se ele não cogitava em se casar, respondeu que por enquanto não, requeria primeiro ter o de seu, coisas, uma casa, um sítio, despois sim, era o caso de encontrar uma moça de seu agrado.

Vez por outra o Zaquia pensava na dona do Didino — lembrança daquele instante de espanto em que, de dentro do corgo, escutou um barulho nas moitas, olhou e viu-a no alto do barranco. Às vezes lhe vinha uma aflição danada por imaginar que ela já devia estar mostrando barriga (já ia para quatro meses que ele chegara na Castanheira), o Didino espantado daquilo, porque há tanto tempo juntos e tal coisa ainda não tinha sucedido, como é que fora se dar justo agora? Teria ele desconfiado? Zaquia, por mais de uma vez e como quem não quer nada, pensou indagar de um qualquer, ou mesmo de seô Filomeno se não sabia notícia do Didino, mas à última hora resolvia calar-se, não fosse provocar suposições — não podia correr o risco, o povo malda, ele sabia, era só deixar uma pista, um rabo que fosse, e para as coisas reverterem bastava uma suspeita.

Um dia, tendo ficado inté mais tarde no serviço, chegou-se já com escuro à porta da cozinha requerendo a presença de seô Filomeno mode receber instrução sobre umas vacas que estavam 'mojando, uma das quais meio adoentada tanto que, no seu entender, não era bom que fosse para o pasto, requerendo

capim cortado e repouso no curral; então ficou sabendo que o Didino estivera ali, saíra há pouco, de volta para casa.

— O Didino? — disse o Zaquia com um estremeção. — Esteve por aqui?... Ah... Decerto requerendo sementes...

— Não — respondeu seô Filomeno —, às vezes ele vem à toa, de visita... ficou sabendo que vosmecê ficara por aqui, queria lhe falar...

— Falar comigo? — e o Zaquia fingiu uma cara de espanto. — Ué, o que será que o Didino pode querer mais eu?

— Olhe que, a bem da verdade ele não referiu o assunto... mas como eu lhe explicasse que vosmecê estivesse hoje com muita ocupação, deixou recado...

— E recado...?

— Sim, solicitou que comparecesse na casa dele... tinha um assunto a tratar... eu disse que depois de amanhã vosmecê estaria mais folgado, que iria...

— Depois de amanhã, seô Filomeno? — e o Zaquia se desorientava. — Que eu iria...

— Ora essa, homem, que cara é essa? Pois eu fiz mal? Espia que o Didino encareceu por demais vossa comparência por lá...

— Não, seô Filomeno! — disse o Zaquia, disfarçando. — Está visto... mas é que vossência pode carecer de mim por cá... pra ir na casa do Didino e voltar é quase que o dia...

— Não se apoquente, pois se eu disse! Eu lhe concedo o dia, inda mais que saindo cedo, conforme o que for tratar, em antes das três vosmecê está de volta.

— Isso é...

— Então!

— Pois, sim... sem erro... depois de amanhã vou ver lá o que o Didino quer...

— Está dito, ora essa! Está dito!

E estava dito. Dois dias depois, bem cedinho, Zaquia bateu estrada, incerto porém do que fazer: se seguia inté a casa do Didino ou se metia o pé no mundo (e este alvitre ia lhe parecendo o melhor, e com razão de sobra: o aniquilado, recuperadas as carnes e as forças, viajava bem, e ele por sua vez não se achava desprovido, pois mesmo naquele pouco tempo de serviço na Castanheira ajuntara algum, com o que pelo menos nos primeiros tempos não passaria aperto).

Que aquilo era sina, e o peão ia deixando o aniquilado à vontade, não restava dúvida: ele inté já se havia esquecido do Didino, lá uma vez ou outra sobrevinha a lembrança do acontecimento, mas no dia-a-dia da fazenda, o tempo todo ocupado, não cabia preocupação com uma coisa que, para ele, seriam águas passadas. Cinco meses — sim, porque quase metade de um ano havia transcorrido, Virinha já estaria gorda na certa —, e vai um dia aparece o Didino querendo assunto, deixando recado mode comparecer em sua casa. Haveria planos de vingança? E ele ali, no lombo do aniquilado, sem saber que destino tomar: seguia direto para Vargedo e daí mundo afora? Tomava o caminho da casa do outro? Então alvitrou deixar a decisão por conta do animal: chegando

na encruzilhada, o caminho que o aniquilado tomasse era aquele mesmo que ele seguiria (inda lhe parecendo certo que o cavalo preferiria o caminho de Vargedo, naquele ponto largo e reto, enquanto que para seguir na direção da casa do Didino carecia tomar um trilho meio apertado numa subida a pique — e quem quiser que veja nisso esperteza do peão, que calculava as coisas com todo acerto).

…Com todo acerto, não fosse o destino agir por conta própria mais uma vez, pois se sabe que cavalo, por mais descansado e gordo que esteja, e mesmo pastando bem em véspera de viagem, pelo meio do caminho, se o cavaleiro não toma tento e o deixa frouxo, vai mordiscando aqui e acolá uma grama, uma soqueira de capim, e escolhe as mais vistosas, de mais agradável aparência. Foi o que se deu ao chegar na encruzilhada: o caminho de Vargedo era bem largo e plano, fácil de andar, mas do lado de cima calhou ter crescido uma moita verde que ao aniquilado pareceu mais saborosa, talvez porque um verde assim clarinho indicasse capim novo e macio, e ele foi cheirando, cheirando, avançando um passo, dois, o grosso da moita era mais acima, carecia esticar bem o pescoço num desconforto, por que não subir a ladeira um tantinho mode comer mais à vontade?

"Não tem jeito" pensou o Zaquia, e se conformou, aceitou sua sorte, fosse qual fosse: tocou para a casa do Didino.

De longe, só avistou uma fumacinha subindo no meio das árvores, igual na primeira vez, despois apareceu a casa, mas não viu ninguém. Estaria o Didino? Ou Virinha?

Não apeou no terreiro: de riba mesmo do cavalo bateu palmas.

— Ô de casa!

Não houve demora: a porta da sala se abriu, apareceu o Didino, o olho vesgo, a roupa encardida e folgada no corpo, a cara estranha… e, pendurado na cinta, um facão largo e comprido numa bainha de couro, coisa que não era de seu costume usar, pelo menos o Zaquia não tinha lembrança de o ver com um facão daqueles nos dias que por ali pousara.

— 'Tarde, seu Didino.

— Apois — disse o outro com um riso amistoso —, é o Zaquia!… — e com familiaridade: — Se apeie, seu moço… então seô Filomeno deu o recado?

Zaquia apeou evitando olhar para o homem, botou primeiro um pé no chão, despois o outro, fingiu estar arrumando qualquer coisa no arreio, puxou o aniquilado inté um pau e o amarrou, fingiu um nó, mas frouxo para o caso de ter de sair em disparada. Só daí retrocedeu, foi falar com o Didino.

— É verdade… seô Filomeno falou… vosmecê carecia duma palavra mais eu…

— Então, seu Zaquia! Coisa de urgência, já de há tempos…

— Não será de gravidade…

— Não deixa de ser, seu Zaquia, não deixa de ser… mas venha pra dentro, mode a gente prosear sentado — e foi entrando e falando: — A casa vosmecê já conhece, se achegue cá pra cozinha, Virinha ind'agora coou um café.

A acolhida pareceu-lhe favorável, Zaquia não vislumbrou na cara do Didino nenhum sinal de zanga, nada que indicasse indisposição do outro contra ele, e se tranqüilizou um pouco. Entrou na sala adonde dormira da outra vez, seguiu o Didino inté a cozinha. Esperava dar de cara com Virinha, verificar se era verdade que ela já estava pesada, mas não a viu. O Didino indicou o banco, "tome assento, esteja à vontade", e ele também foi se acomodando num tamborete.

Zaquia sentou e apoiou um cotovelo na mesa, vigiou o outro, esperou.

— Mas seu Zaquia… espia… que coisa! Que daquela vez vosmecê pousou por aqui dois ou três dias… e despois saiu muito de repente…

— Pois é, seu Didino… inda no caminho calculei que, saindo de supetão como saí, vossência fosse levar a mal… mas é que eu tinha urgência de uma colocação, e pensei em procurar seô Filomeno mode a oferta que ele me fez… mas eu tinha tenção de, primeiro, ir a Vargedo, por carecer de umas botinas novas e um corte de pano mode mandar costurar umas calças…

— Apois, vosmecê saiu de supetão… porém… compreendo sua urgência, um cristão carece de um pouso, um quefazer mode ter o de seu…

O Zaquia acompanhou a fala do outro, balangando a cabeça.

— Mas, ocorre que… — e o Didino arrastou o tamborete mais para perto da mesa, e baixou a voz, atrapalhado: — É um causo de muito embaraço, assim de falar… que se deu com Virinha, veja vosmecê…

Zaquia estremeceu: o Didino já sabia de tudo, Virinha não conseguira esconder o sucedido diante da desconfiança do marido. A pobre agora devia estar morta, e o destino dele seria o mesmo, pois não restava mais dúvida de que o Didino o chamara ali para matá-lo! Esses pensamentos passaram pela cabeça do peão num relance, mas ele não demonstrou na cara o medo que de repente sentiu.

Didino se levantou, foi inté o fogão e apanhou a chaleira. Trouxe umas canecas, serviu primeiro o peão. Zaquia, abafado, estendeu a mão para a caneca mas não a levou à boca: ou o outro também bebia, ou o café estava envenenado, por isso resolveu esperar…

…E o Didino bebeu, virou a caneca na boca dum gole só.

— Bota atenção, seu Zaquia, no que lhe vou relatar — disse, e concentrando-se um pouco, principiou: — No que vosmecê se foi, Virinha restou meio tristonha, macambúzia dum canto pro outro, de pouca fala, e isso me desgostou. O que é que estaria se passando?, excogitei cá comigo, calado, espiando a pobre sem fazer pergunta. Esperava que ela, por si mesma, arresolvesse referir seu pesar. Pra vosmecê compreender o causo, carece lhe dizer que conheci Virinha há uns tantos anos, coitada, vivendo só, arredada da família, em Vargedo, adonde labutava, muito decentezinha, por demais acanhada… avistei ela uma

dia que estive em Vargedo mode vender umas mercadorias, me abeirei, intencionado, 'garramos de prosa, ela sempre de cabeça baixa, respondendo miúdo, sem firmeza de arribar as vistas pra mim, moça de modos, coisa cá do meu gosto… e calhou de a gente se encontrar de novo passados uns dias… é que voltei a Vargedo sem necessidade, apenas pra rever a moça… e ela acabou dando licença d'eu lhe segurar a mão, foi 'panhando confiança na minha pessoa e com pouco me pareceu que tinha se agradado também de mim. Antão pedi que se casasse mais eu, e ela aceitou com muita alegria, pois conforme relatou não possuía de seu a não ser a roupa do corpo, já que inté o quartinho adonde ficava era de favor… Agora veja vosmecê bem: Virinha casou mais eu e viemos morar aqui, nesse sitiozinho que eu 'panhei em negócio há anos… Mas ocorre que ela me referiu por miúdo sua vida, que não tinha sido fácil: em menina se arredou da família mode aliviar a despesa em casa, que a mãe era doente e o pai quase não dava conta de sustentar tantas bocas… se arredou de casa e passou pela dos outros, foi passando, daqui pr'ali, dali pr'acolá, de modo que ela nunca mais teve notícia dos seus… especialmente de um irmão, um pequeno feito ela, com quem era muito apegada… e chamava Ezequias também, assim feito vosmecê… então, não é que Virinha encasquetou uma idéia na cabeça…?

— Uma idéia? — gaguejou o Zaquia. — Mas que idéia pode ser essa, seu Didino.

— Espia só… que ela encasquetou que vosmecê… calha ser o irmão a quem era mais apegada, e que não via desde meninazinha… por causa do nome, ela disse, e por motivo de alguma parecença também, que ela achou vosmecê parecido…

— Eu? — e o Zaquia se assombrava com tal história. — Mas será…?

— Não há certeza… pode ser que não… vosmecê é quem poderá desfazer essa dúvida, se vier a se lembrar de algum causo na sua família assim como lhe relatei…

O Didino suspendeu a fala, Zaquia o encarava pasmado. Continuou:

— Como lhe referi… com sua partida, Virinha pegou a ficar triste, decerto acreditando ser vosmecê o irmão dela… e se deu nesse meio tempo que ela ficou em estado interessante, coisa que muita alegria trouxe pra esta casa, pois há que tempos a gente pelejava mode um menino, vontade de escutar choro de criança, não sabe?, ver cueiro, fralda pendurada no varal… adonde que ela está agora de cinco meses pra seis… Então, com o passar dos dias, vendo que ela pegava engordar e cada vez mais arredada, tristonha… resolvi procurar saber de vossa pessoa, mode requerer que viesse tirar a limpo esse causo…

Zaquia, ouvindo o relato do Didino, ia consigo mesmo vendo escapula pr'aquela confusão: a história contada pelo outro calhava bem — era só ele confirmar mais ou menos, cooperar na mentira, que sim, uma irmã sua, em pequena, saiu de casa, fora dada pelo pai a uma família em troca de um adjutório, a menina fazia lá uns servicinhos de acordo com sua idade, mas despois a família se mudou e nunca mais tiveram notícia; sim, bem podia ser que Virinha fosse

mesmo sua irmã, essa irmã perdida por causa da penúria que haviam conhecido naqueles tempos…

— Mas a dona… não se encontra?…

— Ora, pois… ela não demora… quando avistou vosmecê chegando, saiu por ali — indicou a porta —, acanhada… apois, que se ocorre mesmo esse parentesco, não sabe?, será caso de muita alegria… se vosmecê não fizer questão, eu vou chamar por ela…

Zaquia, ainda abafado mas já se tranqüilizando de novo, fez que sim com a cabeça, que a chamasse, que viesse mode esclarecer o mistério, "que eu nunca vi, seu Didino, uma coisa assim" disse com um riso largo, já inteiramente à vontade, "é verdade, se calha de sua dona ser minha irmã, será motivo de contentamento por demais" — e ficando sozinho o peão respirou fundo. Tivera receio, chegou a esperar pela morte sem coragem de lutar pela vida, mas tudo se arranjava, "benza Deus!", tudo por bem se arranjava!

Levantou-se, encheu de novo a caneca de café e deu uns passos pela cozinha, indo e voltando, aliviado, e sentou-se de novo.

Então escutou um barulho na porta. Virou-se. Era o Didino e Virinha que entravam.

E o Zaquia estremeceu: de pavor perdeu a fala, estatelou os olhos. Aquela que o Didino, calmo e sossegado, trazia pelo braço, era mesmo Virinha? E aos poucos o peão foi compreendendo o horror para o qual não estava, nem podia estar, prevenido: era certo que Virinha já engordara bem, ia para o sexto mês, o desenvolvimento da barriga visível por baixo do vestido. Mas não era para o ventre inchado que o peão olhava com assombro: Zaquia contemplou quase sem acreditar aquele rosto deformado pela pancada, os olhos meio mortos, um dos quais fechados dum inchaço, os lábios arrebentados, as marcas roxas em suas faces, testa e pescoço a atestarem os maus-tratos e espancamentos cotidianos que a infeliz vinha sofrendo nesses últimos meses. Os braços, que brotavam das mangas curtas do vestido, traziam vergões negros, as mãos, escondidas atrás das costas, amarradas — para maior espanto do peão — com arame farpado!

O Didino amparava a mulher, que parecia zonzada, e conduziu-a inté perto da mesa, cara a cara com o outro.

— Apois, seu Zaquia… então veja lá se vosmecê não calha de se recordar de ser irmão da Virinha… decerto que, reparando bem, há mesmo uma parecença grande entre vosmecês…

O Zaquia tinha compreendido tudo.

Só lhe restava confirmar a história que o Didino havia inventado mode limpar sua honra.

— Espia só, Virinha!… E não é motivo de farta alegria vosmecê encontrar o irmão despois de tantos anos! Mas um encontro desses carece de um abraço, pois vosmecês é certo que sentiam muita saudade um do outro… não é, seu Zaquia?

Meio sem fala, o Zaquia concordou, movendo a cabeça atarantado.

— Pois se achegue, homem, dê um abraço em vossa irmã…

Zaquia teve de obedecer, e refreando a tremura do corpo se achegou inté a mulher, abraçou-a rapidamente, afastou-se em seguida. Com delicadeza, o Didino falou:

— Vá, Virinha, agora vá pra dentro… no vosso estado, carece descansar bem, mode ter uma boa hora — e a mulher, cambaleando, arrastou os pés pela cozinha, atravessou a porta que dava para o outro cômodo, sumiu-se nele. O Didino se virou para o Zaquia: — Mas seu Zaquia, eu estive matutando cá comigo enquanto ia lá fora, que esse é um causo de bastante surpresa… quas'que ninguém por cá sabe que vosmecê é irmão da minha dona, carece revelar o parentesco pros outros, não será de vosso parecer?

E o Zaquia soergueu os olhos, baixou-os em seguida, fez que sim com a cabeça.

— Apois! Antão vamos, que inté Vargedo, e de Vargedo de volta inté a Castanheira é um estirão!

E seguiram para Vargedo, o Zaquia na frente montando o aniquilado, o Didino atrás na mula. Lá chegaram já anoitecendo, e adonde o Didino topava com um conhecido ali referia com muita representação de gosto o parentesco de sua dona com aquele, "causo de verter inté lágrima" dizia ele compungido — e o Zaquia mostrava as canjicas, embrulhando como podia a história dizia-se muito contente. Já era tarde. O causo bem relatado e espalhado, montaram e tomaram o caminho de volta. Chegaram na Castanheira manhãzinha, o pessoal da fazenda principiava o dia, seu Filomeno viu-os de longe, recebeu-os com seus brados de boas-vindas e mandou que fossem logo para a mesa enquanto, fora, os meninos e mais uns cachorros promoviam assuada:

— Inda nem tomei café — esclareceu —, careço de companhia, que a patroa amanheceu com um achaque e inda está na cama.

E também ali o Didino, com seu sorriso lerdo e suas demonstrações de alegria relatou o parentesco; o Zaquia confirmou mostrando os dentes, e seô Filomeno, muito impressionado, deu os parabéns — mas a ele não enganavam, desconfiou do conto: se bem que o Didino parecesse à vontade, o natural do Zaquia não era aquele. Sim, desconfiou, porém não retorquiu.

Era manhã avançada quando o Didino se despediu, no terreiro da fazenda, de seô Filomeno e do Zaquia:

— Seô Filomeno não arrepare, mas se me dá licença, tenho urgência… deixei a dona sozinha… e no estado dela… já de seis meses, quase, sempre requer assistência — cumprimentou o fazendeiro, riu com seus cavacos escuros, apertou a mão do Zaquia com franqueza —, vosmecê apareça… a casa está lá, é sempre um gosto a visita dos parentes.

Montou na mula. Rumou para casa.

Virinha o esperava.

✶

Corgo Seco, tanto tempo despois, era para estar um deserto, mas derase o contrário: com a volta das chuvas o povo voltou também, e outra gente mais apareceu por lá, do que foram testemunhas siá Totonha e nhô Esmeraldino, cada vez mais carungos, ainda vivos todos aqueles anos. Siá Totonha, piorzinha, beirava os noventa e ficara cega de vez, não saía mais de casa e era assistida pela filha de um viúvo, um tal sozinho na vida que morava retirado, quas'que no meio do mato, mocinha de bons modos e atividade na cozinha, no limpar a casa e palestrar com a velha, contando as novidades, quando surgiam novidades para contar, ou falando à toa, coisas bobas, conversa de gente moça com gente velho, que serve para passar o tempo, só; nhô Esmeraldino porém ainda por costume se escorava numa bengala mode um solzinho de manhã, arrastava o passo pela rua quase única de Corgo Seco, que nem seria rua mas um largo, um espaço entre os casebres mais ou menos em fila espalhados — pois no final da seca foi o que restou do arruamento: casebres meio derruídos em sua maioria, abandonados pelos moradores, e a igrejica, a bem dizer uma capela cujo sininho não repenicava mais, transformada em moradia de morcegos, a porta da frente não tendo resistido aos anos e que, espiando-se cá de fora, mostrava o interior adonde inté pé de mato tinha furado o assoalho tomando forma de árvore. Mas agora as coisas haviam mudado, e nhô Esmeraldino com seu passo arrastado e seus olhos lacrimosos viu a situação tomar outro rumo: um dia veio a saber através de um passante, que do lombo de uma égua cumprimentou o velho tirando o chapéu e dizendo "dia", que no Retiro havia moradores recentes, gente nova que adquirira a fazenda de sinhozinho Dodó e já fazia reformas, tenção de botar gado de novo no pasto e lavoura na terra, pelo que requeria mão-de-obra, "soube disso por um bilhete que um parente me mandou, um que já assiste no Retiro des'que mudou de dono. Estou indo pra lá, mode trabalhar", e nhô Esmeraldino, que ouvia com gosto a novidade, perguntou se não tinha mais gente indo para aqueles lados, e o passante disse que sim, era certo que sim, só podia, "o Retiro é um mundo" ele disse, "carece de muito braço".

Daí não tardou passar mais povo por ali, uns seguiram pro Retiro, outros acharam de permanecer por se agradarem do lugar, os casebres derruídos foram arrasados de vez para ceder espaço a casario novo que logo teria ocupantes, "Esmeraldino, que falatório e que bateção é essa aí fora" perguntou a cega siá Totonha soerguendo o queixo e espiando em vão na direção da claridade que vinha da janela, "é o povo, Totonha" respondeu o velho recostado na parede do lado de fora, admirando o movimento, "gente nova levantando teto", "então Corgo Seco não morreu de todo" disse a cega sentada na cama, "decerto que não, Totonha, pois antão nós não ficamos aqui escorando a vida mode ela se restabelecer?", e mais famílias apareceram, umas ainda seguiram reto para o Retiro, mas outras também ficaram e agora levantavam suas casas sob a vigilância de nhô Esmeraldino, que a tudo contemplava com satisfação e enternecimento. Vez ou outra a moça de bons modos vinha lá de dentro amparando siá

Totonha que, com seu andar inseguro e suas vistas inúteis, requeria um pouco de sol nos ossos e "ainda que eu não possa enxergar, quero escutar mais de perto o barulho dos vivos" para ela mesma se sentir viva ainda, e com que alegria punha-se pra fora, ao lado do esposo velho ouvindo o movimento da gente, dos animais, das crianças, testificando o ressurgimento do arraial.

Seô Deodato também voltou. Despois de seis anos, durante os quais mascateou quinquilharias por longe, sertão afora, escutou falar de Corgo Seco outra vez e sentiu saudade. Soube de um povo que tinha arranchado por lá, construído moradas, e calculou que o arruado teria futuro. Um dia de manhã, pensando na penosa jornada que ia principiar por morros e grotas atrás de freguesia, tomou uma decisão que inté a ele mesmo causou estranhamento: em vez de ficar visitando as casas para oferecer grampinhos, pregadeiras, agulhas, fitas, um corte de pano, voltava para Corgo Seco e se estabelecia outra vez.

E não foi sem surpresa que reconheceu, recostado na parede de seu casebre, nhô Esmeraldino, quem diria vivo ainda!, vindo a saber que apesar de cega, siá Totonha também se achava firme. O armazém que fora dele, no entanto, não existia mais: no lugar restavam uns paus de pé, umas ripas apodrecidas, uns sinais de que naquele ponto houve noutra época uma construção. Não se entristeceu muito: espiando a ruína fez contas de cabeça, estimou os gastos, calculou os lucros, concluiu que valia a pena, e em menos de seis meses estabelecia-se de novo: casa com um avarandado na frente, uma porta para o armazém, outra para o armarinho, o sortido aumentando, a freguesia surgindo, de maneira que seô Deodato quase não tinha mais tempo: deixou um moleque na mercearia e uma dona no armarinho e não fez outra coisa além de prover o sortimento da casa, viajando duas, três vezes por semana para Lajinha mode fazer encomendas e atender aos fregueses, que o sobrecarregavam também com pedidos de última hora.

Se bem que fosse agradado, boa prosa, e logo se familiarizasse com todos ali, seô Deodato sentia de quando em vez uma saudade do Corgo Seco antigo, de antes da seca, cuja povoação se desmanchara naqueles anos de penúria, gente chegada em quem ele nunca mais pusera a vista; assim, certos dias de tarde, mode relembrar aqueles tempos, ficando o balcão por conta do moleque ia palestrar com o velho Esmeraldino, sentadinho num tamborete à porta de casa, e ali cada qual rebuscava suas lembranças do povoado doutros tempos. "Quem está aí, Esmeraldino?" a voz de siá Totonha no quarto, e o velho esticando o pescoço respondia. Daí a pouco, aparando-se nas paredes quando se sentia mais esperta, e se a mocinha de bons modos não estava para acudi-la, aparecia siá Totonha, punha a cara fora da porta cumprimentando seô Deodato, que se levantava ajudando a velha a sair um pouco. Então era comum ficarem os três falando e refalando dos mesmos assuntos, pois a vida que haviam conhecido fora uma só, Corgo Seco, aquele sertão em antes de se formar o arruado, e os causos mais remotos ressurgiam transfigurados pela memória luminosa dos velhos. Seô Deodato, adentrando agora a casa dos sessenta, ainda era moço

perto deles, suas lembranças menores, mais recentes, e se queria referir novidade mode alegrá-los tinha de falar de suas andanças de mascate, mala na mão e patuá no ombro com miudezas, bugiaria de toda sorte com que agradar a clientela, ou então de seus tempos de moço em cidade grande, quando afirmava que seu prazer era estar ali, viver no mato, embrenhar-se, "cidade grande, nhô Esmeraldino, com milhão de gentes pra todo lado? Balbúrdia! Pecado e confusão, siá Totonha", e o velho sonhava com essa cidade que não conheceria nunca, enquanto a cega, muito devota, traçava em sua imaginação intacta um mapa de indefinidos horrores.

Dessa forma entretinha vez por outra suas horas vagas o comerciante, que ao ver a noite chegar se despedia e voltava para trás do balcão. Foi num desses fins de tarde, quando de volta para a mercearia, que seô Deodato avistou do outro lado, vindo pelo caminho do mato, um homem a cavalo com um garoto de uns seis para sete anos na garupa. O homem parou a montaria em frente do avarandado e ficou espiando, em dúvida, se descia ou não, mas resolveu: pôs o garoto embaixo e em seguida apeou, amarrando o animal num esteio.

Seô Deodato pensou conhecer o homem, mas restou uma incerteza, já escurecera um pouco e não calhava enxergar direito as feições do cujo, que agora entrava no avarandado investigando para dentro do armarinho, da mercearia, o moleque vindo lá do fundo mode dar atenção.

Só quando chegou perto foi que seô Deodato reconheceu o Demastor.

O Demastor fora o primeiro a chegar, despois apareceu o Lourenço, já noite fechada, se bem que ainda não fosse tarde. O Zaquia chegou perto de oito e meia, e só uma hora mais tarde surgiu o Quirino: da mesa do canto, adonde os três estavam sentados, avistaram-no de pé na porta, o chapéu tombado na testa como de costume, o queixo ligeiramente soerguido, uma barba bem aparada e escura recobrindo metade da cara.

Acenaram para ele, que foi sentar com os outros, trocando apertos de mão e risos de contentamento.

Seô Deodato, vendo os quatro ali, pertichegou-se com uma garrafa na mão:

— Me alembro daquela noite, seus moços, da promessa que vosmecês fizeram de se reencontrarem aqui, neste mesmo lugar, passados dez anos, coisa muito bonita de se ver, mormente porque a amizade nos moços perdurou. Essa daqui, ó, é especial pr'a ocasião… estava esperando o Tõizim, mas quando ele chegar eu trago outra.

— Seô Deodato tem boa memória — disse o Lourenço, que vinha muito corado e mais gordo, com a parecença de bom passadio, e o Zaquia acrescentou estendendo o copo:

— Apois, se não esqueceu o gosto da gente!

— Seô Deodato naquela vez disse que também arredava de Corgo Seco — tornou o Lourenço. — Porém voltou pra cá. Será que foi pra mode esperar por nós? — brincou.

— Ora, é bem capaz que sim — respondeu o vendeiro servindo um a um —, Deus Nossinhô sabe o que faz. Tive boas notícias daqui — e enquanto falava, permaneceu imóvel ao lado da mesa, a garrafa na mão. — O arruado não morreu, me disseram, tem gente lá de novo, vai crescer! Daí eu disse pra mim mesmo: vamos lá, Deodato, chega de mascatear, é hora de se estabelecer outra vez. Então eu vim. Já completou quatro anos, seus moços, quatro anos que estou aqui de novo!… — e devagar retornou para trás do balcão.

— Mas o Tõizim — disse a certa altura o Demastor, que se levantou a fim de pedir umas balas com que entreter o menino, que ficou por ali, distraído, escutando a prosa dos adultos —, já é mais de dez e ele nada…

— Algum impedimento — disse o Zaquia.

— Possa ser — disse o Demastor —, mas o Tõizim, se bem o conheço, não é homem de se deixar enrolar por impedimento qualquer, tem de ser coisa muito séria pra se atrasar no combinado…

— Ele ainda chega, seus moços — disse lá de trás do balcão seô Deodato, lavando umas garrafas na pia —, não tarda, estoura por aí…

E enquanto esperavam o Tõizim, discorriam. Batendo de novo os olhos no menino do Demastor, o Lourenço inquiriu:

— Antão vosmecê casou, Demastor? Tem inté um garoto, bem grandinho…

— Venha pra cá, Belmiro — disse o Demastor, vendo que o menino remexia no balcão —, não se mexe nas coisas dos outros, que é feio.

— Ora, Demastor — disse seô Deodato avançando —, deixe o menino, deixe que não tem perigo não… vem, Belmiro, que vou lhe mostrar um livro de figuras — e o levou para trás do balcão onde apanhou um almanaque velho no qual se viam umas estampas coloridas, adiantando também um petisco, docinho colhido de dentro da vitrina.

Enquanto isso Demastor relatava como tinha conhecido uma moça de olhos azuis em Sertãozinho, o agrado que apanhou mais ela, muito jeitosa, e que resultou em casório.

— Foi numa dança que lancei cochicho na orelhinha dela — disse, lembrando o baile em Sertãozinho adonde fora com uns companheiros de roça, ocasião em que avistou aqueles olhos bonitos vidrados na direção dele. Dali não durou três meses inté parar defronte o vigário: pediu à moça se podia ir em sua casa, ela requereu que ele esperasse consentimento dado pelo pai; veio o consentimento, deu-se a primeira visita, e ele ficou na sala ao lado da namorada, rodeado pela família; despois a segunda, e os dois tiveram licença para conversar na varanda, por companhia uma menorzinha com a incumbência de não deixá-los sozinhos em momento algum, e, já na terceira o pedido, feito em regra, com todos da casa reunidos outra vez. — Eu vinha lidando havia um ano numa granja — ele disse —, foi logo assim que saí daqui. Ali eu tive sorte e amealhei algum. Mais o que havia economizado dos tempos de sinhozinho Dodó, calculei que não podia fazer coisa melhor do que arranjar família — e falou de um sítio que uns velhos tencionavam vender mode se mudarem para a cidade —,

sítio Laguna — o Demastor explicou —, retirado de Sertãozinho, quase um dia de viagem, a casa um tanto escangalhada mas que por enquanto servia… fiz a doideira: comprei a terra, pagando metade e o resto como pudesse, os velhos facilitaram — e quando o Demastor casou com a moça dos olhos azuis levou-a para lá, feliz da vida. Despois nasceu o menino, "Belmiro" disse, "lembrança de homenagem a vovô, pai de falecida minha mãe", muito feliz o Demastor ao falar de sua vida farta, sua família bonita, do sítio, agora maior, pois com ele confrontavam umas terras que pareciam abandonadas, "antão eu procurei saber, me informei sobre os proprietários, propus negócio"…

Sua vida naqueles anos todos tinha sido simples, a boa sorte não lhe faltara, e era com satisfação que formulava seu sonho perante os amigos:

— Adquirir mais terra, que o que não falta lá é chão, transformar o sítio numa fazenda mode deixar pro pequeno… ou pra mais algum que vier por aí… fazenda Laguna — e vigiava para frente, meio vago, como se já visse o futuro. — Mas e vosmecês? Sou só eu que falo?

Mas não, não era só ele, cada qual com sua vivência, seus causos, uma noite seria pouco para amiudá-los todos. Carecia abreviar, falar por alto, despois então cada um esticava o que pudesse.

O Lourenço relatou sua vida de andarilho, de seu possuía os caminhos para viajar, o mundo a cada dia se mostrando diferente diante dos seus olhos, "esse mundo grande que por mais que eu viva nunca que vou ver por inteiro" disse com saudade na voz, por isso só queria aquilo: cada dia num lugar, sem pouso, uma folha seca que o vento arrastava e ele se deixando levar, ia. Era feliz. O Zaquia não quis relatar o sucedido mais pavoroso de sua vida, fazia por esquecer, tremia só em lembrar aquele dia, na cozinha do Didino, em que este saíra para apanhar a mulher e voltara com ela estropiada a poder de porrete, as mãos amarradas para trás com arame farpado, e ele, o Didino, falando com calma, mesmo rindo-se, como se nada estivesse acontecendo. Não, o Zaquia não queria se lembrar daquilo, possa ser que um dia ainda relatasse o episódio medonho a alguém, aos amigos mesmos que ali estavam, mas não por enquanto: cada qual contando histórias alegres, mode que iria ele entristecer o ambiente? Referiu os dias que esteve perdido sem achar vivente algum a quem pedir uma informação, falou de Vargedo, arraial adonde acabara chegando, e da fazenda Castanheira, propriedade de um seô Filomeno que lhe oferecera colocação. "Estive na Castanheira quase seis meses" disse, mas despois se retirou, foi para mais longe, "deu na telha" e passou por alto o verdadeiro motivo de ter partido outra vez. Como é que o Zaquia poderia continuar com seô Filomeno se a coisa de poucas horas a cavalo morava o Didino, e se este de vez em quando aparecia por lá? Como encarar o homem outra vez despois do sucedido, do que havia presenciado na cozinha dele? Vezes sem conta o Zaquia se recriminava, pois inda que o Didino tivesse lá sua razão, não carecia ter judiado da mulher do jeito que judiou. Mode que não fora se explicar com ele diretamente? Na sua excogitação, porém, Zaquia era obrigado a reconhecer que o Didino, a seu modo, fora se

explicar, e com um facão na cintura, e ele encolhera de pavor, não soubera defender a mulher que por amor ou loucura tinha se deitado com ele na beira do corgo. O facão, o facão!, ele se dizia às vezes para justificar o medo, mas não justificava. Então não podia ter pegado o homem de surpresa?, afinal o Didino era mais baixote e decerto mais fraco que ele. Por que não voara em cima do cabra, batendo com a cabeça dele na parede inté deixar o infeliz desacordado; e despois salvar Virinha, levá-la para longe, tratar dela, fazer dela sua mulher? Verdade é que não fizera nada disso: encolhera-se, e por pior dos males inda teve a viagem inté Vargedo, e de Vargedo à Castanheira, sempre representando aquela farsa de ser um irmão de Virinha que ela desde muitos anos não via — e ainda que seô Filomeno não tenha engolido a história, tampouco evitou puxar assunto mode esclarecer o causo. De qualquer forma o Zaquia estava envergonhado, não tinha mais como ficar na fazenda: menos de uma semana despois se despediu do patrão e partiu, carregando na trouxa esse fardo; nunca mais tendo ouvido falar daqueles infelizes, inquiria-se vez por outra o que teria sucedido à coitada da Virinha, ancorava um pouco ness'amargosa lembrança, mas o mais que pretendia era esquecer de vez aquele sofrimento. Nada disso ele queria referir por ora, e aos amigos no armazém de seô Deodato relatou apenas que teve vontade de estar outra vez uns dias em Vargedo, despois seguiu em frente, e daí por diante cada temporada vinha encontrá-lo num pouso diverso — sendo porém que nos últimos anos achou de voltar para perto dali, vivia na Lajinha, a serviço de uns Ordonhos que por lá possuíam terras.

Era a vez do Quirino falar alguma coisa, mas este, os outros já lhe conheciam o costume, este era mais de escutar. Falava pouco: ia-se entretendo devagar com aquela garrafa especial que seô Deodato apresentara, fazia um que outro comentário breve, e escutava, só escutava. Mas não teria nenhum relato do gosto deles?

— Relatar o quê? — disse, sorriu daquele seu jeito, espiando os outros com o chapéu descaído em riba da testa e o queixo levantado. Tomou mais um trago, estendeu despois o braço pela mesa, pousando o copo.

Meditou.

— Por aí — disse, breve de palavras, e se demorou mais um tanto, enquanto imóvel continuava espiando para frente com um meio sorriso que os outros também já conheciam. — Calha que a vida é muito importante pra ser vivida — continuou, dando uma pancadinha de leve com o copo no tampo da mesa —, mas eu, o que não levo é jeito pra falar dela.

Levantou-se, chegou inté a porta. Espiou para fora. De lá falou:

— Estive por aí, meus amigos, só isso.

Atrás do balcão seô Deodato disse, num cochicho alto:

— Espia só, o futuro dono da fazenda Laguna dormiu.

E todos olharam: de lá vinha o vendeiro com o menino Belmiro nos braços, e o Demastor se levantou para receber o filho.

Mas a conversa se prolongara, já iam dando horas e nada do Tõizim.

— Três da manhã — disse o Zaquia vigiando o relógio de bolso.

— É… e o Tõizim faltou — disse o Demastor. — Que terá acontecido?!

Foi nesse momento que o Lourenço se levantou dum pulo só, e os outros — inté seô Deodato, que ficara por ali companheirando — se espantaram. O Lourenço, muito pálido de repente, os outros viram que seus olhos se avermelhavam como se fizesse força mode suster o choro. Mas voltou a sentar-se devagar, sua atitude tão estranha e inesperada que requeria uma explicação. E ele, repuxando da memória umas lembranças de muito tempo, declarou:

— Calculo que o Tõizim deve estar morto.

— Morto?

— Ué…!

— Ora essa, homem, por causa de quê?

— Possa ser — disse seô Deodato, que por ser idoso via essa possibilidade com menos espanto —, quem está vivo é que morre… mas donde é que vosmecê tirou essa idéia, Lourenço? Ele pode ter-se atrasado… um transtorno qualquer de última hora…

Lourenço pensou, continuou pensando e olhando os outros, abismado, enquanto o Quirino pisava de volta para a mesa, acomodando-se de novo.

— Uma coisa que presenciei certa ocasião — disse o Lourenço —, que na época não teve sentido para mim… mas que agora se explica…

— E que coisa foi essa, homem? — indagou o Demastor.

E o Lourenço referiu o causo da santinha, essa menina milagreira de um lugarejo por nome Taquara, e do encontro que teve com ela havia quase dez anos.

— Calha — ele disse — que eu botei as vistas numa moça, filha dum tal seô Jumiro em cuja casa pernoitei em noite de temporal, não sabe?, e a danada me declarou que esperava um que a levasse embora, sendo de sua vontade ver o mundo… Mas eu, de que jeito?… Gostar dela eu gostei, na feirinha de Taquara inté comprei um broche pra enfeitar o vestido dela… mas ao mesmo tempo queria viajar, e pra viajar tinha de ser só… Eu estava dividido, daí entrei na fila mode pedir um parecer à tal santinha e resolver o dilema… Quando chegou minha vez de consultar, entrei na barraca e primeiro lhe pedi a bênção, pois a menina era santa mesmo, e despois requeri que ela com seus conselhos me ajudasse a resolver a dificuldade que me aperreava.

Contando o sucedido, Lourenço revia a menina sentada em sua esteira no fundo da barraca e aquele gesto de sua mão quando ele lhe falou.

— Do lado de fora se escutava a zoeira do povo, mas quando ela estendeu a mão para mim deu-se que houve um silêncio repentino, como se todo mundo parasse de falar ao mesmo tempo… então pude ouvir com muita clareza os versos que um violeiro entoava, longe, na outra rua — e Lourenço, que nunca se havia esquecido daqueles versos, recitou-os para os amigos:

"Uma estrela de cinco pontas,
Cada qual desconhecida,

No completar uma volta
Uma delas foi perdida."

— Mal o violeiro terminou esses versos — Lourenço seguiu contando — a zoeira fora da barraca recomeçou e abafou a moda. A santinha, porém, me disse umas palavras que eu também trago de memória: "Dá-se muitas vezes que na fala de um de fora está a palavra do Pai lá do alto".

Os outros, botando sentido na história do Lourenço, pouco a pouco iam entendendo.

— A santinha viu que nas palavras daquela moda havia uma sina escrita… uma estrela de cinco pontas, nós, eu, Zaquia, Demastor, Quirino e Tõizim… a volta completa, o tempo de dez anos do nosso ajuste… a ponta perdida, o Tõizim que não apareceu… se está perdida é porque ele está morto… é isso…

A revelação, agora tão clara que nenhum deles podia contradizer, entristeceu a todos. Sim, o Tõizim era muito firme nos seus compromissos, nunca que ia faltar ao encontro, e para o caso de estar longe, era mesmo capaz de vir mais cedo, chegar antes do dia estabelecido para estar ali na hora certa. Só se estivesse muito longe — tão longe que não fosse possível voltar, "se estivesse morto" —, murmurou o Lourenço, só assim é que ele não voltaria…

E cada qual permaneceu algum tempo em silêncio, em respeito à memória do amigo.

Mas os vivos estavam ali, e já era tarde, hora de procurar pouso. "Um eu alojo num quartinho que tem aqui nos fundos" disse seô Deodato, "outro pode ficar em minha casa, que é aqui pegada, e pros demais peço pouso nas casas, conheço todo mundo" e os outros agradeceram, o Zaquia tinha preferência por ficar ali no quartinho dos fundos, o Demastor com o menino seô Deodato alojava em sua casa, e pro Lourenço mais o Quirino… Porém o Quirino agradeceu, não podia ficar, devido a uma urgência partia ainda aquela noite.

— Urgência de quê, homem? — exclamou seô Deodato. — Fica, amanhã tem mais prosa!

— Obrigação — disse o Quirino saindo com os outros para o avarandado —, tive licença para vir, mas com ordem de voltar ainda hoje, aproveito a madrugada mode me adiantar — e como aquilo requeresse uma explicação melhor e ele não fosse suficiente de palavras, disse: — Nós todos temos nossos compromissos… assumimos perante os outros, tendo-se dado a palavra não se pode faltar…

…adonde então que não houve jeito de segurar mais tempo o Quirino, que, enquanto os companheiros iam se acomodando para um descanso carecido, montou a cavalo e varou a noite. De qualquer maneira ele estivera ali, e a não ser pela triste notícia do falecimento de Tõizim, o encontro fora uma só alegria.

Na manhã seguinte Lourenço, Zaquia e Demastor (o menino Belmiro, já de corriola com outros de sua idade, brincava por ali), pediram a seô Deodato pra botar a mesa no avarandado, onde tomaram seu café com pão e salame e gasta-

ram tempo conversando geral. Vez por outra o Demastor dava uma espiada para a rua, não fosse perder de vista o filho, que não era arteiro mas que se ajuntando com outros mais velhos podia acabar cometendo traquinice, inté mesmo se machucar. Numas dessas espiadas avistou uma coisa que o deixou admirado e alegre: a cavalo pelo meio da rua, andando devagar, vinha um sujeitinho miúdo de corpo e encarvoado que outro não podia ser:

— Tõizim?!

Zaquia e Lourenço se reviraram no banco, e inté seô Deodato, que vinha saindo com uma lingüiça fatiada na travessa, se espantou.

O Tõizim logo avistou os companheiros e deu pressa em apear: nem amarrou o cavalo e veio logo abraçar os amigos maravilhados, porque ele acabava de chegar com muito boa aparência, de forma que a predição da santinha ou estava errada ou se referia a outra coisa que o Lourenço não havia entendido, e foi logo sentando-se à mesa mode forrar o estômago, "que inda não botei um tico na boca, hoje" ele disse colhendo da travessa uma lasca da lingüiça.

Mal acabou de sentar, veio seô Deodato lá de dentro:

— Uma pena, rapazes, que o Tõizim não chegou ontem de noite — disse, depositando na mesa uma garrafa que se apressara em ir buscar —, porque aí sim, a roda estaria completa — e para o recém-chegado: — Uma pena, Tõizim, mas não houve jeito de segurar por cá o Quirino, que alegou urgência, compromisso, não sei o quê, e foi-se embora de madrugada mesmo.

O Tõizim, que levava à boca mais uma fatia da lingüiça, sofreou a mão, pareceu desconcertado: olhou seô Deodato, olhou os outros um a um, fez uma cara esquisita, franzindo a testa.

Cada qual notou sua reação, entreolharam-se sem entender.

— Mas… o que foi que aconteceu, homem? — disse seô Deodato, atrapalhado.

— É que vosmecê falou do Quirino… — principiou o Tõizim.

— Apois, e o que é que tem? — exclamou seô Deodato. — Pois sim, o Quirino… um casmurro, pouco falou como sempre… e de madrugada, ó, chispou!

Tõizim, bestificado, não atinava com essa história de o Quirino ter estado ali na noite anterior, inda que não pudesse crer que os outros estivessem a fazer graça com um assunto daquele!…

— Mas não pode ser! — exclamou por fim.

— E por causa de quê, Tõizim? — disse o Demastor. — Que é que tem de estranho nisso? Vosmecê sabe como é o Quirino, quando bota uma idéia na cabeça… disse que tinha dado a palavra…

O Tõizim franziu mais a testa, soltou um risinho curto mas logo se pôs sério, pois era causo de seriedade e não de riso:

— É que o Quirino… vai ver vosmecês não estão cientes!?… o Quirino morreu, pessoal. Faz seis anos.

E cada qual, abismado, escutara em silêncio até o fim o relato da morte do Quirino, por motivo de uma prova de laço há coisa de cinco para seis anos na fazenda de um certo coronel Pantaleão Valadares, lá pros lados de Serradinho, adonde o Tõizim por sua vez tinha estado mode montar um burro xucro.

— O Quirino também apareceu por lá — explicou o Tõizim — com a intenção de disputar na concorrência de laço, dizia estar falto de dinheiro e levava certeza de vencer…

E seguiu contando por alto como havia montado o burro e a intriga que foram fazer dele para o coronel, dizendo que ele usara de encantamentos para amansar o animal mode trato feito com o coisa-rúim, "tanto que na tarde seguinte, ameaçado de morte, fui obrigado a fugir e me esconder perto de Serradinho".

— Mais tarde naquela noite — Tõizim continuou — apareceu o Quirino no local combinado, dizendo ter ouvido uma conversa do coronel com um encarregado seu…

Esse encarregado, explicou, era um que tinha a cara riscada a ponta de faca e levava crime de morte nas costas. "Já tem gente atrás de você aí no arraial" o Quirino disse, "e eu só consegui chegar aqui em segurança porque lá ninguém desconfia que a gente já se conhece", e deixou uma bolsa com matutagem mode ele ter o que botar na boca durante o dia sem precisar sair do mato, prometendo voltar na tarde seguinte para irem embora juntos. Em seguida retornou à fazenda.

— Amanheceu o dia e eu fiquei ali, amoitado, esperando.

O Tõizim esperou inté de tarde, mas o Quirino não apareceu. Com medo de acabar descoberto por um qualquer, e de que isso fosse parar nos ouvidos de coronel Pantaleão, pensou em ir embora assim que chegasse a noite, mas no que escureceu achou de esperar um pouco mais, que inté de madrugada talvez não corresse perigo. Lá pelas tantas escutou um barulho e foi espiar: era o Quirino que vinha se arrastando no meio do mato e, mais de perto, no clarão da lua, "vi o pobre todo coberto de sangue". O Quirino estava muito enfraquecido, mas ainda conseguiu contar o que lhe acontecera: tinha vencido no laço o encarregado do coronel, e como fizera bonito, passou o resto do dia com os outros peões, que punham muita atenção no que ele instruía sobre isso de laçar animal, boi ou cavalo, o que fosse. Fazia hora mode chegar no esconderijo do Tõizim mais tarde para poderem seguir sem perigo. Já era noite quando saiu em direção de Serradinho, e já perto desse tal lugarejo foi cercado por uns homens.

— Conforme o Quirino, entre os cabras estava o tal — disse Tõizim que nessas lembranças tinha os olhos cheios dágua.

Sim, entre os homens estava o da risca de faca na cara, que por ter perdido no laço urdira vingança cruel contra o peão, e enquanto os outros o seguravam, golpeou-o com um punhal, largando o coitado ali, no meio da estrada, para morrer.

— O Quirino só a muito custo conseguiu chegar adonde eu me escondia — disse o Tõizim que já não sustinha a água dos olhos —, morreu nos meus braços…

Mas não era só o negrinho que chorava. Zaquia, Lourenço, Demastor, inté seô Deodato, fungavam, secando os olhos de cabeça baixa.

— A santinha não errou — disse, por fim, o Lourenço —, era uma menina santa, não podia errar em sua predição.

— E ele veio — disse Tõizim num desconsolo só —, mesmo assim ele veio, mode não faltar ao combinado.

— Despois de nossa combinação naquela noite — disse o Demastor, recordando —, não sei se vosmecês estão lembrados, inda se cogitou que qualquer um de nós podia não estar mais vivo mode comparecer ao encontro. Cada qual então comentou qualquer coisa, estava claro que se um, Deus o livre e guarde, morresse não tinha como cumprir o ajuste. O Quirino permaneceu quieto, no natural lá dele, não discutia. No fim disse uma coisa, lembro bem, disse só uma coisa: "É o ajustado, pra mim é o que basta".

— E bastou mesmo — concluiu o Zaquia —, bastou mesmo.

A trágica noite de Tião Cascavel

— apelido? Não sei, não senhor. De nascimento, dos Santos, Sebastião dos Santos, por pai Feliciano dos Santos e por mãe Ludovina Maria das Graças, moça branca e, conforme se sabe, de muita graça como indica o nome, mas que casou com um preto sem nenhum pejo, muito embora as outras moças do lugar se avexassem dela, sempre agarrada nas festas mais o preto, com muito orgulho sim senhor, pois casou e nunca que se arrependeu. Filhos, uma penca, o mais velho aquele que na pia recebeu o nome de Sebastião dos Santos, do pai, que não achou por bem um menino chamado "das Graças"; mais tarde Tião Cascavel, mas de o porquê desse apelido não tenho sabença não, acho inté que ninguém, ao certo, pode esclarecer.

Não senhor, a moça Ludovina casou lá com o preto dela e é como eu disse, arrependimento não teve. Se alguém mexia com ela dizendo que preto tem inhaca, ela respondia que o dela era cheiroso, e que ninguém tinha nada a ver com isso pois quem estava casada era ela, e quem tinha de deitar na cama mais ele era ela e, desbocada, diz que certa vez inté respondeu mal uma dona das bandas de Poço Fundo. Diz que essa dona, vendo a moça Ludovina mais o preto dela numa ladainha, virou-se e lançou sem mais nem menos: "Moça branca com homem preto. Que coisa mais feia. Se fosse filha minha, eu dava era de tamanco". Daí que Ludovina respondeu ali, na bucha: "Graç'sa Deus eu não sou filha da senhora. E como não é a senhora que deita mais ele na cama, nem é a senhora que abre as pernas pr'ele, não tem nada que ficar latindo". Deu foi o que falar a má-criação da moça Ludovina, os comentários correram de boca em boca, e daí por diante não se escutou mais nenhum desfavor contra o marido dela por ser de cor.

Mas o Feliciano, se bem que homem da lida, trabalhador que só, nunca foi de sorte na lavoura, o mais que conseguiu no cabo da enxada foi ajuntar um dinheiro mode comprar uma terrinha, pouca, no chapadão. Lá comprou, lá construiu uma casinha de pau a pique com cobertura de sapê, e pra lá carregou a branca dele. O menino nasceu dois anos contados do casamento, de modo que por essa parte não teve falação. Nunca vi povo pra falar mal de moça solteira, sempre tinha zunzunzum, espia só esse caso: conheci uma moça de família em Sertãozinho. Vai que numa festa do padroeiro, ela — moça nova, inda não tinha completado dezesseis anos — conhece um rapaz, se agrada dele e os dois

garram de namorico, inté na mão dela ele pegou da primeira vez. Mas o rapaz era respeitador, sabia chegar, e pelo que se dizia o pai tinha loja em Sant'Antônio do Brejo, gente mais ou menos de condição. A família da moça fez gosto no namoro, o rapaz passou a freqüentar a casa e faziam tenção de casar pro fim do ano. Primeiro pegaram a falar que o tal rapaz não era o que dizia ser, que por ser de fora e ninguém conhecer sua gente ele podia inventar o que bem quisesse e bobo seria quem acreditasse — parece que os pais tinham visitado a família da menina uma vez, mas não davam muito as caras por lá mode a lonjura —, de forma que as coisas continuavam ata-não-desata, todo mundo sem saber de nada a respeito do rapaz. Mas a moça, nem te ligo!, e se bem que a mãe dela começasse a ficar preocupada, o pai, homem severo mas de justiça, dizia: "Ninguém tem nada a ver com nossa casa! Aqui mando eu, e enquanto o moço se comportar, namora nossa filha e casa com ela se for da vontade de Deus Nosso Senhor!" O casório se deu na data marcada, e não é que então começaram a falar da moça? Pois é, que ela tinha casado às pressas, que a barriga não tardava a aparecer, que era assim que rapaz de fora fazia na casa dos outros, que se não fosse o pai da rapariga chamar a polícia ele tinha inté escapulido. Mal passaram apertados os nove meses, nasceu menino na família, e o falatório recomeçou, "eu não disse?", "mas vejam só!...", "ah, ali tinha coelho", "e a história da polícia?", "ué, pois se o pai não dá parte ao subdelegado, o tal sujeito pulava fora!" Tudo patranha, mas tanto falaram que desgostou o casal: largaram a casinha ali mesmo e foram embora pra longe.

No caso da moça Ludovina, não: pode inté ser que o Feliciano tivesse feito mal mais ela em antes do casório, mas nunca se ficou sabendo disso porque o menino nasceu com tempo de sobra: dois anos!

A Ludovina, apesar de nunca ter tido boca pra falar um "a" do marido, bem que passou maus bocados, coitada! Não por ele, que sempre foi homem ali, do direito, de nunca levantar a voz pra mulher, de nunca dar um tapa num filho, de agarrar no pesado de sol a sol pra não deixar faltar nada dentro de casa, inté tinham uma fartura boa... Mas não progrediu, a não ser na família, pois de vez em quando se escutava falar que tinha nascido mais um: por todos, com o mais velho, eram oito, seis meninas e dois meninos. A casinha, porém, sempre ficou naquilo, sem conforto nem melhoria, e embora a mulher não fosse dos luxos, devia de ter lá um descontentamento por não ter como dar um brinquedo prum filho, ou uma roupinha melhor, um bolozinho no aniversário do caçula, ou mesmo algum terém que o dinheiro não supria — porque isso acontece, às vezes a gente sempre quer uma coisinha, é importante ter um ou outro objeto de mais valor em casa, dá alegria. Mas o Feliciano, coitado, não traduzia melhora.

Ocorre que naquele tempo e naquelas lonjuras era tudo muito difícil. O dinheiro, pouco pra todo mundo, não pense que sobrava, pois mesmo nas casas mais abastadas havia muita fartura, o de comer era do melhor, mas luxo não se conhecia. Um ou outro tinha um rádio de pilha pra escutar umas modas, e só

muito tempo despois, no que foi ficando mais comum, apareceu o primeiro toca-disco de Sertãozinho, desses de trombeta, como se diz, gramofone, quem comprou foi seu Marcelino, dono de armazém bem sortido no arraial. Ninguém conhecia gramofone, foi um sucesso quando ele botou pra rodar um disco lá no armazém, juntou povo em volta pra admirar. E não é que era engraçado mesmo? Ver aquele troço preto rodando e uma música escapulindo daquela bocona!

Mas como eu ia dizendo: o dinheiro naquela época era escasso, aparecia muitas das vezes pingado, e quando a pessoa não tinha muita sorte então… O Feliciano era desses, não tinha sorte. Plantava que plantava, quando ia vender… cadê preço! Passou a vida na penúria, o mais que fazia era pra pôr o de comer dentro de casa, o que já era muito, apois, que também nunca se soube de filho dele penando fome. Ludovina, mulher de valor aquela, sim senhor! Ajudava o marido de todo jeito, e juntos criaram a molecada bem criado: os mais velhos freqüentaram a escolinha do arraial de Vila Branca mode aprender a ler e escrever, Tião o de inteligência mais desenvolvida, porque aprendeu bem, lia de carreirinha como se diz. Qualquer jornal, revista, livro, lia que era uma beleza. Igual o pai, não enjeitava serviço. Tinha dezesseis anos quando sobreveio a primeira tragédia: o Feliciano, crioulo forte, corpanzil que nem um tronco de braúna, um dia chegou em casa pra almoçar queixando-se de uma dor do lado. Enquanto a mulher arrumava o prato, debruçou-se na mesa e reclinou a cabeça sobre os braços. Veio a Ludovina com o prato e chamou ele pelo nome, "Feliciano, vê se não dorme, homem", mas ele, nem é com ele; a Ludovina o sacudiu pelo ombro, e o Feliciano: nada! Estava era mortinho da silva, morreu sem um pio. Foi um deus-nos-acuda!… Ludovina chorando, a criançada pelos cantos assombrada sem entender o que se assucedia, o filho Sebastião meio desnorteado andando de um lado pra outro sem saber o que fazer, inté que tiveram tento de vir cá embaixo chamar o Maneco da venda, já de idade, coitado, que foi quem tomou as providências. Não tardou, a casa se encheu de gente. A Ludovina não tinha ação pra nada, passou mal e teve de se botar pra cama. O Tião, meio perdido, fazia as coisas, mas tinha de ser mandado. Na hora de transportar o pai pro caixão danou a chorar e saiu pro terreiro feito doido, agarrado com a irmãzinha mais nova. Despois do enterro, no dia seguinte, o Maneco da venda inda foi lá ver se eles precisavam de algum adjutório, homem bom o Maneco, prestativo. Sempre mandava saber notícia da Ludovina despois da morte do marido.

Mas passado o choque, com o tempo as coisas foram se acertando. Sem o pai, o rapaz de dezesseis anos tornou-se o homem da casa, conseguiu manter a mãe e os irmãos menores. Abaixo do Sebastião vinha outro garoto, com doze anos, e abaixo deste uma menina com dez. Despois fazia uma escadinha, a mais novinha com menos de dois anos. O tempo foi se passando, o Sebastião dia e noite garrado no serviço; os meninos, crescendo, começaram a trabalhar também mode a prover a casa, e inté as meninas mulheres tinha vez de seguirem no

rasto dele pra roça, em casa ficando só a mais novinha, já com idade pra ajudar a mãe, que desde a morte do marido não gozava de boa saúde.

Mas naquela casa, pode ser que fosse praga, a família parecia marcada por sina: a menina mais nova tinha doze anos quando, um dia, sozinha com a mãe, que havia passado mal na véspera e ainda estava de cama, preparava o almoço quando a barra da blusa ficou presa no cabo da panela de feijão e, no que ela andou, foi-lhe tudo em cima, o feijão fervente cozinhando as carnezinhas da pobre criança. Que coisa horrível de se ver! A mãe, quase sem poder andar, não sabia se socorria a filha ou se ia na roça chamar o mais velho. Por sorte (por muita sorte, que o sitiozinho do falecido Feliciano era arredado que só) passava na hora um tropeiro que, escutando a gritaria, apeou e foi espiar o sucedido. Não me alembro bem quem era o tal, mas foi ele que carregou com a criança logo pra botica na Vila, enquanto a mãe foi se arrastando inté a roça mode chamar o filho e dar parte da tragédia. Nesse dia mesmo, indo o Sebastião inté a Vila saber do estado da pequena já não a encontrou, que o Maneco transportara às pressas pro posto de saúde de Sertãozinho, adonde calhava uma meia dúzia de leitos mode algum doente carecer, um doutor antigo que atendia sem cobrar, mas recurso quas'que nenhum. A menina durou uma semana certinho, morreu na maior das agonias. Tratamento daria jeito, com a pobrezinha toda cozida por dentro? Fazia dez anos da morte do pai.

Nesses dez anos muita coisa tinha acontecido: o garoto abaixo do Sebastião, mal apanhou seus quinze anos, sumiu no mundo. Diz que ele já vinha falando em tentar a vida fora daqui desde novinho, agoniado com a penúria que via passar os de casa. Deixou um bilhete mal alinhavado pra mãe, pedindo a benção e prometendo voltar se a vida melhorasse. Ninguém teve notícia dele inté hoje, não se sabe se foi a vida que não melhorou ou se por acaso morreu. A menina mais velha panhou barriga aos treze anos, dando um desgosto tremendo à velha (que isso é modo de dizer, a Ludovina nem velha não era: parece que, se tivesse, seria uns quarenta e cinco), que só se conformou quando o rapaz que fez mal a ela disse que casava. Casaram, mas em vez de ficarem por aqui, foram embora, ele tinha arranjado serviço numa fazenda em Poço Fundo e era raro aparecerem de visita. Das outras cinco, três, mal completaram catorze anos, caíram na gandaia e fugiram, foram fazer a vida em Rio Belo. Pros de casa, nem te ligo, pra lá se foram, pra lá ficaram e adeus. Se pra mãe tinha sido uma vergonha a menina mais velha 'panhar barriga, inda que o rapaz assumisse compromisso de casar, imagina o que não foi ver três filhas convertidas em putas! Pois não é que uma gente sempre trazia notícia delas pra cá? Sempre tem gente pra falar mal, e notícia ruim bate asa. De vez em quando passava tropeiro em Sertãozinho dizendo ter visto "as filhas da Ludovina c'os beiços tingidos de vermelho e de rabo de fora" na maior das sem-vergonheiras em tal e tal lugar. "Vão com qualquer um, e por qualquer trocado" diziam. Das outras duas, uma tinha treze anos e ajudava o mais velho na roça, a outra doze, e foi a que se queimou com o feijão fervente.

O Sebastião sempre foi homem pacato, de vivência tranqüila e poucas palavras. Ia na venda fazer compras, voltava pra casa nas mesmas pegadas, e copo de cachaça duvido que alguém tenha visto ele botar na boca — beber? Coisa que ele não fazia! Era amigo de todos, mas amigo de bom dia, boa tarde, nunca que se metia em rodinha de jogatina ou de conversa fiada. Pessoa assim costuma ser muito retraída, e suas mágoas guarda para si, fecha tudo no coração, e agüenta seu sofrimento sem se lamuriar. É por isso que o Sebastião, com todos os desgostos que passava, foi ficando um homem triste, cada vez mais caladão, e por fim, com a morte da irmãzinha (era a menina mais agarrada com ele, foi com ela que se apegou no falecimento do pai) teve inté gente daqui achando que ele não fosse agüentar e acabasse fazendo uma besteira. Mas não, suportou calado, viu o estado de saúde da mãe se agravar e ela não levantar mais da cama, tendo de se desdobrar mode botar o de comer em casa e ainda comprar os remédios que o boticário receitava. A irmã que restara, por nome Rosana, casou-se pouco despois dos quinze anos, e essa foi uma das poucas alegrias daquela família, sim senhor: um bom rapaz, inda que desprovido de recurso. Sem ter nada de seu, fez lá mesmo um barraco, ajudado pelo Sebastião, e passaram a labutar juntos na lavoura "que quatro braços valem mais que dois, e com boa vontade valem por oito" era o que ele dizia, e olhe que com aquele não tinha tempo quente: fizesse sol, fizesse chuva, era de se ver os dois enfrentando a lida sem medo.

Sim senhor, aquela foi uma das poucas alegrias da velha Ludovina. Porém, alegria de pobre não tem duração, como se diz. Penso que foi daí que a situação começou a piorar cada vez mais, inté culminar com a última tragédia.

Veio por certa época uma seca nesta região, valha-nos Deus, que outra não se dê! Uma seca tão esticada que inté alguma gente de posse teve de vender o que tinha e se arretirar, esperando melhores tempos. Olha, o Maneco da venda fechou a venda por não ter pra quem passar o ponto, largou a Vila, foi s'imbora! Chuva não caiu neste sertão por quase quatro anos: dono de gado, ou vendia ou via os bichos pele e osso morrendo no pasto ressecado, galinha, porco, cabrito, quem possuía matava, salgava a carne pra comer, e quando via que não restava mais jeito, ia s'imbora. Muita gente foi embora, não suportou. Despois de dois anos sem pingo dágua cair do céu, a Rosana mais o marido, vendo que o fim deles era morrer de barriga vazia, e olhando pros bacurizinhos, quatro pedindo leite — e leite, cadê? —, pedindo papá — e papá, cadê? —, largaram tudo — nunca tiveram muito, e agora não eram possuidores de nada —, saíram com a roupa do corpo. Que novo golpe pra Ludovina, mais magra e mais faminta, mais doente, mas que fibra tinha a mulher pra suportar sofrimento, que se é comigo, Deus Nos'Sinhor que me livre, eu decerto não agüentava! "Mamãe não pode sair, que não tem força pra andar" o Sebastião disse pra irmã e pro cunhado na hora de partirem, "e isto aqui, bem ou mal, é nosso", e assim desejoulhes felicidade e ficou com a mãe. De novo o tempo foi correndo. Já fazia três anos que chuva só anunciava mas não vinha, e o Sebastião agarrado na enxada. Nuvem aparecia no horizonte por riba dos morros, escurecia por baixo, calhan-

do inté relâmpago de vez em quando, mas água que é bom, nada — e o Sebastião, agarrado na rabuda. O homem não esmorecia, êh sujeito duro!

Acho que já por esse tempo — com seus trinta e poucos — carregava o apelido de Tião Cascavel que eu não sei explicar dond'é que veio. Casar, não tinha casado. Não era moço namorador; pelo que se sabe do tempo de mais novo, quando tinha por costume freqüentar baile, enrabichou por uma negrinha da Vila, mas a coisa não durou. Andaram dançando duas ou três vezes, decerto teve uns apertos pelos cantos mas não passou disso. A negrinha era da pá virada, e quando o Tião percebeu que o caldo podia engrossar e ele acabar criando menino alheio, largou dela. Diz que o pai esculachou a negrinha por não ter dado valor ao rapaz, e por pouco não botou a menina de casa pra fora. Depois o Tião virou os olhos pro lado de uma branquela de Sertãozinho, mas também não foi adiante; o namoro, se houve, deve ter durado os dias de uma quermesse na igreja e murchou em seguida. A tal branquela com pouco tava amasiada com um sujeito de lá mesmo e o Tião voltou pra sua roça, sozinho e casmurro. A Ludovina, do fundo de sua cama de doente, aconselhava o filho a ter cuidado, "que mulher, se é boa, é boa, mas se der pra coisa à toa, pau nela", porém foi menos por seguir o conselho da mãe e mais por falta de jeito com mulher que o Tião foi ficando solteiro.

Então veio a seca.

Muita gente daqui foi embora, só os mais teimosos ficaram. Eu, por exemplo, fiquei. Eu e mais uma meia dúzia. Serviço não tinha, comida não tinha, era viver de vento, e da esperança que Deus dá, pois é a esperança que dá força pra lutar nas dificuldades, ah, seu moço, se Ele não olhasse por nós, de que jeito a gente havera de suportar? Pra se ter um pouco que comer, era preciso entrar no mato e caçar uma paca, um bicho qualquer, mas paca estava acabando, bicho não tinha mais, e o desespero começou a tomar conta do povo. Naqueles dias era comum a gente estar na beira da estrada e ver passar uma família numa carroça puxada por um burro magro, carregando seus trens pra outro lugar. "Onde vocês vão, pessoal?", e o chefe da família, parando um momento, tirava o chapéu e suspirava fundo. "Pra onde Deus levar nóis, sô Zé", "mas minha gente, fazer o quê nesses caminhos?", "é, sô Zé, mas também ficar aqui fazendo o quê?", e eu balançava a cabeça sem resposta. "Nunca que imaginei dum tempo assim, sô Zé", e tocava o burro. Lá se ia o carro ringindo estrada afora. É, seu moço, que tempo aquele, como nunca tinha havido em antes, e como nunca teve despois, louvado seja Nossinhô!

Foi quando se deu o caso com o Tião Cascavel.

Um dia eu vi ele passar na estrada meio banzeiro, trocando as pernas. Me acheguei mode saber notícia da gente dele, pois, do jeito que eu disse em antes, o sitiozinho era longe, a casinha num recanto arredado por demais, de modo que muito de raro em raro é que transitava alguém por lá. "Vosmecê por cá, Tião? Como vai o povo?", "que povo, sô Zé" ele respondeu parando a um passo de mim, "se a mana mais o marido e os fiim foram tudo s'imbora pra mais de

ano?", "a velha, como vai?", "ah, ela, coitada!... com a graça de Deus, sô Zé", "é isso mesmo, Tião, o jeito é não desanimar que uma hora a coisa muda". Aí o Tião coçou a cabeça, e eu vi o homem com os olhos fundos, mas uma fundura que não era de fome, ou de ver o sofrimento da Ludovina, em todo caso não era só da necessidade. O olhar do Tião Cascavel era assim como de quem tá vendo alguma coisa que a gente não vê, troço que só pode existir lá na cabeça dele, sabe como é? Visagem. De início não dei importância. "*É o desespero que faz isso com a gente*" eu pensei cá comigo, mas tive um estremeção com o que ele disse em seguida: "A coisa já tá melhorando, sô Zé, já tá melhorando", "pode ser, Tião, pode ser..." eu respondi meio sem jeito, no engasgo, e o Tião deu uma risadazinha curta que saía lá do fundo da garganta, os olhos dele arregalaram des'tamanho, insistiu: "Pode esperar, sô Zé, já tá melhorando" e com outra risadinha saiu, foi andando estrada afora.

Naquele mesmo dia eu fui inté a casa do compadre Jesuíno, um dos poucos que tinham ficado no chãozinho natal. Compadre Jesuíno era possuidor de uma terrinha ali por perto, a melhor do lugar, num caminhozinho que varava a mata cerca meia légua em antes da Vila. O caminho ia dar num descampado, adonde começava a terra dele. Despois seguia de novo por dentro da mata mais um estirão, inté abrir noutro descampado, e então se avistava a casinha isolada no meio. O chão não era pouco, a terra que nem mulher parideira, e mesmo naquela seca, cavacando de um lado ou de outro, encontrava umidade por causa de muita árv're que havia em volta.

Chegar na casa dele em época feliz era conhecer a fartura: uma quantidade de verduras e legumes, couve, alface, abóbora, pimentão, b'ringela, plantação da boa, galinheiro cheio, chiqueiro de porcos, vaca no pasto, de um tudo! Agora era só mato — mato e uma mostardazinha muito mirrada, amarelenta, uns pezinhos de jiló raquíticos, dava agonia a gente ver. Mas o Jesuíno era o mesmo, lá vinha ele arreceber o visitante com a mesma cara de satisfação. "Mas que surpresa, compadre Zé, vosmecê anda mais difícil do que chuva", "que nada, compadre, é o tempo que falta", e puxamos conversa comprida mode acertar os assuntos. Mas o assunto que tinha era a chuva, era a seca, o sol que se plantava no meio do céu como se não quisesse mais sair, "parece inté que o sol nem quer dar lugar pra noite" caçoou com um resto de graça o compadre Jesuíno, "que nem se fosse ficar dia o ano inteiro". Eu respondi: "O compadre inda consegue brincar", "mas se a gente não brinca, que é que pode fazer, compadre?", e foi então que toquei no ponto que mais me embaraçava: "Ô compadre, vosmecê tem visto o Tião, o Cascavel?", "ele não tem passado por cá, não, mode quê?", "é que esbarrei com ele hoje de manhã... o homem tá muito esquisito, compadre Jesuíno", "mas esquisito como?", "parece que tá malucando...", "malucando?", e então relatei pro compadre como foi a conversa tida com o Cascavel de manhã, o jeito como ele me pareceu, e principalmente o olhar dele, de quem vê coisa.

Compadre Jesuíno esfregou um pé no outro, franziu a testa, disse "é…", um "é" fundo, de quem cisma longe. "Digo, compadre" eu continuei, "que ele me assustou", "é…", e de novo o compadre dizia aquele "é" longe, pra depois emendar: "Deve de ser a fome, compadre… a mãe inválida… a falta de esperança", "é…" e então fui eu quem disse um "é" cismático, "o compadre deve de ter razão. É a fome… é tudo…"

Foi então que, sem mais nem menos, enquanto eu e compadre Jesuíno proseávamos no terreiro, em antes dele me chamar pra cozinha, o céu começou a escurecer de nuvem, coisa rara de se ver por último naquele azul — nuvens muitas, escuras e pesadas como porcas na engorda —, e um trovão roncou longe. Os dois espiamos o céu com dúvida, "de repente, assim?" disse o compadre sem querer ter esperança, "é de duvidar" eu acrescentei no mesmo propósito, "essa não cai por aqui", "certo que não… seca comprida… três anos ou mais… e a chuva vem sem anunciar?". Mas veio, e veio com força daí a menos de uma hora, refrescando tudo. Que alegria vinha dar cores ao sítio do compadre, o verde parecendo novo — o verde do Paraíso —, as florzinhas murchas do mato de repente aprumando-se, e se não pareciam maiores, pelo menos estavam mais vivas! Inté a comadre ganhou ares de moça, embora já se achegasse pros cinqüenta, e tirando o lenço de saco da cabeça veio pro meio do terreiro receber no rosto o batismo do céu, a água purificadora.

Passei aquele resto de tarde palavreando com o compadre, e nossa alegria nos fazia outros, a conversa animada e a esperança firmando-se no coração. A comadre tinha cozinhado umas batatas doces, e foi com elas e mais um café ralo que forramos o estômago, inté que a noite veio assim de mansinho, como costuma ser nesses dias compridos de verão, com má vontade, escurecendo a terra. Compadre Jesuíno inda brincou: "É bom que no escuro não se vê a magreza do corpo", e eu retruquei: "A magreza agora vai acabar, compadre". Mas então me desassossegou a lembrança o encontro daquela manhã com o Tião Cascavel. "*Tem coisa errada com ele*" eu matutei, "*um dia desses vou lá…*"

Já era bem tarde quando pensei em me despedir e me levantei, chapéu na mão. A comadre já se havia recolhido, mas o compadre fez questão de me acompanhar "inté a estrada, ora essa! Quero pisar nessa lama boa, sentir a folhagem dos matos molhando a roupa, a garoa bater na cara, isso é pra comemorar, compadre!", e fomos. Muito longe a gente estava de imaginar o sucesso que nos ia encher de assombro quando chegamos na estrada da Vila: a noite ia que nem breu mode o céu carregado, o lugar numa quietude de dar medo, só se escutando a chuvinha fina a bater nas folhas. Porém, no que encarei a subida que tinha pela frente rumo a casa vi, no ao longe, uma luz e chamei a atenção de compadre Jesuíno. "Vem gente" ele disse, "é um farol…", "mas a cavalo ou a pé?", "parece que a pé" ele disse, e reparou: "mas puxando animal…" e ficamos esperando. Aos poucos a luz se achegava, sumiu um momento numa curva, reapareceu mais perto de modo que já se podia discernir que era uma pessoa

carregando um farol de bambu e, como o compadre tinha dito, puxando por um cavalo. "Ué… quem será?" eu disse. De novo a luz sumiu, não numa curva mas em razão de um tombo: eu e o compadre Jesuíno vimos claramente quando o que vinha tropicou, foi pra frente e voltou pra trás tentando firmar o pé, escorregou por fim, s'esparramou no chão. Tudo de novo numa escuridão de breu. Despois um riscado de fósf'ro, o farol aceso outra vez caminhando para nós. Mais perto, reconhecemos — quem? — o Tião Cascavel, que vinha com o farol levantado à frente e puxando uma mula carregada de caixas dependuradas na cangalha.

A cangalha, seu moço, pra vosmecê que não conhece, era uma espécie de arreio, só que imprópria pra se montar pois, em serventia de assento, era dura que nem pau: feita de couro cru, tinha na frente e atrás, no lugar do arção, um par de ganchos de ferro adonde o tropeiro podia dependurar com facilidade sua mercadoria, amarrada com cordas. Isso no tempo antigo, quando essas estradas não passavam de trilhos e automóvel — caranguejola — mal chegava inté Sertãozinho. Naquele tempo, em vésp'ra de feira, vinham tropas e tropas guiadas pelos donos, a mercadoria dependurada nas cangalhas e os animais — cavalos, mulas —, coitados, lá vinham em passo lento, remando por causa do peso. Depois as coisas foram demudando, a estrada veio, buraquenta e rúim, mas veio, chegou o carro, os donos foram aposentando as cangalhas e procurando outra ocupação pros seus animais. Mas no tempo em que se deu esse causo inda se usava muito transportar mercadoria em lombo de animal.

Eu olhei pro compadre com espanto, e ele pra mim com espanto ainda maior: "Adonde será que ele foi encontrar aquela cangalha?!" eu disse, e o compadre Jesuíno, mais direto: "O que será que ele está trazendo naquelas caixas?"

E o Tião Cascavel veio se achegando, se achegando, se chegou enfim. Dando com nós dois ali, em pé dum lado da estrada com cara de quem vê assombração, o pobre abriu um riso largo — um riso de homem feliz, eu era capaz de jurar que ali estava um homem muito feliz se não descobrisse, apesar da luz incerta do farol, aqueles mesmos olhos perdidos que lhe vira de manhã — e exclamou:

— B'a noite, sô Zé. B'a noite, sô Jesuíno.

— Boa noite, Tião — respondemos.

— Eu não disse, sô Zé, que a coisa tava mudando? Viu a chuvarada que caiu?

— É, Tião, foi das boas.

— Acabou o penar, sô Zé, olha'í! — e deu um tapa forte numa das caixas.

— O que é tem nessa caixaria toda, Tião? — eu perguntei.

— A salvação, sô Zé, a salvação… então o si'or não vê que agora tudo vai florescer? Eu inté já comecei a tirar uma rocinha.

Então olhei para compadre Jesuíno, que fez um sinal de quem começava a compreender…

Me cheguei mais pra perto do Tião:

— Já tirou uma rocinha, Tião? Que novidade é essa?

— Veja o senhor mesmo, sô Tião, veja o senhor mesmo — e de novo lhe via o riso de homem feliz e o olhar perdido de um louco.

— Posso ver, Tião? Posso ver o que tirou?

Mas o riso na cara do Tião começou a transformar-se numa careta de dor. Fiz um sinal ao compadre e descarreguei a mula, que pareceu aliviada ao ver-se livre do enorme peso. O compadre Jesuíno apanhou o farol da mão do outro e alumiou enquanto eu abria as caixas, uma por uma. E dentro de cada uma… pedras, pedras de diversos tamanhos, muitas pedras! Só pedras! — Virge nossa!… — murmurou o compadre Jesuíno, abismado.

Escutamos um gemido e nos viramos: o pobre do preto, agora de cócoras, curvado sobre si mesmo, cobria o rosto com as mãos, chorava baixinho, rindo ao mesmo tempo, a cara lavada, não sei se de chuva ou de lágrimas.

Endoidecera.

✧

Não senhor, não sei dizer o que fez o Tião Cascavel ficar naquele estado. Pode ser que as privações, pode ser que já tivesse caso na família (houve quem garantisse que um tio dele por parte de pai estivera internado e tudo), e pode inté ser que as duas coisas juntas.

O caso é que eu e o compadre Jesuíno pegamos o homem e decidimos levar ele pra casa. De tão combalido nem fez que não, "sossega, homem" dizia o compadre, "sossega que você inda vai plantar muita roça boa, colher muito legume, muita verdura…", "isso mesmo, Tião" eu reforcei, "que bobagem! Agora com a chuva, a terra tá pedindo semente!", e lá fomos os três morro acima puxando a mula, que bufava tranqüila, livre da carga.

Quando chegamos na tapera, enquanto o compadre Jesuíno soltava a mula no pasto, eu e o Tião entramos, e, alumiando o ambiente com o farol, que já enfraquecia por causa que a querosene não chegava na torcida, o que vi encheu meu coração de dó.

Falar da pobreza daquele povo, da necessidade que passava, não é tarefa difícil, mormente quando já estamos acostumados com as carências todas do dia a dia. Relatei que mais de uma família vi passar na estrada, a pé ou em carroça, gente magra e esfomeada, de olhos tristes e feições abestalhadas, lá isso eu vi. Iam donos de sua tristeza, mas ainda eram gente. Porém a miséria é uma coisa que as simples palavras de um contador de histórias não têm poder de explicar por miudinho. A pobreza e a necessidade são coisas que nós, do povo, conhecemos bem nesses tempos, mas miséria tem outras cores que às vezes não imaginamos. Não é só figurar um casebre parco em haveres, de paredes enegrecidas pela fuligem e um chão de terra batida carregado de sujeira, de uns cômodos espremidos e cheirando a urina, uns jiraus tortos cobertos por umas enxergas encardidas servindo de cama; é assim uma coisa que é isso e mais que isso, feito

uma coisa viva, uma alma, um espírito da podridão, o senhor sabe?, um troço medonho!... Pois dentro da tapera do Tião Cascavel era assim, naqueles dias de horror, e pra piorar veio do cômodo pegado à cozinha uma voz fraca, áspera:

— Quem está aí?

Compadre Jesuíno vinha entrando nesse momento, e juntos passamos ao outro cômodo. Levantei o farol para alumiar bem, e vi: ali, num jirau, uma velha esquelética, quase cega, quase morta, pressentindo a claridade, levantou os braços:

— P'lo amor de Jesus, Nossinhô, quem está aí? Ah, filhinhos de Deus, têm pena de mim, têm pena de mim!...

✧

A velha Ludovina inda durou inté lá pro meio do ano seguinte.

Teve umas últimas alegrias na vida, que foi ver, com as chuvas, o regresso da filha Rosana mais o marido e os bacurizinhos todos, e receber visita da outra, que vivia em Poço Fundo; e o Tião, que por uma noite tinha perdido o tino, contava pr'ela que ele mais o cunhado agora plantavam uma roça grande, com sementes doadas pelo governo aos trabalhadores que retornavam pras suas terras. "Agora vai melhorar" ele dizia pegando na mão da velha, "a senhora pode inté comer um franguinho de vez em quando, uma carnezinha de porco, um torresmo". A Ludovina porém, muito enfraquecida, sucumbiu: morreu de madrugada, amanheceu morta, sem sustos, sem alarmar ninguém, e lá se foi pro cemitério na Vila.

A história é triste, seu moço, mas o que veio depois desfaz o sofrimento: com as chuvas, a terra era como eu disse em antes, uma mulher parideira, não falhava. O Tião mais o cunhado travaram no cabo da enxada e não largaram mais. A chuva persistiu, a terra se refazia, as plantações floresciam e os frutos vingavam com fartura. O senhor acredita que mais ou menos dois pra três anos depois daquela noite assombrosa o Tião Cascavel casou-se? Pois foi, fez casa nova pra morar e acabou casando com uma moça do arraial, mulata parruda e bem disposta, que conheceu em dia de festança na igrejinha. E veio a filharada — meia dúzia! —, o mais velho — que também recebeu o nome de Sebastião — deve andar aí pelos quinze anos, e é escritinho a cara do pai.

A menina da ponte

Em Sertãozinho passa um rio, em riba do rio cruza uma ponte e perto da ponte há muito tempo tinha uma casa. Eu beirava vinte anos quando passava por lá, tocando meu cavalinho na lida com a carroça, e via a menina.

— Você ainda acaba despencando no rio, menina — e engrossava a voz, meio arrastada, mode produzir assombro: — Mãe-d'água te leva pro fundo! — mas ela, nem te ligo! Ficava me espiando, quietinha na beirada, cai não cai. Só vendo! Eu já ia no final da ponte e, olhando para trás, lá estava ela, pregada no mesmo lugar, o vestidinho de chita desbotado no meio das canelas, o dedo metido na boca: parecia esquecer-se na gente, vigiando, vigiando. Outras vezes, sentada na tábua, balangava as pernas de leve, a cabecinha loira curvada para baixo, o olhar negro parado sobre as águas. Toda ela parava, virada em boneca de louça, e se corria um vento só os cabelos se moviam.

— Bininha! — de longe o grito da mãe surgindo na porta de casa.

Mas a menina? Mesmo que nada. Tinha hora qu'er'inté capaz de alguém esbarrar nela e ela nem sentir. O rio ia passando, passando, e na ponte ela permanecia — um só cismar.

— Rio não pára de passar, não, Bininha — e donde estava a menina virou os olhos para mim. Parecia que só os olhos tinham mexido, tão redondos e abertos — escuros, escuros — na carinha branca. Nem sei ao certo se ela entendeu o que eu disse, possa ser que sim, possa que não, com Bininha ninguém tinha certeza de nada. Despois os olhos sumiram de volta pro rio, pras águas, barcos fantasmas, de viagem outra vez…

— Balbina! — a voz da mãe de novo, mais perto, mais incisiva, e de repente aparecia a mulher na cabeceira da ponte. — Mas quê que tu tá fazendo aí, moleca, que não desprega dond'está?

Mas, qual o quê! Nem era com ela — lá estava, lá ficaria o tempo que quisesse, e a mãe, vendo tudo conforme, voltava as costas.

— Cuidado pra não cair no rio — advertia, deixando-a sossegada.

Bininha não se agradava de boneca, pouco se misturando com as outras crianças de Sertãozinho, e uns e outros de vez em quando diziam dela desmiolada, "abobada da cabeça", conforme parecer de seu Marcelino, dono do armazém. "Coitada de dona Dos Anjos" dizia o Maneco, que tinha uma venda na Vila e

vinha fazer suprimento no armazém de seu Marcelino; "viúva, sozinha no mundo e com uma filha desarranjada..."

O Maneco teve um tempo andou de olho na Dos Anjos, mas a coisa não foi por diante, e do caso ficou parece que só a pena que sentia dela e da menina, para todos maluquinha. Ou nem todos: pois pra mim Bininha, afora aquele jeito requieto lá dela, de ficar na ponte espiando o rio, não padecia desatino nenhum, conforme cheguei a comentar. "Deve de ser lombriga" alguém aventou um dia, na concordância com minha opinião, "bicha grande" lembrou outro, "diz que solitária deixa a pessoa amuada", e despois disso a opinião se dividiu: uns teimavam que a menina era ruinzinha da cabeça, outros já punham fé num vermífugo forte.

Nesse meio tempo eu me mudei de Sertãozinho.

Mãe era parteira, servia no arraial sem cobrar tostão — ganhava de vez em quando um frango gordo, um pato em ponto de panela, raramente prenda maior, mas certa feita foram levar lá em casa um leitão cevado, e quando a dona servida era de posse, uns trocados a mais. Pai era carapina, porém no escassear do serviço tinha época de passar os dias da semana sem fazer nada — daí que deu de inventar miudeza, brinquedinhos e bibelôs para vender na feira, vendia unzinho ou outro, entrava troco miúdo, farelo, dava pro necessário — com aperto.

Já eu não tinha seguido pai no ofício: transitava com uma carroça carregando lenha, mercadoria, mudança, o que fosse. Mas enjoara dessa lida, queria era montar cavalo e laçar touro brabo no pasto, curar bicheira, tirar leite, labuta de fazenda, melhorar de vida, além de maquinar uma colocação melhor pros meus — e a chance apareceu quando soube que seu Belmiro, da fazenda Laguna, requeria braço pra qualquer serviço.

Foi o Maneco que me falou:

— Ocê que faz tenção de se arretirar pra uma fazenda de gado, olha que no seu Belmiro a colocação é boa.

A Laguna ficava a um estirão de Sertãozinho, dezena léguas bem corridas, mas tinha por informação que o passadio era bom, o patrão homem do direito, e que empregado com ele que fizesse por agradar nunca mais saía do serviço. Daí, não esperei o Maneco falar duas vezes. Balanguei a cabeça concordando, os olhos já meio fechados na investigação do futuro: que eu talvez não tardasse 'star de chapéu de couro na cabeça e bota de cano longo, laço na mão e inté — quem sabe — um dinheirinho a juro no banco. A lida do gado sempre me chamava por dentro uma esperança, uma querença de viver no mato, no meio da peonada, o cheiro do leite fresco, gordo, do estrume de vaca recendendo, nuvenzinha de fumaça nas manhãs geladas...

Enquanto proseávamos, tomávamos calibrina boa. O Maneco informou:

— E lá no seu Belmiro tem alambique. Coisa fina, só vendo!

Em dois dias eu 'stava de mudança. Minha mãe correu inté o colchão e, alevantando uma beirada, apanhou os mil-réis que guardara pra hora de carência,

"não quero filho meu chegando na casa dos outros desprovido por completo", e meu pai de lá: "Nem pega bem parecer um qualquer sem-eira-nem-beira".

Não respondi. Amarfanhei no bolso os tostões de mãe — coitada! Tão boa! — e prometi por dentro que se desse certo na Laguna, arrumava colocação pra eles lá também.

No outro dia cedinho, bornal com matutagem no arção da sela, atravessei a ponte. Sertãozinho começava a acordar: um grupo de tropeiros entrava, amarrando os animais; seu Marcelino chegando no avarandado do armazém acenava num bom-dia comprido; sinhá Tonica vinha pela rua com uma garrafa para apanhar o leite, arrastando pela mão o menino mais novo, seu neto; o povo abria as janelas, as portas, fumaça soerguendo dos telhados, chaminés fumegando, e a névoa suspendia das águas do rio.

Na beirada da ponte, já de pé, já cedo, olho espichado para mim que passava no rosilho, a menina Bininha.

— 'Dia, Bininha — eu disse, e acenei, mas ela, nem resposta. Olhão espichado, dedo na boca.

— A menina gosta do rio, hein? — eu disse sofreando o animal, e sorri. Bininha quase sorriu, o dedo continuou na boca, o olho ficou longe, parecendo espiar pra depois da gente, pro futuro, de um jeito que dava inté susto; pois tinha hora que Bininha parecia um anjo, não acerto dizer se do bem se do mal, mas de propiciar arrepio. Ajeitei o chapéu na cabeça: — Vou de viagem, Bininha — eu disse —, vam' ficar um tempão sem se ver.

Bininha continuou parada. Toquei o rosilho, o tambor dos cascos no madeirame. Do outro lado fiz uma meia parada, me virei na sela, vi: a garota ainda no mesmo lugar, espiando — não para minha pessoa, mas pra longe, pra mais longe, pra muito longe…

Fui em frente.

O mundo agora parecia tornar-se maior para mim, franqueava-se, campo, campina, estrada e caminho, trilha pelo meio do mato, e no alto de um morro — morraria, morraréu — surgia, antolhada de grande, azulando, a paisagem. Inda faltava chão: muito, horas de cavalgada, a passo, não querendo sacrificar o rosilho, mas aquela vista aprazia, e subiu mágico o cheiro do gadame que eu já adivinhava, do pasto verdolengo, parecia que no rumor da mata ouvia de entremeio o mugido, o aboio, o berrante…

Em chegando nas terras de seu Belmiro, o que vi foi fartura, e fiquei admirado. De um tudo se plantava na Laguna: cana-de-açúcar, mandioca, feijão preto, o cafezal enchendo morros e morros, pastaria por demais, e currais, e gado…

Primeiro me apresentei: Setembrino, sim senhor, o Brino da dona Deolinda, a Lilinda Parteira, não sei se o senhor já ouviu falar, lá de Sertãozinho. Não senhor, seu Belmiro, minha labuta era com carroça, puxando capim, lenha, o que carecesse, mas a vida não se ganha desse jeito e o que eu queria mesmo era

lidar com boi. Não, senhor, sem experiência que dessa lida nunca tomei parte, em Sertãozinho não tive oportunidade, mas se o senhor me aceitar, sei que posso progredir. Sim, senhor, seu Belmiro, levanto cedo, com escuro, o canto do galo não me encontra na cama! E tenho muque, não sou de afrouxar por qualquer tropeço não senhor. Bem, seu Belmiro, a falar a verdade, é certo que sou chegado à malvada, mas só nas horas de descanso, que não misturo o folgar com o lidar, a devoção com a obrigação, e inda que a aguardente da Laguna faça fama inté pros lados de Sertãozinho, garanto que não sou de abuso. E no que vossa senhoria age com acerto em investigar, pois quem põe o pé ao mesmo tempo no roçado e no alambique acaba mais neste do que naquele.

Parece que seu Belmiro apreciou minha pessoa, e cá no particular, eu sempre soube chegar, sempre fui precatado no pedir as coisas: falava com educação e sem soberba, sem desmerecer qualidade minha ou alheia. No mais, eu tinha uma cara assim meio de menino, feito no sonho e nas ilusões, que despertava confiança — o que ele observou bem. "Vosmecê parece muito disposto, moço" disse, e se soerguendo detrás da mesa adonde fazia suas escritas, "pode ficar na Laguna, vamos testar suas qualidades. Se aprovar…" e advirto que mode a simpleza do meu ser e minha boa disposição aprovei, agradei. E fiquei por lá, logo tomando amizade com a rapaziada mais antiga.

No começo uns e outros me olharam assim meio enviesado, na desconfiança, como quem diz "que será que esse zinho quer por aqui?", mas não tardou me conhecerem bem: gostaram de mim, eu da turma, e quando vi já era peão antigo, dos melhores, inté fazia inveja.

Uns tempos transcorridos, já firmado no serviço, pedi permissão a seu Belmiro mode buscar pai e mãe para estarem comigo na Laguna. Seu Belmiro coçou o queixo, perguntou se Mãe inda exercia o ofício de parteira, no que eu disse que sim. "Pode ter serventia nessas bandas. E o pai do moço?", "carapina dos bons sim senhor" garanti, "tem oficina pequena em Sertãzinho", e seu Belmiro fungou, "bem" disse despois de matutar, "a casa tá carecendo de uma reforma, que é que você acha, Branca?" e a patroa respondeu lá da sala, adonde ficava pelas tardes em faina de linhas e agulhas: "Sempre é bom, Belmiro, não é perdido não…"

— Pois bem, seu moço, traga os velhos. Sábado mando a rapaziada levantar teto novo perto do engenho, no esplanado. Ficando pronto, não tem que tardar, e logo, que quero dar um jeito no madeirame da casa.

Indo meus pais morar na fazenda, perdi de vez notícias de Sertãozinho. Mãe passou a parteirar a mulherada da terra e Pai pôs como nova, um brinco, a casa grande da Laguna. Seu Belmiro ficou satisfeito e foi-lhe arranjando outros quefazeres, pai não parava mais, e no lembrar as miudezas em Sertãozinho fazia inté cara feia: "Carapina feito eu" dizia "tem de trabalhar em obra grande como tem aqui, isso sim é serviço de homem!", e vez por outra, lamentoso: "Quase que afundei minha vida naquele arraial de merda!"

A vida correu solta.

Passou-se um ano, escorregaram dois…

Engraçado como o tempo passa que a gente nem percebe. Quando vê, já lá se vão dois, três, dez anos, e tudo parecendo que foi um dia só.

Pois se passaram dez anos brincando: o serviço não era pouco, e aumentou quando seu Belmiro me botou de viagem em comitiva, na venda e compra de gado. Saía levando manada, e tinha pela frente seguros dois, três meses de viagem: houve ocasião de partir pelo meio do ano — junho, julho — e vesprava janeiro sem avistar outra vez o telhado de casa. Mas não era rúim não: via-se gente nova, outras terras enfeitando com suas paisagens as vistas do pessoal, e que beleza o gado seguindo juntinho campo afora, a cachorrada de vigia, os peões adiante, na retaguarda o sonido do berrante formando cantoria com a vozeada do agreste! A vida que eu pedi a Deus, e Ele, na sua graça, achou por bem me conceder, não que eu fosse merecedor.

Um dia seu Belmiro me chamou:

— Brino, preciso de favor seu — ele disse, mal me viu de pé no portão da varanda.

— Patrão não pede favor, seu Belmiro — repliquei, respeitoso —, dá ordem.

— Você vai amanhã para mim até Sertãozinho.

Estranhei um pouco, um tanto.

É que seu Belmiro quase nunca requeria nada de Sertãzinho, e quando era preciso, mandava moleque, mode assunto de pequena estimação. Eu, por meu lado, visto que nada me segurava naquelas bandas, passados todos aqueles anos nunca mais tinha voltado lá, pouco faltando para que eu me esquecesse do caminho. No serviço de gado pouco tempo sobrava pra vadiação tão longe, bastando festa ou arrasta-pé em casa de algum morador, o que já era muito. Nas levas de gado sempre se tomava rumo diferente: engraçado — agora que ponho tento —, nunca seguimos rumo de Sertãozinho nessas viagens. Da Laguna tinha saída para cidade vultosa, inda que mais arretirada, e era quando seu Belmiro aproveitava para encomendas importantes, sendo eu o de mais confiança mode cuidar de seus particulares.

Assim foi que, daquele pedido estranhável, de pé no primeiro canto do galo, parti de madrugada rumo a Sertãozinho: devo relatar que quase me perdi pelas veredas novas abertas na mata, e sem pôr desculpa de meu atraso em tais somenos, o caminho também havia piorado muito, de forma que com as últimas chuvas tinha lugar que era preciso apear e seguir na canela, puxando a montaria pelo cabresto. Entrei no arraial já com o sol alto, esbarrando a uma hora.

Já não me recordo bem da incumbência que seu Belmiro me dera, acho que recado para seu Marcelino do armazém, a ver com uma gente de fora interessada em compra de café em grão, coisa miúda que com o achego dos anos, a memória fraca, sucede d'a gente se esquecer.

Cheguei no arraial e fui direto ao armazém. Gostei de ver: o estabelecimento mostrava progresso, seu Marcelino — o cabelo branquejando feito algodão

em cacho — tinha derrubado umas paredes na casa velha, levantado outras, aumentado por detrás do balcão, e agora, sortido como quê, exibindo de um tudo, estava àquela hora cheio de gente. Seu Marcelino, porém, mesmo atarefado, bateu os olhos na minha pessoa e se alembrou:

— Ora essa, que não é outro senão o Brino da dona Lilinda!

E veio folgazão ao meu encontro, largando a freguesada por conta dos caixeiros.

Saídos pro avarandado, proseamos largo. Tive de dar notícias dos meus — graças a Deus, vivos e com saúde —, falei da vida, e pude inchar o peito quando referi uns dinheiros depositados no banco, "importante, importante" concordou seu Marcelino; coisa de pouca monta, eu disse com ar de desimportância, e ele: "Mas aumenta! Moço novo, seguro, tem viver tranqüilo e garantido, mormente se faz projeto de casamento", embora que no momento — eu disse — não fazia tenção de casar, não tinha topado ainda com quem, "mas não se apoquente o rapaz por isso" ele asseverou, sabido, conhecedor das coisas, "que sua hora há de chegar, é só botar a vista numa moça bonita, não em qualquer moça bonita, não, mas naquela que está guardada pro rapaz, naquela que Deus preceituou…"

Falamos de Sertãozinho: não mudara muito, tinha umas casas novas, "moradores que vieram do interior mais pra perto de recurso" ele disse; aumentara uma loja, um barzinho — birosca à toa —, um salão de baile adonde de vez em quando juntava gente em volta de uma sanfona, um pandeiro, uma viola. No mais, tudo na mesma. "O sítio que foi de vocês já passou por duas ou três mãos" ele informou, a casa de ruim que estava, quase caindo, tinha sido desmanchada, no lugar levantando-se moradia nova, boa, grande, "vou passar por lá mais tarde, para relembrar…"

Da prosa, passei à missão, tratei do assunto que me levara de volta a Sertãozinho, acertou-se qualquer coisa, que a referida gente não estava no arraial e tardava ainda dias, mas receberia o recado sem falta, "diga pro seu patrão que esteja descansado".

Almocei com seu Marcelino e depois resolvi dar uma volta pela terra para reconhecimento. Atravessei a ponte, passei rente ao lugar de minha antiga moradia, cavalguei pelos arredores, pedi um copo dágua numa casinha beira d'estrada, aqui um dedo de prosa com esse ou aquele conhecido que topei pelo caminho, ali uma sombra boa pra descansar, adiante um araçá maduro no barranco…

Voltei.

Foi então que vi: na cabeceira da ponte, que ganhara muro de arrimo e estrutura reforçada em madeira de lei, debruçada no parapeito e olhando a água correr, uma moça. A moça não estava ali no eu atravessar de primeiro; estava agora, parecia descuidada em contemplar o rio — o mesmo de sempre, a água sempre a passar igual —, e os cabelos feito sol nascente escondiam, longos, o rosto. Nem com o tropel do cavalo levantou a cabeça, e mesmo passando deva-

gar procurando discernir suas feições não consegui — não conseguiria se então eu não escutasse uma voz, chamando:

— Bininha!

Então me lembrei!

E fiquei abismado! Adonde eu tinha vivido, que tanto eu tinha feito e visto na vida naqueles dez anos, que pudera me esquecer de Bininha, a menina da ponte? Agora eu estava ali de novo, em Sertãozinho, inda que só de passagem, e sem mais nem menos esbarrava com ela, moça feita, no mesmo costume de entreter-se com o correr do rio, de se perder na correnteza das águas e de seus pensamentos!

Bininha! Então era ela, ali: Bininha.

Escutando a voz, sofreei o cavalo, olhei na direção do chamado: lá estava a casinha na beira do rio, a mesma, porém com pintura nova, janelinhas azuis, uma mulher gordota aparecendo no terreiro. Mais que de imediato, me virei na sela, espiei Bininha: foi num relance, num instante de admiração, que lhe vi o rosto. Os olhos de gato da moça, rasgados, grandes que só — uma noite imensa por detrás — pousaram sobre mim, um tanto sérios, sem malícia, um quase sorriso escondendo-se nos lábios — que por isso não sorriam —, e ela deu-me as costas, seguiu em direção da casinha, entrou nela, e não a vi mais.

De volta à Laguna.

A lida, as levas de gado, os anos passando.

Pai e Mãe envelheceram muito: Mãe morreu primeiro, Pai coisa de um ano depois. Morte muito chorada, de um e do outro. Seu Belmiro comentava, vez em quando, no que surgia assunto: "Brino, nunca vi carapina feito seu pai. Já vi dos bons, igual que ele, nunca!", no que dona Branca secundava, lá da sala, em seus eternos manuseios de linha e agulha: "E a dona Lilinda Parteira? Que mão santa pra ajudar anjinho a vir ao mundo", e essas conversas cheias de remembranças, eu preferia não me estender por elas: escutava seu Belmiro e dona Branca, por dentro satisfeito com a deferência, mas assentia, mas calava, para não principiar fungação, chorar choro doído. Lembrança de pai e mãe que já morreram é sempre mágoa.

Mas eu tinha também uma outra lembrança que costumava avivar-se nas noites de solidão, nos vargedos, nos acampamentos em levas de gado, vista aberta para as estrelas do céu: os cabelos loiros, os olhos de assombrosa noite, as feições cheias de encantamento da moça que eu vira tão só de relance, num lampejo, na ponte de Sertãozinho, há tantos anos.

Aquele rosto não abalava de minha mente, parecia ter-se desenhado ali naquele dia feito marca a fogo em couro de boi, que nunca mais sai — e não saía.

Mas se eu tinha gostado tanto da moça — se aquela fosse talvez, no dizer de seu Marcelino, a preceituada por Deus Nos'Senhor para mim —, mode que não retornei a Sertãozinho, pelo menos para estar com ela, desencantar aquela visagem de lembrança, saber se ela queria casar comigo ou não?

Quem sabe? O mundo dá voltas, tantas, muitas, vai, revira e vem, e nos embola no meio, faz o cristão de joguete, e está muito enganado quem pensa que tem força contra a correnteza da vida: ninguém é dono de si, ninguém sabe de seus passos, de seus caminhos, é tudo mistérios. O certo é que não voltei.

Porém, vai que um dia morre seu Belmiro, já avançado em dias.

Foi assim: no ano anterior seu Belmiro tinha adquirido umas terras, resgatadas do banco mode pagamento de hipoteca. Fazenda grande, boa, de uns tais Silvinos noutros tempos, antes de sofrerem falência, e onde moravam uns poucos colonos que se sustinham com rocinha miúda de mandioca, batata doce e feijão preto. Bastante arretirada, cavalgavam-se boas horas a trote largo para chegar. No último temporal umas cercas já meio derruídas tinham caído de vez, e eu, por ordemdo patrão, tinha ido vistoriar o levantamento de cerca nova, adonde já me delongava por dias. Era por um princípio de noite, a cerca quase toda pronta, eu mais a turma chegávamos para casa quando se abeira de nós a galope um cavaleiro esbaforido — o Rufino —, o cavalo espumando suor, subindo vapor:

— Venho da Laguna, seu Brino, dar parte de que seu Belmiro faltou.

Essa morte sem mais nem menos fez reviravolta. Não fosse o Rufino ser homem de respeito, eu estava mais pra uma brincadeira de mau gosto que pra verdade a notícia referida.

Na mesma hora me pus a caminho, por companhia o Rufino que me ia dando conta mais a miúdo do sucedido: "O pobre se levantou de manhã sem alteração, num sabe, seu Brino?, apois, levantou, saiu, lidou um pouco e despois voltou pra casa reclamando dum cansaço, adonde que sá dona Branca inté mandou o Zé Miguel apanhar umas ervas pra mode fazer um chá… Seu Belmiro recostado na cadeira da varanda parecia que tinha cochilado, mas quando sá dona foi chamar por ele, babau…"

Noite escura, não se podia apressar o passo dos animais sem o risco de queda perigosa em qualquer despenhadeiro, e assim só de madrugada atingimos a Laguna. Fui encontrar a casa cheia, seu Belmiro velado no salão da fazenda, e o cheiro de vela recendendo de mistura com o aroma morno e doce, enjoativo, das flores.

A viúva, dona Branca, sem tino para nada, quas'que nem dava muito acordo de si. O filho único, seu Florêncio, arriado numa cadeira de palhinha ao lado do caixão, de costume cheio dos orgulhos e rompantes parecia ter murchado de repente. Muita gente comparecera, ouviam-se uns cochichos aqui e ali, quem entrava, quem saía, todos andando na ponta dos pés, reverentes: seu Belmiro fora muito estimado naquelas redondezas.

A noite foi esticada, o dia esteve cinzento.

Depois do enterro, todos se arretiraram, e uma outra noite se avizinhou.

A Laguna, agora, parecia deserta.

A morte de seu Belmiro me desgostou, cavou tristura cá no meu peito: o velho tinha sido um segundo pai para mim. Por diante ia mandar na fazenda o filho, seu Florêncio, homem de repentes, de ares, soberbia. Não era da franqueza do pai: calado e severo, lá com sua cara amarrada, seu jeito de tinir espora e dar com o chicotinho da perna da calça… Nosso santo não cruzava um com o outro, por isso tomei acertada decisão: deixei a Laguna num amanhecer de setembro, fui virar mundo feito andarilho, sem rumo certo, direção não sabida, por aí.

Havera de ser demoroso e sem interesse pra história relatar aqui adonde andei nos anos seguintes: sem paradeiro, campeei gado em muitas fazendas; sem pouso, voguei de um lado para outro feito canoa desgovernada; saindo do estado fui conhecer longe, Brasil afora; me falaram do mar, um mundo de água que não tinha fim, e ainda por riba salgado ("mas d'adonde vem tanto sal?"), e eu, na ignorância do sertão, pus dúvida, "que isso não pode existir"; eu tinha de ver aquilo, e fui, arribei em cidade portuária, pasmei daquele aguaréu todo, provei pra ver se era mesmo salgada; despois, peão de montaria, fiz façanhas em rodeios por cidades muitas; inté em acampamento de cigano me meti uma vez, e se nunca fora dado a sem-vergonhezas, decidi conhecer cabaré já homem quas'que passado da idade.

O mundo me pareceu imenso como eu nunca imaginara. A solidão o tornou maior.

E por uma tarde invernosa, fria, as grimpas branquejando de serração, adentrei de volta o arraial de Sertãozinho, chegado em lombo de burro, por agasalho um capote velho, um chapéu desabado na cabeça, mendigo de barba cerrada, cigarro apagado no canto da boca, desiludido da vida, meio acabado pra tudo.

Fazia vinte e cinco anos que eu deixara a Laguna, trinta que eu estivera em Sertãozinho pela última vez.

Entrei no arraial a passo, o burrico estropiado da andança sem fim, parei em frente do armazém que fora de seu Marcelino, apeei, subi para o avarandado. Sertãozinho apresentava pouca mudança: teria mais gente, talvez, o armazém estava cheio e, nas mesas da varanda, tropeiros vários almoçavam no avançado da tarde. Despachava agora um que logo vim a reconhecer mais ou menos, o Josélio, filho de seu Marcelino, que enquanto me servia um prato deu notícia de que o pai havia morrido já fazia bem uns cinco anos, idoso, meio cego, meio capenga, caducando.

Veio uma turma de crianças, entraram fazendo algazarra mode comprar doce. Despois saíram, correram na direção da ponte: donde estava podia vê-las, de longe ouvia a tropeada no madeirame antigo que estremecia, o zunzum, a alegria infantil que me atormentou. Pois foi vendo a criançada atravessar a ponte em folgança que me lembrei daquela que eu nunca tinha esquecido, o rosto que me vigiava das sombras, que me perseguia no isolamento das minhas noites largas.

Do avarandado fiquei espiando a ponte, que as crianças já haviam cruzado, a ponte deserta, a ponte… a ponte…

Dali também podia ver a casinha ao lado: abandonada, a porta parece que derruída, parte do telhado ameaçando desabar.

— Seu Josélio — eu disse despois de não sei que horas.

Seu Josélio achegou-se, esperou.

— O pessoal que morava naquela casinha…?

— Ah, a dona Dos Anjos…

— Essa mesma, e a filha…

Então o Josélio explicou: ninguém sabia. Fazia muito tempo tinham se mudado. Pr'adonde? Sabe Deus!… A filha? A Bininha, que soubesse não tinha casado não, pelo menos em Sertãozinho, se bem que os moços do lugar fizessem festa mode por meio de agrado conquistar o coração dela, tão linda como nunca se tinha visto por ali. "Eu mesmo cheguei a arrastar uma asa, mas…", e balançou a cabeça com um riso fugidio.

— Moça estranha, seu Brino — o Josélio fazendo um bico asseverativo —, muito quieta, tinha por costume estar ali na ponte, horas esquecidas debruçada no parapeito, admirando a correnteza.

"Rio não pára de passar, não, Bininha", a minha voz, a minha própria voz soando no avarandado do armazém, no esconso de minha mente.

— Moça cheia dos mistérios, se o senhor quer saber, seu Brino — e o Josélio puxando cadeira, tomou assento. — Tinha inté quem pensasse que era meio, ó — e fez um gesto, apontando a cabeça —, ruinzinha das idéias. Mas que nada — ele disse —, eu penso que não, era só o jeito lá dela, casmurra de natureza, só isso.

O Josélio fez uma pausa, calou-se por um momento, pensativo. Despois disse, com pena, o olhar — o dele, o meu — na ponte deserta:

— E não aceitou rapaz nenhum. Quando foram embora, deixou saudade. Nunca mais se ouviu falar de Bininha.

Deixei Sertãozinho para sempre.

A vida para mim não guarda mais segredos. Tudo parece cinzento, velho, assim que nem eu mesmo.

A vida costuma ter suas tristezas, suas alegrias. Umas mais, outras menos, sempre assim. Nunca é mais que isso, só isso.

Mas quando se está sozinho, quando se encara as estrelas do céu, de noite, há sempre que se recordar, que lembrar uns olhos gateados, rasgados para o escuro, cabelos feito o brilho do sol poente, um sorriso a existir sem existir, e a ponte, e o rio sempre correndo, correndo, correndo…

Um cavaleiro sob a lua

Pelo grosso, o que se conta é sobre um cavaleiro que tinha por mau costume surgir noite alta em arrasta-pé, surungo vulgar ou festa em casa senhorial, no mais aceso das danças pra enfeitiçar rapariga solteira; e dum peão, um Lidugero, que tomou por partido sair no rastro dele pra mó'desafrontar honra de moça donzela muito de sua querença.

Pelo miúdo — é o povo que conta, eu de mim boto adiante do jeito que colhi, não mexo nem remexo —, diz-que era moço de muita figura, alto, peito largo, braçaria de muque, cabelama dourada, os olhar feito céu em tarde de inverno, não se sabe se pro azul, se pro cinzento, mas enganador que só. Se bem apessoado, nunca descuidoso no trajar: quem viu de perto botou reparo e atestou que as esporas eram de ouro, "só podiam ser, pra alumiar daquele jeito". Apeava do puro-sangue no terreiro adentrando barraca ou salão sem barulho, respeitoso, que a parecença no começo era ser pessoa de modos, e à vista do chegado a raparigada toda se embeiçava.

Mas sem firmar o pé, tampouco tardar inté o final, iam dando duas, três da manhã, farto do saracoteio saía pra fora, espiava a lua minguante vermelhando no céu e pinoteava, o cavalo vencendo a madrugada feito pudesse ver no escuro como no meio-dia. Daí, por aparecer e desaparecer sem dar ciência a cristão donde provinha e pr'adonde se punha, começou a surgir comentário largo, murmuração imaginosa, feitura de história floreada. Dizem uns que é comum o povo fantasiar maquinação, outros que pode inté aumentar um tanto, mas como vestígio de fumaça é sinal de fogo, decerto toda fabulação contada pela boca geral tem lá qualquer verdade entre os bordados da invencionice.

Por aí surgiu que o cavaleiro costumava aparecer pela lua minguante e nunca era visto antes de meia-noite. Princípio de lenda na aumentação se cerca de mistério, começa a ser contado em voz baixa em sinal de respeito pelo desconhecido, tanto que pro final, chegando o moço em baile ou festa, enquanto as meninas espiavam pra ele dos recantos, amolecidas, os mais velhos torciam a cara, e as beatas faziam o pelo-sinal. Foi nesse pé que alguém achou de acrescentar que ele, mal se punha longe das vistas de todos, ganhava os ares e tanto cavalo como cavaleiro se sovertiam, um piscar de olhos, fumaça breve, menos que clarão de fósf'ro em ventaneira, comprovando que ali tinha coisa que não provinha da banda de cá.

— E resta catinga de enxofre? — perguntou alguém, uma dona antiga, Sinh'Antônia, embrulhada no cachenê da velhice. — Se restar, é coisa do demo.

Um outro, mais duvidador, não muito afoito no acreditar em diz-que-diz-que, quis saber:

— Mas se o cabra só ganha os ares no que não tem vista de qualquer sobre sua pessoa, de que jeito alguém testemunhou ele subir?

A voz emudeceu em silêncio pensativo, pois não é? de que modo maneira um pudera o prodígio de ter visto coisa que só sucedia longe das vistas de qualquer vivente? Mas como toda dúvida nesses casos semelha falta de fé, Sinh'Antônia se benzeu, repuxou o cachenê e condenou o mundo, que inda se perdia nesses tempos que corriam de duvidação e pouco temor a Deus.

Do reboliço que o moço bonito produzia entre as raparigas casadeiras, o relato é que mais de uma chegou a penar doença despois de dançar com ele uma parte, duas: fino com as moças, soltando sabe-se lá que palavreado agradadeiro no esconso do ouvidinho delas, engambelava, cativava coração novato nessas coisas de amor que fazem judiaria, despois se despedia prometendo voltar. Não voltava. E pai e mãe tinham de correr, buscar recurso, chamar Doutor ou em Sertãozinho ou inté mais longe, que às vezes médico de roça não provia salvação.

Por derradeiro e mais grave se referia da caçula de Siô Terêncio Albuquerque (o da fazenda Albuquerque em Poço Fundo), que caiu de cama no dia seguinte ao baile de seus quinze anos.

A festa, dizem, garantia animação nunca vista, que Siô Terêncio era dos antigos, homem de dinheiro e farto na gastança, não media mão no festejar as filhas, três de seu sangue mais umazinha, uma desamparada que ele acolheu pra ajudar no serviço da casa e acabou quas'que filha de verdade, tudo moça criada com muito mimo e recato, prendadas e de fina educação (tanto que a primeira a casar levava pro marido instrução de música e, de presente do padrinho, um piano dos grandes, dos de cauda, como se diz, com recomendação: "Quando o marido estiver de boa telha, toca música animada mode alegrar a casa, mas quando importunar batuca barulheira alta que é pra ele tomar tino"). Durante o dia teve almoço, comedoria, muitas mesas, vinho de qualidade, uma cachaça fabricada na Laguna que era da ponta, mas só para os mais chegados (mod'evitar bebedeira e fuzuê, que os de fora nem sempre respeitam e já com alguma tontura na cabeça principiam provocação e lero-lero, não raro confronto arriscoso e machucadura de faca). De noite, o baile. O sanfoneiro, Siô Dorvalino, tendo abicado noitinha pra jantar, entreteve prosa com o dono da casa inté p'las nove, despois se acomodou na barraca adonde possuía recanto cativo, tirou a sanfona da mala, ensaiou notas pra esquentar os dedos. O Totonho Pretinho acompanhava no pandeiro, esperto que só: miúdo, pretinho como referia o nome, sabia tirar todos os ritmos passando de um para outro e no compasso do fole, tanto que Siô Dorvalino não admitia outro pandeiro onde ele tocasse.

Tudo indicava que o baile seria de arromba, e a verdade é que não deixou de ser, mesmo quando perto de meia-noite um tropel no terreiro anunciou a chegada de alguém.

Já se esperava. Era ele. O moço. O cavaleiro da lua minguante.

Breve o comentário alcançou todos os recantos da casa.

— Deve ser emissário do demo — murmurou apavorada Sinh'Antônia na sala, palavreando com Sinh'Anica. Benzeu-se, espiou a lua pela janela aberta, uma foice no céu. *"Parece tinta de sangue"* pensou.

— Se calhar, o próprio — concordou Sinh'Anica, muito enrugada e velha e que mal se continha escutando um fole, nas lembranças de seu tempo, e foi espiar da vidraça.

— Praza a Deus — rezou Nhá Bilinha, dona de Siô Terêncio, opulenta, olhos mortiços, paparia embaixo do queixo, entrando na sala — que não venha trazer amolação a esta casa. Praza a Deus a aos anjos!

"Que pena" pensou Sinh'Anica voltando para dentro, *"o tal é danado de bonito"* não atinando se tinha pena de moço bonito assim passar pelo próprio demo, ou se de estar já tão enraizada na vida, correndo pelos setenta, adonde nunca que poderia cobiçar um partidão feito aquele.

— 'Garra co'os santos, Nhá Bilinha — aconselhou Sinh'Anica sentando-se outra vez, suspirosa, a boca dizendo coisa que o coração não respondia —, se carecer, convém inté novena mode afastar coisa ruim.

— A senhora já reparou, Sinh'Anica — prosseguiu Sinh'Antônia —, que num tem cristão que bote as vistas nesse moço na luz do dia?

— Já ouvi falar, Sinh'Antônia, já ouvi falar.

— Pois é certo — rebaixando a voz envergou na direção da outra —, diz que o tal, ó, num pode com a claridade do Sol!

Nhá Bilinha se achegou à janela. Estremeceu no que uma sombra de nuvem tapou a finura da lua, pensando alarmada na filha, a menina Lindaura, a caçula, que fazia anos. *"Se bem que Darinha ind'é criança…"* consolou-se. Suspirou. Na barraca Siô Dorvalino provia umas notas chorosas, tristonhas, de embalar amor perdido.

No céu a lua reaparecia, estreita, vermelha, uma navalha.

Mas se não fosse Darinha aquela noite, não havera de ser outra: deu-se que perto de uma da manhã, já tendo dançado com a moçaria toda, em fila esperando cada qual a sua vez, o moço vislumbrou na soleira da porta a figura miúda, cheia de atrativo, da menina.

Avançou, curvou-se, apanhou-a pela mão.

Dançaram.

Muito.

No que findava uma parte, o moço fazia sinal a Siô Dorvalino que entendia o requerido. Pouco importando naquela hora se do tal corriam coisas, lérias, continuou a judiar da manhosa pois pra sanfoneiro de renome feito ele o que

conta é se a sanfona, animadeira, não deixa de produzir agrado e todo mundo se diverte, pois é pra isso que ela serve.

Ao sinal do moço, portanto, Siô Dorvalino largava uma valsa, deitava uma polca, desandava um bocado pelas melodias mais bonitas que conhecia, e quando parecia que não tinha mais nada a mostrar, surgia novidade nos dedos do homem, música desconhecida, ritmo diferente, e a dança prosseguia. Teve inté quem comentasse, passado o causo, que Siô Dorvalino 'stava encarochado, apois, inda que sendo sanfoneiro dos bons nunca havia tocado daquela maneira!

— O homem parecia inté de zói vidrado — garantiu alguém.

E enquanto Siô Dorvalino tocava, o moço de fora e Darinha dançavam. Atraída pela música e com uma opressão de mau pressentimento no peito, Nhá Bilinha compareceu na barraca, atrás dela Siô Terêncio, e ficou vigiando. Disfarçadamente cutucou o marido, indicou com os olhos, desaprovativa, a filha e o desconhecido como a requerer providência, aquilo pra ela um despropósito, não tinha cabimento prosseguir. Siô Terêncio permaneceu imóvel por dois ou três minutos, e quando mais uma vez a mulher o cutucou pola altura das costelas, encurvou-se, cochichou-lhe qualquer coisa no ouvido e saiu. Nhá Bilinha saiu atrás.

Na sala Sinh'Antônia se levantou, Sinh'Anica espichou o pescoço.

A dona de Siô Terêncio sentou-se desconsolada.

— Não se faz desfeita a visita, mulher — o marido, sentencioso, buscando contornar. — Ele está dançando com nossa filha. A festa é dela, e ela é moça, é pra isso mesmo, pra se divertir, que el'stá lá.

— Nem convidado esse tal foi… — murmurou Nhá Bilinha, queixosa.

— Não tem 'portância nenhuma — retrucou Siô Terêncio —, nossa casa sempre deu acolhida sem perguntar nome a qualquer que saiba se portar, e o moço está procedendo com muita distinção. O resto são conversas, lero-lero.

Retirou-se muito grave para a cozinha.

Sinh'Antônia sentou-se ao lado da amiga. Apertou-lhe o braço num gesto de ânimo:

— Deus é grande, Nhá Bilinha, Deus é grande.

Sinh'Anica foi de novo espiar pela janela, donde podia ver bem o que sucedia na barraca. Testemunhou quando o moço, dançando com Darinha, se achegou mais à menina, recurvou-se um pouco de cochichação, lançou qualquer coisa no ouvido dela, conversa puxada que deixava a menina inté coradinha de embaraço, *"e o que havera de ser?"* suspirou de si para si mesma a velha, *"que palavras tem o tinhoso?"*.

Resultou que na manhã seguinte Darinha não quis sair do quarto, e na hora do almoço ainda nem se arrumara, demorando-se na camisa de dormir com bordadinho singelo de flores miúdas e borboletas no peitilho. A mãe foi encontrá-la defronte a vidraça espiando o dia nevoento, a estrada por adonde tinha chegado e partido na noite anterior o cavaleiro de seus sonhares.

Nhá Bilinha apôs a mão na testa da filha e achou-a quente, mal pôde com aquela sufocação na garganta ao deparar com o olhar deslocado para longe, o desalento das feições dela, a voz desvanecida de alguém que já não pertence a este mundo sem pertencer, no entanto, ao outro.

— Será que ele vai vir para mim, mamãe?

E tudo que Nhá Bilinha pôde fazer foi abraçar a menina e chorar um pouco, um tanto, muito que muito, num esforço medonho e inútil mode não mostrar desesperança e não piorar o estado dela. Por fim correu para baixo, adentrou a cozinha com tal apavoramento que mesmo preta Quitéria, uma negra gorda que dera o peito a Darinha recém-nascida, se assombrou, retesou o espinhaço, se fez meio pardacenta de susto.

— São Bom Jesus, sinhá, qu'é que tá'ssucedeno?

Encarando o marido que esquentava fogo ao pé do fogão, a mulher apontou na direção do sobrado e lançou:

— Vá ver o estado de nossa filha, pra despois não dizer que eu não tinha razão — e abraçando-se à negra desmanchou-se em choradeira larga: — Vai ver, Quitéria, vai ver a menina!...

Naquele dia não houve maneira de fazer Darinha pôr um algo na boca, uma rosquinha de sal com chá de camomila no cair da tarde lhe pareceu exageração, comilança, "não quero, mãe, não tenho fome". Imaginava só nele, no moço de fora, no cavaleiro da lua minguante conforme corria pela boca do povo; era o quanto bastava para lhe dar sustância, do resto não carecia.

Nhá Bilinha olhou consternada para a rosquinha de sal, o chá de camomila.

— Mas minina — preta Quitéria se achegou com riso escancarado —, só uma provinha...

Darinha, sentada numa cadeira de palha defronte a janela vendo a noite chegar, virou para as duas uns olhos fundos, aguados, a mãe vendo neles o sinal da agonia. Saiu do quarto amparada por preta Quitéria e levando o chá e a rosquinha, desceu a escada do sobrado sabe Deus como, na cozinha não pôde mais: bambearam as pernas, tombou num banco, desatou em choro perdido.

Naquela noite Darinha teve febre, quentura de fornalha que lhe ensopou a camisola e deixou Nhá Bilinha apavorada. Siô Terêncio, o coração na mão, não arredou pé da cabeceira da filha, que delirou, proferiu palavrório sem tino nem siso, ninguém acertando com tamanha trapalhação que lhe emergia do juízo baralhado. Um que outro dito calhou sair com mais clareza misturando lua minguante com esporas de ouro, os olhos de gato dele com o cheiro de eucalipto que lhe brotava dos cabelos; e numa rogativa: "moço bonito, onde você está?". O mais parecia fala de gringo, descompreendia-se.

Eram duas, três da manhã quando sinhá desesperou:

— Com mais demora nossa menina não suporta, Terêncio. É preciso buscar Doutor em Sertãozinho.

Siô Terêncio chamou pelo moleque, um bem-mandado, esperto, orfãozinho que ele criara de pequeno; que botasse arreio em cavalo sem tardança mode

correr a Sertãozinho atrás do Doutor. "Em dois, em dois!", berrou para fora da janela, atarantado, e que esperasse no terreiro da frente: não suportando mais o ar abafadiço do quarto, o bafio de doença, a quentura da morte, ia junto.

Só p'lo entardecer, já adentrando a noite mode as dilatadas distâncias, estavam de volta.

Doutor examinou a doentinha, Nhá Bilinha referiu o sucedido no baile e arrematou:

— Doutor, o sujeito deve de ter parte mais o canhoto e agora quer a alminha dela.

Doutor esteve pra cuspir que se ela era desse pensar devia ter chamado o vigário, que ele, homem dos estudos na Cidade não punha tento nessas fantasias e superstições. Mas conteve o ímpeto, compreendeu que dor de mãe não vê com clareza e de tudo é capaz para ressuscitar a filha, mesmo desfiar semelhantes crendices!

— Dona Abília — ele disse muito sério —, o que eu quero saber é se a senhorita Lindaura vem tossindo ultimamente, se vem tendo febre com alguma freqüência, se reclama de dor nas costas.

Mas não, respondeu a mãe adivinhando a desconfiança do médico, a menina não sofria do peito, "não há caso na família, Doutor", e, se bem que franzinazinha, vivia corada, numa disposição que só ela, fazia de um tudo em casa — inda que não carecesse, pois pra lida havia os criados, preta Quitéria, o moleque, mas qual!, quem diz que ela sossegava?

— Uma menina de ouro, Doutor, um anjo que o torto quer carregar mode afrontar Nosso Senhor.

Doutor esteve à cabeceira de Darinha todo a noite, nas examinações, nos estudos, cogitando. Receitou, tratou, viu melhora, viu piora, viu melhora de novo e piora outra vez, nunca porém Darinha dando acordo de si.

Amanheceu. Voltou a febre, a cabecinha sumia-se no travesseiro, o corpinho minguava, derretia, ensopava a roupa de cama.

— Tragam uma gamela com água bem fria — Doutor ordenou, derradeiro recurso.

Trouxeram a gamela — a grande, a da despensa. Nhá Bilinha mais preta Quitéria suprimiram a roupa da enferma, deitaram ela na água fria da manhã, colhida de fresco na bica, Doutor por perto, orientando. Siô Terêncio agora no oratório, pegando-se com o Crucificado.

Pela tarde Darinha abriu os olhos.

Nhá Bilinha abraçou-se à filha. Preta Quitéria caiu de joelhos. Siô Terêncio, de pé na porta do quarto, enxugou os olhos inchados.

Doutor persistia sério. A vida da moça estava salva, mas nem tudo lhe parecia bem.

E não errava.

Tardou pouco, perceberam que a pobre menina parecia boba, bobinha, abobada. Fosse o que fosse aquele mal, tinha bulido no juízo dela.

Daí por diante só fazia espiar a estrada e, vez por outra, perguntar, ora à mãe, ora à preta Quitéria quando lhe trazia um de comer:

— Ele ainda não chegou, mamãe?… Já é tarde, vá ver se ele já não está lá embaixo esperando por mim, Quitéria.

Despois recaía em sonho, modorra cismativa, loucura mansa da qual não voltaria a sair.



O que de contínuo vai-se minuciar é o sucedido no que um certo Lidugero resolveu apurar o mistério do dito enredador de donzela, desatento em ver que coisa assim não se fazia na casa dos outros.

O Lidugero — boiadeiro de renome que campeava serviço de fazenda em fazenda, sempre bem aceito e muito requerido também nas lidas de curral —, coisa que nunca ninguém aventurara imaginar, uma ocasião tinha encompridado as vistas no rumo da menina Darinha: deu-se na festa de matrimônio da penúltima filha de Siô Terêncio. Lá ele avistou a garota, encantou-se, amor de homem madurão, trinta verões bem sacudidos, por menina impúbere de doze anos. Paixão destas não supre continuar por falta de cabimento, ora já se viu!, mas o Lidugero queria era sonhar seu desvario de amor, e no transcurso daqueles três anos viu a flor ir-se abrindo no vagarinho da idade que avança: pois aos treze já fazia volume sob o peitilho do vestido uns biquinhos sorrateiros; aos catorze já a menina sabia o sorriso malicioso inda provido porém de inocência com que desconcertar um coração, e arredondava os olhos para os rapazes como quem não quer nada mas estudando descobrir coisas-coisas (isso lá na cabeça historiadora dele, inda que em sua pessoa, que ele tivesse visto, a menina nunca pusera reparo); e perto dos quinze brilhava de graça em seu corpinho miúdo de donzela, enchendo os olhos e as noites do apaixonado de luz, visagem de sonho.

O Lidugero mais de uma vez cogitara em pedir Darinha para si, casava com ela em obediência ao que a família determinasse, esperando a menina ganhar mais idade pois se sabia que Siô Terêncio tinha por principal preparar as filhas, era do feitio dele não casar nenhuma antes dos vinte anos e sem completar instrução. Mas era sabedor também que as meninas de Siô Terêncio sempre viveram num luxo que só, sinhazinhas de aia e mucama (inda que tempo de preto escravo já fosse longe que longe). A última solteira era aquela, de todas a mais cheia de tratos e cuidados, o tesouro da casa. E ele? De si tinha qualquer coisa, não muito, também não tão pouco; fazia vulto? Juntara teréns. Sítio pequeno, casa pequena, jardim florido na frente. Bastaria para sua donzela, sua dama, seu amor não passar trabalho? Teria criadagem para servi-la como senhora principal? Cioso de sua pouca posição, nunca se animou a falar com Siô

Terêncio, e adivinhou que o certo era não querer de seus sonhos formar realidade. Quem era ele, pobre ignorante que mal rabiscava o nome e nem soletrava cartilha, para pretender mão de donzela instruída e criada para mimo da casa e matrimônio elevado? (Relembrou, nesses pensares, de um certo Marialvo, que ele só conhecia de vista, peão bronco, desconhecedor de letra feito ele, que uma meia dúzia de anos atrás tinha casado por lá — mas, ponderava, o tal não desposara filha, e sim uma desamparadazinha que Siô Terêncio recolhera de nova, e ainda que fosse bem criada, não era do sangue, além do que o referido peão era possuidor de terrenada larga e boiada no pasto. O que representavam seu sítio e sua dúzia e meia de vaquinhas perto do que o outro possuía?)

Mas o Lidugero mesmo assim padeceu tristura de não ter comparecido no aniversário de Darinha mode viagem feita em labuta de comitiva, leva de gado, com uns inesperados, uns impedimentos de última hora no destino que não lhe permitiram retornar a tempo. Só se inteirou do acontecido na volta, passados dez dias da festa, nove da doença que acometia a moça. O causo do cavaleiro que tinha dançado com a caçula de Siô Terêncio e largado feitiço, deixando a pobre naquela situação, corria mundo e foi o primeiro comentário que colheu de oitiva ainda em Sertãozinho.

Aturdido ("diz-que a febre durou dois dias e duas noites" comentou alguém ao seu lado, enquanto amarrava o cavalo defronte ao armazém do Marcelino), não atinou logo com a atitude a tomar ("é, e quando voltou a si estava aluada, ruinzinha por completo da moleira" um outro ampliou a informação). Foi no escutar o nome de Siô Terêncio que despertou, levantou a cabeça, inquiriu dos conversadores a quem sucedera o caso, que tinha a ver Siô Terêncio com a história? Os dois se viraram para ele na surpresa, no súbito da interpelação.

Um respondeu:

— Vosmecê num ouviu falar não? É só o que se comenta, o causo da menina mais nova de Siô Terêncio…

— E o que é que se fala?

— Que está ruinzinha, ó… — e fez um sinal com o dedo na altura da fronte.

— Desarranjada dos miolos — inteirou o outro, referindo por miúdo a história de como o moço de fora, "o tal que se diz da lua minguante", tinha dançado com Darinha e enfeitiçado a pobre sabe-se lá com que bruxedos.

— Deu no que deu — tornou o outro, balangando a cabeça. — Pobre moça, tão jeitosa…

Voltou para casa a passo, sorumbático, apalermado, matutando no que fazer. Passou a noite em vigília.

Pela manhã saiu em campo, plano formado dentro da cabeça, decisão tomada: punha-se no rastro do cabra, caçava-o a vida inteira se preciso — mode quê? Mode obrigar o tal a limpar a honra da moça, casar com ela, ora!, e sentiu uma apertura no peito, um afogamento subindo os gorgomilos, um encher dágua nas vistas: que aquilo era sacrificar seu amor, abafar no oco do peito a paixão que

bastava para suprir sua vida, mas não procedia ser de outra forma: *"Tem de ser assim"* pensou, *"o mais… o mais não tem valia!"*. Se conseguisse companheiros para tal empreitada, bem; caso não, seguiria sozinho, que para tanto Deus o fizera homem, lhe concedera força e discernimento.

— Questão de honra de donzela — disse pro Etelvino no mesmo dia. Conhecia o Etelvino, homem de fibra, de decisão. Pra disfarçar os motivos de seu interesse no causo, acrescentou: — Devo isso ao pai dela, que sempre me teve em consideração. Mais de uma vez sentei na mesa com todos da família. Fui, sou, como um da casa, no devido respeito, que sempre tive tino do meu lugar. Vou me botar a serviço dele sem interesse em paga. Falo por mim, não por ninguém, e se foi mesmo o causo de um que abusou da menina e agora não quer casar, eu trago ele atado e atravessado na sela, e ele casa.

O Etelvino riscou o chão com a unha encardida do pé. Manteve a cabeça baixa. Pensou que tinha duas filhas. E se elas se põem mocinhas e aparece um qualquer achando que pode lambujar? Seguindo o Lidugero fazia coisa do agrado de Nossa Senhora, de quem era devoto, ela vinha a proteger inda mais sua casa, suas meninas — não que quisesse comprar os favores da Santa, não que não (e se persignou sem o outro notar), é que se sentia bem fazendo aquilo.

Com o Firmo tratou no dia seguinte. Era o mais novo dos três, beirando os vinte anos, vira-o crescer, ganhar barba, feitio de homem, *"é de confiança"*. Enquanto o Lidugero explicava o Firmo punha tento, agachado lá daquele jeito dele de escutar as coisas agachado, sem responder, pensando comprido, coçando sem afobação o canto da boca. Honra de moça não era coisa que o preocupasse tanto a ponto de romper mundo numa jornada daquelas, mas seduzia-o a aventura; de mais a mais Siô Terêncio era homem de dinheiro, não haveria de regatear, e mesmo não pedindo era certo que se levasse a cabresto o sujeito que lhe molestara a filha proveria recompensa, *"e oportunidade de ganhar uns cobres não é coisa que se enjeita"* concluiu de si para consigo.

Daí que o Lidugero mais o Etelvino e o Firmo, dois dias despois se achavam no terreiro da fazenda Albuquerque. Ao moleque que acudiu à matinada dos cachorros mandou que fosse chamar o patrão.

— Pode se achegar, seu Lidugero, vosmecê é sempre bem-vindo — mas quando Lidugero espiou para o alto da varanda onde um homem velho, com ar de cansaço e enfermidade sem remédio, acenava para ele, estremeceu, não reconheceu o fazendeiro.

Subiu à varanda, pediu um particular, entrou na casa.

— Mas, seu Lidugero — disse o velho despois de se inteirar do requerimento que o outro lhe fazia —, mode quê vem vosmecê me fazer a oferta de um tal serviço?

E debulhou as razões que não lhe permitiam acolher o oferecimento assim sem mais: que muita palavra corria sobre o tal moço de fora, no seu entender

invencionices e aumentações do povo, sendo que porém não deixava de estar certo de uma coisa: que ninguém tinha instrução do paradeiro dele; que por outra, inda que a patroa culpasse, também ela, o tal, ele tinha presenciado a filha na contradança com o rapaz, e nem ele nem ninguém viu o mesmo cometer deslize, faltar com a compostura; por último que aquilo era um causo de família, não ficaria bem um de fora tomar partido mode não dar mais que falar, apois, em sua casa a tribulação vinha sendo grande, quase acima das forças de todos e sua menina, coitadinha, já padecera, padecia ainda, se bem que no seu desvario tranqüilo tivesse recuperado inté uma cor, principiando mesmo a engordar um tantinho.

O Lidugero escutou o velho na exposição de suas razões, e quando Siô Terêncio se calou, baixou a cabeça, assim esteve um momento, e sem encará-lo, rodando o chapéu nas mãos, disse:

— Siô Terêncio, em primeiro lugar devo a vosmecê consideração, que, mesmo não sendo, sempre fui tratado na sua casa como um igual. Despois, se a menina Darinha está do jeito que está por causa do cabra, é certo que ela se agradou dele e ele se aproveitou dando a ela qualquer certeza de querença ou compromisso, e ainda que nada mais tenha se passado, no que não ponho dúvida sob pena de me desonrar aos olhos de vosmecê, já é motivo pra ele reparar o mal-feito.

Nesse ponto o Lidugero se calou, fez pausa estudada.

— Não devo esconder que existe um outro porquê, um particular cá de minha pessoa, no que solicito favor especial de, pelo menos por enquanto, não tocar no assunto.

O fazendeiro franziu o cenho, formou bico com os beiços, mexeu com os olhos de um lado pro outro, enquanto balangava com vagar a cabeça…

— Segredo com o pai da moça que um quer desafrontar é coisa sem usança e nunca vista, seu Lidugero, ao que eu saiba…

A voz do velho, ainda trovão, trovoada, mesmo não falando alto. O peão curvou a cabeça, sem fala, um calor subindo de baixo pra cima, causticando-lhe a cara, que decerto vermelhava.

(revelar ao velho a querença dele pela menina? como podia?)

— Se eu encontrar o cabra — o Lidugero achou de afiançar, mode sair do embaraço e não acrescentar explicação —, ele vem e casa com a moça, se for do parecer de vosmecê. Se não, entrego ele nas vossas mãos e Siô Terêncio faz o que for de gosto.

O velho meditava. Levantou-se, andou pela sala, espiou pela janela, esteve ali muito tempo, moroso no decidir, sopesando sua dor. Escutou um barulho, tropel leve, na porta que dava para o corredor, e mesmo sem ver adivinhou a presença rotunda da mulher. Olhou em sua direção. Encararam-se. Não se pronunciou palavra, não havia dito que pudesse romper um silêncio assim tão cheio de vozes, mas Siô Terêncio não duvidou compreender o que lhe dizia a mulher. Que ela tinha escutado a conversa ele soube mal botou sentido em seus

passos, vendo-a ali compreendeu qual devia ser sua decisão. Nhá Bilinha esteve no vão da porta um momento, menos inté, olhou para o marido, afastou-se, a casa recaiu na dormência anterior.

— No que toca a esse referido particular lá de vossa pessoa — disse o velho pensativo, ainda de costas —, vosmecê teria de minuciar relato na volta…

— Dou minha palavra, Siô Terêncio, e também garantia de que ninguém fica sabendo de nada, fora os dois companheiros com quem fiz trato e que já instruí no segredo da missão.

— Carece também — prosseguiu o fazendeiro — de requerer garantia mode que, topando com o tal, nenhum mal lhe seja feito. É preciso tino pra não se pecar por injustiça, não sei se vosmecê me compreende, seu Lidugero.

— Também lhe dou minha palavra quanto a esse pormenor, Siô Terêncio — disse o peão —, para o caso, está visto, de o mal não principiar do lado dele.

— Está visto — e balangou a cabeça, concordativo —, está visto…

Silêncio vasto no oco da sala. O dia parecia ter sustido a marcha. Dar-se-ia inté o caso de os ponteiros do relógio terem parado, o pêndulo imóvel a meio de seu vaivém.

— Eu concedo a licença requerida, seu Lidugero — consentiu por fim o velho, virando-se para o peão —, mas só faço isso por ser sabedor que vosmecê é pessoa de compostura. O que espero com isso… bem, o que espero é tirar um pouco da escuridão que cerca essa historiada toda — e suspirou. A novidade lhe trazia consolação. O dia lhe parecia mais claro agora, principiava inté a escutar de novo o cantar da passarada! Haveria jeito ainda na vida para a menina Lindaura? Quem sabe!…

Lidugero se levantou da cadeira.

— Quanto vosmecê requer para a empreitada? — perguntou ainda o velho.

— Para mim, nada, a não ser a sastifação de servir a vosmecê. Para os dois aí fora, no caso de nossa viagem ser bem sucedida, vosmecê achando que deve fazer um agrado, eles decerto aceitam bem, pois não são povo de recurso e sempre têm carência de uma coisa ou outra.

Siô Terêncio fez que sim, e ainda no mesmo lugar, disse:

— Estamos a vinte e nove de setembro. Mantenho minha licença inté o dia vinte e nove de dezembro. Se não lograr sucesso, esteja de volta pra me dar satisfação de tudo.

— Aqui — ponderou o outro — peço a vosmecê, Siô Terêncio, que não ponha prazo tão pouco dilatado mode o que corre acerca do tal. Tenho pra mim que dou conta do serviço em um mês ou dois, mas pode ocorrer tardança. Sendo assim, firmo palavra de que s'inté o dia vinte e nove de setembro do ano que vem eu não tiver achado o cabra, em respeito à vontade de vosmecê, eu cesso de procurar por ele, salvo ordenação diferente…

Siô Terêncio estendeu a mão ao Lidugero, e a primeira perquirição que o peão achou por bem fazer, mode calhar uma luz no causo e também pôr os olhos uma vez ainda na pessoa graciosa de Darinha, foi solicitar licença ao velho pra

saber da moça o nome do tal em cuja perseguição ora se aventurava — que neste ponto carece esclarecer, o que ainda não foi dito mas bem em tempo se diz sem maior protelação, que o cavaleiro da lua minguante não tinha nome, ou se tinha dele não se sabia nem se mencionava nas comentações gerais, do que resultou ser conhecido justo por "cavaleiro da lua minguante" mode os sucedimentos já referidos.

Darinha bateu os olhos mortiços no peão de pé à sua frente e foi como se não desse por sua pessoa, alheia alheia, no que o Lidugero deitando um pouco a cabeça na direção da menina repetiu a pergunta. Os olhos de Darinha agora vagavam lonjura — se na estrada, se pra mais longe, se pra dentro do tempo e de seus próprios pensares obscuros, não se sabe. Despois a moça fez um movimento de cabeça que tanto poderia dizer sim como não, e ficou nisso.

Siô Terêncio bateu no ombro do outro.

— Não adianta, seu Lidugero, é isso que vosmecê está vendo. Tem vez de passar o dia inteiro nesse estado. Outras horas fala, fala inté bastante, comigo, com a mãe, com preta Quitéria, mas quem é que entende seu falar desnorteado?

O peão se aprumou, fez um aceno de cabeça a Siô Terêncio e, saindo à varanda, apôs o chapéu e fez sinal pros companheiros.

Hora de ir.

Naquele mesmo dia, que Nhá Bilinha correu a riscar na folhinha e escrever do lado o nome da filha, mode cabeça de pessoa idosa ser acometida de esquecimento, iniciou-se a caçada.

Mas caçar homem não é tarefa de somenos. Empreitada difícil, pois no que se pensa uma coisa é quase certo dar outra, e se nessa prevenção se anda, o que sucede não é nem uma coisa nem outra, mas uma terceira ou quarta, quando não se dá maior complicação. E quando o homem que se caça não tem nome e inté mesmo a cara resta pouco conhecida, pois que das feições mal divulgadas na penumbra idéia quase que nenhuma se fazia, tem-se que o sucesso da procura é duvidoso.

A providência preliminar que mais acertada pareceu a Lidugero seria indagar por todas as casas adonde, em baile, festa ou divertimento, tivesse comparecido o cabra. No trote dos animais, o peão mentou uma meia-dúzia de ocorrências, pra mais inté, uma dezena, e distribuiu tarefa, mandando o Firmo numa direção, o Etelvino noutra, seguindo ele próprio rumo diverso, havendo combinação de daí a tantos dias se encontrarem de novo em casa a fim de discorrer sobre o apurado.

Bastou porém começar a caçada pra se ver que adonde todo mundo fala e cada um diz o que lhe dá no juízo pouco ajuste há, concordância miúda ou nenhuma, e a confusão se converte num verdadeiro espinhal, moita de arranhagato, soqueira de vinhático. A principiar pelo nome que não se obteve saber, e a continuar pela parecença de sua figura, que logo nas primeiras indagações começou a variar, o que restou apurado foi pouco ou nada, e o pouco costuma nada ser pois para nada serve, e se serve, é de serventia duvidosa, assim informação desencontrada leva a desencontrada direção e a achamento nenhum do que se buscava.

Um cavaleiro que só aparecia na lua minguante?! O causo pareceu engraçado a uns, amalucado a outros, sem razão a terceiros e por aí afora. Um tal de cabelama cor de fogo? Olhos pro cinzento, pro azul, conforme? Altão feito coqueiro, peitaria larga e forçudo de braço?

Quem sabia de um tipo assim?

E o Lidugero breve se apercebeu de que 'stava procurando um cabra cuja figura mais não era que a reunião dos sinais que cada qual atribuía de acordo com sua imaginação a um tipo ilusório, que na certa não devia de existir.

Não se podia negar ter corrido em certa época sobre um que cativava muita moça em baile, mas a descrição divergia: ora se dizia de um tal, conforme soube o Firmo, com essa parecença, menos que fosse alto; assistia pros lados de Sant'Antônio do Brejo. Já o Etelvino confirmou que na Lajinha havia um Jisué Ordonho, de uns Ordonhos antigos cujos tataravós provinham de Portugal, homem de muita estatura e força, que costumava andar num cavalão branco desses de raça apurada, mas possuidor de uma fazendola, haveres fartos, sucedia ser pouco apreciador de baile, "comparece, mas não dança" disse "e não é certo ter o cabelo, como se diz, vermelhado" fechou.

Esses divergimentos, no porém, não bastavam para acrescentar certeza. Carecia tirar a limpo sobre esses que o Etelvino e o Firmo tinham falado, e toca pra Lajinha, toca pra Sant'Antônio do Brejo, ver os cabras de perto. Como Lajinha fosse mais perto, por lá passaram os três manhãzinha ainda, daí a dois dias, informando ao certo adonde a propriedade de um tal Ordonho, um Jisué de acordo com o que sabiam, e de boca em boca conseguiram abicar numa fazendola de muita graça, terrenada boa pra plantação, pastaria larga com reses em quantidade, mata fechada na maior parte. Mas bastou avistar de primeira o proprietário, que veio atender os três peões na varanda assobradada, pra ver que aquele ali decerto não era o procurado. Pois o tal Jisué Ordonho, alto e de muque, se bem que de boas feições, não era senão um homem já de seus cinqüenta anos, e moreno, e o cabelo conforme o pouco que se podia ver por baixo do chapéu parecia grisalhado e cortado rente.

Os três, mode não haver demora em explicação alongada, solicitaram um de comer, pedindo desculpa por ter vindo incomodar tão cedo, "mas é que 'stamos de passagem seguindo direção de Águas Claras, o estirão é grande e nosso farnel já está mais pro minguado que pro sortido". O Jisué, se bem que homem

de seriedade e voz grossa, ganhava em jeito agradado de atender visita e chamou os cabras pra cozinha, adonde mandou a Gorda, cozinheira velha, botar rancho.

Sustentaram conversa por quase hora, comeram bem, o Lidugero aproveitou para fazer umas perguntas sobre o tal cavaleiro, se acaso Siô Jisué nunca tinha escutado mencionar. O fazendeiro respondeu que sim, "correu boato por estas bandas", mas achava que era tudo invencionice do pessoal já que no duro mesmo ninguém sabia ao menos por alcunha do referido, "povo tem língua solta, aprecia inventar história mode ter o que contar uns pros outros, mormente se for história de causar admiração".

— Isso é — concordou o Lidugero recuperando da travessa de barro uma batata assada.

Porém retrocederam, e inté Sant'Antônio do Brejo era travessia prolongada, estirada sem fim, jornadearam semanas errando caminho pelo meio das montanhas, dos matagais, pernoitando embaixo de árvore e agradecendo a Deus aquele tempo de estio, sem ameaço de chuva.

Mas chegaram. E lá também — avultada cidade — o procurado era outro, que o Lidugero inté teve pena ao ver o tal de quem o Firmo colhera notícia: tinha, era verdade, o cabelo louro e comprido, mesmo nem era baixote, e corpulento parecia, mas… que moça iria se embeiçar por um tipo que nem aquele, sem dente na frente e uma risca a modo de talho de faca varando de alto a baixo do lado esquerdo da cara, que inda por cima lhe vazara uma vista?

O jeito era voltar, colher mais notícias, recomeçar as buscas do ponto adonde tinham parado, a saber, do começo.

Voltaram.

— Mas Sinh'Anica, consta que vossência avistou o cabra na barraca — o Lidugero insistindo com Sinh'Anica, que mandou o peão entrar na sala e se abancar numa cadeira de palhinha.

Sinh'Antônia escutando a conversa aprochegou-se.

— Avistei sim, sô Lidugero, um moço dançando com a mais nova de Siô Terêncio, mas lhe juro que não divulguei bem a figura dele mode que na barraca tinha gente por demais e luz muito pouca. Posso garantir que era moço de bom parecer, num relance de vista que lhe deitei em cima, mas só isso…

— E a senhora, Sinh'Antônia?

— Eu só escutei o falatório no que o tal chegou, moço, mas não arredei da cadeira adonde estava. Muita coisa já se alegou do dito cujo, disseram inté que era representante do demo…

— Também escutei essa prosa — acudiu Sinh'Anica, peremptória.

— …mas saber certo mesmo, ninguém sabe.

— Que esse mal tem o povo — disse o Lidugero aborrecido —, fala que fala, diz-que-diz, mas quando se vai apurar, ninguém que sabe, ninguém que viu, e alguém que ouviu dizer foi um fulano que mora em tal ou qual lugar,

paradeiro duvidoso, local não sabido. Quem foi esse que referiu ter visto o cavaleiro se soverter no ar com cavalo e tudo?

— Pois é, sô Lidugero, teve um que disse, qual mesmo, Sinh'Anica?

— Um tal que assiste pros lados da Laguna, parece.

— Ou Sertãozinho, parece que Sertãozinho, sô Lidugero.

— Ou Sertãozinho ou Laguna, sô Lidugero.

Pois tinha razão o Lidugero. O cavaleiro da lua minguante agora se sovertia de verdade feito tinham inventado. De suas andanças naqueles meses atrás de um com olhos de tal cor, cabelos assim assim, feições de bulir com as moças, que costumava aparecer em dançarola — não, que ninguém tinha informação a acrescentar. Diz que sim, diz que não, o que corre é diverso, enfim e por fim o cavaleiro na verdade não tinha existência, vai ver que nem em baile aparecia um tal que agradava tanto assim a moça nenhuma, vai ver que Darinha tinha dançado só com um rapaz vistoso, um simples mas que lhe tinha agradado, e restou perturbada por o mesmo não ter voltado mode estar mais ela, pedir consentimento a pai e mãe, namorar. Vai ver, a menina já era aluada de nascença só que ninguém dera pela coisa, e bastou um à toa pra desarvorar de vez.

Mas o Lidugero não era peão de desvanecer a vontade no primeiro obstáculo, que se de uma coisa ele podia ter certeza desde o início era dos empecimentos que esbarraria por diante em sua missão, nem poucos nem pequenos, *"e sendo assim"* pensou, *"não é hora de afrouxar"*.

Mas se o Lidugero não desalentava da empreitada assumida mode amor pela menina Darinha, amor tão avultado e generoso que pra fazer a amada feliz (quando menos lavar sua honra) era capaz de entregá-la a outro, inda que esse outro não fosse de merecimento; aos dois companheiros motivo igual não alentava. No fim de seis meses o Etelvino arriou o balaio. Na véspera matutara comprido tal decisão, recorreu à Virgem, já tinha feito sua parte ajudando o amigo, não havera de ser possível encontrar um tal que todo mundo dizia ter visto mas que ninguém conhecia, fosse de nome, fosse de parecer. "E também" disse ao Lidugero no dia seguinte, quando anunciou sua desistência, "tenho três bocas em casa a dar de comer. A mulher sozinha não pode, começa a faltar recurso de mesa e fogão, careço de lida mode suprir o sustento", e o Lidugero correu na arca, tirou de lá cédulas guardadas pra hora de necessidade.

— O assunto é meu, apenas — disse —, o amigo já ajudou por demais. Não carece de prosseguir — e pondo na mão do Etelvino o dinheiro: — Mode não deixar o amigo muito em aperto.

Ao Firmo inté que não desagradou permanecer na busca por mais tempo, que aqueles viajares de um lado para outro divertiam. O Lidugero sabia duma novidade, dizia ao Firmo "vai" e o Firmo ia, enquanto ele mesmo, Lidugero, seguia noutra direção, pista diversa. Vai porém que o Firmo 'panha chamego por moça na Lajinha e resolve sair pra lá, de mudança, propósito de casar em breve, conforme exigência do coração e requerimento dos bons costumes. A-

nunciou ao Lidugero sua tenção sete meses despois de haverem principiado as andanças, e o Lidugero voltou à arca.

— Pra ajudar no casório — disse, e agradeceu ao companheiro.

O Lidugero agora estava sozinho.

"Inda tem muito mês pela frente inté o dia aprazado por Siô Terêncio" pensou, *"resta tempo de sobra mode eu tirar tudo isso a limpo, com o adjutório de Deus Nos'sinhô e dos anjos, amém, que com o dos homens já não posso contar"*.

Mas fosse porque Nossinhô andasse por demais assoberbado nos quefazeres do céu, que não devem ser poucos nem de pouca monta, os anjos todos ocupados nas usanças do paraíso, e calhassem não escutar a reza do Lidugero; fosse porque avaliava por melhor não atender ao solicitado, não tivesse o Lidugero merecimento ou tivesse mas não por enquanto, o que se deu é que o pobre peão labutou inté o dia aprazado sem topar o tal cujo rastro campeava, e quando se apresentou a Siô Terêncio naquele vinte e nove de setembro foi de chapéu na mão e cabeça rebaixada.

— Não requer avexação, seu Lidugero — disse o velho no que o peão concluiu as explicações pertinentes —, vosmecê teve gesto bonito e intenção boa. Não foi de sorte, é a vontade do lá de cima.

— Pode também, Siô Terêncio — retorquiu o peão — que Deus esteja me botando à prova mode encarecer minha pertinácia, estimativa puxada prum coitado que nem eu, mas sendo da vontade dEle…

— Qual que nada — disse o velho, desalentado, arrastando as palavras num vagar que aparelhava com a tarde morna, mortiça —, qual que nada… Mas e os companheiros? Que é deles?

— Largaram mão, Siô Terêncio — e o Lidugero baixou a cabeça envergonhado, pois agora lhe parecia que os companheiros escolhidos não eram de valor, ao menos do valor que a empreitada requeria —, nas alegações lá deles… um de família pra sustentar, outro de matrimônio em vista…

— Não é coisa de somenos, seu Lidugero, cada qual com suas obrigações, a vida requer muito de todos — e como que adivinhando o pensar do outro: — Foram de valor sim, e merecem recompensa. — Levantando-se entrou em casa, voltou, entregou substancial importância ao peão: — Com os agradecimentos deste velho, seu Lidugero, refere aos dois que têm minha estimação, muita…

— Não carece, Siô Terêncio, que eu já acertei com eles…

— Obedeça, seu Lidugero, obedeça. Os dois obrigação nenhuma não tinham, e foram de préstimo.

Lidugero, encabulação sem tamanho, amoitou no bornal o dinheiro.

— E que notícia vosmecê me dá da menina Darinha, Siô Terêncio? — perguntou, baixando a voz quase a sumir.

O velho suspirou comprido, soluçado, firmou as vistas no azul da tarde.

— Na mesma, seu Lidugero — disse com angústia —, uma moça estragada pelo resto da vida, na flor da idade e das graças de sua pessoa. Quem havera de

querer casar com ela agora? Que moço há de querer uma doidinha?… A patroa não tem mais consolação, anda se queixando de umas palpitações, uns abafamentos no peito… não sei não, seu Lidugero, mas tenho pra mim que a pobre não vê o romper do próximo ano…

— Deus é grande, Siô Terêncio, e Nhá Bilinha é pessoa forte, de saúde…

— Lá isso… mas força tem limite, seu Lidugero, e a saúde dela, ó…

E despois de pausa espichada, a voz miúda:

— Força tem limite…

E o peão guardou silêncio no respeito à dor do velho.

— Tenho ainda um requerimento outro a fazer a vosmecê, Siô Terêncio — disse por fim —, que é licença mode por mais um ano seguir na pista do afrontador da menina Darinha.

O fazendeiro, os olhos semi-cerrados, meio sumidos nas rugas da cara curtida, considerou por um pedaço aquela petição que lhe causava surpresa nova. Então o homem era teimoso como quê, Senhor! Que interesse sustinha o caboclo naquela história? perquiriu-se, volvendo com vagar a cabeça branca na reta dele, excogitando.

Coçou o bigode com lentidão, a unha escura, escavacada.

— Que mal lhe diga, seu Lidugero, o interesse de vosmecê nesse causo parece de exagero desproporcionado…

— Não arrepare, Siô Terêncio — retorquiu o outro —, mas eu referi a vosmecê um particular meu e pedi licença pra guardar reserva. Se vosmecê achar por bem conceder o que peço sem requerer ciência desse particular por enquanto, lhe fico agradecido sem condição de paga.

— Palavra dada não é tirada, seu Lidugero — disse o fazendeiro —, mas se alembre de que vosmecê ficou de me relatar isso por miúdo, se não obtivesse sucesso no seu propósito.

— Não'stá esquecido não, Siô Terêncio. É mais um ano só que peço a vosmecê.

O velho suspirou, fez que sim num consentimento vago, baixou a fronte, o queixo barbudo contra o peito. Permaneceu. Teria dormido? Parecia muito acabado Siô Terêncio, e o peão se entristeceu sobremaneira.

— Vosmecê me faz gosto, seu Lidugero — brotou de lá a voz ainda firme despois de um tempo, os olhos úmidos alevantados de novo pr'adiante —, tanto empenho… que do mundo só se escutou comentação maldosa e consolo nenhum. Eu lhe deixo à vontade, parta nessa procura que parece não ter fim, e quando se cansar só peço que venha me dizer que parou e nada mais há a ser feito.

E o Lidugero, por graça logrando uma vez ainda pôr os olhos na pessoa de Darinha, que apareceu à janela enquanto ele se afastava terreiro afora, seguiu no prossecução daquela caçada inglória levando uma dúvida: aquilo o que era — *aquilo* que ele pensou ter enxergado quando Darinha chegou à janela? Teria ela

sorrido?, cismou nas noites esticadas que lhe sobravam; e o movimento de mão não seria um aceno de despedida?

Agora o Lidugero se entregava à procura do odiado cavaleiro com uma gana capaz de lhe ocasionar aniquilamento maior, destruição geral. Descurou de tudo: o sítio não produzia mais, as roças infestadas por soqueira de espinho e plantação de alecrim, o gado vendido na carência de dinheiro, o telhado da casa acometido de goteira, madeirame apodrecendo, ruinoso. Descurou inté mesmo de si, barba por fazer varando meses, cabelo não vendo mais pente nem tesoura, as roupas pouco a pouco virando trapo, e uma secura minguando o corpo que, não fosse cabra rijo, sem mais tardança cairia doente.

Mas suportou, não adoeceu já, viajou pra lonjuras nunca pensadas, esquadrinhou, interrogou, e venceu outro ano. A vinte e nove de setembro estava tão arredado que achou por bem não voltar mode dar satisfação ao velho: recorreu ao favor de uma professora de escola, escrever carta a Siô Terêncio desculpando-se de seu malogro e requerendo pelo portador notícias da menina Darinha e prazo mais dilatado pras suas andanças. Já corria outro ano pelo meio quando recebeu resposta: a menina ainda na mesma, que de seu estado era capaz que não saísse mais, e quanto à autorização para continuar a busca, que ele procedesse como fosse de seu entendimento.

Do que lembraria Lidugero nas suas andanças? Daquilo que para ele parecia um sorriso, talvez que de gratidão como se a seu jeito a moça tivesse ciência, no entendimento esbaralhado lá dela, do por que ele carreirava mundo afora; e daquele gesto de mão feito adeus que ele mal divulgou detrás da vidraça. Lembranças mínimas assim vingavam no peão maior enternecimento por sua amada e, ao mesmo tempo, disposição mode não fraquejar. Não fosse o afeiçomento enraizado pola menina Darinha, decerto que Lidugero se botava pra trás, caminho de volta para casa: o peão agora passava seus dias entre a agonia da fome e o desespero da caçada. Chegando em fazenda ou sítio, angariava labuta mode botar um de comer na boca, ter um trocado no bornal pra uma precisão qualquer, e toca a esquadrinhar, inquirir, saber, tudo porém resultando em nada. Escutava dizer que ali ou acolá ocorria festinha, festança, forrobodó, e toca pr'ali, pr'acolá, mendigo a que ninguém ligava e a quem concediam um prato de comida por esmola e piedade, deixando que ficasse, "sossegado" diziam, "não caça confusão, só gosta de espiar os cavalheiros dançando c'as damas", vez por outra surgindo um pra falar em desfavor, "abobado da idéia", "mode quê?" queriam outros saber, "sai por aí indagando de todo mundo se não sabe de um tal, um dito cavaleiro engambelador de moça, assim, assado. Parece que é causo de desforra", "será que tem honra de donzela metida na história?", "sei não…", "coitado!…"

Porque se alguns tinham que o peão variava do juízo, era certo que qualquer que pusesse as vistas naquele corpo em ruínas não diria que o infeliz vencia o mês: mais de uma vez apanhado por doença tenaz (febre, disenteria, constipação, todo mal encontrando pasto no corpo enfraquecido), o Lidugero sempre

estancava o passo à beira da morte. Cobriu-se de leicenços, ficou pele e osso. Mas vencia o mês. Vencia, nesse medonho ministério, os anos.

Completaram-se sete anos desde que o peão tinha se apresentado a Siô Terêncio pela primeira vez — e desde então já havia deixado sua terra, percorrera outras mais distantes, submergira Brasis afora… Um dia recebeu um escrito do velho, lido pra ele por um doutor que o recém curara de febre perigosa da qual, derreado na cama por mais de mês entre a vida e a morte, saíra combalido e torto. Pela data, o bilhete era do começo do ano anterior, correra meio-mundo inté chegar às suas mãos, levado por um da casa de Siô Terêncio, um moleque bem-mandado (a essa altura já rapaz de bigode escurecendo o sobrebeiço) que campeara atrás dele sem descanso. Estava-se agora em final de agosto, fazia portanto vinte meses que o escrito corria mundo. Tão abobado se via o Lidugero que custou inteligir o dizer do papel:

> *"Seu Lidugero: Venho por meio destas mal-traçadas linhas desobrigar vosmecê dessa procura, e ajunto com isso meu reconhecido agradecimento. Não carece de continuar, já é transcorrido muito tempo, chegou a hora de findar com essa agonia. Requeiro que volte donde estiver. É determinação em que faço empenho ser atendido."*

Despois que a comunicação adentrou seu entendimento, combalido como estava o peão não susteve lágrima: os olhos marejados, Lidugero baixou a cabeça, fungou que fungou — pois agora que Siô Terêncio retirava a licença dada, o que havera de ser de sua vida? Lidugero atinou então que sua motivação de permanecer vivendo era aquela procura: de importante, o que possuía se não aquilo? Do de seu restaria uma casa derruída, umas terras tomadas pelo mato, do gado nem cabeça pra remédio, nada. Refazer tudo? Como poderia? — Se um cabra daquela fibra chorava, que dizer dos outros?

Mas no que se firmou do mau estado em que lhe pusera a febre, Lidugero montou a cavalo, alforje pendurado no arção, coxinilho pra amaciar assento, saiu bem cedinho, inda com escuro.

Voltava.

Preta Quitéria entrou com a bandeja: bule, açucareiro, canequinhas de louça. Broa de milho cortada em fatias.

De um lado da mesa, Siô Terêncio velho, entristecido; do outro, Lidugero, a roupa uma traparia só, a cara ressequida, os olhos numa fundura de precipício.

Preta Quitéria serviu primeiro a visita, "com leite, sô Lidugero?", empurrou o açucareiro. Siô Terêncio fez sinal de que só tomava um café, "margoso, Quitéria".

Barulho da colherinha batendo na caneca, o sorvo ruidoso de Siô Terêncio, a mão trêmula do peão na direção da fatia de broa. Ao lado, preta Quitéria em pé, esperando ordem.

Suspiração puxada, silêncio prolongado na tarde que ia pelo meio.

— A pobre morreu no final daquele ano — a voz de Siô Terêncio, áspera, agoniada. — Uma aflição que só vendo…

— Dava dó de ver, sô moço — preta Quitéria com a liberdade dos velhos agregados.

Lidugero não respondeu. Moveu a cabeça, mastigou dificultoso, sorveu o café com leite que açúcar nenhum adoçava.

— Uma agonia — tornou Siô Terêncio, a voz consumida já não era a mesma, também ele já não era o mesmo há muitos anos —, por isso lhe mandei bilhete.

Lidugero depositou a caneca na mesa. Afastou-a com a ponta dos dedos, sem soerguer sobrancelha.

— Não se melindre, moço, com minha decisão — continuou Siô Terêncio. — Não era só vosmecê que se destruía nessa caçada. Esta casa também. Todos nós. Carecia botar um fim nisso — e olhou para o peão, penalizado. — Além do que — disse passado um intervalo — se fosse o caso de encontrar o homem, já tinha encontrado. Fie-se em mim, sô Lidugero: o tal não existe não, ou é invencionice do povo, ou criação do demo.

E depois de consideração breve:

— Ou as duas coisas, que o tinhoso anda solto no meio do povo.

Lidugero limpou a garganta. Falou pela primeira vez, mas a fala saiu-não-saiu, tímida, cabisbaixa:

— E a menina Darinha, Siô Terêncio? Alguma melhora?

O velho deu de ombros.

Preta Quitéria retirou a mesa, reverenciosa.

Os dois homens saíram para a varanda.

— Resta uma coisa, seu Lidugero — disse o velho tomando assento.

O peão ainda de pé. Sentou-se no que o fazendeiro indicou um banco. Aguardou.

— Resta esclarecimento sobre um particular — começou o fazendeiro —, um que vosmecê referiu mas do qual não quis dar definição.

— Coisa que me vexava, Siô Terêncio, coisa de pouco siso que não podia tratar com vosmecê mais a finada…

— Mas agora carece falar, peão, mode a palavra empenhada, se vosmecê não 'stá esquecido…

— É coisa em que não cabia esquecimento, Siô Terêncio.

O velho esperou, vigiando o outro com os olhos curiosos e cansados.

— Sucede que desde longes anos 'garrei de agrado mais a menina, agrado que eu sustentava cá comigo sem dar ciência a qualquer, que querença de um bruto feito eu por menina das prendas de Darinha costuma ser ofensa. Mode esse querer, me descurei de tudo pra trazer de arrasto o tal que afrontou ela.

Lidugero se concentrou. Mentava o que em seguida disse?

— Se não ocorresse agravo contra vossa casa, eu pedia a mão da menina…

E estacou, assustado por aqueles dizeres que lhe escaparam da boca, abusados, cheios de atrevimento.

— Eu já tinha desconfiança de que o causo era esse, seu Lidugero, já matutava cá comigo. Só não podia era falar nada, tocar no seu segredo.

Balangou a cabeça.

— Vosmecê tinha afeição por Darinha, e sacrificava sua querença intentando trazer o tal cabra mode casar com ela…

Lidugero suava.

— Pola alegria e sastifação dela, num sabe… — cabeça baixa, balbuciou.

Siô Terêncio continuou no arrastar das palavras:

— O que vosmecê me pede não é agravo, não, sô Lidugero, é honra que me faz. Mas de que modo lhe posso conceder a mão de Darinha? Então não sabe que a pobrezinha permanece daquele jeito?

— Isso não me obsta, Siô Terêncio, que uma vez que meu coração foi tomado pela figura dela, lá continuou preso inté o dia de hoje.

— Pois venha, sô moço, venha ver a menina se é de seu querer. Será sua, se for do entendimento e do gosto dela…

E palavra nenhuma requereu ser dita, pois no que viu o peão entrar, mesmo barbudo e escaqueirado como estava, a menina Darinha, linda, lesa do juízo, se acercou dele, se abraçou a ele com muito jeito, deitou a cabeça em seu ombro fechando os olhos.

— Eu não disse, meu pai — a voz da menina feito gorjeio, pássaro na gaiola —, que o moço do meu bem-querer iria voltar para mim?



A casa do Lidugero, no aspecto uma ruína que só, ao fim daqueles tempos de desatino em que andara o peão, com pouco se reconstruiu mode recebe dona de muito trato, um brinco!, de valor o adjutório de carapina jeitoso mais pessoal a mando de Siô Terêncio. Lidugero não sustinha mão em quefazer de roça, varava o dia, principiava a noite livrando a terra do alecrim, do vinhático, da vassoura-preta, só largando a enxada, a foice, mode visitar a noiva na casa do pai, que um dia longe dela representava motivo de saudade incômoda.

Menos de três meses transcorridos, casou o peão Lidugero mais a menina Darinha, cerimônia simples, sem aparato nem ajuntamento, só os de casa, oficiada pelo vigário de Poço Fundo no salão da fazenda onde há quase dois anos se tinha feito sala ao corpo de Nhá Bilinha, o sacerdote pronunciando sobre o sentido da alegria e da tristeza, da vida e da morte que não se repete aqui mode não delongar o fechamento do causo, porém numa abreviação querendo dizer que entre o nascer e o morrer existe para tudo uma hora estipulada, conforme prega o livro santo, e assim como naquele cômodo da casa tinha decorrido tristeza de verter muita lágrima e agora se passava momento de alegria, também no viver de cada um se dá hora de sofrimento e de gozo, "igual que no caso desse moço" frisou o vigário, "que atravessou as horas difíceis de seu querer pra usufruir as de satisfação que estão por vir", e fechou o discurso com as perguntas de costume, as respostas de sempre, o beijo casto dos noivos, o júbilo de todos.

E agora, despois da benção de Siô Terêncio, dos bons votos das irmãs, do muito chorar de preta Quitéria e do abraço do moleque bem-mandado (conforme dito, já rapaz construído), os dois — o noivo impaciente e a noiva amorosa — rumavam para casa, cada qual no seu cavalo singrando a escuridão por debaixo de uma tira de lua que minguava no céu.

Viagem estirada, tropel no serpear da vereda morro acima, morro abaixo, escureza de matagal enleado, barulhos insuspeitados no denso da floresta. Viagem com seus perigos? Nem tanto. Vez em quando um sofrear de marcha, um braço que se alonga na direção de outro, dedos que se encontram, e, súbito, voz de menina, ruído noturno, cantiga: Darinha, que isso era costume dela por último, desde que noivara, um cantar alegre, um riso só, ternura. E o peão orgulhoso, cheio de si, cavalgando ao seu lado (que importa fosse lesa do juízo?).

Mas por estirada que seja, qualquer viagem tem fim. E toda ânsia tem seu apogeu, e finda igualmente que todas as coisas findam — menos talvez querer de peão que sacrifica o próprio amor por sua dama. Porque no fim de uma viagem se encontra, quas'que certo, uma casa com a porta fechada, e carece abrir a porta; mas sendo que está tudo escuro dentro de casa, carece também acender uma luz mode evitar encontrão em banco, mesa, cadeira, e como já é tarde requer-se que os viajantes se recolham para o descanso. Mas é preciso botar tento nessas considerações, porque viajante estando cansado e chegando em casa, e abrindo a porta mode entrar e acendendo luz de lampião mode enxergar as coisas, o que mais quer mesmo é se espichar, roncar inté amanhecer o dia — isso se o viajante for um só e não dois, e principalmente se, sendo dois, não se der o caso de serem homem e mulher, mas dando-se o caso, não casados de pouco, hoje, indagorinha, e de muita querença um pelo outro, porque assim sendo está certo que vão chegar em casa e abrir a porta mode entrar, e acender a luz mode enxergar as coisas em volta, e inté havendo cama — como consta que há em toda casa, pelo menos naquela havia — hão de se deitar, mas dormir é que não, vê se tem cabimento, com tanta folgança possível? E foi o que sucedeu,

ora essa, sem aventurar mais palavreado, que só um muito falto de princípios vai se meter nos particulares de lençol entre noivo impaciente e noiva amorosa na noite de seu casamento. Shhhhh!…

Só pela madrugadinha ocorreu um descanso, que brincadeira longa pede intervalo, sossego dilatado mode recuperar as forças, e enquanto Darinha, cantarolando doçura, acendia o fogão e botava caldeirão dágua pra esquentar, que os dois do que mais careciam agora era um banho, Lidugero que tinha a alma de viagem céu afora resolveu sair pro terreiro mode dar uma volta, esticar as pernas, sentir a fresquidão do sereno no mato. Fora inda escutava Darinha em cantiga alegre, a voz baixinha, tranqüila, canção de ninar esposo apaixonado.

Como fundo, feito coral de igreja em dia de missa cantada, o ronco comprido do ribeirão que corria ao longe.

Já para ali era o fim do terreiro. A porteira, adiante. No despois, a estrada, o mundo.

A madrugada. O ventinho serenado. Pio de coruja no toco.

Cintilação no turvo da hora, brasa de cigarro no tragar demoroso, um vulto assentado na viga da cerca. Lidugero estacou. Susto não, que não era homem de carregar receio. Surpresa.

O outro permaneceu. Moveu-se, ajeitou-se no assento. De novo o brilho do cigarro quas'que alumiando a cara.

— O amigo está na precisão de alguma coisa? — perguntou o Lidugero se achegando um passo, dois. — Se apresente, moço, que já é tarde, mas se for de meu alcance…

Nem tugiu nem mugiu o outro de seu lugar: num gesto tranqüilo colheu o cigarro da boca, o risco da brasa no escuro o movimento do braço que baixava. Lidugero escutou uma suspiração, cheiro de fumo lhe varando inté o nariz.

— Nada não — o outro por fim —, coisa de pouca monta…

Ao Lidugero não pareceu estranha a fala do recém-chegado, inda que não se alembrasse donde tinha escutado um falar daquele jeito e, coisa curiosa, não lhe palpitara desconfiança dele.

— Se carecer de pousada por essa noite — disse —, caso de estar se botando pra longe, não recuso. Vam'se achegar…

— Não carece, seu Lidugero. Não carece — e tragou de novo o cigarro com aquele jeito descansado, cintilação de brasa, rubro vaga-lume, aroma de fumaça.

— Mas então vosmecê me conhece — disse o peão —, pois é certo que me chamo Lidugero. Só não 'stou atinando com vossa pessoa… Não será o Albino, da Laguna? Tem parecença…

O outro se mexeu breve, pouco, um vulto.

— Existem coisas nesse mundão de Deus — arrastou despois de fungar —, que o bestunto cá dum qualquer carece de compreensão larga, e inté assim sói ser dificultoso obter uma luz. Vosmecê também não pensa nesse conforme, seu Lidugero?

Lidugero não colheu de pronto o que o outro tencionava significar. Duvidoso, indagativo:

— Mas de que assunto vosmecê está tratando, moço? Parece que ando enganado, pois já tenho pra mim que o Felismino…

O outro, voz mansa, foi falando sem protelação, interruptivo:

— Um caso é a mania que o povo tem de minuciar historiação por miúdo, inventar. Falatório.

Lidugero, que era do mesmo parecer, se bem que enleado ainda com a tirada do outro, concordou.

— Lá isso… — disse. — Mas mode quê…?

O outro, pausado, se ajeitou de novo.

Pra mais longe, rumor, coro de igreja, ribeirão despenhando em pedreira. *"Tem peixe grande no ribeirão"* passou pela cabeça do Lidugero. Mas mode quê o peão pensava em peixe agora?

E sobre o som do ribeirão, longe longe, de novo a fala descansada do estranho.

— O povo no falar não sustém idéia, imaginoso.

Um movimento de braço, de novo uma risca da brasa, lenta — vai que vem —, no turvo da noite. De cada vez uma nuvenzinha de fumaça que se projeta, um aroma forte, adocicado: fumo de corda.

— Imaginoso por demais — largou por fim, baixinho, como que provido dum desencanto.

— Mas, sô moço — o Lidugero intrigado —, mode quê vosmecê se achegou para aí falando desses assuntos que não acerto entender em hora tão avançada?

— Dá-se inté, presta bem atenção, no que o povo 'garra imaginar, suceder que aquilo que brota da inventação geral receba dom de realidade, coisa existente, inté mais: coisa viva. Seu Lidugero, vosmecê acaso nunca botou tento nesse particular?

— Possa ser, sô moço — e o Lidugero punha-se cauteloso —, mas pra dizer a verdade inda não lhe percebo a tenção.

— Veja vosmecê por exemplo — tornou o outro — o causo de um que o povo imaginou com feição de enganador da filha dos outros, no parecer tão verdadeiro que correu inté conversa de moça apanhada por doença mode paixão sem esperança. Tão verdadeiro que sucedeu um cristão resolver se botar mundo afora mode caçar o cabra, compromisso de limpar honra de moçoila fina, filha de homem poderoso. E não vê que, a qualquer que encontra em suas andanças, o pobre inquire "não viu vosmecê um tal assim, assim?" e dá a pinta, mas ninguém lhe informa com certeza, a ninguém sucedendo saber, e por fim nem se põe mais tento em tanta indagação desarrazoada, coisa triste, sô Lidugero.

Lidugero estremeceu. Principiara a adivinhar. Mas acreditando-não-acreditando no que escutava, fez por donde manter-se firme enquanto o outro prosseguia, no vagar.

— Coisa triste por demais — o estranho repetiu, despois de bater a cinza do cigarro com a ponta do dedo —, que causo de donzela ofendida e sem desagravo é ocorrência muito séria.

Vento que se levanta abafa ronco de ribeirão. A galharia próxima que range, silencia, o ar outra vez parado.

A noite parece ter peso.

O Lidugero, cabra desassustado, desconhecendo quem estava ali a modo de fazer mistério, falando de coisas para ele antigas.

— O moço parece estar rebuscando em causo que não calha ser da vossa conta — respondeu —, senão de minha competência, só e só.

— É certo, seu Lidugero — acordou o outro —, é mais que certo. Mas se diz que um cristão andou meio mundo atrás desse tal, e a todos cercava de inquirimento. Tudo em vão, sem resultado. Não é pois do entender de vosmecê, no que surge um que possa dar indicação segura, que esse cristão deve de fazer empenho em apurar a verdade?

— Pois se foi com esse plano, moço — ripostou o Lidugero —, que vosmecê se bateu rumo a minha casa, só posso lhe arresponder que isso é história virada e acabada. Não tem mais porquê. Não há mais donzela agravada, e quanto a esse de quem vosmecê falou, se é que existe mesmo um assim em cima da terra, é falecido pra mim.

E de tal resposta restou um silêncio vasto, dentro do qual ficava de um lado o peão e do outro o desconhecido, ainda sentado, ainda imóvel na viga da cerca.

O peso da hora tardia.

— Possa ser, seu Lidugero — retrucou o recém-chegado após intervalo bem pensado —, mas possa ser também que um falecido recobre a vida.

Então um resto de nuvem se desviou da lua que sangrava no alto. O estranho, gesto vagaroso e solene, no levar a mão ao chapéu como que para ajeitá-lo na cabeça, descobriu-se mal e mal, um pouco, fugaz, e o Lidugero divulgou de relance um rebrilhar dourado de longos cabelos, um fulgor que de pronto se apagou na turvação da hora, outro remendo de nuvem costurando a meia face da lua — e o peão se inteirou do inusitado daquele sucedimento, coisa nunca imaginada, de um insolência sem igual: o enredador de moça solteira, sujeito desprovido de consideração pela família dos outros, que lhe tinha escapado naqueles anos de desvario, de um jeito ou de outro soubera de seu casamento mais a menina e aparecia agora, traiçoeiro, provocativo, sabe-se lá com que intenção, a pior de todas ofender novamente a honra de Darinha!

Sem mais quê recuou dum passo e levou a mão à cintura, ao cabo da faca que sempre aí mantinha e já lhe pesava, incomodativa.

— Não se apoquente, seu Lidugero — retorquiu o outro percebendo o gesto do peão, e sem se abalar, sem se mexer donde estava —, não carece afobação.

— Ponha tento, sujeito — disse o Lidugero com voz segura, sem estardalhaço —, que agora estou reconhecendo vossa pessoa — e acrescentou: — Tenho pra mim que é de muito desaforamento vosmecê botar os pés do lado de dentro desta cerca, e isso não fica por menos, não fosse eu digno de trazer pr'esta casa a mais inocente das donzelas e dela fazer senhora minha.

A faca rebrilhou. Refletiu a lua, mais fina do que ela.

— Vosmecê está enganado, seu Lidugero — o outro ainda imóvel, sossegado, no mesmo lugar —, que cá não venho afrontar sua casa, e nem culpado sou de ter desonrado aquela que se tornou sua.

— Falar que não resolve, moço — e o Lidugero empunha a faca com decisão —, que tudo só se esclarece no cruzar de minha lâmina mais a vossa, não seja o causo de vosmecê mostrar cagaço agora.

— Feito vosmecê, Lidugero — o outro disse descendo da cerca com vagar como se o tempo não valesse para ele. Deitou pro chão a ponta do cigarro; calmoso, pisou a brasinha que restava inté apagar —, não sou homem de carregar susto por qualquer coisa. Eu sou igual a vosmecê, peão, coisa assaz dificultosa pro vosso juízo, e requer explicação.

E enquanto falava tirou com sossego a faca da bainha, mas não a susteve na mão, que a deixou cair. O mesmo fez com o revólver que trazia na cintura, não sem antes abrir o tambor e esparramar as balas pelo chão.

Lidugero se espantou daquilo mas rápido ajuizou que bem podia ser que não passasse de astúcia, manha ardilosa mode distrair sua atenção, e o que se deu em seguida foi tão rápido que as vistas de um qualquer não acompanhariam, mesmo com dia claro. O Lidugero golpeou para frente com gana, esperando alcançar o peito do outro mas golpeou o vazio — sem corpo, o desconhecido? A figura à sua frente apenas fumaça, visagem, fantasmagoria? Que o outro quase não se tinha arredado, talvez um movimento brevíssimo do corpo pra desviar o golpe, um volteio do peito, coisa de nada, o Lidugero, perito no uso da faca, jurava que nem o tinha visto se mover.

Mas tinha a cortante ainda em sua mão, o braço livre pra golpear outra vez, e o cabra de pé bem ali, movendo-se agora, virando-se a favor da lua, de frente pro seu adversário. E o Lidugero golpeou outra vez, avançou o corpo todo no movimento, fundo, certeiro feito bote de jararaca, mas de novo somente o ar, o vazio, o desequilíbrio do passo em falso que quase vai dar com ele por terra. Que o desconhecido de novo nem se mexeu (fora movimento aquilo, um dar de ombros, um arredar-se mínimo que nem o tirava do lugar?), apenas levantou a cabeça num gesto súbito, e um facho de claridade alumiou suas feições, a cara virada para o alto numa contemplação — de espanto? indiferença? gozo ou agonia? —, cara e feições que o peão agora admirava quas'que sem acreditar, às arrecuas, dois passos, três, surpresa e assombramento.

— Tenha siso, seu Lidugero — disse o outro, calmoso, baixando de novo a cabeça, a face escondida outra vez à sombra do chapéu —, vosmecê não pode comigo.

E o Lidugero atinou com o porquê da voz do estranho tão conhecida lhe parecer, que outra não era senão sua própria voz; e o que tinha diante de si, tirante o cabelo comprido e louro e os olhos talvez pro cinzento, pro azulado, não divulgando bem na pouca claridade, o rosto outro não seria que não o seu próprio — causo de gerar espanto e para o qual não cabia explicação, pois que tanto se tinha falado daquele e ninguém pra atinar com tal parecença, e se o peão Lidugero não era nenhum desconhecido por aquelas bandas, forçoso seria qualquer que visse o tal enredador de moça enxergar também o peão.

— Quem é vosmecê, homem? — exclamou Lidugero mal saído de seu assombro, a voz meio a tremer, o braço bambeando, afrouxamento do corpo — Será um mandado das profundezas pra confundir a cabeça dum crente em Nossinhô Jesus Cristo?

— Eu? — e o desconhecido sorriu, divertido, enquanto acendia sem pressa outro cigarro. — Mandado do diabo? — e deu de ombros. — Só lhe digo, seu Lidugero, é que sou feito vosmecê, ou feito de vosmecê, aquele que havera de surgir mode um bruto angariar a donzela do seu bem-querer. Das profundezas tenho pouca ciência, mas se me fosse permitido contar, muita coisa lhe poderia referir do reino de lá — e apontou a lua minguante. — Dê-se por contente com essa explicação, cabra, pois outra não há.

O desconhecido se moveu, alçou-se de novo para o pau da cerca.

— Vosmecê não atina que, não fosse pela maneira como foi, não provinha recurso mode um bronco assim alcançar por graça mão de menina prendada e cheia dos mimos?

Considerou em silêncio, expirando sem pressa a fumaça adocicada.

— É certo — continuou — que tudo tem sua custa, pois a ninguém cabe prenda sem nenhum preço, no de graça; e no que se refere ao peão mais a menina, o preço foi o siso de Darinha, mas como se dá que vossa querença não diminui com coisa tão de somenos, pois casou com ela assim mesmo, tudo ao final parece nos conformes, não esteja eu enganado. E se vim agora, por derradeiro, é que carecia livrar seu viver de tal mistério. Vai pra casa, Lidugero, que nunca a honra de Darinha foi arranhada, sossega e vai, que a alegria lá está à sua espera.

De novo a ventania, o ranger dos galhos, um rodopiar de folhas ressequidas em pleno ar.

"O ribeirão tem peixe grande…"

Que escuridão fazia de repente, que turvo de arrepiar, assim que dum improviso o desconhecido se sumiu, não deixou sinal de sua passagem, não restou nem mesmo o fartum adocicado de fumo na aragem fria.

E a noite se tornava leve, a hora uma pluma, o peso dum sonho.

"Então era isso… um anjo…" pensou por fim, abismado, o peão, refazendo-se a custo de seu assombro e se dando conta de que o dito cavaleiro da lua

minguante existia porque ele, Lidugero, existia, e tinha surgido apenas pra mode ele ser feliz.

"Meu anjo da guarda… era isso… era isso…"

E o Lidugero escutou, provindo da casa, o canto suave de Darinha, regato rolando ternura pra dentro de seu coração.

Sua mulher, sua amada.

Boneca de palha

estunto: cada um desenvolve pra diferente matéria, um obrar de modo diverso, é da pessoa, cada qual com seu ofício.

- Ofício é de respeito: o cidadão tem seu quefazer, labora, requer ganho com que manter a casa — família, mulher, filhos; afora os de pouco juízo, senão também os de mau costume, que mexem no alheio, mas com esses assunto escasso mantenho e trato nenhum, não angario confusão.

Confusão tive muitas nessa minha vida delongada, que já me vou fazendo curtido no tempo, já decaio — coisa que também não se evita: fugir dos anos, quem pode? Escapar da Última, quem é capaz? Mas morrer por vezes não é o pior e menos desejado, há coisas mais doídas, fundas lanhaduras que na alma da gente perfazem aflição sem remédio. O tempo? Nem sempre será bálsamo para qualquer mazela, umas são tão subterrâneas no ser da pessoa que lá ficam, recônditas n'aruega do coração, um bicho de garras: vez que outra arranham no afiar das unhas feito gato bravio — e a lembrança sobrevém, espremeção por dentro de verter água dos olhos, e nesse momento o mundo, visto através das lágrimas, é coisa confusa, sem formas nem contornos, manchas que manchas no sofrear da visão — e daí se recosta a cabeça para trás na cadeira de balanço, cochilo é fingimento pra ninguém se chegar de lero — sono dos mais velhos é lei respeitar —, e o passado volta como andorinha de arribação, perdida: o passado, com seus ossos, sua poeira, suas garatujas terríveis!…

Nos tempos d'eu menino, órfão e sem irmãos, carregando numa trouxa a pouca roupa que possuía e conduzido por um encarregado, deixei o arraial de Vargedo e fui viver com uns tios, padrinhos meus de batismo, gente de avultada posse que me acolheu nem tanto por obrigação mas por piedade: aos seis anos, no sobre repente, me achei sem pai, que uma cobra malina matou com picada certeira no calcanhar em agreste matagoso, e aos onze minha mãe, uma dona sacudida e corada que ninguém dizia enferma, principiou por uma tossezinha seca num florescer de maio, depois de uma revirada do tempo, e junho finando descia à terra, pele e ossos, brancura de cal, no concluir de uma tuberculose galopante.

Assim foi que no avançado da noite em começos de julho daquele distante ano de 1931 botei os pés pela primeira vez na Fazenda da Garça, nas iminên-

cias de Sant'Antônio do Brejo, longínquo lugar — nunca que eu tinha viajado tanto, nem 'maginava que o mundo calhasse tão dilatado !

Desorientado de sono e cansaço fui recebido com afagos por tia Carlota, que percebendo meu lastimável estado preparou-me um banho bem quente e uma refeição ligeira, enquanto tio Joaquim vigiava-me a meia distância com curiosidade e um meio sorriso no semblante sereno. Depois tia Carlota, cheia de ademanes e de mansas falas, "pobrezinho do meu menino, que judiaria, oh! céus!", botou-me na cama em cuja macieza afundei, flutuei, senti-me desfalecer, antes de dormir porém avistando ainda o vulto longínquo de tio Joaquim recortado contra o umbral da porta.

Acordei entre surpreso e assombrado na manhã seguinte, custando a dar-me conta de onde estava, até que aos poucos fui-me lembrando da viagem da véspera e dos rostos amistosos que me haviam recebido em minha nova casa. Levantei-me rapidamente e embarafustei-me pelos corredores sem saber ao certo aonde ia dar.

— Ninico!

Voltei-me num sobressalto espiando para o interior do vasto salão de onde proviera a voz que me chamava e dei com o sorriso afável e luminoso de tia Carlota.

— Venha conhecer seus avós — disse, e quando entrei apontou-me dois retratos grandes numa parede, um ao lado do outro.

— Aquele é papai — e no papel, protegido por placa de vidro grosso, um homem ainda moço, vistoso, de cabelos e olhos claros, bigode bem aparado, denotava uma expressão de rígida masculinidade, sem que estivesse ausente uma certa afabilidade a prenunciar em seus lábios imóveis o sorriso que evitara ao posar para o fotógrafo. — Chamava-se Altamiro. Esta aqui é Lenira, minha mãe — e o retrato ao lado, tirado decerto no mesmo dia, exibia o rosto miúdo e encantador de uma linda e sorridente jovem de cabelos longos e negros.

— E eles moram onde? — perguntei.

— Já são falecidos — tia Carlota explicou. — Papai faleceu em 1911, você ainda nem era nascido, veja só!

— Ah… — e volvi os olhos compridos para tia Carlota que, agora, parecia distante e pensativa.

— Já mamãe viveu ainda sete anos… — e então voltou a si: — Agora vá — disse, voltando-se para mim —, vá tomar seu café e depois pode brincar por aí.

Foi assim que me vi em definitivo com meus tios, mesmo que filho — comia com eles na sala, e como fossem pessoas de mais posição trataram de me ensinar o manejo do garfo e da faca às refeições e também a mastigar de boca fechada, "que é feio desse jeito, filho, os outros reparam" dizia a irmã de papai, tia Carlota, uma senhora madurona de semblante fino, mãos alvas e dedos compridos num dos quais reluzia o anel de casamento com sua pedra recheia de brilhos. Tio Joaquim, homem de poucas falas, concordava com o ensinamento

movendo a cabeça, aprovativo. Vez por outra, no transcorrer dos dias, passando por mim alisava-me os cabelos num gesto de ternura paternal: "É isto, menino, é isto", se bem que nunca dizia o que é que era.

No começo me recolhi: pelos cantos tardava, lia o chão, retorcia um paninho entre os dedos, fazia um mandado qualquer, que titia costumava me chamar do quarto de costura, "Ninico, veja se me encontra a tesoura", ou por outra, "Ninico, vá deixar os chinelos de seu tio perto da porta, que ele não demora chegar", e eu cumpria: levava a tesoura esquecida sobre um móvel, deixava os chinelos junto à porta.

Voltava para o meu cantinho.

Brincava? Não tinha com quê.

Na casa não havia crianças outras a não ser um Policarpo caburé, bem mais velho que eu, e prima Francisquinha. Policarpo era beiçola, forçudo, cabelo escorrido, olho meio desorbitado, cara má, bem feio — a mãe, uma índia já falecida, conforme se sabia; o pai, um preto que ainda andava por lá, rodeava pelas redondezas de lida e labor, um dia num pouso, outro noutro; o caburé, tio Joaquim havia requerido de bem pequeno mode fazer uns servicinhos menores de casa e de quintal — molhar um canteiro de flor, varrer o terreiro, coisinhas assim —, por ali fora ficando, já principiava um buço a lhe escurecer o sobrebeiço no completar de seus treze anos; desde logo não mostrou simpatia por mim, e eu correspondi da mesma forma, que seu jeito e sua figura não me convidavam pra camaradagem; e persistimos ambos em distanciamento, nojados um do outro. Já prima Francisquinha, filha única de meus tios e dois anos mais velha que eu, estudava em colégio interno, um colégio de irmãs só para meninas na cidade, passava o ano fora e só vinha nas férias de dezembro. É verdade que eu ainda não conhecia prima Francisquinha, a fotografia no porta-retratos da cristaleira era de uma garotinha loira de cinco anos; eu espiava aquela carinha gorda e sardenta com desinteresse, percorria os cômodos enfastiado — casa dos outros nunca é a mesma coisa, e lá brotava uma saudade de minha mãe que me reaparecia ora na sua aparência dos dias de saúde, ora com sua magreza e os olhos fundos em que rebrilhava a fogueira da morte (o que me produzia por dentro uma confusão de estremecer); lá surgia a lembrança de nossa casita nas cercanias de Vargedo, branca de janelas e portas azuis, com jardim de flor na frente, canteiros, horta nos fundos, coisas que eu só voltaria a ver depois de crescido, no derruimento dos anos, quando por lá passasse em andança pra outras paragens.

De meu pai, poucas reminiscências: homem de estatura, usava seu chapéu de palha, tinha um bigode grosso e negro, falava alto. De boa prosa era, disso me recordo ind'agora: por lá costumava passar gente, tropeiros com suas cargas, mascates, palestravam muito, prolongadamente; tinha também seu jeito de me pegar e botar no colo, dizia de mim seu menino bonito — mas era só. Na cabeça de uma criança de seis anos, que desconhece a morte por não compreender a vida, aquele corpo estirado e duro dentro de uma caixa de pau, recen-

dendo a flor e a cera de vela, não tinha um significado certo, coisa de se dizer "é isto" ou "é aquilo": do que me posso memoriar é o entristecimento de ver meu pai daquele jeito, bem perto dele cheguei e cochichei pro caso d'ele me escutar, mas não escutou, e quando tamparam a caixa e carregaram com ela pra fora minha mãe se agarrou a mim chorando e eu, sem saber bem por quê, peguei a chorar também. Mas eu tinha seis anos, e cabeça de criança é folha de escrita macia que quase sem deixar marca qualquer borracha apaga: minha mãe tinha dito que ele estava morto, "e um homem como ele quando morre vai viver no céu, com Nosso Senhor"; eu não entendi por completo, palavrório obsconso, mas não fiz perguntas — e o que ficou de papai foi sempre aquela figura do homem com seu bigode, seu chapéu de palha e seu jeito de falar alto, que às vezes me punha no colo e dizia "este é o meu menino bonito".

No fastio da casa vazia percorria os cômodos, olhava os cristais na cristaleira, os quadros na parede — retratos de gente morta há muito, como meus avós, alguns tios antigos, ou pinturas outras, paisagens, casarios, flores — , coçava a cabeça e escapulia para a varanda. Defronte havia um caramanchão, um gramado, roseiras, uma calçada de pedras.

Nessa calçada, pela vez primeira fiz uma bonequinha de palha.

Como se deu? Explicar não sei, não é fácil dar definição pra certas coisas que a gente pega por costume artificiar — daí que principiei este relato referindo sobre ofício, pois cada qual tem o seu, e quando se obra naquilo que se aprecia o feito não tem defeito. Pois se não sei bem como foi que tive a idéia de fazer aquela bonequinha de palha, dá-se que foi feitura prazenteira e nela botei tanta atenção que, no fim, deixei a dita cair na grama e, sentado na calçada com as pernas abertas, fiquei espiando minha obra com encantamento.

Se tinha ficado bem feita, dizer que sim, que não… que significado tem? Ficou uma boneca, do que tenho certeza. A primeira, de palha de milho, barbante e uns paninhos, retalhos da costura de tia Carlota que eu costumava pegar sem pra quê, à toa, mas que por fim tiveram proveito. Com a bonequinha na mão entrei em casa correndo — já ia pra três semanas que vivia na Garça, e aquela era a única autêntica alegria que experimentava. Titia estava no quarto de costura, debruçada por cima duns moldes. Aprumou-se um pouco com a matinada que eu fiz ao entrar, os óculos na ponta do nariz, estranhativa: que se espantava de ver o menino macambúzio súbito de correria e alvoroço. Eu nada disse, cheguei-me a ela e lhe estendi a bonequinha, mostrei-lhe minha arte.

O que ganhei foi prêmio, compensação que eu não esperava: que titia era muito boa, mas reservada. Vendo meus olhos brilharem, meu primeiro riso franco desde que estava na Garça, sorriu-se também enquanto pegava a bonequinha e examinava, sentando-se na cadeira de espaldar alto; e depois puxou-me para junto de si, abraçou-me como inda não tinha feito até então e beijou-me nas faces, "muito bem, Ninico, muito bonita!". Daí eu peguei a fazer bonequinhas de palha, uma atrás da outra e cada vez melhores — que muito gosto me

davam e desgosto nenhum não fosse por uma ocorrência de constrangimento com o caburé, dito Policarpo, que um dia passou rente, enquanto eu laborava e achou de fazer chacota, "brincando de boneca" lançou ele com desprezo, no que eu levantei a cara vermelha de raiva, senão de vergonha, seria mais raiva que vergonha, pois que tinha aquele filho de índia, que não passava de um servente, de se meter comigo, sobrinho dos donos da casa? "Nunca vi menino brincar de boneca" disse mais ainda, meio sorrindo, meio debochado, e a única resposta que tive foi "preto! Macaco!" no que notei, pela cara que fez, que o havia ofendido: os olhos fuzilaram, por pouco não me caiu em cima; espumou, eu de novo atirei, "meta-se com sua vida, macaco" e ele, por não fazer feio — podia moer-me de pancada, se quisesse — e talvez com medo de perder a bocada que tinha granjeado naquela casa, preferiu ir-se saindo, vagarento, olhando para trás, tomado de fúria e mais feio que sempre. Esse o pormenor, donde o anojamento havido entre mim e Policarpo se converter em definitivo rancor.

Minha coleção de bonequinhas de palha já crescia, todas guardadas num caixote embaixo da cama, quando surdiu a idéia — coisa que me mordeu de improviso — de imitar umas feições de gente para elas: ora pois, cá me sucedeu ruminar, se eu botasse um chapéu e um bigode não ficava parecido com falecido meu pai? E no caso de fazer uma boneca gorducha, com as bochechas tingidas de vermelho, não teria os ares de minha mãe quando gozava saúde?

No que tive esse pensamento era madrugada, e me mexi e remexi na cama inquieto até ver a claridade do dia pela greta da janela. Corri para fora, tesoura, paninhos, palha de milho, outros apetrechos que cada vez mais utilizava, e laborei prolongado num boneco que perfizesse as feições de papai. Fiz que fiz, desfiz e refiz pra de novo desfazer e refazer, gastei o dia naquilo e inconsolado vi entrar a noite porque meu pai se recusava a voltar para mim: "Será que Deus não quer deixar ele sair nem um pouquinho do céu?" pensei.

Na hora da janta eu era outra vez o macambúzio, até tio Joaquim estranhou, "o que houve com esse menino hoje, que está com essa cara?". Continuei comendo de cabeça baixa sem responder, e tia Carlota, curvando-se para mim, interpelou-me com seu jeito manso: "Ninico, você não está passando bem?", e eu fiz que não com a cabeça, que tanto podia ser que estava doente como que não estava, "sente-se mal?" tornou a perguntar tia Carlota, e eu de novo fiz que não com a cabeça. Então, para titio, baixinho — que eu não deixei de escutar: "Está num de seus dias" e não se falou mais nisso. Já me conheciam: quando eu estava "num dos meus dias" não requeria alarme, não era doença — eram nervos.

Naquela noite tive um sonho com um homem que bem podia ser papai, inda que das feições dele, direito, eu não tivesse certeza de memória. Eu ia por um caminho e avistava, vindo ao meu encontro, um homem alto e forte, usando chapéu e com um grande bigode preto. No sonho eu sabia que era papai, mas não conseguia ver-lhe direito o rosto, e se bem que ele viesse na minha direção

não havia jeito de chegar perto, parecia que quanto mais vinha mais se afastava, e eu, aflito, esticava os braços na esperança de o alcançar, esticava os braços, esticava… e de repente papai sumiu no ar e eu fiquei sozinho. O sonho se repetiu três noites seguidas, sendo que na última papai era só uma sombra que eu via caminhar na minha direção e depois sumir do mesmo jeito.

De papai foi o único feitio de pessoa que não consegui imitar em nenhum de meus bonecos e bonecas de palha, coisa que acabei por desistir quando vi que todos os meus esforços davam em nada. Mas o povo todo ficava de boca aberta quando eu exibia um boneco com o jeito de tio Joaquim, troncudo, meio balofo, de terno de casimira, ou de tia Carlota, muito espigada de corpo, com os óculos de costureira, o vestido longo e a cabelama alourada; até do Policarpo, dito caburé, fiz uma cópia, a cabeça um toco de fumo de rolo que ficou ele escritinho, não porém o deixando ver mode evitar desforço contra minha pessoa. Do caburé eu tinha meus receios.

No correr dos meses fui me aperfeiçoando, menino de dez anos completos, no ofício de reproduzir pessoas no formato de bonecos, um a imagem de um peão que por acaso viesse procurar tio Joaquim, outro a figura da dona gorda que ajudava tia Carlota na cozinha — uma antiga, que conhecia as preferências da patroa na mesa e preparava tudo a gosto —, inda outro o moço que calhava chegar de visita e que eu ficava por perto bispando pra entender melhor suas feições, e por aí afora: gastava horas e dias naquilo, sempre sentado na calçada defronte à varanda com os petrechos de uso: sabugo e palha de milho, retalhos, barbantes e o mais que carecesse, não esquecendo a tesoura nova que tia Carlota me deu, mode facilitar o trabalho.

Bonecos e bonecas muitas e diversas inventei — mas a maior e mais bonita de todas ainda estava para ser feita.

Foi perto do Natal que prima Francisquinha chegou provinda do colégio interno. Com assombro vi adentrar a sala não uma molecota rechonchuda e sardenta no feitio da que aparecia no porta-retratos da cristaleira, mas uma menina de sem igual formosura: rosto redondo, boca de lábios carnudos que no sorrir perfazia duas covinhas nas faces rosadas, a pele uma alvura de louça e uma cabelama loira que descia até sobre os quadris presa em rabo-de-cavalo com larga fita azul de cetim; trajava um vestido rodado de seda cor-de-rosa com mangas fofas, e usava luvas, jeitinho de menina-moça, cheia de delicadezas no andar, no falar, no tocar as coisas… e eu, do meu canto escuro, esquecido de todos e por todos e aparvalhado com tal encantamento, que podia fazer senão admirar uma coisa que eu nunca tinha visto na vida e que, na inocência dos meus dez anos, nem mesmo cogitava cobiçar?

Pois me passava pela cabeça que prima Francisquinha podia ser minha? De momento só a contemplação silenciosa daquela presença inesperada que me deixava paralítico naquele recanto, e ainda mais de pedra e atordoado quando, no que deu com minha figura miúda, virou-se para a mãe e exclamou:

— É o primo Ninico!

E sem esperar resposta correu para mim, tomou-me as mãos — embora tivéssemos quase a mesma idade, sendo eu porém dois meses mais velho, ela se avantajava em altura, por isso teve de curvar-se um pouco e, abrindo-se num sorriso em que toda se revelava sem, ao contrário, deixar nada de si à mostra a não ser o sorriso (no que vai um desacordo que eu, inda hoje, na beira da velhice, não consigo desfiar), disse:

— Que bom, primo Ninico! Acho que vamos ser grandes amigos!

E selou a promessa de amizade com um beijo na minha cara assombrada:

— Adorei você — completou, e deixou-me plantado ali, retornando para o meio da sala e abraçando tia Carlota: — Mãe, estou precisada de um banho e de descansar um pouco antes do jantar. A senhora não faz idéia de como foi terrível a viagem: o trem, que horror, horas respirando poeira de mistura com aquela cinza negra que vem da locomotiva! Deus do céu! Como tudo está tão seco, pelo visto não tem chovido… — e foi por aí afora, falando muito com a mãe, que a levou para dentro mode lhe ajeitar o banho e a cama.

Tio Joaquim tinha ido lá fora despachar o charreteiro que os trouxera — a ele, a prima Francisquinha e a uma ama velha que acompanhara a menina na viagem — da estação até em casa, e eu fiquei sozinho na sala, ainda confuso, ainda sem compreender perfeitamente o que havia se passado. Dava-se que tudo aquilo fora verdade? Não estaria eu tendo visagem, acometido de delírio febril? Levei as mãos ao pescoço, que estava quente sim mas não de febre, e me perdi de mim em meditação profunda: não, eu estava acordado e não tinha febre, não podia ser um delírio e visagem eu desconhecia o que fosse, inda que já tivesse ouvido os adultos comentarem que sucedia alguém ver, "tem gente que vê as coisas" dizia-se; mas não naquele porém, não naquela tarde na sala da fazenda da Garça, que a menina que me apertara as mãos e me dera um beijo não podia ser espírito ou forma desenhada apenas no ar: pois não tinha escutado sua voz, sentido a seda de seus lábios na minha bochecha, não calhara de exalar de seu corpo de luz um cheiro estranho e delicioso, mistura de alfazema, fumaça e poeira — cheiro de viagem e chegada, no meu entender definitivo e que me faria lembrar sempre prima Francisquinha onde e quando pensasse nela, estivesse ela perto ou longe?

Não! Prima Francisquinha existia, estava ali para passar as férias com os pais… comigo, em seguida corrigi… comigo, pois seríamos muito amigos como ela mesma havia garantido. Foi então que comecei a sair do transe e recair na realidade, e uns pensamentos vagos de posse e paixão — vagos porque eu não os compreendia bem por enquanto — começaram a tomar forma, inda dúbios e confusos, mas em todo caso irrevogáveis.

Naquela noite o jantar tinha um gosto diferente: à mesa, prima Francisquinha sobressaía, contava novidades do colégio, "conheci o mar, mamãe" explicava ela, relatando um passeio que haviam feito, e tinha modos muito bonitos ao se

servir de um pedaço de carne ou de outra concha de feijão. Vez por outra virava-se para mim:

— O primo já viu o mar?

— O primo quer mais uma asa de frango?

Atoleimado, mexia a cabeça — que não, que sim —, sofreava um sorriso de boca cheia, estatelava os olhos para ela, que com muito jeito colhia com o garfo um pedaço de frango da travessa e botava no meu prato.

— Há quanto tempo o primo está morando aqui? — perguntou à mãe, mas sem esperar resposta continuou, contristada: — Coitada da tia, nem cheguei a conhecê-la!

Tia Carlota sorria, satisfeita — via-se que nesse tempo de férias meus tios ficavam mais contentes, podiam matar as saudades da filha, e enquanto tia Carlota, ao fim do jantar, acompanhou prima Francisquinha à varanda, onde ficariam proseando até mais tarde, tio Joaquim, levantando-se, e antes de sair para fazer alguma coisa, tomar qualquer providência, passou a mão pelo meu cabelo:

— É isto, menino, é isto — e lá se foi.

Fiquei sozinho à mesa.

Olhei o lugar de minha prima vazio, a dona gorda entrou para levar os pratos, da varanda provinham as vozes. Continuei ali — por quanto tempo? Sobre repente, uma outra fala indicava que tio Joaquim retornara, estava lá também, dizia uma coisa e outra, no mais era prima Francisquinha quem falava o tempo quase todo, novidadeira, quanta coisa tirava do embornal!

Aqueles três meses de férias — será simples fazer deles o relato? Simples não será, com palavreado não se pode referir o paraíso, o amor é figura sem forma nem contornos, silêncio cheio de música, anjo invisível sempre brincando de esconde-esconde. Mostrei à prima as bonecas que tinha artificiado e que tanta gabação dos outros me rendera, e ela encantou-se, "faça uma para mim" pediu, "uma que se pareça comigo, promete?" e eu prometi. Juntos, percorremos a Garça, conhecemos recantos, caminhamos pelas estradas e subimos morros em divertimento de piquenique no meio do mato — prima Francisquinha ia na frente, eu atrás carregando embornal com a matutagem, conosco o cachorro Veludo, um vira-lata grande, preto, manso, de muito chamego com nós, crianças.

No paraíso entra maldade? Pergunta cheia das complicações, de resposta duvidosa, pois se não, como é que a serpente pôde fazer malefício de tentação contra Eva, mãe de todos nós? No paraíso da Garça eu tinha maldade — pouca que fosse — no coração, mas não de pensamento sem-vergonha por minha prima, naquela idade eu nessas coisas não parafusava ainda, falto quase por completo de entendimento em tais assuntos. O que me enchia o peito e me fazia empinar o nariz era a desforra que eu tirava daquele caburé. "Negrinho catinga" pensava cá comigo vigiando de soslaio sua feiúra, Policarpo, que lá por

longe, pelo fim do terreiro avistava-se, invejoso de nosso agarramento: de botuca pro nosso lado transitava, carrancudo ia se esconder — eu via — atrás de uma árvore, uma moita, ficava lá bispando. "Fica por aí mesmo, nego preto" eu pensava olhando na direção dele mod'ele entender que eu sabia de sua presença esconsocultada ali. Queria estar no meu lugar? Queria por acaso passear com ela, mostrar novidade, se achegar? Desfaçatez, vê se prima Francisquinha ia dar essas confianças! Eu sim, era da casa, o menino de quem tio Joaquim alisava o cabelo dizendo "é isto…" e tia Carlota tirava as medidas para roupa nova, eu era o primo dela, mas ele, quem era ele? Prima Francisquinha, no falar com Policarpo, era para dar alguma ordem, "venha cá, moleque, faça isso, faça aquilo, seja rápido que estou com pressa", mandona, sinhazinha, patroa — ele? escravo, sim, quase — se bem que o tempo da escravidão já tinha se acabado, mas e daí? Não era meio preto, meio índio? "Pode botucar à vontade" eu, cá comigo, com arrogância, soberbia de criança, "mas fica de longe, que prima Francisquinha, se precisar, manda chamar, dá ordem", e cheio de confiança pegava na mãozinha dela, sem nem olhar para o feioso passávamos, íamos passando, minha prima sempre contando um caso, referindo um conto, faladeira que nunca vi… e linda! Ah, prima Francisquinha dos meus sonhares desesperançados, de minha eterna desgraça!, que linda você era!…

Por costume, sabendo da estadia de minha prima em casa, provinham de Sant'Antônio do Brejo antigas amizades do grupo escolar, reuniam-se mode admirar a menina que estudava fora, que voltava com maneiras diferentes: se achegavam pelos domingos, vez por outra até mesmo no meio da semana, vinham em cinco ou seis, às vezes mais, conforme, cheias de modos se sentavam na sala para tomar café com biscoitinhos de polvilho, e no meio delas prima Francisquinha reinava, a princesa de todas — eu, vassalo cativo, orgulhoso, cercado de meninas. Uma delas se apegou mais à minha pessoa: Ester, mais miudinha, morena de cabelos pretos. Bonita ou feia? Melhor dizer: de grandes olhos tristes. Se olhos tristes são beleza, seria bonita. Não tem maior importância esse porém, o gostar de mim é o que vale. Gostaria eu dela também não fosse prima Francisquinha, houvesse espaço no meu coração. Ester: criança, dez anos, um dia pegou na minha mão sem que eu esperasse, e quando olhei espantado para ela, sorriu, disse: "você é muito querido, Ninico". Folguei. Impei de orgulho. Mas me enjoavam aqueles olhos tristes e grandes sempre pegados em mim, e passei a andar por longe dela: agora esperava sempre que ela escolhesse um lugar, e então eu ia sentar junto de prima Francisquinha, em todo caso longe mode evitar achegamentos. Ester percebeu, encolheu-se, continuou a olhar para mim; d'outra feita, estando eu debruçado no peitoril da varanda veio de súbito debruçar-se também, não perfez demora, era só para dizer:

— Você gosta de sua prima, Ninico, não gosta?

Arregalei os olhos para ela.

— Eu sei que gosta — ela disse. E sem esperar, fez que se afastava. Dum meio passo regressou: — É que ela é muito bonita mesmo! — e se foi. Longe

um do outro agora, Ester e eu: ela continuou vindo com as outras, ou aos sábados ou aos domingos, mas não pegava mais na minha mão. Arredamento, lonjura: é como duas pessoas, inda que juntas, podem estar a quantas léguas…

Em janeiro foi o aniversário de prima Francisquinha, doze anos completava, e ela veio para mim intimativa, "fez minha boneca?", e eu me encabulei, que não, ela bem sabia, estivéramos todo o tempo juntos, ocupados com tantas coisas — passeios, brincadeiras —, "ah, você não gosta de mim" embezerrou, e eu, com admiração: como não gostava? Ora, se gostava, claro que sim, e então com solenidade lhe prometi que faria para ela a mais linda boneca, "igualzinha a mim, promete de novo", "prometo, já disse!", "então quando?", "não sei… demora… mas que prometo, prometo!", "então para meu próximo aniversário, jura?", trejurei, e ela desamuou.

Mas Tia Carlota achou por bem confeitar um bolo, fazer uns doces, cantar os parabéns. As meninas trouxeram prendas, alguns garotos também vieram com lembrancinhas embrulhadas em papel colorido. Ester chegou por último e quando olhei na direção dela só o que vi foram seus olhos grandes, tristes, querendo sorrir para mim. Sorriram? Não sorriram? Que sei? Naquele dia eu só admirava prima Francisquinha, enquanto arrenegado na sombra das moitas o caburé vigiava o folgar da garotada, do que sabendo eu mais sentia minha vitória sobre ele, com desprezo pensando: "De que adianta? De que adianta, se prima Francisquinha nem te enxerga?" e nosso confronto por causa de meu passatempo com bonecas de palha perdia em importância, desvanecia, se apagava por completo.

O resto daquele tempo completou-se em alegria, a Garça certos dias cheia de crianças que vinham ver prima Francisquinha, brincar conosco, embora minha preferência fosse estar só com ela. Quando estávamos só um com o outro éramos um do outro mais, eu passava a mão pela cintura dela, e quando sentávamos debaixo do caramanchão — para nada, para passar o tempo, prosa ou silêncio mode escutar passarinho cantando —, calhava d'eu me reclinar em seu colo, e sentia o cheiro de seu corpo.

Um dia aconteceu uma coisa… Do terreiro de trás da casa saía um caminho; por ele, primeiro passava-se debaixo de uma vasta parreira de chuchu, de seguida descia-se uma ladeira e vinha o paiol, um galpão grande com telhas de zinco onde tio Joaquim guardava, em sacos de estopa, a colheita de milho e feijão preto; depois de se cruzar uma pinguela, encontrava-se numa grota a mina d'água. Nesse dia tínhamos ido à mina, a mando de tia Carlota, apanhar água fresca — era costume, com água da mina ela enchia diversas moringas. O que deu em prima Francisquinha, enquanto esperávamos nossas vasilhas encherem? Ela naquele dia, fora de sua prática, estava mais quieta e eu também não falava, espiávamos ambos a água que vertia da bica na vasilha, quando sem intenção levantei os olhos: prima Francisquinha me encarava, encabulou-se no que a surpreendi me olhando, eu mais encabulado que ela virei o rosto em fogo, permaneci — esperava alguma coisa? Esperava a água encher a vasilha. Defron-

te, no alto do barranco, uma goiaba madurava num galho. Um sabiá pousou e vigiou a goiaba. Voltei a olhar para ela, não a goiaba, a menina: falecia agora qualquer vexação, não pensávamos. Prima Francisquinha se acercou de mim, era mais alta, curvou-se… respirávamos assim por cansaço? De olhos fechados senti tão somente a mornidão de sua boca, uma coisa úmida e escorregadia penetrar minha boca… Naquela hora meu corpo, decerto, tinha se convertido em pluma… Avistei luzes celestes? Tocavam os anjos as trombetas do Apocalipse? Onde eu estava?

Em março prima Francisquinha partiu de volta ao colégio — e eu fui com tio Joaquim levá-la à estação.

Com algum atraso também parti: tia Carlota decidira que eu devia estudar num internato para meninos que algum conhecido da cidade indicara, "afinal devemos educá-lo como se fosse nosso filho" ela disse; tio Joaquim sendo da mesma opinião, o caso se decidiu. Foi num fim de tarde que o trem largando no ar um apito angustioso escapuliu-se vagarosamente da estação de Sant'Antônio do Brejo; na plataforma tia Carlota dava adeus…

Na rua em frente, porém, uma menina. De olhos assim grandes, tristes, vigiava o trem que me levava embora. Ester. Acenou para mim…

Na primeira curva, os olhos e o aceno se apagaram de minha lembrança: recostei-me no banco e deixei que a figura de prima Francisquinha enchesse a noite que se avizinhava…

No que eu pensava era rever Francisquinha — e mal principiava o ano, meados de março, eu já inquiria por dezembro. Poderia eu calcular ao sacolejo do trem que só veria minha prima três anos depois, e então para nunca mais? Pode a pessoa desvendar os véus da sina que lhe foi traçada? Quê de coisas sucedem perfazendo descaminhos que nossa imaginação é escassa para suspeitar! Pois se deu que naquele dezembro tanto esperado, no depois de um ano demoroso, a cada dia mais espichado, prima Francisquinha dum nocivo revés nos estudos — coisa fora do costume, mas que calha às vezes, calhou — não teve licença de passar as férias em casa: dezembro, janeiro e até fevereiro pelo meio permaneceu aplicada em recuperação de três ou quatro matérias. Com isso a Garça esteve deserta: nem prestei muita atenção a Policarpo, que se resumia por longe em longe, o mesmo nosso nojo um do outro; nem vi Ester, a passeio em casa de uns tios que moravam em Águas Claras; procurei as meninas que vinham brincar com prima Francisquinha no ano anterior, proseávamos sem palavras, brincávamos sem brincadeira, andávamos por lá e por cá mas em tudo perecia graça; animação — cadê?, e aqueles meses venceram numa paralisação medonha que até me dava nos nervos. Teria de esperar pelo seguinte dezembro?

Foi por acaso que encontrei esquecido debaixo da cama, do mesmo jeito que havia deixado, o caixote de madeira com minhas bonequinhas de palha — mas já findava janeiro. Depositei todas elas em cima da cama, contemplei, trouxe-me aquilo um conforto. Recomeçar a fazer bonequinhas, eu pensei arrumando uma

do lado da outra, "por distração, nesses dias que faltam para o começo das aulas". E então fazer a boneca que prima Francisquinha me havia pedido, da qual por completo me esquecera… Sem pressa, refletia — que ficasse pronta para o próximo dezembro, teria todos esses meses por diante, pois havia de tardar em feitura de pouco a pouco, seria de todas a mais perfeita, a de maior boniteza porque de parecença com ela, as feições de minha prima — eu conseguiria?

Pra mode exercitar, no que tinha de memória fiz Ester, meninazinha de cabelos pretos e olhos grandes, e ficou parecida. Um dia de tarde fui até lá para lhe deixar de lembrança:

— É Ester, dona Mariana — eu disse entregando a bonequinha à mãe dela, que me mandou entrar e me serviu café com pãozinho de queijo feito em casa —, entrega pra ela e diz que eu fiquei com muita pena d'ela não estar aqui.

A bonequinha de Ester me desembaraçou os dedos, entrancei outras duas ou três com feições diversas mode praticar mais, e ainda na Garça principiei prima Francisquinha que, em meados de fevereiro ao partir de volta para o colégio, levei, trouxinha de palha mal composta, no fundo da mala. (Viajar mais cedo aquele ano trouxe discórdia ao meu coração: por mal dos meus pecados, as aulas começavam para mim a vinte daquele mês. Depois vim a saber que minha prima e eu nos desencontramos por pouco: tendo feito suas provas, Francisquinha achou de aparecer em casa dois dias depois que eu parti!)

Em fins de março recebi uma carta em letra miúda com florinhas desenhadas a lápis de cor:

> *Ninico,*
>
> *Gostei muito da bonequinha que você fez para mim. Papai falou que sou eu cuspida. Por que você não faz um boneco também? Eu dava a ele o seu nome, e deixava os dois sempre juntos, um do lado do outro, em cima da mesinha no meu quarto. Ninico, também fiquei com pena de não estar aqui, mas quando você vier de férias em dezembro a gente se vê outra vez, e então, pode contar, vamos no divertir a valer.*
>
> *Um beijinho para você.*
>
> *Ester*

Carta é uma voz que fala sozinha, conforme — muitas vezes, é assim mesmo. Por que não respondi a carta de Ester? Por que prima Francisquinha nunca me escreveu, inda que eu tivesse botado no correio para ela umas diversas missivas escritas com capricho de namorado? Carta é voz solitária, grito sem eco, nunca se sabe se chega ao destino, falece certeza se será lida, se será respondida.

Prima Francisquinha não respondeu e eu deixei de escrever para me concentrar na feitura da boneca — como eu tencionava, a mais bonita!

E ficou, mesmo, a mais bonita: aproveitando as folgas de fim de semana, e sem pressa mode evitar erros, construí no vagar uma linda boneca de palha, grande, a maior que já havia feito, de corpo espigado que depois de vestido com roupas que eu mesmo costurei ficou duma sem igual elegância; por exemplo, os cabelos loiros, que cuidados tive com eles!, fiz duma linha amarela muito fina que encontrei num armarinho, linha boa que dava até para pentear, no que compus um penteado do feitio que prima Francisquinha costumava usar em casa; e assim, lá pelo final de outubro, começo de novembro dei por terminada, embrulhei-a com zelo em papel de seda e depositei no fundo da mala para não se estragar: no mês seguinte teria de entregá-la à sua dona, para surpresa de todos em casa e alegria dela, minha prima, meu amor.

Mas o véus de nossa sina não permanecem fechados? Pode-se olhar pelas frestas dessas janelas escuras que só se abrem na hora certa e com o correr dos dias? Se assim não fosse, eu haveria de saber que não era tempo ainda de rever prima Francisquinha, pois então foi minha vez de não ter licença para deixar a escola devido ao mau aproveitamento nos estudos: teria de passar as férias no colégio agarrado aos livros se não quisesse perder o ano. Para dizer a verdade, pouco me importava perder o ano, mas tinha de sofrear meus ímpetos pois não cabia dar um desgosto desses a tio Joaquim e tia Carlota — e muito mais me envergonharia de uma reprovação perante minha prima! Foi com euforia que me vi livre desse susto no início de fevereiro, e com desgosto que soube por tia Carlota, ao chegar na Garça contando com aquele resto de mês em companhia de Francisquinha, que ela viajara a passeio na semana anterior com uma irmã de tio Joaquim que residia em Rio Belo. "Rio Belo não é tão longe" eu disse, "podemos ir até lá um dia desses", porém "querido!" exclamou tia Carlota, "se é para ver Francisquinha, de nada adiantaria, ela e a tia a essa altura estão no Rio de Janeiro!" esclarecendo ainda que minha prima já não retornava para casa, em março seguiria direto para a escola.

— Pena — eu disse, desapontado. — Mas eu também só fico até o fim da semana — menti em seguida. Menti: que não suportaria aquele mês inteiro ali sem ela e tendo de aturar o caburé que, mais que mais, espiava-me de longe, resumido, carrancudo, se calhasse caía-me em cima. Menti: que tinha de voltar ao colégio, licença pouca, só para visita rápida, faltavam ainda umas provas. Menti: queria livrar-me de mim mesmo, e não sabia como.

Não carece prolongar o relato daquele ano, basta que já tenha sido prolongado por demais. Outra cartinha de Ester recebi, perguntando por que não havia procurado por ela naqueles poucos dias que estivera em casa e quis saber se eu fizera o par da bonequinha que lhe deixara de lembrança. Mas carta — o que é mesmo? Grito sem eco, no dizer de costume, palavras feitas de silêncio…

Prima Francisquinha, boneca, permaneceu no fundo da mala, embrulhada em papel de seda. Os meses transcorreram, tardonhos, os professores nas suas batinas escuras eram manchas que cruzavam por meus dias; os colegas de classe, importunos de quem me arredava cada vez mais; as aulas uma rotina que cumpria por obrigação

Dezembro chegou.

Mas aquele dezembro sobreveio com chuvas e um frio impróprio. O que se deu foi um relance: um descuido, um golpe de ar pelos peitos, uma constipação que principiou macia e se agravou com a rapidez dum corisco: num dia eu tinha uma quentura no pescoço e uma ardência na garganta, no outro eu caía de cama com uma febre de cozinhar os gorgomilos e provocar delusão — e dezembro correu como um carro de batalha. A pneumonia dupla declarou na véspera de Natal, tio Joaquim foi avisado às pressas, compareceu, apavorado segurou minha mão e, querendo animar-me, falou da planejada festança para os quinze anos de prima Francisquinha, "você não quer perder essa, quer?… Pois! É ficar bom!", mas eu pouca compreensão tinha do que se passava em volta de mim. Tio Joaquim bem que tentou, mas o reitor não permitiu que eu viajasse naquele estado, o doutor que me assistia alegou o risco, "corre perigo de vida", e por aí fui ficando, férias adentro, preso a uma cama de doente no internato: todos os meninos tinham ido embora, menos eu. Morreria?, pensava entre a lucidez e o delírio, não veria prima Francisquinha outra vez? No começo do ano tio Joaquim reapareceu de visita, o doutor prestou conta dos cuidados que me dispensava, "não senhor, seu Joaquim, deixa o menino por mais uma semanas para se restabelecer bem", e ele se foi novamente. A convalescença adentrou janeiro, melhora arrastada, fraqueza de corpo, derreamento maior de espírito, somente a figura *dela* surgindo no escuro da imaginação um pouco me revigorava. "Preciso ir-me daqui" pensei, três dias faltando para o aniversário da prima. "Vou fugir" decisão tomada no dia seguinte quando o reitor de novo me proibiu viajar: firmando-me nas pernas bambas, experimentei minhas derruídas forças, "eu posso, eu posso…", e na madrugada seguinte, numa das mãos a mala quase vazia — não agüentava carregar mais que duas mudas de roupa e a boneca em papel de seda protegida —, abandonei o colégio, alcancei a estação, meti-me no trem que às cinco saía para Sant'Antônio do Brejo. "Enfim, enfim…" ia pensando, olhos fechados, corpo entorpecido, enquanto o trem me levava ao encontro de prima Francisquinha.

O que se guardava para mim no escrínio do destino, desse reencontro com minha prima, já não a menininha que eu conhecera três anos atrás, mas a moça quase adulta que perfazia seus quinze anos no dia seguinte? Levava eu o propósito de declarar meu amor? Que sim, declarava-o ao lhe entregar a boneca de palha, declarava-o sem palavras, com os olhos, com o artifício de muitos dias

— um seu pedido antigo finalmente atendido —, declarava-o e esperava dela uma promessa…

"O meu amor por prima Francisquinha…" ia pensando enquanto uma charrete de aluguel me conduzia para a fazenda da Garça, que esse meditar se resumia dessa forma, não cabia prosseguimento, palavras outras seriam desnecessárias — qual a valência em dizê-las?

Minha chegada em casa produziu alvoroço, tia Carlota acorreu, aflita, "Ninico, você veio sozinho! Íamos mandar buscá-lo amanhã, menino!… Deus do céu, você está tão sem cores!", Tio Joaquim reprovativo adivinhou, "duvido se não veio sem permissão!", e eu, tentando justificar-me, "não podia perder a festa de prima Francisquinha" e como não a visse em lugar nenhum, perguntei, largando o corpo numa poltrona da sala, "onde ela está?"

Ora, "vocês se desencontraram" disse tia Carlota, "pois ela foi a Sant'Antônio do Brejo dar conta de umas ultimações para amanhã" mas que eu tivesse paciência que ela não tardava, e tio Joaquim, informador, "é verdade, até o Policarpo foi junto, para ajudar" e solícito: "Mas você não vai descansar um pouco, menino? Espia que com a saúde não se brinca!" Fui para meu quarto e deitei, dormi, quando por fim abri os olhos a tarde ia a meio… e me sentia bem, muito bem — não estaria mesmo bom de todo? Ora, pois se não! Os ares da Garça? Que fossem, mas mais seria a proximidade de prima Francisquinha, e foi justo ela quem eu vi ao aparecer na sala: uma moça alta, de pele clara e cabelos dourados que desciam até os quadris, esplendorosa em formosura, sentada na poltrona conversava com tia Carlota. Ouvindo que alguém entrava, olhou: viu-me. Será que eu esperava dela que corresse para mim e me saltasse ao pescoço, que como há três anos me tomasse pela mão e me arrastasse atrás de si para apanhar goiabas e araçás no meio do mato? Pois nada se deu por este caminho: inda que decerto eu não cogitasse muito assim, bem eu queria que dessa forma fosse — mas o caso é que não foi. Não poderia ser. Soubesse eu que assim não seria mais, passava direto por ela e por tia Carlota na mesma hora sem nada dizer, ganhava a varanda, ganhava o terreiro, escapulia para o mundo… Mas os véus se mantinham corridos, o escrínio fechado. Deu-se, pois, que prima Francisquinha apenas sorriu, e eu um pouco intimidado tão só avancei e lhe estiquei uns dedos tíbios.

— Como vai, prima?

— Bem, primo Ninico. Soube que esteve doente.

Dei de ombros:

— Já me sinto melhor. Vim para seu aniversário.

— O primo fez bem. Será uma bela festa.

— Decerto, prima, decerto…

Explicar o desapontamento? Justificar a decepção? Enganar-me a mim mesmo? Diante de mim quem estava era prima Francisquinha?

Talvez não houvesse muito o que dizer nesses recomeços… Eu sentia um embaraço de desapontamento, minha prima talvez estivesse tímida, era preciso

recuperar a intimidade perdida, afinal três anos se haviam passado e nesse tempo ela, como o comum de todas as meninas, se desenvolvera mais, formara-se moça, o pensamento passara por modificações que eu talvez por enquanto não compreendesse …

— Bem — ela disse, levantando-se —, vou aprontar-me pois tenho de voltar a Sant'Antônio do Brejo.

— Outra vez, filha?

— Fiquei de passar em casa de Ester, mamãe. Ainda faltam uns convites a fazer. Enfim… — e sorrindo-me brevemente, saiu da sala.

— Ah, Francisquinha…

— Sim, mamãe?

— Indo, leve o Ninico. Ester sempre pergunta por ele.

— Oh… sim… — minha prima parecia desconcertada. — O Policarpo ficou de levar-me na charrete… mas decerto, saímos em meia hora. Está bem assim, primo Ninico?

— Está… está bem… claro…

Tia Carlota percebia ou não o que se passava, não dava demonstração. Mais certo era que não percebesse — afinal, não estava aquela confusão apenas na minha cabeça, na forma de uma prevenção boba contra Francisquinha? Que culpa tinha ela de já ser uma moça enquanto eu, apesar da idade, permanecia quase menino?

— Tome um café, Ninico, que já são horas — disse tia Carlota —, não se demore, para acompanhar sua prima.

Há três anos também não via Ester, e a menina que eu reencontrava agora aos treze era ainda a garotinha de dez que um dia, sobre repente, sem que eu esperasse apanhou minha mão e disse "você é muito querido, Ninico". Ester me mostrou a boneca que eu havia feito, enfeitava sua mesinha de cabeceira; perguntou se eu não fizera um par para ela, e pareceu decepcionada quando eu lhe respondi que me faltara tempo; quis saber se eu havia recebido suas cartas, senti grande encabulamento de confirmar pois ela estaria inquirindo em silêncio pelas respostas que deixei de dar, mas não menti, e seus olhos grandes tudo me disseram. Ester era uma menina cheia das tristezas d'alma.

Já passava das oito horas quando prima Francisquinha de volta de suas andanças, a charrete conduzida pelo caburé, parou defronte à casa de Ester.

— Tanto que organizar para uma festa — disse, enquanto se despedia de Ester —, tantos convites a entregar, duvido que eu agüentava fazer quinze anos outra vez! Amanhã, Ester, não me vá faltar, hein?

E no caminho de casa, minha prima curvou-se para mim, mussitou no meu ouvido:

— Primo Ninico, ao chegarmos evite comentar que eu não estive todo o tempo em casa de Ester. Estive sempre ocupada com coisas da festa, mas mamãe é cheia de cismas, e papai ainda mais.

Naquela noite não lhe mostrei a boneca que fizera. Ainda carregava preocupação e peso no peito, pois o tratamento de minha prima comigo persistia o mesmo: uma intimidade fria de parentes distantes, muito diverso daquele que tivéramos três anos atrás, eu e ela ainda crianças. Não seria cisma descabida? E de novo rebuscava umas justificações que me calmassem o coração: que minha prima crescera, que três anos estivéramos arredados um do outro, que não havia como de uma hora para outra re-ser da mesma forma que no de antes. Porém, por dentro, fundo, dos esconsos sobrelevava uma voz na forma de rebelde pressentimento que, mesmo de propósito esquecido, se relembrava a força: que alguma coisa estava não só por demais demudada, como também por definitivo.

Seria?

Pelo sim, pelo não, deixei a boneca no fundo da mala, embrulhada em seu papel de seda, e esperei pelo outro dia.

Durante a manhã prima Francisquinha mal me viu, também eu mal lhe pus as vistas em cima, que não parava um só instante nos preparativos últimos. Os convidados principiariam chegar no final da tarde, à noite haveria um jantar, depois um baile — o salão principal da Garça fora desocupado dos móveis, os lustres rebrilhavam, do assoalho lustrado se retirara o tapete. Algumas cadeiras haviam permanecido, num canto pusera-se um estrado de certa altura para que o sanfoneiro se mostrasse em destaque — inda que em certas casas se preferisse o piano como instrumento de maior prosápia, tio Joaquim era mais pelo costume antigo, tia Carlota não se opunha e prima Francisquinha concordava, afirmando que seria até mais pitoresco.

Passado o almoço convidei minha prima para um passeio, enquanto não dava a hora. Caminhamos, erramos por umas trilhas, visitamos a mina, fomos e voltamos quase em permanente silêncio: o assunto não brotava, semente sem germinação, no despontar de renovo logo falecia, emurchecia sem prosseguimento.

— Quem diria — eu disse duma feita —, eu que pensava que veria a prima logo no ano seguinte… e só três anos depois…

Francisquinha não se perturbou. Por suas feições vi que aquilo não se lhe pesava, importância quase nenhuma atribuía ao fato.

— Coisas que acontecem — ela disse em seguida —, é o futuro, nunca se sabe dele.

E para disfarçar meu desaponto levantei o rosto, fingi prestar atenção no canto de um páss'ro.

— Creio que a prima não recebeu umas cartas que lhe escrevi — outra hora eu disse.

— Ah, as cartas — ela fez, como quem memoria trivial assunto —, recebi sim, duas ou três…

— Cinco ao todo — corrigi.

— Ou isso. Foi durante um período muito intenso de provas… Primo Ninico releve se não respondi, andava atarefada.

— Ah…

Desisti de provocar assunto no que relembrei o costume antigo:

— Ontem estive remexendo numas coisas minhas que ficaram… acabei encontrando o caixote onde guardava as bonequinhas de palha que fazia.

Francisquinha pareceu não ter escutado, mas depois de um intervalo disse:

— Ah, sim… Oh, mas tia Carlota não deitou fora?… É que essas coisas costumam ser esconderijo de insetos.

Ao reentrar em casa havia desistido também de mostrar-lhe a boneca que lhe havia feito de presente. Procedia por fim a certeza de que minha prima estava definitivamente perdida para mim — e para sofrear na garganta o choro insurgente sentei na cama apertando o rosto com força entre as mãos, mas assim mesmo as lágrimas correram com abundância, morna erupção, salgada cascata, por minha cara abaixo.

Podia eu, porém, imaginar até que ponto estaria Francisquinha de fato perdida?

Os convidados principiaram a chegar no começo da tarde, uns, outros esperaram maior avanço das horas, noitinha feita ainda chegava gente: a Garça se iluminou feito uma talhada de aurora, lâmpadas se espalharam na varanda, embaixo do caramanchão, no terreiro, toda a frente da casa rebrilhava, o povaréu transitava em animação, riam-se os homens conversando de sua lida, as senhoras se admiravam da arrumação da festa, falavam de receitas, punham ordem nos pequenos que produziam barulho. Mas os adolescentes, fazendo-se adultos, comediam-se, portavam-se bem.

Todos esperavam para ver Francisquinha, que no quarto se demorava; cedo recebera, em traje cotidiano, os convidados, mas depois se recolhera, de propósito — há que se diga — tardava em se arrumar, queria decerto causar exclamação, maravilhar os outros, e eu, já resolvido a me manter arredado, não esperava menos o vê-la em sua roupa de gala, que, embora minha prima desgosto por demais vinha me dando, não seria do pé para a mão que deixaria de gostar dela, pois mesmo sabendo-a perdida gostava ainda, até mais do que antes, até mais do que devia, e portanto mais que todos esperava sua aparição.

O jantar seria servido às oito e meia. Somente quinze minutos antes da primeira mesa Francisquinha emergiu do quarto na companhia de umas meninas mais chegadas, só as que tiveram licença de estar enquanto ela se vestia, fez sua entrada na sala onde as donas todas se reuniam com tia Carlota em proseado feminino, parou na porta esperando que a percebessem. Que sei da reação dos outros, eu, que a vi primeiro, que antes de todos me deixei dominar por sua formosura? Que houve um alarido, umas donas se levantaram com exclamações, outras sorriam e pediam que ela avançasse para melhor a verem, tia Carlota conteve-se, toda orgulho, mas eu — eu, que da varanda podia contemplá-la de longe sem ser notado, mais que todos a admirei devotamente: Francisquinha usava um vestido de seda de um azul profundo, tipo balão, com corpete preto, um decote discreto mas que em parte lhe deixava nus os ombros, e mangas fofas

de lacinho; no peito, um pequeno broche dourado no formato de uma flor com pétalas douradas e o vermelho dum grande rubi por miolo, e calçava sapatinhos pretos de verniz; esse vestuário singelo condizia com sua figuração sem lhe obscurecer o donaire, e do conjunto sobressaíam os cabelos loiros que se derramavam nas costas e no peito, nos quais rebrilhava uma pequena e delicada pregadeira de ouro, presente de tio Joaquim. Eu, que permaneci na varanda, em local esguelho para não ser descoberto, cheguei a esperar que ela procurasse por mim, indagasse "cadê o primo Ninico?", mas não se deu: continuou na sala recebendo cumprimentos, trocando beijinhos, toda trejeitos e sorrisos, até que a dona gorda que lidava na cozinha, surgindo, fez sinal a tia Carlota — o jantar estava servido. Iria eu sentar-me à mesa? Que não, era decisão tomada, caminhei para fora na esperança de escapar, mas tia Carlota me adivinhou:

— Ninico — ela disse, chegando à porta —, está na hora.

Inda pensei em recusar, alegar uma indisposição, enjôo ou dor de cabeça, mas o sorriso de tia Carlota não me permitia uma desfeita — retornei, entrei na sala, na retaguarda dos demais segui, à mesa ocupei um lugar distante de Francisquinha, que parecia não dar por minha presença.

Comi pouco, rápido, pedi licença e me subtraí. Deveras arrependia-me de ter vindo para aquela festa, e fui esconder-me embaixo do caramanchão.

As horas foram avançando.

No salão ensaiavam-se uns acordes, um acordeonista famoso provindo de Sant'Antônio do Brejo esquentava os dedos, mas tio Joaquim alvitrara também alargar o espaço dos divertimentos, "mais certo que a garotada há de preferir o terreiro" dizia ele providenciando cedo iluminação farta para o gramado e o jardim — no que acertava, pois enquanto os mais velhos arrastavam pé no salão, os pequenos e os maiores preferiam estar no sereno, em brincadeiras diversas — jogo de anel, berlinda, outros tais, de que não participava, eu, recolhido em minha furna invisível.

Prima Francisquinha reinava, toda parte percorria falando com cada um, como se deve na qualidade de pessoa principal, e quando saiu para o terreiro foi de imediato cercada: que ficasse ali, reclamavam meninos e meninas, que tomasse parte nos jogos, e aplaudiram no que ela consentiu, "fico sim" exclamou, "não posso demorar-me muito, mas fico um pouco sim" e ria-se com leveza e desenvoltura.

Eu, debaixo do caramanchão, permaneci apartado, o atrevimento de me oferecer, entrar na brincadeira, era coisa que não cogitava.

Certa hora pressenti uma presença e me virei: Ester viera sentar-se ao meu lado.

— Não vai brincar com os outros, Ninico? — perguntou.

— Não me sinto disposto. E você?

— Prefiro estar quieta.

Ester — menina das tristuras não reveladas. Escutando sua voz, eu me perguntava por que havia uma prima Francisquinha por quem minha querença

obstava-me a sinceridade dum amor verdadeiro. Seria possível ainda gostar de Ester no seu inteiro merecimento? Se fosse, que outra maior alegria cabia-me esperar?

E todo eu queria que ela pegasse minha mão, como umas vezes noutros tempos fizera.

— Eu também, às vezes… — disse, concordativo.

Mas Ester não pegou minha mão — apenas esteve ao meu lado, sentada, ambos olhávamos a moçada divertir-se no largo terreiro iluminado.

— Você gosta muito dela, não é Ninico? — Ester perguntou não sei depois de quanto tempo.

— De quem você está falando? — perguntei, fazendo-me desentendido.

— Ora, de quem havia de ser! De sua prima.

— Não devia gostar? — retruquei. — É minha prima…

— Não será desse jeito de gostar que eu falo.

Estive-me. Ela: o que pretendia?

— Não há outra mesmo — ela disse passado um instante —, é a mais linda.

E, baixando a voz:

— Você vai ter muito desgosto, Ninico.

Pesou-me no ser essa frase, o tom de sua voz — prenúncio? Virei-me para Ester que me encarava de seu jeito, prolongamento de olhar, profundeza — e senti frio.

— Por que você diz isso, Ester?

Ela só avançou para mim, passou o braço por meu pescoço e beijou-me o rosto, depois levantou-se e entrou. Eu continuei onde estava: pensava e repensava nas palavras de Ester. Presságio?, indagava comigo mesmo. Ela queria dizer alguma coisa do que soubesse… mas saberia o quê? e me confundia. Quanto tempo estive assim, desencontrado, sem dar pelo que em derredor se passava?

Foi quando, súbito, ressurgi de mim: no terreiro prosseguia a animação, uns se alvoroçavam em protestos porque alguém teria roubado na brincadeira, as vozes se elevavam, formava-se uma roda, alguém fazia gestos pedindo para falar, e nisto prima Francisquinha, de sorrate, aproveitava-se para se safar para os fundos da casa. Quem por si teria percebido a atitude de prima Francisquinha? Que muitos a mantinham sob as vistas, no deslumbre de sua figura, era certo — mas que ninguém a vigiava do mesmo modo que eu seria mais que exato, tanto que a maneira como ela foi, pouco a pouco, abandonando a zona de luz rumo à escuridão não me passou despercebida, e se bem que não fosse de cavalheiro, tão estranho me parecia esse proceder que resolvi apurar a que se devia. Para não ser notado entrei em casa, passei por perto do salão onde os mais velhos dançavam, meti-me pelo corredor rumo à cozinha e saí para o terreiro de trás — em tempo de ver o vulto de minha prima afastar-ser rapidamente pelo caminho que ia dar no paiol.

Explicava-se o desinteresse de Francisquinha por mim?

Enfim, enquanto eu era ainda conservava o jeito de menino, ela havia-se tornado adulta: ter-me-ia atenção outra que não fosse a de mero parente? Essa escapada em plena festa, dizia comigo mesmo no que a via afastar-se em direção do paiol, não teria outro fim que não se encontrar com um namorado secreto, decerto um não do gosto de tio Joaquim e tia Carlota.

"Mas… quem?"

Cabia que eu me metesse a saber de quem se tratava? Era certo, era errado o que ela fazia, buscando o escuro da noite para se furtar daquela forma? Que tinha eu a ver com as atitudes de minha prima? Nisto não pensei, que o coração possui suas razões, e as diversas bem lhe parecem, pelo menos convenientes: conveniência é satisfazer-se, e o meu só se daria por satisfeito se fosse naquilo até o fim.

Donde que, na ponta dos pés, segui o mesmo caminho que ela.

Do princípio da ladeira enxerguei o paiol, no breu que fazia divulguei uma fresta de luz, fui me chegando com cautela, numa frincha de tábua apliquei o olho. Antes, porém, não o fizesse, mil vezes tivesse eu cegado naquele então, no que somente perderia a luz dos olhos, mas não passaria o resto de minha vida na treva de que ainda hoje desconheço saída e fuga!

Prima Francisquinha estava na luz, uma lamparina de escasso brilho sobre um prateleiro na parede — e se recostava numa mesinha que havia ali. Olhava numa direção, sorria falando com alguém que estava na sombra e que eu não conseguia discernir.

Esse que estava na sombra respondia, muito baixo falava, voz de mim estranha, palavras que não percebi. Então Francisquinha soltou uma risadinha curta e, cheia de dengos, disse, em tom mais elevado:

— Não, pára com isso, vem… anda, vem!…

E o que estava na sombra avançou, saiu para a luz, e de fora eu me senti gelar por dentro: Policarpo — ele, o caburé, e não outro, quem ela fora encontrar.

Posso falar do que aconteceu em seguimento sem medo de ser desacreditado? Não devo, porém, se cheguei até este ponto, disfarçar a medonha verdade: que prima Francisquinha lhe deu então as costas e se debruçou sobre a mesa, recaindo para frente a basta cabeleira loira; o caburé se chegou, levantou-lhe o vestido de seda, repuxando-o até em cima, à mostra as nádegas alvas e nuas de minha prima. Daí abaixou as calças e puxou para fora suas vergonhas… e se debruçou sobre o corpo que todo se lhe oferecia.

Eu teria forças para continuar olhando aquilo? Contudo fiquei ali, se não olhando pelo menos escutando o que se passava dentro do paiol: os gemidos de minha prima, seus protestos dengosos para que o caburé não parasse, suas risadas roucas, e de novo seus gemidos, seus infindáveis gemidos…

Por fim: quietação lá dentro.

— Já demorei demais — ela disse. — Tenho de ir, que podem dar por minha falta.

O outro não respondeu.

— Amanhã — ela disse ainda —, nesta mesma hora. Espere-me aqui.

A porta se abriu, eu me encolhi mais para o canto para não ser visto, Francisquinha saiu correndo de volta para casa. À porta do paiol apareceu o vulto de Policarpo, que se demorou um pouco como que espiando a noite. Depois olhou na direção onde eu estava: teria dado comigo ali? Certeza não garanto, mas uma quase claridade passou por seu rosto e tive para mim que ele se ria, trocista — ou seria apenas cisma, cria de meu aturdimento? Mas não tardou — e ajeitando as calças na cintura entrou.

Derruído por dentro me soergui, cambaleei uns passos, me firmei: um vento fresco calmava o calor da noite. De arredado provinha a festiva alegria, mas no em mim, por dentro, era-me um velório, e o morto eu, sem quem o velasse. Daí por diante não cabia mais nenhuma espera, a não ser a ocasião de me recolher à poeira — quando prouvesse a Deus, sobre o quê não me cabia decidir. Como, porém, seguidamente proceder, eu de momento com acerto excogitava: persistir na Garça, outra vez encarar prima Francisquinha, tomar de novo a bença a tio Joaquim e tia Carlota (estes embora inocentes daquela vergonha) — de que maneira? Restava-me por conseguinte ir embora tão logo: com o arruído do festejo ninguém de pronto daria por minha falta, e no que eu ganhasse a noite me sovertia de vez: vasto é o mundo.

Em antes de partir, rabisquei abreviado bilhete:

> *Meus tios:*
>
> *Perdoem a mágoa que lhes faço sofrer, mas resolvi ir embora. Inda que tivesse como obrigação, não acerto jeito de explicar por que decidi assim tão de repente, só posso garantir que de outra maneira não pode ser.*
>
> *Muito os estimo. Sua bênção,*
>
> *Ninico.*

Sim, que não acertava mesmo jeito de resumir num bilhete ou numa carta inda que dilatada a razão de minha partida. Porém, largar assim para trás um mistério… eu podia? Ou a coisa se esclarecia, refleti mirando o papel destacado na colcha de retalhos de minha cama, ou o mistério se acrescentava, ampliado: então abri a mala e recolhi a boneca de palha que imitava as feições de minha prima, desembrulhei-a de seu papel de seda; dum corte que adrede fiz no dedo pinguei nela diversas várias gotas de sangue, no bilhete acrescentei uma frase mais (*"Talvez prima Francisquinha saiba por que estou-me indo. Perguntem a ela, que talvez tenha o que lhes relatar."*) e deixando tudo em cima da cama, pulei pela janela: inda reluziam no escurão do céu todas as estrelas da noite.

Sim, o mundo parecia vasto diante de mim — tão vasto que até o dia de hoje estou andando nele, labutando, vivendo, e ainda não conheci seu fim.

Terá fim?

Já não há o que contar — uns acabamentos se requerem, talvez, por não deixar as coisas pendentes, explicações cabíveis, necessárias, como se segue.

Uns tempos depois de deixar Sant'Antônio do Brejo para sempre relembrei que tinha uma dívida com certa pessoa: e fiz um bonequinho de palha — o último, pois do que não mais me ocuparia, mister de amarga recordação — com feições de menino, acaso semelhava comigo, sim, tinha lá sua parecença (inda que eu já não fosse um menino — envelhecera antes de completar dezesseis anos); botei o boneco numa caixinha de papelão e sobrescritei a Ester, de quem nunca mais colhi qualquer notícia. Relembro vez por outra seus olhos grandes, seus olhos tristes, e me ferroa a certeza de que ela tinha ciência de tudo — pelo menos do quanto uma garota de treze anos podia desconfiar e saber na sua idade —, pois à toa não me falaria do jeito que falou naquela noite, "você vai ter muito desgosto, Ninico". Sim, Ester sabia, sabendo também do meu amor por minha prima, e tinha pena.

Da mesma forma, nunca mais ouvi falar na fazenda da Garça e em seus moradores. Tio Joaquim e tia Carlota se converteram em desbotados vultos, mas prima Francisquinha sói reaparecer em minha memória na forma de uma visagem sem rosto — só o que dela restou: não que eu tenha me esquecido de suas feições, mas de que maneira sua cabeça de anjo poderia, na dor do relembrar, manter acordo com o corpo maculado? Donde que também não casei — do horror presenciado no paiol restou-me essa distância incurável da outra costela, e mulher não conheci, não quis, nem mesmo com essas de esquina e bordel jamais me deitei.

Um homem de muita ruindade

Os causos que correm pelo sertão referindo malefícios obrados por criatura humana, sempre algum costuma chamar atenção mais que todos. Que o mundo é assim: homem de coração torcido existe por demais, e, não fosse havença de caridade n'alma de uns, decerto que o mundo desandava, que já meio desandado está e tenho por mim que não se agüenta por mais, não vá a coitada da gente se apegar com santo de devoção, fazer o pelo-sinal, beijar o crucifixo com fé, enfim, porfiar nessas lidas de capela e rosário, conforme ensina o reverendo em sermão bem pregado. E o certo é por aí: se agarre o crente com Nos'Senhor J'sus Cristo, que o canhoto arrodeia, verte inté enxofre pelo chifre mode desviar do bom caminho quem por ele vai mas se descuida.

Lembrança eu tenho de ouvir contar, que presenciar não sucedeu, razão de nesse tempo eu nem existir ainda — pois pai contava histórias, já velho, homem sisudo, de pouco mostrar os dentes em riso à toa mas de pregar exemplo, explicar moral e conduta no conforme às leis de Deus, que no céu olhe por nós. Pai contava, tinha boa memória e conforme seus relatos devia de ter presenciado qualquer coisa, inda que não tudo que não calhava, e o que não viu colheu a quem de boa informação, sabença segura e palavra certa — que uma coisa pai nos dava por lição, e se ensinava era porque também seguia, não sendo desses que aconselham de um jeito e procedem de outro; pois ele ministrava: o homem de respeito deve ser de fala curta e siso no escutar, não vá botar crença em tudo que corre, e no repetir o que ouviu só quando couber certeza, do contrário se cale.

Era por esse proceder o velho, viveu bem, seus quase noventa anos, chegou a ter posses, alguma coisa que deixou à filharada, morreu a prumo, sem fraquejar. Respeitado por todos, no comum o povo ia de visita menos para vê-lo, mais para colher aconselhamento no aventurar uma lavoura, tratar um gado, comprar ou vender qualquer patrimônio — pai, de prática avultada, tudo explicava com ilustração, e no caso de não saber conselho a consulta feita, era franco: não se arriscava a dizer o errado pelo certo mode a pessoa não deixar o certo pelo errado e seguir caminho diverso do que deveria.

Por isso posso afiançar que o relato que ora principio raspa pela verdade, o que aconteceu, aconteceu, e vai dito — e ponham tento que não sou de repetir.

Foi num lugar por nome Taquara, em tempo de povaréu se acercar por necessidade de graça e palavras de ilustração pra mode bem viver, que ocorre na existência da gente estado de aperto em que ou se carece de uma benção do céu ou de regra bem passada, pois se não se desacorçoa. É que naquele tempo Deus calhou de botar os olhos em Taquara: deu-se o surgimento de uma agraciada, uma menina santa que principiou pelo dez anos a obrar maravilhas nunca vistas. Diz-que primeiro de tudo acertou uma predição sobre um idoso que por lá havia, não estou bem certo o que foi mas diz-que falou e acertou, e se bem que dessa primeira vez quas'que ninguém prestou atenção no sucesso, o causo se repetiu, e a primeira cura deu-se uns dias mais por diante, no que botando a mão numa dona que sofria padecimento dos rins, deixou a dita boazinha na hora. Calhava a santinha ser sobrinha do vigário, que se alarmou com o sucedido e, carregando-a para casa, mandou chamar a mãe e os três, de portas fechadas, conversaram em voz baixa por muito tempo. Tinha o vigário suas razões, um causo assim era de causar muito espanto e, se bem que pelo certo não se fosse alegar uma interferência do demo mode confundir os fiéis, nunca era demais excogitar o prodígio, esclarecer a questão, procurar saber. Mas a menina, diz-que muito sossegadinha, não se deu com o espanto do vigário seu tio nem com a aflição da mãe, e parece inté que chegou a dizer: "Não é de mim, é de Deus, é do Pai do Alto, eu não sei fazer nada, Ele é quem sabe".

A partir de então, intermediando O lá de cima, a agraciada prosseguiu no seu ministério de curar, a notícia se espalhou, Taquara se encheu de gente que para lá se abalava em romaria carregando aleijões, dores e padeceres na esperança de um alívio. Muita gente aportando no vilarejo, o que fora pouco mais que um arruado não tardou converter-se em cidadezinha despontando promessa de progresso, pois com as caravanas se aprochegavam também os negociantes trazendo novidades, quinquilharias muitas: panos, vasilhames, ferramentas, comida e inté uns vidros rebrilhosos na configuração de colar, broche, anel de encher os olhos da moçada em tempo de namoro; abria-se aqui uma portinha servindo um caldo, ali uma outra apresentando retalhos vistosos, l'adiente uma terceira provendo carteado, ponto-maior, cachaça, fora as barracas de múltiplas utilidades, inclusive de dormida mode o cristão — mas só os mais providos de bolso — passar melhor a noite, ou as noites, enquanto esperava sua vez de ser abençoado.

O certo foi que em pouco tempo Taquara fervilhava!

Deu-se que, certo dia, surgiu em Taquara um homem. Não que tenha ido procurar a santinha pois não carregava muleta nem aleijão, ou por outra, não sofria de enfermidade a não ser alguma muito escondida, difícil de se avistar assim de improviso. Consta — mas disso não cabe certeza, pois nos primeiros dias que lá esteve, visto por todos não foi percebido por ninguém, o que vale dizer esteve no meio do povo mas não chamou a atenção —, portanto consta apenas que andou por ali sem se entreter com quem quer que seja, entrou na fila uma vez para consulta com a menina e, tendo-se entrevistado com ela, saiu,

arredou-se do arraial, afundou mato adentro e, num esconso qualquer sem dono, armou cabana de barro e taboca, limpou um trecho de terra e plantou lá seus pezinhos de aipim, milho, feijão preto.

Nos meses seguintes foi visto raro em raro no arraial, adonde comparecia mode comprar uma carne-seca, uma garrafa de pinga, miudezas pra dentro de casa, pr'adonde se arretirava tão logo cumpria seus quefazeres: homem de pouca prosa, não praticava com a gente do lugar nem com visitante qualquer dos muitos que por ali sobravam nesse tempo.

Não terá sido decerto seu ar sisudo que começou a alertar um e outro sobre o estranho, de quem no princípio não se soube nome nem alcunha, logo se tornando conhecido por "sujeito", de modo que quando queriam se referir a ele diziam "o sujeito" feito quem diz "aquele tipo", em voz baixa como se fosse proibido ou perigoso tocar no assunto; não foi, como dizia, a sisudeza do sujeito que principiou a alertar o povo contra ele, mas sua fachada — que o estranho, se não era possuidor de boa prosa, carecia muito mais de agradáveis feições, tanto que um qualquer espiando para aquela cara era certo sentir um arrupio na espinha e não duvidar de que ali estava um homem de ruindade sem igual.

Apois, como é que pode a aparência de uma pessoa dizer o que ela é? Indagação dessas pode requerer cabimento, pois no comum o povo sempre teve por mania olhar a cara e dizer da alma (coisa muito do desagrado de pai, que ensinou a nós filharada pelo ditado que diz "as aparências enganam" ou, por outra, "quem vê cara não vê coração", no conforme, pois "quem não presta não traz letreiro na testa" — costume de pai utilizar anexins variados para ilustrar lição). Assim, pois, se a cara é boa, o coração também, mas do contrário, foge que é o diabo que ali está — e nem o engano que nisso não raro se depara desfaz o mau costume, coisa natural, o ser humano é assim, inda que no seu íntimo seja capaz de pensar de modo diverso: ocorre que entre o que se pensa cá por dentro e a fala geral, vence esta no mais das vezes, que melhor se escuta pois provém da boca alheia, em espalhação de conversa: cada um fala, todos não custam a ser do mesmo pensar, e por aí vai.

E por aí foi que o sujeito passou por pessoa que não se devia acolher, a gente do arraial condenando o estranho por seu aspecto diferente: atarracado, de andar lerdo, pisar duro, sem molejo, as pernas meio afastadas; tinha lá umas mãos enormes, com força suficiente para esganar um infeliz num vai-que-vem, e braços curtos na parecença de uns tocos; o cabelo era rente, grudado no coco da cabeça, e a cara larga e chata espantava: os olhos miúdos desapareciam numas riscas assim estreitinhas, e a assombrosa queixada, no falar — quando calhava falar —, movia-se dando saída a uma voz arrastada e a visão duns dentes encavalados uns por cima dos outros (inda que podres não se viam nenhuns) cujo rir não era costume; se tinha naquela cabeça o que fosse do tamanho certo eram as orelhas, mas numa delas faltava pedaço quase metade, a modo de ter sido cortada por golpe de faca, decerto em confronto de morte — notando o quê,

cada qual aventou uma história para essa falta, concordando todos num ponto: que o autor de tal golpe já não permanecia por cá, senão na outra banda: vai se deduzir que quem produz um abuso desses continua vivo? "Quem sabe carrega mesmo crime de morte nas costas" alguém reforçou, seguido no mesmo entender pelos demais, "é inté capaz que veio pra cá foragido, buscar homizio". "E bem fez ele em se enfurnar distante das boas famílias de Taquara" disse outro, surgindo do falatório geral um alvitre logo tido por todos como certo: enquanto ele por lá ficasse, só aparecendo mode adquirir seu de comer e outras miudarias, deixasse estar, não era preciso cuidado — porém, atenção quando o homem começasse a se mostrar mais entrão, principiasse por procurar a um e a outro, ou mesmo aparecesse com pretexto bobo numa qualquer casa do arraial! Alguém lembrou que o sujeito decerto não mudaria seu modo de ser: como parecia fora de dúvida que ele carregava sangue nas mãos, lá pelo seu recanto continuaria para não dar nas vistas. Houve concordância: decerto seria de seu interesse pouco se mostrar, mas pelo sim, pelo não, que se tivesse cuidado, pois ninguém estava livre de sofrer um atentado qualquer, no caso de — Deus o livre e guarde — contrariar o sujeito.

Despois de um certo tempo soube-se que o sujeito tinha apelido, Divo, mal entreouvido porém num rosnado quando o Jão da Bodega quis conhecer (indagando com alegre sorriso e todo bons-modos "a graça de vossa senhoria"); o nome de batismo nunca foi referido — pai garante que ninguém nunca soube, a não ser uma certa pessoa, como veremos no correr do relato, mas essa — se havia segredo a manter — manteve-o bem guardado, e se era verdade — como se cochichou entre uns e outros — que o cujo tinha lá suas partes com o malino, talvez nem o de batismo possuísse, a não ser o de encruzilhada, que mãe bruxa concedeu em obediência ao demo pelas horas mortas em ritual profano: tudo era possível, reforçavam os mais crédulos, inda que esta última notícia não encontrasse em todos plena concordância por parecer exageração: quem sabia de um causo assim, mãe que entrega o filho recém-nado ao demo em cerimônia de bruxaria? No porém, lá uns replicavam, que isso se dava sim, inté já tinham escutado falar de coisa parecida há que anos, "ind'eu andava de calça curta, escutava negra velha relatar histórias similares no recanto do borralho, mexendo caçarola de angu com torresmos"…

Mas se por um lado a gente de Taquara cogitava sobre a fereza do Divo, por outro se sentia reconfortada em seus pavores porque aquele lugar fora visitado pelo Onipotente, senhor de todas as coisas, apois, não vivia ali a santinha que trazia bençãos aos moradores e aos de fora, que vinham em levas buscar palavra de conforto e cura?

Tinha inté uma moda, tirada por um cantador — um certo Lucas Modinheiro — que se arranchara no arraial desde o princípio da graça, o qual artificiou versos bem rimados mode louvar a santinha e arredar o inimigo — inda tenho de memória esses versos, se não todos pelo menos uns que outros, que

pai não esquecia, inda que não soubesse cantar, falava com boa voz mode produzir deleite na gente; dizia assim a cantiga:

Na cidade de Taquara
A graça de Deus caiu,
Surgiu a menina santa
E o diabo fugiu;
Com ele toda maldade
Se afastou da cidade,
Do nosso meio sumiiiu…

E lá o dito puxava, delongando esse *i* comprido e riscando um acorde forte na viola em modo de arremate, no que a gente em roda batia palmas a valer.

Pai chegou a conhecer esse um, homem ainda novo, de viola sempre na mão e muito imaginativo, que obrava cantoria em troca de tostão atirado na cuia pra animar os dias compridos de espera que os visitantes tinham pela frente inté entrevistar-se com a agraciada.

A louvação da menina variava, cada dia uma cantiga nova — como é que pode uma cabeça engendrar tanta inventação de verso? Tinha uma que dizia dessa forma:

O povo vem se chegando
Com sua chaga e mazela,
Uma perna arrastando,
Quebradura de espinhela;
Mas chega a menina santa,
Sara a dor que era tanta
Pra não se sofrer mais dela…

E na cuia de folha repenicava a prata, que ia pingando no misturar das palmas com a grita da assistência.

Mas o zunzum do pessoal sobre o desconhecido de má catadura que surgiu, zanzou por ali e se internou no mato adonde ergueu palhoça e se estabeleceu, não foi esquecido pelo violeiro, que nos intervalos prestava atenção na fala geral, decerto pra ter assunto de moda e cantoria mais de acordo com o gosto de cada um. Lá um dia, no formar a roda em torno da cuia e afinar as cordas do instrumento, se saiu com essa cantiga que produziu muita satisfação, por ser do agrado de todos:

Na terra de nosso Pai
Não tem lugar pro tinhoso,
Mal ele chega se vai
Porque Deus é valoroso,
Não desampara a gente,

Expulsa o mal de repente
E resta vitorioso!

Por isso tu que me escuta
Bote tento no que digo:
Quando chegar a labuta
Não se assuste co'inimigo,
Co'a Santa do nosso lado
O povo'stá bem guardado
No mais seguro abrigo!

E assim por diante, homem de muito engenho tanto no tocar a viola quanto no versejar, pai garantia: cantador bom aquele Lucas, não se calhou escutar outro igual.

Mas há certas coisas que o vulgo não entende quando acontece, fica desacorçoado, pois não cabe explicação nenhuma, a não ser que nos propósitos de Deus o homem não penetra por não bastar o conhecimento que tem, que tudo o homem pode inventar e descobrir — e da vivência que tenho, pois já estou velho, me parece que o homem sabe por demais nos seus descobrimentos e invenções, coisas de muita maravilha para nós outros que carecemos de mais leitura, e que, não fosse enxergarmos com nossos olhos, era capaz de nem acreditarmos muito, restar dúvida —; apois, de tudo o homem pode saber, menos das intenções dAquele lá de cima, O que tudo vê e conhece, e é por isso que certas coisas quando se assucedem produzem susto, incompreensão, porquês, e inté alguém lá se sai com palavreado feio, de nenhuma fé nem temor, que eu aqui — t'esconjuro — nem intento repetir.

Pois o que se deu foi coisa de gerar no seio do povo crente susto e pavor, pasmo e aturdimento — e aquela pergunta terrível mal murmurada pra dentro no tremor dos beiços: cadê o Pai, O lá de cima? Será que estamos entre as unhas do pé-cascudo?

Não ponho reparo em que diante de um assombramento muito avultado o povo de menos siso, talvez de pouco saber, se ponha a murmurar e inté se saia com blasfemação pesada; mesmo eu, que já tenho vivido (com a graça do céu), não atino com muito sucedimento que já testemunhei, e se não falo bobagem é porque com a brancura do cabelo que atesta os anos 'panhei de experiência que Deus não abandona seu povo — o que acontece é que as provações têm de acontecer pra mode o homem, como se diz, crescer por dentro, na alma, no espírito; e se não conseguimos entender aquilo que vemos, é porque Ele não quer que se entenda — por ser mistério, lei esconsa, coisa muito alta para o nosso juízo. Por esse proceder me guio, peço compreensão a Deus e faço o pelo sinal, que se me for permitido serei aclarado.

Mas que acontecimento foi esse? Já se segue, sempre de acordo com o relato de pai, já idoso e muito verdadeiro.

Deu-se que o tal estranho — o Divo —, em antes de correr sobre sua pessoa tudo que correu, teve uma entrevista com a santinha de Taquara, demorando-se pouco na barraca, e no que se arretirou pro meio do mato, adonde ergueu sua toca, não retornou ao arraial a não ser pra mode fazer suas compras, como já foi dito, coisa miúda que ele levava às costas num saco. Afora o que se murmurava sobre sua pessoa, nenhum motivo deu de alarme, a não ser pela imaginação do povo que é capaz de ver fumaça adonde não tem fogo. Se o estranho era do mal ou do bem, no certo ninguém sabia: aventava-se isso e aquilo, mas tudo não passava de floreios da cabeça de cada um. Um dia, porém, já transcorrido quase ano de sua chegada ao povoado, o Divo apareceu de manhãzinha em Taquara: não levava o saco de carregar compra, não entrou em armazém ou bodega, senão que tomou um lugar na fila pra mode se entrevistar com a santinha — o que chamou atenção, correndo de boca em boca e num improviso a novidade, de forma que não tardou a ressoarem na outra rua a viola e os versos do cantador que desde cedo formara roda com a cuia ao pé:

> Não se espante minha gente
> Com o encontro que se dá
> Entre a bondade do santo
> E a maldade do diá,
> Que o tinhoso Deus soltou
> Entre o povo sofredor
> Pra fé do crente provar.

E na fila permaneceu o Divo todo aquele dia sem trocar palavra com quem fosse, a não ser uma ou outra miudeza, resposta a uma pergunta, um bom-dia, uma boa-tarde, sem prosseguir na conversa, de forma que quem a ele se achegava, por falta de proseio não permanecia, inda que não só por isso mas porque aquela catadura não sustinha prazer em tal companhia. Falar com a santinha não era coisa do pé pra mão em vista do povaréu que dia a dia dava entrada no arraial, de modo que tinha ocasião de um desinfeliz, achacado de moléstias, permanecer à espera dois, três dias, não fosse a caridade de um menos necessitado ceder lugar. Assim, o Divo ali esteve contados três dias, no arrastar demoroso da fila. Consta, se bem que pai não garantisse esse ponto, que o homem ali esteve aqueles dias quase que sem comer: era como se nada estivesse acontecendo, como se nada o afetasse, nem o calorão do sol, nem a sede, nem a fome; calhou, decerto, de ter ido procurar uma caneca dágua na bodega, ou de encomendar uma lasca de pão, um calhau de queijo, mas só; no mais, permaneceu à espera, quieto, só se arredando donde estava por força de uma necessidade do corpo ou quando a fila avançava um pouco para frente.

Inté que chegou sua vez.

E o povo de Taquara, espiando de longe na comentação cochichada, viu quando ele entrou na barraca, lá esteve por um tempo nem muito curto nem demorado, saiu e se afastou pra fora do arraial, de volta ao mato, à toca.

Pai era muito chegado ao vigário, por isso teve sabença do causo. Contou que naquele dia, tendo terminado os atendimentos, e depois da janta, o vigário procurou a sobrinha em seu quarto; que a menina compreendesse a falação da gente do lugar, nem todo mundo possuía a largueza de vista que ela, agraciada com dom tão do alto, possuía, por isso pedia-lhe relevar que ele insistisse em falar daquilo…

— Inda que o senhor não falasse, meu tio, já conheço seu coração — foi a resposta da menina milagrosa, que deixou o velho vigário muito embaraçado. Mas assim mesmo ele prosseguiu, e interrogou à sobrinha sobre o Divo, aquele que todos achavam estar fugido de alguma parte por mal-feito obrado: se isso era verdade, qual havia sido seu crime, o que ele queria ao procurar a santinha…?

— Meu tio — a menina respondeu —, nem para o senhor posso contar o que escuto lá na barraca. São segredos que ficam entre mim e nosso Pai lá do Alto.

— Mas é que pode trazer risco para nossa gente, minha santinha… não se conhece esse homem… sabe-se lá o que anda maquinando!…

— Só posso revelar, meu tio, que uma coisa vai acontecer para espanto de todos, mas o Pai do Alto não me deu licença de conceder maior esclarecimento, a não ser que, seja o que for, todos deverão baixar a cabeça pois é a vontade dEle.

Já perfazia três anos desde que a sobrinha do vigário recebera a graça, e seu procedimento era sempre o mesmo: o que se passava na barraca, na barraca permanecia, ninguém tomava conhecimento — nem mesmo uma dona que ali se punha de companhia mode atender alguma carência, um alimento ou uma água que lhe aprouvesse botar na boca: surda, e por isso mesmo escolhida para estar com ela, entendia-se com a santinha mais pela gesticulação do que por palavra dita.

E porque a menina mantinha seus segredos com Deus Nos'Senhor, o vigário saiu do quarto mas não tranqüilizado, senão que ainda mais cheio de temores e preocupações que antes, pois agora, sem mais, a menina achava de alarmá-lo dizendo que alguma coisa estava para acontecer e que todos deviam de baixar a cabeça, em aceitação silenciosa. Que queria ela dizer com aquilo?

O que estava para acontecer aconteceu enfim para espanto geral: a santinha, certa manhã, não foi encontrada em seu quarto.

O vigário tinha por costume bater à porta às sete horas, quando a menina devia se levantar e aprontar para mais um dia de atendimento ao povo, mas naquela manhã, ao bater e entrar encontrou a cama arrumada como se ninguém tivesse dormido ali, e da criança nem sinal. O velho se apavorou, coitado, pois

inda que prevenido não podia esperar que o sucedimento anunciado seria a desaparição da sobrinha; chamou a irmã na esperança de que esta tivesse acordado mais cedo e levado a filha para o banho antes de ele pôr-se de pé, mas… qual o quê! A irmã do vigário assombrou-se ainda mais, e a dona surda, que falava pouco e ainda menos escutava, deu de braços, murmurou com pavor que não sabia o que estava acontecendo, misturando suas lamentações com umas preces mal começadas, inté que se encolheu num canto e ali ficou, desfiando um rosário que lhe tremia entre os dedos.

Passou o vigário por esse susto e, em seguimento, por outro não menor: lá fora, no pátio da igreja e em frente à barraca, já a fila de enfermos entre orações e suspiros esperava pela menina, como era costume ser conduzida todas as manhãs num andorzinho florido e guarnecido de uns véus muito alvos.

O povo estava lá, esperava. O que fazer? Como dizer a eles que a santinha não ia atender naquele dia porque havia desaparecido durante a noite sem que ninguém soubesse como nem pr'adonde?

— Minha irmã, socorre-me pela graça dos céus — gemeu o vigário que, já de idade, não se achava com força para suportar tamanha provança.

— Vamos anunciar por hoje — disse a irmã — que a menina se acha adoentada e não pode atender. Quem sabe inté amanhã ela não aparece? Enquanto isso, toca a procurar por ela. Em algum canto há de estar.

— Sim — respirou aliviado o vigário —, é de bom alvitre… pelo menos ganhamos algum tempo… vamos nós dois falar ao povo…

Mas o dia transcorreu sem novidade: não havia como sair à cata da santinha sem causar desconfiança, apois, não seria preciso perguntar a um e outro se ela fora vista, ou andando altas horas pelo arraial, ou perdida no caminho, ou em qualquer lugar nas redondezas? Bem que a mãe esquadrinhou pelo meio do povo tentando colher de ouvido algum indício, proseou com um aqui, com outro ali, rapidamente, mas nada resultou que a levasse a encontrar pista da desaparecida, e voltou para junto do irmão num estado de ânimo de causar piedade.

A noite chegou, da santinha não se teve notícia, e foi com desolamento — e sem terem pregado o olho — que os dois, o vigário e a irmã, viram o dia romper e, com ele, ou a obrigação de contar a verdade ou adiar, mantendo a desculpa de uma doença que ferrava com a menina na cama. Mas não foi preciso nem uma coisa nem outra, pois o pior estava para acontecer, e esse pior sobreveio na forma de um imenso alarido diante da igreja, um griteiro de que não se compreendia palavra mas às vezes aumentava, sendo possível, em meio à balbúrdia, escutar berros de raiva e assovios e risadas de deboche; então parava, a multidão aquietava-se, ocasião em que somente uma voz proferia coisas incompreensíveis para, logo a seguir, todos se juntarem em nova assuada. Ao vigário aquilo não pareceu boa coisa e à irmã produziu um suor grosso que lhe escorreu testa abaixo, mas era preciso ver o que estava acontecendo pois, embora isso pai não tivesse relatado, é certo que os dois já imaginavam que o estardalhaço só tinha

que ver com o sumiço da menina — e sem mais demora saíram para o pátio da igreja.

O povo — aquelas cabeças todas — estava reunido em volta de um que, tendo subido numa caixa, bradava qualquer palavrório; mas logo a presença do vigário e de sua irmã chamou a atenção de alguns e não tardou que a vozearia se suspendesse, restando na praça um medonho silêncio. O tipo que subira na caixa desceu de lá e, furando a multidão, veio inté adonde estava o vigário. Com cara de caçoada lançou:

— Então, siô vigário, que é da santinha? O povo espera!

— Que modos são esses, Dino Tão, que nunca vosmecê falou ao vigário com essa falta de respeito? — retrucou o padre velho.

— Apois, siô vigário, vossa senhoria me adesculpe, mas o povo'stá na espera… que é da menina agraciada?

— E por que eu deveria lhe dar satisfação da menina, Dino Tão? Acaso vosmecê agora está no lugar de tutor dela, ou responsável?

— Apois… é que não… mas aqui estou na qualidade de gente desse povão que vossa senhoria aí vê… todos carecidos de graça.

— Se assim é, mais respeito que vosmecê nunca foi homem desrespeitoso — e o vigário firmou a fala, endureceu: — Por enquanto o que só posso dizer é que a menina está padecendo enfermidade e não se sabe quando vai voltar a atender.

— Mas, siô vigário… não será de mais boa verdade esclarecer pr'adonde se botou a santinha no escuro da noite, que o certo é que ela não está mais por debaixo do vosso teto e muito menos enferma?

O pobre vigário sentiu um arrupio no couro e um gelado por dentro, enquanto a irmã dava um passo pra trás levando as mãos na cara, principiando choro desconsolado. Então já se sabia que a menina não estava mais ali, pelo contrário: havia desaparecido de noite, o que sem duvida corria pela boca do povo a modo de deslustre de sua pessoa.

O Dino Tão, sem mais, virou-se para a gentama e largou:

— Ói, pessoal, espia que… sô vigário não tem sabença d'adonde se meteu a agraciada. O que é que se deve fazer, então?

— É mostrar pr'ele — berrou alguém, seguindo-se estardalhaço geral: — É mostrar pr'ele! — e, no que o Dino Tão se botava à frente do povo, todo mundo o acompanhou para fora do arraial, no rabo da comitiva o vigário assombrado e a irmã debulhando seu choro.

Dava pelas nove quando a multidão, tendo entrado na mata e seguido uma trilha que, no que todos aqueles pés iam passando e socando o mato, mais se alargava, desembocou num largo ao fundo do qual se avistava uma casinha de pau a pique. Com o barulho, os da casa apareceram à porta: um homem à frente, uma mulher pequena e franzina mais atrás, meio escondida como a buscar resguardo na força do companheiro. De novo, despois de um "oh!" esticado de pasmo, recaiu em todas as bocas aquele mesmo silêncio assombrado

de antes, de quando estavam em frente da igreja e o vigário apareceu — o vigário, esse que, cortando pelo meio da gente avançou inté poder contemplar com seus próprios olhos.

— Apois, siô vigário, aquela não parece ser a nossa santinha?

Que dúvida não restava nem cabia: ali, naquela casita que a outro não pertencia senão ao Divo, ao homem de muita ruindade que por seu obrar no que havia por último obrado trazia confirmação ao coração de todos da maldade que pernoitava no seu; ali, pois, detrás do homem que surgira à porta, o qual outro não era senão o Divo, aquele que se supunha capaz de todas as perversidades, a mulher meio escondida como na carência de amparo, que todos podiam avistar, outra também não era senão a agraciada, a santinha, a menina escolhida que inté há dois dias derramava sobre os pobres e necessitados a graça vinda de cima.

O vigário olhou para aquilo sem se espevitar, atarantado e, no por dentro de si mesmo, sofrendo um desfalecimento desprovido de remédio. Mas não tardou a dar acordo de si, e se virou para a multidão:

— Gente de Taquara — ele disse, soerguendo a voz —, e também gente que doutras bandas veio na busca de consolação e alívio, sois todos povo cristão e temente a Deus, portanto eu vos suplico: não vos apresseis num julgamento por certo descabido e maldoso, que a menina foi agraciada com a luz que vem de cima e a prova disso são esses três anos em que tantos têm se entrevistado com ela recebendo palavras de conforto e bençãos. Sabemos, todos pelo menos desconfiam, e do que corre na vila de Taquara prolongada história, de que o homem que ali vedes tem um torto que desfazer em sua vida, e para isso, e não por outra coisa, até esta casa deve ter vindo a menina. Podeis vós, que tantas maravilhas testemunháreis, fazer tão maldoso juízo de uma pobre criança?

Não se sabe se decorreu do que pudesse conter de verdade na fala do vigário ou se de seu ar abalado e envelhecido, passou pela multidão um vozeio de concordância, e uns e outros entre si entendiam-se dizendo que, sim, aquilo bem podia ser verdade, e se lembravam de tudo que menina tinha feito em Taquara, e ali mesmo estava o Dino Tão, que os insuflara a pensar mal mas cuja mulher fora curada de um cuspo sanguinolento que, inda não se comentasse em voz alta mode não apavorar a infeliz, se tinha por certo provir duma tísica avançada: desde que a mulher se entrevistara com a santa, e num prazo que esta havia dado de penitência — pois que ela, a mulher do Dino Tão, levava nas costas uns mal-feitos de que se remir —, o cuspo parou, a tosse desapareceu e as cores foram-lhe voltando às faces, estando hoje gorda e sacudida a cuidar da casa e dos filhos como pessoa que nunca tivesse sofrido qualquer achaque — e de improviso cada um passou a principiar relato confirmativo das graças da escolhida… mas tudo não durou se tanto um minuto, pois logo a multidão voltou a calar-se e o vigário, virando-se na direção da casa, viu: a menina, deixando a proteção do Divo, avançou sozinha inté o meio do terreiro, disse:

— Meu tio, não é preciso que procure explicação para acalmar esse povo que consigo veio até aqui. A verdade é preciso que se diga: não vim a esta casa desfazer nenhum torto na vida deste homem, que nenhum eu vi em sua vida que eu devesse desfazer. O que quero lhes comunicar é que o tempo de o Pai do Alto obrar maravilhas por intermédio de minha pessoa acabou. Esta casa agora é a minha casa, e este homem — indicou o Divo — é, desde ontem, meu esposo…

A essa revelação s'entoou no geral da gentama presente um "ah!" de assombramento que se desdobrou ou numa casquinada de risotas torpes ou numa grita de indignação, tudo se misturando num sem igual alarido inté que, uma vez mais, s'esvaeceu diante da fala desamparada e trêmula do vigário:

— Mas minha menina — e o povo botou atenção —, como é que vosmecê pode proferir um tal dislate, minha santinha? Então que sacerdote de Deus Nosso Senhor casou vocês dois, de modo que estejam convivendo embaixo do mesmo teto sem pecado?

Pronta e sem detença mode congeminar em resposta, a resposta da santinha:

— Então, meu tio, o Pai do Alto precisa da autorização de algum sacerdote ou vigário para casar duas pessoas por Ele destinadas a viverem juntas?

Um murmúrio rolou entre a chusma reunida.

— Cuidado, meu tio, e também gente de Taquara — disse ainda a santinha —, cuidado!, pois nisso que todos acabais de saber está a vontade do Pai lá do Alto, a qual deveis aceitar sem murmuração para não provocar Seu desagrado e trazer sobre o arraial o Seu castigo — e, dando as costas a todos que ali estavam, a menina que havia sido santa entrou em casa juntamente com o marido, fechando atrás de si a porta.

Na noite seguinte Taquara estava deserta: fora o cantador de moda e uns outros, poucos, que deixaram para partir no dia seguinte, ninguém, a não ser os próprios moradores, permanecera no arraial.

Da casa paroquial, meio vivo meio morto, o vigário — que a todo momento, cheio de cuidados, entrava no quarto para ver como ia passando a irmã, quase acabada de desgosto — podia ouvir a cantoria no Jão da Bodega. O cantador violeiro principiara, durante aquele dia terrível, a entoar uns versos cheios de tristeza, que punham grande amargura no coração de cada um, sendo esses versos obra de sua feitura para o sucesso daquele dia:

Na cidade de Taquara
Baixou a desesperança,
A prenda mor e mais rara
Só nos resta na lembrança.
A graça que nos foi dada
Também de nós foi tirada:
Perdeu-se nossa criança.

A amargura que atingiu
A cada um nesse mundo
Com sua fisga abriu
Um ferimento bem fundo,
E a gente se entristeceu
Por tudo que se perdeu
Nesse abismo tão profundo.

Mas… decerto que o violeiro achou por bem tomar uns goles, e mais pra noitinha continuou por entoar umas cantigas de pouca decência, já conhecidas de todos, que produziam o riso dos mais bêbados que pela bodega paravam.

Teve um momento, porém, em que, ou por efeito da bebida, ou mesmo por maldade — que na hora da desgraça de uns há sempre lugar para a maldade no coração do vivente, inté mesmo daquele que de costume obra o bem —, improvisou uns versos, cada um dos quais valendo por uma estaca fincada no peito do vigário que, do escuro de casa, escutava com muito sofrimento:

O povo se assombrou
Com a santa do lugar
Que a santidade perdeu
Pra mode o gozo gozar.
Menina fugiu de casa,
Passarin' que bateu asa,
Pra noutra casa morar.

Santinha sem santidade
A todo mundo enganou,
Apesar da pouca idade
Bem cedo desembestou.
Despois da pouca-vergonha
Bota tento na cegonha,
Quem bem mais cedo engordou.

E foi por aí afora, desfiando desaforos inté de madrugada, quando por fim o arraial sossegou: na manhã seguinte Taquara era, outra vez, um lugar meio morto.

A dona surda, que tomava conta da santinha na barraca durante os atendimentos, recolheu-se às suas penitências tomada de pavor, mal compreendendo o acontecido, mas a irmã do vigário morreu daí a dias sem se recuperar da moléstia que lhe ferroara por dentro, decerto não moléstia mas desgosto, e o próprio vigário, não fosse a certeza de que o diabo tinha parte naquela desgraceira e que carecia tomar-se uma providência mode as almas em Taquara não se perderem

entre suas unhas, talvez não teria força para continuar vivendo. Mal enterrou a irmã, preparou-se para uma viagem. Pai, que estivera com ele nesses dias dificultosos, atesta: o vigário fora procurar o bispo. Quando voltou a Taquara não estava sozinho: vinha com ele um pelotão de soldados sob o comando de um certo Capitão Supriano.

Na modorra de uma tarde silenciosa e poeirenta, as vozes de comando do dito capitão no pátio da igreja para a pequena tropa em formatura faziam estrondo, e um do lugar que por ali passasse — já pouca gente transitava no lugarejo deserto, mas a novidade fez que um pequeno rancho parasse por longe, admirando — veria dez homens em uniforme marchando de um lado para outro, mudando de rota, parando, recomeçando a marchar embaixo do sol esturricante enquanto, na sombra, um mulato alto, troncudo, de cara feia e feições contudo tranqüilas gritava ordens.

Durou aquilo uma hora, e quando os soldados pareciam à beira de focinhar no chão de cansaço, o dito capitão esgoelou um comando e todos pararam, debandando. O vigário apareceu na porta da igreja e, com fineza, chamou o mulato:

— Vossa Senhoria, Capitão, decerto aceita um refresco?

— Aceitamos, seu vigário, de bom grado. Eu e meus homens apreciaríamos também um descanso, pra mode mais tarde principiarmos o trabalho.

— Pois venham, se acheguem… se acheguem…

Para acomodar Capitão Supriano e seus subordinados, o vigário mandou uma beata velha, por último mais assídua à igreja, fazer uma limpeza na casinha que ficava nos fundos da paróquia. Despois daquela ordem unida embaixo do sol os soldados se retiraram para a casinha e ali permaneceram escondidos inté principiar a escurecer. Então saíram, espalharam-se por Taquara que, de tão vazia, parecia que a terra tinha espichado entre as casas e que estas estavam menores, mais miseráveis, e a gente que rondava pelas ruas mais desiludida e sem esperança.

Naquele princípio de noite calhava ter uns e outros passeantes cruzando pelo arraial: alguém que ia no Jão da Bodega requerer uma querosene mode acender a luz dentro de casa, um outro que se abancava de cotovelos fincados no balcão no encomendar uma dose de pinga, dois ou três que, num canto, jogavam bisca pra passar o tempo com um baralho encardido, umas donas de lenço preto na cabeça, amiudadas na igreja despois da desgraça, que lá iam solicitar aos santos proteção (pois bem que podiam sentir o fartum de enxofre no ar), uns moleques que aproveitavam pra correr de um lado para outro, que moleque não se preocupa, pra eles tudo é farra, vadiação. Deu-se que, estando na rua os de sempre, avistaram a tropa do Capitão Supriano espalhando-se por Taquara, andando daqui pr'ali, principiando prosa inquisitória com um e com outro, os quais no responder a soldado fardado baixavam a cabeça, respeitosos, espiando de esguelha e meio com medo pra cima, não fossem dar a entender desaforo mode não provocar desagrado. Enquanto isso o capitão, acompanhado de seu

ajudante — devera de ser ajudante, sempre nos calcanhares do outro adonde o outro fosse —, ingressou na bodega, aboletou-se numa mesinha dos fundos e, solicitando um de beber, ali ficou largo tempo a prosear baixo com o subordinado. Senão quando, intimou o Jão, o da bodega, que se chegou com jeito ressabiado.

— Seu moço — disse o capitão com voz lerda, encarando o outro com os olhos meio fechados, enquanto mascava um palito de fósf'ro —, diga-me cá uma certa coisa que tenho precisão de saber…

— Apois, sô Capitão…?

— O vigário me deu ciência de um mal-feito contra a sobrinha lá dele, e inté adonde estou informado o tipo que artificiou a má obra costumava freqüentar vossa casa — e, falando, ficou a olhar para o Jão, que de princípio não entendeu, e despois passou por um estremecimento que o Capitão certamente notou.

— Sô Capitão, não é certo… quer dizer…

— Escuta uma coisa, seu moço, presta bem atenção no que lhe vou explicar: quando eu interrogo um cabra, tem duas coisas de que não gosto: mentira mal contada e gaguejamento. Se bem entendido esse ponto, é não largar mentira que eu possa descobrir nem falar tropeçado pra mode não dificultar meu ofício. O mais indicado é dizer o certo e de jeito direto. Solte!

— Vossência me desculpe, siôr… é que não tenho por costume falar com gente da importância de vossa excelência… tanto que me embaraço…

— Pois se desembarace, e com rapideza, que tenho pressa.

— Sim siôr… que lhe digo, a vossência… que o tal, o dito que desencaminhou a santinha, é certo que vinha cá p'lo arraial… mas não fazia paragem… ou fazia pouca… por minha bodega costumava passar mode comprar uma qualquer coisa, fosse uma bebida, um pacote de rosca… mas só de raro em raro, porque compra mesmo ele fazia no armazém do Alcino, que eu aqui não vendo, como vossência pode ver, é só coisa pouca e umas bebidas, uns tira-gostos mode passar o tempo enquanto um ou outro se diverte nas cartas…

O Jão parou de falar e com custo suportou o olhar do Capitão que ficou ali, vigiando o pobre com seu jeito duro de encarar, até que moveu a cabeça com vagar e olhou para fora, donde vinham dois ou três homens de sua guarnição.

Os homens entraram, e Capitão Supriano, ainda sem se mover, lançou:

— Levem esse cabra que inda resta umas coisas a conversar com ele. Os outros, mandem que venham inté aqui que nós vamos sair em diligência de captura.

Ouvindo a ordem de Capitão Supriano, o Jão da bodega bem que deve ter se apavorado, mas apavoramento costuma produzir desesperação em uns e quebradeira em outros, o Jão sendo talvez desse tipo, pois descaiu a cabeça para o peito e se deixou levar e trancafiar num quarto sem pedir nem implorar por piedade.

Em antes de deixar o arraial, teve o mesmo destino do Jão o Alcino do armazém, que ao Capitão explicou o que sabia: o Divo costumava comparecer uma ou duas vezes no mês em seu armazém para fazer compras, levava tudo num saco, tinha força pois o saco ia cheio inté a boca mas o tal lá seguia com ele nas costas; se conversava? Não conversava não senhor, era homem de pouca fala, pedia do que tinha carência, pagava, pois que isto fosse dito a bem da verdade, não gastava em luxo, mas o barato que levava pagava a vista. O dinheiro? Decerto tinha economias, do contrário como poderia pagar tudinho no direito? Depois plantou por lá uma horta, vendia na feira de Taquara — e era tudo o que sabia sobre ele. Porém Capitão Supriano desconfiou que ele teria mais informações sobre o Divo e mandou que o levassem. Por fim, acompanhado de seis soldados se encaminharam para fora do arraial e entraram no mato. Na volta havia mais um com eles: é que tinham saído mesmo em diligência de captura, e Capitão Supriano, conforme se dizia na época, era difícil deixar de trazer alguém quando marchava com esse fim.

Do que veio então a suceder em Taquara não se pode dizer nem que Deus nem que o arrenegado duvidassem, Deus por ser o todo-poderoso e de todas as coisas ter sabimento, não cabendo portanto dúvida nenhuma, e o dianho porque decerto instruiu tudo e também não poderia duvidar de sua própria instrução. Que os sucedimentos apavoraram não só o povo simples do lugar como também o vigário que pensou em interceder mas não pôde, e inté a dona surda, que no d'em derredor parecia não botar sentido polo silêncio em que vivia — mas não a ponto de não sentir a sanha do inferno e mais ainda se agarrar com o terço e os santos enjoelhada por diante do oratório. Não se podia dizer também que fora falta de aviso: a santinha, naquela manhã de escândalo e assombro em que toda a cidade fora parar à sua porta, havia dito que o acontecido era da vontade de Deus, no seu falar o Pai do Alto, e a atitude de todos perante essa vontade devia ser a de conformação mode não desagradar ao céu e sofrer castigo por isso.

Na noite em que o Divo foi trazido, e em antes de começar o pavor, uma menina que ali fora muitas e muitas vezes conduzida em um andorzinho ornamentado com véus brancos atravessou descalça as poucas ruas de Taquara e foi bater à porta da igreja. Teve quem viu. Quando o vigário atendeu, que surpresa!, e inté podia-se dizer que alegria!, pois por um instante deve de ter pensando que a sobrinha estava de volta a casa! Mas não, que dali mesmo a menina falou:

— O senhor desagradou o Pai do Alto, meu tio, ofendeu ao céu muito que muito! Que terríveis coisas vão cair agora sobre Taquara, que terríveis coisas! — e, virando as costas, retornou quase por cima dos próprios passos e desapareceu na noite.

As palavras da menina, tão logo ela partiu, começaram a se cumprir na forma de gritos de pavor e sofrimento e súplicas de misericórdia que se estenderam noite afora inté madrugada: o Jão da bodega e o Alcino sofrendo pancada de embigo de boi, farpa no sabugo da unha, afogamento em tacho dágua, mergu-

lho de mãos e pés em azeite fervente e tudo mais que a ruindade de Capitão Supriano inventava mode arrancar dos dois o que sabiam, inda que eles de nada soubessem e nada houvesse para saber, que, afora o desencaminhamento da santinha, nenhum indício restava contra o Divo que fosse do conhecimento de alguém no arraial: todo o falatório da cidade resultava em nada, muito se tinha excogitado em conversas e comentações, mas não passava disso, certeza nenhuma havia. Afinal, o que é que Capitão Supriano queria saber? Se o tal viera fugido? Se tinha crime nas costas? Quem podia saber, se o homem era um inteiro estranho?

Já no interrogatório do Divo, que começou por volta das três da manhã — quando nem o Jão nem o Alcino davam mais acordo de si — sendo interrompido no raiar do dia, Capitão Supriano divergiu de seu modo de agir (no que não faltou prevenção, pois não podia correr o risco de o interrogado falecer sem ter-se obtido uma resposta suficiente), mas o resultado não diferiu: o sol despontava e os últimos berros do desinfeliz silenciavam — latejo de ferida inflamada — na cabeça do povo desdormido.

Então Capitão Supriano deu por encerrado o trabalho daquela noite: determinou que lhe despejassem um balde dágua fria pelo corpo e o trancassem num dos quartos. Cerca de uma hora mais tarde a tresnoitada gente de Taquara viu os soldados atirarem para o meio do pátio da igreja dois fardos que, conforme caíram, ficaram. De justificado receio esperaram os soldados se afastarem para, despois, virem chegando mode ver o que era aquilo. Ao mesmo tempo o vigário, trêmulo e branco feito cera, saía pela porta da frente e corria também na direção dos fardos, ajoelhando-se e apalpando, e, com um certo alívio, levantando os olhos para pedir ao povo que o socorresse: carregaram pra dentro com o Jão, a cara esbagaçada, um olho espirrado pra fora, e o Alcino de ossos esmigalhados, requereu-se a presença do boticário com suas mezinhas, principiou-se a luta para salvar os dois inocentes — o que, diga-se de passagem, se conseguiu, não sendo porém de muito proveito a não ser conforme o pensamento de alguns, que é melhor estar vivo que estar morto, porque aqueles dois restavam para sempre inutilizados.

Durante o dia a soldadesca e seu comandante aproveitaram para repousar, na precisão de sono esticado mode descansar da não menos esticada labuta de judiação, a recomeçar no escurecer.

Taquara agüentaria um segundo tresnoite?

Inda não era tarde quando a Martide do Neco, por nome correto Matilde mas de Martide conhecida desde molecota e que estava de cinco pra seis meses, começou a sentir as dores; por volta de uma da manhã, seus berros se misturando aos do Divo, pariu um menino morto. O Dorvalino Doido, que tinha esse apelido porque padecia dos nervos e, em volta de lua, saía zanzando pela estrada pra mode se acalmar (do que resultou alguns de menos esclarecimento afirmarem que o Dorvalino Doido nessas noites virava lobisomem), desesperou-se e saiu gritando pelo meio da rua, e inté a criançada penou: principiaram chora-

deira em ponto de deixar malucos pai e mãe que, necessitando descanso, resolveram tomar uma atitude: alguns homens de Taquara, formando comissão, se encaminharam para a casinha nos fundos da igreja, requerendo falar com Capitão Supriano. O oficial, avistando os homens que se apresentavam para lhe falar com aparência de reprovação, primeiro não compreendeu bem, apois, antão aquela súcia não sabia com quem estava lidando? Despois exasperou-se, chamou os soldados e mandou que corressem com todos dali a bordoadas — e inté pai, que representava os homens de Taquara, não nega umas guaspadas p'las costas essa noite, coitado de pai, homem tão sério, tão respeitador dos bons costumes!

Na parecença mais endoidecido que o Dorvalino Doido, Capitão Supriano deu duas ou três voltas p'las ruas do arraial pisando nas trouxas, aos berros de "será que esse povo de merda não conhece o filho de meu pai? Nunc'ouviram falar em Capitão Supriano Labareda? Toma tento, canalha!, toma tento pois pra eu feito meu nome largar fogo nesta barracaria toda pouco custa! Toma tento, seus filhos-da-puta, toma tento!", enquanto o que uns soldados iam esbordoando com seus cacetes portas e janelas, algumas das quais, só na tramela ou no trinco, desprovidas de tranca e fechadura, cediam aos esbarrões, escancarando-se — e ai daquele que mostrasse a cara nessa hora!

E assim Taquara agüentou segundo tresnoite.

De manhã cedo Capitão alvitrou: "Homens, toca a reunir o poviléu todo do arraial! Toca, que eu quero todo mundo na praça em antes das nove horas mode recado de urgência pra essa súcia!"

Às nove em ponto, trepado num caixote no meio da praça de Taquara, Capitão falou ao povo miúdo e pálido que se reuniu ali mode escutar seu recado. Pai referiu que o homem não tardou em perlongada oratória, breve referindo o que de sua intenção numa voz soturna e firme, sem contudo os mesmos berros da noite passada:

— Gente de Taquara, bota tento no que vou lhes dizer que Capitão Supriano não é de perder tempo em parlenda: aqui vim por ordem superior investigar suspeita de grave delito, e pra bem ou pra mal vou obrar no meu ofício. Apois, dagora inté escurecer, minha determinação é: quem de qualquer malefício cometido pelo preso tiver instrução, me procure lá adonde vosmecês sabem que me acho pra depoimento lavrado polo escrivão — e indicou aquele que feito cachorro lhe andava nos calcanhares — e assinado polo depoente e por mim. Mas atenção: vou esperar tão só inté escurecer.

E desceu do caixote, deu as costas ao povo e voltou para a casinha nos fundos da igreja.

Algum alguém naquele dia procurou Capitão Supriano mode depoimento acusatório contra o Divo? Mas depor o quê? Quem no povoado de Taquara sabia de certo qualquer coisa contra o preso?

O certo mesmo é que na remembrança da gente espavorida as palavras da santinha, naquela manhã em que todos bateram para a casita no meio da mata promovendo assuada, começavam a verrumar: "Cuidado, gente de Taquara,

cuidado!, pois nisso que todos acabais de saber está a vontade do Pai do Alto, a qual deveis aceitar sem murmuração para não provocar Seu desagrado e trazer sobre o arraial o Seu castigo". E assim, encolhida dentro de casa e sem verdades a relatar na instrução do inquérito, a gente de Taquara esteve-se. Porém, podia o povoado esperar pelo mundéu que iria desarmar sobre si naquela terceira e última noite?

Pois tendo Capitão Supriano reparado que ninguém o procurara mode prestar depoimento, entendeu tal atitude menos como um desacato a sua ordem do que, como entrevia, uma tentativa de esconsar os crimes do preso, atitude em si mesma não menos criminosa, pois tida como conivência — e a providência cabida, uma só: mostrar à ralé que com a Lei não se graceja, e o cair da noite foi assinalado pelo sinistro arruído de portas e janelas arrebentadas a cassetete e a gente — homens, mulheres e crianças — arrastada aos trambolhões para o meio da rua pelos soldados. Seguiu-se um horror nunca por nenhum cristão maginado como de possível sucedimento no mundo: enquanto Capitão passeava no meio do povo espavorido, tão somente vez a vez repetindo "eu avisei, cambada! Eu avisei!", a soldadesca esbordoava a torto e a direito entre gritos de dor e medo. Consta que a mulher do Dino Tão s'encontrava àquela hora no banho de bacia e assim mesmo nua foi arrastada p'los cabelos para o meio da praça, adonde três soldados a esbordoaram à vista de todos enquanto o marido, contido por dois outros, a tudo assistia sem nada poder em favor da infeliz; o velho Gracinho trazido pela perna, um montinho de ossos encarquilhados que mal se sabia vivo, com efeito já não vivia no que o soldado o despachou num sacolejo para o meio da rua. Os gritos de misericórdia devera que de longe se podiam escutar, porém Capitão não os escutava, e lá ia quando e vez repetindo "eu avisei, cambada! Eu avisei". Assim foi inté que, num chofre repente, principiou o espancamento das crianças por enquanto — fora alguns boléus — poupadas: de qualquer idade, algumas arrancadas do colo da mãe e estropiadas no chão a soiteira de trança dupla, quando não a pontapés que lhes esfrangalhavam os ossinhos finos… inté s'escutar por fim um grito, um que lancinante sobrelevou a geral gritaria, um — que já não se sabe quem foi — gritou atirando-se aos pés do oficial: "Nóis confessa, capitão, nóis fala! Num bate mais não, que o que nóis souber nóis fala!" e, compreendendo ser a única maneira de parar o capitão e seus soldados, uns outros também acorreram "é verdade, capitão, é verdade, nóis fala, nóis confessa!".

A noite, contudo, a essa altura se alumiava dum clarão: Taquara ardia!

Enquanto as testemunhas eram levadas para depor e a tropa se acalmava, findando suas ações com umas bordoadas derradeiras e se retirando no rastro de seu comandante, o povo acudiu: sugiram baldes, tachos, panelas dágua e todos correndo durante toda a noite mode apagar o incêndio, porém pouco se salvou e, pela manhã, Taquara quas'que nem existia mais!

Enquanto isso, em seu posto, dez ou doze depoimentos foram lavrados e assinados por moradores do povoado dando conta do que sabiam dos crimes e

outros malfeitos praticados pelo Divo: que crimes, não, iô capitão, assunlença, nóis nem num sabe de algum, só o medo de ver o homem andando por aí — uns diziam; apois, verdade é, iô capitão Supriano, corre só que o sujeito num acertou as conta na bodega do Jão, restando reles dívida; que eu, iô capitão, só mesmo isso 'panhei de oitiva, não mais, a num ser uns sustos que o homem, por ser um estranho, dava em nóis no sair de noite da sombra duma árv're, assim de repente, carregando seu saco de mantimentos — esses e outros os depoimentos que os infelizes iam engendrando em seu bestunto aterrorizado mode instrução do inquérito, não crimes, que nem sequer sabiam imaginar algum de providencial inventação, mas tão só histórias, inocências.

Perto de três da manhã, Capitão Supriano despachou os depoentes e mandou buscar outra vez o Divo, e assim, nas últimas horas daquela noite, não fosse o alvoroço da gente em sua luta contra o fogo no casario, tão só se escutariam provindo dos fundos da igreja, mas já abafados e só de longe em longe, uns gemidos prolongados…

Pela manhã nas ruas da quase derruída Taquara nem cachorro: a maior parte das casas fumegavam escombros e a gente toda desaparecera.

Capitão Supriano deu-se por satisfeito com a conclusão do inquérito: o preso nada confessara e os depoimentos assinados pela própria população davam conta de ser o réu deveras inocente de crimes. O rapto da santinha? Mas que rapto? A menina não o acompanhara de livre e espontânea vontade? Antão! Batendo pois à porta do vigário anunciou finda a sua diligência, desculpando-se pelo alvoroço e se justificando pois "na minha lida, seu padre, não posso correr o risco de não lograr a verdade".

Já ia a tropa longe do arraial quando parou no pátio da igreja uma carroça puxada por um burrico: para cima dela, sozinha e havendo-se como pôde, a que fora a santinha de Taquara arrastou o corpo esbordoado do Divo seu esposo; ajuda nenhuma aceitou, palavra não disse, em silêncio veio, em silêncio foi se embora. O Divo, consta que não durou inté a manhã seguinte, morrendo em antes mesmo de cruzar a meia-noite. Foi enterrado em cova rasa que a menina abriu a enxada por suas próprias mãos nos fundos de casa.

Taquara estava arruinada, mas ainda não teria direito a sossego. Pior que a mão de Capitão Supriano, principiou por pesar sobre o povo dali a mão de Deus Onipotente em castigo pela falta de respeito perante sua vontade, como a santinha havia prevenido na manhã do escândalo: pois a mulher do Dino Tão — ou pela surra que levou ou pelo que fosse — recomeçou com sua tosse, e em dois dias estava de novo escarrando sangue; a filha de sinhá Totonha, picada de cobra no calcanhar logo nos primeiros dias em que a santinha iniciara sua missão e por ela curada sem carecer de contraveneno, apenas sobrepondo a marca das venenosas presas suas mãozinhas santificadas, viu de repente o calcanhar ficar preto e o pé tão logo por inteiro inchar, depois começou a exalar um fartum de podre, e no dia seguinte a filha de sinhá Totonha estava em cima da mesa; o filho mais novo do Isolino, primeiro caso de cura do arraial, em uma

semana sucumbiu à febre da qual três anos antes a santinha o havia livrado; já os meninos do Antuninho Repente, curados de bexiga, andaço que há tempos havia ameaçado a gente dali mas que não fora adiante por obra e graça da abençoada, de hora para outra começaram a ter umas febres e ao fim de alguns dias estavam cobertos de pústulas negras. A epidemia alastrou-se pelo arraial, não houve uma casa onde não botasse sua marca escura, e os mortos, por não haver meios de sepultar tanta gente, eram levados para o meio da rua e queimados em grandes fogueiras — e assim tudo que pela graça fora feito, pela desgraça acabou desfeito. O povo horrorizado e enlouquecido gritava à porta da igreja que Deus retirara sua graça daquele lugar, e o culpado era o padre que fora buscar longe dali um emissário do demônio, quem sabe se não o próprio, o caduco, na pele e na roupa de Capitão Supriano Labareda. O vigário, envelhecido vinte anos naqueles poucos dias, em penitência de morte e com os olhos inchados de pranto saiu de joelhos da igreja e arrastou-se, sempre de joelhos, pelas ruas, despois pela estrada e mato adentro inté a casa da sobrinha mode pedir que ela intercedesse junto a Nos'Senhor J'sus Cristo pelo perdão para sua falta e pelo bem das pessoas de Taquara. Atrás do vigário seguiu aquele cortejo de gente esmolambada e sem amanhã, mas ao chegarem na casa que fora do Divo e da santinha mulher dele, deram com a porta fechada: não havia ninguém ali.

Esse poderia ser o término do causo, com o povo ali parado diante da casa fechada sem atinar pr'adonde tinha ido aquela em quem botavam sua derradeira esperança — mas o causo não terminou aí, inda que de Taquara pouco reste a ser dito.

O vigário não durou muito tempo mais, morreu ao fim de alguns meses e quase não teve quem o transportasse à cova: o arraial, que se esvaziara com a partida dos romeiros e cujas casas foram quase por inteiro destruídas pelo fogo, estava quase despovoado despois que perto de metade da população fora levada pela varíola. Pai conta que por pouco se livrou da magrela: também ele apanhou a doença que, se não deu com seus ossos em terra, talvez por ser homem rijo e de carnadura resistente, deixou para sempre fundas marcas em seu rosto.

Uma coisa, porém, de muito se admirar veio a acontecer que, do contrário, não se teria notícia dos sucedimentos que se seguiram: pai relata que um certo dia, estando já mais ou menos recuperado da doença e tendo resolvido fazer um passeio pelo arraial devastado, mode apanhar um pouco de sol, viu sair da igreja uma mulher que, avistando-o, e talvez por conhecer sua antiga amizade com o falecido vigário, foi inté ele:

— A santinha — ela disse —, eu vou procurar a santinha. Cuidei dela muito tempo, ela inda carece de mim.

Pai muito se admirou das palavras da tal, não outra mas a surda que sempre acompanhava a menina na barraca e que por último parecia ter abobado da cabeça. Por curiosidade perguntou, mas tendo de gritar alto, mode lhe vencer a surdez:

— E a senhora sabe pr'adonde foi a santinha?

Pai não esperava resposta, doidos não falam coisa com coisa — como é que ela podia saber se nem tinha acompanhado o vigário em sua penitência, quando se arrastara de joelhos através do arraial, pela estrada afora, e pela mata adentro naquela triste manhã? Se nem sequer tinha saído da frente do oratório naqueles últimos tempos? Mas ela respondeu:

— Ele — a surda respondeu, espichando o dedo magro e indicando o céu — vai me mostrar pr'adonde — e se foi.

Pai correu e a alcançou em antes de sair do arraial:

— Se encontrar a menina — disse —, me avise…

A mulher encarou pai, na cara murchecida havia uma qualquer esperança, uma alegria que não tinha morrido de todo:

— Vossência é homem de coração — ela disse —, de muito merecimento. Encontrando a santinha, eu lhe procuro.

Por esse modo pai ficou sabendo que a santinha, no que cobriu de terra o corpo do Divo seu esposo, carregou com seus teréns pra riba da carroça e saiu de onde por tão pouco tempo vivera não casada mas amasiada inda que no seu dizer, sendo aquilo da vontade de Deus, seria casamento e não amasio, se arretirando para a direção de Lajinha, lugar bem longe, inda menor que Taquara, adonde, com a permissão de uns Ordonhos, que naquelas paragens possuíam vasta propriedade, se enfurnou pro meio dum mato, ergueu tapera e permaneceu inté o fim da vida.

Naquele recanto também, longe de tudo e de todos, por adjutório somente a mão da surda que lhe amparou nas dores, botou no mundo um menino graúdo, de boa saúde, que recebeu por nome Osvaldino, por apelido que se costuma botar em criança Vadico, e que mamou no peito inté a idade de três anos.

A santinha, embora ainda tão moça, não pensou em novo casamento: viveu com o filho na solidão, por única companhia a surda. Ali plantava suas roças miúdas, vendia o suprimento da terra na feira de Lajinha, fazia compras na venda sem palestrar com a gente do lugar, de raro em raro procurava siô Ordonho na fazenda, mas só em caso de muita urgência; no mais, em casa com suas plantações, seus teréns, seu menino.

A santinha viveu na solidão com o filho e para o filho. O tempo passou, o garoto cresceu forte, guardava muita semelhança com o pai naquele seu jeito de ser quieto, de andar pesado, de falar escasso, e era com esperança que a mãe o via se formar — esperança porém de quê, podia-se perguntar, em mulher tão moça e bonita mas para quem o mundo parecia não existir mais?

No explicar seus pensamentos, tomando ciência de seu intuito, alguns poderão achar que aquela que havia sido santa, despois de passado tão grande desgosto largou de mão a fé e a crença e se voltou para o lado do demo; outros, porém, talvez acreditem de modo diferente, que no seu proceder a santinha seguia somente o que lhe ditava o Pai do Alto, coisa que decerto ia por seu pensamento. Cada qual tenha sua opinião, mas que se guarde de mal pensar,

pois cá na Terra quem somos nós capazes de julgar com acerto um semelhante? Só quem conhece o coração do homem é Deus Nos'Senhor, que pros outros é cofre fechado de que só o dono possui a chave. Pois a mãe viu crescer o filho incutindo em sua cabeça que ele tinha na vida um encargo de grande importância. Em pequeno, isso não deve ter parecido de muito valor ao garoto Vadico, mãe costuma dizer coisas que não se entende e ele tinha mais em que matutar, pois não? Apois, menino ainda apreciava espiar pra cima e ficar maginando quem é que havia astuciado um céu assim! De dia um farol tão grande que inté queimava, mas no turvo da noite quê de luzinhas sem fim, mil e mil, muito mais que nem tinha conta, senão quando aparecia, subindo por trás do arvoredo, uma lua que ele se abismava de contemplar! Bem pequeno, a mãe lhe falou do Pai do Alto, e ele ficou desenhando no pensamento a figura desse homem tão cheio de poderes e riquezas que era capaz de encher o céu de estrelas e botar ainda lá o sol e a lua… "Mas a lua não aparece quando o sol vem, e quando o sol vem de manhã as estrelas vão todas embora! Por quê?" E se essas coisas perambulavam por sua cabecinha miúda na forma de perguntas que fazia a si mesmo, as respostas ia inventando mode desmontar tantos mistérios. "Tem o Pai do Alto" ensinava-lhe a santinha quando se sentava mais ele, ou despois do almoço, ou em antes de dormir, mode prosearem um dedo, "mas cá na Terra tem o nosso pai, um que por intermédio dAquele lá de cima nos dá a vida", e também desde pequeno ensinou ao Vadico sobre aquele que fora o seu pai, "um homem de muita bondade, que você deverá ter sempre guardado no coração com o maior amor". "Um homem bonzinho assim que nem sô Miguel Ordonho, mãe?" o Vadico, inda menorzinho, perguntou. A santinha riu-se lá do seu jeito, que sim, sô Miguel Ordonho era um homem de boas ações, "mas o teu pai era ainda mais bondoso", "e ele gostava de mim, mamãe?" e a mãe, que decerto não saberia explicar a verdade ao filho, assim mesmo disse: "Ele agora está lá em cima, junto com Pai do Alto, mas é certo que te gosta muito", e despois de cismar um bocado, disse: "Você tem um encargo na vida, meu filho, e não sou eu só que espero seu cumprimento: nunca se esqueça, aquele que foi seu pai, adonde está, está na espera", e dessa forma a santinha incutiu no coração do filho o amor por um pai que não chegara a conhecer, e na cabeça dele a obrigação que lhe cabia por um dever maior. Mas um dia embirrou com isso que a mãe vez por outra lhe falava. Já um garoto alto, com muque no braço, achou de não deixá-la mais fazer força no rabo da enxada, e agora mãe só ficava dentro de casa, em serviço próprio de dona, uma lavação de roupa, o varrer os cômodos, pequenos mas muito arrumadinhos, o preparar a comida, esses quefazeres. Mas embirrou: que coisa era essa de encargo que mãe tanto falava? O que é que ele tinha a fazer de tão grande importância? Mas a santinha respondeu que não era da vontade do Pai do Alto que ele, por enquanto um menino, se bem que forçudo, "já um homenzinho!", soubesse. Tinha tempo. Esperasse. O menino esperou.

Um dia a santinha adoeceu. Uma quentura no corpo, uns arrepios de frio, o sol tinindo no terreiro e ela dentro de casa embaixo das cobertas, tremendo. O menino Vadico assustado não sabia o que era aquilo, a mãe nunca estivera assim. Perguntava-lhe, mas ela não esclarecia nada: apenas dava um sorriso entristecido e balangava a cabeça, de olhos fechados respondia apenas que queria dormir. Recorria à surda, que no seu canto costurava uma bainha de calça, um pano de prato, mas a velha apenas sorria, e com a fala sumida de quem não escuta "deix'estar, meu filho, deix'estar, que sua mãe sabe a hora". Durou uma semana a agonia, inté um dia de tarde em que, vendo que chegava a hora dolorosa, chamou o filho no quarto e disse:

— Você já é um homem, meu filho, e deve conhecer o encargo que lhe está reservado pelo Pai do Alto.

O menino Vadico, que completara dezoito anos na véspera, sentou-se na cama e escutou. A que tinha sido agraciada dos céus, a santinha, falou por muito tempo, contou ao filho coisas que ele nunca podia maginar, puxou desde o começo, quando apenas uma menina de dez anos obrou seu primeiro milagre, falou da graça que manou sobre o arraial de Taquara e da desgraça que sobreveio do agravo feito por aquela gente contra Deus Nos'Senhor, inté o dia em que, tendo sepultado o esposo saiu sem rumo certo e veio para aquele lugar. Por fim falou do encargo, e terminando o menino Vadico garrou a matutar sobre o assunto, sentado na beira da cama, os cotovelos fincados nos joelhos e as faces nas mãos.

— Mas minha mãe, como é que despois de tantos anos eu vou encontrar esse homem, esse tal… como é mesmo o nome dele?… Supriano? Pode inté ser que tenha morrido!

— Não morreu, não — ela disse —, eu ficava sabendo. O Pai do Alto não me abandonou, se o homem do mal tivesse morrido Pai do Alto me dava notícia… por um meio qualquer, mas dava.

— Mas como é que eu vou encontrar ele, eu, que nunca arredei pé deste lugar e não conheço nada nem ninguém?

— Vosmecê, meu filho, tem uma missão difícil, nunca lhe disse que seria fácil. Deverá procurar por esse Supriano, soldado, homem da farda, graduado capitão, que esteve há muitos anos num lugar por nome Taquara adonde, despois de estropiar o povo, matou um homem inocente.

O menino Vadico escutava e fazia que sim com a cabeça, escutava e fazia que sim, escutava e fazia que sim…

— Teu pai, Vadico — ela continuou —, a quem lhe ensinei a ter no coração, foi um homem sem erro na vida, do que eu sabia porque o Pai do Alto me havia esclarecido nesse ponto. Ele disse "vai, que aquele será teu esposo" e eu respondi "mas Pai, como posso eu tomar um esposo se estou cumprindo um ofício ordenado por vós" e ele disse "agora estou ordenando diferente, e escolhi para ti um homem sem mácula" e eu disse "se essa, Pai, é vossa vontade, eu vou", e eu fui.

O menino Vadico escutava, fazia que sim com a cabeça…

— O sangue do teu pai não vai sossegar enquanto não correr pelas mãos do filho dele o daquele que o matou. Na hora você tem de encarar o cabra e dizer: eu sou o filho do Divo, lá de Taquara, vosmecê alembra?, pra que ele saiba por mão de quem vai morrer.

E, mexendo-se com dificuldade devido à fraqueza, envergou o corpo para fora da cama, palpando por debaixo à procura de alguma coisa. De lá colheu uma caixinha de pau, que entregou ao filho. Vadico, abrindo a caixinha, viu dentro o que dentro havia: um revólver.

— Comprei para ti — ela disse —, comprei para ti. Aprenda a usá-lo.

Finalmente se esclarecia a missão que a santinha designara ao filho: correr mundo à procura de Capitão Supriano e vingar a morte do Divo.

A santinha agonizou pelo resto da tarde, morreu ao anoitecer e no dia seguinte o menino Vadico foi procurar siô Ordonho mode saber como agir. Sepultada a mãe, Vadico continuou em casa por alguns dias meio desnorteado inté que mode uns cobres — mas porém sem olvidar umas provisões para a surda que, embora a idade, ainda rija se mantinha no cultivo duma horta, dum milho, dum feijão —, decidiu vender na feira de Lajinha três bacorinhos que cresciam no terreiro e a dúzia e meia de legornes que debicavam por ali, e foi de novo procurar siô Ordonho: que ele concedendo licença saía por uns tempos a tratar dum assunto conforme promessa feita à mãe; lá ficava a dona velha cuidando do barraco pr'adonde "com vossa permissão, num sabe?, retorno assim que a pendência estiver resolvida". Siô Miguel Ordonho não negou, que fosse, promessa à mãe em leito de morte é sagrado dever, demorava-se em viagem? Tinha carência de alguma coisa? Que não, que se abastecera de uns cobres na venda de uns pertences, mas sobre demora não podia garantir, que podia dar-se o caso inté de retornar daí a poucos dias, conforme se passassem as coisas, mas podia suceder o contrário, que no entanto Siô Ordonho não tivesse cuidado, ele se ajeitava — e naquele mesmo dia, montado num burrico, saiu em missão de morte.

Na sua jornada, o menino Vadico cismava — e se ainda falo dele como um menino é porque, mesmo com dezoito anos, tinha lá seu jeito de garoto, não só o corpo pouco desenvolvido, mas inté mesmo a cara, se bem que parecida com a do pai, feioso assim, dava uns ares de criança grande.

Mas cismava: seu dever era matar um homem, ele que mesmo bicho desgostava de suprimir da vida, sentia pena de cortar o pescoço de um frango em idade de panela, inté de inseto do mato — cigarra, formiga, besouro — poupava por instinto, por compreender sem saber como que tudo fazia parte do mundo, e se estava vivo não se podia ir matando assim sem mais nem menos. Mas desde que a mãe lhe contara sobre esse homem de ruindade sem igual que devia morrer por suas mãos, em paga de crime medonho praticado contra seu pai, compreendeu que em certos casos podia-se tirar uma vida. Essa compreensão não lhe chegou ao bestunto mode um sentimento de desforra, como quem

diz "ele matou meu pai, pois bem: vai morrer feito um cachorro danado e quem vai estripá-lo serei eu!", inda que preservasse do pai a figura que lhe fora instruído guardar no coração, não só com respeito mas com amor; proveio da fala tranqüila da mãe, cujo passamento se avizinhava: a mãe, a mãe que nunca deixara de lhe ensinar o certo, havia dito o que lhe cabia fazer, ele botava fé em suas palavras que por elas sempre se guiara; e sem nenhum ódio a lhe roer o coração contra o matador de seu pai determinou-se a cumprir o ordenado, no que não sentia remorso algum, nem susto, nem aflição — nem tampouco prazer.

Pra não dizer que nenhum agrado lhe vinha do que ia praticar, ponha-se tento em que lhe dava gosto apenas obedecer a mãe no que fosse, mormente neste por ser o último pedido, mais ainda lembrando-se de suas horas finais, inda moça e tão bonita, e tão fraquinha naquela febre que a queimava.

Vadico primeiro esteve em Taquara.

Taquara, mais de dezoito anos transcorridos, era um lugar quase que assombrado: enfileiradas nas poucas ruas buraquentas e cheias de mato, as casas tinham cara de tal abandono que maior não podia ser, paredes num encardimento medonho, telhados que afundavam pra dentro, portas e janelas na maioria quebradas e amarradas com arame ou tiras de pano, uma desolação a tomar conta de tudo. Inda haveria por ali morador?

Entrando no arraial, Vadico percebeu umas janelas abertas, avistou lá uns que bestavam de um lado pra outro e que, por sua vez, também o avistaram, e como desconhecido que era sua chegada produziu da mesma forma estranhamento geral, pois dúvida não cabia: gente de fora em Taquara, coisa da maior raridade naqueles anos! Do que desejava saber, pouco obteve, que das desgraças daquele tempo, inda que pudesse restar lembrança pois em vista do acontecido o tempo não fora suficiente para apagar, já não se falava, e quando Vadico, na bodega, comentou qualquer coisa a fim de apanhar instrução, o homem atrás do balcão, cego duma vista, mal abriu a boca num riso amarguroso dando mostra duns dentes escavacados, e o olho bom verteu uma lágrima.

— Calhou que ouvi falar — disse o rapaz explicando a razão da pergunta —, tive interesse… curiosidade boba…

Um outro, que num canto do balcão bebia uma dose, baixou a cabeça, e alguém que entrava nessa hora, escutando o comentário do desconhecido, parou, voltou da porta, desapareceu.

Vadico não colheu notícia, desconfiou que o assunto não era do agrado de ninguém, não quis reperguntar.

Na igreja encontrou umas beatas que rezavam, zunido frouxo na modorra do meio-dia, mas não avistou o padre. Acomodou-se num banco, o chapéu no joelho, enquanto vigiava a imagem dum Cristo dependurado na cruz por cima do altar, e assim esteve esquecido inté que viu brotar da escuridão ao fundo

uma figura magra e igualmente negra. O vigário, que acabava de entrar, dando com um estranho na igreja, foi inté ele:

— Na precisão de alguma coisa, meu filho?

Vadico se levantou, enjoelhou, apanhou-lhe a mão para beijar. Endireitou o corpo.

— Carecia de uma prosa, padre, coisa porém breve.

— Venha comigo — e levou o Vadico pela sacristia inté uma saleta nos fundos, adonde mandou que ele se sentasse. Escutou o rapaz, que lhe falou de uns sucessos antigos os quais, no entanto, ao contrário do que parecia, restavam na lembrança da gente do lugar feito nódia, coisa que não saía, ou por outra, cicatriz com postema por debaixo, ferida que parecia curada mas sangrava ainda.

— Que interesse pode ter vosmecê nesses tristes acontecimentos, meu filho, que melhor estariam se de todo esquecidos?

— Sou o filho do Divo, padre. Vim pra mode conhecer a sepultura dele.

O padre, no Vadico dizer quem era, levantou-se dum pulo, quase: arregalou os olhos, apois, quem não arregalava diante de tal novidade? Quem não se espantava com tão inesperada visita?

— O filho do Divo?

— O senhor conheceu ele, padre?

Então o padre explicou que dos tristes acontecimentos de que buscava notícia, ele próprio só ficara sabendo por informação colhida com os do lugar.

— Vim para cá substituindo o padre anterior, que morreu — disse. Aos poucos ficou sabendo de tudo que acontecera, à sua chegada ainda recente a lembrança do desespero. Sim, um homem do exército, disse respondendo a uma pergunta do rapaz, um capitão pelo que soube, um homem de muita ruindade que tinha vindo de longe com uma tropa trazer o terror para o arraial. — E o pior de tudo, meu filho, trazido por um sacerdote de Deus — o que dizendo o padre parou, abismou-se, meditando naquilo. "Um sacerdote de Deus…" Mas o rapaz continuava ali, e lhe fazia mais perguntas: o lugar onde o Divo fora enterrado? Ah, sabia, tinha ido lá rezar uma missa pouco despois de chegar em Taquara, não podia deixar um cristão enterrado em chão profano sem um adjutório para sua alma. — Você quer ir até lá, filho? Eu lhe ensino…

Vadico não chorou a morte do Divo seu pai, que não havia conhecido. Espiando o casebre derruído, o lugar cheio de mato (que pra chegar inté ali tivera dificuldade, já não restava trilha, nem mesmo um sinal de passagem que fosse, tendo quase que adivinhar dentro da mata pra que direção seguir), o lugar da cova já invisível por debaixo da erva rasteira, teve um só pensamento: um mal fora feito e sua mãe lhe instruíra que esse mal devia de ser remediado. Matar? Se era o caso… E ao ir-se de Taquara, Vadico carregava a única certeza que lhe podia caber no coração: tinha um dever — cumprir o determinado pela mãe. Despois voltava para casa.

Procurar por um homem pode ser coisa fácil ou coisa difícil. Costuma ser difícil quando o homem não é pessoa de chamar atenção, vive adonde quer que viva mais ou menos escondido, e no que sai de onde os outros o conhecem em mudança pra outra paragem é quase certo que, de rota ignorada, ninguém o vê seguindo por aqui ou por lá, e mesmo que ficando por perto — a um dia ou dois de viagem em cacunda de animal — dar com seu rasto é tarefa dificultosa; torna-se fácil, porém, se é pessoa de todos conhecida e cuja lembrança ainda permaneça, de modo que um qualquer ao ser perguntado responde: "Fulano? Apois, sim, relembro", e não tarda alcançar informação segura de seu paradeiro. Costuma, porém, dar-se um caso diferente: que, mesmo a pessoa sendo de qualquer um conhecida, difícil se torna inteirar-se pr'adonde se bateu, seja polo muito tempo transcorrido de sua passagem por este ou aquele lugar, seja por não trazer alegria sua recordação, senão medo e pesar, de quem todos preferem se esquecer por mágoa produzida ou a si ou aos seus, nas mãos de Nos'Senhor — que por tudo vela — o destino daquele, seus caminhos, seu castigo.

Assim que, largando para trás a poeira de Taquara, o menino Vadico, que desde que se botara no mundo mode cumprir o determinado pela falecida já não era um menino mas um homem, e escondida na cinta a arma em cujo uso já porfiara por adquirir prática, enfrentou caminhos e caminhos sem encontrar pista de Capitão Supriano.

Não passou arruado, arraial, povoamento que ele não vasculhasse, procurando saber de uns e outros se tinham notícia: dava a pinta do sujeito, um mulato forte, alto, de meia idade (pelo que a santinha dissera, se naquela época ia pelos trinta anos mais ou menos, agora beirava os cinqüenta), homem de farda, capitão de regimento se não de patente mais elevada hoj'em dia.

— Major, será?… — respondia alguém.

— Talvez…

— Se é homem de farda,vosmecê deve de ir inté Sertãozinho e de lá bater pra cidade…

— Mas é de urgência? — alguém perguntava.

Nesse ponto Vadico não prosseguia conversa. Não competia dizer por que procurava esse Capitão Supriano: assunto dele — sim, de urgência, mas não esclarecia mais, se arredava, a cavalo partia, seguia em frente.

Mas não se pode dizer que nunca tivesse colhido qualquer notícia: em Sant'Antônio do Brejo soube que um Capitão Supriano, há que tempos!, estivera na caça de uns fora-da-lei, andou espancando alguns pela cidade mode obter indicação, muita covardia: de uma dona em estado interessante chegou a inté a dar pontapé no volume da barriga, despois seguiu caminho; em Poço Fundo lhe disseram de um homem de cor: do nome não tinham sabença, tinha passado lá uma noite, por companhia somente dois cabras, trajava farda de oficial. Estava levando um cativo pra cadeia, mas o cativo ia em mau estado. Pr'adonde seguiu despois? Quem sabia?… Em Águas Claras o governo mantinha um aquartelamento, pra lá derrotou Vadico, procurou o comandante, mas esse nunca tinha

escutado falar do tal capitão; se era mulato, sendo oficial, conhecera, sim, noutros tempos, um porém de patente mais baixa, tenente, "Tenente Floriano", disse, o nome inté que rimava, porém… Em Conceição da Várzea esteve mais por descargo de consciência por ser um simples arruado a duas ou três léguas de distância, e alguém só lembrou que ele devia de ir a Águas Claras adonde havia um aquartelamento. Quanto tempo esteve Vadico nessa procura? Não se sabe ao certo, gastou janeiro, que de nada adiantou: o homem tinha se sovertido.

Vadico, se por um lado não lograva encontrar pista do procurado, por outro cedo se viu em não menor dificuldade: como é que podia permanecer o tempo todo na investigação se não tinha com que se manter? Carecia labutar, precisava dum ofício mode ganhar seu sustento, pois desembrulhando certo dia a trouxinha que carregava na matula viu de resto só uma pratinha, suficiente pra adquirir um pão com salame numa venda, o que comeu pensativo no lombo da montaria enquanto ia vencendo estrada. Tendo de dividir seu tempo agora entre o mandado da mãe moribunda e a carência do estômago, do que laborava por algumas semanas em roçado, curral, no que fosse, fazia nova trouxinha, socava na matula e lá ia, ganhava mundo outra vez, inté que passados os meses e já sem com que contar, requeria sujeitar-se novamente a patrão pra mode fazer outra trouxinha.

Já ia pr'uns anos — quantos? Quatro? Cinco? — que a vida do Vadico não saía daquilo, e afora o ter conhecido mundo que ele nunca maginou conhecer, desde arruamento sumido nalgum cafundó adonde assistia meia dúzia de gente inté arraial mais avultado feito Vargedo e outros, não podia garantir que tivesse de seu muita coisa, que de seu menos que nada possuía: a arma, a roupa do corpo, uma outra muda no saco em caso de última necessidade, e a montaria, um cavalo que conseguiu apanhar num negócio por ser animal novo e de mais resistência, já que o burrico, velhusco, teve de deixar para trás na forma de uma carcaça que pra lá ficou à gana dos urubus. Mas o que incomodava o Vadico não era isso: sujeito de nenhuma cobiça, ter de seu só isso ou mais algum não fazia diferença, novo que era não tinha pensado ainda em casório e pode-se dizer mesmo que naqueles anos não calhou espichar o olho para moça alguma, a não ser o ocasional, um deleite de bordel, um arrasta-pé de fim de noite, miudezas tais, do que porém não tinha costume mode sua natureza meio recolhida e por força da própria incumbência que recebera. Incomodava o pobre era não ter encontrado, ao fim daqueles alguns anos, rabeira do homem que devia matar.

"Descumprir o mandado de mãe?" lhe veio à cabeça certa noite em que viajava de volta da cidade para Sertãozinho, meio desiludido. Mas descumprir o que alguém pediu na hora dolorosa, inda mais sendo mãe, mormente em memória do pai, homem de merecimento e vítima da maior das covardias? Não tinha cabimento, pecado grave seria, de requerer punição vinda de cima, do que ele mais se arreceava, pois se Vadico crescera destemeroso mode o ensino rece-

bido da santinha, receava porém a ira divina, pois a ruína do corpo não era de valor em vista da perdição da alma, para a qual não tinha remédio. "Descumprir o mandado de mãe?... Nunca, inda que minha vida não passe disso e eu envelheça de ficar com a cara cheia de ruga e o cabelo branqueje mais que algodão!" — e Vadico não desanimou.

Dá-se que muita vez Deus Nos'Senhor dificulta nossa jornada pra mode botar à prova nossa força, não que Ele precise disso pra saber da força que temos, mas porque nós mesmos precisamos saber que temos força. Dessas dificuldades atravessadas, quando alcançamos a vitória é que damos valor ao nosso empenho, do contrário tudo nos parecia fácil e desmerecido, de importância pouca ou nenhuma, do que Deus não pode se agradar.

Assim foi que Vadico passou aqueles primeiros anos de sua mocidade procurando Capitão Supriano para matá-lo (inda que esse motivo permanecesse escondido em seu coração, que ele nunca explicava por se tratar de coisa por demais grave e requerer segredo), e em certos lugares acabou conhecido justamente por isso, pois mais de uma vez estando onde já tinha estado referia o homem que procurava com aqueles mesmos a quem já tinha referido, que dele se lembravam — "Apois! Inda não esbarrou com o tal?" — inté achando graça, como é que alguém podia viver assim, procurando uma pessoa sem nunca encontrar?

Mas da mesma forma que Deus Nos'Senhor bota baraço no nosso caminho pra mode medir nosso valor, lá um dia Ele se compadece de sua criatura e delibera premiá-la com o sucesso de sua empreitada, do que muito se satisfaz o cristão por ver que esteve sempre de seu lado Aquele por quem, na sua fé, granjeou. Dirá algum que Deus não pode dar valimento a quem, por mais empenho que mostre, busque obrar contra seus ensinamentos, apois, como é que pode o Vadico ter sido abençoado se tinha como propósito matar uma pessoa, tirar uma vida, inda que essa vida fosse a de um que não valia nada como aquele Capitão Supriano? Mais certo seria dizer que Vadico contou, por final, com a ajuda do não-sei-que-diga, que pra influir no mal está sempre pronto, mais ainda se assim dispondo pode alcançar a alma dum infeliz. Não está errado quem vai por esse pensar, a obra do mal é influída pelo inimigo, Deus seja por nós que não gosto de lembrar esse nome, mas cabe esclarecer que os caminhos dAquele lá de cima não são do nosso conhecimento, que muita coisa ele obra ao contrário do que pensamos pois tortas são nossas idéias e curto nosso entender das coisas do mundo. Com isso, como veremos, pai não estava errado quando dizia, na sua fé, que Deus por último foi por Vadico em face de seu empenho na obediência à ordem materna.

Calhou um dia que Vadico, cansado de um estirão em lombo de montaria, tendo enfrentado uma serra de difícil cruzamento, foi parar muito longe de qualquer lugar adonde até então tinha botado os pés. Não se sabe ao certo que lugar aquele, se um povoado por nome Riachinho, se um chamado Santa Cruz da Serra, disso pai não tinha certeza, pode ter sido num desses dois, distantes

por demais, ou nalgum outro. O caso é que ali chegou por um finzinho de tarde, escutou o sino da capela e, largando o cavalo solto do lado de fora, entrou. Umas velas alumiavam o altar, o vigário celebrava o ofício, um povo miúdo assistia. Vadico se descobriu e foi sentar no banco mais remoto, adonde permaneceu inté o fim, inté quando saiu toda a gente e só ficou ele. Só que Vadico não viu sair ninguém: enjoelhado no chão em fervorosa prece, suplicava a Deus Nos'Senhor que lhe proporcionasse o fim daquele encargo, que muito já pesava em seus ombros.

Por fim abriu os olhos, levantou-se e saiu.

Do lado de fora espiou pra mode ver se arranjava um pouso, pensou requerer dormida num recanto, um fundo de paiol, um telhado de curral, qualquer lugar, quando se aproximou um menino pequeno, magriço, mal arranjadinho, dez anos parecendo sete, que lhe estendeu a mão num pedido de esmola. Inda que no bolso tivesse um escasso dinheiro, não mais que umas moedas restantes, Vadico teve pena, tirou algumas, estendeu pro menino.

— 'Gradecido, seu moço… mãe carece, meus irmãos mais pequenos…

E se afastou correndo, Vadico seguindo o menino com as vistas.

— Muita pobreza, sô moço, muita carência pr'essas bandas.

Vadico se virou, um velho ao seu lado tinha dito.

— É, o mundo tem suas tristezas — disse o Vadico.

— O moço é de fora, pois não?

— De fora, sim… cheguei inda há pouco, no principiar do ofício…

— Esse é um caso…

— Um caso?

— Apois, um caso desses, como o moço falou: das tristezas.

— O menino?

— Filho de um homem que já teve poder nas mãos.

— O menino?

— Antão não?… Já ouviu falar num certo Capitão Supriano?

O Vadico teve uma tontura, espiou na cara do velho mode ver se o tal não era um dos que já o conheciam d'outros tempos e se não estaria de troça mais ele, ou se era um enviado de Cima (ou talvez de baixo, que já não tinha certeza donde lhe poderia provir ajuda, inda que requeresse benção aos céus e só aos céus). Mas na tarde que findava o velho tinha umas feições serenas, um riso desprovido de dentes e de alegria, era um velho, só um velho.

— O menino…?

— Filho desse Capitão Supriano, seu moço, homem de muito poder nas mãos em outra época, de coração perverso…

— E adonde mora?

O velho fez um movimento com o queixo, "lá" disse, indicou um lugar, ao vago, "uma casinha só, no meio do pasto", mas Vadico já não o escutava, já não estava mais do lado dele, já corria pelo caminho na direção que o menino havia

seguido, inté se esqueceu do cavalo, que por ali mesmo ficou, mordiscando uma grama.

"Uma casinha só, no meio do pasto", a fala do velho. E ele agora estava no meio do pasto, cadê a casinha? Mas se já escurecia, ele não achava a casinha, o menino havia desaparecido, não se ouvia barulho nenhum! Continuou andando, não traçava rumo: ir pr'adonde, se não conhecia o lugar? Andava, ia em frente, nem que tivesse de bater cabeça a noite toda…

De súbito avistou uma luz, uma janela de repente clara, alumiação miúda de lamparina, direção segura. Era lá. Alegrou-se: chegava ao fim de seu caminho, agora cumpria sua missão e voltava para casa.

No terreiro bateu palmas, chamou, um cachorro latiu e veio na direção dele farejando. Uma cabeça apontou na janela:

— Ô de fora…

— É aqui que assiste sô Capitão Supriano?

A cabeça não deu resposta de pronto, tardou. Pensava no que dizer? "Cogita em escapar, fugir?"

— É aqui — respondeu por fim.

— Então… carecia de uma prosa mais ele, venho de longe.

A cabeça sumiu na janela, a portinha se abriu. Uma dona apareceu, levantando no alto a lamparina pra melhor clarear o terreiro. Por detrás de seu corpo espiou o menino.

— Mãe, é o moço que me deu dinheiro em frente à igreja.

— Ah, louvado seja, seu moço… Deus Nos'Senhor esteja… vosso benefício… adentre, a casa é vossa…

— Não carece, sá dona… requeiro apenas uma palestra rápida com Capitão Supriano, hoje mesmo tenho de voltar.

— Não se avexe, seu moço, adentre… Supriano está aqui mesmo, na sala… — e se afastou da porta, cedendo passagem.

Vadico meteu a mão na cintura e apalpou o revólver. Num lampejo planejou a ação: entrava já de arma em punho, falava aquilo que mãe lhe tinha ensinado, desfechava os seis tiros contra o homem e saía correndo.

E foi o que fez, foi o que quis fazer: o menino viu ele puxar da arma e gritou, a mulher apavorada recuou um passo, Vadico entrou na casa e parou.

Parou.

Esteve parado, olhando…

— Não carece, seu moço — disse a mulher despois de passado o primeiro susto, tocando de leve o braço do visitante —, não carece… a vida já venceu ele, espia…

Num canto da sala pequena e miserável, sentado numa cadeira, Vadico avistou um homem de cor, um mestiço. Mas o homem não deu acordo de si, não percebeu a presença do estranho em casa, nem se mexeu.

— Vai pra nove anos que ele está assim moço, desde pouco despois do nascimento deste daí — indicou o menino —, não se move, não fala, não escuta… de comer só botando na boca, faz tudo nas roupas… será um homem ainda?…

Vadico estava assombrado. Pensou na mãe, no que ela havia dito em antes de passar: "você tem de encarar o homem e dizer: eu sou o filho do Divo, lá de Taquara, vosmecê alembra?", mas… se o desgraçado nem não era capaz de escutar o que ele por acaso dissesse! Como é que podia levar em frente sua missão se, por fim, ela não fazia mais sentido nenhum?

— Eu sei, seu moço… foi um homem de muita ruindade, de conquistar muitos ódios, mas a vida venceu ele. Não carece o senhor danar sua alma manchando as mãos de sangue.

Do jeito que estava na cadeira, Capitão Supriano Labareda ficou: parado, sem perceber o que sucedia à sua volta. Vadico — os olhos do rapaz se arrasaram de lágrimas, o queixo tombou para o peito, a arma tombou para o chão. Pai conta, pai sabia do ocorrido: Vadico saiu da casa e enfrentou a noite.

A noite dentro de seu peito era maior.

Noite de Baile

— pois, Sinh'Antônia, vossência se alembra daquele causo dum moço desconhecido que andou por aí desacorçoando moça donzela em festa de baile, o qual ninguém sabia donde provinha nem pr'adonde se punha?

Quem alvitra a pergunta em hora noturna é um homem velho, nhô Catarino, que raspava a cacunda na cerca dos oitenta, se não chegados pouco faltando: nhô Catarino, em cuja casa naquela noite de vento e lubrina se propiciava um baile, bate-pé borrascoso pois a turma se achegava com os calçados pesados de barro e ia assim mesmo adentrando a barraca, armação tosca de bambu recoberta de sapê e levantada no terreiro largo — chão de terra batida — defronte a sala.

Porém os de mais idade ali não faziam paragem, a não ser uns raros, a mode espiar os requebros da moçada no divertimento, e adentrando a casa passavam a sala estreita, cruzavam por corredor comprido e quase às escuras indo desembocar na cozinha: seu interesse o encontro com os de seu tempo, o mesmo encurvar de espinhaço pola força dos anos, o mesmo derruimento de corpo se não d'espir'to, porém o proseio arrastado entre as remembranças tardias e permeado de um pigarrear catarroso, dumas tossidelas lacrimosas, adoçando a amargura com um café de caldo requentado e enjoativo — no variar uma pinga, que a seu tempo viria enfeitar a mesa em garrafa arrolhada com sabugo de milho. Mas a cozinha: larga, de paredes pretejadas de fumaça e por luzes umas lamparinas salteadas aqui e acolá, e adonde uma grande mesa de braúna lavrada em volta da qual aquele povo antigo. Proseavam ali, arredados da balbúrdia — mas de longe, atravessando tantas paredes de permeio, o vozerio e o sanfoneio do baile.

Sucedeu então que nhô Catarino relembrou aquela história já de uns tempos, de muito falatório, causo inté de uma gente mais assustada se benzer: no porém Sinh'Antônia não era das novas, que a velhice semeara cinza em sua outrora cabelama, agora tão só umas trancinhas minguadas, duma raleza, enroladas no alto da cabeça a feitio dum coque supino.

— Adonde qu'eu num ia de me alembrar! — Sinh'Antônia diz, cuspinha dum lado um farelo de cana que restara no café. — Eu'stava na casa de iô Terêncio na noite do baile em que a filha mais nova dele foi desencaminhada!

— Hein? — e sinhozinho Dodó avança a orelha nonagenária com a dificuldade do não ouvir, surdez estabelecida e não curada.

— O caso do moço desconhecido, sinhozinho Dodó — esclarece nhô Catarino —, um que inté um tempo atrás andou desencaminhando moça donzela nos bailes adonde aparecia…

— Ah… — a vozinha enfraquecida, a ausência de dentes num sorriso perdido no tempo. — Não alembro não…

E balança a cabeça tarda, os olhos que já vigiam a eternidade.

— Vosmecê não deve de ter sabido do causo, sinhozinho Dodó — Sinh'Antônia meio encurvada na direção do nonagenário, esclarecendo-o —, pois não correu tanto tempo desde então… O quê? Três anos? Quatro, se tanto.

Mas sinhozinho Dodó somente movia a cabeça, a maxila pendente, pouco recolhendo das palavras da velha.

— E como foi mesmo que se deu a coisa, Sinh'Antônia? — nhô Catarino quis saber, inda que a história tivesse corrido o sertão e dela ele já fosse sabedor.

— Ao certo, ao certo… quem sabe? — respondeu a velha. E se botou pensativa, balangando a cabeça. — Aquilo só podia ser coisa do demo — disse. Benzeu-se. — Um homem assim, de tanta boniteza…

— Mas desencaminhou mesmo a moça? — indagou nhá Isaltina, uma velha achacada de reumatismo que andava meio envergada dum lado e assistia na Freguesia.

— Apareceu naquele baile — continuou Sinh'Antônia — e a moçarada toda se assanhou… Diz que tudo que era moça se embeiçava mode o tal… Dançou com a filha mais nova de iô Terêncio e a pobre não escapou do sortilégio…

— Nas dobras da noite se esconde coisa que o homem não cogita — a voz grave, segura mas lenta, de uma dona benzedeira que viera de Lajinha, que mal falou, pitou, e a fumacinha subiu, esparramou-se, encheu a cozinha de um forte aroma.

O baile chegava até ali como que provindo de lonjuras.

A dona de Lajinha era dessas que meditam nos sucedimentos da vida, que guardam sabedoria. Os olhos miúdos quas'que nem se abriam mode não lacrimejarem do fumo, e a cabeça meio tombada pr'adiente recobria-se de pano encardido, as pontas em nó na cova da nuca.

— O homem deve se guardar das coisas da noite — ela disse ainda, a unha negra buscando o fornilho do cachimbo. — Quem não tem fé calha seus tropeços.

— É isso mesmo — a voz soturna e lerda duma dona de avantajadas gorduras, a cara branquela inté como se padecesse dum inchaço, papada de peso caindo em riba da gola do casaco, mas pouco passada dos sessenta, d'a Geraldinha Trancoso, residente em Vargedo mas passando uns dias em casa de conhecidos ali mesmo no Corgo Seco. — Falecido avô contava história de parecença com essa do tal moço. Dizia ele que de tempos em tempos um esp'rito ator-

mentado sob ordem do tinhoso sai polo mundo na figura de uma pessoa bem-parecida mode desviar um cristão do seu caminho, e vem com o poder de seduzir assim o pobre a jeito de se deitar mais ele, seja homem ou mulher, venha o esp'rito na conformação duma moça de muitas graças ou dum moço de galhardia… e assim calha nascer criança com a marca da condenação mod'espalhar a maldade polo mundo.

Nh'Ordálio, um preto de carapinha nevada e olhos raiados de vermelho, fez um prolongado bico e sungou o nariz. Toda a cara, chupada e ossuda, se franziu, franzimentos desenhos na pele feito couro ressequido, e negrume inté meio branquicento.

Ao seu lado nhô Adalgiso Fraga ajeita a japona de lã, fecha o botão do gorgomilo. Nhô Adalgiso viera da distante Rio Belo. Conhecia nhô Catarino dos tempos de rapaz e ano a ano aparecia de visita ao amigo, calhando dessa vez chegar em dia de festejo. Homem de respeitável cabedal, reservava para si mesmo, mode uma velhice confortável, uma parte folgada do que possuía. Do resto, costumava dizer, que cuidassem os filhos pois ele estava velho e o que queira era sossego e gozar a vida, "apois, tudo aquilo não será deles mesmo no que eu fechar os olhos?". Previdente, viera provido de agasalho capaz e grosso impermeável, no que procedera bem, pois a bem dizer o tempo o surpreendera em viagem — a súbita viração, o frio, a ventania, o nevoeiro no cume dos montes, a chuvarada que transformou os caminhos num charco…

— Escutei falar qu'iô Terêncio botou cabra no rasto do talzinho — continuou o preto —, mas qual!…

Nh'Ordálio desacreditava da providência.

— Cá, de ouvido, também apanhei tal novidade — nhô Catarino confirmativo —, mas não boto fé…

— Apois, qu'é providência de pouca valia — esclareceu d'a Geraldinha Trancoso —, mode que o demo obra com esperteza e quando quer não deixa vivente enxergar seu mandado, adonde que o tal vem e vai e ninguém não descobre seu rumo.

— Então! Diz-que o tal moço desencaminhador de donzela s'escapou mesmo de não dar mais as caras em surungo qualquer…

Fez uma pausa, espiando a chama da lamparina em riba da mesa. Despois:

— Vai ver é isso mesmo… por obra do demo…

— Falecido avô relatava causo… se dera na mocidade lá dele, naqueles tempos… inda que tivesse suas diferenças, pois na história que ele contava o enviado não surdia em festejo alheio… aparecia era em casa de moça donzela se passando por peão de curral, ou pessoa de roçado e plantação… moço de figura vistosa, não sabe?, pra mó de encantar a família desprevenida… Então que foi nas terras de um vizinho de falecido avô que apareceu um moço de curral que bem obrava também em serviço de foice e enxada… de um tudo fazia com boa vontade e capricho, e o vizinho de falecido avô aprovou sua permanência na casa, c'os da lida…

Os outros vigiavam a fala de d'a Geraldinha Trancoso, de tão diversa, provendo geral interesse:

— Mas tinha um particular no tal moço que o povo da terra, inda que lhe 'panhando amizade, direito não calculava…

— E o quê que era, d'a Geraldinha? — Nh'Ordálio curioso.

— Era que o tal no anoitecer não era encontrado em lugar nenhum, ninguém sabia seu pouso: pr'adonde s'escapava? Quedê? Quem fosse procurá-lo no quartinho que lhe destinaram encontrava o quarto vazio, as coisas dele ali, o chapéu, a roupa, o calçado, inté uma carabinazinha que ele possuía, mas dele mesmo nem sombra… — e d'a Geraldinha Trancoso espicha o beiço, arregalando os olhos. — Na manhã seguinte, inté cedinho demais aparecia pra lida, e sempre bem disposto, sem esmorecer, mas a noite… tinha passado adonde?

— E a turma da casa não seguia o tal, assim de longe, mode descobrir? — quis saber nhô Adalgiso Fraga.

— Dizia falecido avô que inté quiseram ir atrás, quando o causo foi-se tornando suspeitoso… mas não quadrava… numa curva de caminho, por detrás duma moita, passando um arvoredo… o sujeito se sovertia… assim… no ar…

— E embelecou a moça da casa — disse a dona de Lajinha no silêncio que se seguiu ao gesto de d'a Geraldinha, com os dedos. A dona de Lajinha não perguntou: disse, afirmou… sabedora da história?

— Antão não? — tornou d'a Geraldinha Trancoso. — O dono da casa um fim de tarde resolveu tirar a limpo a história e mandou chamar o empregado. Inquiriu dele seu pouso, mas o moço, muito sério e respeitador perguntou: "Sinhozinho'stá desapontado com meu obrar?", não, que não era por isso, e coisa e tal, adonde que o moço solicitou, sempre manso no falar, que lhe dessem a noite e não quisessem saber, e não se falou mais nisso. Ninguém não desconfiou que uma das moças da casa, justo a caçula, se botara a trocar olhares com o rapaz, danado de vistoso que era, numa jinela, num peitoril de varanda no que fingia estar espiando o terreiro… Um namoro silencioso…

Nesse falar, d'a Geraldinha Trancoso fez tremer uma fibra nos esconsos de nhô Adalgiso Fraga: a história do amor entrevisto através duma janela, a fugaz visão, e depois as rodas do mundo… rodando… rodando… nhô Adalgiso sentiu o espinho…

— …que ninguém cogitou… Inté que uma noite deram pela falta da caçula na hora da janta… mandaram no quarto chamar que nhô pai apreciava a presença de todos à mesa… mas a menina não estava lá… Mas adonde? E toca a procurar… na bica, lavando alguma vasilha… não terá ido à mina buscar água pra encher as moringas?… teria tardado na casa de algum colono?… mas… qual nada!…

— E nunca mais se soube da menina — disse novamente a de Lajinha —, nem dela nem do moço peão…

Caiu um silêncio pesado na cozinha.

O vento inda assoprava com força, a chuva tamborilando miúdo nas folhagens lá fora… Sim, pesado esse silêncio de assombro do desconhecido.

"Nos tempos da Macambira" cogitou consigo mesmo o velho Leocádio, um escuro de pixaim alvacento, já derivando pros oitenta bem puxados, inté calhando um pouco mais, a carinha miúda e cheia, os olhos sumidos, do fundo espiando pra fora feito um porquinho cevado. Aboletava-se em seu tamborete de costume, arredado da mesa grande, e ali apenas cogitou na reminiscência dolorosa: falar daquilo não soía, que o sofrimento antigo não amaina.

Respirou fundo, que a asma já lhe tolhia o ar a espaços. Abismava-se. Fora o caso da mais nova de Iô Terêncio que nhô Catarino puxara da memória, fora o relato de d'a Geraldinha Trancoso, fora sua própria lembrança dos tempos da Macambira, onde um moço desconhecido, tido por encantado, embruxara a menina da casa: sentia uma tremura nos beiços, surdindo-lhe das vistas uma aguazinha pertinaz — a história daquela tragédia, quarenta anos depois, ainda lhe aferroava o ser.

"Pobre Ninice…"

Leocádio levantou-se, cambaio, do tamborete, sentindo a junta das cadeiras, uma dor de osso velho dilacerado.

— Vosmecês me concedam licença qu'eu vou inté a barraca apreciar… essas histórias, num sabe?, m'encabulam…

E se foi, saiu arrastando as botinas p'lo corredor adentro na direção da sala.

— Mas será que a de iô Terêncio ficou esperando menino? — perguntou nhá Isaltina retornando ao causo anterior.

— Ah, bom — Sinh'Antônia desempenando a espinha —, isso eu já não sei… não escutei falar mais do caso, porém é certo que a menina inté de cama ficou mode o chamego que 'panhou p'lo dito moço…

Dava-se que nhô Catarino, o dono da casa, ali residia viúvo com o filho mais novo, um Demantino baixote e troncudo de nariz abatatado inda que fosse branco, sendo o velho e não o novo quem — havia coisa duns quinze dias — imaginara uma diversão pra gente do lugar, providenciando o dançarico daquela noite.

Sucede o Demantino casado com uma dona de cabelo ruim, amulatada, se bem que possuidora de corpo responsável e que muito apreciava requebro e choro de sanfona. Tinha uma filha mocinha, os peitos já furando por debaixo da chita, calhando os catorze ou quinze anos, que saíra à mãe em gostos e manejos.

Nhô Catarino, inda que fora ele a promover o festejo, se desagradava de certas liberdades em casa, mesmo se tratando de gente conhecida — povo da vizinhança — o pessoal reunido na barraca, raro algum topete despontando de posição mais arredada (conquanto também destes houvesse um que outro). Nhô Catarino não se comprazia porque tinha muita estima pelo filho Demantino, o que, dos quatro que tivera, permanecera ao seu lado no lugar, que os outros capinaram mundo afora à caça de melhor colocação: "Corgo Seco não

supre futuro" disse o primeiro ao partir, a mesma fala na boca dos outros, e raro apareciam de visita ao pai envelhecido.

Nhô Catarino planejara o baile havia dias, mas desde cedo naquela manhã de sábado vinha chamando atenção às duas, a nora e a neta, "tomem tento vancês, que festa é pra ser de alegria e não de aborrecimento, não me vão dar motivo pro Demantino se desgostar". Não que o velho desconfiasse da dona mulata, a Calica, ou igualmente da neta, a Caliquinha, mas lhe parecia que uma, por ser casada, ficava mais bem vista se evitasse seu tanto sair de requebro barraca afora pola mão dos outros, o marido só num canto espiando, e a outra, nova que fosse, melhor figura faria se não se assanhasse tanto.

Desses pareceres nhô Catarino não comentava com o filho mode evitar aborrecê-lo, atencioso com todos que chegavam, mesmo porque nunca apanhara qualquer sinal de proceder vergonhoso, fosse da Calica, fosse da Caliquinha — e o velho apreciava esse proseio com gente do seu tempo na cozinha espaçosa enquanto no fogão de lenha estralejava a madeira seca, queimando e esparzindo o calorzinho bom na noite fria, e não só, que era de seu gosto também ver os moços na alegria da mocidade gozando o enquanto é tempo, num contentamento que lhe punha uns ecos na alma…

— Pra gente nova num tem frio, né compadre? — comentou Nh'Ordálio.
— Êh animação — e o preto se riu, despontando os dois dentes restantes, sobranceiros, de natural apontados quas'que pra fora da boca.

Escutando a fala do preto, a dona de Lajinha na sua sabença:

— Gente nova se supre do fogo da mocidade — pitou, os olhinhos quase duas riscas na concentração do pensamento; suas falas eram poucas, mas precisas. Lembrava-se de seu tempo de moça que crescera no cabo do cacumbu, sem os luxos de hoje-em-dia, "coisas que não são de Deus" murmurava reprovativa, "falta devoção" acrescentava soltando umas fumacinhas curtas e despois uma mais prolongada.

Essa dona viera de Lajinha sabedora do baile em casa do Demantino, viera mode o proseio com os conhecidos, mas ali também se arredava do barulho, optava pelo calor do fogo, pela quietude na cozinha distante e pelos devaneios, feito a história do moço desencaminhador de donzela que ponhara quebranto no coração da menina d'iô Terêncio e agora tinha um cabra atrás dele — mas cadê?

"Inté hoje…"

Ou então aquela de sinhozinho Dodó, noutros tempos homem de prosápia, muitos pertences, mas que perdera tudo, inté a dona lá dele, uma de buço reforçado e feiarrona, que despois do desastre pegara de tristuras sempre arredada prum canto, sem nada dizer pra ninguém, explicação nenhuma de suas quietudes, de seus olhos compridos e padecentes, inté um dia em que encontraram a pobre caída no porão da casa em ruínas, um vidro de veneno inda apertado entre os dedos secos, o buço inté mais escuro no sobrebeiço sobressaindo porém um ou dois fiapos brancos: sinhozinho Dodó sofrera seus revezes.

— Sá dona o povo diz que tem muita sabença no ofício de rezação — Nh'Ordálio virou-se agora para a dona de Lajinha.

A rezadeira semicerrou os olhos. Pitou. "Sim" em seu pensar, no considerar delongado mode não dizer despropósito, pois tinha seus saberes da cura pelas ervas e das coisas de devoção, sendo que saberes só não bastavam, "não havendo fé, não sabe?" explicou despois, no intervalo de um pitar.

— Apois — Nh'Ordálio, confirmativo —, é como falecido meu pai ensinava, que sem fé nenhuma reza tem valia.

— Mas é vero — tornou a de Lajinha, que anuía: aprendera a devoção, fazia usança mode o bem alheio, inda que "quem obra é Aquele lá de cima, no que for de sua vontade".

— Porém sucede polo mundo um povo muito desprovido de piedade — tornou Nh'Ordálio. — Vossência mesmo deve de ter encontrado muitos assim…

Que havia!, ela confirmava, porém havia também aquela gente que depunha uma fé verdadeira na Palavra. E esteve pensativa: pr'adonde chamavam por ela, lá ia, sempre o bem alheio no fito de sua função. E tinha conhecido causos…

Mas histórias todos tinham para contar, nem sempre tristes, nem sempre alegres, e sá dona Lucinira, que um pouquito se assentara com os velhos ali na cozinha mode um cavaco, suspirou no que nhá Isaltina lhe perguntou pela filha…

— E vossa menina? Não quis aparecer?

Pois d'a Lucinira era uma dona de recato, sempre vestida conforme os bons costumes, pessoa de devoção e muito considerada. Casara-se quando já beirava uma solteirice crônica, dando gosto a pai e mãe com sua decisão: o homem escolhido era um sitiante de boa situação, um tanto gordo e em excesso corado, mas boa pessoa. Dera-lhe uma filha, Suzana, uma flor de graça na meninice. Porém a gordura e as cores do pai não prenunciavam saúde conforme, e d'a Lucinira se viu viúva aos quarenta anos com uma criança de oito mode criar. Não se viu em aperto, ficava-lhe um pecúlio e o sítio produzia bem, mas criar uma menina não é tarefa somenos para uma dona sozinha.

Pretendentes houve mode um novo matrimônio, um olho na mulher outro no sítio, porém d'a Lucinira vontade nenhuma não tinha: não era pessoa que lhe ferroasse a carne a carência de um homem, e no fundo de si reconhecia uma certa vergonha em se deitar com outra pessoa que não fosse o falecido, de si para si dizendo que seu corpo pertencera a um e a mais ninguém. Assim, a viuvez foi para ela um estado não só permanente mas definitivo, e em vista de sua decisão os pretendentes pouco a pouco se afastaram.

— Não, nhá Isaltina, a Suzana ficou… uns perrengues, num sabe?, o menino dela com sarampo…

— Sarampo requer cuidado — d'a Geraldinha Trancoso explicou —, resguardo de trinta dias contados na folhinha. Um neto meu teve, não resguardou direito, ó, quas'que se foi…

— Então que a Suzana fez bem — confirmou nhá Isaltina.

E naquilo o encabulamento da pobre: a Suzana juízo nenhum não tinha, desprovida de pai não se ateve aos conselhos da mãe, cedo agarrou de assanhamento: pois festa não havia ali, em Lajinha ou inté mais arredado, que d'a Lucinira não se visse obrigada a levar a filha, pois se não a moleca ia sozinha, na desobediência. Lá chegando, porém, quem sustinha a menina? D'a Lucinira inda tentou botar cabresto, endurecer o trato com a filha, mas inté fugir de noite mode se encontrar com homem no meio do mato fugiu, s'escapulindo p'la jinela enquanto a mãe dormia.

O povo botava cuidado em comportamento tão desconforme, já se cochichava aqui e ali que coisa boa não ia resultar, e não resultou: ali estava ela agora, solteira e com menino nos braços.

Do pai ninguém sabia e a Suzana de bico fechado. Especulava-se: moço de fora com quem ela foi em ocasião de alguma festa; não, homem dali mesmo, e vai ver que inté casado, mod'o que a menina não dizia o nome; ou então que ela nem sabe mesmo quem seja o pai, pois já deve de ter andado com meia dúzia de cabras, ou mais…

Quando se deu o caso o falatório alastrou-se, se bem que na presença da mãe envergonhada ninguém dissesse um "a". A história, minuciada inté em porta de botequim, parecia pouco importar a Suzana que transitava sua barriga polas estradas sem pejo, inté de nariz empinado. No que a moça adentrava a vendinha do Zé o pessoal amiudava a voz, os assuntos morriam, ela não espiando nem prum lado nem pro outro, pouco se lhe dando quem ali estivesse e de botuca em sua barriga: o filho era dela, ninguém tinha nada a ver com isso, "e quem vai criar não vai ser eu? Então que quem quiser latir é melhor enfiar a língua no rabo" disse, atrevidota, desbocada, e cuspilhou de lado no que alguém certa feita achou de lhe chamar atenção.

A cria da Suzana ia agora para quase três anos, dois e um pouco mais, mas a menina não se avexava: adonde fosse levava o menino, muito pimpona, bela cria estava ali e a todos queria mostrar como quem diz "é meu, ó, não adianta goderar" — e encantava a quem espiasse aqueles olhos azuis, os cachinhos cor de ouro, a pele alva, confirmando-se a noção de que havia sido com homem de fora que ela se arranjara, pois quem ali possuía tais pareceres, e se inté da família de pai e mãe não tinha gente de cabelo louro e olho azul? Porém a Suzana era orgulhosa: ninguém nunca que saberia do pai de seu menino.

Já a dona de Lajinha sentenciava pela simplicidade, "que soberbia não leva ninguém pro céu", e o cheiro forte do fumo recendia, fumacinha azulada se evolando — e nesse momento apareceram na cozinha a moleca nova de Sinh'Antônia e a Caliquinha do Demantino, ambas da mesma idade, ambas possuidoras do mesmo fogo que a dona de Lajinha reconhecia e de dentro de si mesma não tinha recordação: fora moça, mas fora igual? Vigiou a blusa encarnada da moleca nova de Sinh'Antônia, "inté parece pano de atiçar boi brabo,

vestimenta de pouca compostura, fosse filha minha não tinha licença de ponhar uma coisa assim" e baixava os olhos com uma reprovação silenciosa.

E as duas mocinhas trançaram pela cozinha, a moleca nova foi abraçar a madrinha, "larga de coisa, moleca" Sinh'Antônia fingindo zanga, que toda se derretia por sua menina, afilhada que criara como filha e lhe fazia as vontades, inda que propendendo para o procedimento rigoroso. A Caliquinha apanhou a chaleira de café no fogão, "café tá'cabando", catou duas canecas de alumínio no guarda-comida, "tem de fazer mais, vô" e as duas saíram incendiadas bebericando o café de caldo.

— Os moços sustém animação pra noite toda — de novo Nh'Ordálio, espiando na direção da moleca nova de Sinh'Antônia, o requebro da menina; o preto inda que idoso não desgostava de mulher, e pola cabeça miúda e disconforme transitavam uns pensamentos devassos.

Nhá Isaltina mencionou os tempos de moça:

— Lá em casa não tinha folgança, pai não aprovava filha moça em festa, o que ele queria era ver se casava nós todas bem cedo, eu mesma casei inda nem dezoito anos não tinha.

A dona de Lajinha balangou a cabeça: aprovava tal proceder, "que moça direita casa cedo pra mode cedo antão ter sua casa, suas coisas, criar sua família, jeito de decência que agrada a Deus Nos'sinhô". A dona de Lajinha pautava pelo rigor da conduta, adonde que não via com bons olhos a mulher do Demantino metida em assunto de gente nova e solteira.

— Eu já casei bem mais tarde — d'a Geraldinha Trancoso relatou. — Minhas irmãs não…

E ficou pensando nas irmãs que haviam casado nem bem chegavam aos vinte anos. As duas haviam sido infelizes e essas lembranças a mortificavam, mesmo que o tempo já tivesse jogado sua poeira sobre os acontecimentos. Lembrava-se da surra que a mais velha apanhara do marido a menos de um mês de casada, pisando fugida o chão da casa dos pais outra vez mal havia se apartado dele.

— De noite o marido foi lá buscar ela — disse —, mas pai deu de mão num cabo de enxada e o enxotou de lá a bordoada — pois o pai tinha o sangue quente e não aturava desaforo. A mais velha agora vivia de novo com a família, o marido rondando de vez em quando mode apanhar a pobre desprevenida… Seria que ela gostava do homem mesmo ele sendo um sujeito ruim? Um dia não foi encontrada, quando foram ver estava de novo junto do marido, que já lhe havia de novo esquentado o lombo com trança de soiteira, e voltou para a casa dos pais cheia de vergão.

Quanto tempo havia durado esse ir-e-vir inté o dia em que o cabra foi encontrado morto em sua roça de feijão preto, com palmo de faca alojado nos intestinos?

— Nunca s'esclareceu o caso — dizia d'a Geraldinha Trancoso —, mas quando se comentava pai dizia "foi bem-feito".

Nhô Adalgiso Fraga opinava por esse parecer, e compreendia bem o que d'a Geraldinha Trancoso dizia. Não calhava bem dizer que "o pai da senhora obrou com acerto, eu faria o mesmo", mas estava visto que aquela história tinha de acabar desse jeito.

— Por fim — conclui d'a Geraldinha — a mais velha foi viver com um sitiante lá pros lados de Águas Claras e não se soube dela por muito tempo.

Nhá Isaltina:

— Lá em casa as moças eram cinco, eu a caçula.

Se embrulhou um pouco mais no capote puído, que fora o vento vez por outra zunia na cumeeira, e o reumatismo providenciou uma pontada incômoda nas cadeiras. Nhá Isaltina parecia por vezes pensativa, e o rosto miudinho semelhava uma máscara de cera quando o sorriso lhe morria na boca vazia de dentes, as feições cristalizadas de imobilidade. Lembrou-se do moço bem-parecido que calhava passar vez ou outra a cavalo no caminho defronte a casa, o olhar vigiloso pras jinelas abertas, ela, mocinha, do fundo do cômodo estreito olhando também; vez por outra avistando-o de longe que vinha, aparecia à janela, debruçava-se, olhavam-se, e ela se retraía para dentro…

Mas os olhares trocados tudo diziam: falavam de promessas, traduziam súplicas, protestavam esperanças…

O moço era duma gente de longe, ao certo nunca soube — a não ser de ouvir dizer, um que outro comentário apanhado ao acaso (poderia ela perquirir?), "passou por aqui ontem aquele moço que negocia com uma gente parece que lá da fazenda Rochedo", "de que família?", "sei não, é de pouco falar…", "n'é de perto não, povo arredado…", "sabe o nome?", "sei não…" —, por isso aparecia de raro em raro. Quando vinha, dum mês pro outro, passando por ali vigiava mode ver a moça na jinela… a moça que depois das primeiras vezes ia, ela mesma, uma flor nos cabelos, se exibir, debruçando-se no peitoril… mas pai e mãe nunca souberam dele, e ela, medrosa — pois o pai, homem áspero, cheio das durezas, dava-lhe de pau se suspeitasse namoro desconforme —, nunca tivera coragem de falar seu segredo. "As outras todas já tinham casado" ela relembra sua juventude cinzenta, falando por alto, omitindo o namoro proibido por ser segredo, por ser sagrado, "e eu, sem saber, já tinha noivo prometido". Pois um dia o pai, chegando da roça, disse "Isaltina, vosmecê 'stá noiva, vai mais a sua mãe tratando dos apreparos". No dia seguinte o moço bem-parecido passara mais uma vez defronte a casa, o cavalo a passo, já fazia mês que não vinha — já fazia ano esse namoro longínquo —; naquele dia passou devagarinho, ela o tinha visto quase parar o cavalo, o olho comprido na direção da jinela, despois se foi…

…e não voltou.

"O falecido foi um homem bom" comenta nhá Isaltina, e se virando pr'a de Lajinha, "vosmecê se alembra dele, não se alembra, sá dona?" Essa dona benzedeira de Lajinha conhecia nhá Isaltina desde moça, conhecera também o faleci-

do, testemunhava: fora decerto um homem bom, cumpridor de seus deveres, provia bem a casa, criou os filhos nos preceitos da religião.

Cabia perguntar da felicidade? A dona de Lajinha, se perguntada, responderia pelo que preceituava seu entendimento e proceder: a mulher de respeito não cabia cogitar senão da casa e do marido, dos filhos e das coisas da fé, que uma dona sem religião não parece bem — e a unha negra esfuracava o fornilho, o pito apagara-se: carecia então picar o fumo na concha da mão, apertá-lo no cachimbo e aproximar a chama da lamparina, os gestos prenhes de uma calma que bem podia chamar-se indiferença, ou incompreensão, logo ela, uma que comungava com os mistérios: suas orações, suas benzeduras, seus alvitres místicos. Tivera a dona de Lajinha um amor na vida?

Enquanto isso nhô Adalgiso Fraga pensava em sua mocidade: naquele nevoeiro que um homem velho enxerga quando olha para trás no tempo. Nhô Adalgiso Fraga vivera seus largos anos na quietude de si mesmo: de moço fora enfeitiçado por uma visão e sabia, quando essa visão se desfez, que outra não lhe adoçaria as vistas. "Aquela que deveria ter permanecido comigo…"

Fora num princípio de tarde quando se arredou da casa paterna para uma viagem a povoado distante: aviou a montaria, cavalo fogoso que marchava a bom marchar, arreios bem ataviados, tomou a benção a pai e mãe, lá se ia em negócio de interesse da família. O sol já se havia posto, a tarde transitava nesse entremeio entre o fim do dia e o começo da noite, passou o moço Adalgiso defronte uma casita adonde a luz ainda não fora acesa e avistou uma mocinha na janela: ele, detendo o cavalo, esteve por um momento a contemplar a jovem, embeberam-se um da presença do outro, mas a ele cumpria seguir em frente e ele se foi. Com ele a imagem, a sempiterna visão.

Quantas vezes passou ali, e sempre a deparar com a mocinha na janela, "será que de propósito ela me avista e se põe a janela?" cavaqueou lá com seus botões.

O moço Adalgiso, tímido, tardava em apear-se, em chegar na casa e alegando destino distante pedir pousada para uma noite, "na próxima vez", e tardava porque na ocasião seguinte era o mesmo, "hoje não calha, mas da próxima vez", e tardava… E nem sequer perguntou, em seu sonho, a qualquer alguém que por ali encontrasse quem seria a menina daquela casita…

Nhô Catarino porém suspendeu o queixo numa providência de acerto:

— Tenho uma garrafa ali no guarda-comida com coisa muito especial — e se levantou, dobrando o espinhaço diante do móvel carcomido, afastando panelas, um canecão de lata caindo no chão com um barulho chapado, e se aprumou com a garrafa na mão, as transparências do vidro, da bebida forte.

Proveu as canequinhas de ágate, "sinhozinho Dodó também aceita mode esquentar o frio?":

— Hein? — e vira o rosto na direção do outro, aproximando um tanto a cabeça encarquilhada.

— Sinhozinho prova dess'aqui?

O velho mal escuta mas compreende, sente o cheiro que se evola no que a rolha de sabugo é retirada e do fundo das órbitas provém um brilho esmaecido: sinhozinho ainda tinha paladar para uma bebidazinha.

Contudo nhô Adalgiso Fraga se abstinha: que não lhe quadrava com o fígado, "nhô Catarino não arrepare, mas é por causa do fígado", e nhô Catarino balangou a cabeça.

Nhá Isaltina esforça-se por ficar de pé, mas a dor nas cadeiras não lhe permite desentortar o corpo e dá uns passos inseguros na direção do fogão, sempre meio envergada dum lado, os pés descalços raspando no chão de terra batida. Sente frio nos ossos e se aproxima do fogo com a canequinha na mão. Sente a quentura da bebida descendo pela garganta e o calor das brasas envolver-lhe o corpo, e por um momento experimenta o paraíso.

O vento retorna com seus golpes na cumeeira: por instantes tudo que se escuta são esses bateres cavos e os estalidos do fogo.

A de Lajinha tinha virado a caneca dum só gole, sem pestanejar, era o hábito da bebida forte, mas sem excessos. Então punha-se a escutar o vento que vinha e em seguida se aquietava, e despois novamente vinha e se aquietava, como ondas…

"O vento tem seus segredos" cogitava, apois calhava estar certa desses segredos se bem que atinar com eles não soía, "quem conhece as inventações de Deus?", que o homem pretende uns saberes, mas Deus embaraça seu entendimento mode quebrar a crista do mais orgulhoso. "O vento sempre vem de algum lugar, mas ninguém estuda que lugar é esse" disse mais para si mesma do que para os outros em volta da mesa, "o vento é feito um cavalo que não deixa rasto mode o homem descobrir adonde ficam seus domínios", pois então a dona não acertava? Nhô Catarino escutando ela falar percebia que era pessoa de entendimento, pois quem podia dizer que o vento vem daqui ou de lá, duma certa loca de pedra, ou duma grota de morro, ou dalgum esconso arvoredo, quem sabe do cume dos montes? Não, o vento não deixava pegadas, a não ser quando sobrevinha enraivecido e propiciava desastres, que então, explicava a dona de Lajinha em seus filosofares, era por ordem de Deus Nos'Sinhô pra dar entendimento ao povo, que deve respeito polas coisas do Alto, mas despois ele se ia… pr'adonde? Quem podia seguir seus passos se não deixava sinal?

O Demantino apareceu na porta que dava para dentro da casa, para o corredor.

Tinha a feição soturna, e nhô Catarino sentiu uma confrangimento por dentro do peito. Desconfiava de aborrecimento com a Calica, decerto de requebro na barraca com algum homem.

O velho vigiou o filho, que desviou as vistas e foi até o guarda-comida. Remexeu nas vasilhas, o canecão de lata tornou a cair, e dessa vez prá lá restou, no chão.

— Apois, Demantino — disse o velho pra desanuviar as feições do filho — , manda a Calica fazer um café fresco, qu'esse daí acabou ou resta quas'que nada. O pessoal todo deve de estar sentindo falta…

O Demantino não respondeu. Foi ele mesmo encher uma chaleira dágua e atiçar o fogo, no que pediu licença a nhá Isaltina que ainda por ali se aquecia. A velha recuou um passo, envergada retornou para seu lugar e estendeu a canequinha a nhô Catarino, que lhe serviu outra dose.

— Essa parece que foi aprovada, hein, nhá Isaltina?

— É da boa, nhô Catarino — diz a velha —, é da ponta da orelha.

— Pois está'í, vosmecês não se avexem…

D'a Lucinira porém não repetia, e se desculpava com nhô Catarino: exageros não lhe faziam bem ao estômago, a verdade contudo sendo que, de seu pensar, a ela, uma dona viúva, de rigores na conduta, não ficava bem uma segunda dose.

Porém a do meio — d'a Geraldinha Trancoso relatando a propósito a Sinh'Antônia, que havia perquirido — casara com um homem que não procedia com violências mas tinha uma fraqueza pola bebida, "inté semana inteira passava emborcado, na carraspana" disse.

— Pai sorte não teve com aqueles dois genros — pois a do meio, d'a Geraldinha Trancoso seguia explicando, viveu sua vida com aquele homem, teve lá seus filhos, mas suportou as bebedeiras sem fim, tendo ela mesma de muitas vezes labutar mode o sustento da casa. — Coitada, morreu nova, nem quarenta anos não tinha, e no fim quem criou os meninos dela fomos eu, a mais velha e pai mesmo, que levou dois pra casa…

Pois a mais velha estivera sumida por muito tempo, três anos ou mais, quase quatro, lá por Águas Claras na companhia do marido sitiante, sem dar notícia nem se saber ao certo adonde o sítio, mas um dia apareceu de visita com o marido e trazendo menino novo nos braços mode pai conhecer: agora, dizia d'a Geraldinha Trancoso no seu arrastar de palavras, a papada batendo, estava bem, inté corada, vivendo inté nas opulências, que o sitiante era homem bem mais velho mas de boa situação, de conduta conforme, sisudo, respeitador e zeloso da esposa…

…E a música da sanfona, como que provindo de lonjuras, plangia…

Mas uma coisa que essa dona benzedeira de Lajinha não colhia em seu bestunto era uma história de guerra que o rádio falava. Lá mesmo na Lajinha lhe haviam dito, pois sô Jisué Ordonho tinha um rádio adonde ouvia as notícias de fora, "guerra no estrangeiro" lhe tinha dito a Gorda, criada velha de sô Jisué, "um povo revoltoso, sá dona, um povo sem religião".

A dona de Lajinha ia botando tento no falar da Gorda — aquilo que ela escutava no rádio do patrão — e não atinava. Tinha de escutar ela mesma mode mais acerto no entender, que essas coisas não são do costume: ela era uma dona velha que vigiava a obra de Deus, o céu, as lonjuras da Terra assim espiando do alto dum morro, o Sol, a Lua, as estrelas, todas essas coisas abarcava com seu

entendimento conforme aprendera de moça do povo antigo… mas da tal de guerra que dava no rádio…

— Apois, sá dona, se vossência quiser, sô Jisué não é homem de soberbia não, vai lá que na hora que 'tiver falando ele chama a senhora mode escutar o causo.

E ela foi.

E a Gorda foi avisar o patrão que sá dona benzedeira estava lá na cozinha tomando café com um calhau de angu frito na manteiga, "apois, patrão, que é uma dona muito boa, muito respeitadeira, num sabe?, inhô mesmo conhece que ela é de nascença daqui de Lajinha e inté uma rezas mode curar inhô de espinhela caída ela obrou em vossa causa, no tempo que inhô ind'era um meninico assinzinho e ela moça, num sabe?…"

— E mode quê essa arenga toda, Gorda? Desembucha, mulher!

— Apois, patrão, é feito estou lhe relatando… essa dona não bispa essa história da guerra no estrangeiro que o patrão escuta no rádio e veio mode escutar ela mesma… no que o patrão consentir, ela entra e senta ali na hora da notícia, e fica quietinha, não é de incomodar não senhor…

— E carecia desenrolar essa novela toda, Gorda, mode um assunto bobo desses? Pois diga a ela que na hora que for dar a notícia eu mando chamar, ou até se quiser vir antes pode…

E sô Jisué Ordonho mandou entrar a dona, que de acanhamentos e muito ressabiada foi chegando atrás da Gorda, a cabeça baixa, a saia comprida lambendo o assoalho, e sentou com muita compostura cobrindo inté os pés numa cadeira perto da mesa adonde estava o rádio, "se acomode ali, sá dona" disse sô Jisué com seu jeito estrondoso, "já vou ligar o rádio", e a dona lançou o olho arisco e assombrado na direção do aparelho; teve um estremeção no que sô Jisué Ordonho ligou a coisa produzindo estalido, chiado e zumbido, enquanto acertava com os botões o volume e a estação, quand'antão uma voz começou a falar disso e daquilo, "inda não são as notícias do estrangeiro não, sá dona, só daqui a pouco…", despois s'escutaram umas modas de viola que inté parecia ter gente tocando na sala de sô Jisué Ordonho, até que por fim as notícias, o noticioso geral, de perto e de longe, e da guerra…

— Guerra — disse nhô Catarino, no que a dona de Lajinha concluía seu relato — é assunto do demo, só pode ser… Apois, espia só: um povo contra o outro, sem acerto, por isso marcam encontro pra briga, e vai cada qual do seu lado com espingarda, faca, porrete, o que tiver… e no que se encontra todo mundo começa a brigar de não parar mais…

Nh'Ordálio se espanta:

— Antão, nhô Catarino… e num calha morte de gente?

— Se num calha, Nh'Ordálio, morre gente que nem água! É cada facada, cada tiro, cada bordoada de cacete!… Deus nos livre dum malefício assim em nosso lugar!

— É de dar inté arrupeio! — exclamou nhá Isaltina benzendo-se, apavorada com a história.

— Deus seja por nós — murmurou d'a Lucinira.

— Uma gente que anda desconcertada das coisas de Nos'Sinhô — a papada de d'a Geraldinha Trancoso tremelicando —, despois é num pegar de reclamação…

— Será que essa tal de guerra chega inté Vargedo? — inquire Sinh'Antônia.

— Ah, bom — nhô Catarino se apruma no banco fazendo ares de entendido —, não creio. Em Vargedo? Não, não creio. É coisa de longe…

Nhô Adalgiso Fraga calava-se: tinha suas ilustrações, lia seu jornal lá em Rio Belo, não cumpria conversar sobre esses assuntos com aquele povo xucro. Preferiu seu tanto cerrar os olhos, um momento de ausência, e a jinela do tempo se abria para uma outra jinela d'adonde uma moça bonita vigiava…

— Ah, nhô Catarino — nhá Isaltina com medo —, se a guerra chegar em Vargedo eu subo p'lo cafezal acima e vou lá pra casa de compadre Nezinho! Sozinha em casa é que eu não fico…

— Se bem que de Vargedo inté a Freguesia é estirão puxado, nhá Isaltina — alvitrou Nh'Ordálio, pragmático.

— Nunca que se sabe, Nh'Ordálio, nunca que se sabe…

A dona de Lajinha nem murmúrio. Parecia vigiar os esconsos com seus olhinhos miúdos, só o pito dando sinal de vida, a fumacinha branca. Relembrava os chiados e zumbidos do rádio de sô Jisué Ordonho na semana anterior: não, ela nunca que ia entender uma coisa daquela, uma caixa em riba duma mesa que de primeiro parece sofrer dum ataque de asma e despois 'garra a falar feito tivesse uma gente dentro dela, e acabando de falar inté toca umas modas… A dona de Lajinha, abismada, pitava em seu silêncio enquanto os outros falavam da guerra: que guerra qual nada, dizia consigo mesma sem saber se aquilo era obra de Deus Nos'Sinhô ou coisa do tinhoso, porém assim mesmo maravilhada — rádio, nunca que ela ia acreditar se não tivesse visto com seus próprios olhos e escutado com seus próprios ouvidos!

Mas nesse momento empurraram a porta de fora e um golpe de vento úmido de lubrina varreu a cozinha, apagando a lamparina no caritó ao lado do guarda-comida: entrou iô Nezinho embrulhado em capotão de lã e cachenê mode uns inchaços que nesses tempos lhe apareciam: padecia da garganta.

Foi saudado por nhô Catarino que lhe indicou a garrafa:

— Se aprochegue, homem, vem esquentar o frio.

— Mal consigo engolir, meu povo — disse, a voz sumida, os olhos lacrimejantes —, inté febre, num sabe?, inté febre eu padeço…

— E não ficou em casa na cama, compadre? — maliciou nha Isaltina, ciente dum apego do velho por uma dona que assistia em casita de sapê polas quebradas na margem de lá do rio: o velho Nezinho ainda se achava moço nesses poréns de rabo-de-saia, inda que ao certo mesmo a tal dona não devia lhe dar esperança: lá o velho ia levando agrados, sentado na cozinha esperava o café,

fazia rodeios falando de sua vida solitária no sítio, a plantação, o cafezal que uns meeiros cuidavam… e viúvo de tantos anos, a filharada esparsa no mundo, formava tenção de constituir família outra vez, ter uma de mesa-e-fogão mode os cuidados da casa…

Será que a dona cogitava? Inda mais sendo seu tanto ainda conservada?

Iô Nezinho não conhecia desânimo: vinha de lá, porém não mencionava. Percebeu a malícia da que lhe batizara o caçula e desguiou a conversa:

— Não comadre, uns comprimissos, num sabe?, obriga um cristão penar p'los caminhos numa noite assim. Então que vinha passando, escutei o sanfoneio e resolvi dar uma chegadinha…

A chegada d'iô Nezinho trouxe animação e nhô Catarino apressou o Demantino:

— E o café, Demantino? Sai ou não sai? Nhô Nezinho tá'í.

— Hein? — sinhozinho Dodó, que já ia arriando a cabeça num princípio de sono, sungou a cara mortiça.

— Nada não, sinhozinho Dodó, eu perguntava ao Demantino se o café saía ou não.

— Ah… aceito sim, nhô Catarino… aceito…

— Pois já não tarda, sinhozinho Dodó, já não tarda…

— Hein?… Aãããã̃h… é… é isso mesmo…

Pois que sinhozinho Dodó, em novo, fora dono de terras vastas adonde criou muito gado de raça e chegou inté a fazer fortuna: Fazenda Retiro, de primeiro somente umas braças adquiridas no dispor de uns bens de família empobrecida que para mais não lhe teriam valia, e ali erguera a sede. No correr do tempo outras braças se foram juntando àquelas, outras tantas, muitas no avançar das cercas em terra legalmente adquirida, porém em rumos diversos procedendo invasão planejada mode forçar os donos — pequenos proprietários — a lhe vender por preço reles: muito certo não foi seu proceder naqueles tempos. Mas a fortuna que conheceu teve escassa duração: sobreveio a seca, a perda do gado, dos colonos, da mulher…

Sinhozinho Dodó conheceu o abismo e as terras já sem qualquer valia para lá ficaram, perdidas…

Sinhozinho Dodó está velho, beira os noventa, inté um pouco mais a lhe fazer peso no cangote: levou sua vida por aquelas paragens, não chegou a transitar muito pra longe de Corgo Seco e Lajinha, decerto labutou por Vargedo, um povoado somenos, inté Sertãozinho — uma miséria de vilarejo naqueles tempos — terá percorrido, porém mais apartado não esteve e regressou, tropa de burro pra lá, tropa de burro pra cá, serviços aqui e ali no sol a sol, e o Tempo não propiciou clemência: agora vive em casinholo quas'que no meio do mato, nos arredores de Corgo Seco, e goza do adjutório dos conhecidos, as donas do lugar penalizadas vão levar-lhe um melhor petisco aos domingos, arrumar seus teréns, botar ordem nos cômodos estreitos e escuros: não passa mal de todo sinhozinho Dodó, todos o estimam, e aprecia ajuntamento mode um colóquio

que sua orelha mouca não apanha por completo, até que no avançar das horas vem o cochilo, o cabeceio do sono…

…mas s'espevita no rumor, no vozerio levanta a cabeça: é gente chegando mode engrossar a conversa que mais uma vez ele só vai escutar salteada, e depois de um pedaço outra vez o cabeceio…

Mas o Demantino se supria de canecas no guarda-comida. Serviu o café fresco, porém quente e forte, ao gosto de todos. Sinhozinho Dodó bebericou ruidoso, e Nh'Ordálio comentou que estava no ponto mode espantar o sono, pois em noite de baile não convinha dormir cedo.

— No caminho indagorinha esbarrei com s'ô Necreto — iô Nezinho informa, e nhô Catarino:

— Antão! E mode que ele não chegou? Não sabia do baile?

— Saber, calha que… s'ô Necreto é homem retirado, não aprecia ajuntamento, e tem lá a dona dele, e os meninos… levava 'meopatia mode o menorzinho, constipado. Com febre alta, ele disse…

— Ah…

— Parecia triste s'ô Necreto — diz iô Nezinho —, decerto mode o menorzinho achacado…

S'ô Necreto, Anacleto Antunes por nome de batismo já de todos esquecido, possuía avultada família: a dona era uma escura que a cada ano botava mais um no mundo, e o pobre já arcava com a conta de onze mulatinhos, fora os quatro branquelos da esposa anterior, falecida. Aos cinqüenta, resseco, a cara chupada, os olhos fundos, os molambos em riba do corpo derruído, propunha uma parecença de setenta ou mais.

Nhô Catarino, porém, não perdia de vista o filho Demantino, taciturno, sentado rente ao fogão.

Fisgava-lhe uma pontada por dentro vendo o rapaz assim. Por outra dizia consigo mesmo se motivo existia para tanto, pois já não era casado com a Calica há quase dezessete anos? E alguma vez ela procedera desconforme?

Que à Calica agradavam esses festejos em que folgava uma sanfona, por acompanhamento um pandeiro obediente, calhando também um reco-reco, porém fora isso não era dona de fraquezas. Nhô Catarino por um lado quas'que se arrependia da idéia do baile (anunciado por ali, Lajinha e Freguesia, constando que já havia sanfoneiro e pandeirista contratados, siô Dorvalino e o Totonho Pretinho), pois amanhecendo o sábado Calica cedo se assanhou: botou vestido menos usado e sapato quase novo, e não regateou na água-de-cheiro. Agitou-se todo o dia, parecia menina donzela que fosse debutar, procedimento que não convinha a uma dona mãe de família com filha de quinze anos completos. Mas o Demantino conhecia a mulher: sempre que havia festejos era a mesma coisa, e nas danças não sofria cansaço enquanto ele, que nunca tivera jeito pr'essas coisas, se resumia p'los cantos espiando a mulher nos braços de outros.

Aquilo estaria certo?

O Demantino, soturno, mastigava consigo mesmo uma revolta — hoje, e das ocasiões anteriores, sempre a mesma revolta (lá vinha uma hora que estourava, pensava consigo mesmo, ah se não estourava, e ela ia ver só, todo mundo ia ver).

Nhô Catarino supunha que, se certo não estaria, errado também não se podia garantir, e conhecendo bem a nora acabava por não saber que partido tomar. "Bem que ela podia maneirar… não ser tão saída… mas…"

O Leocádio estivera até agora na barraca, pandeirara um pouco, pois lhe agradava o instrumento e ele ainda que idoso não desconhecia o ritmo: lho cedera por algumas partes o Totonho Pretinho, sabendo a preferência do velho. Porém agora retornava à cozinha e ia bicar da garrafa que repousava sobre a mesa.

— Dessa eu já conheço, nhô Catarino — disse o Leocádio.

— Pois esteja à vontade, seu Leocádio, que é pra nós mesmo.

Porém iô Nezinho agora perquiria de Sinh'Antônia sobre a saúde de Sinh'Anica, que não comparecera, estranhando a ausência mormente por saber Sinh'Anica apreciadeira de pagode.

— Sinh'Anica anda rúim dum joelho, num sabe?, e tem de andar escorada em pau, por isso ficou. Diz-que enquanto não ficar boa não sai de casa.

— Ah…

E, fazendo pausa pensativa, Sinh'Antônia avançou com um risinho buliçoso:

— É coisa da idade, num sabe, iô Nezinho? Apois, que nóis já num semo garota…

— Ara, Sinh'Antônia!, vosmecê não diz a idade que tem, já Sinh'Anica é conservadona…

E iô Nezinho tece umas recordações de ter dançado com Sinh'Anica nos tempos de moço, "inda me alembro" ele diz, "foi no casamento da filha de nhô Coroné Otávio, dono de uma fazenda Aroeira, vosmecê 'stá lembrada, Sinh'Antônia?"

Sinh'Antônia só ouvira dizer, por alto…

— Antão a senhora não esteve no casamento… — e iô Nezinho espiou em derredor mode apreciar a atenção que os outros punham em sua fala: — Eu tinha o quê, vinte e poucos, estou com setenta e três agora — e faz uma pausa, parece submergir, distanciar-se considerando o tempo, o vasto tempo que havia transcorrido desde aquele dia… um tempo tão grande que era como se nele coubesse uma vida inteira, e em que de fato coube, porém que agora, num improviso, lhe parecia terrivelmente vazio… um saco imenso sem nada dentro…

Suspira… está de volta…

…E prolata: festa que nem aquela nunca tinha visto, "e despois desse dia não vi de novo", que de fartura, todas as carnes, todos os doces, e de almoço e janta dum cristão comer inté estrebuchar, e um povo proveniente de perto e de longe, gente de todo lugar, pois quem se casava era a filha única do dono da

Aroeira, coronel de muitas posses e regalias — e o velho como que revive nas rugas de sua face tranqüila aquele dia assombroso. "E a noiva, antão?" exclama, pois que moça cheia das prendas da beleza, "se chamava sinhazinha Lúcia Helena" e olhando em volta:

— Algum de vosmecês esteve no casamento da moça?

Os outros balangaram a cabeça com pesar, lamentando com um atraso de mais de quarenta anos a festa perdida.

— Apois, é como lhes digo: nunca vi igual, nem em antes, nem despois…

E se fez um silêncio respeitoso polo valor das reminiscências. Nesse silêncio sumia-se o velho Leocádio, pois ele estivera naquela festa, não como convidado, está visto, pois era apenas um preto da casa de coroné Pantaleão Valadares, mas lá fora a serviço de seu senhor, conduzindo a charrete com a família mode assistir ao casório. Gozou o preto Leocádio, junto com os de sua igualha, daquela festa sem comparação — podia atestar a prosa de iô Nezinho, porém calou-se. Ao preto Leocádio agradava calar-se, o muito falar não quadrava com seu jeito de ser, e as lembranças da gente da Macambira tinham ainda seu tanto de amargo…

— Antão que vosmecês desconhecem — tornou iô Nezinho —, essa sinhazinha Lúcia Helena é nhá Lúcia da Viçosa…

Já se ouvira por ali sobre a fazenda Viçosa: não todos mas alguns, de ouvido, já haviam colhido o nome da proprietária, uma dona já de idade, viúva, por nome nhá Lúcia, e iô Nezinho confirmou:

— Pois é essa mesma… Apois — iô Nezinho se alembrando — , vosmecê não é da Viçosa, seu Leocádio? Como estará nhá Lúcia Helena?

— Lido por lá, sim senhor, iô Nezinho — respondeu o Leocádio. — Com a graça de Deus, nhá Lúcia vai forte. É dona de rijezas…

E de novo entreteceu-se um silêncio em que talvez se tenha cogitado, embora com duvidoso discernimento, sobre a fragilidade das glórias do mundo: daquele imorredouro dia restaram tão só esses fiapos de lembrança na cabeça de um velho de passagem, em noite de baile, na casa de um certo nhô Catarino, no resumido vilarejo de Corgo Seco.

— Pois foi lá que conheci Sinh'Anica — diz, sendo que então Sinh'Anica atendia pelo nome de Ana, a menina Ana, a Aninha da Silva, de uma família Silva da localidade de Vargedo. — Durante o dia 'garramos de proseio — iô Nezinho continua —, a moça apreciava uma conversa, atirada que só ela. De noite dançamos… moça dançadeira, mas de muita compostura, não arredava muito das vistas da mãe, uma dona gorda, bem me lembro, de catadura severa…

Teria iô Nezinho se afeiçoado à menina Ana? Vá se saber, o velho só fala daquele dia, do casamento, das conversas, das danças — com outras moças também se havia divertido, inda que a preferência fosse pela menina Ana —, porém afeição duradoura não refere…

— Despois passou o tempo…

Sim, o tempo havia passado e o jovem Nezinho fora à vida, casara-se, e tivera filhos com sua mulher, vivera do seu trabalho e com ele criara sua família ("S'estou bem lembrado, só tornei a ver a menina Ana uns cinco anos despois desse dia" iô Nezinho esclarece, pensando nessa amizade distante que durava mais de quatro décadas, "ela já estava casada parece que com um moço lá de Vargedo mesmo, eu também já tinha família…"); Sinh'Anica também viveu sua vida, também teve um marido e filhos (não tantos, um casal), andou por lá e por acolá atrás do marido, muito dado a mudanças e andanças, e só despois de viúva viera — mode não estar sozinha — para a Freguesia adonde era vizinha de sua amiga de mocidade, mas agora se achava retida em casa por uma dor no joelho, pois já não era uma mulher jovem, já não era a Aninha da Silva, mas apenas Sinh'Anica, unha-e-carne mais Sinh'Antônia…

E botando tento na fala do velho d'a Geraldinha Trancoso, os olhos meio fechados na cara larga, lembrava sua própria história, "se é que eu tive uma" pensa, pois que história teve alguém que casou já passando os vinte e seis anos ("Comigo já foi diferente" havia dito a Sinh'Antônia, "eu não casei tão nova…"), época em que pegara a engordar não parando mais o avantajamento dos volumes; que botou no mundo seus filhos e os criou, a cada ano mais inchada, inté que viuvou, viu os filhos grandes e por fim restou quase só em sua casinha, lá mesmo no sítio adonde nascera e crescera?

"Inté minhas irmãs têm mais o que contar da vida, coitadas…"

O Demantino se retirou, meteu-se p'lo corredor de volta à barraca do baile; nhô Catarino espiou-o pelas costas, pesaroso: se o filho não se agastasse, ele, por ele, cuidado nenhum não teria, pois da nora nunca lhe chegara à cova das orelhas comentário desairoso, porém o Demantino abespinhava-se — sempre o mesmo: tivesse dança, a Calica dançava, ia polo braço de um, pola mão de outro, não procedia porém sem recato, mantinha distância conveniente, afinal o marido não estava ali, vigiando?, mas lá ia, o que queria era divertir-se.

Que mal havia?

O Demantino sabia, via que a Calica não se descuidava — casados há quase dezessete anos não depunha fé na companheira? Apois, já se viu! Sim, o Demantino sabia, porém — e nhô Catarino afinava compreensão, ignorar não podia — latejava o ciúme, se fosse o ciúme e não tão só o brio maculado, as duvidações espetando feito espinho de malícia.

Mas a de Lajinha se soerguera do banco: arrastou os pés inté perto do fogão e ali, de pé, com as mãos estendidas para o braseiro aqueceu-se, que o frio apertava, o cachimbo por ora abandonado no bolso da saia. O relato d'iô Nezinho falava das vaidades do homem, segundo seu entendimento, que um homem de muita posição dera festança mode casar uma filha, a filha única, e decerto matara muitos bois pola fartura de carne, e muito dinheiro foi gasto naquele dia que ao povaréu comparecido não se podia desagradar, e a noiva, que no dizer d'iô Nezinho era uma belezura de encher os olhos, fora entregue ao seu noivo em enlace prazeroso. Meditava a de Lajinha nesses costumes, que o ho-

mem rico se pauta por sua riqueza, põe e dispõe conforme seu desejo, e a moça bonita se deita com seu amado na noite de núpcias e a vida segue, pois nada pára, nada permanece imóvel no Tempo… A dona de Lajinha não condenava essas usanças, porém para soberbia no seu entender não cabia perdão, e a mulher, se não procede bem com seu companheiro digna dele não é, assim também valendo para o homem que age em desacordo com sua esposa. Essa moça rica, filha de fazendeiros, em cujo casamento esteve iô Nezinho em sua mocidade já hoje é uma dona de idade, e as alegrias ficaram para trás, enquanto mais atrás ainda restou o homem rico, o pai, sepultado na terra — esses os pensares da dona benzedeira enquanto aquentava as mãos regeladas estendidas para o fogo. No fundo do coração talvez uma fisgada: fora feliz algum dia? A de Lajinha nem ao certo se perguntava sobre isso, eram só uns lampejos muito vagos duma saudade do que ao certo não sabia, qualquer coisa que devia ter-se perdido em tempos antanhos, qualquer coisa…

A cura ela conhecera pelas ervas, instruída por uma índia já carcomida que lidava em casa de pai, os chás, os banhos, os sinapismos, pra um tudo aprendera medicação, das plantas os benefícios conhecia sem erro, tudo escrito nos pergaminhos de sua cabeça, mas as rezas mormente com aquela tia velha irmã de sua avó, benzedeira de truz muito procurada naqueles tempos e que lhe falava das coisas da religião mode ela não se esquecer de Deus Nos'Sinhô, "que a Deus" lhe dizia ela, "devemos nossa sabença e nossa vida, pois o mais, num piscar, ou o tinhoso ou a morte nos tira, mas a devoção bota nós todos rente do Pai" e explicava que a Lua quando escurecia era porque Deus estava lembrando o homem de seus pecados, e no que a Lua vai se limpando é Deus dizendo que de todo pecado o homem pode se limpar, bastando para isso querer achegar-se mais pra perto dEle, "e vassuncê, que é menina nova e de inteligência, é de proveito não esquecer".

Não, ela não esquecera, sabia as rezas, as ervas, os banhos, e sempre estivera perto de Deus mode obrar melhor… tudo isso aprendera e guardara…

E um amor?… A dona de Lajinha ponderava no relato de iô Nezinho, um casamento do qual ninguém que lá esteve se esqueceu, festança sobeja, alegrias muitas e dilatadas, e o amor de moça mimosa por moço de boa parecença… o amor… e a dona de Lajinha meditava no amor…

"O amor" — pois cogitar nesses sentires que lhe seriam estranhos reencontra suas memórias. Quase vinte anos haviam se passado desde aquele fim de tarde em que um peão aportara em seu terreiro e nos olhos dele ela compreendera o amor. Naquele tempo inda assistia nos arredores de Águas Claras, em casita sumida p'los confins do ermo, e já era uma dona quebrando nos cinqüenta, inté mais um tanto, e viúva — dum marido que lhe fora conforme, mas que entre ambos, soendo o afeto e o respeito, jamais se cogitara um intenso sentir, donde que o amor talvez lhe fosse desconhecido. Porém sob seu teto pernoitara aquele que buscava um sonho, e lhe dera um laço para benzer: "Laço virgem, sá

dona, mode laçar o boi encantado", e nos olhos dele o mais fundo amor prolatava-se: o amor da absoluta renúncia.

"Ainda haverá amor assim?" a pergunta, a interrogação sem resposta.

Nesse momento adentrou a cozinha uma dona roliçada, de fala alta e riso fácil demonstrando brilho de ouro no esmalte dum dente, e foi cumprimentar na mão nhô Catarino:

— Apois, mas inté a Cerli — diz nhô Catarino prazenteiro —, toma assento cá com nós…

E Cerli se susteve, espiou em roda:

— Ô diacho! — ofegava um pouco, mode a caminhada.

— Vosmecê, Cerli, como é que soube do baile? — quis saber Sinh'Antônia, que muito se dava com essa dona escandalosa mas divertida, e que morava na Freguesia em casinha mais central.

— Essas notícias têm asa, nhô Catarino. Êh, d'a Lucinira, está sozinha'í?

Mas não, respondeu a dona: viera de companhia com Sinh'Antônia e a afilhada, interesse em baile falecia mas era do seu agrado ver uns conhecidos mais arretirados…

— E a Suzaninha? Qu'é dela?

— Restou em casa, Cerli… o menino com sarampo…

— Ah, bom… coitada da Suzaninha, ela que é tão saída…

Haveria intenção nessas palavras? Por que a Cerli tinha de dizer que a Suzana era "tão saída"? Será por carregar menino sem pai nos braços? D'a Lucinira baixou a cabeça sem responder, e a dona de Lajinha, que não era de fazer pouco caso de qualquer vivente, não simpatizando com a Cerli viu fisga de maledicência: a uma dona da idade daquela — que já beirava os quarenta — não ficava bem andar com aquelas roupas (e punha reparo na vestimenta da Cerli, de pouca decência) nem ser tão atirada (e punha reparo nos modos da Cerli, risonha e faladeira, "fala inté demais, e coisa que não deve" mastigou consigo mesma a de Lajinha, reprovativa), e não se avexava: pois a Cerli foi, ela mesma e em antes de qualquer oferecimento, se servir da garrafa que nhô Catarino deixara em riba da mesa.

— Êh, d'a Geraldinha — lançou de improviso —, cada dia mais inchada!

— E vosmecê caminha pra lá — riu-se a dona obesa sacudindo a papada, os olhinhos sumindo-se de todo por debaixo das pálpebras grossas e sem levar a mal o remoque.

— T'esconjuro!

Porém, Nh'Ordálio:

— A dona Cerli decerto que não vai ficar cá com nós — e acrescentou: — É moça, põe tento no chamado da sanfona.

— Mas que nada, Nh'Ordálio — a Cerli não tinha estreito conhecimento com o preto, porém não negava intimidade e falava como se fossem próximos: — Eu gosto da prosa da gente mais antiga — e se riu: — Sendo que, porém, não enjeito o bate-pé e daqui a pouco vou lá pra barraca.

— Hein? — e sinhozinho Dodó vigiava com certo espanto aquela dona rechonchuda que acabara de chegar e se agitava pela cozinha: provara da pinga e fora lavar a canequinha na bica. Agora enxugava as mãos em pano de prato.

— Êh diacho! — exclama. — E não é que esfriou? A água da bica tá um gelo! Tem café, nhô Catarino?

— Na chaleira, Cerli, pode se servir.

— Quem é essa?… — sinhozinho Dodó sentia-se ligeiramente perdido, pois a dona havia parado agora perto dele falando alto e recendendo a extrato de jasmim.

— É a dona Cerli, sinhozinho Dodó — explica Nh'Ordálio inclinando-se para o velho. — Mora na Freguesia.

— Ah… — espia uma vez ainda a Cerli quase do seu lado, virando a cabeça pasma que, de seguimento, novamente descai em teimosa sonolência.

Sinh'Antônia se levantou dizendo que ia esticar inté a barraca, "espiar a animação" disse, saindo a passinhos lépidos de velha desempenada. Sua intenção porém outra não seria que vigiar a moleca nova, seus assanhamentos: Sinh'Antônia trazia moleca nova de rédea curta, pois não desconhecia suas matreirices mode uma perna de calça, "tão nova e já tão atirada" ralhava, mas a moleca? Nem te ligo, deixava a velha falar, e sabendo desse proceder — inda que a afilhada fosse donzela, não, disso não duvidava, podia ser desajuizada mas ainda não se perdera — achava por bem dar uma atenção e, mesmo ali onde a gente era toda conhecida, não deixar solta de tudo, e como se ajuntara com a Caliquinha — uma menina, a bem dizer, de similar procedimento, mesmo neta de nhô Catarino e filha do Demantino, que não davam colher de chá —, não custava nada tomar conta redobrada.

A Cerli, vendo Sin'Antônia sair foi atrás — e a cozinha pareceu de repente vazia: pois em volta da mesa os velhos se calavam, cada qual por alguns instantes ruminando alguma coisa da vida, ou quem sabe só o momento presente se lhes afigurando um abismo, vá se saber das ruminações desse povo antigo!

Mas então alguém empurrou a porta e nova lufada de vento regelou o ar: nhô Margarido, de botinas novas, inté lustrosas, calça pouco usada e embrulhado num cobertor apareceu no umbral, adentrando em seguida mode o frio.

— 'Noite — disse, pendurando o chapéu num gancho que servia de cabide fincado na parede.

— 'Noite — responderam.

— Antão que nem calculo as horas — e avançando, nhô Margarido foi cumprimentar na mão um a um.

— Nem onze não são — esclareceu nhô Catarino —, mas a hora é boa — e apontando a garrafa: — Mode esquentar o frio…

— Apois, que eu não enjeito não — e avançou a mão para a garrafa —, se me dão licença — serviu-se da canequinha emborcada no gargalo. — E a turma? P'lo que s'escuta, não falece o regalório.

— É o sanfoneiro que é bom — prolatou nhô Nezinho.

— Apois, antão… calha ser iô Dorvalino?

— Esse mesmo, mais o Totonho Pretinho no pandeiro.

E Nh'Ordálio, maliciando:

— Está'í a Cerli, chegou 'gorinha mesmo.

Pois Nh'Ordálio sabia de uma querença recolhida de nhô Margarido pola Cerli: que nhô Margarido era desse tipo que a idade não diz, mês passado completara cinqüenta e nove, o cabelo cheio, nevado feito floco de algodão, mas não envergava: dor nas cadeiras não era incômodo que conhecesse, cansaço só o da labuta diária, e amanhecia renovado por noite bem dormida, a musculatura feito corda de embira, as mãos fortes de dedos grossos, tinha por costume rapar bem a cara e manter um bigodão bem cuidado de que fazia muito empenho, e ainda era homem pra muita mulher, "mode qualquer dona" dizia, "não faço feio e dou regalo".

Tinha chamego secreto, segredo porém de todos conhecido, pela Cerli, a espevitada, e a de Lajinha também não ignorava esses se-achegamentos do velho pela nova e punha reparo, que uma coisa assim não tinha bom parecer: era feio mulher mais nova com homem de idade, inda que nhô Margarido não aparentasse os anos e a Cerli nem tão moça fosse assim ("Pois a Cerli deve andar p'los quarenta e dois" meditava a de Lajinha, "se menos, pouco."). O mais em desacordo nesse causo era a Cerli ser mulher sem estado, separada há que anos, pelo menos dois, vivendo na companhia do irmão mais velho e da cunhada. Não era de bom proceder uma dona se separar de seu marido, em seus ruminares ia entretecendo a de Lajinha; mas não calhando boa vivência que, no separar-se, tivesse um mais justo procedimento, então sim — porém a Cerli não se conduzia por esse tino, era dona de andar sozinha a desoras (pois não chegara ali sozinha, vindo da Freguesia mode o baile?), usava uma vestimenta de pouca correção, e falava alto — inda que não fosse desbocada na presença de gente mais velha —, e ria por demais, sem ponderação. Nhô Margarido, está certo que queira uma companheira, sendo de idade uma hora há de carecer dum auxílio, não se falando no quefazer de dentro de casa para o que faz falta uma dona de bons costumes, porém fosse buscar alguém mais de acordo, a Cerli era muito nova para ele — e assim a de Lajinha espiava o velho com o recanto do olho reprovando aqueles ares moços, aquele blusão de xadrez que não convinha mode ser de cor muito berrante, e o riso fácil inté parecido com o da Cerli, a mesma faiscazinha de ouro no esmalte dum dente.

A insinuação de Nh'Ordálio não caiu em terreno infértil: nhô Margarido de início pareceu desconcertado, mas o embaraço durou só um segundo, que o velho tinha suas espertezas:

— Apois, e não é uma boa notícia? Que essa dona, a Cerli, dança muito bem, sendo isso o que eu mais apreceio, e… espia só, uma calibrina é medicamento certo mode o desânimo, que inté eu vou molhar a goela mais uma vez e depois me raspo lá pra fora.

E a dona de Lajinha, encorujada, esguelhava na direção de nhô Margarido que enchia de novo a canequinha e virava dum só gole, raspando a garganta com prazer e inté numa tremura, despois do que pediu licença, adentrou o corredor e se remeteu pra barraca.

Porém no fustigar o vento portas e janelas, com seus encontrões espaçados que despertavam na de Lajinha meditares sobre a natureza de Deus, nhô Adalgiso Fraga espevitava a chama da memória.

Quanto tempo durou aquele romance construído de silêncio e distância?

Certa ocasião na feira de Águas Claras avistou ao longe a mocinha da janela: estremeceu. Seria chegado o tempo de ir ter com ela? Seria ali, em meio à multidão, que se daria a conhecer e pediria para falar com os pais? Porém um novo estremecimento: um homem se aproxima e a enlaça pela cintura, conduzindo-a para fora…

O moço Adalgiso de imediato não se deu conta do que se passava. Outras vezes passou defronte à casita, mas a mocinha já não estava à janela, e ele teimava em não compreender. Até um dia em que novamente a avistou — e correu a esconder-se detrás dum tronco para não ser visto: lá estava ela num baquinho no quintal com uma espécie de trouxa de pano nos braços, ao seu lado o homem que a enlaçara, ambos atenciosos como se cuidassem de algo muito precioso…

Só então Adalgiso Fraga, moço acanhado e incapaz de lutar por um amor, compreendeu sua perda.

Nhô Adalgiso Fraga memoria sua vida. Seus rigores: a casa paterna já não lhe bastava, e o mundo fazia clamoroso convite. Era o filho mais velho, com os pais ficaria a irmã de dezesseis anos, ela lhes bastaria na ordenança de dentro de casa, e o moleque menor de doze logo estaria adulto ajudando o pai nas lidas de fora.

Não carecia desprover a casa de recurso algum, ele tinha o de seu, não muito mas suficiente: por que não partir? Numa noite ao jantar estavam os quatro à mesa, como de costume, quando ele disse:

— Meu pai, na semana que vem eu parto desta casa. Quero pedir vossa bênção, e a da senhora também, mãe, e que os manos me desejem boa sorte.

A mãe o encarou com súbita nascente nos olhos e o pai nublou o semblante.

— Uma decisão assim tão no repente terá causa de gravidade — disse o homem com seriedade. — Algum mal-feito, meu filho?

— Vosmecê devia de pensar mais dilatado, Adalgiso — a mãe num murmúrio tocando-lhe o braço com a ponta dos dedos.

Os manos o olhavam com surpresa.

O pai ainda o encarava com seriedade, esperando resposta.

O moço baixou a cabeça:

— Sim, meu pai, um mal-feito…

O homem se recostou no espaldar da cadeira, deixou a colher no prato e cada vez mais encarava o filho, porém sem exaltar-se.

— Teu pai está te ouvindo — disse.

— …mas não que possa envergonhar vosso nome — e levantou os olhos com firmeza, encarando o pai.

— O que foi que aconteceu, meu filho? — a mãe, ansiosa.

— Meu mal-feito, meu pai, foi d'eu não ter sabido tomar uma decisão em tempo, e o que eu perdi não tem recuperação. Daí meu desassossego, meu desejo de não dar descanso ao corpo para que alma possa adormecer…

Relatou aos pais sua paixão, como gostara da moça que entrevia na janela de uma certa casita a milhas dali, no entremeio das montanhas, e como a havia perdido para outro homem, de forma que "nem o nome da moça eu sei, mas sei que não posso mais viver em paz se não sair por aí, mundo afora, buscando… buscando o que seja eu não sei, mas que saberei quando encontrar".

Na sala de jantar onde a pequena família se reunia todas as noites fez-se um silêncio embaraçoso: a mãe chorara baixinho, os irmãos de cabeça baixa nem comiam, e agora o pai o encarava com os olhos vermelhos:

— Você tem minha bênção, meu filho. Já é homem, carece mesmo de conhecer o mundo. Decerto vai encontrar um amor que ocupe o lugar do que perdeu e amenize seu padecer. Não é vosmecê pessoa de boa figura e melhor proceder? Só peço que vez a vez se lembre cá desta casa que será sempre sua também e venha mode uma visita.

Porém na barraca Sinh'Antônia não achou o que dizer de moleca nova, mesmo da Caliquinha: as meninas dançavam mantendo distância bem observada, sem se-achegamentos descabidos, os moços respeitosos conduzindo as moças com recato, ao som da sanfona e no bater do pandeiro — folgança larga, a Cerli era levada agora p'nhô Margarido, que parecia muito à vontade e desembaraçado; ali também rodava a Calica polo braço dum cabra lá de Sertãozinho por último de mudança pra Corgo Seco, conforme ouvira dizer fugido dalgum malfeito, não sabia ao certo, porém que a Calica também não procedia mal, divertia-se com modos, inda que num desvão vislumbrasse Sinh'Antônia a figura sombria do Demantino vigiando a mulher. Pareceu-lhe que aquilo não acabava bem, conhecia os amuos do Demantino mode a Calica na posição de mulher casada não se aquietar, e de si para si mesma dizia que não fora de prudência nhô Catarino promover baile em casa com as coisas nesse pé. "Mas quem manda esse bocó não aprender a dançar? Se aprendesse, evitava" inda que Sinh'Antônia não estava muito certa se o Demantino não dançava por não saber ou por não gostar — fosse como fosse, era naquilo que dava: a mulher tinha gosto de um saracoteio, antão, fazer o quê?

E a música cessou, o sanfoneiro e o pandeirista requerendo um descanso, beber uma água e tomar um café com broa em cômodo reservado: uma dona preta, do serviço da casa, convidando os dois para dentro, instrução de nhô Catarino para atender os convidados no que carecessem, o próprio aparecendo mode saber se corria tudo em ordem, "não se acanhe, iô Dorvalino, esteja a

gosto seu Totonho", e os dois tomando assento na salinha apertada à vontade se serviam.

Sinh'Antônia recuara, já não lhe sabia bem a balbúrdia, calhava-lhe o sossego da cozinha e a companhia dos outros, velhos que nem ela, e no recuar não apanhou moleca nova escapando para o terreiro com um rapazote recém-chegado que a convidara mode ir "inté lá fora".

E lá fora, em retiro seguro, inda que apreciando o desaforo do outro, moleca nova mostrou dureza de coração:

— Vosmecê'stá maluco, Junim? Qu'é q'ocê quer, seu traste?

— Apois, menina, que eu vim aqui mod'ocê, ué!

— Mod'eu, mod'eu! Já se esqueceu que madrinha 'panhou nóis na mina aquela vez?

— Ma'isso já faz muito tempo…

— Eu levei tunda, e vosmecê? Qu'é que fez? Sumiu! Por donde vosmecê andou?

Pois calhava que o moleque se fora de Freguesia desd'aquela vez em que Sinh'Antônia apanhara os dois de agarramento na mina dágua, perambulara pelo mundo sem pouso certo, daqui pr'acolá, caminhos e caminhos, e longe foi.

— Por aí… sarandei…

— Sarandou, sei… foi mas é atrás de mulher…

— Eu não… só pensava em vosmecê…

— Ah, mas que mentira!…

— Mentira nada, sua boba, apois, espia: voltei, e adonde eu fui?

— Eu lá vou saber!

— Na sua casa, ué, rente, mod'ocê… bispei, não tinha ninguém, então eu disse: devem de ter saído, mas pr'adonde? E senti uma tristura cá dentro…

— Tristura, tristura… se sentisse tristura não tinha ido embora sem me dizer nada…

— Mas senti, ué, senti sim… dali então que fui inté a vendinha, e lá escutei falar do baile na casa de nhô Catarino… então eu disse: el'está lá com a madrinha, e vim pra cá, ói que quas'eu boto os bofes pra fora de tanto andar…

— Era bom que botasse mesmo!

— Malvada… mas vosmecê desenvolveu bem… inté ganhou peito — e o traste esticou os dedos sem-vergonha mode um aperto nos peitinhos da menina, que lhe deu um repelão.

— Abusado, vosmecê é muito abusado!

— Moleca, moleca, vosmecê bem que gostou…

E os dois ficaram s'espiando no quas'escuro do terreiro, a pouca luz ali provindo de dentro da barraca, dumas lamparinas dependuradas da viga central: e a moleca fingia uma zanga que não sentia, e um sorria pro outro, ofegando.

— Buliçoso!

— E a hora que começar a música vosmecê não dança com mais ninguém, só comigo.

— Quem disse? Eu danço com quem eu quiser!

— Moleca, vosmecê não me provoca! — e o traste agarra moleca nova pelos ombros e dá-lhe um beijo. — Vai dizer que vosmecê não gosta d'eu?

— Eu não gosto de traste nenhum não — moleca nova de língua atrevida.

E ele lhe dá outro beijo:

— Eu sei que gosta…

E assim tão de perto, o cheiro de suor do outro entrando-lhe pelas narinas, moleca nova não fez mais força, "traste" disse baixinho, e agora foi ela a avançar os lábios…

Porém na cozinha, na boca do fogão a de Lajinha alheava-se, que esse mundo já não seria o dela (teria sido algum dia?): essa dona benzedeira alimentava sua sabença no pensamento divagado, e punha tento na vida, que não permanece imóvel. Pois tudo tem um caminho, traçado por Deus: ali, por exemplo, estava o vento, que tinha seu caminho, se bem que o homem não conhecesse esse rumo por mais que batesse mundo atrás dele; o vento vinha, chegava, e saía depois sem se despedir, não ia ser a obra de Deus a dar satisfação ao homem de suas intenções, partia e ninguém lhe sabia o paradeiro. Mas tinha também o céu a rodar em riba da cabeça da gente, o Sol, a Lua, esse ror de estrelas, tudo rodando lá em cima, num caminho de ida e volta, e as coisas vivas, uma planta, um bicho, uma pessoa, tudo traçando no tempo seu caminho, sem parar, e hoje é só esse estar aqui, porque ontem foi vasto e amanhã não se sabe.

"O mundo porém não roda" diz a de Lajinha consigo mesma, que Deus fez o mundo mode o homem ter os pés firmes em riba dele: vamos que o mundo rodasse, quem parava em pé? Nem homem, nem bicho, nem casa, se bobear nem as árv'res, que no rodar as raízes iam se desprendendo, a terra revirando e inté as árv'res mais fortes de maiores raízes tombavam também. Então que o mundo tem de ficar parado mode o homem e nada em riba dele não cair, isso já Deus fez a jeito, porque o homem tem soberbias, igual aquele povo que anda fazendo guerra feito deu no rádio de sô Jisué Ordonho: esse povo por ter os pés firmes em riba da terra pega de medir força uns com os outros, nas maiores maldades, e mode a terra ser firme eles pensam que também estão firmes, porém vem um dia em que esta firmeza 'garra fraquejar e aí, babau!, vai tudo por água abaixo e a soberbia do homem junto. "O homem tem de olhar pra serenidade dos bichos" a dona de Lajinha ensinava às vezes, quando via gente contando vantagem de que "eu quero, eu posso, eu faço e aconteço", que os bichos são o exemplo: sua serenidade, inda que vez a vez um lá briga com outro, mas não é por orgulho ou malvadeza, é mode uma comida, ou um pouso, pois tem bicho que marca seu lugar, ali é dele e outro não se intromete, mas os bichos não fazem isso por ruindade, fazem porque é a natureza deles dada por Deus Nos'Sinhô, adonde que se o homem quisesse aprender com eles tinha escola pra vida toda, "eu gosto muito de bicho" arrematava a de Lajinha, "não se deve matar, não se deve judiar, quem faz maldade com os bichos deve a Deus, que na

hora certa vai requerer explicação" e, muito grave, "mas quem vai dar explicação pra Deus? Dizer o quê, se Ele já de tudo tem sabença?"

Ia nessas divagações a dona benzedeira de Lajinha esquentando fogo, os demais em seus conversares esgarçados, quando bateram na porta da cozinha — e já passava da meia-noite: nhô Catarino mandou que entrassem, mas as batidas se repetiram e ele teve de se levantar mode atender:

— Apois, mas é s'ô Necreto. Se achegue, homem!

Que não, retraiu-se o outro, tinha pressa o pobre e parecia aflito no perquirir:

— Sá dona benzedeira, aquela de Lajinha, está'í?

— Está, quer falar mais ela?

Então que a dona de Lajinha escutando referência sobre sua pessoa foi se achegando pra porta e vigiou s'ô Necreto que parecia assustado:

— Calha, sá dona, que é o menorzinho… está c'uma febre que não passa desde trasantonte'… já dei 'meopatia mode ver se baixa a quentura, pobrezinho, qu'inté parece que vai cozinhar por dentro… mas me ocorreu se vossência não benze, e não indica um chá… tudo ajuda, num sabe?… Então que, pensando assim, estive na Lajinha mas não encontrei vossência, adonde que calculei: está em casa de nhô Catarino, e vim… tenho um burrico encilhado aqui mode um trajeto mais cômodo, se conceder a gentileza de me acompanhar…

E a dona de Lajinha acompanhou s'ô Necreto montada no burrico: ia mode o seu mister, as rezas, os chás, ver se o menorzinho arribava.

— Eu não disse? — iô Nezinho, no que a de Lajinha e s'o Necreto já haviam partido. — Vai ver não escapa o pequeno…

— T'esconjuro, iô Nezinho — benzeu-se nhá Isaltina —, pra Deus nada é impossível, e essa dona sabe tratar quas'que igual doutor da cidade. Se calhar, inté sabe coisa que doutor desconhece…

— Queira Deus, nhá Isaltina, queira Deus — tornou iô Nezinho.

No tamborete, em seu silencioso estar, cabeceava o velho Leocádio: cabeceava, mas teimoso permanecia, em seu entender a noite só começaria com a alva, com o fim do sanfoneio, e achou de mais uma vez se levantar raspando a garganta: cuspilhou prum lado, corredor adentro botou-se de novo pra barraca. Dentro de pouco, pandeirava num folgar do Totonho. Sem aquilo, dormia, e em noite de festa o velho Leocádio não soía dormir — para tanto teria o dia seguinte.

Porém Nh'Ordálio, que havia maliciado de nhô Margarido mais a Cerli, em sua cabecinha chupada e resseca produzia pensamentos impuros: a Cerli era uma dona de volumes, e via-se que esses volumes não careciam de rijeza, que ali estava uma de carnes ainda firmes, e entreviu em seu fantasiar os espojamentos dela mais o outro, pois decerto calhava um acerto entre os dois naquela noite de baile: nhô Margarido não parecia disposto a deixar escapar a ocasião. Mas Nh'Ordálio não se amofinava, pois ainda que a Cerli fosse uma dona de valor pra essas labutas de colchão, o preto tinha suas preferências: uma novinha feito

a moleca de Sinh'Antônia, ou mesmo a Caliquinha do Demantino, menina de fogo, decerto — ia maldando o preto — já andava d'esfregação com macho polo meio do mato, o pai é que não sabia de nada, o avô então!... E bispa nhô Catarino que se levanta mode atiçar o fogo, botar mais lenha, à acha mais grossa juntar uns gravetos...

Nh'Ordálio na mocidade — filho de escravos livres, e por isso livre também — fora homem de freqüentar casa de mulher-dama, não passava semana sem lá comparecer, isso no tempo em que assistia em Águas Claras, cidade de facilidades em assunto de safadezas, e não se aquietava com uma só: carecia de duas, quando não de três na mesma noite, e lá ia largando os cobres. Mas era moço de muque, trabalhava sem canseiras, e tinha ganho em outros lidares que não fosse apenas o curral ou a colheita do café: juntara o seu pecúlio.

Casar não casou, tinha trinta e poucos quando apanhou uma negrinha para si, a bem dizer arrastou-a do meio do cafezal pra dentro de sua choça e ali fez dela sua mulher: a negrinha s'embeiçou por ser o preto provido com documentação de calibre, e no que ele queria ela não recuava, entendendo-se ambos no melhor acerto de contas, de forma que não poucas vezes o cantar do galo no terreiro, madrugada alta, ia dar com os dois ainda engalfinhados. Porém a negrinha morreu ao dar à luz e deixou Nh'Ordálio com uma menina pra criar. O preto, desarvorado e sem saber o que fazer, enterrou sua negrinha e voltou para casa adonde o bebê chorava... Matutou uma tarde inteira e o único caminho que lhe pareceu seria arranjar uma ama-de-leite, pois como poderia botar outra mulher dentro de casa tão de repente? Não se arranja pessoa assim duma hora pra outra — e levou a filha pra uma dona mulata que assistia nos arredores de Águas Claras, pessoa sua conhecida e de responsabilidade e experiência com criança, pois mãe de quase uma dezena. Tirando opinião com essa dona, estudou de batizar a menina polo nome de Janice, e combinando uma paga por mês "ou conforme vossência achar de acordo" deixou Janice em sua casa, já dependurada em seu peito farto, e ali a menina ficaria inté a idade de treze anos.

Nesse meio-tempo Nh'Ordálio seguiu a vida: a luta diária, a esperança de comprar uma terrinha, a ida para Corgo Seco, despois para Vargedo, seus tempos na Laguna com nhô Demastor, sarandou por Sertãozinho, despois de novo em Corgo Seco e Lajinha, muitas andanças, e o dinheiro (fora o que portador de confiança levava pra dona mulata mode os cuidados com sua menina) ajuntado dentro de um potezinho de barro esconso em lugar seguro que um ladrão não fosse colher o que lhe custava o suor do rosto e os calos das mãos, por fim a terrinha adquirida ali mesmo, em Corgo Seco, em ponto bem recolhido, sitiozinho minguado mas que ele podia dizer seu no exibir com orgulho a escritura, um ou dois pares de braço vez a vez mode amanhar o chão de adjutório mais ele, e a mulher com quem vinha se combinando desde uns tempos e que por fim levara pra dentro de casa: contava agora quarenta e cinco anos, tornara-se proprietário, tinha esposa e inté já o tratavam por "inhô" — era hora de buscar Janice em Águas Claras.

Ah…

Deu-se que sinhozinho Dodó arriara a cabeça no tampo da mesa e inté principiava um ronco, no que nhô Catarino teve piedade: ao de leve tocou no ombro do velho, "sinhozinho" chamou, "sinhozinho…" e o velho, meio perdido e nem sabendo de repente adonde estava, abriu os olhos e espiou prum lado e pra outro, levantando a cabeça frouxa…

— Sinhozinho — nhô Catarino encurvado na direção do velho —, já são horas, vam'lá pra dentro…

— Hein?…

— J'é tarde, sinhozinho, vam'lá pra dentro…

— Ah… deve de ser… deve de ser…

— A cama do senhor já'stá arrumada…

E sinhozinho Dodó, amparado por nhô Catarino, se arribou do banco.

Pois era costume do nonagenário pernoitar às vezes na casa, no que lá aparecia fosse mode um proseio, um desfastio em sua vida de ancião desvalido de outra gente à sua volta, ou que nem antão, no convite dum baile que ele mesmo, na idade em que estava, nem apreciava mais, apreciando tão só o encontro com aqueles de seu tempo; e assim sendo, de cedo já se prevenia quarto desimpedido e cama arrumada mode acomodar o velho quando fossem horas, adonde que agora sinhozinho Dodó deixava a cozinha com seu passo vagaroso e incerto, nhô Catarino escorando-o de um lado e, na mão livre, alumiando pr'adiente, uma lamparina arriba da cabeça…

Nhá Isaltina agora referia como um irmão dela, por nome Atílio, quisera lhe bater "mode uma camisa dele que eu passei e ele não gostou, achando que eu tinha feito com desleixo. Veio pra riba d'eu feito carneiro desembestado, mas eu arranhei a cara dele toda c'as unhas. Eu era geniosa" e se ria nhá Isaltina.

— Mais do que certa — d'a Geraldinha Trancoso balangando aprovativa a cabeça —, em mim é que irmão não botava os gadanhos. Calha é que eu não tive irmão homem…

— E vosso pai não perquiriu o motivo da desavença? — perguntou Sinh'Antônia.

— Antão não? — diz a velha. — Pai quando viu a cara do Atílio sangrando, ele inté escumando p'los cantos da boca e o branco do'zolhos raiado de sangue, se armou de soiteira e veio na minha reta, mas mãe não deixou, entrou no meio e disse que ninguém botava a mão na filha dela, falou que fora muito bem feito o que eu tinha obrado na cara do Atílio.

— E o vosso irmão? — quis saber nhô Catarino de volta lá de dentro, adonde deixara bem recolhido sinhozinho Dodó.

— Atílio disse que eu estava de namoro na jinela, dando confiança pra homem estranho, mas cadê o homem? Era inventação dele, um bobo… não tinha ninguém… nunca que eu fui dessas… — fez uma pausa, em que pareceu ponderar nas suas memórias de janela e na mentira que acabara de dizer, e prosseguiu: — Não fosse mãe se meter no meio de nós dois eu tinha apanhado aquele

dia… Mas mãe era de veia que nem eu, esculachou o Atílio e mandou ele primeiro arrumar uma filha, pra despois bater nela se quisesse…

— No que fez muito bem — concordou d'a Lucinira pensando em sua Suzana, menina dos seus desgostos porém querida, de um tudo era capaz mode o bem-estar dos dois, filha e neto: e lá alguém, homem que fosse se algum dia Suzana achasse casamento, que se atrevesse a levantar a mão contra ela!… Pois d'a Lucinira era pessoa ponderada, de educações, mas não lhe faltava tutano!

Porém a lembrança do moço bem-parecido aferroa, pois daquela história de sua mocidade ela não falava com os outros, coisa sua do mundo preservada, segredo — e ainda sobrevém tardia pontada de saudade: o que teria sido feito daquele rapaz vistoso cujo nome nunca soube e de quem nunca mais tivera qualquer notícia?

Nhá Isaltina, no entanto, inda que guardasse com essa lembrança um latejamento de tristeza nos longes do coração, não se sentia infeliz pois casara com um homem bom, um moço que viera a conhecer a bem dizer quas'que na véspera do enlace, pois quando soube da boca do pai que estava noiva e que devia preparar o enxoval não tardou dois dias apareceu por lá o noivo, com consentimento de ambas as casas, e então se viram pola primeira vez, ou ela, pois ele já a conhecia de enxergar só de longe: não era um rapaz bonito mas tinha suas delicadezas, e daí a mês e meio estavam casados.

Nhá Isaltina suspira: podia ser diferente? Poderia ela ter dito para o pai que não casava com aquele rapaz porque gostava de outro? Pois não podia: contrariar o pai, como? Ele não botava ela pra fora de casa, feito mulher à toa? Botava, nem tinha que ver! Então casou… casou, e não foi infeliz não: seu noivo não era feito o outro bem-parecido, inté mancava um pouco da perna direita um tantico mais curta, mas tinha delicadezas, falava-lhe com um carinho que pouco a pouco lhe foi conquistando o coração…

Do moço bem-parecido restou presença na forma duns lembrares de tempos em tempos, uns esqueceres prolongados pois a vida trazia durezas e cansaços, até que em algum dia de remanso a lembrança voltava… Nhá Isaltina sentia às vezes um remorso, como se estivesse sendo infiel ao esposo, ao companheiro de todas as horas, mas dum melhor refletir entendia que nada havia de mal em seu proceder: tantos anos se haviam transcorrido que o moço bem-parecido se convertera apenas naquilo, uma sombra, e não se pode trair ninguém com uma sombra; além do mais ela já não era a menina que namorara uma única vez, e assim mesmo espiando da janela um namorado cujo nome não soube e com quem nunca trocara palavra: não, agora era uma mulher feita, com filhos pra criar, e então a mais velha contava oito anos, despois dez, mais tarde quinze, e assim foi, os outros todos também crescendo, e ela ali, ao lado do marido…

Nhá Isaltina há muito tempo deixara para trás aquela menina geniosa que lanhara a cara do irmão mas que possuía as doçuras de uma quase criança… o que ela guardava no coração na forma de uma lembrança boa e tristonha era como uma jóia que vigiava com encantamento mas na verdade pertencia a outra

pessoa… por isso não estava sendo infiel quando de tempos em tempos abria o escrínio…

E tudo que ficara fora isso: o falecido se convertera também numa pequena jóia, mas essa era mesmo sua, e os filhos… bem os filhos… eram seus, mas já não eram mais, pois tinham suas vidas e agora pertenciam aos seus esposos e esposas, e ela era então apenas uma velha cujos dentes também se haviam perdido…

"É tudo perda" suspira nhá Isaltina, "quando se chega nessa idade é que se vê que na vida é tudo perda."

Nhô Adalgiso Fraga se recorda do dia em que partiu, quando então abraçou os pais e os irmãos no terreiro de casa, montou a cavalo, de cada lado da sela os alforjes com seus teréns, e se foi por quase vinte anos…

Adonde esteve? Importância nenhuma não tinha, que o mundo lhe havia chamado com promessas vazias, promessas que ele mesmo — e não o mundo — criara para si e que não cumprira. A moça da janela, naquela casita sumida entre as montanhas, esteve em sua lembrança feito marca de ferro em brasa que se faz no gado: mesmo quando ele casou com uma sinhazinha cheia dos encantos em Rio Belo e ali fez sua vida, e mesmo quando regressou à casa paterna com sua esposa e seus filhos já crescidinhos mode pai e mãe abençoar, a moça da janela permanecia em sua recordação.

Não calhou jamais nas intenções de Adalgiso Fraga perquirir pelo paradeiro da menina: era mulher casada, não seria mais sua, melhor então deixá-la diluir-se num esquecimento impossível — sua presença, seu corpo, seu nome não sabido, tudo isso uma poeira fininha levantada pelo vento, mas que pouco a pouco se assentava outra vez no fundo do coração, lá dormitando, serena, até o vento assoprar outra vez…

E de volta à casa paterna abraçou os pais envelhecidos que choraram ao abençoar os netos, beijou a irmãzinha de um dia, agora mulher casada e responsável, de faces coradas e despachada na administração do lar, apertou a mão daquele moço de bigodes negros que ele nunca que reconheceria como seu irmão: deixara-o molecote de doze anos e vinha encontrá-lo aos trinta, noivo de uma das filhas da terra…

Nhô Adalgiso Fraga não fora refratário ao tempo: vivera sua vida na distante Rio belo, ficando no passado a remota casa de seus pais há muito falecidos, a mui longínqua casita da moça que ele avistara à janela… envelhecera nhô Adalgiso e estava viúvo há nove anos, mas não se sentia viúvo. Chorara a falecida, sim, pois a havia amado desse amor tranqüilo e sem arroubos com que amamos dignamente a mãe de nossos filhos, e visitava seu túmulo adonde ia depositar vez a vez um punhado de flores recém-colhidas no campo… Porém, nhô Adalgiso Fraga sabia-se — assim era em seu íntimo — novamente solteiro, noivo: noivo de seu sonho impossível…

Porém regressava o Demantino, de ares mais sombrios:

— Pai — disse, e nhô Catarino soergueu a cabeça na direção do filho —, posso ter um particular mais o senhor?

Nhô Catarino se arribou da mesa e entrou no corredor atrás do filho. Então o Demantino cochichou:

— Eu hoje dou na Calica, meu pai.

— Demantino, Demantino, veja lá! — disse nhô Catarino severoso, reprovativo das violências.

— É ela nas danças, o senhor sabe…

Pois o velho Catarino sabia, porém não aprovava rompantes. Além do mais s'esbaldar em folia era coisa da Calica, fora do que ela não dava o que falar. Porém, no ver do Demantino a Calica acabara era dando mesmo o que falar, pois dançar inté qu'está certo, é um baile, mas mode que ela só dançava com aquele cabra?

— Que cabra? — nhô Catarino quis saber.

— Esse que diz-que veio fugido de Sertãozinho. Parece inté que anda de chamego mais ele, o povo inté põe reparo… e eu ainda acabo separando os dois na bordoada, assim, na frente de todo mundo…

— E vosmecê quer fazer vergonha no meio dessa gente toda? Não vê que fica mais feio ainda? É o mesmo que você gritar mode o povaréu escutar que a Calica é uma desavergonhada! Tenha tento!

Vencido, o Demantino baixou a cabeça, porém supinou as vistas implorativas:

— Chama ela cá dentro o senhor, que ela tem mais respeito, e explica pra desavergonhada…

Nhô Catarino se arrependia de ter promovido aquele desacerto, baile em sua casa nunca mais, dizia consigo mesmo enquanto atravessava o corredor na direção da barraca. Iô Dorvalino fazia uma pausa propícia e nhô Catarino com voz de quem não supõe destempero:

— Calica — e no que a mulata olhou: — Calica, minha filha, vem cá dentro na cozinha mode um adjutório…

A mulher acabava de se afastar do cabra foragido de Sertãozinho, atendeu nhô Catarino com presteza, porém no estarem a sós sogro e nora no corredor mal iluminado o marido se achegou também:

— Calica — a voz cochichada e autoritária de nhô Catarino —, vosmecê'stá dando nas vistas, minha filha…

— Ué, pai Catarino, mode quê?

— Mode quê, sua desavergonhada — s'intrometeu o Demantino soletrando fúria —, mode quê? Antão isso é jeito de uma dona casada se comportar?

— O quê que é isso agora? — esbravejou, cochichando também, a Calica, e agora eram os três a cochichar quas'que alto, no furor, que se viesse alguém decerto apanhava o que se dizia. — Vosmecê sabe que eu apreceio uma dança, vosmecê sabe muito bem, porém eu nunca lhe faltei com o respeito.

— Está faltando agora! — o Demantino, positivo.

— E mode quê?

— Mode seu agarramento mais esse cabra…

— Não teve agarramento nenhum, sempre dancei preservando distância…

— Mas por causa de que só com esse sujeito? Não tem outros cavalheiros na barraca?

— E o que tem isso? N'é tudo homem?

— Pois se é só com um é porque 'stá se agradando dele!

— Se agradando dele? Eu se agradando dele? Vosmecê encheu a cara, homem? Não enxerga que é um homem qu'inté podia ser meu pai?

— Seu pai! — rosnou o Demantino. — Seu pai!… Como se vosmecê fosse muito menina!

— Então não? O pobre já anda pelos cinqüenta ou mais…

— Antão qu'inté a idade dele vosmecê já sabe!

— Apois, e que mal há nisso? Ele mencionou…

Porém d'a Lucinira apontou no fim do corredor, dera-lhe vontade de ver de perto o divertimento da turma. Os três se aquietaram, deixaram a dona passar e o Demantino inté se encurvou num sorriso, "na barraca tá inté fazendo calor, sá dona, vossência vai apreciar", e quando ela se afastou já ia abrir a boca em novo rompante contra a mulher…

— Apois, apois — nhô Catarino intervindo mode botar um termo naquele desconcerto: — Demantino, se aquiete, e vosmecê, Calica, pode dançar, se diverte, porém não faça feio pra não chamar atenção dos outros.

— Pode deixar, pai Catarino, eu não sou dessas não, o pai sabe disso.

— Vai, minha filha — e para o filho, em voz baixa: — Tenha mais confiança em sua mulher, Demantino.

— Mas pai…

— Escuta só o que teu velho pai t'explica: eu também não aprovo muito esse jeito dela, inté já parafusei cá comigo umas duvidanças desse proceder…

— Viu? Inté o senhor!

— …mas, escuta!, uma coisa é certa: tua mulher, fora esse gosto que ela tem de rodar em baile, nunca te deu motivo, ela é direita e vosmecê sabe disso!

O Demantino baixou a cabeça.

— Então! Vamos botar um fim nessa história. Amanhã, com a cabeça refrescada, se provê melhor entendimento.

E o Demantino, soturno, rumou para a barraca enquanto nhô Catarino retornava à cozinha.

Porém Nh'Ordálio tem de memória o transtorno que se deu em trazer para casa a filha Janice.

A menina fora bem criada pela dona mulata que lhe dera o peito, que inté botar a pirralha no grupo escolar de Águas Claras mode aprender a ler e escrever botou, ensinou-lhe bordados e pontos de crochê, e não descurou de fazer dela uma boa mão no tempero de uma comida ou no cultivar uma horta, cuidando de Janice como se fosse carne sua. Naqueles anos todos Nh'Ordálio

poucas vezes visitara a filha, levando a vida de encontrões e incertezas que levava; Janice conhecia o pai, a dona mulata tinha lhe propiciado ensino, "é seu pai, vosmecê deve muito respeito a ele, que é quem lhe deu a vida e lhe dá o sustento", "quem me deu a vida foi Deus e quem me dá o sustento é a senhora" a menina inda novinha respondia, perdida na confusão daquela história, "pois a menina tem de aprender que não é assim: Deus propiciou a vosso pai que lhe desse a vida; já eu lhe dou de um tudo, e cuido de vosmecê feito um dos meus, mas o vosso pai paga com dinheiro suado lá dele mode esses cuidados, se não como havera de ser? Eu não sou rica!". Janice aos poucos foi entendendo e aceitando, mais ou menos, o fato de ser filha daquele preto que aparecia tão raramente, "mode que ele não vive comigo igual o pai de outras crianças?" e a dona mulata escolhia as palavras, explicava que "vossa mãe morreu quando vosmecê nasceu, e vosso pai ficou sozinho. Tendo de labutar mode a vida, como é que ele ia fazer uma coisa e outra, labutar e cuidar d'ocê?" e de novo a menina entendia, mais ou menos… Lá um dia vinha o pai, sentava na cozinha da dona mulata, que mandava chamar por ela, e ela ia, e tomava a bença, e Nh'Ordálio puxava ela para si e lhe dava um beijo na testa perguntando "como vai vosmecê?" e ela "vou bem, meu pai", "antão que a menina inté já sabe ler de carreirinha?", "já, meu pai", e Janice se esforçava mode gostar daquele homem, mas a verdade é qu'inté padecia um certo receio dele, e se assustava quando a dona mulata lhe dizia que "assim que vosso pai arranjar a situação, vem buscar a menina mode estar com ele, que é como deve de ser".

E esse dia chegou: Nh'Ordálio, que não aparecia havia uns três anos, inté se espantou daquela mocinha jeitosa que se achegou tomando-lhe a bença, e Janice não se espantou menos quando a dona mulata lhe disse "menina, vá arrumar suas coisas, bota o que é seu numa trouxa, que vosso pai veio buscar vosmecê".

A dona mulata quis disfarçar umas lágrimas na hora de se despedir, Janice com a trouxa nas mãos se fez de dura, porém quando se abraçaram não puderam mais e o caudal abriu as comportas…

Agora Janice vivia com o pai e a madrasta em Corgo Seco.

Fora as saudades da dona mulata, que Janice aprendera a querer como mãe, a menina não passou dificuldades: aos poucos afeiçoou-se ao pai, e a mulher dele, inda que sisuda, era de bom trato e as duas se entenderam.

Nh'Ordálio teria enfim encontrado sossego, pois tudo que queria na vida podia-se dizer que já era seu: comprara uma terrinha, tinha uma esposa e a filha vivia agora em sua companhia, três ou quatro pares de braços o ajudavam na roça de sol a sol e o sítio rendia… Mode que o diabo tem de botar suas tranqueiras no caminho e atrapalhar a vida dum cristão?

Pois se deu que Nh'Ordálio, sendo homem de sangue quente, não podia enxergar a menina Janice que não lhe apetecessem indecências, e da primeira vez em que, espiando a filha que passava no terreiro com a bacia na cabeça no rumo da bica, sentiu refluir dentro de si aquele ímpeto, estremeceu: pois a menina, se bem que já se pusesse mocinha e de acentuadas graças — em breve completaria

catorze anos —, era sua filha, um pensamento assim não tinha cabimento, era pecado de morte, de Deus marcar a carne dele pra lugar cativo nos brasidos do Inferno.

Naquele dia Nh'Ordálio s'espavoriu: afundou pelo mato adentro, andou sem destino, subiu morro e desceu grota, se atolou inté a cintura em brejo de taboa e deu de cara com casa de maribondo que ele, de galope, varejou inté moita de arranha-gato e só entrou em casa tarde da noite. Porém quanto mais se esfalfou em sua fuga, mais presente se fez em sua cabeça a figura graciosa de Janice.

No dia seguinte levantou cedo e saiu pra roça, entrou de novo em casa anoitecendo, porém no chegar esperava-o à porta Janice, que lhe sorriu e foi em sua direção, "a bença pai, o senhor ontem sumiu e hoje de manhã saiu cedo de novo, inté parece que'está fugindo de nós".

Então Nh'Ordálio conheceu o inferno: abrasou-o o desejo pela filha, incendiou-o por dentro ao mesmo tempo que ele, por fora, se via obrigado a fazer-se gelo. Teria deixado transparecer seu desacerto? A mulher notou-lhe mudanças, Janice o achou arredio, Nh'Ordálio porém resistia, "não é nada, não é nada, são coisas"…

Podia ele falar? Referir suas aflições?

Um dia, sabendo o costume da filha de banhar-se no ribeirão no finzinho daquelas tardes quentes de sol, largou a roça mais cedo, s'esgueirou polo mato, foi buscar num abarrancado perto da margem ponto conveniente, e de lá, esconso na vegetação cerrada, vigiou: a nudez de sua filha, o corpo queimado de sol, o serpear de suas formas, a redondeza dos peitos, das nádegas…

Nhô Catarino traduz apropositada providência na qualidade dumas batatas que se alembra de botar nas brasas, "já vão dando horas, o estâm'go solicita uma qualquer coisa" e vigiando o relógio de bolso viu o ponteiro pequeno chegando perto do três; nhá Isaltina está encorujada na boca do fogão pois por último o frio passara a fustigar com mais vontade, o vento sacudindo com mais força as tábuas da porta e da jinela e produzindo mais estalidos no madeirame do telhado; d'a Lucinira voltara da barraca, adonde fora mode tão só uma espiada, mas o Leocádio lá permanecia: dando de mão num reco-reco acompanhava os músicos, e os outros ainda cavaqueiam…

Nh'Ordálio se lembra…

Podia aquele despropósito continuar? Não chegaria o dia dum destempero, duma desgraça? Pois chegou, sim, o dia, mas no qual tomara aquela decisão que a todos pegou de surpresa — a mulher, a filha e inté a dona mulata de Águas Claras:

— Janice, minha filha, arruma suas coisas numa trouxa que vosmecê o mais tardar amanhã volta pr'Águas Claras.

Urdiu explicação? A verdade não podia dizer, manter a filha debaixo de seu teto não era mais possível (vai que um dia ele perde a compostura e faz um

desatino com a menina?), o que coube foi razão auspiciosa que não só esclareceu decisão tão inesperada como proveu de contentamento à garota:

— Essa menina carece de viver num lugar de arraial, adonde pode prosperar, e inté arranjar um bom casamento. Que há de ser dela nesse meio de mato?

A dona mulata acolheu Janice com os olhos marejados, a menina lá ficou mas já dividida entre a casa onde fora criada e a do pai, onde vivera tão poucos meses e a que no entanto se afeiçoara, e Nh'Ordálio voltou para Corgo Seco com um alívio no coração que inté lhe propiciava uma respiração mais desafogada.

Que foi de Janice? Nh'Ordálio não tem anojadas lembranças nesse porém: sua menina casou com moço de regular posição no comércio de Águas Claras, o moço melhorou e de empregado passou a patrão, inda que numa casa de pouca monta, pra lá ainda vivem, Janice agora é uma mulher madurona, lhe deu netos que regularmente ele visita e tudo acabou em paz. Nh'Ordálio peja-se às vezes, uma pontada de remorso, ter desejado a própria filha é memória que refuga com acanhamento; o fogo, porém, e apesar dos seus setenta anos, não se apagou, sente-se ainda homem pra mulher e lembrando de sua desatinação mode a filha não evita — nem faz por evitar — uns pensamentos depravados no que põe as vistas na moleca de Sinh'Antônia e inté mesmo na Caliquinha…

…Mas o esvuraço se deu lá pelas quatro, no cantar do galo, hora em que o baile s'encaminhava pro fim.

Principiou na conformação duma gritaria que tiniu inté na cozinha, de seguimento uns boléus, e por fim o berreiro da moleca nova de Sinh'Antônia corredor adentro. Da gritaria do começo s'entendia quando muito umas frases salteadas brotando de indiscernível vozerio. Os boléus semelhavam bordoadas despachadas a torto e a direito, e que acertavam em parede, porta e janela e, por fim, do berreiro que se escutou corredor adentro a própria moleca nova apareceu na cozinha com a cara banhada em sangue.

Os velhos já se haviam levantado assombrados com o desacorçôo, e se propunham a ver o que estava acontecendo. D'a Geraldinha Trancoso, na dificuldade de arribar suas arrobas, permanecia porém sentada, o espanto fazendo-a abrir os olhos que se rasgavam em meio às enxúndias da face.

— Madrinha, me deram na cara, me deram na cara, madrinha!

E a moleca nova correu na direção de Sinh'Antônia, se atracando com a velha.

— Quê que tá acontecendo, meu Deus do céu? — pergunto nhá Isaltina no alvoroço, meio adernada, arrastando uma perna dormente na direção do corredor mas estacando ao ver a moleca nova com o rosto sujo de sangue.

— Começou uma briga… daí nem sei mais, todo mundo começou a s'esbordoar… levei um soco no pau do nariz que nem vi d'adonde veio…

E largou berreiro atracada com a velha Sinh'Antônia.

— Pois é muito bem-feito, pra largar de ser assanhada — ralhou a velha, empurrando a afilhada, na intenção de ir também inté a barraca.

— Dindinha! — choramingou moleca nova, apalermada.

— Fica quieta! — tornou a velha. — 'Senta o rabo num canto e vê se sossega — e saiu, avançou no rastro dos outros velhos corredor adentro.

Por eles em sentido contrário passou a Calica chorando, s'esbarrando sem olhar em quem e arrastando a Caliquinha pela mão, "vam's'imbora, minha filha, vam's'imbora, mode que eu aqui não permaneço".

Na barraca nhô Catarino e os outros velhos encontraram a quizília desfeita e uns grupos falando prum canto, outros pra outro, dois ou três homens contendo o Demantino que ainda segurava um porrete e outros tantos arrastando pra fora o cabra fugido de Sertãozinho, que parecia desacordado ou morto.

— Que foi que se assucedeu aqui? — perguntou nhô Catarino severoso, a voz na parecença dum trovão em começo de temporal.

— É a desavergonhada da Calica, meu pai — esclareceu o Demantino —, foi tudo por culpa dela! — e para os que o cercavam: — E vosmecês podem me largar, que eu não vou fazer mais nada não.

O que se pôde colher da barafunda foi que o Demantino perdeu a paciência no ver a Calica sempre de se-achegamento mais o cabra fugido de Sertãozinho, só nas danças, outro cavalheiro não procurando, outra dama ele não querendo, e no se descompor propiciou safanão bem sacudido na mulher, que recuou, a boca aberta de surpresa, indo de encontro a um esteio da barraca, que toda se estremeceu; em seguida interpelou o cabra foragido de Sertãozinho, que lhe respondeu de maus modos sungando o chapéu no alto da testa em jeito de desafio, no que o Demantino o agravou com um cachação de tal consistência que o largou de cara na terra. O cabra fugido caiu e tão pronto se levantou munido de faca, o Demantino já partia de porrete batendo em roda sem meditação. Sucede porém que o cabra tinha ali alguns por ele, que vendo o desacerto do companheiro avançaram contra o Demantino, que também sozinho não estava, adonde que então a briga se desgalhou e em pouco quase todo mundo trocava bordoada dentro da barraca…

Moleca nova nessa hora se encontrava mais o Junim no terreiro, e escutando o estardalhaço botou a cara pra dento da barraca para ver, na conta de levar um murro que fez a menina inté esquecer o namorado, que se esquivou da briga pondo-se em distanciamento seguro mode só espiar. Nhô Margarido não bobeou e, travando a mão da Cerli, arrastou com sua interessada pra dentro da sala a fim de pô-la a salvo e estar mais junto dela, no que a Cerli não recusou o recurso, e calculamos que não só por medo de lhe sobrar uns trompaços mas também pola intenção de não enjeitar o arranjo que o velho lhe vinha propondo na cuia da orelha enquanto dançavam: que nhô Margarido não era homem novo, na flor da idade, mas tinha boa figura e disposição conforme, não lhe faltando também cabedal que lhe fosse de interesse — a Cerli não desacudia dumas calculações bem estipuladas lá no por dentro de sua cabeça esperta.

Mas o baile chegara ao fim.

Nhô Dorvalino e o Totonho Pretinho se despediam de nhô Catarino na boca da barraca e sem mais meteram o pé no caminho.

O grosso do povo já se arredara dali, cada qual tomando seu rumo, mas polos cantos sempre restavam uns que outros cochichando os gerais comentários.

Num canto do terreiro uns homens tentavam reanimar o cabra fugido de Sertãozinho…

— Como está o sujeito? — quis saber nhô Catarino aprochegando-se, na sua retaguarda nhô Adalgiso Fraga, especulativo, as mãos nas costas, na qualidade de homem de posses e leituras.

— Ao certo sabemo não — disse um.

— Calha umas costelas quebradas — disse outro —, pola dor que ele diz…

O cabra, estirado no chão, gemia.

Nhô Catarino espiou de relance, mandou que o levassem embora e botassem sinapismo de arnica em riba do lugar ofendido "que a dor passa", e pisou para dentro de casa.

Os que ainda por ali restavam haviam por fim se concentrado na cozinha: moleca nova, sentada num tamborete ao lado do fogão, punha compressa no nariz machucado e ainda choramingava, os olhos inchados e a cara vermelha; num canto, sem que ninguém atinasse quem fosse e por que permanecia, o traste, o Junim, vigiava d'esconso a namorada; nhá Isaltina voltara pra boca do fogão, adonde as brasas já começavam a apagar-se, nhô Adalgiso Fraga se achegou mode também s'esquentar comentando com a velha sobre a friagem da madrugada, "então, nhô Adalgiso, então!…", enquanto Sinh'Antônia, d'a Lucinira, d'a Geraldinha Trancoso, Nh'Ordálio, iô Nezinho, o velho Leocádio e nhô Margarido travado da mão da Cerli trocavam em voz baixa opiniões sobre o sucesso.

— Porém não calha ser cabra fugido de mal-feito não — esclarecia Nh'Ordálio, que afirmava conhecer o sujeito —, é inté pessoa de decência, trabalhador. É esquentado, lá isso… mas no mais…

— Antão por que o povo diz dele que carrega crime na cacunda? — quis saber d'a Geraldinha Trancoso.

Calica e a filha, sem botar tento no cochicho dos velhos, fungavam sentadas numa ponta de banco, uma trouxa junto aos pés, de um lado nhô Catarino tentando apaziguar, do outro, mais arredado, soturno, dono já de uns arrependimentos mas mantendo-se firme, o Demantino.

— Nós vai s'imbora, pai Catarino, é humilhação demais — dizia a Calica, inconsolável, fungando, limpando a cara das lágrimas renitentes, ainda requeimando a face o sopapo que lhe providenciara o marido. — Nunca, pai Catarino, nunca que eu faltei com o respeito co'esse daí…

[— O povo bobeia, não sabe, d'a Geraldinha? — tornou Nh'Ordálio. — Exageração. Pois se obrou mal-feito foi há muitos anos… sendo uma história d'escassa alegria…

— Vossência conhece o causo, Nh'Ordálio? — inquiriu iô Nezinho. — Esclarece pra nós…

O preto, no que o povo em roda botava atenção em sua fala, calculou um catarro na garganta, raspou com força e foi cuspilhar p'la porta. Despois retornou:

— O cabra se chama Ezequias. Era garoto, quas'que… inda nem dezoito anos não tinha quando matou o pai…]

— Nós sabemos, minha filha — dizia nhô Catarino com voz macia —, nós sabemos que vosmecê é uma dona de boas qualidades, o Demantino só não teve paciência…

— Tivesse compostura — rosnou o Demantino de cabeça baixa, a voz surda, ameaçadora, em seu canto.

— Que vergonha qu'eu passei, pai Catarino, na frente de todo mundo, na frente inté de minha menina…

[Dentre o grupo de velhos elevou-se murmuração de assombro!

— …dum golpe certeiro de facão na garganta. Andou preso um tempo, despois foi libertado. Sei do causo pois conheci a família, o pai um tal Didino, a mãe por nome Elvira.

— Matou o pai? — d'a Geraldinha Trancoso espantada: — E Nh'Ordálio inda diz que é pessoa de decência?

— Sucede, d'a Geraldinha — confirmou o preto —, sucede, que a história não é bonita não.

— Mas como se deu o sucedido, Nh'Ordálio? — inquiriu nhô Margarido.

— Vou relatar, vou relatar…]

— Vergonha sim, vô Catarino — confirmou a Caliquinha. — Todo mundo parou pra espiar…

— Ser chamada assim de mulher desavergonhada e ainda levar na cara…

— Tivesse compostura — tornou a rosnar o Demantino, baixando porém a voz.

— Apois, Calica, minha filha, apois…

Iam nesses arrazoados quando bateram na porta e foi o namorado da moleca nova de Sinh'Antônia quem abriu…

[Raspou de novo a garganta, cuspilhou p'la porta no meio do terreiro. Voltou pra roda dos curiosos, à qual se achegava agora nhô Adalgiso Fraga, ainda as mãos nas costas, superior. E Nh'Ordálio minuciou narração escabrosa: que a mulher do Didino tinha 'panhado barriga dum outro homem que pernoitara com eles certa ocasião, sendo que o Didino desconfiou pois que ele mesmo, com ela, não tinha botado menino no mundo, pois calhava que o Didino andava impossibilitado, não sabe?, se diz: não reproduzia… "Antão que passou a judiar da pobre o quanto pôde" Nh'Ordálio prosseguiu, "inté amarrar ela com arame farpado diz-que amarrava". Quando nasceu o menino botou o nome de Ezequias, calhando ser o nome do pai de verdade, fazendo isso mode espicaçar a infeliz. Mulher e menino viveram debaixo de judiaria, espancamentos e afron-

tas de toda sorte, inté que o Ezequias já rapazinho, "não suportando mais ver a mãe espancada a toda hora, descosturou o pescoço do Didino com o facão lá dele mesmo".

— Ezequias esteve preso, despois foi solto, vive arretirado — Nh'Ordálio concluindo o relato. — Como matou em defesa da mãe, isso contou em favor dele. Já a Elvira, despois da prisão do filho não tinha saúde mais, inda viveu bastante, mas sempre achacada... parece que faltou há coisa de um ano ou pouco mais, adonde que ele se botou pra Sertãozinho, e agora vive por cá. — Nh'Ordálio faz uma pausa meditativa: — O cabra é meio esquentado... mas é só... e apreceia divertimento de dança...]

...então s'ô Necreto avançou dois passos inseguros e, com voz lastimosa, torcendo e retorcendo nas mãos o chapéu de palha:

— Vim pra mó de avisar... que o meu menorzinho, num sabe?, faltou... coitadinho, cozinhado pola febre... a dona benzedeir'stá lá, ajeitando as coisas... ela fez de um tudo, mas jeito não teve... minha dona está que não suporta... eu... eu... eu vim só pra mó de avisar...

E já umas lágrimas grossas lhe escorriam pela cara abaixo.

Na cozinha agora se fazia um silêncio consternado. Ninguém disse qualquer palavra nesse primeiro instante de surpresa, cada qual na contemplação daquela dor impotente e resignada.

Mas no instante seguinte, num chofre repente, a Calica se supinou do banco e travando da mão da filha disse:

— Vem, Caliquinha, minha filha, vam'lá fornecer um adjutório... despois a gente vê o que faz...

— Pensa bem, minha filha — nhô Catarino conciliador.

Em seu canto o Demantino tão só raspou a garganta, entalado.

— Deix'estar, pai Catarino, deix'estar — diz a Calica.

— Abença, vô — a Caliquinha beijando a mão do velho.

E as duas, cada qual carregando sua trouxa, saíram a passos decididos, seguiu-as s'ô Necreto de cabeça baixa. Na cozinha, enquanto com discrições o Junim se aprochegando travava da mão de moleca nova, que lhe apertou os dedos em comovido apreço, os demais persistiam em zunzum de comentação sussurrada...

O dia principiava a amanhecer, já as primeiras luzes da madrugada clareavam o céu e o galo trançava polo terreiro com sua barbela vermelha vigiando as concubinas que sarandavam por ali, bica-bicando o chão, cisca-ciscando a palha, caquerejando...

Fim de baile, fim de noite — e de todos o único que estava em paz era sinhozinho Dodó em seu quarto, submerso em cobertor e manta avolumada: virava dum lado, virava do outro, ressonava, dormia...

O capim verdinho dos morros

Coisa mais do agrado de nhô Militão: os morros, a pastaria, o capim verdoengo, pendoado, ondulando na viração. Coisa bonita: de tão alto, boiada sumia, quase, pelo meio, de fora só o pescoço, umas pontas de chifre cá e acolá — no mais só a mexeção das moitas, um berrado de longe em longe, vaca chamando bezerro novo, que nem se via escondido na capinheira.

O sítio? Casinha escassa com terreiro de chão batido defronte, galinha que por ali transita, frango calçudo formando em galo, inté cantava nas madrugadas mode ir aprendendo a moda, bacorinho fuçando canteiro de flor de iá Candoca, que muito zangada via tal despropósito com desaplauso. Plantação da miúda: horta nos fundos, pros lados da mina dágua, um feijão de corda no meio da estaca, uma cenoura jogada de pouco tempo na terra. Bananeira na beirada do brejo, bastante, uma que outra ameaçando virar ao peso do cacho, nhô Militão pelejava pra jogar nas costas, carregar inté a despensa.

Iá Candoca ralhando:

— Homem, tu não'stá tem mais idade de fazer proeza. Olha a dor nas cadeiras, nem demora tá caçando Nhá Nana, mode rezar.

Mas ele, nem te ligo!, velho teimoso: não tarda e lá vem ele envergado, cacho de banana nas costas, que arria na despensa com um gemido. A mulher balança a cabeça enquanto o outro, já desempenado, se achega inté a porta, espia pra fora — com o esforço calmava o espírito buscando sossego, o dia seria longo.

Mas no fundo Iá Candoca bem que sabia, mágoa doída minando lá por dentro. Carregar peso, fazer força — só pra distrair, mode não pensar no desgosto.

Noutros tempos nhô Militão se alegrava em espiar o capim verdinho dos morros, suas vaquinhas, escutar de longe o rinchado do cavalinho Tutu, pangaré velhusco, de estimação, ainda por gosto o abuso de cheirar uma égua nova. Tudo aquilo era seu, antigamente inchando o peito de orgulho. Por derradeiro contudo tão só espiar os morros, lonjura, céu azulando por cima, andorinha cruzando solitária de canto a canto, e aquela mágoa surdindo na forma de um marejar de lágrima que ele, por encabulação, disfarçava.

— Quando a gente pega a ficar velho… — dizia nessas ocasiões, a modo de pretexto. Sessenta e cinco anos? Quase setenta! *"É muito janeiro!"* Se retorcia um tanto, representando dor, reumatismo que só de longe em longe dava sinal.

Ma'iá Candoca não se engana.

De raro em raro, o pesar escapando numa frase só, curta, a raiva contida:

— Quando achar a desavergonhada, 'rasto ela de volta pra casa a poder de couro.

Iá Candoca ouvia, mexia numa tampa de panela pra fazer barulho, vergava o espinhaço mode assoprar o fogo.

Por aqui e por ali, frango calçudo metido a galo sarandava, debicava no chão de terra da cozinha restolhos que iá Candoca ia deixando cair no preparo do de comer. Frango na formação, a crista vermelha feito pimentão maduro, vinha beliscar a mão do dono, todo nas intimidades.

Lina, Lininha, a filha única, donzela de todos os sonhares do pai, moça de muita boniteza, sumida no mundo. *"Que vergonha, meu Deus"* nhô Militão já não falava mode não aborrecer a mulher, só consigo mesmo ia pensando. Praga tinha jogado nas costas da fujona, e por juramento solene o compromisso de buscar a cuja a poder de soiteirada no lombo, botar em disciplina — e pra isso tinha trançado soiteira especial, de couro cru, um braço de comprimento, *"mode ver se a moleca não aprende como é que se desafronta o nome da família"*.

Nhô Militão se exaspera, levantando-se dum pulo, num contravapor o frango calçudo expulso pro meio do terreiro. De lá, ferido em seus brios, o dito ajeita o pescoço num cantar indignado. Isso lá era modo de lidar com quem fora destinado a ser um galo de renome, o rei do galinheiro?, e andou pra lá e pra cá beliscando a terra, disfarçando, mode ver se alguma franguinha jeitosa tinha presenciado a humilhação.

— Deixa de coisa, homem — Iá Candoca largando na mesa a faquinha de picar verdura. — Já faz tanto tempo, e ocê por aí se amofinando ainda!

Aos doze anos a menina Lininha era a boneca, a princesinha da casa, única filha, orgulho do pai, todos que punham reparo nela se admiravam: que moça vai ficar! Ia pra escola na Vila sozinha, inda que muito perto não fosse; menina de juízo, nem carecia de pai e mãe cuidar, vigiar. Sobressaía na leitura, fazia lição de casa certinha colhendo elogio da professora. O pai tirava o chapéu, satisfeito, dentadura reluzente alargando o sorriso.

— Convém botar pra estudar mais, seu Militão. Na cidade.

E ele meditava, cogitando conveniência. A menina merecia, só aquelazinha, cabeça boa, *"quem sabe não forma inté em doutora?"* Coisa que ele nunca que havera de pensar — uma doutora na família, que disso nhô Militão não era homem de fazer por mais: honrada sim, sua casa, sua gente, de muito brio, mas gente pobre, "semo gente sem leitura, dona, recurso não sobra", mas o sonho não adormecia: uma doutora na casa! Benza Deus!

A professora garantia que a menina tinha tutano:

— É de futuro. Zele, que é de futuro.

Na remembrança, nhô Militão ganha o terreiro, as vistas agora marejadas. Procura o metido a galo pra desafogar — um outro contravapor —, mas o dito

anda alarmado: debica embaixo do pé de tangerina, cisca esperto, o olho redondo vigiando o dono, nunca que o deixava se achegar de novo com suas perigosas botinas de bico largo. Ora essa! Como é que um futuro chefe de galinheiro, que já canta na madruga e arrasta a asa pro mode as galinhas, ia ficar levando bicões desaforados assim, sem mais nem menos? Tinha cabimento!

Aos catorze anos, porém, a menina, a bonequinha da casa, a princesinha de Vila Branca garrou de chamego mais um moleque, um Juventino, garotote sem barba na cara, e pior que tudo, por mal dos pecados filho do Antonico da virada, da banda lá, "o da banda de lá" dizia o pai mal disfarçando o desapreço. Como é que um sujeitinho como aquele, com catinga de cueiro, e "cria de quem!" tivera o atrevimento de botar as vistas em cima de sua menina?

Quando soube que os dois inté de mãos dadas já andavam, no ir e vir da escola, nhô Militão pulou. Iá Candoca estremeceu, conhecia o marido que tinha: homem bom ele era, mas não de acoitar safadeza, abuso em sua casa, isso é que não! Lininha chegou da escola:

— Lininha!

— Sim senhor, meu pai.

— Arreie os livros aí por riba da mesa e tome assento. Vamos ter uma prosa.

A menina, tranqüila. Consciência de criança. Sem peso.

— Militão — fez iá Candoca —, veja lá…

— Não se mete, mulher — trovejou o outro, voz surda, baixa, um furor.

Lininha olha o pai e a mãe, não se apercebendo.

Nhô Militão se plantou na frente dela, braços cruzados, os olhos rebrilhando, chispa e fagulha. Lininha ficou apreensiva, começava a se assustar.

Principiou arregaço:

— Com que então a moça já anda de mãos dadas com rapaz, pra baixo e pra cima, desavergonhação na cara de todo mundo!

A menina quis sorrir, sorriu, não sorriu. Murchou um pouquinho. Tanta cara feia pro seu lado por coisa à toa? Que tinha aquilo?

— Pai…

Porém o pai dobrou em dois, baixou a carantonha funesta inté a altura do rostinho delicado da menina, lançou:

— Moleca que nem se limpar sabe direito, e já pensando em namoração! E logo com quem? Então não sabe de quem o talzinho é filho? Pensa que pode afrontar seu pai?

— Mas pai, eu…

— Vosmecê aqui não apita! — cortou, facão afiado, a voz, o olho furioso. — Nesta casa fedelho só abre a boca quando os mais velhos dão licença. De hoje em diante a senhora só me sai de casa com meu consentimento e atada na saia de sua mãe!

— Militão — interpôs iá Candoca, temerosa —, a menina tem de ir na escola…

— A senhora que é a mãe vai com ela de manhã inté dentro da sala de aula…

— Mas Militão…

— …e eu, que sou o pai, vou e trago ela de tarde debaixo de minha inspeção.

— …todo dia isso? Que vergonha pra menina, Militão! Ela não vai fazer mais, n'é minha filha?

O homem se descontrolou. Deu um passo pra lá, outro pra cá, rodou no bico da botina, esbordoou a mesa, barulho de ensurdecer.

— Candoca, espia aqui — e baixou mais ainda a voz, daquele seu jeito quando a raiva se concentrava e surgia uma espumazinha nos cantos da boca —, o que eu disse, está dito! Vosmecê leva ela, eu busco. E hoje mesmo vou procurar o Antonico, que bote freio no filho dele senão vai se ver comigo!

E sem mais saiu, um tiro.

A birra mais o da banda de lá, dito o Antonico da virada, vinha de outros tempos. Principiou por coisa de pouca monta, questiúncula, coisa de um bico de terra saibrenta quas'que sem serventia, e uma moita de milho, nem mil covas, plantação roscofe. Motivo somenos, altercação graúda, malquerença dilatada. A coisa deu-se por este modo: vai que o Antonico da virada tinha de seu um sítio, uma terrinha mal amanhada que o da banda de lá era sujeito de pouca lida, descansoso, e lhe apetecia de vez em quando uma pinga, uma fresquinha de alambique que ele ia adquirir na Laguna. Tinha de seu, a não ser um menino, dele mais a falecida, a dita terrinha que vinha se esticando, se esticando, contornando a virada, inté confrontar com o sítio de nhô Militão. Essa vizinhança, inda que cada qual permanecesse em sua casa e não freqüentasse a do outro, se provia de um incômodo:

— Um cachaça! Não sai da Laguna, mode nem largar o pé do alambique.

Iá Candoca condenava:

— Qu'é que ocê tem com isso, homem? Acaso ele lhe pede troco pra pinga?

No porém, o que Nhô Militão não dava era o braço a torcer: há muito tinha feito tenção de comprar o sítio do Antonico, esticar sua propriedade, ver aqueles morros maltratados verdejando capim e poder dizer que da virada pra lá também era tudo seu, pois coisa de o deixar enquizilado era espiar da banda de cá a pastaria viçosa que ele cuidava com desvelo, e da banda de lá a morraria do outro puro toco, mataréu vagabundo, sambambaia, *"que inté faz mal as vistas, cruz credo!"*.

Alvitrou um dia fazer proposta, "bote preço, sô Antonico, faço questão".

O Antonico da virada franziu a testa, quas'que fechou os olhos, riscando o chão com a unha comprida, negra, do dedão. Fez bico, negaceou, que não, o vizinho não levasse a mal, terrinha é bem de família, pertenceu a meu velho que nela muito labutou, "panhei apreço, não sabe, por ora não faço tenção…"

Nhô Militão disfarçou o desapontamento:

— É que tem largueza boa pra pasto — alegou —, requer trato…

— Quanto a isso — disse o outro, sim, concordava, terrenada boa era ali mesmo, pasto, plantação, no que fosse seria bem empregada. — Mas o menino — principiou acudindo a lembrança do filho. Fez pausa, evitando encarar o outro. Prosseguiu: — O menino, crescendo, pode querer plantar. É inté mais por ele, pra ter o de seu amanhã ou despois…

— Ah, bom… — e já não havia pé mod'insistir. O outro agora se agarrava ao filho, tinha de ter o que deixar pro menino, *"que se acompanhar a catinga do pai não vai passar dum cachaça, um à toa"*. — Bom — disse pra se despedir —, de qualquer maneira, peço preferência no caso de mudar de pensamento. É botar preço, que a gente se entende…

Mas o da banda de lá fincou pé: nhô Militão inté que voltou, vez por outra, a tocar na proposta já feita, encontrou um muro de resistência, "é mais pelo menino" cantou o outro a velha ladainha, "vosmecê não arrepare…", e o assunto faleceu de vez.

Vai que um dia nhô Militão se incomoda com uma dúvida que principiou forjar e remexer pelos miolos, qual era a de saber com certeza as confrontações de seu sítio. Que aquilo tudo eram divisões muito antigas de terra, umas cercas velhas que na maior parte haviam caído e daí faltando uma noção mais exata dos limites, das linhas de rumo, e essas coisas de rumo e limite e confrontação não é bobagem miúda, senão que se trata de assunto de gravidade, cada qual tem que saber do que é dono, ele porém não tendo, no que disso se tratava, capacidade de afirmar o que fosse.

Iá Candoca viu o marido colher maleta de couro debaixo da cama, maleta velha de guardar coisa de pouco uso, uns papéis, coisas que só se preservavam por força de se ter precisão delas um dia. Maleta aberta, os troços espalhados em riba da colcha de paninho, nhô Militão remexendo papelagem com esforço pra soletrar escrituração antiga, volteamentos de letras, floreios, tabelião bem que podia escrevinhar de jeito menos arrevesado, que um pobre pelo menos entendesse. Saiu de manhã cedo para a Vila, carecia falar com gente de leitura, inté mesmo a professora do grupo escolar servia mode uns esclarecimentos requeridos.

— Isto é a escritura de seu sítio — disse a delicada senhora examinando as folhas —, mas os esclarecimentos que o senhor quer somente no cartório o senhor poderá obter.

— E no caso, sá dona, de carecer medição nova do terreno?

— Nesse caso será preciso contratar um engenheiro.

Nhô Militão voltou para casa parafusando aquilo. Espiava os morros: para cá, a capinheira verdosa, suas vaquinhas; para lá, na direção da virada, o sítio do Antonico; tinha mais uns dois confrontantes… será que as medidas estavam todas certinhas, dentro dos conformes?

"Será que custa muito caro chamar um engenheiro mode fazer medição nova?"

E gastou o resto do dia percorrendo os morros, espiando as cercas que há muito não existiam mais, e que dor por dentro ao imaginar que podia estar tratando de terra dos outros, *"e se alguns desses morros não pertencer ao sítio?"*

No dia seguinte, disse à mulher:

— Carece chamar doutor engenheiro na cidade mode fazer medição aqui no sítio.

Iá Candoca pôs dúvida:

— Não vejo porquê. Antão ocê não sabe o que é seu?

— Cerca não tem mais, tudo no chão… nem sinal… tinha umas pedras antigamente nos rumos, mas não topei com elas, pode ser que não tenha enxergado direito, mode o capim alto… carece medição certa, fazer cerca nova…

— Engenheiro custa caro — iá Candoca, que continuava a não acertar com a utilidade daquela despesa, não de somenos: doutor viria de lonjuras, calculando se de Sant'Antônio do Brejo ou, inda mais distante, de Rio Belo.

— Um homem tem de saber do que é dono — respondeu o marido fechando a conversa. Era assunto dado por findo. Não cabia discordância.

E veio Doutor Engenheiro, mediu-se o sítio, refizeram-se as cercas, careceu-se de vender seis vacas gordas e duas novilhas pra pagar a custa. Gasto pesado, mas a dúvida fora desfeita, nhô Militão de alma lavada viu que os morros onde verdejava o capim dormiam todos dentro de seus limites, e aquela pastaria bem tratada era mesmo sua.

Mas foi daí que brotou a pendenga, desinteligência que resultou em bateboca, xingamento, sopapo — coisa feia! E um ódio mortal que iria lhe amargurar a vida.

Não vê que em nenhum momento a nova medição das terras esteve desconforme com o que se calculava e, pedras de rumo reencontradas, inté favorecia a propriedade vez que outra, feito no que se verificou da confrontação com o sítio de nhô Jesuíno, ficando patente que o rumo certo se estendia por umas oito braças a mais — do que nhô Jesuíno resultou insatisfeito, mas sem ter como discordar quando Doutor Engenheiro mostrou as pedras nos lugares certos e no papel a medição completa. Em nenhum momento, portanto, nhô Militão teve pé pra desgosto, a não ser num ponto de pouca importância: um trecho de terra ruim, um restolho que pra nada servia, pedrenta, ressequida, confrontante com o sítio "da banda de lá".

Ali, só ali, surgira dificuldade — estorvo miúdo, decerto fácil de resolver. Era preciso convocar o Antonico, e nhô Militão não descurou, o que tem de ser, que seja logo: pra dar mais importância ao trato aproveitou a presença de Doutor Engenheiro que arrumava seus petrechos mode ir embora, e o da virada veio naquele jeito dele, ressabiado, esquivo, negaceiro. Trazia lá um cheirinho de pinga, já tendo molhado a goela aquelas horas.

— Se achegue, Antonico, temos cá um caso, coisa pouca, mas que requer vossa presença.

Antonico se achegou, cofiava a barbicha, espiava o vizinho, espiava Doutor Engenheiro, desconfiava.

— Não vê, Antonico — nhô Militão cauteloso principiou — que minhas cercas tinham caído, pau que apodrece com o tempo, chuva, arame que a ferrugem come, não há mesmo de durar pra sempre… inté nós, hein Antonico, hein seu Doutor?, inté nós vam'se acabar um dia, n'é mesmo?… apois, com o dito carecia medição nova mode botar as coisas nos conformes pra bom entendimento dos confrontantes, que nesses assuntos de terra é importante que tudo esteja de acordo. O Doutor Engenheiro aqui mediu que mediu, correu de canto a canto esses morros, encontrou umas pedras de rumo que eu não acertava de achar, meteu a coisa nos eixos.

O outro, orelha de abano, olho aberto, testa franzida na interrogação. Especulativo, botava tento.

— Mas — e aqui nhô Militão titubeou, tinha de fazer uma oferta, um pedido, coisa de lhe embrulhar o estômago desde que o da banda de lá tinha recusado negócio —, surgiu um porém ali, justo na virada, veja vosmecê… naquele trecho de terra mais piorzinha…

O Antonico da virada riscou o chão com a unha, cuspilhou de lado.

— É que ali encontrei uma rocinha de milho, coisa pouca, mas que justo ali… — e de novo nhô Militão engasgou. Dera-se que a rocinha de milho do Antonico avançara inté aquele trecho de terra pedrenta (com o que nem se atinava, como é que um podia ter plantado roça de milho num pedaço de terra sem valimento qualquer? Só mesmo o da banda de lá prum despropósito assim!), umas covas, nem quinhentas, e o milho, raquítico, amarelento, já estava inté crescidinho, mas que não resultaria colheita de vulto, decerto pouca espiga, mais certo ainda nenhuma.

O Antonico soltou um risinho feio, dentes pretos. Cuspilhou de novo.

— É, vizinho — disse por fim, voz arrastada —, moitinha à toa, né, só pras galinhas, carece…

— Não, 'stá certo… é… pras galinhas… não tem dúvida, não… mas sô Antonico — e inté deu senhoria ao outro, coisa que não tinha por costume —, ocorre que aquele pedacinho de terra pior, bem ruinzinha por sinal, no que Doutor Engenheiro mediu — e entortou o pescoço na direção de Doutor Engenheiro, requerendo adjutório —, né seu Doutor?, aquele trechinho restou do lado de cá do rumo…

O Antonico da virada tinha baixado o quengo, coçava a barbicha, excogitando a novidade. E ele que sempre tivera como seu aquele trechinho de terra pior, não que fizesse questão dele, mas é que sempre lhe parecera que…

Mas que embaraço aquele, nhô Militão suando na espera de o outro proferir qualquer coisa. Mas o da banda de lá parecia entalado, vigiava o chão, coçava a barbicha rala.

Doutor Engenheiro, pior dos males, tinha acabado de arrumar seus trastes: fez aceno pra ir embora e nhô Militão contando com ele, se bem que não atinasse pra quê, mas com ele ali era feito ter um sustento na hora de conversar com o outro. Pois o estorvo estava ali, por somenos que fosse, existia: aquele pedaço de terra pior era seu (e requerido, Doutor Engenheiro concedeu, em antes de partir abriu o mapa da terra, apontou com o dedo, amiudou explicação para o Antonico), mas a plantação — milho ruim, feioso, poucas covas — era do outro.

Por fim achou de desengasgar, fazer oferta, inda que lhe custasse:

— A plantação é de vosmecê, sô Antonico, meio raquiticazinha… enfim… deve valer uns trocados… por isso lhe proponho, faço oferta… ou por outra, bote preço… eu lhe pago o gasto…

O outro permaneceu, nem ata nem desata. Nhô Militão, esperando.

Por fim:

— É que é o milhozinho das galinhas, não sabe…

— Não cabe dúvida — acudiu o sitiante —, é o milhozinho… mas, ó Antonico, com o que lhe pagar pela moitinha não pode vosmecê comprar milho, um saco ou dois, inté mais, conforme?…

O outro franzia o sobrolho. Raspou a garganta, fungou no embaraço da situação. Escarrou grosso, longe.

— Vizinho, se vosmecê não se arrenega, eu peço prazo…

— Mas prazo mode quê, homem!

— Causo de pensar, vizinho… carece madurecer a história… cumé que pode aquele trechinho de terra piorzinha ter sobrado do lado de cá do rumo…

— Vosmecê tá duvidando de minha palavra, sô Antonico?

— Mas de jeito maneira, nhô Militão…

— Antão vosmecê põe desconfiança na medição de Doutor Engenheiro! Na explicação que ele acabou de dar!

— Certo que nunca, nhô Militão…

— E vosmecê acha que eu ia perder tempo querendo lhe passar a perna por causa duma terrinha pior feito aquela? Se ainda fosse uma pastaria boa!…

— Mas que não, nhô Militão, que não…

— Pois então se explique!

— Não vê… só faço requerimento de prazo… uns dias… mode madurecer esse causo…

Nhô Militão se retorceu, coisa assim tinha cabimento? E por causa de uma moitinha de milho à toa? Mas o da virada fez pé firme, requeria prazo, uns dias, só, despois dava resposta, acertava com ele.

Que jeito? Concedeu prazo. Uma semana.

— Está a gosto, sô Antonico?

A gosto, sim senhor, empenhou a palavra. Uma semana. Estava dito.

No passar daquela semana, abespinhado nhô Militão nas impaciências, nas inquietações, "mode quê prazo?" não cansava de falar, importunando iá Cando-

ca; alegou dor nas costas, reumatismo afetando-lhe as cadeiras, "prazo dilatado pra resolver preço de uma moitinha de milho!"

— Traz bolsa dágua quente, Candoca!

E foi assim que surgiu a quizila, pois se ele naquela semana se exasperou, pior se deu no dia em que o da virada negaceou de vez:

— Não, vizinho, vosmecê sabe… é o milhozinho das galinhas…

Não houve como se aportar num ajuste: o Antonico não vendia a moitinha de milho, "que quando covei a terra, vosmecê sabe, eu cá nem 'tav' instruído de que ela ia sobrar pro lado de lá do rumo", Nhô Militão teimando em pagar por ela chegou inté a puxar maço de notas do bolso da calça. O Antonico da virada mascava, cuspia de quando em quando e esfregava com o dedão do pé, remexendo a terra, não escapulia do refrão: "É que é o milhozinho das galinhas…"

O sol descaía. Descambava vermelhoso e os morros ensombreciam, noite que vinha chegando devagar.

Nhô Militão decidiu: tinha de pôr fim à petulância do da banda de lá, sujeito rixento, sem compostura, e se não lhe entrava compreensão no bestunto, era botar entendimento lá nem que fosse a força. E no que decidiu, deu de mão em cacumbu e partiu pra rocinha de milho do Antonico. Lá chegou, desandou a derrubar o milho, jogar tudo no chão, bagas de suor escorrendo pescoço abaixo, e com cada enxadada um roncar de raiva que brotava do peito e uma nuvem de poeira que subia.

O Antonico da virada, de seu lado, vinha por último inspecionando o tempo: há que semanas — três ou mais — não escorria pingo do céu e o milho podia se ressentir, que milho é planta de resistência mas carece uma aguadilha vez em quando mode enfrutar com vigor, e nesse ajuizamento tencionou visitar a rocinha: arrastou mangueira carcomida, picotada de emendas e com amarração de arame, lá por perto correndo reguinho dágua. Coisa de muito risco uma decisão assim, no arribar da noite, se bem que o da virada não tinha como suspeitar do que sucedia justo naquela hora, e risco não adivinhado é risco corrido, pois no que ele lá chegou e viu formada a razoeira, do que se deu o relato é breve: um atracamento, um rolar morro abaixo, xingação medonha, nhô Militão levando na cara cusparada e soco, retribuindo com o cabo da enxada no cacuruto do outro que minou sangue, o que mais açulou o da virada, o Antonico da banda lá, que novamente se atracou, mais cusparada, mais socaço, mais palavrão, e no relance outra vez o cabo do cacumbu cantando no lombo.

Se despois de façanha de tal gravidade não restasse raiva, revoltamento furioso tanto de lá quanto de cá, não restaria também, no parecer de nhô Militão, pudor, vergonha na cara, e foi no sofrer desses sucessos que ele nem podia'panhar de ouvido o nome do Antonico, por pouco não lanhando de vara os cambitos magrelos da moleca (e se não encurralou a dita num canto com pau de marmelo na mão, foi por carecer coragem e não falecer amor mais ela, que amor de pai cuidoso é enternecimento carregado, costuma pesar mais que raiva, que revolta, que tudo); mas deix'estar que se não sobrou pancada na menina, ia

sobrar pro empesteado, nem que fosse esculachação avultada, pois nhô Militão ganhando o terreiro caçou o caminho da casa do outro, o da virada, e no que foi chegando perto já gritou, a modo de despacho, descompostura preparada:

— Antonico! — e sem esperar que o outro desse as caras, lançou de novo: — Antonico, diabo!

O homem surdiu, assombrado, estacou embaixo da soleira, cambaio.

Nhô Militão nem que deu tempo do outro perguntar, querer saber, esbravejou, o caniço das veias saltando no pescoço, a butuca dos olhos em brasa:

— Ponha tento, sô Antonico, ponha tento pois eu cá não sou de falar por mais de uma vez: ajusta o freio no teu filho, arreda ele de perto da minha menina, senão pode-se assuceder uma desgraceira de catingar pólv'ra!

Por trás do Antonico pasmo, rompeu a cara branca de susto do moleque Juventino. Nhô Militão esticou o dedo, esparramou a voz:

— Moleque danado, se aprochega de minha filha outra vez pra tu ver se eu não te capo e jogo esse troço pros cachorros, no meio da Vila, na frente de todo mundo!

O Antonico se virou, bambo, pro filho, que se escondia apavorado detrás dele.

— Ó Juventino, qu'é que tá se assucedendo, que mal lhe pergunte?

A voz do garoto falhou. Engasgou, faltou o ar, os olhos marejaram.

— Nada, pai… — conseguiu soltar despois, cabisbaixo.

— Quer dizer — prosseguiu o Antonico, a fala arrastada, as feições uma careta de rancor — que vosmecê andou de gracejo mais a filha desse que tá'í?

O garoto não deu fala. Travado.

— Entupiu, satanás? — arrastou de novo a voz catarrosa o Antonico furioso, e berrou: — Entupiu?

E sem esperar que o garoto desentupisse:

— Mecê pode se arredar de meu terreiro levando sossego, que esse daqui não esbarra outra vez na tua menina — e arrematou, mode atiçar a raiva do adverso: — Se mecê tem motivação pra não querer rabicho dos dois, de meu lado não carece menos pra acoitar uma sem-vergonheza assim, que esse aqui deixa de ser meu filho o dia que virar de novo as vistas pra gente de sua casa — e num contravapor bem guarnecido de muque nas fuças do moleque, a modo de verter tinta, se virou pra dentro e entrou em casa.

Os sucedimentos desse causo pararam por aí, não fosse teimosia de gente nova, menina de catorze anos que pega gostar pela primeira vez e garoto de dezessete que faz juramento de casar com uma e uma só, aquela de seu agrado, a única que não lhe cabia por dever de honra alheia. Sucede por mais que gente nova é traiçoeira, e possui manha que os mais velhos nem estudam, e se não ocorre com eles entendimento nos sobreditos deveres de honra, lá se entendem a seu modo e não é qualquer cara feia, proibitiva, que bota distância em seu querer, afastamento em seu caminho — e é no supetão que o caminho de um se converte no do outro, e o do outro no do um, a modos que já um e outro é

caminho único, via de segurança, que carrega pra longe e não larga rastro: sumiço, desaparição. Cadê?

Pois foi o que se deu: passados uns tempos, um ano, menos de dois, amanheceu um dia nhô Militão dando por falta de gente debaixo de seu telhado, e debaixo do dele o da banda de lá. Os meninos? Que é deles? Pra adonde se botaram? Quem sabe?

Quem poderá jamais saber?

Já hoje nhô Militão mistura no peito saudade, raiva e uma dor que lhe vai consumindo as entranhas. Tem hora de falar sozinho, e nessas alturas num derramamento mais sincero, *"com o filho dum cachaça, meu Deus"*, uns resmungos variados, um sangramento por dentro, na alma, *"o que o filho dum cachaça vai dar pra minha menina a não ser necessidade e privação?"* (iá Candoca escuta e fica quieta, o coração de seu velho é bom, não perdura raiva da filha, e chora no seu canto, reservada, sofrimento de mãe é assim mesmo).

Mas nos primeiros tempos, se de seu lado o Antonico da virada tinha largado de mão, "não tenho mais filho" costumava dizer quando a calibrina adquirida na Laguna subia pra cabeça, os olhos miúdos chispando um ódio cheio de ressentimento; nhô Militão rugiu juramento de vingança: por um lado fez chegar ao Antonico notícia de que se os encontrasse matava os dois — o da banda de lá respondendo e fazendo chegar também ao da banda de cá que era uma limpeza no mundo que ele procedia, se precisasse fornecia inté adjutório —, por outro entrançou soiteira alongada, couro cru que corta a carne e limpa a honra, saiu dias e dias à caça dos fujões; teve vez de passar inté semana fora, e quando o velho Tutu, pangaré de muitas andanças, deu sintoma de cansaço, de não agüentar mais tanto jornadear sem rumo certo, aposentou o pobre soltando-o no pasto, ajeitou mulinha forçuda e se botou de novo na poeira da estrada: procura que procura, largueza de mundo, inté Poço Fundo rastreando os dois, inté Vargedo, Senhor do Céu, me dá uma mostra do rumo que aqueles dois tomaram!

Nada resultou teimar na demanda, de nenhuma valia foi promessa pra santo de devoção, acendeção de vela em oratório, reza na igreja, responso, despacho em encruzilhada, farofa, cachaça, galinha preta, mandinga pesada: se em casos de querença nem os santos se metem, que dirá o canhoto! Tudo em vão, e no fim das andanças nhô Militão voltou pra casa de cabeça baixa, coração em frangalhos: a vergonha ou a dor, a mancha no seu nome ou a saudade de sua menina — qual a pior?

"*Uma que podia inté dar em doutora*" pensava lá consigo, choroso por dentro, *"a doutora da nossa família!"*

Vai que um dia se apeou ali no terreiro, em frente a porta da sala, bruaqueiro de longe conduzindo tropa miúda, três cavalinhos espinafrados e uma egüinha repolhuda, se bem que com o ossos das ancas avultando por debaixo do

couro, do que se deduzia que a egüinha não estaria sozinha no mesmo espaço que ocupava, mas que trazia outra (ou outro) dentro dela.

Bruaqueiro parou, bateu palmas, e quando iá Candoca assomou na porta da cozinha, requereu:

— Sá dona, se bem que não me falece envergonhamento de incomodar, resolvi apear por aqui mode dar um bocado dágua pra minha tropinha e forrar o estômago com um de comer, acaso não venha a ser pesado em vossa casa.

— Se avizinhe, seu moço, pode desarriar a tropa e levar ali pra baixo, no brejinho, o bebedouro é lá.

— 'Gradecido, sá dona… — a mão no chapéu.

— Adespois pode se chegar cá pra cozinha. A bóia tá na mesa, Militão tá vindo por aí.

— 'Gradecido… — de novo a mão no chapéu, se encaminhou pro brejinho.

Logo se abancou, o chapéu no joelho, respeitoso, iá Candoca fazendo os pratos. O dono da casa proseava, conversador, que tendo visita era palestra segura. Almoço gordo, bruaqueiro não esperando tratamento de tal feitio, "saiba vosmecê" dizia "que tem casa em que se chega que o acolhimento é outro, destrato, desconsideração c'um pobre", e nhô Militão sacudia a cabeça, sabia disso, mas não com ele, que visita em sua casa era coisa sagrada: só não passaria melhor se não tivesse, se de tudo faltasse uma asa de frango mode dar um gosto no arroz.

— Em minha mesa não falta um pedaço de carne — arredondou ele, cheio —, coisa que apreceio seu moço: bom passadio. Sustança pro corpo, com a graça de Nosso Senhor!

— Amém.

E no raspa que raspa dos pratos restou silêncio, vez ou outra uma frase, um dito qualquer, pouca palavra, que o bucho se alegra mais com palestra rara na hora da comida.

Iá Candoca foi a primeira a se arribar da mesa: o costume de passar o café logo do transcorrer da bóia, a água inté já fervia na chaleira. Sem detença, suspendeu cheiro de café fresco no ar da cozinha espantando o fortum das panelas, que se sabe, sói ser enjoativo o cheiro de comida de sal no que se completou o estômago.

— Candoca, traz o café cá dentro — solicitou o velho, e conduziu a visita para a sala.

Tomaram assento, agora no prolongar do dia o esticado da prosa, conversação esmiuçada, o sol principiando a descambar, demorado, sem embaraço, na direção da tarde. Muito quente aquele dia, cansativo pra viagem, mormente quando um se trançava pra longe. Tropeiro passa trabalho nesses dias, vez que se mete por um caminho que parece inté não ter fim, sobe morro desce morro, nem casa nem gente, nenhum pouso, água pouca ou nenhuma se não esbarra com riacho ou ribeirão. Carece tomar respiro, e não fosse o bocado de pressa

que açula pra adiante, compromisso a cumprir, coisa séria, seria o causo mesmo de pedir pousada por uma noite e partir de manhãzinha, bem descansado.

Nhô Militão inté que ofereceu, "cá em casa semo eu e a patroa, não falta lugar, mesmo a casa não sendo grande", mas qual o quê, bruaqueiro tem pressa de seguir viagem que já retardou bastante, e com nuvem que encobre o sol o dia se põe mais fresco, "já nem é tão penoso, já se prossegue bem".

E a visita está em cima da sela, aperta a mão do outro. E no renovar agradecimento inda se lembra de prolatar comentário:

— Que nem sua casa, nhô Militão, foi uma adonde abiquei ano passado, sá Lininha e sô Juventino, atendimento igualzinho, só se vendo: mesmas atenções, mesma educação no tratar os de fora, benza Deus!

Que rodamoinho, assombramento e tontura, o céu parecia misturar-se embaixo com a terra, um revolteio por dentro, apertão no peito que principia subir pra garganta e no mesmo tempo descer pras tripas, formando um nó ou desatando em aguaceiro (se bobear, nem tempo de arriar as calças atrás de moita de maricá!). Um desamparo de momento. Atordoação.

Nhô Militão vacilou. Riu frouxo, não suportava dar sinal de sobressalto, revelar segredo guardado de alheios. Só teve tino de escapulir pergunta, com jeito de quem não quer nada:

— Gente agradada? Pra que lado, sô moço?

E o outro indicou uma direção, proferiu um nome de lugar que ele não supunha.

— Lonjura, ô…!

Iá Candoca viu o velho buscar a mulinha forçuda no pasto: esparramou forragem no cocho, raspou o pelo com paciência, apanhou os baixeiros, o arreio, trouxe o freio, apertou a barrigueira.

(Alguma coisa acontecia na casa? Frango calçudo quas'que podia perceber. De longe, d'em riba dum galho de goiabeira e arredado do bico da botina, espiava — o olho redondo, ora um, ora outro, barbela sacudindo, a crista cor de sangue…)

No arção da sela pendurou a soiteira, couro cru trançado, um braço de comprida.

— Militão, deixa eu ir mais vosmecê — iá Candoca na porta da cozinha.

Nhô Militão, calado. Cogitativo.

— Hein, Militão? — iá Candoca, nas insistências.

Resposta mastigada do outro, enquanto termina os preparatórios:

— Não 'stou saindo a passeio, mulher.

— Mas, homem…

— Vosmecê sabe o que eu vou fazer, Candoca?

— Sei, homem…

— Vou limpar o nome da família.

— Já se passaram dezessete anos, Militão, quas' dezoito!

— A honra dum cristão não tem idade, Candoca.

— Mas o da banda de lá há que tempos já morreu…
— No que não se perdeu boa coisa!
— Mas, Militão…!
— Vai pra dentro, Candoca.

Daí que nhô Militão avistou, primeiro uma casa nos fundos de um terreno com arvoredo por diante, despois um menino com feitio de esperto, pequeno, garoto de uns dez anos, dependurado na porteira.

Um espiou o outro.

— Esse menino — o velho sofreando a mulinha —, me arresponda: é aqui que assiste uma com nome de sá Lininha?

Menino esperto pulou para o chão.

— Mora sim, é minha mãe sim senhor.

Nhô Militão desfaleceu um pouco, inda na dúvida, seria mesmo ali?

— Apois, esse menino… com que então… arresponda, o pai do menino, como é que se chama?

— Chama Juventino, sim senhor — e o menino esperto já vem se achegando com modos de agrado, faz chamego na cara da mulinha, esfrega o pêlo com os dedinhos roliços. — Mulinha bonita, moço — e bota logo atenção em objeto de respeito: — Essa soiteira grande foi o moço mesmo quem fez?

E se abriu num sorriso feito a aurora que nhô Militão vira nascer de cima de sua mulinha, naquele final de viagem. Inda mostrava umas pintinhas na cara branca, sardas, coisa de muita graça em criança de bom parecer.

"Meu neto…"

Desfalecimento que podia acabar fazendo sô Militar fraquear, era preciso tomar tento. Falou:

— Esse menino, lhe digo que careço um dedo de prosa com vossa mãe mais vosso pai.

Menino esperto correu, abriu a porteira:

— O moço querendo, pode entrar. Eu levo o senhor inté lá — e no que nhô Militão cruzou a porteira, lá foi o menino esperto na frente, falador que só, jeitoso nos esclarecimentos.

— Árv're fruteira de sobra. Foi seu pai quem plantou, esse menino?

Então não? E o menino esperto explicou: o pai tinha plantado todas aquelas árvores, laranja, tangerina, lima, limão, carambola, goiaba, bananeira a valer pelas beiradas, "tem inté um pé de jaca lá pra trás". E ele, menino esperto, já praticava bem, aprendendo cedo: "Esse pé de pitanga é muda que eu mesmo enfiei na terra, moço, eu era bem mais pequeno, muda nova, inda não deu não…"

Adiante um ribeirão. Ponte larga de madeira e terra batida. Menino esperto foi logo explicando: o ribeirão era fundo, tinha peixe, e com as últimas chuvas a ponte, ó, foi pro beleléu. Mas ele e o pai, semana passada, tinham cortado pau

no mato e bambu gigante em taquara, lida de machado e facão, mais enxadão no cavucar barranco mode tirar terra pra cobrir tudo e formar a nova ponte.

— Ficou firme, pode passar sem susto. Pai é fazedor de ponte, já fez umas quatro por aí afora, inté ponte de tauba, o moço pode acreditar!

Nhô Militão ia só escutando. Agora, uma ruazinha entre arbustos floridos e, estendendo-se para os lados, um jabuticabal.

— Pé de jabuticaba leva tempo pra crescer, o senhor sabia, moço? Meu pai plantou tudo isso muit'em antes d'eu nascer, que ele disse. Inda são novas, mas já deram ano passado, no outro ano também… já vem dando jabuticaba há tempos, eu nem lembro desde quando…

E os olhos do velho vaguearam: subiram pras grimpas das jabuticabeiras, alcançaram os morros mais ao longe, o capim verdinho ondulando na viração, e acima, muito no alto, o céu azul da manhã.

— Pastaria boa naqueles morros — disse quase sem perceber, culpa desse gosto antigo que lhe restara.

Menino esperto não retardou resposta:

— É tudo de papai — e explicou: — Papai ano passado comprou a terra daquele lado de lá pra aumentar nosso sítio. Limpou a morraria toda e plantou capim, pasto pras vacas. Papai comprou uma porção de vacas, umas já deram cria, outras ainda não.

Nhô Militão espiando os morros verdejantes e pensando.

— Moço, o senhor sabe uma coisa que minha mãe falou? — e nhô Militão baixou os olhos pro menino esperto. — Minha mãe disse que o pai dela, o que mais ele gostava era de ficar espiando os morros assim, o capim todo verdinho, boi inté afundado no meio, só despontando os chifres. O pai dela, moço, meu avô… eu tinha outro avô, pai de papai, já é falecido… mas o outro eu não conheço… É que minha mãe disse que ele não gosta de papai, por isso nunca que vem visitar nós.

Alcançavam enfim o terreiro. Um amplo terreiro todo gramado, canteiros de flor em toda volta, calçadinha de pedra, e no fundo a casa.

"A casa de Lininha" nhô Militão pensando enquanto botava atenção na casa grande, assobradada, varanda espaçosa na frente pr'adonde subia uma dezena de degrauzinhos de madeira.

— Pode apear e entrar, moço, chama minha mãe dali da varanda que eu levo a mulinha pra estala.

E enquanto o menino esperto saía puxando a mulinha na direção dos fundos, nhô Militão, soiteira dependurada no braço, foi subindo a escada da varanda, abriu o portão, deu dois passos, três, na direção da porta e bateu palmas. Lá de dentro veio uma voz conhecida:

— Já vai…

Uns passos rápidos vindo de longe, dos cômodos mais afastados, em seguida mais fortes (atravessando um corredor) e, agora já na sala, claros, aproximando-se.

Lininha apareceu na porta.

Estacou.

Diante da filha, esforço grande mode não se desmanchar.

Por um instante, admiração, surpresa, um vago receio ensombreando as feições da moça.

— Se o senhor vem em paz, meu pai… — ela começou, fazendo que recuava um meio passo. Começou mas não prosseguiu: de imediato a casa se encheu dum berreiro estridente de criança nova acabando de nascer, e ambos, pai e filha, ficaram suspensos. Não tardou: no instante seguinte, na porta dos fundos da sala emergiu o vulto rotundo de uma preta, parteira antiga, as ancas largas remando no andar desigual, o espinhaço meio abatido pra adiante.

— Pode entrar, sá Lininha — falou a mulher —, um garotão de muita robusteza, com a graça de Nos'sinhô J'sus Cristo. E carece de mandar subir mais um caldeirão dágua morna, mode dar banho nele.

Lininha se virou para a mulher, "mande apanhar água na cozinha, siá Mundica, eu já vou…" e de novo encarando o pai:

— Entre, meu pai… estamos num momento difícil…

— Esteja a gosto, Lininha — o pai solene, cheio de seriedade —, vá ver o que há que eu não requeiro pressa.

— Então entre um pouco… Juventino já vai chegar… tome assento…

E ainda no maior dos embaraços pediu licença, retirou-se, sumiu-se pela porta dos fundos.

Nhô Militão sozinho agora na sala.

"*Espia só!…*" fez consigo mesmo, aparvalhado, olhando em volta. Quase que não podia botar fé no que os olhos lhe mostravam: será mesmo que o filho daquele cachaça tinha podido levantar casa assobradada, comprar pastaria da boa, plantar árvores fruteiras, reunir à sua volta tantos teréns (e se apalermava diante das cadeiras de palhinha almofadadas, das cortinas de renda, da mesinha de centro com enfeites de bronze, do tapete no chão, da cristaleira repleta de louça, talheres areadinhos que inté 'lumiavam — reluzir de jarros, travessas, taças e compoteiras)?

Então o filho daquele cachaça não tinha saído ao pai, pois se tivesse como é que havera de ter ajeitado tantos pertences? Aquilo tudo era resultado de labutação, braço sem descanso, mormente cabeça, tutano, muito tutano! Não, seu genro (e já pensava no outro a modo de genro) nunca que tinha puxado o da banda de lá, que com aquele, ora, com aquele não havia lida nem tutano! (E no seu íntimo, dando pancadinhas de leve com a soiteira na perna da calça, e sem dar pela coisa, o velho ia se alegrando: não, que sua menina nunca que tinha passado necessidade nem conhecera privação, possuía do bom e do melhor,

vivia na abastança, *"e merece, coitadinha, minha menina, boa que só ela, um coração de ouro… merece tudo isso!"*)

Foi então que meio sem graça apareceu Lininha na porta que dava para o corredor:

— Vem, pai, vem cá dentro…

E o pai acompanhou a filha através de um corredor comprido com várias portas, até que por uma delas entraram. Um quarto espaçoso. As janelas abertas cujas cortinas corridas quebravam a força da claridade do dia. Na cama de solteiro uma mocinha repousava, puxou mais para cima o lençol, vexação na presença de gente de fora.

— Minha mais velha, pai — e para a mocinha: — Didi, minha filha, tome a bênção a seu avô.

O velho se aproximou do leito, meio trêmulo envergou para frente, segurou a mãozinha miúda que a menina envergonhada e surpreendida esticou em sua direção, "sua bênção, vovô". Nhô Militão tartamelou um "Deus te abençoe, minha neta" que escapuliu a custo, a voz presa, desesperação de fazer pena, na garganta principiando a se formar um nó. Se aprumou de novo, ficou sem saber o que dizer. Do quartinho ao lado veio a preta parteira, siá Mundica: uma trouxa, embrulho de pano nos braços.

— Pode sentar na cama, pai — Lininha ajeitando a cama onde a filha repousava, afastando um pouco as cobertas —, senta aqui pra segurar seu bisneto, acabou de nascer.

Nhô Militão se acomoda; os olhos marejando água já sem impedimento algum, ajeita nos braços desafeitos dessas cautelas o embrulho de pano onde uma carinha miúda, rosada, adormecida, brotava duma touquinha de renda azul claro. Embala timidamente o recém-nascido.

Adentra nessa hora o quarto o Juventino, que por sua vez muito se espantou ao deparar ali o sogro, justo quem jamais lhe tinha passado pela cabeça enxergar embaixo de seu telhado. Ficou indeciso: cumprimentava o velho? Esperava que ele estendesse a mão primeiro? Fazia só um aceno com a cabeça, largando um sorriso amistoso mode adoçar o homem? Que procedimento adotar?

Vendo o genro naquele embaraço, ele, o velho, não menos atarantado, se levantou, rodou prum lado e pro outro, entregou a trouxa à filha, esfregou as vistas mode fingir argueiro.

— Mas antão!… — disse. — Muito que bem!…

— Cumprimenta papai, Juventino.

— O senhor me releve, meu sogro — e o Juventino avançou um passo — calha que a surpresa…

— Nada! — nhô Militão tentando desaturdir, inda esfregando as vistas, tem argueiro que custa sair. — Muito que bem!… Hoje tem festa nesta casa, nasceu o neto de vocês. Mas cadê o pai do neném que numa hora dessas não se bota à cabeceira da esposa?

Lininha baixou os olhos.

Juventino buscou o socorro da mulher.

Na cama, a menina Didi corou, empalideceu, ninguém viu.

Siá Mundica havia desaparecido.

Nhô Militão, meio de costas, espia pela janela. Dá pancadinhas irritadas com a soiteira na perna da calça enquanto escuta o genro.

Por fim:

— Fez o que fez e agora não acha de assumir comprimisso! — e calou-se.

Lininha interveio:

— O Juventino quis ir tomar satisfação, papai, exigir reparação do malfeito, mas eu achei mais acertado pensar bem antes.

— E pensar no quê? — o outro ainda meio de costas.

— É moço folgado, meu sogro — adiantou-se outra vez o Juventino —, porque o pai ocupa cargo de vereador em Sant'Antônio do Brejo… sempre requer cautela no trato com essa gente, não se sabe como pode reagir…

— E a menina tanto que gosta do rapaz — Lininha com a voz trêmula, secando o canto dos olhos.

— Porque o pai ocupa cargo de vereador o tal moço acha que pode afrontar a família dos outros — o velho severoso sem se mover, vozeirão, só as pancadinhas com a soiteira na perna da calça "plat-plat-plat".

Juventino olhou para a mulher. Lininha se esquivou. Menino esperto entrou na sala, se adiantou para o velho:

— Então o senhor é meu avô? — e se encostou no velho: — Bem que eu tinha gostado do senhor…

O avô abraçou o neto, menino esperto, que mais se conchegou. Virou-se para os outros — a filha, o genro:

— Digo pra vocês uma coisa: quando me botei a caminho desta casa, eu vinha com a intenção de limpar o nome de meu pai, mode quê há muito tempo tinha inté entrançado essa soiteira. Abiquei neste lugar e encontrei um menino esperto que veio me falando uma porção de coisas, e no que entrei nesta sala e vi tudo que vi, fiquei sastifeito: homem que provém sua casa feito vosmecê, seu Juventino, inda que tenha roubado a noiva, honra o nome dela e dele não posso proceder queixa.

Nhô Militão fez interrupção, medindo as palavras.

— Mas uma coisa eu havia cá pra mim, a modo de certeza: é que eu não tinha entrançado essa soiteira à toa.

— Mas o que é que o senhor está intencionando, meu pai? — a Lininha alarmada.

— Eu não disse que quando me botei pr'esta direção eu vinha mode limpar o nome de meu pai? Apois! É o que vou fazer — e mal não disse, afastou o neto e rumou para a porta.

— Adonde vosmecê vai, meu sogro? — o Juventino acompanhando o velho.

Nhô Militão parou:

— Se aquiete, meu genro, se aquiete, que o assunto agora é meu. Se tem uma coisa que não posso tolerar é sem-vergonheza, e mormente com uma neta minha que só hoje vim a saber que tinha e a prezar como se já soubesse há muito tempo! A menina Didi apreciava casar com o moço?… Pois antão casa! Eu não entrancei essa soiteira à toa.

E saiu.

— E agora, Juventino? — apavorada, Lininha correu para a porta.

— E eu é que sei? — disse o Juventino não menos perdido, acompanhando a mulher.

De junto da janela, no entanto, a voz do menino esperto:

— Mãe, pai, não carece susto. Ele não disse que não foi à toa que entrançou a soiteira?

E decerto seria verdade.

O velho saíra decidido, esquecido inté da dor nas cadeiras que costumava produzir incomodação prolongada, volta de lua que tristeza! Montou a mulinha forçuda e ganhou o mundo, a soiteira pendurada no arção da sela. (Da varanda, menino esperto só vigiando.) O pai do moço desavergonhado é vereador em Sant'Antônio do Brejo? Que tem isso? Pois saibam quantos a este virem: a menina Didi é neta de nhô Militão, ora essa!, e é pra lá mesmo, pra Sant'Antônio do Brejo, que ele se encaminha mais que de imediato, mode cumprir com seu ofício de manter limpo o nome da família.

Prosa dum peão velho com sinhá dona em tarde de Abril

— 2im de abril — sinhá dona abanando o leque, a cadeira de balanço na varanda assoalhada fazendo vaivém; defronte um caramanchão, um páss'ro de trinado comprido e tremuloso, uns outros respondendo por cá, por lá, moitados na folhagem: tarde de sol, encantada. — Outono — prosseguiu sinhá, por nome Lúcia Helena, no princípio de sua velhice, cabelos branquejando. Espiava lonjura, os morros, o céu, a vastidão das terras, suas terras.

Na cadeira defronte um preto, porém visita de apreço, amigo da casa, tinha licença mode tomar assento perto de sinhá: descobrira-se, respeitoso, o chapéu no colo. A fala de sinhá escutava.

— Mas me diga, seu Totônio… a egüinha… como está se saindo?

O peão baixou a cabeça — entristecimento desiludido:

— Tem jeito não, siá Lúcia Helena… com essa…

— Nada, até agora?

— Pois, se havia… braba que só… embatucou o mês inteiro… eu teimei, de curioso, qu'inda não tinha botado as vistas num animal assim… fiz que fiz, o de sempre e de tudo, inté maneiras novas maginei… de pouca valia foi: hoje no que pensei em amontar, largou com meus ossos no chão que quas'me descadeirou…

Cala-se o peão, repensa, diz:

— Animal nenhum deixei de domar, sinhá Lúcia Helena… animal nenhum nessa minha vida de peão, riscando dum lugar pra outro, cavalo de raça ou burro bravio, todos eu dobrei… mas essa egüinha…

— Deus do céu! — sinhá dona balanga a cabeça. — Se o senhor não pôde com ela, seu Totônio, quem há de?

O peão quebra de lado o pescoço:

— Cá não creio… sei lá… se eu não pude, parece que ninguém…

A cadeira de balanço vai que vem: rangido, rangido — um vento levanta folhas no gramado defronte à varanda.

— Será o outono? — diz sinhá Lúcia Helena, pensativa. — Outono até agora sem frio. Estamos em fins de abril. Que lhe parece, seu Totônio?

— Costuma, sinhá… — e Totônio acompanha sinhá dona no revirar do assunto. — Mas peço que releve… sujeito que nem eu, sem leitura, não sabe dessas coisas… de conhecimento, só quando é tempo do calor e tempo do frio… por nome não… tempo das águas é janeiro, fevereiro, no despencar das chuvas… já calhei escutar nome de estação, mas nunca que entendi direito…

— Acho que antigamente não ensinavam quase nada na escola.

— Apois, sinhá!… Pois se no meu tempo nem professora existia…de criança inté nascer barba na cara, o tempo todo no eito, e mais velho me fiz, me afeiçoei ao trato com animal xucro, esse foi meu estudo.

Pesaroso por isso, o peão Totônio? Nada, que não. Escrita desconhecia, falta nem lhe fizera, e tinha lá seus orgulhos: "trato com animal xucro, esse foi meu estudo". Quando falava a outros, que com uma dona de posição não ficava bem dilatar palavreado, inda espichava seu linguajar: "Sela foi meu caderno, por lápis o cabo da soiteira, pra escrever de mansinho, impor respeito, só, que em animal não bato — nunca bati!"

Sinhá ouviu e ficou pensando. Disse:

— Talvez seja o outono… esses meses depois do calorão de março. Vai até junho. É quando esfria de verdade.

— É, que em junho o tempo esfria… mesmo em antes já refresca…

— Sim, no outono começa a refrescar, mas maio está aí e o calor continua… talvez tenha amainado um pouco, mas não o suficiente para abandonar o leque. O falecido… lembra-se dele, seu Totônio?

— E não, sinhá Lúcia Helena? Nunca me esqueço de siô Augusto, saudoso, pessoa dessa era pra faltar?… Espia, sinhá, que o mundo tem desigualdades…

Sinhá se riu:

— O mundo é esse, seu Totônio, não pode ser diferente. Morrem os bons, morrem os maus… morrem todos… quem sabe, não tarda vou encontrar meu Augusto!…

— Ara, que palavra desajuizada, sinhá!, com a devida consideração… Mas sinhá é muito moça ainda… boa saúde, parece, se vê nas cores… Não se deve pensar dessa forma, que desagrada a Deus.

Sinhá moveu a cabeça:

— Na verdade eu não penso… e ninguém sabe quando vai. Mas minha saúde, se não é má, também não é mais a mesma: já completei sessenta e dois, seu Totônio, e essa solidão às vezes incomoda.

— Mas os meninos…

— Qual, meninos! Casados, distantes… escolheram a cidade para viver… só vêm pelo Natal, e entre um Natal e outro o ano é tão longo… tão longo!… Sabe de uma coisa? Na minha idade… na nossa idade, não é mesmo, na nossa idade, quando a solidão bate na porta, ah… então é hora de as lembranças virem fazer companhia.

— Lembrança é coisa que todos carregam, sinhá Lúcia Helena… no passar dos anos feito corgo, corredeira brava… coisas que vão se ajuntando inté formar um bolo… E o que vale é ter coisa boa pra relembrar…

— As lembranças boas talvez doam mais, meu amigo…

— Ah, bom… pr'um lado… mas por outro…

— Veja o senhor, inda há pouco eu dizia do falecido… quando entrava outono com esse calorão todo ele costumava dizer que era o mundo que se fazia mais alegre. Frio é tristeza, ele dizia, quando faz muito sol no tempo do frio é que as pessoas no mundo estão mais felizes — sinhá balança a cabeça, com um sorriso doce fazendo concorrência à festiva tarde. — Um dia de junho, há muito tempo, era de tarde, por essas horas assim, eu vinha lá de dentro e Augusto estava de pé ali no portão. Pressentindo meus passos virou-se e, vendo-me, abriu um sorriso e disse: "Lúcia Helena, deve ter nascido uma criança muito linda", "mas por que você diz isso, fulano" eu perguntei, e ele "então não vê que solão está fazendo? É criança que nasceu e trouxe alegria ao mundo". É que na véspera fizera um frio tremendo, mas naquele dia, desde manhã, o sol aparecera, fora esquentando pouco a pouco até que, por volta das três horas, fazia um calor de verão…

— Um bonito causo que sinhá refere, dá gosto escutar. Siô Augusto era escrito desse jeito!

— O senhor não se casou, seu Totônio — sinhá comentou depois de um instante em que vigiava o céu amarelo, o sol que ia descambando, tingindo duma cor tristosa a crista dos morros. — Por quê? Não se agradou de ninguém? Não pensou ao menos que lhe faria falta um filho?

— Apois, sinhá… o que não se deu… da vida, é… uns casam, formam família, prosperam, já outros… na minha lida não formei cabedal… pra casamento carece teréns que um homem de juízo só se compromissa na posse deles… agrados eu tive, nenhum duradouro… e pra que jogar moleque no mundo se de meu nada tinha mode deixar?

— Mas o senhor também não teve pouso certo, seu Totônio! — sinhá Lúcia Helena, em divertida repreensão: — Em todos esses anos que nos conhecemos, ou por outra, desde que estou instalada aqui na Viçosa, quantas vezes o senhor passou por cá, de visita, sempre com destino a um lugar diferente?

— Pois sinhá Lúcia Helena, que grande verdade vossência prolata… que inté já perdi a conta das vezes que por aqui passei… mas nunca com demora…

— Então não sei! — sinhá sorriu. — Quando foi que esteve por aqui da última vez? O senhor se lembra?

Totônio franziu a testa, espiou o teto — procurava na memória.

— Pra missa de siô Augusto…? Foi…

— Augusto tem, de morto, seis para sete anos — diz sinhá.

— Antão, foi… eu tive notícia e vim… com atraso, que fiquei sabendo despois de passadas quas'que três semanas… mas inda assisti à missa de mês…

— Viu? Sete anos sem aparecer na Viçosa! E nesse tempo todo aposto como não esteve num lugar só.

— E não estive mesmo! — o peão exclama, abrindo um sorriso escasso de dentes. — Passei por lugares, tantos!... Daqui pr'ali, de lá pr'acolá... não aconteceu d'eu firmar ponto...

— Sem pouso, sem chão. E olha que não foi por falta de oferecimento, que aqui sempre tivemos carência de um peão com a sua capacidade.

O peão Totônio, pela primeira vez depois de sentar, se recosta na cadeira, afrouxa o corpo, solta um respiro esticado — remembrança que sobrevém, no descostume tem peso por demais.

Nunca tivera — sinhá Lúcia Helena razoava com acerto — paradeiro: sua vida, desde que em moço saíra pela vez primeira a campear mundo, fora de incerteza. Por profissão, amansador de animal xucro como ninguém nunca tinha visto: o mais bravio, com pouco estava em ponto de sela e sem levar pancada que fosse, nunca sentir um relado de espora nos vazios, sem sangrar com repuxão de freio, solavanco na boca que estraga o bicho. Produzia inveja nos outros peões: pois quem havia de entregar animal de qualidade pra uns que outros sem tarimba, quando ali estava o de todos eles mestre? Sua fama correu, e isso lhe encheu a vida. Era seu orgulho, que outro não teve, e agora que a carapinha já branqueava nenhuns mais podia esperar. Mas se sua vida se delongava, viria o fim mais cedo ou mais tarde, que não se vive além do estipulado pelo lá de cima: morria sem quê de seu, o que falecia importância pois morto não seria dono de mais nada, nem mesmo da mortalha que lhe servisse de embrulho. Porém o pior, e por aí corria uma lástima recôndita, não deixava prole, um filho que falasse "esse peão famoso foi meu pai" e até, quem sabe, que expusesse, brioso de sua profissão: "foi com ele que aprendi a lidar".

Agora sinhá Lúcia Helena, no que ele aparecia ali, em visita, lhe recomendava amansamento de uma egüinha miúda, de pêlo amarelo, que não aceitava trato e pela primeira vez na vida o largava na poeira — a ele, o peão dos peões, o maior dos amansadores, que animal nenhum tinha vencido!

E agora também sinhá Lúcia Helena trazia aquelas histórias relembradas, censurava dele não ter se firmado num lugar só, criado família, produzindo balbúrdia em seu coração, em seu pensamento desavisado!...

Foi por isso que o peão Totônio relaxou um tanto, a cabeça descaindo de lado, coisa que não soía em presença de pessoa principal: carecia manter a compostura, conhecer seu lugar. Mas mesmo um de direito proceder às vezes fraqueja: mode quê sinhá foi lhe recomendar aquela egüinha? Tocar nessas coisas antigas?

"Inté um pobre que nem eu tem seus sentimentos!"

Mas se recompôs. O chapéu quase lhe caía das mãos. Esfregou os pés um no outro, fungou.

— Sim, que... — gaguejou de lampejo — ...muito me sinto contente da oferta de sinhô Augusto, honra que não me cabia...

— O senhor teria ficado por cá — sinhá continuou —, teria sua casa, arranjava uma esposa, viriam os filhos… enfim, não seria sozinho hoje…

O peão Totônio coçou a barba rala.

— Faz falta ao homem um afeto… faz falta a todos.

— Calha de cá por meu pensamento… a senhora sabe, sinhá Lúcia Helena… calha de pensar eu cá comigo… que bem que podia ter sido… casava, aqui ou em qualquer lugar… que outros convites mode me estabelecer eu tive… diversos… mas o tempo escapuliu… e tão sobre repente!…

E um instante depois:

— Paradeiro… não conheci chão onde criasse raiz.

— E o senhor sabe em que estive pensando?

— Agradava de escutar, sinhá Lúcia Helena.

— Em quando o conheci. Está lembrado?

Totônio não esquecera. Como poderia? Dera-se no tempo de moço, numa fazenda onde se davam umas concorrências de laço e montaria. Ele estava lá pra montar um burro que ninguém tinha montado, um que carregava aleijão e morte de peão na cangalha.

— Apois, sinhá Lúcia Helena… inda tenho de memória esse dia…

Sinhá riu-se com satisfação. Essas recordações lhe agradavam — regresso aos velhos dias, revivescência.

— Eu, como era espevitada, seu Totônio! Ah, quando me lembro!…

O peão achava graça. Sinhá Lúcia Helena tinha por costume aqueles rompantes, dona de muito boa prosa, duma hora pra outra mudava de um assunto triste para um alegre.

— Sabe — ela disse —, ainda vejo, escuto minha mãe chamando-me atenção… Não sei se lhe falei sobre isso alguma vez, seu Totônio…

— Não tenho lembrança, sinhá Lúcia Helena…

— Pois veja o senhor: todos esperavam que naquela montaria o tal afamado burro o atirasse no chão… era esse o divertimento daquela gente, mas o senhor, para surpresa geral, montou o bicho sem judiar dele e sem as reviravoltas que o povo esperava…

— Disso eu não esqueci… o dono um coronel Pantaleão… muito insatisfeito ficou com minha montaria, daí aconteceram umas coisas…

— Bem — prosseguiu sinhá Lúcia Helena sem prestar atenção ao que ele dizia —, então eu fui falar com o senhor… à época eu estava noiva, não de Augusto, mas de um rapaz de quem eu não gostava e que meus pais faziam muito empenho em ter por genro… enfim, eu, uma sinhazinha, filha de coronel Otávio, noiva de um moço importante, misturei-me com a peonagem e fui falar com o senhor… isso causou escândalo, não sabia?

— Não tinha informação dessa miudeza, sinhá… mas sim, com razão… uma sinhazinha moça solteira conversando com um preto que nem eu, no meio dos peões…

— Oh, o que minha mãe me ralhou! E meu pai! Quando chegamos em casa, até de castigo quis me deixar, veja o senhor!

Sinhá Lúcia Helena deu de ombros, o sorriso morreu em seus lábios:

— Eu era uma menina.

— Do que eu recordo é que foi a senhora quem me tratou por Totônio, sempre… "seu Totônio", a senhora disse… que os outros nunca que me deram outro apelido a não ser o de criança, Tõizim…

Mas sinhá parecia, por momentos, esquecida da presença do outro sentado à sua frente, ali na varanda da casa grande. Os olhos muito claros, ainda belos, vislumbravam na transparência da tarde de abril os dias de moça.

— Foi quando eu conheci o falecido — disse, a voz meio sumida.

— Senhora?…

— Eu estou dizendo… É que foi pouco depois daquela ocasião que eu conheci meu futuro marido.

— Ah!…

Sinhá Lúcia Helena suspirou: ainda contemplava o sol de abril, ainda viajava por outros tempos, antigos, perdidos — longes funduras.

— Meus pais queriam meu casamento com Felício, filho de gente graúda, o pai era juiz no Rio de Janeiro. Nem sei por que fiquei noiva dele… talvez para não lhes desagradar… Também porque no começo Felício parecia-me generoso, bem educado… mas depois…

Totônio ouvia. Não lhe cabia falar agora: seria despropósito, sinhá Lúcia Helena lhe referia coisas importantes de sua vida, ele muito se orgulhava de uma tal honra. Tanto já haviam conversado — quantas vezes se hospedara na Viçosa, quanto já tinham proseado ele, ela, o finado siô Augusto —, mas eram sempre palestras domésticas, intimidades nunca. Totônio ouvia. Continuou ouvindo.

— Depois compreendi que aquele rapaz presunçoso, cheio de orgulho e, infelizmente, só orgulho e mais nada… enfim, que ele não servia para mim… um dia apareceu lá em casa Augusto, não era ainda um homem posses… umas terras, umas reses, pouca coisa… já há tempos negociava com papai, se bem que ainda não nos tivesse visitado… foi quando nos conhecemos…

Sinhá baixou um pouco a cabeça, fechou o leque, entrelaçou os dedos no regaço.

— Nesse mesmo dia, quando Felício chegou para me visitar, eu rompi o noivado… foi uma decisão corajosa, não acha, seu Totônio?

— Ô, então não, sinhá Lúcia Helena?… então não!…

— Ele não quis aceitar o rompimento, mas me viu tão determinada que apanhou o chapéu e saiu sem se despedir de ninguém.

— E o pai de vossência… não se zangou?

— Como não!… Faltou pouco me dar de relho… Se minha mãe não interviesse, tinha me batido… Mas eu fiz pé firme, ora, eu era teimosa, tinha minhas vontades… "Por que a senhora fez isso?" ele gritava, "quer enxovalhar nosso

nome?", ia dizendo, e enquanto isso minha mãe se punha entre ele e mim para defender-me, ainda que também não aprovasse o que eu havia feito.

— Ah, a mãe de vossência… relembro dela. Quando por lá apareci certa ocasião, na fazenda Aroeira, atrás de quefazer… fazenda Aroeira, de renome, sinhá, de renome!… mas como eu dizia, foi a mãe de sinhá quem me atendeu, indagou de minha ocupação… eu, por enquanto, não sabia que ali era a casa da sinhazinha que tinha me dado atenção naquela concorrência de montaria…

— Já não era mais minha casa — disse sinhá Lúcia Helena —, eu já estava casada naquela época.

— Relembro — confirmou o peão: naqueles dias tinha pousado por lá, em demora de mês a mais em lida de estábulo, e acabou reencontrando sinhazinha, que aparecera de visita.

Totônio inda trazia de memória aquele reencontro, de tudo o que mais o alegrou naqueles anos todos, pois sinhazinha, de quem se lembrava de contínuo mas não esperava encontrar outra vez, perdurava a mesma moça agradada e cheia das simplicidades que não se vexava em ser vista de prosa com a gente desimportante: apertou a mão grossa e preta dele, perguntou se continuava amansando animal do mesmo jeito que o vira fazer anos antes, e quando se despediu, uns dias depois, indicou-lhe a direção da Viçosa, "apareça por lá, seu Totônio, faça-nos esse agrado". Assim passara a freqüentar a Viçosa: corria que corria mundo, mas acabava sempre de volta à casa de sinhá Lúcia Helena e siô Augusto — fora assim naquela época, continuou da mesma forma pelos mais de trinta anos que se seguiram.

— Mas me releve, sinhá, que cortei o que vossência dizia, que tinha sido a senhora vossa mãe quem entrou em defesa de vossa pessoa…

— Sim, foi ela quem evitou que eu apanhasse. Levou-me para o quarto, deixou-me lá trancada e foi estar com papai, para acalmá-lo. Depois voltou e quis saber o que havia acontecido. Então eu lhe disse: "Primeiro, mamãe, eu não gostava do Sr. Felício, cujo caráter vinha me desagradando ultimamente. E depois, estou apaixonada por outro homem".

Sinhá Lúcia Helena se vira, encara o velho amigo:

— O senhor imagina, seu Totônio, o que foi isso? Minha mãe ouvir de mim essas mesmas palavras: "estou apaixonada por outro homem"?

— A senhora tinha desembaraço, sinhá! Coisa assim, difícil de se ver!

— Mamãe ficou de boca aberta!… Não podia esperar tanta franqueza de minha parte num assunto daqueles, ainda que me conhecesse bem e soubesse de meu temperamento.

O sol havia baixado um pouco mais no céu, iluminava em cheio a varanda, a figura derruída do peão velho, o rosto delicado de sinhá. O sorriso dela, porém, tinha mais luz que o sol, mais beleza que essa tarde mágica de outono.

— Mas tudo acabou bem. Quando papai soube sobre quem recaíra minha escolha, rezingou, andou de um lado pro outro com as mãos nos bolsos, de cara

amarrada parou defronte o retrato de vovô e ficou olhando pra ele por muito tempo… por fim mandou me chamar…

— E fez as pazes com sinhá?…

— É que ele e Augusto já vinham negociando… Augusto demonstrava muito tino… era muito esforçado, prosperava… haviam-se feito muito amigos… papai concordou, não sem me passar uma descompostura, "que sim, a senhora me fez uma boa… não sei como vou olhar para o senhor juiz agora… mas enfim… o moço Augusto… enfim", e foi por aí…

— Coisa muito bonita, sinhá Lúcia Helena — o peão disse, retorcendo o chapéu —, dá muito gosto escutar… causo em que dois moços que, sendo um do agrado do outro, se casam com a bênção da família… é coisa pra muita felicidade…

— E fomos felizes, seu Totônio, fomos felizes. Estivemos casados trinta e quatro anos… e foi tão pouco tempo… ele se foi… eu aqui estou, fiquei… já não me serve muito a vida sem o falecido…

Totônio pôs-se sério. Olhou para o chão, estudou o que dizer.

— O tempo de nossa alegria sempre nos parece reduzido, sinhá Lúcia Helena, mas Deus Nossinhô sabe… não cabe a nós controverter… quem teve felicidade na vida, teve tudo.

— E o senhor está certo, seu Totônio, está muito certo. Não posso me queixar. Ao lado dele tive tudo… e não falo disto — sinhá Lúcia Helena faz um gesto indicando a casa, a fazenda, a riqueza —, que são coisas menores em comparação… falo da pessoa dele, dos seus desvelos, de sua presença sempre junto a mim, do que fomos um para o outro… porque de uma coisa estou certa: se ele foi tudo para mim, eu não fui menos para ele: sempre me empenhei e lhe dar o que ele me deu, em lhe retribuir da mesma maneira a afeição e o respeito que sempre me dedicou, e nisto não faltei.

O peão escutava. Sinhá Lúcia Helena falava de coisas suas de muita consideração, concedia honra em ter nele, um peão coitado, ouvinte atencioso. Mas agora ela se calava, as palavras se convertiam em silêncio; nos fundos, pros lados da cozinha um garnisé esganiçou; longe se escutava um aboio, um latido de cachorro, o bater de asa do tempo.

Sinhá estava certa: trinta e quatro anos, tempo danado de curto pra quem tanto amou e foi amado.

— Ainda estamos em abril — tornou sinhá —, e já sinto tanta saudade deles…

— É… no meu pensar, sinhá devia fazer as malas e se botar pra cidade, chegava de surpresa, vigia que os meninos iam ficar satisfeitos.

— Filhos amorosos eu tenho… sim, ficariam contentes…

— Então, sinhá!… Não carece permanecer… tem quem cuide de tudo… vai!…

Sinhá Lúcia Helena curvou a cabeça. Pensativa, abriu e fechou o leque. Sim, por que não viajava? Desde quando não fazia um passeio assim? Desde que o

falecido se fora principiou um tempo de recolhimento, a cinza dos dias desenhava em sua vida uma névoa de solidão que custava vencer. De ano em ano recebia uma visita dos seus, no mais estava sempre sozinha, inda que ocupada na administração da fazenda, o que lhe tomava tempo — mas não a reconfortava da saudade.

— O senhor, quando parte, seu Totônio? — ela perguntou. — Ou resolveu permanecer? Seria de muito gosto para mim…

O peão se fez sério. Então partia? Sim, que já era tempo — no seu costume, tardar um mês ou dois num lugar só era prolongação desusada. Mas e a egüinha? O tempo de sua estadia — completava um mês que estava na Viçosa — foi tentando domar a danada, mas em toda sua vida de amansador nunca tinha visto similar: ele, que nunca despencara de nenhum lombo de animal, naquela manhã fora atirado no chão; ele, que de todos saíra vencedor na prática de doma, conhecia enfim amarga derrota. Então: desistir da egüinha?

— Capaz, sinhá, que amanhã, no romper do dia… já carece…

Sinhá sorriu — com os lábios, com os olhos, encarando o velho amigo da casa:

— Sempre andejo! Pois vá, mas não me demore a voltar. É sempre bom receber amigos aqui na Viçosa.

— Muito honrado, sinhá. É promessa: desta vez não me demoro muito por longe.

— Então está bem. Vou contar com sua promessa — e sinhá se levantou. — Agora venha, vamos até a cozinha. Está na hora de tomarmos um café coado na hora.

— E não? Que o café da Viçosa é coisa que sempre relembro. Sinhá Lúcia Helena sabe que pra café é preciso mão? Ó, se… que não é só botar o pó e a água e mexer o açúcar não!… Tem de ter mão boa, e a mão de sinhá pra café, nunca vi outra!…

Agora a varanda da Viçosa está vazia.

Já faz alguns dias que sinhá Lúcia Helena viajou, conforme conselho do preto Totônio. (Iria bater de surpresa na casa dos meninos — enfrentar os netos, que em seu alvoroço não a deixariam quieta, acompanhar as noras ao salão, ao teatro, durante o tempo que lá estivesse deixar-se entranhar da ossatura e do espírito da cidade grande, e depois voltar. Nem se demoraria, talvez, que já não tinha nem ânimo nem idade para tumulto, e na Viçosa não faltava quefazer chamando por seus cuidados.)

Totônio também está na estrada — descaminhos, o rumo é o do vento no escuro, não tem destino.

Quase sete anos passara sem voltar à Viçosa; um dia — adonde estava? — formou tenção de lá reaparecer de visita. Foi. Conheceu uma egüinha xucra que desfez de seu nome — desistiu.

Mas a vida — meditava o peão Totônio — era por esse molde: nem tudo saía no conforme com nossa vontade. Doía a derrota?

Doía muito mais a derrota para o mundo.

Sinhá lhe censurou o viandar, o desapego a chão e propriedade, o não ter feito parada nem ter tido — se bem que ela não o disse com essas palavras — um amor.

Mas não teve? Seria isso verdade, ou engano bem cabido?

Que um homem não nasceu para desconhecer o amor, do que ele tinha certeza. O homem, no mundo, mais duro que seja seu coração, cedo ou tarde conhece uns olhos que lhe vão revirar o pensamento pro resto da vida.

Dá-se caso em que esses olhos são no feitio de estrelas, lá estão, podem ser vistas mas não alcançadas. Quando o caso é esse, se não lhe falta juízo, o cabra deve apenas olhar, no sossego de seu coração adorá-los, mas em recolhimento — que nisto reside o segredo: importa que se saiba? Que têm os outros de saber da loucura de uma querença assim?

Pois o caso do peão Totônio (Tõizim, conforme no geral conhecido) não diferia do dito: tinha suas duas estrelas, resguardava-as em si na quietude de ser. Era dos tempos de moço, inda bem moço, provinham de uma tarde de espanto e contentamento, numa concorrência de que tomara parte: os olhos de sinhazinha Lúcia Helena, moça e bela, nunca se apagaram de sua duradoura lembrança.

Dívida

Olheu a água límpida na concha das mãos.

Vigiou a terra: seria sua? Calculou, vinha calculando polas últimas horas, de cabeça encontrava dificuldades, por isso riscava com um graveto umas contas no chão.

Parafusava.

Vinham-lhe memórias, remotas lições enquanto lhe escorria entre os dedos a água fresca da mina, de infância a intenção do honrado viver…

…Pois o viver, pensava, só com retidão se devia — e que nenhum impedimento o suplantasse: o alheio interesse acima do seu, no geral. Não se sentia dono de si se devesse um dinheiro, não o seria se a dívida se prolongasse, pequena que fosse. Por esse pensar, costurava procedimento antigo, aprendera com o pai, homem sisudo, bigodeira de impor muito respeito só pela presença. Menino de calças curtas o via negociar — compra de uma remessa de fubá ou farinha de mandioca, um fardo de carne-seca, um cachaço vivo para corte ali mesmo, nos fundos de casa, o que fosse, qualquer terém de mais ou menos valia —, e no que se trocava aperto de mãos o acordo angariava mais valor e garantias que papel selado em cartório e assinado por partes e testemunhas. No que ficavam a sós, o homem sisudo sentava-se no banquinho detrás do balcão e punha-o no colo, prelecionava: "Compromisso, filho, é compromisso. Requer que desde pequeno se aprenda por essa cartilha: não vá cria minha desmerecer o meu nome".

Porém não sucedia que um cristão, às vezes, por um empréstimo se endividasse? Não sendo reles motivo, justificava-se, mormente quando a cartilha lida e relida se sustentava de cor na cabeça e o compromisso fosse aquele e não outro: a restituição inteira do devido mais algum juro que acaso houvesse. Por essa direitura de haver-se, rígido procedimento, não teve nunca por costume — que reputava desairoso — recorrer a terceiros mode um dinheiro, inda em horas de aperto: oferecia seu braço, laborava além do sol, mantinha-se. Assim lhe fora ensinado, assim havia aprendido.

Falecido pai? Homem respeitado, pensou, lembrou.

Dono de uma propriedade, pouca, umas jeiras escassas, porém não más, o empório sumido beira-caminho no sertão, das trilhas mergulhadas brocotós adentro vinha a gente miúda adquirir seu gole de pinga, seu fumo de rolo, o

cotidiano feijão com arroz; filho, aquele que lhe permitira Deus mais don'Emerenciana, esposa de valor e curta vida. No que viuvou, chegou a cogitar novo matrimônio com dona escolhida que proporcionasse uma nova mãe pro menino, mas dum revés perdeu as cabeças poucas de gado, extinguiu-se o pecúlio reservado no forro do colchão e, pra mode não se ver às voltas com dívidas, viu-se forçado de conjunto com o empório a desfazer-se também da terrinha: estavam na rua, ele e o filho — sozinhos de vez e para sempre. D'ora em diante, a vida um continuado aperto, e quando o menino vigiava dos cantos o pai após perlongado labor, ele, o pai, adivinhando a quieta interrogação do olhar infantil, dizia: "Tínhamos o nosso, filho, perdemos tudo, menos a honra. Deixar de pagar o alheio, antes não ter pão que levar à boca", e matava-se mais, pois não resta dúvida de que para cumprir com seu preceito deixava de comer para não faltarem ao filho — alimento e exemplo.

Como esquecer ensino tão dilatado e severo?

Agora, entre a cruz e a caldeirinha, cofiando o bigode ralo, a barbicha de dias, ainda recordava: deveria arriscar-se a uma dívida, se bem que justificada? Molhou o rosto com a água que lhe rebrilhava na concha das mãos, provou da fresquidão da mina, o sol avançava para o fim da tarde, as sombras alongavam-se na solidão do ermo, mas o homem tão só repensava…

Passara a infância na luta, de retraído adjutório enfrentava a roça alheia no que lhe permitiam suas reduzidas forças, e à noite deitavam ambos na mesma cama, no escuro, esperando o sono que trouxesse o alívio da realidade com a consolação do sonho. Um dia o pai dormiu inté mais tarde, e ele não querendo acordá-lo saiu para o terreiro e espiou o dia que se adiantava. Chegariam atrasados no eito? Fosse, pensou, mas o pai precisava descansar mais, ele também carecia de um maior respiro, tinham deitado mais tarde e a noite parecera tão curta — no que sofismando sentou-se no chão, recostou-se na parede de taipa e de novo cochilou…

Abriu os olhos com o sol a prumo: davam horas, cogitou, já tardavam a sair. Levantou-se e entrou em casa; chegando à beira da cama, chamou: "Pai, já é tarde", mas o velho não respondeu. Chamou uma segunda vez, "pai…", e persistiu na tapera o silêncio. Teve medo então? Com a mão experimentou o rosto do homem, os bigodes só uns ralos fiapos brancos; o rosto, porém, assim tão frio seria lousa, ou gelo. Daí que se sentou na cama e curvou a cabeça para o peito: chorou baixinho, prolongou-se no silencioso rolar das lágrimas; berreiro não fez, homem chora, mas sabe chorar. Saindo de novo para o terreiro espiou o sol que adiantava o dia — o sol nunca falhava em sua obra de fabricar as horas, pensou isso de modo confuso, dum jeito que só ele entendia, por dentro, mas que não atinaria com explicar por meio de claras palavras.

Sabia que precisava avisar a gente do acontecido.

Tinha treze anos, catorze no principiar do inverno, junho com seus ventos gelados, seus nevoeiros branquejando a crista dos morros. Naquele aniversário, conheceu a solidão.

De hoje, traçando seu caminho conforme preceitos, por companhia a esposa e uma filha mocinha, remembrava aqueles dias penosos e sem soberbia aconchegava no peito sua certeza: não desmerecera o paterno nome, sua doutrina sua honra, o que lhe acalentava daquela imagem que de sua memória nunca se havia apagado: o pai no caixão, o rosto esmagrecido, o bigode esfiapado, a dor de nunca mais por ele qualquer coisa fazer a não ser isso — seguir sua lei, pois se granjeara fortuna ou miséria é o que menos importa: a pobreza que conhecia desde aqueles tempos persistiu no seu encalço nos anos afora — o chão alheio amanhar do romper d'alva inté o descair da tarde com suas primeiras estrelas, labor de escasso rendimento, numas safras vinha-lhe o patrão depositar em suas mãos algum cobre com que tomar um trago na venda e vestir uma ordinária roupa, noutras nem isso, muito menos ou nada.

Porém entre a lei que lhe regulasse o proceder e o arriscar-se sobejava esse cansaço: o chão alheio tornava-se hostil agora que vislumbrava uma vaga possibilidade de possuir o seu. Não tinha o necessário, minguava seu mealheiro em antes de chegar à soma requerida — decerto minguava, se bem que nem sabia ainda quanto pediam por aquele sítio cujas águas frescas tanto o encantaram nesse fim de tarde domingueiro em que saíra de casa buscando seu mais recôndito devaneio; porém… e sobrevinham essas reticências cheias de eloqüência, que tudo diziam sem nada pronunciar. Justificava-se: apois, um homem não pode romper o compromisso selado com o fio de sua barba, mas compromissar-se é para homens e não para meninos. Se ele se compromissasse nem por isso seguiria trilha às avessas do que aprendera com falecido seu pai.

"Tudo eu não possuo, uma parte, talvez inté quas'que metade… mas sempre se pode obter o que falta, sendo-se de confiança… será?…"

Calculou que não fosse casar. Sem ter com quê, de que jeito sustentar família? Mas vai um dia conheceu uma moça, por acaso deu com ela numa roçada e puxaram assunto, casualmente. Não tinha beleza, mas era forte e demonstrava disposição pro serviço, e com gosto trabalhou ao seu lado. No se despedirem, quis saber se no dia vindouro ela voltaria, "pois não volto? Careço", e ele se ofereceu para qualquer ajuda, "por ora, agradecida", e se foi. No dia seguinte estavam juntos de novo no eito, ela recobria os cabelos com um lenço mode não descair no rosto e atrapalhar a visão, riu-se quando de uma moita surdiu enxame de maribondos e ele disparou morro abaixo; mastigou umas folhas e botou em riba das picadas que principiavam a formar calombo no beiço e nos olhos, "sara logo" disse, "se bobear, nem incha", e foi bater e valer. "Mas a moça inda nem me disse seu nome" ele soltou num súbito desembaraço, "Lôra" ela respondeu, no seguido conserto: "Me chamar mesmo eu me chamo Leonor, mas Lôra por apelido. E o moço?", "Lauro… é meu nome mesmo, não tenho apelido". Vai um dia, sem tenção suas mãos esbarraram uma na outra, proveio atrapalhação, ela disfarçou baixando os olhos e coçando o pé sujo de terra, ele sentiu um abafamento na caixa do peito. Uma dona em casa faz falta, inda que casa ele não tivesse; podia corrigir: uma dona faz falta na vida dum homem —

e se essa falta até então não lhe fizera mossa, passou a incomodá-lo um tanto, como algo que não se sabe o que é mas pesa, não por haver mas por não haver, isto é, ao contrário.

Quando, adquirindo coragem, lhe perguntou se tencionava tomar estado algum dia, ela esteve pensativa obra de um minuto — ou pra mais, ou pra menos, quase isso. "Um dia" respondeu, e depois, "é certo, toda mulher se não casa 'maseia", e ele adquirindo coragem mais avultada, fungou o nariz: "E vosmecê tem algum apreço?", ao que ela quebrou de banda o pescoço, "qu'inda não" respondeu de imediato, para reconsiderar transcorrido um tempo, "possa ser… isso é coisa que nem sempre se pode declarar", e ele restou sem jeito. Coragem, adonde fora buscar acabava-se, mina dágua que seca, resseca: e se ela respondesse por uma negativa a seu pedido?

Foi quando largou a foice num toco subesconso no matagal, sentiu estremeção no braço, dor de mau jeito que varou o ombro. A foice lhe caiu das mãos, e a moça levantou a cabeça: "Machucou?" quis saber, "golpe assim sem esperar, num toco" ele recortou uma explicação sem graça. Encararam-se, e desataram numa risada, conjuntos: "Casa comigo" ele disse quase sem perceber, e ela, sem parar de rir: "Caso… eu caso sim, com vosmecê".

Costura do instante de impensada palavra: já no minuto seguinte se encaravam com surpresa, ele vermelhando a cara inté a raiz do cabelo, ela pra mo'disfarçar quase dando as costas e, enxada na mão, capinando a esmo. Surdosa a voz lá consigo mesma: "Às vezes se'scapa cada desatino!…", mas ele estava decidido, não fosse perder o momento, sabe-se lá se no dia seguinte teria coragem de buscar assunto outra vez? Inda sem considerar o caso d'ela nem retornar mode maior encabulação sobrevindo no casual pensar da noite!… Então se achegou mais ela e calhou uma macieza na fala: "Assucedia não ser desatino se vosmecê pudesse 'panhar querença mo'd'eu, que eu, cá de minha parte, indecisão nenhuma não tenho", e despois dum fôlego que no peito já lhe faltava o ar finalizou: "Nun'scapa desd'o primeiro dia de nós aqui, juntos, eu simpatizar com vossa pessoa", e então ela se virou para ele, aprumando o rosto, seus olhos de moça com uma claridade de boniteza qu'inda mais o encantou — que não era formosa mas tinha isso, essa luz, ou era o bem-querer que lha conferia. Não disse nada, tão só ficou assim espiando pra ele, inda segura no cabo da enxada, a testa porejando um suor que não seria da lida, as faces sujas do pó da terra, um princípio de sorriso: à espera por mais que ele tivesse a dizer, o antecipado sim.

Casaram-se daí a ano e meio.

"E faz é tempo" pensou, soerguendo-se agora, inda espiando os traçados no chão, o inventário de sua pobreza, o manuscrito de seu desassisado sonhar. Pois, sim: fazia tempo, um ror de anos!

O namoro transcorreu respeitoso, que o respeito também lhe adviera daquele que o instruíra na senda do reto proceder: se o pai, que tanto encarecera o possuído alheio como sagrado, dívida se pagando inté mesmo com sangue se

fosse preciso, sobre honra de moça donzela nada houvesse dito, apois, se ele então soía ser tão só menino que dessas coisas ainda não supria compreensão, agora lhe parecia que alheio mais sagrado não devia de existir — a casa dos outros, a família que com apreço o recebe, a moça que lhe diz de seu amor, sua íntegra pureza, de tudo isso devia ser ele o guardião conforme doutrina paterna. E se acordou que as regulares visitas seriam aos sábados de noite inté umas noves horas se tanto, ali na sala donde se arredar não era permitido, e nos domingos tão só de tarde inté em antes de escurecer, "que minha Leonor é moça direita, seu Lauro" recomendava o pai severoso, "não é por a gente ser desprovido de posses…", fazendo sala a mãe, uma dona magricela que se recolhia a um canto com seu cesto de costura na necessária providência de remendar a roupa velha, dos cantos espiando os pequenos, curiosos com a novidade do namoro em casa.

Seguiu-se um noivado breve, que noivado conforme os bons costumes deve ser período mais resumido: com custo dumas espremidas economias encomendou par de alianças dum rebrilhoso ouro que lhe pareceu um par de estrelas, e noivaram com a data do matrimônio estipulada para daí a quatro meses, na capela de Sertãozinho, pr'adonde se botaram em viagem de muitas horas ida-e-volta — quase um dia inteiro na estrada —, finalizando o dia com um almoço pros mais de casa, leitão assado e umas galinhas recheadas de farofa, a simpleza dos pratos mas o bom tempero, e de noite uma dança, em barraca de bambu coberta com folhas de bananeira o arrasta-pé ao planger da sanfona, ao ritmar do pandeiro.

Quando pela madrugada todos se foram e as lamparinas se apagaram, o negrume e o silêncio da noite enfim baixando, para os noivos o dia mágico terminara, ficara para trás no tempo, irrecuperável, e a vida de casados se abria à sua frente, recurva feito um ponto de interrogação.

Montou a cavalo mode voltar para casa. Conhecera a propriedade que fora conhecer, fizera suas contas, de entremeio lembrara do pai, de seus ensinos, inté cogitara uma dívida mode realizar sua tenção. Mas era certo que nada daquilo podia ter adequado andamento, quem lhe garantia que ao defrontar com a realidade poderia manter seu projeto? Afinal, quanto custaria um sítio feito aquele? Não, não era para suas posses, e desanimou: ele nunca seria dono de um sítio assim. O cavalo, com seu cavaleiro quas'que nem fazendo peso em seu lombo, lá se foi, largado, a passo… de volta?

Casados, ia matutando lembrançoso, assistiram de primeiro por lá mesmo, perto do sogro, ela na faina de casa, que ao Lauro não agradava sua Leonor no pesado da roça, "essa fica por minha conta, apois, o homem da casa sou eu" e arrematava no seu jeito de ser com carinhos na voz: "Que minha flor eu quero sempre de mãos delicadas". Despois, faltando recursos e com que ganhá-los, sobrevieram umas urgências, a carência de uma mudança de ares e lugares mode

minorar o prolongado aperreio, mais ainda que à família acresceu-se uma boca, criança que vinha — como vem, é natural, somar uma alegria, duplicar a sombrosa preocupação com o dia de amanhã; e Lauro, na carroça seus escassos haveres, em sacos no lombo dum burro uns trens a mais que na carroça não cabiam, mais a mulher carregando a cria já em seus três para quatro anos de vida, um cachorro magrelo de costelas à mostra encalçando no constante farejar; Lauro lá seguiu, estrada afora, rumo dum pouso alongado que lhe indicaram a léguas dali: "Pros lados de Sant'Antônio do Brejo" tempos atrás lhe haviam dito, "inda que bem em antes de lá chegar, sem receio de errada pois em casa que polo caminho s'encontre sempre se apanha informação, apois, pr'aqueles lados escutei falar que um certo siô Isidoro, dono de sítio grande, ou não sei, fazenda, carece de braço mode botar a terra nos eixos de produção". Lauro firmou tento na fala, inda o susto dum não saber o despois, não se afoitava: carecia confirmação para o caso. Fosse verdade, pra lá se mudava com a Leonor mais a pequenita, por nome Talita, homenagem à falecida sua avó, mas assim sem mais nem menos não ganhava estrada: primeiro ia ele, sabia, confirmado o informe voltava mode buscar a família. Bem pensando e melhor procedendo, Lauro se botou na reta de Sant'Antônio do Brejo, que reta é modo tão só de dizer: muito lhe assombrou a lonjura, o tortuoso caminho que subia morro e descia vertentes, varava vargedos e atravessava matas fechadas, perdia-se em brejos e se afundava em pantanos, mais de uma vez em pique de se perder, e despois de um vaguear de dias angariando polo sítio ou fazenda desse tal Isidoro foi-lhe indicado um lugar, adonde chegou e procurou s'instruir do dono. Atendeu-o um homem de meia idade, conservado e requeimado de sol, "hoje não labuto mais, seu Lauro" foi-lhe expondo no seu franco expor, "hoje, de posse dessas terras, que vastas não são mas boas parecem, eu só administro, mas muito já lidei, cavuquei a dureza do chão, ora se!… Mas, sim, inda careço de braço que por aqui, devido à lonjura, pouco aparece. É que aí por volta sempre tem uns sitiantes menores, mas cada qual no seu, falta quem labute de fato. Vosmecê antão é casado?… Apois, traz a família, de obrar abasta, e, não sendo esse o empecilho, manda-se suspender uma taipa, despois se combina melhor a paga, conforme o lidar e o render". Teria agradado a Lauro a oferta? Nem tanto aquele combinar pra despois, mas a premência da necessidade desfaz os desagrados, aceita qualquer canga o pescoço à semelhança de fino cordão, e Lauro possuía sua flor, inda que com os anos já um tanto se lhe desbotassem as pétalas, e mais caro, um botão, Talita, criancinha, sua toda ternura nela se depositava: que valeria sua vida sem ambas, mormente sem essa filha? Só nela, e em sua flor, pensava no por segunda vez varejar aquele delongado caminho no rumo de seu futuro — e tão só escutava por horas seguidas o fio de seus pensamentos: o chiar das rodas da carroça, os latidos do cachorro magrelo pr'algum bicho do mato, os rumores do serrado, não, não, tão só suas meditações seguia caminho afora escutando.

Porém demuda a toda conformidade das coisas no que se procura uma diversa orientação na vida? Mais explicado se pergunta: encontra-se o que se foi buscar quando não se encontrava onde se estava antes e justo por encontrá-lo se parte à sua procura? Será porventura uma pergunta de lerda compreensão, carecimento há mode um mais claro aclarar, antão s'indaga por fim, questão às outras similar porém direta e sem volteios: aquilo de que o Lauro mais sua Leonor com a pequetita tinham saído no encalço, a saber, uma melhoria de vida, umas mais folgadas condições, um mais certo amealhar de sobrança mode no mais futuro ter algum com-quê, isso, essas coisas o Lauro encontraria?

Pois que nas terras de Isidoro o Lauro se arranchou com os seus tão logo chegado, já encontrando teto, escasso teto seja dito, que não muita cobertura havia naquele socavão adonde o patrão mandara levantar umas paredes de pau-a-pique com coberta de sapê, a feitio de cozinha um cômodo estreito com uma boca de lenha num recanto, sala não havendo, porém outro cômodo de similares aperturas, e uma terceira porta dando para o maior aposento, quatro passos de comprido por três de largo adonde ajeitar-se pôde, com custo, a velha cama de casal que metade do espaço quase preencheu, numa sobra de chão espremendo o camiseiro estropiado em cujas gavetas mal-dobrados trapos, e a caminha menor da pequena restando mesmo nesse segundo cômodo enquanto não levantavam um outro, de urgência, "que há de carecer, Leonor, mode se guardar umas miudezas, ferramentas, essas coisas", assim duma folga requeria consentimento do homem mode essa necessária ampliação.

A ampliação se deu durante as folgas de domingo, iô Isidoro não se opunha desde que não interferisse na faina de roça e curral; deu-se porém mínima, um quartito mais a jeito mode os trastes, daí não passou — a vida tem seus muros.

A labuta era não só diária como no dia-a-dia prolongada, principiando em antes de o sol raiar e findando no que ele já se havia escondido; a paga pouca, quas'que nem sobrando prum pé-de-meia, economizar soía ser tão difícil que o ajuntar de um trocado miúdo àquele que se porfiava a duras penas guardar arrancava um suspiro — se de pesar por não gastá-lo, se de alegria por ver arribar o pouco-a-pouco, se de desespero por se dar conta de que assim nunca que de seu teriam nada: seu sonho um pedaço de chão com casa de adobe, janelas de boa madeira e chão assoalhado, cozinha vasta com fogão de lenha, forno e caldeira, essas grandezas que todo homem sonha para si e para os seus, "e o principal, Lôra, o casamento de nossa Talita", pois Lauro não deixava de sonhar o vestido de noiva da filha, o branco da pureza que iria entregar ao futuro genro ao pé do altar, sua filha, sua princesa.

Tais misérias e um sonho assim se coadunam?

Deu-se que os anos transitaram pola folhinha, e Talita vamos encontrá-la um princípio de moça, quatorze para quinze anos, uma tetéia de cabelos e olhos negros e umas bochechas coradas de menina sacudida, e vamos encontrá-la nesse salto do tempo a que nos demos licença justo em auxiliar a mãe no transporte de umas roupas em trouxa para a casa de siô Isidoro um dia de tarde —

que a Leonor lavava para a patroa, branquejava as finas roupas da sinhá, as camisas de sinhô, enquanto o Lauro na roça, no curral, na tiração de lenha, de seu lado mourejava.

Lá se foi a Leonor e a filha Talita levando as trouxas, na sala proseou um dedo com dona Zilda, senhora de reservas, duma certa altivez que porém, não empedernida, concedia às vezes um sorriso, um agrado, uma fala delicada de muito envaidecer a serviçal. Nem abriu as trouxas, confiava no capricho da Lôra, apenas lhe indagou do marido, se não lhes faltava nada, se careciam de uma qualquer coisa, sorriu-se leve para a menina e despediu-as com um breve movimento de cabeça. Leonor mais a filha atravessaram a varanda sem ver 'iô Isidoro, que se mantinha quieto em sua cadeira de balanço, sem s'embalançar: semelhava dormir. Disso contudo se guardava, de olhos entrecerrados tão só contemplava Talita que por ali havia passado, o liso das pernas claras — inda que o vestido lhe fosse pra baixo da curva do joelho — uma promessa de fremosura[7] a ser descoberta, e quando a menina já ia longe, por fora do alcance de suas vistas, ainda a contemplava com a força de seu fantasiar, no qual chegava inté a fazer descair-lhe dos ombros as alcinhas da combinação…

Então se dava qu'iô Isidoro, patrão, espichara um olho cobiçoso na direção da menina Talita, filha de colonos? Dava-se, e aqui se faz reserva mode explicação de quando e como principiou a história. Diga-se primeiro que Talita des'que fora 'panhando idade garrou de mostrar, sem deslustrosa intenção pois culpa não tinha (e nem desconfiança possuía), umas graças, umas belezuras que envaideciam pai e mãe, mas que iam acordar cobiça fora da porta de casa. Diga-se despois que siô Isidoro, casado há quase duas décadas com dona Zilda, senhora de prosápia porém de nenhuns atrativos, reconhecia em seu casamento de conveniência um desduvidoso fracasso, mas desses irremediáveis de que não se sai mesmo vivendo-se cem anos, pois embora fracasso persistia a conveniência: um homem de sua posição precisava de vida regrada, estabelecida, família constituída e sólidos laços — não era, afinal, dono de votos naquela região? inda que candidato não fosse em nenhum pleito, seus votos não tinham peso nas decisões? Por isso! Por isso manter-se a conveniência, por isso ainda conviver com aquela a quem como mulher já não amava nem queria, a não ser na qualidade duma irmã mais velha, uma ama quem sabe, algo assim… Hoje sua dona passeava pela casa a secura do ventre e as redondezas do corpo, quase assexuada recebia-o vez ou outra imóvel feito rocha, de olhos abertos, e se lhe dava prazer aquele homem sobre si, se lhe agradavam aqueles movimentos rápidos e aquele calor úmido que a invadia no final, não dava demonstração e esperava que ele se retirasse para ir ao tacho da despensa lavar-se. Fazia um ano que cada qual tinha seu quarto, e conquanto vez ou outra Isidoro ainda cumprisse com suas obrigações de marido, mais por desencargo de consciência do que por vontade (e de passagem seja dito, desencargo de consciência consigo

[7] Forma arcaica da palavra formosura (século XIII).

mesmo, pois estava certo de que se não a procurasse mais, nem assim iria ela buscar fora de seus sagrados lençóis o que nem entre eles lhe parecia despertar grande interesse), há muito seus desejos vinham se acendendo por umas e outras que acaso encontrava nas lonjuras dos roçados: a lambona de casa d'algum colono beberraz, ou uma qualquer que fizesse ponto em beira de estrada à disposição de tropeiros, mascates, moleques imberbes, inté patrões, desde que pagassem — fosse qual fosse que lhe cedesse seus favores, não s'importava: lá deixava seu dinheiro e seu gozo. Mas aquilo também não cansava? Essas mulheres não estavam todas gastas, murchas, feias? Adonde uma que atraísse deveras a vista em tal meio de mato?

Talita tinha treze anos quando sinhô derramou sobre ela pela primeira vez a vista babosa, e desde então não a tirava do pensamento: deitava-se com sua mulher, era em Talita que pensava; a cabocla lambona que ia encontrá-lo na mata, na hora agá convertia-se em Talita; e mesmo a da vida em seu catre de muitos adquiria os olhos negros, as bochechas coradas e o puro sorriso de Talita.

'Iô nos últimos tempos acostumara-se até mesmo ao prazer solitário, tarde da noite em seu quarto, ocasiões em que ficava tempos esquecidos acariciando-se e pensando… pensando… pensando em Talita.

Talita, ah!, Talita!…

"Pois se esse desgraçado do Lauro me concedesse a filha, eu lhe dava dinheiro, ora se lhe dava!… Inté um terreno, que é de sua vontade possuir conforme em prosa já declarou, dava-lhe um terreno bom adonde tivesse suas criações, como de resto já as tem por aqui, que eu permito… porém que, em sendo em propriedade dele, aumentava, expandia-se… Mas como! Como!…"

Sim, como? De que jeito alcançar sua mais desejada prenda?

Às vezes ocorria-lhe que ele era patrão, e um patrão não pede: ordena, e quem vive de mando obedece. Não estava ali o exemplo de coronel Tinoco, da Alameda? Pois coronel se agradara lá duma caboclinha, filha dum colono antigo em suas terras: agradou-se, mandou vir a cabritinha, "que me tragam a cabrita!" teria dito, segundo o que se apanhava de oitiva, e o pai da menina quis dar pra trás, que não!, calhou retrucar, aquela era para casar de branco na igreja com a benção do padre, e coronel Tinoco mandou que ele botasse preço; duro de cabeça, o cabra ainda mais recuou, "não tem preço, que filha minha não é mercadoria" mandou dizer, malcriado; e o que se deu de seguimento? Deu-se que coronel Tinoco tinha agido pelo certo, não queria agrado de graça, o preço que o outro botasse, não sendo descabido, ele pagava: lá uma sesmaria de terra ou duas, chegava a três mais umas cabeças de gado mode principiar criação, com pouco estava feito, porém embatucou, e o que sucedeu: apanhou uma tunda, foi posto pra fora das terras de coronel corrido a toque de caixa, pola cacunda a voz de trovoada de coronel no espicaçar "tá vendo, caboclo? Pro mó'duma unhazinha de pele vassuncê perdeu tudo" e nos calcanhares a filha desonrada, que coronel não fez por menos: punha fora o pai, a filha também não ficava,

mas não levava sua pureza. Não era exemplo? Apois! Cabia-lhe portanto fazer as vezes de patrão, trazer Talita mode trabalhar na casa grande; ou por outra, trazer não, dispor: mandava que viesse, feito coronel Tinoco, que fazia falta em casa uma miúda que acompanhasse a patroa, e ela viria, ora se não!, não seria uma ordem, afinal? Teria cabimento discutirem uma determinação sua? Pois mandava que a moleca viesse, e ela viria, e que a mulher estivesse quieta que ele, sendo homem, podia, por fim tapava-se a boca do Lauro mais a da Leonor com algum agrado: um terreno? Um recanto qualquer mais arredado, também alguns cobres, sim, e estava em suas posses, estava em suas mãos fazê-lo, dispô-lo! Então por que não…?

Isidoro suspirava.

Tinha lá jeito para isso? Escrúpulos não conhecia, calha que o lar alheio não gozava às suas vistas de severa complacência, tirar os tampos da Talita e fazê-la sua rapariga com o consentimento dos pais, que a trocassem por um pedaço de terra e algumas notas de banco, isso sim, mas violência? Trazer a menina sob embuste e despois forçá-la, fazer o Lauro calar-se sob ameaça ou a poder duma sova?… Sim, tudo isso era possível, mas não, não era de seu feitio.

"Que palerma eu sou, que grande palerma eu sou!…"

Já lá iam quase dois anos que com desejo espiara Talita pela primeira vez, nesses quase dois anos vira-a desenvolver-se mais, tornar-se maior, mais bonita, suas pernas engrossaram sob o vestido, seus peitos cresceram sob a blusa, e quando arrancava o pano de saco da cabeça, que rebrilhosa cascata negra descia por seus ombros, suas costas, indo quase inté as ancas!… Sim, tudo isso passara-se sob seus olhos, e ele continuara parado, imóvel, sem saber como lançar mão de tudo aquilo que, no entanto, ali estava… ao seu alcance? Quem sabe?

Nessas tardes lentas Isidoro suspirava, longamente suspirava…

O Lauro tinha pelo menos desconfiança das ardências do patrão?

Lauro seguia seu conviver: filha, tão só a Talita dona de suas generosas graças, que outros rebentos da Lôra não rebentaram, o que foi de providência como bem deduzido se deduz, pois se farta a labuta e escasso o rendimento só com aquela, com outros mais não se atinava como haveria de ser. E assim, ao cabo de doze anos nas terras de nhô, o Lauro, de seu, o que possuía?

A mão ainda úmida percorreu a aspereza do chão, querendo-o seu. Escutava ao longe o arvoredo redobrar-se à ventania que no entardecer sobrevinha. Adiante o cavalo cheirava o chão, mascava umas gramas, e o sol dava com sua triste luz vermelha nas paredes descascadas da casa meio derruída ali no alto, lugar de vista principal adonde noutros tempos (o Lauro fabricava de cabeça essas tranças) crianças traquinavam, chegando à janela uma dona mode um chamado, ou um ralhar, ou tão só ver, alpendre que teria sua rede na qual o sitiante tilintando esporas vinha um pouco repousar, em antes da hora da janta. E pensava: de seu, tinha alguma coisa?

De tudo mais suprindo desistência — proveitosa renúncia, considerou movendo a cabeça —, ele mais a mulher tinham inteirado alguma certa quantia, um dinheiro para mais urgente necessidade, afora aquilo que sempre é costume de terreiro, criação miúda de galinhas e outras aves, ceva de porco na engorda, cachaço mode reprodução, porca criadeira, inté mesmo umas cabecinhas de boi, que siô Isidoro não s'importava de ceder pasto aos colonos, em troca, está visto, de uma paga descontada na meação das colheitas, n'algum domingo de serviço extra quando ao invés podia dar-se ao descanso, essas cobranças, o que não melindrava o Lauro mode que este compreendia que seu seria o lucro.

Foi quando, mais abeirado à vila de Sant'Antônio do Brejo, botou-se à venda um terreno — esse adonde agora maginava — e se fez correr notícia. Não era vasta extensão de terra, porém bem situada e com boas águas, algum pasto, para meia centena de vacas suficiente, uma mata donde se podia tirar lenha de sobra, e áreas cultiváveis se não extensas, pelo menos férteis. Não era terra que despertasse a cobiça dum proprietário de renome feito coronel Tinoco, perto de cuja fazenda semelhava uma jeira escassa, um cercado de curral, e mesmo um sinhô Isidoro nenhuma importância daria a tal retalho de poeira — porém para o Lauro, que chão não havia que chamasse de seu, seria a fortuna, sua toda ambição, seu sonho: e pra lá se botou num domingo de tarde, envergado dum lado a modo dum reumatismo que não lhe permitisse retificar a direitura da espinha, nada não sendo que não o encabulamento de vigiar propriedade à venda que para si não seria, encabulamento porém de si para consigo mesmo pois encontrara deserto o lugar: lá chegou e ninguém havia para recebê-lo, mostrar-lhe as cercas, quem sabe os papéis, falar-lhe do preço e das condições de pagamento; o que pouca ou nenhuma diferença fazia, apois, podia ele dispor da quantia necessária para tal aquisição? Era homem de desempenar o espinhaço e dizer "eu compro"? Seu jeito era seu jeito, adernado, espiando com olhos compridos a terra alheia à espera de novo dono, remoendo seu íntimo desejo com um gosto amargo a travar-lhe o cuspe no chão da língua. E ali estava: boas pastagens, terra para plantio, mina dágua fresca que ele levou à boca para matar a sede, e essa casa velha com parte do telhado afundada pra dentro, mas cujas paredes ainda pareciam seguras…

Agora o cavalo chegava, em seu ruminativo ao-deus-dará, no caminho que conduzia de volta a casa, mas o Lauro desviou, subitamente decidido: embicou no rumo de Sant'Antônio do Brejo, a duas horas de média cavalgada, feito puxado por um azougue: se já estava ali, consigo mesmo dizia, inté em voz alta como se outro houvesse com quem prosear, qu'é que custava melhor s'inteirar do assunto? Saber o preço? Pois iria!, e coçou os vazios do cavalo com umas inexistentes esporas. O animal trotou um pouco, alcançou o ritmo, seguiu mais animado estrada afora.

E, já de noite, apeando no terreiro de casa entrou na cozinha com uma aparência diversa do costume. No caritó ardia uma lamparina a querosene, Talita sentada detrás da mesa jantava enquanto a mãe punha no fogo um caldeirão

com água mode esquentar pro banho. A filha percebeu no pai uma desconhecida alegria; a mulher, às tribulações afeita, deu com essa insinuação de sorriso no canto da boca, e o Lauro arriou o corpo no banco mantendo por algum tempo seu mistério.

Despois disse:

— Aquela terra qu'eu fui ver… — e suspendeu aí a fala, fixava a chama da luz no caritó, a parede enfumaçada, a boca meio aberta onde uns dentes faliam.

— Que terra, pai?

A voz de Talita tirou-o de sua momentânea abstração: volveu os olhos, a filha, toda sua candura, sua mais preciosa riqueza. Talita merecia aquele presente, um lugar para chamar de seu — já não por ele, nem tanto pela Leonor companheira, mas pela filha:

— Cá eu fiz uns cálc'los… somei umas contas…

— Que contas, homem? — a Lôra enfiando uma acha na boca do fogão.

— Eu vou comprar aquela terra.

Andava o Lauro bestando? A filha duvidava, a mulher estranhou o desvario do marido: tinham com que comprar o que fosse, inda mais terra? Mas o Lauro havia feito suas contas, calculara riscando o chão com a ponta dum graveto, e explicou: possuíam seus guardados, não possuíam?, penosamente reunidos naqueles anos de dureza; podiam se desfazer de suas cabecinhas de gado, vender os porcos, as galinhas, os patos, os marrecos, inté o cachorro se alguma valia tivesse, que não venderiam porque não valia qualquer pataca, e ainda que de tudo se desfazendo pouco se apurasse, somado ao que já tinham junto perfazia metade do valor do terreno.

— E o resto do dinheiro, homem? Deixe-se d'imaginações!

Mas a voz da filha tinha suas complacências:

— Pai, seria tão bom!… Mas ir buscar aonde o dinheiro que falta?

O Lauro sorriu-se ao suspirar fundo:

— Não andei por aí à toa, pessoal, não andei por aí à toa… — fez uma pausa; continuou: — Fui falar com sô Isidoro, requerer um empréstimo. Expliquei pr'o que era. Ficou de me dar uma resposta amanhã. Se ele me valer, eu compro esse terreno e a gente se muda pra lá inté o fim do mês… é só o tempo d'eu prover uns consertos na casa, e a gente vai…

Pois o Lauro, voltando de Sant'Antônio do Brejo, tinha ido direito procurar o patrão, em cuja sala recebido falou de seu projeto de tornar-se proprietário, ali estando àquela hora mode requerer tão só um adjutório, "apois, sô Isidoro, o senhor num vê que me falta uma certa quantia… antão… adonde que eu cá comigo pensei no senhor… que se me valesse eu de meu lado nunca que iria lhe faltar… e se não for suficiente o empenhar minha palavra pode-se passar papel em cartório…" e por aí foi, gaguejando, expondo suas razões, fazendo voltas e quase perdendo o tino no rumo das idéias.

Isidoro ofereceu uma dose de licor, escutou a solicitação do empregado, achou-lhe um tanto de atrevimento aparecer ali, na boca da noite, com aquela

conversa de pedir dinheiro emprestado; costume Isidoro não tinha de permitir aos serviçais tal liberdade; que se lembrasse nunca havia concedido empréstimo a quem quer que fosse, inda mais a gente da lida, povo inferior que decerto não tinha com que pagar.

Mas…

Ao ímpeto inicial de opor uma negativa, opôs antes uma segunda dose de licor mode melhor aclarar o julgamento. E por fim:

— Seu Lauro — disse —, não lhe digo que não, inté que acho muito justo vosso projeto de adquirir esse terreno… porém, de imediato também não lhe digo que sim… careço dum prazo… não perdurado, está visto… acho por bem pôr a Zilda a par… amanhã, está certo?, venha cá amanhã de manhã, que eu lhe digo…

E no que viu o Lauro pelas costas pôs-se a meditar, já com um sorriso a formar-se p'los cantos da boca.

O Lauro era um homem às direitas, trabalhador e sério como poucos, pois que de todos que por ali haviam passado alguns permaneciam, outros partiam, a maioria ele mesmo, Isidoro, despachava por não lhe agradarem os modos, a falta de direiteza, a pouca confiança que inspiravam. Por esse lado não cabia dúvida: se lhe emprestasse o dinheiro, que nem era muito, certo estava de que o Lauro lhe pagaria, inda que com alguma demora em vista de sua atual situação, inté o derradeiro vintém. Por outro lado, no entanto, um motivo outro sobejava para que não lhe negasse o empréstimo: Talita — e pensando nela, mesmo sendo de noite não lhe era difícil ver-lhe o corpo ondulante sob o vestido de chita, a cascateante cabeleira negra, a selvagem beleza adolescente, e quase lhe sentia o cheiro do corpo jovem, da carne virgem que compunha seus sonhos e faria sua loucura.

Precisava de uma noite para decidir-se?

Só não respondeu de imediato com uma afirmativa porque, afinal, era o patrão e o Lauro um desprovido, não ficava bem atender tão prontamente; proporcionava maior seriedade ao negócio aquela protelação, aquele prazo de uma noite mode calcular, falar à mulher, considerar a conveniência — valorizar o favor prestado, para que houvesse maior empenho na paga quando chegasse a hora, "e despois" disse consigo mesmo ao arriar a cabeça no travesseiro, "se tudo se der a jeito, nem faço questão de cobrar, deixo de presente pro pobre esse dinheiro" e assim pensando fechou os olhos, já em sonhos ao seu lado o corpo tórrido de Talita.

Assim foi que o Lauro, obtido o empréstimo com sinhô, cavucou por debaixo da cama adonde, em lata de gordura, alimpada, por forro um papel de embrulho, preservava sua poupança, o que naqueles mais de dez anos que não lhe pertenceram ajuntara com a pena de estômago e paladar, dum menos desvistoso trajar-se, numa palavra, duma carência geral.

Possuía o bastante.

Sua pequena riqueza enrolada num pedaço de saco e acomodada no bolso da calça, partiu no mesmo dia, em trote ligeiro, para Sant'Antônio do Brejo adonde em cartório, na presença do escrivão e das testemunhas, apôs no livro sua rústica assinatura, um rabisco prolongado que sem nenhum respeito à pauta se esparramou durante bons vagarosos minutos pela página, findos os quais recebeu da autoridade um papel, "a escritura da terra, Sr. Lauro", momento em que meio aturdido segurou o documento entre os dedos trêmulos e, com os olhos marejados, olhou para ele sem saber o que fazer; custou um tanto dar com a mão do vendedor estendida para ele num cumprimento, porém antes de aceitar aquela mão limpou a sua devido ao suor e ao encardimento, "então eu já posso…" principiou com a voz embargada, "sim, Sr. Lauro" disse o escrivão com cerimônia, "é que eu tencionava, num sabe… uma reforma na casa…", "apois, homem" exclamou o vendedor, expansivo, dando-lhe tampinhas no ombro, "pois proceda à reforma! A terra é sua, a casa é sua!", despois do que o Lauro saiu para o sol, ainda um custo desempenar o espinhaço na persistência daquela involuntária teimosia em permanecer adernado num sem-jeito crônico, empenamento imposto pela nunca-esperança. Porém agora não demudava tudo? Era dono da terra — o papel estava ali para prová-lo, recibo e escritura, e ele se sentia mais em si mesmo agora, já não um largado sem qualquer chão, mas um proprietário, inté de "Sr." fora tratado polo doutor escrivão.

Com licença de sinhô, gastou aquela semana e a seguinte na restauração da casa, e no mês entrante em carro de boi fez a mudança, as tralhas de qualquer jeito malarrumou — tudo despois p'lo melhor se compunha —, a Lôra azafamando dum para outro lado, Talita ajudando a mãe nos menos pesados quefazeres e o cachorro velho, de não valer pataca, compondo na rabeira da minúscula caravana seu trote esperto. Ao anoitecer fechou pela primeira vez a porta de uma casa que podia dizer sua e acendeu a lamparina. O fogo estalava no fogão, à mesa a filha ora picava umas verduras para o jantar, ora escolhia o arroz, enquanto a mulher lavava as vasilhas na gamela d'água. Mais tarde, no repousar a cabeça, sentiu pesar sobre si o silêncio do ermo, esse silêncio cheio de pequenos sons que aos poucos vão se diluindo e se convertendo num único e contínuo porém distante zunzunar: o cantar dos grilos, o marulho das águas do ribeiro, o arvoredo batido pelo vento…

Mas agora que possuía sua própria terra para amanhar, Lauro se viu na necessidade de despedir-se do patrão, e com esse fim foi procurá-lo um dia de tarde secundado por mulher e filha.

— …pois se por um lado agora eu tenho o que é meu — dizia a sinhô na varanda enquanto Lôra e Talita, a dois passos de distância, mantinham-se caladas, esperando —, por outro resta essa dívida com vossência, adonde que careço de trabalhar inté dobrado mode eu lhe poder pagar sem maior tardança.

— Ora, qual o quê, homem!, nada de afobação — exclamou siô Isidoro desviando os olhos para a Lôra — não é mesmo, dona Lôra? — porém espiando deveras mesmo para Talita, que naquele momento solene se preservava cabis-

baixa em respeito, as faces rosadas e os lábios na parecença de uma uvas muito doces.

A voz da Lôra saiu se-sumida:

— Não… carece…

— E Talita? — Isidoro tocava no nome que acendia labaredas em seu peito. — Se a garota quiser estar uns tempos aqui conosco, enquanto vocês melhor se ajeitam, não se acanhe…

— Apois — disse Lauro —, inda que lá ela faça falta mode ajudar a Lôra nos quefazeres… porém, cá a dona Zilda tendo precisão dela…

— Veremos, veremos — disse Isidoro, complacente —, direi à Zilda de seu oferecimento. Porém se acheguem inté cozinha para um café, tem uma broa que acabou de assar ind'agorinha.

Ao se despedirem, já noitinha, Isidoro apertou por último a mão de Talita, mãozinha delicada e duma maciez de cetim, aquele toque permanecendo em sua pele feito uma lembrança encantada, esquecido da presença roliça e fria de Zilda ao seu lado na varanda, a qual feito uma sombra se retirou sem que ele nem mesmo percebesse, extático ainda ante a vista da menina, que com ele permanecia.

Já o Lauro com a família, lua principiando a romper, botava-se no caminho de seu sítio. Adiente na carroça ia ele guiando; atrás a mulher e a filha, as pernas pendendo para fora, vez por outra diziam uma ou outra palavra, no mais das vezes estavam quietas — o silêncio tem seus significados, é preciso estar quieto para compreendê-los, inda que no já do entendimento muito claro não se figurem.

Lá se foram…

Isidoro, porém, tinha seus cálculos, artificiara um plano: segurar o Lauro por meio duma dívida e na hora certa fazer a cobrança na moeda de seu interesse. No quieto de sua varanda, alta noite, resumia consigo mesmo fundas e minuciadas ruminações — pois afinal ele próprio reconhecia: não era homem de cometimentos, seu feitio calmoso se pautava pela esquiva, p'los rodeamentos, a evasiva sutil, e aquilo já de súbito principiara por lhe parecer duma em si desconhecida ousadia. Teria cara para cobrar o Lauro num prazo mais ou menos e, no que este, como esperado, arrepiasse ("que no momento, iô Isidoro, inda não disponho" diria o campônio no que ele alegasse suas necessidades, "pois lá o sitiozinho vai indo, porém inda não produziu o suficiente"), antão lhe dizer "apois, seu Lauro, eu me vejo em aperturas e preciso da importância que lhe adiantei, e, se caso vosmecê não tiver como, temos de estudar outra forma de paga", isso com especial frieza mascarando as feições?

Tinha para si que fácil não seria, inda que gozasse duma superior posição em relação ao outro, que ele, Isidoro, era dono de terras, e se bem que fazendeiro do porte de coronel Tinoco não fosse, tinha seus colonos, uma quantidade de votos que faziam diferença nas eleições de Sant'Antônio do Brejo, possuía

aquela casa grande com uma ampla varanda adonde na cadeira de balanço escarrapachava as pernas feito homem de posição que era… Fácil não seria ("mas que grande palerma eu sou" ocorria-lhe, a contragosto, no mais fundo do pensamento), porém necessário mode alcançar sua prenda, e ainda que as dificuldades fossem maiores não seria agora a dar para trás: tinha para si, no que ia ruminando na penumbra da noite suas mazelentas dúvidas, que talvez o difícil fosse só o começo, o instante do primeiro golpe, assim feito um homem que nunca sangrou um semelhante — a primeira estocada é penosa de desferir-se, mas a segunda sai mais fácil, a terceira vem de seguimento natural à segunda e as outras antão já se tornaram costume… Sim, alegrava-se com tal alvitre, na sua lerdeza de ânimo tinha de padecer esse primeiro golpe, com alguma pena espetaria pela primeira vez o Lauro na cobrança subitânea de uma dívida que, no primeiro acerto, ele, Isidoro, havia dito sem pressa em cobrar; despois a coisa fluiria com facilidade, e na premência o Lauro nem perceberia de imediato a real intenção da sentença final: "No prejuízo eu não posso ficar, seu Lauro, adonde que antão vosmecê pode mandar cá a garota, a Talita, mode permanecer a serviço aqui", e a verdade de tal proposta, meio à vista, meio esconsa, não saltando logo aos olhos, tornaria fácil para ele pronunciá-la e para o Lauro aceitar, pois, seguia Isidoro cogitando, se em algum tempo o homem matutasse em suas verdadeiras intenções, tivesse lá qualquer desconfiança, decerto lembrava-se do sítio, o retalho de terra que a vida toda ambicionara adquirir, e a cautela por si mesma lhe fechava os olhos: arriscar o sítio agora que era dono dele? Antes fosse a menina, consigo diria, ainda que pouco satisfeito e um tanto duvidoso cogitando — mode desfazer uma ponta de consciência — que dona Zilda carecia mesmo duma pessoa nova que lhe ajudasse na lida de casa, e siô Isidoro, homem de respeito, zelaria por ela como filha… No fim dessas matutações Isidoro sorriu, um tanto aliviado, já entrevendo a figura formosa e tímida de Talita diante de si, à beira da cama e em roupas de baixo, das quais ele se incumbiria de desprovê-la…

Do que em sucedimento procedeu e de seguida se relata, adquiriu sabença um tal Varistim', por nome Evaristo Alcântara, inda que também conhecido como Varisto da Deusa, por ter sido marido — agora porém viúvo, despois de uma vivência de seus trinta anos ou mais — duma dona mais antiga de Sant'Antônio do Brejo por nome Deusa, assim tendo-lhe cabido a alcunha devido a que, ao se amasiarem — inté despois assinando mais ela o livro do cartório mode um preferido acerto entre os dois — nada possuía, mais não sendo nessa época que um largado p'las ruas cuja sina seria finar-se na bebedeira, mas com adjutório da mulher não só alterando o rumo da vida como tornando-se dono de uma pequena propriedade que ela, por sozinha no mundo e sem filhos nem outros parentes que herdassem, vindo a faltar deixaria sem dono, e recebendo essa prenda que lhe coube administrar, adonde abicasse tratava — muito sorridoso e com seu dente de ouro — de tocar no nome da

esposa elogiando suas qualidades de dona de casa, quituteira de escol, por demais asseada e de respeito exemplar com seu buço sombreando por riba do beiço, e era Deusa isso e Deusa aquilo, e Deusa pra cá e Deusa pra lá, inté que alguém no chiste comentou: "Pro Varisto é Deus no céu e Deusa na Terra", adonde que a alcunha agarrou feito um visgo, ficou: Varisto da Deusa — vizinho do Lauro, pois o sítio de ambos fronteiravam, e assim natural que pegassem logo uma boa camaradagem, no que discutiam as lavouras, trocavam opiniões e mão-de-obra, afora o que sempre sobrava um tempo para mais íntimos proseares. Nestes foi que o Lauro referiu ao novo companheiro suas mínimas ambições, seus sonhos pequenos, miudezas dum pobre que, porém, a elas dá o sumo valor. Ter-lhe-ia falado o Lauro daquele anseio que por fim lhe sobejara, por muitos anos o desejo de possuir um cantinho, Varisto escutando e balangando a cabeça num assentimento de compreensão, apois, ele também não sabia da importância que era para um homem ter algo de seu?, disse, e confessou que se não fosse a falecida, em antes desfiando uma vez mais o panegírico da Deusa morta, ele ali não teria o sítio, as vaquinhas, as roças, "que tudo ela me deixou, sim senhor, que santa mulher, seu Lauro, que santa!". Decerto o Lauro não olvidou também um relato mais minuciado de sua infância, da figura de seu pai e das lições que dele recebera, e por aí seguindo de como conhecera a esposa e viera ter naquele lugar, o tempo a serviço de siô Isidoro, e, supino a tudo isso, a filha, o seu maior sonho: entregá-la de branco, o branco da virgindade, aos pés do altar de Nosso Senhor Jesus Cristo a um moço que a honrasse como esposa!

E o Lauro se abismava nessa cisma…

— E à vossa menina já sucede apreço pr'algum moço? — a bem posta pergunta do Varistim, à que o Lauro ciscou-se um tanto de responder logo, apois, carecia falar tão já duma por enquanto incerteza? Que prolongavam uns dias, semanas corridas, poucas mas já semanas, que ali viviam em seu novo lar, e satisfeito transitara proprietário por Sant'Antônio do Brejo na companhia da esposa mais a filha, esta no gracioso de sua juventude inté chamando a si uns olhares, lá alguns comentários despertando, "a filha de sô Lauro", "moça jeitosa, hein?", "uma flor!"… Pois se comentários houve, e certo é ter havido, calharam também suspiros, os de lá com os de cá se acertando num compasso, um tímido voltar-se de cabeça pra mode um delicado e promesseiro sorrir, um quieto entendimento. Tudo, porém, muito d'agora, inda não se podia ter do futuro uma firmada certeza: de seguro mesmo é que o moço rodeou, Talita nem se fazendo de dada nem tampouco de indiferente. Comportava-se. Dumas novas viagens a Sant'Antônio do Brejo deu-se que o moço, cauteloso no se achegar, inquiriu da menina em instante de distração intencional da Lôra o nome; Talita respondeu baixando os olhos e sentindo nas faces e no peito um fogaréu, mal apurando de ouvido o dele, que baixo foi pronunciado — se de receio de ser escutado pela dona mais adiante vigiando peças de pano num armarinho, se da opressão que lhe sufocava o peito, um dos dois ou os dois —, mas que ela carregou no seu conchego com carinhoso lembrar-se: José.

Assim principiara o namoro entre a menina do Lauro e o moço de Sant'Antônio do Brejo, que despois se soube empregado no comércio dali, laborava em armazém de secos e molhados de bom sortimento, o mais destacado do arraial: José, o principal caixeiro. Que o Lauro não obstaria o namoro, moça é pra isso mesmo, namorar, desde que no preceituado respeito, casar quando for hora, mas se requeria do rapaz um bom proceder — e disso os pais ciosos buscaram informações, obtiveram-nas boas, e o receberam bem em sua primeira visita à namorada, assando galinha gorda pra janta. "Ela se agradou dum rapaz do arraial" o Lauro enfim achou por bem esclarecer, mode a negaça depositar suspeição de desdouro — inda que ali tão somente ele, o pai, e o Varisto, amigo da casa. E retomando, sonhoso, o fio de sua prosa pela inquirição do outro interrompida: "Uma coisa eu lhe digo, seu Varistim, alegria maior prum pai não há que ver a filha, mormente como no meu caso, filha única, entrar de branco na igreja, pura aos olhos de Deus e dos homens, para os braços dum moço que vai cuidar dela com amor e carinho pola vid'afora".

Acaso o Varisto não compreendia tão grandioso sonho? Pois compreendia, sendo por isso e não diverso motivo o conselho que, no mais lancinante dos dias que afligiram o Lauro, pronunciou: procurar um homem que assiste pras brandas do Sertão da Vaca, numa grota, e referir-lhe o causo, "é homem, seu Lauro, polo que se diz, pra qualquer acerto, inda que já seja idoso…"

E se a gente calha dagora transitar, nessas horas noturnas, por um certo caminho no Sertão da Vaca, um caminho que de contorno a um morro por dentro dum matagal principia a descer no sentido duma mais escura grota, o vulto que se avista indo adiante com passos decididos alumiando à frente com um farol de gomo de bambu é dele, do Lauro, que seguiu o conselho do vizinho e lá foi à procura desse tal homem…

Porém melhor sucede não nos adiantarmos em excesso, pois calha que por riba duns assuntos se atravessa não se colhendo o sentido do relato. Diga-se que em antes, uns dias ou mais, que exatificando deve-se dizer uns meses, fossem uns quatro ou cinco, porém menos da metade dum ano, sobreveio aquele recado de nhô Isidoro para que ele, Lauro, lá o atendesse num requerimento de urgência. Recebendo o recado, de pronto o atendeu, que a seu ver muita desconsideração seria com quem tanto lhe valera tardar inda que fosse apenas um dia.

Dentro de casa, sabedor da presença do Lauro na varanda em atendimento a seu chamado, Isidoro dobrava e desdobrava as mangas da camisa, em hesitação compunha e descompunha o paletó, ajeitava a correntinha de ouro do relógio, um nó a apertar-lhe o pescoço que não era o da gravata pois não tinha por costume o uso da gravata estando em casa, e aquele pensamento incômodo, aquela voz que seria sua não lhe falasse como a um estranho, mas que no fim das contas era mesmo sua: "Um palerma que vosmecê é, Isidoro, com esse receio de se impor a um pífio arigó".

Inté que saiu para a varanda mal espiando na direção do Lauro, que escorado no parapeito esperava, e foi sentar-se na sua cadeira, escarranchando as pernas.

— Seu Lauro, mandei chamá-lo…

— Apois, siô Isidoro, lá recebi o recado de vossência, isso hoje pela manhã, e o menos que pude tardei… cá estou.

Isidoro franziu as feições espiando o chão da varanda, fez um bico como se concentrando no que iria dizer, pôs-se sério e sem espiar na cara do outro largou:

— Pois bem, seu Lauro, não vê vosmecê que ando por cá nuns apertos e careço sem mais demora daquela quantia que por empréstimo lhe ajeitei há tempos…

Fez uma pausa, indeciso entre vigiar direto o assombro do Lauro e prosseguir no mesmo tom, sem encará-lo. Escolheu continuar olhando para o chão de tábuas da varanda:

— …e certo de que vosmecê, sendo homem direito como sempre comprovou ser durante o tempo que esteve a meu serviço, conto que possamos sem mais demora quitar esse negócio duma vez por todas.

Só então levantou a cabeça, cravou as vistas no outro enquanto por dentro sentia o peso duma tora de lenha. Mas se susteve: Lauro parecia não entender bem, fez cara de dúvida, principiou um sorriso incerto que desvingou, murchou, e no momento seguinte um calor esbraseou-lhe as faces: tinha escutado direito?

Isidoro acertara em suas cogitações, pois dada a primeira estocada a seguinte saía com mais facilidade e justeza, e sem baixar as vistas diante da demora do outro em responder:

— Antão, seu Lauro, não me diz nada? Vai ver que algum gato-do-mato lá das matas de seu sítio lhe papou a língua…

— Não, sô Isidoro — o outro gaguejou —, não… é que… não acertava direito com vossa fala… vossência está me cobrando, assim de supetão, aquele dinheiro…?

— Ué, e não foi isso que eu claramente lhe disse? Há alguma razão para dúvida?… Sim, de novo lhe explico: me vejo num embaraço, o qual não vem ao caso relatar, porém, estando desprevenido, careço de que o senhor acerte comigo… é claro que não assim do pé pra mão, concedo-lhe um prazo… vejamos… sendo hoje quarta-feira, pode ser no sábado: sábado vosmecê cá retorna e me traz o dinheiro, a gente quita a dívida, eu lhe dou um recibo e tudo se acerta.

— Mas, siô Isidoro… inda que eu não negue a dívida, que não nego nem poderia, apois, se como lhe disse isso foi lição de falecido meu pai, "dívida é coisa sagrada" ele dizia, "sela-se com o fio da barba, paga-se com o sangue"… mas assim, dum supetão, eu não disponho com quê…

— Ora essa, seu Lauro, ora essa, antão vosmecê não é homem de atividade? E seguindo, conforme diz, pola cartilha de falecido vosso pai, é também pessoa de crédito…

— Ocorre, sô Isidoro, que… calha que não seja má vontade, conforme vossência sabe da minha pessoa… e por outra não vê que… pois nesse ponto não digo que não, a terra é especial, mas… plantei por lá umas rocinhas, porém ainda estão no começo, venda nenhuma inda não fiz não senhor… sendo vero… que perante vossa pessoa não minto, mais ainda por obra de que enganação não é de meu costume… adonde que vossência, assim no repente, me acha desprevenido…

E Isidoro, como se essa última parte das gaguejações do Lauro não tivesse entendido ou escutado:

— Pois sim, seu Lauro, porém não lhe estou dando um prazo? — e pondo-se de pé, mais altivo e decidido, os golpes agora fluindo de seu rebenque com a facilidade com que engole um guisado de quiabos: — Agora se vosmecê me dá licença, tenho ocupações, umas ordens a dar que esse povo da lida é uma cambada — e fez que ia se retirar, em antes no entanto acrescentado a título de lembrança: — Sábado, seu Lauro, sábado por essas mesmas horas eu o espero aqui!

E Isidoro, dentro de casa e outra vez sozinho, respirou fundo como a largar no chão um peso superior às suas forças que nos ombros transportasse. Esfregou os olhos: estava feito. Por um instante quase havia capitulado, "decididamente não sou talhado para esses enfrentamentos" bufou com exasperação enquanto ia espiar detrás da cortina da janela o ex-colono que já ia distante, "decididamente… mas agora que começou, a coisa vai…" e julgou entrever na penumbra da sala, visagem?, desvairamento?, Talita, só de combinação, uma das alcinhas resvalando do ombro, caminhando ao seu encontro…

Doutra parte, aquilate-se o assombramento do Lauro, a remoinhada em sua cabeça no que trajetava de regresso, diante daquela intempestiva cobrança duma dívida que, conforme o primeiro acerto entre credor e devedor, o combinado fora em textuais palavras "pague quando puder, seu Lauro, que é importância somenos e da qual não tenho precisão" e "sendo por essa condição, pois vou ter umas *dificulidades* no começo, vossência não desconhece, enquanto não principio algum lucro", selado o acordo aquela manhã na sala principal da casa com um aperto de mão e uma bagaceira capitosa em copinhos de louça…

A Lôra, posta a par da novidade — em conversa particular de modo a não produzir preocupações na cabecinha ainda tão jovem da filha —, esteve-se, apalermou-se um tanto diante daquilo, dum impulso quase escapole um "eu sabia!", porém reteve-se, que por ocasião do ainda projeto do marido seu coração se dividira: pois também ambicionava uma terrinha qu'embora pouca fosse sua, mas ao mesmo tempo tinha medo de negócio com um homem da posição d'iô Isidoro, inté ali um patrão não de todo pior (a seu favor o ter sido sempre

correto com os colonos, inda que por demais exigente no serviço), "mas é povo diverso de nós, Lauro" esteve por dizer, que não disse, preferindo calar qualquer temor — e não só porque com aquele negócio se realizasse um delongado sonho, mas também para não desengraçar seu pobre Lauro, naquele dia alegre e lampeiro feito um garoto moleque.

— E agora, Lauro? — só o que disse, no que o marido terminou seu relato.

Lauro encarou a mulher, despois baixou os olhos, dando de ombros.

— O Varisto não calha ter essa importância mode um empréstimo? — a Lôra adiantou em lembrança.

— O Varisto?… — fez um gesto de indecisão com as mãos, e disse: — Tirar a roupa dum santo mode vestir outro?

— Porém o Varisto é gente que nem nós… há de conceder um prazo mais dilatado…

— Inté pode ser… porém… o Varisto também não é de posses, coitado…

— E um empréstimo no banco? — outro alvitre da Lôra, no qual nem mesmo ela punha fé. Falara por falar, dinheiro de banco — sabia — seria dinheiro dificultoso: com os juros que sobrevêm e o encarecimento da dívida, o risco era de tudo ir-se por água abaixo…

Lauro sorriu com desânimo. E pelo desânimo se pautou esperando, sem saber ao certo como, o sábado mode estar outra vez com 'iô Isidoro — inda que para lá se batesse de mãos vazias.

Isidoro andou daqui pr'ali, dali pr'acolá na varanda, o tacão de sua bota batendo tambor no assoalho e ressoando no por-dentro do Lauro, cabisbaixo enquanto esperava, de pé mesmo, que não lhe fora oferecido assento. As mãos para trás, o peito num só empino, Isidoro estacou, descaiu a cabeça meio prum lado, meio pra trás, semi-cerrando os olhos.

— Eu não contava com tal procedimento de vossa parte, seu Lauro.

— Mas patrão… eu ind'aquele dia expliquei a vossência, por miúdo, minha situação…

— Vosso procedimento me desaponta, tanto mais que o compromisso que assumi contando com vossa paga vejo-me na urgência de adiar, o que pra mim representa um atraso pro meu nome…

— Eu calculo, sô Isidoro…

— Não calcula, não, seu Lauro, não calcula não! Quem é Vossa Mercê que calcule a situação de uma pessoa como eu?

— M'adesculpe, ioiô, por mal não disse… conheço minha posição, vossência, se vê, é um graúdo, senhor de alta prosápia, enquanto que eu… — e ainda mais o Lauro minguou, resumiu-se o que pôde.

— Paciência! — exclamou o outro. E como se de última hora lhe ocorresse: — Alvitro, porém, uma solução para o caso, e encareço, mode vosmecê não se encontrar em posição duma recusa…

— Apois fale, siô Isidoro, se estiver ao meu alcance…

— Está, está sim. Veja o senhor que minha dona anda achacada das cadeiras, um comum reumatismo… Precisa duma pessoa mais de confiança mode auxílio mais próximo, vosmecê compreende… Ind'outro dia esteve me dizendo: "Isidoro, não me tenho nas pernas certas horas, como é que vou dar conta de pôr o serviço em ordem?"… Adonde que eu pensei: a Zilda precisa duma pessoa que possa zelar pela casa em ela não podendo. Não é para o pesado não, mas tão só para auxiliá-la na administração dos da lida… Não sei se está me entendendo, seu Lauro…

Lauro fez que sim, os olhos grandes e a indecisão riscada na face, inda que pouco daquele arrazoado lhe entrasse o bestunto. Que tinham a ver as lides domésticas da dona Zilda com a questão da dívida?

— Bom, então alvitrei que vosmecê pode me emprestar a Talita…

— Minha filha? — a voz do Lauro um fio, quase de nem se escutar.

— …sim, sua filha Talita, mode estar mais a Zilda. Com pouco aprende a zelar pela casa, e do que se combinasse como salário eu ia descontando inté fechar a paga do que vosmecê me deve. — fez uma pausa, e arrematou: — Veja que é um acerto que não me favorece muito, visto que não terei em espécie a quantia que me é devida, mas pelo menos não tenho de pagar uma criada… Já é uma economia que faço!

Lauro baixou a cabeça. Voltou a encarar o outro. Desviou os olhos prum lado. Das mãos não sabia o que fazer.

— Eu, me opor, não me oponho — disse por fim —, careço de consultar a Lôra, o senhor sabe, a mãe também tem um mando…

— Pois consulte sua mulher, Lauro, mas a título só de pô-la a par… ela não vai obstar, estou certo.

— Não, sô Isidoro, é só mode dar uma satisfação pra coitada…

— Pois vá lá, seu Lauro, vá lá, e me volte aqui, vejamos, hoje é sábado… me volte aqui despois d'amanhã, segunda-feira… e aproveitando já traz a garota…

Adonde que a Lôra, sisuda no escutar a novidade trazida pelo marido, qual seja, a de que na dificuldade em acertar a dívida com siô Isidoro, este compôs pelo mais simples, "a Talita mode lidar na casa em adjutório a dona Zilda, e do que lhe devo desconta o ordenado"; a Lôra, pois, sisuda se manteve, inda por um pedaço encarando o esposo e depois se arribando do tamborete e dando uns passos pra lá e pra cá, ruminativa. O Lauro vigiava a mulher, outra saída não havia e só lha comunicava a modo duma satisfação.

Porém a Lôra: no andar dum lado pro outro num ensimesmamento, no franzir as feições, no estacar súbito, encarando pra ele — discordava? "O homem quer nossa filha pr'ele" disse. Lauro: acertava com aquela idéia da mulher? Franziu o nariz:

— Mode criar nossa filha como se fosse dele?… Tirar ela de nós?… Apois, Lôra… d'adonde vosmecê colheu uma similar ideação, mulher?!

— Mas que criar, Lauro!… Homem! Então vosmecê logo não vê?… — e baixando a voz: — Não vê que sô Isidor'está d'intenção mode fazer da Talita moça manceba dele?… Abusar de nossa menina, Lauro, abusar dela!…

Já havia escurecido, quanto tempo já era noite e o Lauro não arredava daquele canto de mato: 'panhara por aquele lugarzinho recolhido um costume — quando carecia dum repouso, um sossego da diária lida, era para lá que s'encaminhava, no chão fresco polo mato baixo se deitava a espiar o céu, em derredor as árv'res altas, no todo em volta, e a um ror de passos mais pr'adiente o ribeirão passando quieto, afora o marulhar nas pedras… Porém então para lá não se retirara mode um sossego mas uma perturbação no juízo, uma gastura na boca do estâm'go, um sofrimento que soía doer, se por dentro, se por fora, nem atinava, mas um sofrimento assim mesmo…

E evinha a lembrança das palavras da mulher: "Sô Isidor'está d'intenção mode fazer da Talita moça manceba dele".

Seria? De primeiro duvidou, inté se riu, meio apalermado não se levantou logo do banco mas restou, parado, encarando a mulher: inda que descrendo, o que tocava o nome da filha o abalava, e a idéia se aprofundou em sua carne feito uma ponta de punhal, e se por ora ainda calhava uns duvidares — "Qual! Então sô Isidoro sempre não foi homem respeitador?" —, o temor de ver Talita na casa de seu ex-senhor correndo o risco de sofrer um abuso fez-lhe estremecer.

— E sô Isidoro de primeiro não lhe disse que carecia do dinheiro mode um aperto de repente?… Apois, como é que agora lhe basta a presença da nossa Talita na casa lá dele?

Essa fala da Lôra esclareceu o entendimento do Lauro, que pensou no moço José, tão respeitador, intencionando sério compromissar-se, e calculou: tal história chegando ao conhecimento dele, não se bulia na honra da menina? O que pensaria o rapaz de sua filha, sabendo-a cobiçada por um sinhô? Não lhe entraria a suspeita de que, além duma simples cobiça, haveria um consentimento de parte da moleca, quem sabe uma oferecida para que um rico se achegasse de se-engraçamentos pro lado ela?

Escutou o silenciar maior da escuridão.

"Que hora deve ser agora?"

Tarde, muito tarde. Alvitrava expor ao Varistim no dia seguinte o entendimento de Lôra, tirar uma idéia mais ele, saber a opinião do vizinho: um de fora, dizia consigo, talvez pudesse melhor aquilatar a situação, opinar com mais acerto.

E quando escutou no dia seguinte o Varistim confirmar a opinião da mulher, "apois, meu amigo, antão não vê?" havia dito o homem, "por cá sempre sucede e me admira que vosmecê nunca tenha ponhado tento nessas coisas…", "é que eu sempre andei muito mais pra dentro de casa e pra roça, seu Varisto", "mas sempre se deve prestar atenção nesse mundo de Nosso Senhor, seu Lauro, sucede muita gente mal'itencionada…" e balançando a cabeça, "por obra da

carência, uma sobrinha minha 'masiou com um cabra assim feito sô Isidoro… o tal se agradou dela, porém foi só o desfrute… a pobre acabou na rua… por uns tempos fez a vida em Sant'Antônio do Brejo. Despois… despois caiu no mundo, se sumiu… pr'adonde, só Deus sabe…"; e quando o Lauro imaginou sua Talita fazendo a vida em Sant'Antônio do Brejo, largada mundo afora por força da desonra…

— Eu preciso pagar a dívida que tenho com ele, sô Varisto, e pago, nem que seja com meu sangue… mas ponhar as mãos em minha filha o severgonho não põe!

— S'eu tivesse com que valer o amigo, vosmecê sabe… porém, ando escasso… o que a Deusa, que no céu esteja, me deixou, foi só essa terrinha, as rocinhas que vou plantando… dinheiros nenhuns…

— Carece não, Varisto amigo, carece não… inda tenho dois braços mode cavucar do chão com que pagar aquele ordinário.

E o Lauro, por intermédio dum moleque, na segunda-feira mandou recado a siô Isidoro: que a comparência da Talita não calhava possível, de casa não saía por desconsentimento da mulher e desvontade dela própria, compromissada como está com um rapaz de Sant'Antônio do Brejo.

Despois: o que se passou? Mode que atordoamentos o Lauro, com ele nós por acompanharmos sua história, botou-se nesse caminho pro Sertão da Vaca a tal hora da noite, e neste ponto detém os passos vigiando de longe no lugar mais ou menos indicado polo Varistim uma janela aberta adonde rebrilha uma luz de lamparina? Pois nesse dia em que o Lauro escutou aquele aconselhamento do Varisto, que outra providência não alvitrava perante o embaraço desespero do vizinho, nesse dia o Lauro se chegou inté mais ele com uma tremura no corpo, o chapéu maçagado nas mãos e um suor frio porejando polo rosto de mistura mais a água que lhe escorria dos olhos, e suplicou "me auxilia, Varisto, me auxilia com uma luz, uma noção do que fazer", e então o Varisto disse aquilo, deu aquele conselho, com outro não acertava; o Lauro espiou na cara do vizinho, no começo inté duvidativo, porém de seguida se sorriu, sim!, no pordentro exclamou sorrisoso, outro proceder não cabia, "que cobra peçonhenta se quebra a espinha e se pisa a cabeça inté'sbagaçar tudo" — consigo ia murmurando, reforçava-se nesse pensar, e agora defronte a luz amarela que desenhava uma janela no escuro era ainda esse murmurar que lhe movia os lábios.

Que sucedimentos foram esses? Que lhe aconselhara o Varisto? Já se escutam aquelas palavras ali, na beira do rio, o silêncio só — mais aquelas palavras;porém em antes carece conhecer por que sucessos tão se desesperou o Lauro.

Pois siô Isidoro não se acalmou perante a discórdia do antigo colono: então o desinfeliz negaceava, produzia desculpas mode não encaminhar Talita para sua casa!, e consigo mesmo resmungava seu desabafo de raiva, pois fora dar naquilo valer um sem-eira-nem-beira feito aquele, que agora numa precisão não lhe podia pagar o devido e nem concordava que a filha ocupasse um cargo ali para

descontar dos vencimentos dela, "quando careceu, eu fui um igual, ali, ajudei, mas no que eu preciso é assim!..." — e calha que Isidoro inté passara por acreditar nesses resmungos. "A mulher não deixa e a moleca não quer!" bufava sua raiva pra lá e pra cá em seu gabinete, "adonde já se viu mulher não deixar e a pirralha não querer!"

— E por quê? Por quê? — esbravejou, a ponto de dona Zilda, alarmada, adentrar o gabinetezinho do marido:

— Que gritos são esses, Isidoro? Até me assustou...

— Saia, Zilda! — exclamou o outro pondo-se escarlate. — Saia já!

Outra vez sozinho, a voz mais baixa mas não menos furioso:

— Por quê? Porque a desavergonhada da moleca já'stá de seachegamento pruma perna de calça! Já tem macho cheirando a catinga da cadela no vício!

E naquela tarde procurou pelo Lauro, por companhia um de sua mão-de-obra, não jagunço, que siô Isidoro não se pautava por andar na companhia desses de aluguel, homens de má conduta a quem ele nunca recorria e cujo proceder reprovava, "inda que em certas ocasiões sejam de valia" acabava a contragosto admitindo e mais uma vez reconhecendo "que paspalho eu sou, que grande paspalho!", pois se tivesse jeito pr'aquilo, não seria a solução? Mandava um jagunço dar fim no outro, e despois a Talita estava em suas mãos — mas isso... mas isso... Porém assustar o Lauro com aquela inesperada visita, ah, isso sim, e o de sua mão-de-obra, sendo recente a seu serviço e pelo que desconhecido do ex-colono, valia-lhe por assumir o feitio dum daqueles de aluguel que ele não acoitava — mas do que o Lauro não tinha ciência. Desacatou o pobre em seu terreiro, esbravejou, concedeu um prazo estreito mode o suprimento da dívida "do contrário vosmecê vai ser chamado no distrito, ainda acaba conhecendo cadeia, homem, ainda acaba conhecendo cadeia".

Pôde o Lauro cumprir aquele novo prazo? Foi colhido de surpresa com outra visita de siô Isidoro, na retaguarda quatro milicianos comandados por um sub-delegado. "Vosmecê é o Lauro?" o sub-delegado inquiriu, adiantando-se. De pé no meio do terreiro, Lauro descobriu-se mode falar com a autoridade. "'Nhor sim, mode servir a vossência", "pois antão nos acompanhe", "acompanhar...?", "inté o distrito, homem, e sem se esquecer que quem pergunta aqui sou eu", "mas um instante só, que eu vou arriar o animal", "não carece" Isidoro interveio, "o doutor delegado não pode esperar, vosmecê vai a pé mesmo, não é, doutor?" e procurou apoio na autoridade, que moveu a cabeça numa aquiescência calma, "porém, a distância..." sumia-se a fala do Lauro, "arriba, homem!" estrondejou Isidoro sem paciência, "adiante que aqui não s'está à sua disposição" e lá se foram, os cinco cavaleiros atrás, o Lauro adiante, a pé — preso? Se não, pelo menos moído por dentro da humilhação que passava.

Tarde da noite botou os pés outra vez no terreiro de casa.

A Lôra, que da jinela vigiava, acudiu no avistar o vulto do marido que evinha na trilha, Talita aos prantos correu pra fora.

E o Lauro chegou, susteve-se de pé no meio do terreiro, a feição da miséria à luz dum farol de bambu que enquanto isso a mulher acendia no frontão da porta: a vermelhidão das faces e os olhos cheios dágua, a roupa descomposta, um pé sangrando dum corte em caco de vidro no escuro caminho, os ombros descaídos, "aturei ofensas, Lôra, inté na cara me deram" e abriu os braços num desalento, num pranto quieto, formado dum só balbuciar, um tremer de lábios e lágrimas quietas que corriam.

Já dentro de casa, sentado num tamborete, os pés numa bacia de água quente, o Lauro re-dizia, "escutei ofensas, Lôra, um miliciano inté me deu na cara quando eu respondi que pra pagar siô Isidoro só se eu arrancasse o couro do corpo", os olhos de novo s'encheram d'água. Lauro esfregou o rosto com as mãos, "achou desaforosa minha fala… porém eu nem sabia direito o que falar".

— Mas por que fizeram isso com o senhor, meu pai?

Então o Lauro se deu conta de que até então haviam escondido da filha os motivos de suas últimas aflições. Olhou a mulher, que baixou a cabeça numa sutil negativa: mesmo então, na sua ausência, a Lôra nada havia dito a Talita. Lauro titubeava olhando ora uma, ora outra, por fim baixando também ele os olhos para os pés esfolados.

— Siô Isidoro, filha… — principiou em voz baixa.

— Qu'é que tem, pai?

— Cismou, assim do pé pra mão, que eu tenho de pagar o dinheiro que m'emprestou mode a compra do sítio…

E ficou-se nisso. Não iria adiante. Dizer à filha que ela deveria ser a moeda com que se pagasse a dívida? E desarvorado espiou a mulher, arredada pro canto do fogão mas concorde em por enquanto esconder de Talita as intenções do antigo patrão — que, contudo, naqueles perseguires iniciais não se deteve: adiantou-se a uma idéia que no Lauro podia calhar, e em prosa chegada com o gerente do banco de Sant'Antônio do Brejo, durante almoço gordo regado a bom vinho na propriedade, requereu-lhe que a seu ex-colono não cedesse empréstimo, "não é preciso negar" esclareceu supinando o copo, e adiantando a cara, a voz mais baixa, mais íntima, "basta opor… uns embaraços, vosmecê se apercebe, uns empecilhos" e no fim da tarde presenteou o homem com duas novilhas de raça que lhe fizeram brilhar os olhos, assegurando-se assim rodear o Lauro por aquele lado, enquanto que pelos outros também estendia sua cerca: àquele de sua mão-de-obra, desconhecido na região, instruiu mode levar recado aos pequenos proprietários das vizinhanças "e diga isso fazendo má cara, homem, que esse povo tem de se assombrar" que nenhum deles comprasse a terra do Lauro caso este aparecesse mesmo com oferecimento vantajoso "se não quiserem cair no desagrado de siô Isidoro, que siô Isidoro sabe ser amigo, mas também sabe ser inimigo! Diga-lhes isso, e amarre a cara no dizer mod'eles verem que não ando de brincadeira" e lá se foi o de sua mão-de-obra pelo recado enquanto ele próprio batia pra fazenda de coronel Tinoco, adonde abicou polo meio da tarde e, mode convite de nhô coronel, restou para jantar.

Ali esteve siô Isidoro, à larga jantou, proseou com coronel e expôs sua intenção, tingindo com cores convenientes sua história, e de lá saindo com a garantia de que não só coronel Tinoco não daria tostão pelo sítio do Lauro "com'ainda mando grosar a cacunda de quem se atreva a desconsiderar uma solicitação vossa, amigo Isidoro".

Esquecera-se Isidoro do moço namorado da Talita? Que não, pois haveria de esquecer o principal? Naqueles dias lograra apurar quem era tal moço por meio duns vigias postados no caminho, que, amoitados, viram o rapaz encaminhar-se para a casa do Lauro, adonde entrou e por horas esteve, e na companhia de Talita em passeio pelo terreiro também fora visto — donde que José, numa noite já tarde, veio a receber em casa a visita de siô Isidoro, que lhe requereu um particular, "aqui fora mesmo, rapaz, tão só mode uns esclarecimentos".

Durou essa prosa? Que instante pode ser mais tardoso que o do desengano?

Bulia-se por fim na virtude da Talita. José abalou-se. Seria vero o que aquele homem lhe relatava? Porém conhecia-o: o Lauro fora seu colono por muitos anos, "dá-se que o amasio dele c'a Talita já vem dessa época?" inda duvidativo se perguntava, no despois de se irem embora seus visitantes.

E foi naqueles últimos dias que o Lauro mais fundo embrenhou-se no seu desrumo, quando todas as tronqueiras do caminho se fechavam à sua passagem: que intencionou mesmo requerer empréstimo bancário dando por garantia o sítio, mas os empecilhos que se lhe opuseram no banco obstaram esse recurso, tais que uma negativa direta teria sido menos penosa; que recorreu a uns e outros mode ver se tinham interesse no sítio, mas todos se esgueiravam, corriam de banda, alguns revelavam nas feições um susto em que o Lauro reconheceu o dedo do ex-patrão; certa manhã, ao chegar cedinho na roça, cuja colheita por aqueles dias principiaria, estarreceu-se: por quanto tempo esteve ali, parado, espiando aquela devastação? Perguntava-se donde surgira aquela boiada solta no meio da lavoura que toda destruíra durante a noite? Não sucedia, tal instrução por acertada desconfiança não lhe faltava ao bestunto, e quando chegou a casa encontrou a filha em choro delongado, a cabeça no colo da mãe, o corpo sacudido por soluços. Quis saber, a filha não teve fala, a mulher esclareceu:

— Lauro, o José esteve aqui ind'agora. Se dizia sabedor de barreguice da Talita mais siô Isidoro des'do tempo de nós por lá a serviço dele. Desfez o compromisso, foi-se embora.

Foi pouco despois da hora do almoço que por lá, sempre na companhia do de sua mão-de-obra de má cara, apareceu siô Isidoro e disse aquela frase, no pé em que as coisas andavam, decisiva:

— Escute cá, seu Lauro — de riba do cavalo inclinou-se para o outro, que à beira do terreiro viera atendê-lo, e baixando a voz mode não ser escutado dentro de casa —, quem tem filha bonita só deve dinheiro se quiser.

Quando então, no seu desvario, procurou o Varistim relatando-lhe sua mágoa, e dele escutou aquele parecer: por isso, no encalço do Lauro feito nós nos botamos, o vemos naquele caminho do Sertão da Vaca a essas horas, a espiar

uma jinela acesa de lamparina. Inda com aquelas palavras no pensamento, "cobra peçonhenta se quebra a espinha e se pisa a cabeça inté'sbagaçar tudo", resoluto chegou-se à porta, bateu de leve, esperou, bateu mais forte, escutou dentro o arrastar de um banco, barulho de passos, e a porta abriu-se: um velho ainda forte mas de cabelos brancos, o rosto marcado pela vida adonde raleava uma barba de dias e uns olhos sem história, apareceu:

— Apois… meu nome é Lauro… venho pra mode um particular… se vossência me concede a honra duma fala…

Na boca do fogão de lenha crepitavam gravetos, avivando as chamas que já se apagavam.

O Lauro, silencioso despois de relatar sua desgraça e requerer a cabível providência — "por paga tenho o sítio, que concedo de papel passado" teria dito ao final —, sentado num tamborete esperava.

O velho escutara calado o inteiro relato. Quieto manteve-se, penseroso, e com gestos lentos sacou do bolso da camisa um cachimbo enegrecido pelo uso, bateu o fornilho no tampo da mesa mode cair a cinza e, ainda com vagar, não propriamente o vagar da avançada idade mas o da calma sabedoria, picou o fumo na concha da mão, encheu o fornilho e aproximou uma brasa. Pitou, foi pitando inté brotar uma fumacinha. Por fim, os olhos meio fechados contemplando as labaredas, descambou pr'adiente o braço, a mão que segurava o cachimbo, cotovelo apoiado na mesa disse:

— Seu moço Lauro, com vossa dor eu atino. Porém…

Porém… O Lauro esperou. O velho fez nova pausa em que balangava breve a cabeça branca.

— Isso que vossemecê vem me pedir eu não obro mais. Por força do nome que carrego, muita gente que se alembra de mim ainda calcula que eu obro, mas não obro mais.

E olhando calmoso pro Lauro:

— Não calha ser pola idade que na cacunda carrego, que a força nos meus braços inda não vacila, e a pontaria nem desaprendi.

Fez uma pausa, pitou, produzindo brancura de fumo a evolar-se.

— É que não paga a pena, não sabe seu moço?, não paga a pena trazer nos ombros o peso dum crime. Eu, o dono do nome mais conhecido nos tempos mais antigos por estas terras de muito longe, eu, Graciano, que a conta de quantos matei inté perdi… Sou eu que lhe digo.

Conduziu o cachimbo à boca, os olhos ainda mais se diminuíram enquanto uma fumacinha inté azulada se elevava, a cabeça numa lenta confirmação do que dizia.

— Conheci prisão, seu moço Lauro, por vinte e cinco anos… vosmecê sabe?, por último nem preso não ficava mais, pois quando me entreguei foi por vontade própria, adonde que me deixavam solto mode obrar uns serviços… adjutórios… adjutorava a limpeza em volta da cadeia, 'panhava água na cacim-

ba, essas coisas… ano passado me libertaram… mode quê? Não compreendo, de liberdade não tinha carência, mas então vim pra esse recanto… Não foi porém o prolongado estar detrás das grades duma cadeia que me propiciou a compreensão do que ora vos digo: tal compreensão colhi no viver, o muito sofrimento que me moía por dentro fez que eu me fosse entregar nas mãos da Lei e deixasse de obrar o crime.

E naqueles lábios anciãos a dor desenhou um sorriso:

— Se vossemecê é puro do sangue alheio, permaneça puro. O peso dum crime pode não ser suportável, no despois, quando se tem de carregar com ele na cacunda.

— Mas antão, sô Graciano, que é que eu faço?

— Não sei se minha fala vai ser d'algum adianto, seu moço Lauro, porém é com boa intenção que lhe falo — e pitando outra vez, coisa dum intervalo os olhos fixos nas labaredas, aquietou-se breve. De novo descambou com vagar o braço, e voltou o rosto para o outro…

Dois dias depois, pela parte da tarde, quando Isidoro esteve no sítio do Lauro à sua procura, encontrou a casa fechada. Fez hora, esperou um pedaço mode ver se chegava alguém, mas como a noite se aproximava resolveu voltar no dia seguinte. Contudo, em antes de chegar no caminho esbarrou com um vizinho do Lauro, um sabido p'la alcunha de Varistim da Deusa que já conhecia de vista. Inquiriu do Lauro, se sabia adonde fora, se demorava chegar, alegou assuntos de urgência.

— O Lauro? Antão vossência não sabe?

— Não sei o quê, sujeito?

— O Lauro foi embora.

— Foi embora? Que história é essa? Aqui não é a casa dele?

— E não é?

— Então? Como é que ele foi embora?

— Pois é o que digo a vossência, o Lauro garrou a mulher e a filha e capinou fora.

— Não pode ser! — Isidoro para si mesmo num desânimo indignado. E para o outro: — Quando foi isso?

— Há dois dias.

— E pra onde ele foi, pode-se saber?

— Lá isso não sei dizer. Só sei que vi as coisas tudo na carroça. Inté que lhe perguntei pr'adonde carreirava, pois parecia com pressa, era de manhã cedinho e eu vinha solicitar pra ele uma colher de pó de café que o meu tinha acabado, não sabe?, apois, vim polo pó de café, e esbarrei com ele de mudança. Cedinho já estava tudo na carroça, em antes do sol sair foi-s'embora.

Abatido, Isidoro voltou para casa, afundou-se na cadeira de balanço da varanda e ficou. Nos dias que se seguiram pouco saía dali, raro dava um passeio

pela propriedade, no mais remoía seu desapontamento e suas saudades: a figura de Talita mais viva o perseguia feito impiedoso fantasma.

"Fantasma de gente viva" ia consigo ruminando, "mas um fantasma terrível!"

As coisas entravam nos eixos? O mundo prosseguia no seu indiferente e intérmino girar?

Siô Isidoro inté que procurou saber, botou gente no encalço do Lauro, mas o tipo se sovertera no ar com a mulher, a filha, as tralhas todas, inté o cachorro.

Tempos depois — passado um ano?, menos que isso? Quase isso, pra mais ou pra menos diferença nenhuma não faz —, tempos depois, numa tarde comprida, era verão e o calor fazia cochilar a Terra, cochilava também Isidoro na cadeira de balanço da varanda quando, num súbito repente, dum entreabrir de olhos avistou adentrando o terreiro de sua casa um pequeno grupo. Dum salto botou-se de pé, chegou-se ao parapeito, embaixo já apeava duma mulinha nova o Lauro e se encaminhava pra varanda. Lá fora ficavam a Lôra numa carroça, a Talita segurando uma semelhança de trouxa nos braços e ao lado dela, um braço passado por seus ombros, um moço de Sant'Antônio do Brejo de quem sabia o primeiro nome: José.

Já com assombro viu adentrar a varanda, em passos direitos, o Lauro. Trazia na mão uns papéis. Siô Isidoro prestou atenção na prosa do outro? Se prestou, em seu espanto compreendeu o que lhe dizia? Lá uma frase ou outra sempre colheu, "que hoje vossência inté podia não existir mais, siô Isidoro, que por obra de sua má tenção com minha família eu corri atrás de quem lhe botasse fim" e teve um estremecimento pois julgou por um momento que o Lauro estava ali para matá-lo, mas não era isso, não devia ser isso pois quem pensa em matar não fala de um puro gostar, "adonde que ele me disse que não obrava mais, e me garantiu que 'se o moço gostar mesmo de vossa filha, um puro gostar, ele vai ouvir vosmecê e saber da pureza dela', adonde qu'então eu fui falar com o moço", e agora o Lauro falava dum homem que lhe dera conselhos; mas quem? E perturbado Isidoro foi recuando inté recair na cadeira de balanço, sempre espiando o ex-empregado de pé à sua frente, "foi assim que partimos, eu e a mulher, mais a menina e o moço José, que acreditou em minhas palavras por obra da afeição dum pelo outro, dele mais minha filha e de minha filha mais ele, e o sonho maior que eu tinha realizei, não sabe?, entrar mais ela toda de branco na igreja, e ali entregar ela pro noivo de seu coração", e por fim Isidoro compreendia que a fuga do Lauro se dera apenas para poder casar a filha de véu e grinalda e com a benção da Igreja.

Agora, no entanto, o Lauro, de pé à sua frente, estendia-lhe um papel. Que significava aquilo? O que pretendia ainda o homem?

— O pagamento de minha dívida, sô Isidoro. A escritura de meu sitiozinho. Agora é vosso. Saio daqui desprovido, vou-m'embora pra terra que não é minha, mas me vou cumprindo o preceituado por falecido meu pai: "dívida é coisa sagrada, sela-se com o fio da barba, paga-se com o sangue", apois, é o meu

sangue que entrego a vossência, mas em antes o sangue que a honra. No mais, tenho meus braços mode o serviço, e os de meu genro, que é novo e forte e pode lutar mais que eu. Inda calha lá fora um pedaço de chão com nosso nome escrito.

E com passos direitos o Lauro saiu.

Siô Isidoro, passado um momento de embaraço, levantou-se e correu de novo inté o parapeito, mas a mulinha levando o Lauro, a carroça levando a Lôra, Talita com o filhinho de colo mais o marido, já se afastavam, já lá se iam estrada afora.

Isidoro ficou olhando inté o pequeno grupo desaparecer numa curva. De seus dedos frouxos a escritura do sitiozinho, que mal segurava e nenhuma importância tinha mais, escapuliu-se, caiu no chão, aos seus pés.

Cantiga de bem-querer

H9

enina presta atenção
Na letra desta cantiga,
Versejo de boa mente
Que não carrega intriga.
Pra louvar tua pessoa
Eu não padeço fadiga;
Pra chegar perto de ti
Não tem via que eu não siga;
Pro mode tanta afeição
Que a tal empenho me obriga,
Eu toco minha viola,
Que é tudo que eu sei na vida."

Este o entôo. O amoroso cantar de quem amor nenhum não conhece, que de amor só sabe pelo alheio dizer, pela só oitiva, não mais.

É manhã de sexta-feira na praça larga de Águas Claras — cidade de umas provincianas imponências —, adonde burburinha a gente de toda casta, endinheirados ou não, vendedores ambulantes e esmoleres, umas donas da vida, outras rústicas ou de grosseira progênie, e em sendo de donas que se fala raro se vê por essas horas da manhã alguma de melhores costumes e finezas, que sai à feira apenas a criadagem tosca, porém a turba é multivária[8], ruidosa, ondejante.

A viola plange: o hábil dedilhar produz encantação de gosto, o descante em versos bem condizentes, no em-volta o povo embeiçado — a gente mais antiga reverenciosa ("que tocar assim é dom de Deus") pela novidade ali arrebanhada, presa no esquecimento de seus quefazeres; e gente mais nova, porém, imaginando querençosas aventuras, seresta sob a janela da bem-amada, coisas assim de devaneosos sonhares; e inté a molecada por ali escutando: a praça possui espaços, acolhe a todos que param para ouvir, enquanto no tamborete, no miolo da roda, centro-centrado de todas as atenções, o cantador não se faz manhoso, não, tão só entoa.

[8] Adaptação da palavra **multifário**.

"Meu bem-querer foi embora
Sem se despedir de mim,
Deixou somente uma carta
Dizendo que era o fim;
Encantada doutros olhos
Meus olhos deixou assim:
Vermelhos de tanta dor;
Cor da fruta do azevim."

Então se interrompe, intencionada pausa — um descanso para os dedos hábeis, um molhar de garganta com água fresca da moringa, uma talvez ardente de alambique, que pelos derredores decerto não faltaria: pro gosto reles da gente inferior tanto quanto para o saboreio mais refinado dos senhores de casta.

E sobrevêm os aplausos do povo alegre.

Porém avulta da roda, aprochegando-se ao tamborete, sujeito de ares e bigodeira, botas lustrosas e chibata fininha a espicaçar a perna da calça:

— Seu moço procede uma gentileza? — profere, a voz funda de autoridade, inda que de fato autoridade não fosse, a não ser de abastados cabedais. "Apois" e o violeiro soergue-se, semi-tirando o chapéu, "Lucas Modinheiro" respeitoso no apresentar-se, "músico de profissão mode servir a vossência", e o outro, sempre ares e sobranceria, explica-se, um sussurro aqui ou acolá ("Nhô coroné Trajano Maria!") denunciando-lhe a identidade: na semana vindoura daria uma festa em casa, muitos convidados de fora, inté gente do governo, "adonde que seria o caso da comparência do moço violeiro mode deleitar os convidados com vossa boa cantoria. A paga é boa."

— É só vossência estabelecer o dia e a hora — Lucas responde —, que nos assuntos de paga não sou exigente, fica por conta do agrado que eu produzir, e há de ser inté muita honra!

O coronel olha para os lados, contempla de cima o povo admirado de sua presença — que rara — ali na praça. Limpa fundo a garganta, pois no sábado daí a oito dias, esclarece, p'los começos da tarde com esticada no avançar da noite, "mas vosmecê chega de manhãzinha, passa por lá o dia, é só perguntar pola fazenda do Coronel Trajano Maria, errada nenhuma, seu moço, outra igual nas redondezas por lonjuras não se esbarra".

E se retirou o homem com sua imponência, o chapelão meio de banda e circunvagando ainda uns olhares soberbosos, inté com um certo nojo da gente desimportante que arrodeia — estala que estrala a chibata na perna da calça, lá se foi.

Porém do povo surdiu um pedido:

— O moço canta pra nóis o ABC da Santinha de Taquara?[9]

[9] A santinha de Taquara aparece em "Notícia de um combinado entre companheiros", e é personagem central de "Um homem de muita ruindade".

E o Lucas que já empunhava a viola parou — esteve-se um momento, depois, descansando o instrumento na perna e arrimando-se nele como num cajado, disse, lembrançoso, o olhar vago:

— História de muita lástima. Faz quinze anos, quase… O povo aqui conhece o que por lá se assucedeu? — e espiou em volta.

— Ouviu-se falar — respondeu alguém.

— Sabe-se por alto — disse outro.

— Só o que se comenta — esclareceu um terceiro, pois que nunca se sabia com certeza das coisas, se história na boca do povo adquire volutas e floreios, desverdades.

Lucas então tira um acorde:

— Eu estive lá naquele tempo, gente por demais enchendo o vilarejo. Taquara em pouco vira cidade de vulto, dizia-se… Duraram três anos as façanhices da santinha de Taquara… mas no fim… o que restou do vilarejo foi uma miséria maior do que havia antes…

— E a menina era santa mesmo? — perquiriu um.

— Milagres operou — confirmou Lucas Modinheiro, e arrancou outro acorde, choroso, sonoroso — em nome do Pai do Alto no dizer lá dela, disso não resta qualquer dúvida… inté eu, certa ocasião… mode uns achaques da vesícula… ela ponhou as mãozinhas aqui, ó — e com a mão indicou o lugar — , fez uma prece, um murmúrio de passarinho, e a dor sumiu na hora… nunca mais senti nada, graças a Deus — benzeu-se, tirou um terceiro acorde, mais suave, mais condizente com a lembrança divina.

— E curava todo mundo mesmo? — quis saber um outro.

— Não — responde o Modinheiro se voltando para a voz —, tinha aqueles que, no dizer lá dela, o Pai do Alto não atenderia, "que não é a minha vontade" dizia ela, "mas a dEle" e apontava para o céu… esses, coitados, se arretiravam do jeito que haviam chegado, lá se iam, contristados…

— E o que se deu despois? — mais alguém quis saber. — Deixou de obrar?

— O que se deu eu vou contar em versos — respondeu o Lucas —, os fatos eu conto, os versos do ABC eu fiz, mas a explicação… essa só Deus sabe…

— Então canta pra nóis — reiterou o pedido aquele primeiro que dele se lembrara.

Delicado dedilhar, um veludo de som, inté uma nuvem recobriu o sol mode um mais à-vontade pro povo atento, e o Lucas principiou o

ABC da Santinha de Taquara

Ao povo peço licença
Mode um causo relatar;
História mui verdadeira,
Sem outra igual no lugar;
Relato de muito espanto
Mode a gente meditar.

Bendito será o povo
Que nas coisas lá do Céu
Botar crença e empenho
E se preservar fiel,
Fazendo a separação
Entre o cristão e o incréu.

Conta-se que num lugar
Conhecido por Taquara
Pousou a vista de Deus
Propiciando bênção rara:
Nasceu ali uma santa
Em noite de lua clara.

Despois de bem crescidinha
Grande milagre operou:
Primeiro de um homem velho
O destino futurou,
E de uma dona doente
O mal de seus rins curou.

Espantou-se toda a gente
Das coisas que aconteciam,
"É de Deus" diziam uns,
"É do demo" outros diziam;
Mas de Deus ou do diabo,
As bênçãos se repetiam.

Finalmente os cidadãos
Depois de muito descrer
Entenderam que só Deus
Teria tanto poder,
Pois em face da inocência
O demo calha correr.

Grandeza tal nunca vista
Atraiu muita atenção,
E pra receber milagre
Ou tão só uma benção
Pra lá se botou o mundo
Contrito de coração.

Hora a hora o vilarejo
De mais povo se enchia,
Vindos de toda parte
Uma entrevista pedia
Com a santinha criança
Que a todos bem recebia.

Inda que mui graciosa
De delicadas feições,
Mais bonita se fazia
Na hora das orações,
Enchendo de tal conforto
A todos os corações.

Já se haviam transcorrido
Três anos de santidade,
O povo sempre aumentando
Buscava felicidade,
E a menina santa a todos
Recebendo com bondade.

Ledos tempos foram esses
Em que Taquara cresceu,
De vilarejo em cidade
Tão logo se converteu,
"Cidade de Deus" diziam,
"Que de nós se condoeu",
E as graças eram tantas
Que o diabo se escondeu.

Mas deu-se que certo dia
Um sujeito muito estranho
Apareceu em Taquara
Com modos de certo acanho,
Conhecido como Divo,
Foi vivendo sem assanho.

Porém no entender do povo,
Cujo susto era tamanho,
Era certo que o tal Divo
Tinha partes c'o dianho.

Não se sabe se foi sina,
Se praga, se maldição,
Na santinha pôs os olhos,
Por ela seu coração,
E num certo dia escuro
Lhe estendeu a sua mão.

Ora, a criança divina
Mocinha já se fazia,
Talvez das coisas do mundo
Seu ser já se enternecia,
E pode ser que do estranho
O seu corpo carecia.

Pasmou-se de grande assombro
Toda a vila de Taquara
Ao ver que a santa de Deus
Outros caminhos tomara,
E polo amor dum estranho
A santidade deixara.

"Que faremos nós agora?"
Clamava o povo infeliz
Como que perdendo o rumo,
O destino e a diretriz,
E àquela que fora santa
Chamando-a já meretriz!

Riu-se o diabo p'los cantos
De seu triunfo afinal,
Vertendo na multidão
A vil semente do mal,
E os devotos mergulhando
Em confusão infernal

Fez o povo debandar
Pra longe do arraial.

Sumiram-se os visitantes,
Os que de longe chegaram,
As ruas do vilarejo
Tão logo se esvaziaram,
E o desalento abateu
Aqueles que acreditaram.

Tal afronta, todavia,
Requeria um corretivo,
Sendo quem a recebê-lo
O cabra por nome Divo,
E de longe foi chamado
Um capitão muito vivo,
Desses que em qualquer vivente
Bota a mão e traz cativo.

Uma lenda é o que se conta
Do proceder desse tal:
Que espancou homem, menino,
Torturou todo o arraial,
Distinção nenhuma fez
Entre gente e animal.
Disse a santinha "é castigo
Por proceder tão brutal,
Minha querença p'lo Divo
Era só mais um sinal,
Vontade de nosso Deus
Para derrotar o Mal".

Venceu porém o polícia,
Sojigou o sedutor;
E os gemidos do infeliz
Encheu Taquara de horror.
Sendo o coitado inocente
Livrou-se do executor;
Mas porém estropiado,

Padecendo tanta dor;
Que não tardou a morrer
Nos braços de seu amor.

Xingamento a mó de prece
De alguma gente se ouviu.
Enterro dentro do mato
Somente a esposa assistiu.
Qualquer trapo, pano velho
Mode mortalha serviu.
Sepultado o companheiro,
Do vilarejo partiu
A santinha só no mundo,
E nesse mundo sumiu.

Zune o vento nos telhados,
Pinga a chuva dos beirais,
Serração recobre os morros,
Inverna o tempo demais,
No escuro da catatumba
Dormem os mortos em paz —
Mas da história da santinha
Ninguém se esquece jamais.

E num dedilhar derradeiro, em que soletrou lenta e angustiosa melodia, finalizou Lucas o *ABC da Santinha de Taquara*, restando no seio do povo um desolado silêncio. Mas logo prorromperam aplausos, assovios, na cuia do Modinheiro chovendo moedas da variados valores.

— Uma coisa careço cá de confessar a vosmecês de tanta atenção em minha cantoria — disse o violeiro —, é que meu proceder por aquela ocasião não foi de muita piedade.

O povo botando tento:

— Deu-se que eu havia bebido não reles quantidade, e entoei p'las bodegas de Taquara uns versejos de troça mode a fuga da menina, do que, despois que acordei pro tino, inté os dias de hoje me arrependo.

E limpou com a cacunda da mão uma umidade incômoda no rebordo dos olhos.

— Que foi feito da menina santa despois do companheiro lá dela falecer d'estropiamento nas mãos do tal polícia? Sumiu mesmo no mundo, de ninguém colher mais nenhuma notícia. Mas eu trago a marca de sua bondade… — e despois de uma derradeira pausa: — Não, meu povo, foi muito feio o que eu fiz… — e recolhendo a cuia, sacudiu as moedas pra dentro dum embornal de couro, guardou o instrumento na caixa e se despediu: — Daqui me vou, minha gente, mode prover o estâm'go dum salgado e tirar um cochilo na pensão de sá Vitalina, que amanhã é sábado e de tarde tem mais cantoria.

E se arretirou… ia se arretirando, porém houve movimento, agitação entre o poviléu, que teve a atenção atraída por inesperada novidade: pois adentrava agora a praça um grupelho, nem dezena, de gente mambembe e soturna transportando em contrito silêncio um caixão — enterro pobre provindo d'algum recanto para o cemitério de Águas Claras. Era costume da gente do lugar cruzar pela praça no rumo da Igreja, e nesse momento o sino dobrou, uns toques longes, uma fisgada por dentro feito picada de cobra.

Os homens tiraram o chapéu à passagem do féretro, as donas se benzeram, os curiosos perguntavam-se entre si quem havia morrido e a meninada avançou no rabo do cortejo. Lucas vigiou algum tempo a passagem da morte, tenteou, a praça aos poucos se esvaziava…

O cortejo agora ia longe, o sino picava, o violeiro deu um passo, dois, teve curiosidade, mode o que s'encaminhou na direção da igreja.

No adentrar o recinto sagrado descobriu-se, baixou a cabeça numa reverência. L'adiente, junto do altar, o caixão numa essa alumiado por umas velas de sebo — luz escassa mode porém a alma do morto não se perder no caminho da eternidade —, o padre oficiando.

E o ofício durou, não muito, e de seguimento um arrastar de pés no cimento da igreja indicou que chegara ao fim e que o rumo agora era o do cemitério: uns braços já retiravam o caixão da essa, o poviléu voltou-se, entre os bancos passeou o caixão na direção da saída e à medida que avançava ia-se formando o cortejo na retaguarda, o Lucas por último, inda curioso, e avançando um passo mais lesto inquiriu de um dos que vieram de fora acompanhando o morto:

— Quem é o falecido, se vossência me releva o desaforo da pergunta?

O outro, um homem nem novo nem velho, desasseado e desprovido de dentes, um olho remeloso de noite mal dormida, primeiro vigiou quem lhe falava, despois esclareceu:

— Apois, calha que foi nhô Taurino quem faltou. Então o coitado não andava achacado nos últimos tempos?… Pois se deu…

— Achacado? — Lucas perguntou, mais por perguntar, pois nunca ouvira falar na pessoa do morto. — Padecia então de quê, o pobre? Era idoso?

— Raspava os setenta, sim sinhô, ou mais pra lá ou mais pra cá… e do que padecia… achaques de velho, não sabe?, porém com essas viradas de tempo 'garrou com uma tossezinha seca, coitado, foi tossicando, tossicando…

— E a família? Tão aí?

— Adonde! Sabe vosmecê da verdade? Quas'que nem família o homem não tinha, de muito tempo viúvo vivia com uma neta, que pra lá fica sozinha, retirada naquele buraco.

— Uma neta? E a moça resta sozinha?

— Mas que bicho do mato, seu moço!, só enfurnada na fazenda…

— Então o homem tinha com quê? — disse o Lucas, estranhão, pois seria de posses, dono de fazenda, alguém cujo enterro se procedia com tamanha miséria?

— Vosmecê não é do lugar, já se vê — disse o outro.

— Apois, sou de fora, vivo de minha viola. Estou recente aqui por Águas Claras, não sabe?, cheguei ontem à noite.

— Pois pessoal esquisito era aquele da Fazenda Cruzeiro.

— Esquisito? Mas mode quê? — perquiriu o Lucas, curioso.

— O moço espia só: que nhô Taurino tinha terras não poucas, mas nunca produziu por lá muita coisa, dizia que bastava o de comer, que o mais era per-

dido. Se lhe falavam que podia enriquecer, o homem soltava um risinho curto de caçoada: o de boca não faltando, respondia, o mais é bobagem. Viveu enfurnado lá pelo Cruzeiro, passava ano sem botar os pés aqui no arraial, e des'que a dona dele faleceu fazendo já uns oito anos não veio mais, o de precisão mandava buscar por uns agregados que por lá vivem feito bicho também. A filha 'panhou barriga e não casou, mas o homem não fez questão, e manteve a moça em casa. O desavergonhado que fez feio deu no pinote, qu'é dele? Quem sabe?... A moça desonrada escorou por poucos anos, nem viu a filha crescer, mode que era fraca do peito e num inverno mais frio descambou deixando a criança com nove pra dez anos... Nhô Taurino criou a neta que nem bicho do mato, é capaz que nunca trouxe a pobre aqui pelo arraial... É o que povo diz.

— Adonde que ela não está aí...? — disse o Lucas vigiando o povo que acompanhava o caixão.

— Veio não, ficou pra lá enfurnada.

— E já deve de ser uma moça...

— Calha de estar com vinte e pouco anos, é certo que menos de vinte e cinco.

— E será jeitosa?

— Tem suas graças, eu mesmo só vi a talzinha umas duas ou três vezes quando calhou d'eu ir inté o Cruzeiro mode uns serviços. Mas espia que é um casamentão, está visto, pelas terras que tem...

— E como se chama?

— Doralice. Acaso o moço se interessou?

— Eu?... Mas nada — disse o Modinheiro negaceando —, com a vida que levo, dum lugar para outro tocando viola, como é que eu posso tencionar uma família? Perguntei só por perguntar. Além do mais já deve de ter gente por aí enrabichada, quando menos pelas terras...

— Ah, é capaz, mas quem se aventura?

— Ué, e mode quê?

— Então a diaba não tem lá uma espingarda que ela sabe manejar bem? Que isso o velho ensinou pra ela, "uma moça, inda mais donzela, tem de saber se defender" ele dizia...

— Espingarda? — estranhou o Lucas. — Isso mais parece causo de falação. O povo inventa. Então a moça ia ter uma espingarda mode quê?

— Mode defender a casa e a honra, ora essa — respondeu o outro recuando a cabeça e encarando o Lucas, "apois, então não entende?". — Ver eu não vi — disse ainda —, porém soube: ela já despachou mais de um que quis se aventurar com duvidosas intenções.

— Despachou?

— E não? Largou fogo em riba, e consta que só não acertou mode que era de noite, e com escuro não vinga direito a pontaria. O filho do Zuza aqui do armazém mesmo foi um...

— Filho do Zuza? Não conheço...

— O filho do Zuza — o outro reiterou, como se isso bastasse ou não soubesse dar melhor explicação —, do armazém, não sabe?…

— Ah…

— Pois antão, o filho do Zuza certa ocasião escutando falar na Doralice foi inté o Cruzeiro mode conhecer a moça. O cabra devia de saber que nhô Taurino andava achacado e não tardava, ó… — e fez um sinal indicando o cortejo. — Ele mesmo não refere o que andou obrando, conta lá do jeito dele que requerendo uma prosa mais a Doralice, ela feito uma selvagem correu dentro de casa, apanhou a espingarda e largou o dedo, e só não acertou mode que o cabra vendo as intenções dela se embrenhou no mato…

— Terá sido abusado — Lucas comentou, a feitio de explicação para a atitude violenta da rapariga. — Se não…

— Isso não se sabe… mas não foi o único causo… o povo conta, tem outras histórias…

O Lucas balangou a cabeça franzindo o cenho, mas não deu seguimento ao proseio pois adentravam agora o campo santo. O caixão avançou entre as fileiras de sepulturas. Parou defronte a uma cova aberta e desceu polas cordas inté o fundo: cova, somente um buraco no chão, nem lápide e quas'que nem cruz, não fosse um cristão se apiedar pregando duas ripas cruzadas e escrevendo nelas a carvão o nome do defunto. Em riba da cova coberta essa cruz tosca, a terra fresca vermelha feito um escândalo, a gentama se dispersando despois e Lucas tomando o rumo da pensão de sá Vitalina.

Na pensão, em mesa de canto mode um sossego, comeu — bem, que sá Vitalina produzia bom tempero, e despois escorregou para o quarto. Fechou a porta, escancarou a janela que um ar refrescasse o cômodo estreito, depôs os apetrechos num canto e estivou-se na cama, já carecente dum cochilo. Inda teve um pensamento para seu compromisso com Coronel Trajano Maria daí a oito dias e outro para a moça da Fazenda Cruzeiro, despois não viu mais nada e quando acordou já se fazia noitinha.

Passou o Lucas toda a semana em Águas Claras, adonde fez suas cantorias sempre embevecendo o povo com o dedilhar da viola. Inventava cantigas na hora, de improviso, a pedido da gente sobre um assunto qualquer, ritmava diverso, fazia variações, e a cuia se enchia com o tinido das moedas que a assistência ia jogando — não poucos valores angariava o Lucas com suas cantorias adonde fosse. Na sexta-feira fez uma pausa, deixou as cordas descansarem, frouxas, a viola no canto do quarto, passou o dia em proseio com sá Vitalina que lhe contava causos de seu tempo de moça, rindo-se a bom rir com seus poucos dentes e nas feições vincadas os olhinhos miúdos inté se sumindo.

— Então é amanhã que o moço vai tocar na fazenda de Coroné Trajano Maria — comentou a velha aboletada na mesa durante o café com broa, naquela tarde delongada.

— Nhô Coroné me deu a honra de requerer meus préstimos, não sabe?

— Coroné é homem de soberbias — disse a velha.

— Deu na vista, no relance em que a gente conversou. Olhava o povo do alto, batia com a chibata na perna da calça… mas não será má pessoa não. Ou será?…

— É homem de muitas posses, sempre ambicioso de mais, mas uma coisa o moço não tem do que se arrecear…

— ?

— É homem que não desfaz contrato, e paga bem quem bem o serve.

— Eu por essas coisas de paga não me amolo — retorquiu o Modinheiro —, que cá vou me virando desde quas'garoto na cantoria, e o que cai na cuia me basta. Mas em Coroné pagando bem, não digo que não fico satisfeito.

— Então o moço é violeiro desde novo? — sá Vitalina quis saber.

— Apois, que aprendi o ofício com meu pai, outro violeiro de raridade. Mas meu pai faltou, não sabe?, eu inda não tinha completado quinze anos, molecote fiquei e com encargo de cuidar da família, uma irmã mais nova e mãe, que Deus a tenha, pois já se foi também, coitada.

— Então o moço só tem essa irmã…

— Minha irmã nova achando um moço de juízo casou, e foi bom. Ficaram morando lá no sítio mesmo…

— E adonde, se mal lhe pergunto?

— Um lugar por nome Lajinha, bem arredado…

— Já ouvi falar. E o moço não quis ficar com os seus?

— Tinha vontade de correr mundo, não sabe?, a labuta da lavoura não era para mim não senhora. Então saí, sabendo que a mana e a mãe estavam bem, eu tinha dezesseis anos. Adonde eu passava com minha viola ajuntava gente, o povo gostava. Corri essas terras todas, tocando e vivendo do que pingava na cuia, e olha que não pingavam reles importâncias não!… Já lá se vão anos, espia sá Vitalina que já ando polos trinta e nove, que cumpri mês passado!…

— Inda é um garoto — concluiu sá Vitalina vigiando as feições bem dispostas do Lucas —, pelo menos na minha presença, que eu vou fazer setenta e oito mais pro fim do ano, em outubro.

— Benza Deus, que com saúde…

— Ah, lá isso eu tenho, não passo perrengue não senhor, reumatismo, dor nas juntas, desses achaques não padeço.

E no silêncio que se seguiu a essa prosa um canário cantou do lado de fora, uma galinha entrou bica-bicando o chão da sala, que sá Vitalina enxotou "não vá me cagar no chão, sua sem-vergonha", e uma tropa transitou defronte a porta levantando poeira…

— A senhora conheceu o da Fazenda Cruzeiro, sá Vitalina? — quis o Lucas saber, em pergunta repentina.

— Falecido nhô Taurino? Em tempos de moça inté tivemos chamego um pelo outro, não sabe?, mas depois não calhou…

— Ah, é…?!

— Então não?... Mas eu vivi sempre por cá, adonde ele vinha muito pouco... Despois cada qual seguiu sua vida, eu casei, ele casou, e por aí foi... Coitado, inda podia viver mais, eu não estou aqui bem firme?

— Seria idoso, achacado...

— Achacado decerto, mas idoso... qual! Idoso era, andava p'los setenta e cinco ou setenta e seis, que eu me lembre, era um pouco mais moço que eu.

— Ããã...

A galinha retornou — bica-bicando, espiando sá Vitalina com o olho redondo, largou por ali debochativa cagada, um esguicho que se esparramou pelo assoalho. A velha levantou-se indignada para enxotá-la, "vai, diaba!". Voltou. Sentou-se outra vez.

— Diz-que deixou uma neta...

— Essa eu não conheço, a bem dizer nem a filha dele eu não conheci. Eles eram gente muito esquisita, sempre arretirados naquele meio de mato, que o Cruzeiro fica é bem longe, saiba o senhor!... Pegando ali pelo rumo do caminho que leva à fazenda de Coronel Trajano Maria, mais adiante diverge uma encruzilhada, pra baixo se vai para a casa de Coronel, pra riba fica o Cruzeiro, mas é caminho, é chão, longe que só! Tanto que nhô Taurino se vinha em Águas Claras uma ou duas vezes no ano era muito, e só mode uma provisão de uns panos pra costura, não sabe?, e outras miudezas, que o resto por lá mesmo...

— Mas a neta...

— Agora tem uma coisa — sentenciou nhá Vitalina pondo-se séria —, é muita terra, não sabe?, muita terra, o Cruzeiro é grande. E tudo terra boa.

— Mas a neta...

— E já tem é gente de olho...

— Na neta?

— Na neta, nas terras, acho que é mais nas terras, o senhor fique sabendo, que a neta pelo que o povo conta é uma selvagem, já correu com pretendente de lá a tiro de espingarda.

— Então essa história é vera...

— Apois, ver eu não vi, mas o povo refere...

— Mas segundo soube o filho do Zuza do armazém...

— Esse não conta, é um mentiroso de marca, contador de vantagem do tipo que se não tem o que falar, inventa. Vá se botar fé no que aquele tralha diz! — E sentenciosa, encarando o Lucas, meio até que se encurvando na cadeira em direção do violeiro: — e se é verdade foi bem feito, 'stá ouvindo?, que aquilo pouco vale!

A velha se desempenou, recostando-se outra vez na cadeira.

Fez uma pausa. Concluiu:

— É muita terra. Quem casar ali está com a vida feita, se souber aproveitar. Difícil vai ser vencer a espingarda da moça.

Lucas tamborilou com os dedos na mesa. Levantou-se e chegou inté a porta, o chapéu meio jogado para trás, espiou o largo defronte, o povo que naquela

hora de calor transitava pela sombra, um cavalo magro que seguiu em direção ao bebedouro mais adiante…

Suspirou, ruidoso:

— Êh, shhhhhhhhhôôôô… calorão, sá Vitalina, calorão!

— Apois, inda é março, final das águas, mas os dias são um braseiro…

Era madrugadinha, a aurora barrando o céu de vermelho, quando Lucas Modinheiro com seus apetrechos mais a viola na caixa se pôs a caminho da fazenda de Coronel Trajano Maria, abicando nas terras do abastado ali pelas oito; com mais quinze minutos de passo picado venceu a distância e alcançou o terreiro.

Ainda era cedo, porém já havia movimento na casa, e no alpendre o coronel, sobranceiro, cercava-se de algumas pessoas de prosápia em animada palestra. Terá sido o primeiro a avistar e a reconhecer o Lucas, e acenou para ele:

— Se aprochegue, seu Lucas — ele disse acenando para o violeiro —, que é em boa hora — e adiantou-se um passo.

Lucas galgou os degraus enquanto o coronel explicava aos demais que se tratava de um "violeiro mui talentoso, não sabem vossas mercês, que escutei outro dia na feira de Águas Claras, e cá o convidei mode um entretimento para o pessoal", e vários olhares se desviaram curiosos para o recém-chegado que, adentrando a varanda descobria-se, respeitoso, parando a um passo de distância do dono da casa.

— Aqui estou mode servir a vossa senhoria, nhô coroné, trago comigo o que tenho: a viola, que é o principal, e o resto que nada vale mas sempre me acompanha.

— Pois esteja à vontade, seu Lucas, se tem apetite vá lá dentro fazer uma boquinha — e gritou para dentro de casa, uma negrita de seus dezesseis pra dezessete anos logo acudindo pressurosa ao chamado de sinhô: — Nica, leve o moço da viola pra cozinha, que seja bem servido.

E para o Lucas:

— Se abolete por aí, seu Lucas, se abolete, que seus serviços vão ser requeridos só mais tarde.

O moço fez um cumprimento com ligeira curvatura e acompanhou a negrita, desaparecendo no interior da casa.

Transcorreu o dia.

Os préstimos do Lucas foram solicitados no que findava o almoço na sala de jantar da fazenda, tendo o Coronel Trajano Maria aventado se não convinha agora um pouco de música para entretenimento geral enquanto as senhoras tomavam o café na varanda e os homens rebatiam o almoço com um conhaque especialmente encomendado de fora para a ocasião.

— O moço tem talento — reiterou o coronel tomando assento depois de mandar chamar o violeiro —, não ponho dúvida de que os senhores vão apreciar — e todos se alojaram a gosto, agradados da novidade.

Lucas, vindo por fora, pela beira da calçada de pedra, subiu à varanda.

— Aprochegue-se, seu Lucas, que é hora. Por enquanto só uma amostra do que vosmecê sabe fazer, enquanto a gente respira um pouco. Conto com sua viola também mais tarde no churrasco e à noite, no divertimento da dança.

— Estou aqui para atender vossência, nhô coroné, no que for servido.

— Apois, antão… por agora umas modas… coisa mais leve, pro agrado das senhoras mormente — e pra dentro, berrando pela negrita que acudiu esbaforida: — Ó Nica, adonde a cadeira pra mode o moço se sentar?

Veio a cadeira, o Lucas afinou a viola tirando uns sonidos de ensaio, despois atacou fundo uma cantiga chorosa de amor contrariado, prosseguiu com uma modinha alegre e por aí foi entretendo o pessoal que aplaudia e lhe estendia patacões, estimulado por nhô coroné que estentorava "vá recolhendo, seu Lucas, vá recolhendo, que isto é por fora do nosso combinado" e ria a bom rir, pondo-se em seguida sério para escutar nova toada.

O dia foi assim transcorrendo no mais dos festejos: o povo de melhor posição circulava por fora e por dentro da casa-grande, meninos corriam de um lado para outro em travessuras que faziam franzir a testa dos pais e arrancar risadas de Coronel, que se lembrava de seus tempos de moleque, "não se incomode, minha gente, isso é de criança" dizia, e, fazendo soar tambor no assoalho com o tacão de suas botas de cano alto, "menino doente é que não faz arte e vive encorujado p'los cantos. Essa molecada vende saúde, e é isso que eu gosto de ver".

Já o poviléu menor — colonos, empregados, gente do curral e da lavoura — , este sustinha-se ali por fora, que cabimento não teria o acesso à gente maltrapilha nas dependências internas da fazenda; porém aboletava-se sem cerimônia nas mesas espalhadas pelo quintal dos fundos onde se almoçou à farta, que o de boca não passou por escasso, ao contrário, sobejou. Mas no transcurso da tarde misturou-se toda a gente no terreirão adonde já ardiam braseiros nas grelhas e o churrasco tostava levantando um cheiro, atraindo além do mais uma cachorrada que vez por outra rosnava entre si na disputa de um pedaço e eram apartados a bicos de botina, não fossem embolar-se ali e ainda morder um convidado — mas também pros bichos não faltou o osso com langanhos, e algum de mais boa índole ia colher seu bocado na mão de alguém e nas imediações restava, abanando a cauda e espiando, pedindo mais.

Nos intervalos de cantoria Lucas Modinheiro retirava-se para um canto em busca de um desafogo: um descanso dos dedos e da voz, um copo de refresco pois o dia esquentava, e inté mesmo uma talagada da "boa" produzida por alambique da terra mode acompanhar a carne em pedacinhos tostados que lhe chegava em pratinhos de louça. No cair da noitinha, em hora de folga afastou-se de todos, recostou-se numa jaqueira nos confins do terreiro, deixou de lado a viola e tombando o chapéu em riba da cara mode um cochilo ressonou um pedaço, acordando porém pela voz da negrita, Nica, que surgiu de bandeja nas mãos: bulezinho de café fumegante, xicrinha de louça, açucareiro, colherinha de prata:

— Um cafezinho pro moço violeiro — disse. — Está bem forte, eu mesma coei, indagorinha.

Meio aturdido Lucas descobriu o rosto, ajeitou-se melhor mode uma boa apresentação, inda que a negrita fosse gente da lida, serviçal, com quem não se requeriam luxos. Espiou a Nica com estranhamento porque o sono ainda não se dissipara de todo, mas logo se recompôs, sorriu — inda que meio sem graça — enquanto a menina se abaixava exibindo as coxas grossas e lisas, apoiando nelas a bandeja.

Lucas serviu-se.

Provou o café com cuidado, quente, bom: forte como ela havia dito e adoçado a seu gosto.

— O moço canta muito bem, a viola quase que fala p'los vossos dedos.

— A menina Nica então apreciou minhas modas?

— Apreciei muito — respondeu a negrita, olhos derretidos e riso de neve, mas se retraiu seu tanto achando-se oferecida. Põe-se séria: — Foi de meu agrado sim senhor.

E, em seguida, arriscando um atrevimento:

— O moço não canta uma moda mode eu? — mas já se arrepende, ruborizada de vergonha, um rubor que o negrume da pele disfarça, e se levanta dum pulo quase derrubando a bandeja.

— Apois… é meu ofício… — o Lucas está surpreso. — A menina Nica quer escutar o quê?

— O que o moço quiser… se não me levar a mal…

— Mas mode que eu ia levar a mal um pedido da menina? — e sorvendo o último gole do café soergue-se, põe a xícara na bandeja e empunha a viola. — Uma cantiga de amor, mode a menina se lembrar de seu amado.

Nica não respondeu: ficou de olhos parados escutando o planger da viola, as cordas tensas dedilhadas com sabedoria e sentimento, a voz doce e grave do Lucas, as palavras de amor, de desencanto, de sofrimento — a negrita sonhava enquanto a noite vinha encobri-la com seu véu de escuridão. Acabando a cantiga, a viola e a voz silenciaram, e no que o violeiro deu pela coisa Nica já se afastava de cabeça baixa, célere, em direção da casa-grande, onde as luzes todas se acendiam esparzindo claridade pelo gramado defronte. Lucas não se reteve: faziam-se horas de achegar-se também. No terreirão ainda se tostava alguma carne nas grelhas, à luz dos braseiros circulavam homens com seus chapéus desabados, suas botas de couro: riam-se, falava-se alto no relato de causos, moleques circulavam na boca da xepa, mas o poviléu já se retirara e a gente graúda reunia-se dentro de casa.

Coronel Trajano Maria deu pela falta do Lucas no momento em que o cantador adentrava a varanda. Avistando-o, gritou pela negrita:

— Nica! — e para o Lucas: — O moço esteja a gosto. Decerto estará cansado, carecendo dum repouso.

O Lucas, no seu sem-jeito natural ao se misturar à gente bem, descobriu-se no limiar da entrada:

— O coronel não repare, é que o dia foi cheio.

— Então não vi e não escutei? — e riu-se, pesado. — O moço violeiro entoou quas'que a tarde toda, e isso decerto que cansa. Mas já tem um quarto lá nos fundos pronto mode seu conforto. Nica!

Por fim apareceu a negrita, pressurosa, vindo da cozinha adonde fora deixar a bandeja.

— Nhô coroné chamou?

— Indique o quarto pro moço violeiro — e para ele: — Acompanhe a Nica, seu Lucas. Tire sua pestana por lá, que aí pelas oito tem um repasto mode se fechar o dia.

Já saíam quando o coronel chamou de novo pela negrita:

— Nica, não se esqueça de prover água quente mode o moço se lavar.

A negrita conduziu o Lucas por um comprido corredor alumiado por lampiões, saíram para um quadrado a céu aberto, transpuseram um alpendre chegando ao quarto destinado ao violeiro.

Enquanto seguiam, parolavam:

— A menina se incomodou com minha cantiga àquela hora — Lucas comentou.

— Mode que o moço segue por esse pensamento?

— É que vosmecê saiu sem mais… Inté me pareceu que desgostou do meu cantar.

— Desgostar não desgostei. Me agrada escutar o moço.

— Então não atino…

— Fiquei triste, só isso… cá por dentro, não sabe?

— Triste? Uma menina tão alegre!

— Então não? Mesmo sendo alegre, um cristão tem suas horas de desalento.

— Mas mode quê? Seriam saudades de algum rapaz que partiu levando mais ele o coração da menina?

Nica parou diante de uma porta. Abriu-a, entrando primeiro:

— Quem sabe? — disse olhando Lucas de soslaio. — O quarto de vosmecê… — e fez um gesto indicando em volta.

Lucas entrou: não era de proporções folgadas, mas provia-se de uma cama recém-arrumada com lençóis estalando, tapete de retalhos no chão, uma cômoda pequena e uma mesinha de cabeceira com lamparina e jarro de flor. Num canto, um cabide adonde ele foi pendurar chapéu, alforje e viola.

— Vou trazer água quente mode o moço se lavar — disse a negrita fazendo que ia sair.

— Não carece, Nica — disse Lucas sentando-se na cama —, ainda é cedo, só vou recostar um pouco, mais tarde eu tomo um banho no ribeirão… Espia, daqui se escuta o barulho da água nas pedras…

— O moço é quem sabe — respondeu a negrita, de pé no meio do quarto. — Querendo, água quente não falta.

— Mas a menina não vai me contar seus segredos de coração?

— Que segredos de coração, Deus do céu? — e Nica encarou o violeiro com uma surpresa maliciosa, cheia de negaças.

— Esses aí que vosmecê guarda e não quer contar.

— Eu lá sei do que é que o moço violeiro está falando!…

— Minha cantiga fez a menina sonhar… quem sabe lembrar de alguém que está longe…

— E se não foi desse jeito?

— Se não foi?

— É, se não foi… se eu não lembrei de ninguém que esteja longe…

— Apois, então eu não sei… calculei… só isso… que uma moda de viola que fala de amor que nem a que eu cantei costuma trazer essas lembranças à pessoa…

Nica mordia os lábios encarando o Lucas com seu arzinho de moleca. Rodopiou, andou daqui prali dentro do quarto, "pois eu não tenho dessas lembranças" disse.

— Ah, bom… a menina releve… eu me enganei então…

— Quem eu quero está bem perto — disse ela de repente, encostando-se na parede e encarando Lucas.

— Então calha de ser alguém cá das terras de nhô coronel…

Nica revirou os olhos, olhou para o teto, requebrou a cintura:

— Nem sei — disse, demorando-se nas palavras, um jeito preguiçoso, largado. — Possa que seja — delongou-se mais —, possa que não…

E o encarou:

— Tem aqueles que vêm de fora, não tem?

Lucas pestanejou, vigiou a negrita desconfiado. Oferecida essa Nica? Será? Duvidou seu quase, desconfiou outro quase. A Nica parecia derreter-se, mas ao mesmo tempo punha-se contrafeita e inté meio encabulada, como agora que mais uma vez baixava os olhos e como que lhe dava as costas, ainda recostada na parede.

— Então é de um desses que vêm de fora que vosmecê se agradou?

Nica deu de ombros, ainda de cabeça baixa, mexe-que-remexe nas unhas pra mo'd'esconder o encabulamento que de novo a pejava.

— E vosmecê não vai me contar quem é a pessoa do seu agrado?

— Adianta se eu disser? — atirou olhando-o de frente, queixo empinado com audácia.

— Apois não?… Quando se fala de uma coisa que está afligindo a gente, sente-se um alívio…

Nica fez-lhe uma careta de descrença: o moço por certo mangava, só estava curioso, mas despois de lhe arrancar o segredo calhava inté de rir-se dela.

— Pensa que eu sou boba?

— Se vosmecê não quer falar, não fale — ele disse num rompante de zanga fingida, e soerguendo-se: — Vou é cair na água — e do alforje colheu muda de roupa limpa, que a ocasião requeria.

Sem mais ligar para a negrita saiu do quarto. O ribeirão corria por ali, seguindo o ruído das águas na pedreira acertou com o rumo, um luar crescente entristecia no céu uns lamentos na forma de nuvens esfarrapadas e o ar parado mantinha imóveis as árvores, as moitas, as sombras.

Na margem arenosa o Lucas despiu-se, espichou-se em pêlo no chão, estirou braços e pernas, aqueceu-se numa ginástica ligeira e depois entrou na água. Na falta de sabão e bucha esfregou o corpo só com as mãos, limpando-se do suor e do cansaço e principiando a sentir-se renovado. Por fim saiu e galgou uma laje de pedra mode a água escorrer, secar-se, no que então uma brisa maldosa afastou os farrapos de nuvem, o crescente se lhe derramando sobre a pele úmida sem que o violeiro desconfiasse de um par de olhos a espreitá-lo não longe dali. E quando se vestiu com a roupa limpa, entrouxando a usada, e retornou para casa, sua atenção não se despertou para uns pés que adiante dele correram, rápidos e silenciosos, sumindo-se nas sombras mais espessas do arvoredo adiante.

Aproximou-se da casa grande caminhando devagar, e como retornasse por um caminho diverso do que seguira ao sair de seu quarto rumo ao ribeirão, viu-se o Lucas forçado a quase dar volta à casa mode adentrar pela porta que conduzia ao quadrado. Passando por debaixo de um alpendre escutou sobre sua cabeça uma conversa que, de começo, nem lhe alterou o rumo: seria apenas uma prosa de alguém que se distanciava da gente ruidosa que enchia a casa, pois sói no fim do dia um que outro mais exauridos procurarem um recanto mode um repouso e um mais tranqüilo proseio. Porém reconheceu a fala de Coronel Trajano Maria, a voz poderosa porém agora moderada, grossa de lembrar funduras, devagar num arrastamento estudado mode causar impressão.

Ao Lucas tampouco interessou, por bom costume, o que se conversava no alpendre e dispôs-se a seguir em frente quando lhe chegou às ouças uma ou duas palavras que lhe despertaram alguma curiosidade: Coronel pronunciara o nome de falecido nhô Taurino, suspenso na pausa que se seguiu feito pano encarnado num varal, e de seguida considerou a porção de terra que então restava perdida — no que o outro, cujo timbre era estranho ao Lucas, reforçou:

— Perdida, Coronel, aquela terra sempre esteve.

Raspou a garganta e cuspilhou por cima do parapeito, por pouco não acertando a cabeça do violeiro que, escondido na sombra da parede alta e embora forcejando mode seguir caminho, não se conteve em escutar um pedaço mais da conversa.

— Um homem cismático aquele, com tanta terra e nada produzindo.

— Nada — repetiu Coronel —, se tinha dúzia e meia de cabeças de um gado mofino era muito, e as plantações, nem plantações não eram, que aquilo estava mais pra umas hortas escanifradas…

— Ficou a neta — disse o outro —, a Doralice, que é solteira e decerto seguirá pelo rumo do avô.

— Calculo — disse Coronel ainda mais arrastado, pesando bem a situação. — É mulher, não tem tino… Se o avô já não tinha… Se a mãe deu no que deu…

— Mecê teria intenção naquelas terras?

— Não nego — respondeu Coronel despois de sopesado instante de reflexão. — Venho matutando essa idéia nesses últimos dias.

— Só há um porém — opôs o outro.

— E qual seja?

— A Doralice é um bicho-do-mato de selvagem, não sabe?, apois, conta-se que mais de um já saiu corrido de lá a tiro de espingarda.

— Bah, já escutei essas histórias também, não sabe? — disse o coronel com um muxoxo. — Pois já!… Mas serão lérias, compadre, lérias.

— Se o coronel diz.

— E mode que eu teria medo de tiro de espingarda? Espingarda eu tenho cá pra responder com tiro também, ora essa.

— Não digo que não, o coronel é prevenido, mas sempre é mais vantajoso granjear o negócio na conversa, que ninguém se machuca.

— Mas outra coisa eu não pretendo — disse Coronel Trajano Maria levantando-se e dando passos no alpendre, o ca-ta-cum de suas botas ressoando inté no por-dentro do peito de Lucas Modinheiro. — Outra coisa não quero eu: chego-me a ela com proposta de venda. Boto preço, e o resto se vê.

— Preço por baixo, decerto — aventa o outro.

— Por baixo, bem por baixo, que a tal não saberá o valor do que possui. Com moeda sonante diante das vistas duvido que pense duas vezes em-antes de vender. Vende, ora se vende. E vosmecê fique sabendo que a Doralice nada perde: inda dou de lambuja pra ela uma casinha na cidade, no centro de Águas Claras, mode que não é vantagem pra uma jovem viver naquele boqueirão de mato arredada de todo mundo, o compadre não concorda?, e inté um casamento arranja-se com o tempo mode a moça não restar solteira e sozinha. Lá por Águas Claras, ou inté por aqui mesmo, tem peão querendo uma de forno-e-mesa mode fazer uma comida, lavar uma roupa…

— É, o coronel tem boas idéias, está se vendo, mas ainda assim, pode dar-se o caso da moça recusar qualquer oferta. Essa gente é muito apegada às coisas da família…

— Mas lá por isso não me apoquento, não sabe, compadre?, não me apoquento. Teimosia de moça turrona, inda mais uma matuta feito aquela, a gente cura com soiteira bem trançada.

E se achegando ao peitoril, onde se recostou dando as costas para a noite:

— É parada ganha, compadre! Por ora deixo quieto por causo que nhô Taurino inda nem esfriou direito no caixão, não fica bem um homem da minha posição aparecer por lá fazendo proposta assim, de qualquer maneira, feito

moleque interesseiro… vamos aguardar o luto, uns meses… tem também que careço de acertar uma coisa e outra por aí, pendências… vá, tem tempo, que as terras de falecido nhô Taurino não vão sair de lá… porém mais pro fim do ano… agosto ou setembro… então sim!

Lucas não se sustinha ao entrar no quarto: despois de tomar ciência das intenções de Coronel acerca das terras de falecido nhô Taurino seguiu costeando a casa principal contando os passos, numa aflição que não sabia explicar, pois que inté aqueles dias nunca havia escutado o nome do falecido, e da neta dele só despois ouvira a fama de brava, que os olhos nunca lhe pusera, ao certo nem sabia bem o rumo da Fazenda Cruzeiro. No adentrar seu quarto sentiu-se um pássaro preso numa gaiola: faltava alguma coisa, e quando se perguntava dessa falta não compreendia bem mode que seus pensamentos se voltavam para essa moça Doralice contra quem se planejava o mal. Nesse desconcerto sentou-se na cama nem se dando conta de que alguém mais estava ali, e só se apercebeu no que a Nica se descobriu: no susto Lucas se levantou dum pulo e espiou — a negrinha ali se depusera, nua em pelo, e se ria para ele exibindo dentes alvos e pura safadeza nos dengos da voz macia:

— Vem logo, seu Lucas, vosmecê se demorou muito e eu já'stava quase indo p'lo seu rasto…

— Que é que vosmecê'stá fazendo aí, moça?

— Apois, antão o moço pensou que eu ia deixar que ficasse sozinho aqui, numa tristura danada?

— E vosmecê está querendo me desgraçar com Coronel? Acaso não estamos embaixo do teto dele? E o respeito?

— Mas que respeito, seu Lucas, que respeito! Deixa de ser bocó! Lá o coroné tem alguma coisa com minha vida? Minhas obrigações eu cumpro, o resto é comigo.

— Mas se Coronel souber…

— Nhô coroné bem que sabe, seu moço, ele bem que sabe, e pouco liga. Anda logo, que eu não quero mais ficar nessa espera.

A aflição do Lucas redobrou: restou um minuto ali de pé, espiando o corpo cheio e bonito da negrinha, seu riso escancarado, seu peito que subia e descia, o tufo de carapinha entre as pernas que se abriam seu tanto… Relembrou a conversa de Coronel Trajano Maria inda há pouco na sacada, pensou nessa moça desconhecida que sofreria uma violência e por um momento amaldiçoou sua pouca valia, de que serve uma viola onde se requer uma carabina?, de que serve ser cantador quando o que é preciso é ter força mode lutar? Então o que se passava na cabeça do violeiro? Lutar? Mas contra quem, Deus do céu, que é que se lhe alvitrava por dentro sem que ele mesmo botasse tento em seus pensares? Vigiou a negra apetitosa entre os lençóis alvos, desviou o olhar para o cabide adonde havia pendurado a viola, o corpo nu da Nica de novo puxava feito azougue seu olhar… inté que o peão se decidiu:

— A moça não arrepare, não sabe? — disse correndo inté o cabide, sobraçando a viola e sua trouxa —, mas tem coisas que estão traçadas pelo Destino, e nós dois nessa noite não fomos escritos por ele.

— Lucas! — exclamou a Nica sentando-se na cama, a cara entre indignada e chorosa: — Vosmecê está fazendo o quê? Por acaso vai me deixar sozinha aqui?

— Inté que vontade de ficar eu tenho, Nica, que vosmecê é uma moça de muitas graciosidades, só que o Destino escreveu de outra forma. Adeus.

E botou-se para fora do quarto.

— Lucas! Lucas! — Nica ainda gritou às suas costas.

"Lucas! Lucas!" tinia ainda em seus ouvidos o chamado ansioso da negrinha, horas depois, quando o Lucas seguia dentro da noite sem saber ao certo o caminho mas querendo a qualquer custo alcançar a Fazenda Cruzeiro. Tinha de memória o que um dia antes lhe dissera sá Vitalina, "na encruzilhada, pra riba…" e era noite alta quando chegou na dita encruzilhada, lá de cima a lua depondo claridades tristonhas na paisagem adormecida.

Lucas, daí por diante, perambulou.

O caminho serpenteava encosta acima, menos estrada e mais trilho, inda que de certa largura, nele passaria um cavaleiro com seu cavalo, uma tropa de alimárias transportando fardos, não mais.

Uma vez no alto principiava a descer, retorcendo-se, alcançava um vale, seguia por uma encosta com seus desbarrancamentos — chovera forte duas semanas antes e um trecho estava atulhado por umas barreiras enormes, que o violeiro venceu já quando amanhecia. Despois cruzava um matagal, o matagal se convertia em densa floresta que mais pro fim ia-se pondo rala, virava capoeira, descampava-se. E sobrevinham novas subidas, novas descidas, cruzava-se um riacho que milhas abaixo ia desaguar no Santa Madalena, o rio grande, trecho atoladiço adonde o viajante se afundou aqui e ali inté quase que os joelhos, e seguiu em frente. Os morros se sucediam, subidas íngremes, e o silêncio entrecortava-se pelo canto dos pássaros, porém não se avistava casa ou gente e Lucas só não duvidava de que seguia no rumo certo porque outro não havia: torto e retorcido, o caminho era um só, sem bifurcações duvidosas que o fossem fazer errar. Na sombra de uma árvore — que o Sol já se impunha com decisão — Lucas parou e sentou para descansar, lançando mão de umas fatias de pão barradas de manteiga de que havia provido seu alforje inda na pensão de sá Vitalina. O estômago acalmou-se, sobreveio uma sonolência e Lucas tirou um cochilo apoiando as costas no tronco. O cochilo dilatou-se, pois que não dormira aquela noite e despois de tamanha jornada o corpo já não se sustentava. Quando abriu os olhos o Sol tinia na ponta dos cerros, o verde do mato inté se punha meio que amarelado com o calor, e vigiando a posição das sombras calculou o violeiro que já deviam ser quatro horas.

Espreguiçou-se, pôs-se de pé, apanhou o alforje e a viola e foi.

Refrescava o dia com as sombras do começo da noite quando o caminho abriu-se para um descampado, cruzando um pequeno vale onde corria um ria-

cho, e desse ponto — ali se detendo mode um mais propício reconhecimento do lugar adonde acabava de chegar — avistou num alto, a meia encosta, um casarão ruinoso, não tanto mas quase, nas paredes a cal descascando-se, janelas e portas que mesmo a distância se viam devastadas, uma varanda ampla e assobradada na frente com escada de madeira e um gradil provido de parapeito mas apodrecido e nu, que se um dia recebera alguma tinta, tinta já não havia. Abaixo e à esquerda, mais pr'adiante, uma casita de telha encanoada a feitio de construção recente — o barro das paredes intacto e na aparência fresco —, uma outra mais ao fundo entre um matagal, e o mais só a solidão medonha do lugar.

Lucas olhou para aquilo sem compreender outra coisa além de que acabara de chegar na sede da Fazenda Cruzeiro, e se por um lado atinava que, em vista do que corria sobre a gente dali, outra coisa não podia esperar, por outro não restou pouco impressionado com o ar de desolação que havia em tudo, pensando se não seria melhor que aquela propriedade estivesse mesmo nas mãos de um homem como Coronel, que transformasse aquela miséria em abastança. No instante seguinte, porém, rebelou-se contra tal idéia: aquela gente tinha seus direitos, eram os donos, se quisessem vender a fazenda, vendiam, se não, não, e pronto. Antes de avançar, e ainda no rabo desse pensamento, inquiriu de si para si mesmo que, inda sendo dessa maneira, ele de que forças dispunha para opor-se à vontade férrea de um homem feito Coronel Trajano Maria, o que valia também perguntar-se "o que foi que eu vim fazer aqui?".

Limpou a mente de pensamentos intrusos que lhe retardassem os passos e seguiu em frente, atravessou o valezinho, passou pela ponte de paus roliços sobre o riacho e galgou ladeira acima a encosta, adentrando o amplo terreiro defronte a varanda.

Nesse momento escutou ranger a porta larga da frente e do interior da casa surgiu uma mulher jovem cujas feições não pôde discernir bem a distância, mas que se chegou ao gradil e trazia na mão uma espingarda:

— O estranho pode ir ficando por aí mesmo, que se der mais um passo sem meu consentimento eu atiro. E já lhe vou declarando que sei fazer bom uso disto aqui — e moveu a mão que segurava a espingarda.

— Apois, sinhá dona — e o Lucas tirou o chapéu —, que não carece de violência, não sabe?, que eu cá sou pessoa pacata e de bom proceder.

— Isso quem vai decidir sou eu. Trata por enquanto só de se explicar.

— No que sinhá dona quiser saber sobre minha pessoa.

— Quem é vosmecê e o que quer em minhas terras?

— Meu nome é Lucas, não sabe?, e o povo me conhece mode que eu toco viola e canto uns versos. Todo lugar adonde chego é o mesmo, toco viola e canto, e na graça de Deus Nossinhô vou levando a vida.

— Eu cá de moda de viola pouco entendo e nem aprecio. Mas vosmecê não disse o que veio fazer aqui.

— Vim aqui, não sabe?, pelo mesmo motivo que vou pra todo lugar, obrar meu ofício, buscar um pouso por um dia ou dois, e despois seguir meu caminho que o mundo é grande e nem andando a vida toda se chega no fim.

— Antão que vosmecê vem obrar seu ofício de cantoria em minhas terras? Haverá por acaso aqui alguém mode escutar o moço? Vosmecê calha de ver por cá algum arraial?

— É certo que não, sinhá dona — e nesse momento viu o Lucas despontar no oitão da casa um homem cambaio, encardido de pele e roupas, mas que abastecido com um porrete de ipê no qual, de longe, já se viam os nós poderosos da madeira veio se achegando devagar pra frente da varanda, novidade que tolheu a fala do violeiro.

— Sinhazinha carece de ajuda? — o homem cambaio e encardido perguntou, lançando uns olhares ofídicos contra o visitante.

— Careço não, Totonho, pode voltar pro seu quefazer que eu cá me viro bem. O moço alcançou este lugar aqui por engano e já está de saída.

— 'Stá certo, sinhazinha, mas se carecer é só chamar — e se retirou, entortando-se aqui e ali, não sem antes fuzilar o Lucas com outro olhar.

— E então, seu moço — Doralice perguntou, imperiosa —, mais alguma coisa?

— É como eu dizia, sá dona, eu não vejo mesmo por cá nenhum arraial, mas ainda assim tem gente, e por pouca que seja eu ofereço meu ofício mode um divertimento.

— A gente aqui não carece de divertimento, moço, a gente carece de braço pro serviço.

— Apois, antão sinhá dona não poderia encontrar outros braços melhores que os meus, que além do ofício de cantador tenho também o de carapina, e em havendo ferramenta não tem telhado que eu não conserte, porta e janela que não ajeite no lugar. Sinhá dona releve, mas espia, vossa casa anda carente de uns reparos, não que não seja uma boa casa…

Doralice não respondeu de pronto: pareceu considerar o estranho, ainda desconfiada, mas matutou consigo mesma que se de fato o cabra soubesse mexer com madeirame talvez fosse de bom alvitre mantê-lo por ali, não sem vigia, teria de tê-lo pelo olho o tempo todo, porém a utilidade compensaria o alarme.

— Totonho — Doralice chamou, e o cambaio reapareceu no oitão da casa.

— Sinhá dona não carece de chamar por seu empregado — disse o Lucas recuando um passo —, eu me retiro, se é da vossa vontade.

— Vosmecê fica onde está — imobilizou ela o Lucas com sua autoridade, e para o outro: — Totonho, o moço aí vai pernoitar, por isso mande a Rosa arrumar o quartinho do porão.

— Sim, sinhazinha, conforme vossas ordens.

— Ah, Totonho, veja também umas ferramentas de carapina, aquelas que falecido vô guardava no baú.

— Sim, sinhazinha.

— Amanhã a gente vai ver se o moço sabe mesmo o que diz. Mas já vou advertindo: a paga é pouca, que aqui não tem ninguém rico mode esbanjar dinheiro.

— Mas sinhá dona não carece de se preocupar com paga — retorquiu o Lucas —, que da minha cantoria guardo uns haveres que me bastam. A dormida já basta, e o de comer…

— Totonho, mande a Rosa preparar um pirão reforçado, que pelo visto o moço deve estar carecido.

— Apois sá Doralice não erra, que eu hoje só botei na boca uns nacos de pão, e assim mesmo ali por volta do meio-dia, não sabe?, que nem de manhã comi farelo que fosse, e o efeito que tinha de fazer já fez e passou.

— Pois então descanse e se alimente, que amanhã veremos.

— Fico muito agradecido com vossa compreensão. Garanto que meu serviço vai ser do vosso agrado.

— A gente vai ver… seu Lucas, não?

— Lucas Modinheiro, sim senhora, mode servir vossa pessoa.

— Muito que bem — e antes de voltar para dentro de casa —, mas por enquanto pode esperar por aí mesmo inté o Totonho lhe indicar seu quarto.

O olho do Totonho tornara-se menos espiculado despois da patroa dar ordens favoráveis acerca do estranho, mas ainda assim punha-se de guarda, espiando-o de soslaio, suspicaz. Levou Lucas ao porão, adonde se entrava por uma porta de duas folhas desprovida de tranca ou tramela e que por costume permanecia apenas encostada por obra duma pedra que servia de escora. Havia ali um espaço amplo repleto de tralhas de utilidade indiscernível na penumbra que fazia e, aos fundos, transitando-se entre as velharias, um quartinho, se parecido com aquele que lhe fora concedido na casa de Coronel Trajano Maria, porém pior: uma cômoda pequena com uma moringa, um cabide e a cama, mas as paredes descascadas e apresentando uns arrombamentos hediondos, das tábuas lanhadas do forro pendendo a picumã do tempo e teias de aranha. Via-se que o soalho fora varrido e limpo com um pano úmido mode apagar a poeira. O lençol pareceu de asseio, inda que amarelado, e mode coberta uma colcha de retalhos antiga. "É só seguir polo trilho ali 'diente e entrar na capoeira" disse o Totonho quando o Lucas perguntou por alguma bica ou poço adonde refrescar-se e mesmo lavar umas peças de roupa que trazia sujas no alforje, "não é longe não, tem o lago mode um banho e mais pra riba a bica. É água boa e limpa, pode inté prover essa moringa para o caso duma sede mais pra noite", e já escurecera de todo quando o Lucas entrando no quartinho deparou sobre a cômoda um prato em que fumegava um pirão reforçado com nacos de carne e fatias de pão caseiro.

Doralice não divergia muito do dizer do povo — e como o Lucas pôde verificar, a espingarda existia. Desconfiada e de gênio, inda que não se suprindo de nocivos sentimentos, chegara mesmo a atirar na direção de algum aventureiro

vindo ao Cruzeiro com intenções nefastas na época de nhô Taurino adoentado e já sem forças, sendo o filho do Zuza do armazém um deles. Aprendera a desconfiar com o avô, que lhe ensinara "o mundo é mau, minha menina, bota tento no ser de cada um, que de conluio com palavras doces vem o fel da covardia", e ao se ver sozinha no mundo, mesmo desprovendo-se de tudo mais, não deixava faltar a pólvora e o chumbo para a espingarda de repetição, arma que ainda em tempos de menina aprendera a manejar com perícia, nhô Taurino lhe ensinando as manhas do disparo certeiro, o coice a controlar, o olho minucioso acertando a massa e a alça de mira…

Doralice, morto há poucos dias o avô, se vira só e sem saber o que fazer daí por diante: sabia-se proprietária de uma vasta extensão de terras mas não tinha gente que trabalhasse nelas nem gado que enchesse os pastos, pois o mais de seu seriam umas poucas reses para o leite do consumo diário e, de companhia em sua solidão, o Totonho e a Rosa, colonos antigos que moravam numa das casinhas próximas, e o Pedro, filho único do casal, que estava para casar com uma moça de Águas Claras e passaria a morar na outra, erguida de pouco e ainda desprovida de mobília.

Do Totonho já se falou, cambaio e envergadiço mode uma dor na espinha que aparecera com a idade (já passava bastante dos cinqüenta, inda que não tivesse alcançado os sessenta), mas que não o impedia de andar por ali, vigiar, pôr-se ao lado de sua "sinhazinha", por quem cederia de bom grado a própria alma. Da Rosa pode-se dizer que com o tempo arredondara pavorosamente, e a enxúndia tornara seus movimentos vagarosos e as pernas, tendo de suportar aquele peso, arrebentara de varizes. Não se poderia, no entanto, menosprezar sua mão na cozinha, boa mão, por sinal inté que de excelências, fosse no temperar uma carne ou no bater a massa dum pão (do que o Lucas pudera experimentar naquela primeira noite), ou em quaisquer outras artes de forno e mesa. Já o Pedro era homem de menos de trinta anos, miúdo de corpo mas desempenado e rijo de ossos e músculos, feioso e meio vesgo de uma das vistas, seguia os pais na devoção a sinhazinha: sendo o único com disposição para a lida, cuidava do gado escasso, vigiava-lhe as crias, negociava o pouco que havia e cultivava uma horta de certas farturas em folhas e tubérculos, afora um pomarzinho com suas laranjeiras, seus abacateiros, uns pés de caqui e de goiaba e o canavial de reles proporções. Sozinho, já dava conta de muito, e por último andava afainado com a proximidade do casamento com uma escurinha de Águas Claras: pois que sem adjutório tivera de erguer sua casita de pau-a-pique, emboçar as paredes, bater o chão, preparar o fogão de adobe e prover sortimento de lenha, restando ainda transportar das lonjuras do arraial o guarda-roupa, o guarda-comida e um colchão lá adquiridos, que a cama improvisara dumas tábuas que fora recolher com ordem de sinhazinha no porão, entre as tralhas.

Fora esses, portanto, e a escurinha que estava para chegar de Águas Claras, Doralice não tinha mais ninguém consigo, este o motivo maior de não ter corrido de vez com o Lucas de seu terreiro, uma vez também que o novato não lhe

pareceu de todo mal — inda que se mantivesse ressabiada com a presença dum estranho em casa —; além do mais, se bem que não referisse a ninguém, em seus anseios à moça agradava a idéia de ver sua casa renovada, suas terras cultivadas, uma gadaria viçosa enchendo os pastos, e para isso careceria de braços — não para divertimento de viola, conforme havia declarado de pronto diante do Lucas, mas para a lida, o duro do muito por labutar. Naquela noite Doralice tardou um pouco mais a pegar no sono, imaginou se não apareceriam mais braços, mais gente disposta ao trabalho, com tirocínio mode botar o Cruzeiro pra frente. Pensou que se ficasse esperando, porém, essa gente disposta não iria cair do céu, era preciso buscar — em Águas Claras ou onde fosse —, mas no que principiava a orientar-se por esse pensamento sustinha-se, que empecilhavam seus planos dois entraves: o primeiro, o medo natural de gente estranha ("E se o povo que aparecer não prestar pra nada e ainda por cima calcular minha perdição, mode interesse no que tenho?" ocorria-lhe vez por outra); o segundo, cadê os recursos para tal empreendimento? Pois que se nhô Taurino lhe deixara uma terra invejável, dinheiro mesmo quase nenhum: a não ser algumas economias que guardava bem guardadas no baú, não tinha mais nada — e assim Doralice via seu mundo estreitar-se, mesmo que à sua volta se estendessem amplidões que ela podia dizer suas.

Naquela noite, no retardo do sono que não queria chegar, esses pensamentos lhe ensombreciam o ânimo quando escutou…

…no silêncio natural do lugar, cortado apenas pelo rumor do riacho ao longe e pela brisa intervalada nas árvores da beira do terreiro, ou pelo canto de algum pássaro noturno que, porém, não costumava achegar-se muito para perto da casa, subiu de repente uns acordes, um dedilhar de viola, muito ao de leve, baixinho como a furtar-se de outros ouvidos que não os daquele que tocava, e esse som tão diverso do que Doralice estava acostumada fê-la embalar-se como criança para quem se entoa um acalanto.

Aos primeiros acordes sentou-se na cama e ficou escutando: era o Lucas que tocava, mas tão em surdina que a música só chegava até o quarto de Doralice porque o silêncio era mesmo grande, tão grande quanto a noite, "tão grande quanto a solidão…" teria a moça pensado se não a enleasse a melodia chorosa e não lhe pespegasse no peito uma certa opressão de dolências.

Mas não durou: calou-se a viola e agora somente os ruídos naturais do ermo, igualmente em surdina na calmaria da noite, chegavam até o quarto de Doralice.

De seu lado, porém, o Lucas matutava em sua preocupação: falar a Doralice do risco que estava correndo — mas de que jeito? Logo ao chegar já pudera constatar o gênio arisco da moça, que só o deixou ficar por seu oferecimento, serviços de carapina com que providenciar melhoria na casa, e por paga apenas cama e comida. De que maneira tocar no assunto do interesse de Coronel em suas terras, que vinha na intenção de uma oferta muito por baixo mode obter o muito por pouco? Corria o risco de Doralice não só desacreditar de sua palavra

como achar que na verdade ele estava mas era de conchavo com o coronel pra lhe ganhar a confiança — e nesses pensares, do que seria capaz a moça com sua espingarda na mão?

No dia seguinte, e nos que se seguiram, Lucas trabalhou — tanto que a viola restou esquecida dentro da caixa, dependurada do cabide no quartinho do porão.

Recebeu das mãos do Totonho algumas ferramentas — um serrote, uma enxó, uma plaina e outras similares, do ofício de carapina —, nenhuma muito boa, algumas bastante gastas, mas que encontraram serventia mode a boa vontade do oficial e sua perícia, que o Lucas não mentira ao dizer que entendia do riscado: começou pelas portas e janelas, que extraiu de seus encaixes desempenando as dobradiças, consertando trancas e tramelas, azeitando as fechaduras mode um melhor girar da chave no mecanismo, lixando a madeira gasta, cortando as partes apodrecidas para recompô-las com ripas intactas serradas na justa medida; seguiu-se a recuperação das ombreiras e alizares desde o sobrado inté a porta de folha dupla do porão, que agora já podia ser trancada pelo implante de uma fechadura boa encontrada no meio das tralhas; mais custosa foi a varanda, que o gradil e o parapeito, por mais expostos ao tempo, apresentavam fundas mordidas: ripas soltas, quebradas, apodrecidas, a madeira mais grossa requerendo substituição, bem como a escada, que teve de ser reconstruída, e ao findar essa fase da empreitada requereu da dona da casa que enviasse pelo Pedro a Águas Claras encomenda de tintas para o madeiramento e cal para as paredes.

Transcorreram-se nessa faina mais de dois meses, quase três, e ainda que não esmorecesse no serviço o Lucas não vislumbrava um amansamento de Doralice, sempre arisca, sempre distante, tratando-o não como um conhecido em quem pudesse confiar mas como um estranho do qual deveria manter distância, e por aí continuava sem saber como tocar no assunto que o levara até ali.

Doralice, contudo, ainda que arredia por seu natural, de poucas palavras e cenho sempre nebuloso, não deixava de reconhecer que Lucas se saía bem, além do que pudera esperar, e conquanto não deixasse transparecer para os demais, para si mesma não conseguia — nem fazia questão de — esconder a satisfação de ver que sua casa, pouco a pouco, ganhava outros ares, melhor aspecto, e no girar a chave na pesada porta da frente, que desde muito para manter fechada à noite era preciso escorar por dentro com uma tábua, fazia-o com um prazer desconhecido e uma expectativa de mais mudanças e melhorias.

Recolhia-se para seu quarto e ali também experimentava a satisfação de fechar a porta sem o ranger incômodo das dobradiças, sem ter de forçar porque o encaixe no batente ajustara-se, assim como nas folhas da janela, e de uma a tranca e da outra o trinco funcionavam à perfeição. Ao deitar-se, porém, sobrevinha aquele silêncio e aguçando os ouvidos Doralice esforçava-se por escutar alguma coisa, qualquer coisa diversa do de sempre, algo que na primeira noite

do estranho ali lhe chegara aos ouvidos mas despois não mais: o dedilhar da viola, inda que muito baixinho, uma música — que em má hora, movida por despeito e desconfiança, dissera não apreciar, sendo certo que mal conhecia o que fosse essa coisa que se produz com os dedos nas cordas, pois que oportunidades tivera até então de ouvir moda ou cantiga, se a festas nunca fora e baile não conhecia?

Ocasiões havia em que de caso pensado a moça se punha às escondidas a observar o Lucas em sua lida, já não movida por precaução e receio: por uma fresta de janela o vigiava, sim, mas com curiosidade quando, ao sol, ao livrar-se da camisa devido ao calor e ao esforço de empunhar a enxó ou o serrote, aplainava uma tábua ou torava um tronco…

Uma tarde, durante uma pausa em que o Lucas descansava da lida e se refazia (inda há pouco viera o Totonho manquitolando com um bule de café com leite numa das mãos e um prato de aipim frito na outra) sentado num toco nos fundos da casa, Doralice, vassoura na mão como se fosse varrer o terreiro, foi se aproximando sem ser percebida, passou pelo carapina como se nem o tivesse enxergado, escorregou inté o fim do terreiro e chamou pela Rosa, que surgiu da direção da bica, lerda, bamboleando e secando as mãos na barra da blusa. Entreteve-se ali a moça com a criada alguns minutos dando umas ordens, referindo isso e mais aquilo e vez em quando espiando de rabo de olho no rumo da casa adonde, aboletado no toco, Lucas tomava café. Despois despachou a Rosa e fez que ia cruzar o terreiro para a frente da casa mas, não dando meia dúzia de passos, mudou de rumo veio vindo como quem não quer nada, aprochegando-se do Lucas:

— O moço tem trabalhado bem — disse ela pela primeira vez, olhando para cima como que entendida, considerando demoradamente o telhado já em parte descoberto que o Lucas, por ajudantes o Pedro para o mais pesado e o Totonho para servicinhos somenos, principiara a parte mais difícil: a recuperação do madeiramento que sustinha a cobertura. A trave da cumeeira e a viga principal encontravam-se em bom estado, peças de braúna lavrada capazes de suportar as goteiras que com o tempo foram-se formando (e que o carapina tratava de eliminar com a reposição correta das telhas); os caibros, porém, e as ripas, em sua maioria estavam apodrecidos de tal forma que não tardaria o telhado afundar em alguns lugares e, mais hoje ou mais amanhã, desabar de vez.

Lucas pasmou ao ouvir o elogio que tanto custara a sair daquela boca, e por um momento susteve a caneca de café numa das mãos e o pedaço de aipim na outra, olhando meio embasbacado para Doralice.

— Continuando assim, a casa não demora fica nova outra vez — Doralice acrescentou. — Totonho — ela chamou —, traga uma cadeira que careço de ter um dedo de prosa mais o seu Lucas aqui.

Veio a cadeira no andar incerto do Totonho e Doralice sentou-se, sempre para surpresa crescente do oficial, que nunca vira aquela jovem rígida de costumes pôr-se tão franca como agora.

— Vosmecê pode ir, Totonho.

O Totonho se foi e agora no terreiro dos fundos, Lucas sentado no toco, Doralice na cadeira, estiveram a sós.

— Seu Lucas, vosmecê obra com capricho, faz gosto ver…

— Fico satisfeito com o contentamento de vossência, dona Doralice. Mas fazer pelo melhor é o meu natural, não me dou com serviço mal feito.

— Pois vosmecê será recompensado, não sabe?, dentro das minhas posses, está visto, que não são muitas, mas faço questão de pagar pelos seus préstimos.

— Mas eu não estou botando preço, dona Doralice, no dia mesmo que cheguei eu disse que seria só por cama e comida, que proventos eu tenho, ganhos com minha cantoria pelo mundão afora adonde viajo.

— Eu não esqueci do que vosmecê disse aquele dia, mas não acho justo, por isso faço questão de pagar. Vosmecê não vai me fazer a desfeita duma recusa.

— Está visto que não, sá dona, sendo de vosso empenho… Sendo que inda falta é coisa pra fazer, não sabe?, que terminando o telhado resta a pintura das portas e janelas, e do madeirame no geral, a caiação das paredes… e mais, que dentro de casa inda carece de correr uma plaina polo assoalho, fazer uma boa limpeza no porão e por aí o resto…

Doralice se levantou da cadeira como que dando por terminado o proseio, "tudo a seu tempo, seu Lucas" disse em voz resumida, alheando-se um tanto "tudo a seu tempo, não sabe?, que o mundo não foi feito num dia só". A moça, porém, não arredou pé de imediato, permaneceu: vigiava o telhado, espia-que-espia como se inda não tivesse visto tudo, inté que deixou escapar a modo de lembrança de última hora:

— O moço disse que é violeiro e que canta polo mundo em suas andanças.

— Esse é o meu ofício, tem sido desde minha mocidade, não sabe?, des'que deixei a casa de pai e mãe, eu quase um garoto inda sem barba na cara.

— E despois decerto tem intenção de continuar suas viagens?… Quero dizer, despois de terminar tudo isso — e fez um gesto vago, indicando a casa.

— É capaz que sim, dona Doralice, apois se é esse o meu ofício de fato: chegar numa freguesia, numa feira, numa praça qualquer e empunhar a viola. A cuia eu deixo de lado no chão, mode o povo entender que a apresentação tem um valor, e que um violeiro carece de viver mode continuar alegrando as gentes nos lugares adonde passa!

— Está certo — e a Doralice vigiou o moço de frente, seus olhares se cruzando e descruzando num átimo.

Fez-se um silêncio embaraçoso, mas Doralice recompôs-se com segurança:

— Mas vosmecê não tem entoado canção desde que chegou.

— Apois, não, mode não desagradar vossa pessoa, que disse não apreciar.

— Eu disse, mas foi bobagem, não sabe?, que não me desagrada… — e Doralice tolheu-se, perguntando-se se não estava sendo familiar demais com o serviçal. Tolheu-se, calou-se algum, desse muita confiança — ocorreu-lhe — e a coisa desandava, abria-se caminho para abusos… porém reconsiderou: não

carecia tanto rigor que o rapaz vinha desde tempos lhe parecendo pessoa de recomendável proceder, e, condescendente: — … de forma que se quiser tocar nas horas de folga, não me oponho. Se não calha de vosmecê perder o jeito…

— Fico-lhe agradecido, dona Doralice, e se não lhe desagrada, então… mas perder o jeito é coisa que não sucede, apois, que é só esquentar um pouco os dedos e tirar uns acordes que mesmo despois desse tempo parado a viola fala.

— Ah, bom… Então está dito. Inté mais — e saiu por fim da presença do Lucas que bem sorvia o café com leite e mordiscava o pedaço do aipim uma idéia principiava a formar-se em sua cabeça, um jeito diverso e inesperado de contar a Doralice sobre as intenções de Coronel Trajano Maria!

Naquela noite escutou-se de novo a viola no porão da Fazenda Cruzeiro: um dedilhar tímido ainda como se o Lucas se ressentisse de uma certa vergonha, temendo incomodar o sono da patroa. Tocou, mas baixinho, não cantou, satisfez-se apenas com os acordes e as melodias que ia tirando com a habilidade de costume, de uma passando para outra como que para recuperar a intimidade com o instrumento — intimidade pelo certo nunca perdida, pois — como ele mesmo dizia — viola e violeiro de verdade são um só: se um faltar o outro está incompleto, mas juntos seu ser se unifica.

Em sua cama Doralice punha-se atenta: era bonito aquilo, aquela música que ela não conhecia, que acompanhava aquele homem adonde ele fosse mas que não era para ela, que seria sua só de empréstimo enquanto ele estivesse ali mas que iria embora com ele quando ele partisse; música que ele iria pelo mundo dividindo com outros, toda gente, e que ela perderia de uma vez por todas — e a moça viu naquilo uma injustiça: então todo mundo tinha direito de escutar a viola do Lucas, por todo lugar que passasse o povo iria gozar daquela satisfação, só ela — Doralice — não, só a muito custo dando-se conta de que toda gente também perdia o Lucas para o mundo, pois o violeiro e seu instrumento a ninguém pertencia: hoje ele tocaria numa praça em Águas Claras, mas amanhã estaria em outro lugar — Conceição da Várzea, Corgo Seco… —, e despois já noutro e assim por diante, levando alegria a outra gente, mas solto, livre como o vento…

Pela primeira vez ocorreu a Doralice que o Lucas, em vez de partir, talvez pudesse ficar… se ele ficasse, a viola ficaria com ele, e a música seria… para ela, só para ela!

Esse pensamento sobressaltou-a: Doralice sentou-se esbaforida na cama — o que estaria acontecendo, afinal de contas, o que é que se passava em sua cabeça? —, despois levantou-se incomodada e passeou pelo quarto, pola janela aberta entrando feito um presságio a luz tristonha dum quarto minguante; espiou no canto a espingarda e teve ímpetos de apanhar a arma e dar tiros para o ar a fim de acalmar a agitação (só não o fez por vergonha, temerosa de alarmar os outros e ainda parecer destemperada do juízo).

No porão a música silenciara. As minguâncias do luar entravam pela janela, quase uma dor conquanto fosse apenas luz. Parada no meio do quarto Doralice

prestou atenção: nada, apenas o silêncio. Sentiu-se tranqüilizada e voltou para a cama. Seu sono agora passara a ser embalado, noite a noite, pelo dedilhar do violeiro no porão, baixinho, um suspiro, às vezes um gemido…

— Nesses últimos dias tenho escutado o moço tocando toda noite, no quartinho do porão.

Sentado no toco nos fundos da casa, manhã cedinho, o Lucas tomava seu café. Levantou-se num susto: Doralice acabara de chegar com um prato de bolinhos de chuva.

— Fiz esses bolinhos mode vosmecê tomar seu café com uma mistura diversa, que batata ou aipim todo dia acaba enjoando.

— Agradecido, dona Doralice — gaguejou o Lucas apanhando um bolinho —, não precisava incomodar-se por minha causa.

— Incômodo nenhum, vosmecê trabalha, precisa comer bem.

— Espero que não esteja atrapalhado vosso descanso…

— Atrapalhar não atrapalhou, que eu inté que aprecio, mas…

— ?

— …vosmecê podia tocar um dia mais cedo, em antes de escurecer… ali na varanda, não sabe?, mode se escutar melhor.

— Apois… se for do vosso agrado… está visto que sim.

— Então… hoje de tarde… o Totonho, a Rosa, inté o Pedro decerto que iam ter muito gosto…

— E dona Doralice não?

— É certo que sim, seu Lucas, ora essa! Se sou eu que estou pedindo!

Naquela tarde, findando mais cedo a lida na reforma do telhado, que no último mês avançara bem, Lucas Modinheiro fez seu primeiro concerto na varanda do Cruzeiro tendo por platéia os quatro moradores: sentada mais perto numa cadeira de palhinha, a dona da casa, muito direita parecia ter-se arrumado para a ocasião, inté os cabelos prendera num penteado gracioso no alto da cabeça; mais ao fundo, os três serviçais, abismados com a habilidade do violeiro e encantados com as músicas que ele ia tirando — ora uma canção cheia de dolências a contristar por dentro o coração, ora uma modinha engraçada que espicaçava o riso… De todos, porém, quem mais se embeveceu outro não foi se não o próprio Lucas, o próprio cantador quando, numa de suas cantigas mais engraçadas viu Doralice rir-se pela primeira vez, um riso franco que descobria dentes bonitos e produzia covinhas nas faces, o rosto iluminado mais pela própria alegria do que pela luz da tarde que findava, muito diverso daquela expressão amarga e sombria do dia de sua chegada em que ela o recebera, hostil, aparecendo naquela mesma varanda com uma espingarda na mão. Nada escapou ao Lucas então: com aquele riso aberto Doralice recuperara sua juventude, a candura de seus vinte e três anos, e como era bonita aquela moça!

Ocorreria ao Lucas, naquela noite, antes de adormecer, que seu tempo de jornadear estaria chegando ao fim? Possa ser… Certo é que despois o violeiro

dormiu a sono solto e na manhã seguinte retornou ao trabalho no telhado com mais ânimo do que antes.

— Eu tinha vontade de tocar hoje à tarde, despois da lida, uma música que fiz para vosso agrado — disse o Lucas a Doralice passadas duas semanas, pela manhã, quando tomava o café na mesa grande da cozinha: que desde a tarde do primeiro concerto de viola o Modinheiro passara a fazer as refeições não sentado no toco nos fundos da casa, mas a convite da patroa na mesa da cozinha, especial deferência por parte da moça que muito o comovera.

— Então toque — ela respondeu —, decerto todos vamos gostar de ouvir.

— Mas é que… eu queria que hoje… só a senhora estivesse lá…

— Ora essa — e Doralice meio que se alarmou, franzindo o cenho —, e mode quê?

Lucas embaraçou-se um tanto: percebeu o alarme da patroa, deu-se conta de não ter ainda conquistado de todo sua confiança. Naquelas duas semanas tocara na varanda para o pequeno grupo mais duas ou três vezes, mas agora desejava ter na assistência somente ela, a patroa, e tivera de tomar coragem para fazer o pedido. Porém…

— É uma cantiga que conta uma história, não sabe? — ele explicou —, e de primeiro assim queria que só a senhora escutasse… despois então, sim… os outros… mas de primeiro… se vossência consentir…

Encararam-se.

O semblante anuviado de Doralice, o cenho franzido, impuseram-lhe temor. A moça viu-o baixar os olhos num desconforto, feito menino pego a fazer artes, e aos poucos tranqüilizou-se.

— Muito que bem — disse despois de um instante —, consinto. Vamos a ver que história é essa que se conta em sua cantiga. Desde que seja de respeito…

— Mas de outra forma não seria, dona Doralice — respondeu o peão levantando os olhos para a moça que ainda o vigiava com seriedade nas feições —, que meu proceder diverge do ofensivo, inda mais no caso de uma moça da vossa posição.

— Ora essa, posição não tenho eu de importância e vosmecê bem sabe — respondeu Doralice —, mas gosto de tudo pelo direito — e ficou acordado que naquela tarde o Lucas lhe mostraria a canção nova, a história de que ele havia falado.

O dia transcorreu sem divergência do habitual: no telhado, Lucas repunha caibros e ripas, embaixo o Pedro ia adjutorando no estender-lhe uma peça requerida, lançar-lhe uma corda, galgar a escada para entregar-lhe alguma ferramenta… O Totonho transitava por ali sua quase inutilidade, nesses quefazeres mais pesados não havia tarefa que lhe competisse, e a Rosa aparecia vez a vez com a chaleira de café fumegante que o Lucas, interrompendo o serviço, com muito gosto descia para tomar: o frio chegara um pouco mais tarde aquele ano,

mas agora, meando julho, trazia seus rigores acompanhado de um ventinho gelado e uma lubrina que no mais das vezes nem deixava o serviço progredir. Nesses dias a própria Doralice dava ordens para que não se fizesse nada, "não vá o moço constipar-se" dizia com vera preocupação, e acrescentava a modo de despiste "nem o Pedro, que agora tem família mode sustentar", pois havia uma semana dera-se o casamento do Pedro com a escurinha de Águas Claras: alguns dias esteve o rapaz atarantado em finalizar a arrumação da casa e transportar da cidade o colchão, mais o guarda-roupa e o guarda-comida desmontados em lombo de alimária (tarefa que levou o dia e foi pela noite adentro) para, por fim, assinar os papéis, coisa que se impunha a feitio de compromisso, que a noiva, por ser moça de cor, não era menos gente e merecia consideração. Passados esses dias de embaraço, o diário no Cruzeiro voltou ao normal: a mulher do Pedro com poucos dias afizera-se à rotina da casa, moça prendada e muito limpinha, uma boa companhia para a Rosa que, com a corpulência e a idade, já não podia muito; o Totonho rodava de um lado para outro procurando o que fazer para não parecer de todo imprestável, e o Pedro retomou ao lado do Lucas suas atividades na recuperação do telhado da fazenda.

De tardezinha, despois do banho de água morna em seu próprio quarto, em bacia de cobre cedida pela Rosa, e vestindo uma roupa fresca e limpa, Lucas alcançou a varanda e sentou-se na cadeira de costume, principiando por afinar o instrumento. Não tardou Doralice veio lá de dentro e foi sentar-se defronte.

Lucas não a olhou de pronto, no acanhamento do que teria pela frente fingiu ainda que afinava, experimentando uns acordes, deixando os dedos à vontade, frouxos…

Doralice esperou.

Por fim o Lucas levantou os olhos para a moça:

— É uma cantiga que conta uma história, não sabe, dona Doralice?…

— E sobre o que será essa história, seu Lucas?

— Vosmecê vai ficar sabendo no correr da moda, que se eu contar antes perde a graça.

— Apois, vamos escutar então a cantiga.

E o Lucas, com voz serena, entoou, e no seu descante falou de um lugar mui longe, de uma casa arruinada perdida no ermo adonde solitária uma moça vivia. Discorreram seus versos sobre a morte que da moça subtraíra o arrimo, e dos haveres que a cobiça despertava no coração ruim de um poderoso senhor. Não sabia a moça desses planos que contra ela se dispunham, prosseguiu o Lucas, mas um cavaleiro houve que tudo descobriu e, decidido a enfrentar o destino, para aquele lugar distante se botou em hora de noturna caminhada a fim de prevenir a vítima contra seu executor. Naquele lugar encontrou o cavaleiro uma casa em ruínas e enxergou na moça graças não poucas, e ainda que não soubesse como, viu-se disposto a enfrentar ao lado dela o perigo que rondava…

E nesse ponto susteve o Lucas o canto e a música silenciou de súbito.

E ficaram os dois ali, o violeiro Lucas e a dona do Cruzeiro, defronte um do outro sem de imediato nada se dizerem.

— Mas então é só isso? — quis saber por fim Doralice, para quem a história não fora terminada. — A história acaba aí?

— A história ainda não acabou, dona Doralice — disse o Lucas sem encarar a outra.

— Pois então acabe, ora essa, a cantiga é bonita e eu quero saber o final.

— Não posso acabar a cantiga, porque a história ainda está acontecendo, dona Doralice. Eu não sei o fim.

E olhando-a finalmente direto nos olhos:

— O final da história depende da senhora, dona Doralice.

Doralice, que no transcurso da moda já começara a desconfiar sem, no entanto, fazer-se de entendida, levantou-se de pronto, o rosto em brasas, confusa, olhando o Lucas com certo assombro e reassumindo seus ares hostis.

— Pois vosmecê está é virado das idéias — disse e deu dois ou três passos sem rumo na varanda.

Lucas não respondeu, mantinha-se de cabeça baixa.

— Só pode estar virado das idéias — repetiu Doralice com indignação —, e eu não quero é saber de mais nada.

— Dona Doralice, é preciso que saiba…

— Eu já disse que não quero saber de mais nada — ela respondeu, cortante, uma fúria nos olhos grandes e vivos —, e se vosmecê insistir nessa história é melhor que se retire de minha casa.

Lucas apanhou o chapéu, sobraçou a viola, desceu os degraus de madeira da varanda.

— Inté acho melhor mesmo que se vá amanhã — diz Doralice chegando-se ao parapeito —, é melhor que se vá com suas histórias pra lá, e o mais cedo que puder. E quanto ao telhado, pode deixar que o Pedro acaba de consertar o que falta.

— Se essa é a decisão de vossência… — do terreiro Lucas soergue os olhos para a outra.

— É — diz Doralice com altivez —, está decidido. No raiar do dia mando vossa paga pelo Totonho, dispensa inté de vir me procurar.

Mas ao se deitar naquela noite Doralice sentiu-se incomodada: pôs-se a escutar, mas não ouviu nenhum movimento no porão. Havia mandado embora esse moço que tanto a ajudara, fora ríspida, e não tinha dúvida de que cedinho o Lucas iria embora como ela havia ordenado, apois não era pessoa de opinião firme o rapaz? (coisa que ela já havia desde muito percebido) "Que raios, também não era preciso tanta pressa" disse consigo mesma apurando uma vez mais os ouvidos na esperança de ouvir pelo menos uns acordes como em noites anteriores: mas nada, tudo continuava em silêncio no porão. "Que terá ele querido dizer com essa história sem pé nem cabeça?" perguntou-se Doralice já fingindo para si mesma ignorar a verdade por trás do versos, verdade que porém

mais cedo havia percebido com clareza tal que a deixara naquele estado, "e por que me aborreci tanto, afinal de contas, se ele decerto má intenção nenhuma não tinha?".

Não sentia sono, não conseguiria dormir, levantou-se e chegou à janela. Martelava-lhe a cabeça a cantiga do peão com sua história inacabada, "ele disse que o fim da cantiga depende de mim... o que foi que ele quis dizer com isso, afinal?".

Doralice acendeu a lamparina e saiu para o corredor sem saber ao certo o que fazer. "Vou beber água" disse e foi à cozinha, adonde verteu água da moringa numa caneca de louça. Bebeu, com a ponta dos dedos umedeceu as faces, voltou para o quarto e deitou-se outra vez, mas deixou a lamparina acesa pois de repente o escuro da casa amedrontava-a. Deitou-se, mas era certo que havia formigas ou espinhos na cama, pois não conseguia sossegar e uma vez mais levantou-se e chegou à janela. A noite estava escura e fria, e no céu límpido cintilavam estrelas que ela vez por outra admirava horas a fio, pensando naqueles mistérios... Mas agora as estrelas não atraíam sua atenção e uma vez mais voltou para a cama. Assoprou a lamparina e ficou no escuro, não se deitou, esteve sentada por um longo tempo pensando, mas ao fim desse tempo não saberia dizer em que pensara, pois seus pensamentos embaralhavam-se, divergiam de uns para outros sem fixar-se em nenhum, até que uma idéia emergiu da confusão e fê-la estremecer: se o Lucas partisse levaria consigo sua música, e essas melodias que tanto a encantaram iriam alegrar outras gentes, mas não mais a ela... essas melodias que ela quisera para si estariam perdidas...

"Não faz mal — decidiu-se erguendo-se dum salto —, mandarei o Pedro à procura de outro violeiro que venha vez em quando fazer sarau aqui no Cruzeiro! Esse daí não é o único... outro virá... sem música eu não fico!"

Mas recaiu com desânimo na cama:

"Não adianta, não será o mesmo... as músicas serão outras, a viola outra, será outro e não o Lucas a tocar..."

E pouco a pouco ia-lhe entrando no entendimento que não era bem a música que ela desejava manter junto a si, não somente a viola, mas sim o músico, o violeiro era o que ela queria — e estremeceu: susto, apavoramento, pânico... e num desespero de que o teto fosse desabar sobre seu corpo, levantou-se e saiu...

Saiu, mas ir aonde? De volta à cozinha pensou em beber água outra vez, inté lançou mão da moringa, mas viu que não tinha sede e de raiva quase pinchou a coitada contra a parede na gana de espatifá-la, mas se conteve. Abriu a porta e saiu para o quintal, com aflição, sentindo o ar frio da noite atravessar o tecido fino de sua roupa de dormir. Parou no meio do terreiro: ali, o toco adonde o Lucas costumava se sentar mode um descanso, por volta ripas, tábuas e caibros, num canto as ferramentas amontoadas, na ponta de um pau uma camisa velha do carapina...

"E amanhã?"

Fazendo-se essa pergunta Doralice sente um estremeção polo corpo, inté de bater os dentes feito matraca:

"Amanhã ele não vai estar aqui" — teria pensado? Decerto pensou, e despachou-se num repente: contornou a casa em passo picado, desceu, defronte a porta do porão "que é que eu estou fazendo aqui?" estacou: a porta estava apenas encostada, "tanto melhor, assim eu entro e esclareço tudo de uma vez" e entrou. A escuridão era tal que somente por já conhecer bem a posição do amontoamento de trastes e a passagem de permeio conseguiu chegar inté a porta do quartinho, mas não viu fresta de luz nem escutou barulho qualquer vindo de dentro, "já estará dormindo" pensou, e tocou na porta… não, não tocou na porta pois a porta estava aberta…

"Ele não fecha a porta para dormir?"

— Seu Lucas — ela chama —, vim mode a gente esclarecer melhor as coisas…

Não proveio resposta do interior do cômodo estreito.

— Seu Lucas, eu…

Então Doralice pára, uma opressão no peito responde com um nó na garganta fazendo-lhe faltar a voz, dum latejamento na cabeça os olhos se enchem de lágrimas…

Aos trambolhões Doralice sai do porão "Totonho, Rosa, Pedro" chamando pelos empregados, "Totonho, Rosa…" e corre desnorteada na direção da casa do Pedro…

E agora, pela noite adentro empunhando tochas o Totonho e o Pedro saem a procura do Lucas que nem esperara pela manhã, fora-se dali de noite mesmo, enquanto na sala, caída num canapé, a cabeça mergulhada no colo ancho da Rosa, Doralice debulha-se em lágrimas enquanto a escurinha do Pedro, na azáfama, prepara um chá de capim-cidreira.

— A mó de que dona Doralice foi destratar o moço, a mó de quê? Entonces, sinhazinha mandou ele embora, ele foi.

— Não era para ir, Rosa, não era para ir…

— Apois, se não era para ir, mode que mandou que fosse? Agora'stá'í, nessa aflição…

A escurinha do Pedro entrou com o chá fumegando numa caneca de louça:

— Aqui, dona Doralice, bem docinho feito a senhora aprecia…

— Bebe o chá, sinhazinha, bebe o chá que é bom pros nervos…

Doralice sentou-se mal secando as faces banhadas e pegou a caneca de chá, porém mal conseguiu sustê-la com as mãos trêmulas.

— Dona Doralice — diz a escurinha — não se apoquente, que Pedro e seu Totonho vão alcançar seu Lucas e trazê-lo de volta.

— Eu bem que vinha percebendo, sinhazinha, que vosso coração se amolecia…

— Não diga nada, Rosa, não diga nada — e Doralice beberica o chá, fungando, soluçando ainda não pouco, inconsolável.

— Deixa vosso coração amolecer, sinhazinha, não seja tão dura, o moço há de agradar-se de vossa pessoa também…

— E quem é que'stá falando disso, Rosa? — Doralice com indignação levantando-se num repente. De cenho carregado continua a bebericar o chá. — Que história é essa dele se agradar de mim?… Que idéia!…

— Eu bem que vinha percebendo, sinhazinha, a velha Rosa cá não se engana nessas coisas do coração.

— Que coração, que mané coração! Deixa de dizer besteiras — e foi colocar a caneca de chá inda pela metade em riba duma mesa. Entrou a circular de um lado para outra, inquieta. — Eu só'stou preocupada mode o telhado, não sabe?…

— Eu sei, sinhazinha Doralice — e a Rosa mal sustém o riso — esse telhado é um caso sério.

— …nem terminou o serviço… o Pedro sozinho não dá conta, inda que com boa vontade, coitado… E se chove de repente com esse telhado descoberto?

E vai de um lado pro outro, nervosa.

— E aqui por dentro de casa também — resmunga —, quanta coisa por fazer. Adonde que eu vou encontrar outro carapina da competência do seu Lucas?

— Apois, e bonito que nem ele vai ser mesmo difícil — largou sem querer a escurinha do Pedro.

— Ah, isso vai — confirmou a Rosa.

Doralice gira nos calcanhares tomada duma fúria e vigia as duas com um tal olhar que a escurinha se retrai para a cozinha e a Rosa baixa a cabeça, entrecruzando os dedos das mãos no colo.

— Rosa…

A voz chorosa de Doralice, e a mulher do Totonho levanta a cabeça: ali estava sinhazinha novamente amolecida, desfeita em lágrimas:

— E se ele não voltar, Rosa, e se ele não voltar? — e Doralice corre, desmonta-se no canapé, volta a afundar o rosto no colo enxundioso da Rosa.

Amanhecia quando retornaram o Pedro e o Totonho, este cambeteando da jornada e com um dedo arrebentado duma topada em ponta de pau, que o diabo inda se fora descalço no escuro por aqueles caminhos íngremes, "só pra mode dar mais trabalho, estafermo, acha pouco o desassossego de sinhazinha?" ralha a Rosa com irritação enquanto amarra em volta da ferida um pano embebido em óleo de copaíba a feitio dum mui rústico curativo.

E agora os dois estão ali, diante da patroa, de cabeça baixa e maçagando o chapéu nas mãos — o dedo do Totonho na aparência duma trouxa:

— Pircuremo a noite toda, sá dona Doralice — disse o velho, os olhos tresnoitados, vermelhos —, em tudo quanto é lugar…

— Nem sinal do moço, sinhazinha, se soverteu…

Os dias se seguiram sombrios. No começo de agosto choveu e o telhado não estava pronto, inda que o Pedro trabalhasse de sol a sol: se tinha boa vontade, se

bem ou mal o Totonho adjutorava no que podia, faltava-lhe o tino do oficial, a vista certeira, o correto manuseio das ferramentas, e mais de uma vez teve o rapaz de desfazer o que havia feito porque no descer lá de cima e espiar cá de baixo decifrava umas tortuosidades feias no precário alinhamento das telhas, adonde que então descobria uma ripa desajustada ou um caibro fora de lugar, transcorrendo-se assim o dia com pouco ou quase nenhum progresso.

Choveu e os cômodos sob a parte descoberta encheram-se de uma água barrenta que vazando do forro escorreu pelas paredes abaixo. Doralice mal deu pela coisa, "não tem importância, Pedro, assim que estiar você continua, uma hora isso acaba", zanzava de um lado para outro macambúzia, mal falando com a Rosa ou com a mulher do Pedro quando vinham lhe perguntar se tinha alguma ordem.

— Sinhazinha não deve de se entristecer tanto — calhava de a escurinha dizer-lhe às vezes —, faz inté mal pro coração.

Porém como Doralice não respondesse, mais certo sendo que nem tivesse escutado a outra, se retirava espiando a patroa pelas costas, penalizada de ver uma moça tão jeitosa finando-se de desgosto.

A chuva durou alguns dias e parou, mas o Sol permaneceu escondido detrás das nuvens, nos cerros baixando vez a vez uma serração e descendo as encostas feito boi desembestado um vento frio de fazer estremeção inté polo corpo todo, de forma que as duas últimas semanas de agosto gelaram de a água da moringa virar uma pedra.

Doralice não saía da cama nesses dias: sem ânimo mesmo para preparar um café lá permanecia, escutava o movimento do Pedro no telhado ajustando caibros e pregando ripas, às vezes assoviando uma modinha daquelas que o Lucas tirava na viola, e encolhia-se embaixo das cobertas.

Rosa principiou por temer que a patroa adoecesse de fato: pelas manhãs levava-lhe o café sempre com uma mistura diferente, ou uma broa de milho, ou uns bolinhos, ou um de seus pãezinhos feitos no forno a lenha, e para o almoço não podia faltar um bom pirão com uns nacos de carne mode dar sustância. Nessas horas Doralice sentava-se na cama e comia com indiferença, sem fome, nem comeria se a Rosa ou a escurinha do Pedro não insistissem, "sinhazinha, saco vazio não pára em pé", e para não desagradá-las levava à boca mais uma colher de pirão, um pedacinho a mais de carne. "Que frio, Rosa, que frio" reclamava às vezes, "o sol não saiu não?", e voltava a encolher-se embaixo das cobertas.

Na casa não se escutava mais o nome do Lucas: Rosa e os outros não mencionavam o violeiro mode não trazer lembranças que mais desgostassem a patroa, e Doralice emudecera de tal forma que pouco falava, a não ser para fazer um comentário breve sobre o frio daqueles dias, emudecendo em seus lábios também o nome do rapaz, que ela não pronunciava como se com isso fosse mais fácil tirá-lo de sua cabeça.

Em meados de agosto fez sol, e um dia a Rosa conseguiu tirar a patroa da cama, "venha ver, sinhazinha, que dia bonito está fazendo, inté dá gosto", e Doralice levantou-se da cama, deu uns passos inseguros pelo quarto enquanto se vestia e, conduzida feito uma enferma pelas mãos da Rosa saiu para o terreiro; o Pedro, que acabava de descer do telhado mode subir umas ripas, inté se espantou com o que viu: Doralice estava amarela, magra, o rosto chupado, olhos fundos e vazios, e andava meio empenada como se tivesse envelhecido.

— Bom dia, Pedro — disse com voz fraca, e foi sentar-se ao sol, no toco adonde noutros tempos sentava-se o Lucas na hora do café, ou pra tomar um fôlego do serviço. — E o telhado?

— Ah, sinhá Doralice, está indo, não sabe?, está indo, mas sem seu Lucas aqui…

E calou-se, porém não a tempo, inda que a Rosa lhe tivesse lançado um olhar de aviso. Doralice levantou a cabeça, vigiou pra cima mode ver como estava ficando a obra — não de todo má, mas a passos de tartaruga porque o Pedro ainda não pegara o jeito e vez por outra ainda via-se forçado a desmanchar um trecho já pronto mode acertos e consertos.

— Não é culpa sua, Pedro — ela disse —, não se apoquente que está ficando bom — e baixando a voz, consigo mesma: — Sem o Lucas aqui muita coisa desandou, se bobear inté meu juízo.

Agosto avançou. Os dias começavam a tornar-se maiores e, ainda que pela manhã o frio ainda espetasse seus finos espinhos, no mais eram claros e alegres, nas árvores próximas bandos de pássaros em cantoria ora levantando-se em revoada e desaparecendo na mata, ora retornando e espalhando-se em derredor da casa.

Foi p'los começos da terceira semana, ali pelas duas da tarde, que um pequeno grupo de cavaleiros adentrou o terreiro da Fazenda Cruzeiro, estacando no sofreio dos animais esfolegados, e o cavaleiro da frente, de mais porte que os demais devido à roupa de bom corte e à correntinha de ouro do relógio de bolso cruzando pela frente do colete, bateu palmas.

Veio de dentro a Rosa, que vendo aquela tropa inté recuou assombrada chamando pela patroa. Doralice apareceu, não menor sua surpresa:

— Vim mode falar com dona Doralice, neta de falecido nhô Taurino. Sou o Coronel Trajano Maria.

— Apois, seu coronel, eu sou Doralice. Que é que vosmecê quer com minha pessoa?

— Antão que é a senhora? Encantando em conhecer uma moça de tão fina aparência…

— Deixe as palavras bonitas de lado, seu coronel, e pode ir direto ao assunto.

— É também do meu agrado que assim seja, dona Doralice. Fique a senhora sabendo que eu muito lamentei o falecimento do senhor vosso avô, nhô Taurino, que eu conheci quas'que desde eu garoto, não sabe?

— Meu avô nunca mencionou o vosso nome, seu coronel — respondeu Doralice —, mas de qualquer forma, se é como vosmecê diz…

— Desse jeito, sim senhora. Porém eu cá comigo mesmo 'garrei a pensar que com o falecimento de nhô Taurino a neta do pobre homem restaria sozinha naquela lonjura…

— Com Deus, seu coronel, sozinha não: com Deus.

— Ah, sim, está certo, que se tendo fé… Porém, calculei: vai ver a moça inté tem vontade de se mudar mais pra perto, quem sabe mesmo Águas Claras, que pra uma moça nova calha ser um lugar mais propício…

— Por isso a vossa pessoa não precisa se preocupar, que eu gosto mesmo é daqui, do lugar adonde nasci, adonde cresci pela mão de meu falecido avô…

O coronel mordeu os lábios, fez um bico, mas não se deu por achado:

— Ah, bem… pois é… Porém aqui vim, no prazo dum luto respeitoso, fazer oferta por vossas terras. Tenho interesse em comprar vossa propriedade, pago bem, e lhe ofereço ainda uma casa que tenho no centro de Águas Claras, casa se bem que pequena muito boazinha, e inté com mobília de qualidade…

Dito o que o coronel encarou Doralice com um sorriso amistoso. Fez-se um silêncio. Inté uma galinha que principiava nas imediações seu cacarejo calou o bico e ficou espiando a cena.

— Não estou interessada, coronel. Não pretendo vender o que foi de falecido vô, fico aqui, eu mesma toco a fazenda.

— Mas que fazenda, sinhá Doralice? — disse o coronel espiando em volta com um arzinho de pouco caso. — Não enxergo fazenda nenhuma por cá, não enxergo gado, não enxergo plantações, não enxergo nada!

— E quem foi que disse que vosmecê tem de enxergar alguma coisa em minhas terras, coronel? O dito está dito, e peço a vosmecê que se retire que já é hora.

Desconcertado, o Coronel Trajano Maria fez meia-volta com a montaria.

— Muito que bem — mas se virando na sela: — No correr da semana mando um peão mode saber se a moça mudou de idéia — e picando o cavalo, sem esperar resposta, se foi, os demais acompanhando em trote ligeiro.

— Sinhazinha vai vender as terras? — a Rosa, surdindo a medo por detrás da patroa.

— Você por acaso está surda, Rosa? — respondeu com maus modos Doralice. — Então não escutou eu dizer que a fazenda não está à venda?

— Mas calha que sinhazinha muda de idéia…

— Não calha coisa nenhuma — continuou Doralice de maus modos, numa rabanada, e fez que ia entrar. Mas parou, voltou-se para Rosa, adoçou a voz: — Releve, Rosa, releve… releve que eu… que eu… — e não conseguindo mais segurar, cobriu o rosto com as mãos e correu para dentro, para o quarto, caiu na cama e ficou ali, largada, tempo sem fim chorando, inté de molhar a fronha do travesseiro — e de longe, no esconso dum pé ante pé, a Rosa assombrada vigiando aquele dilúvio.

A semana transcorreu sem novidade, e o peão que coronel prometera enviar não apareceu. O Pedro conseguiu naqueles dias terminar a obra no telhado, a custo, e bem em tempo porque não tardou desabar uma chuvarada que no despois se converteu em gélida lubrina e umas rajadas de vento cortante, os cerros de novo branquejando, e assim por dias e dias. Nos breves momentos de estio o Pedro mais o Totonho tangiam as poucas vaquinhas, tiravam o leite, cuidavam da horta, mas logo o tempo piorava e se viam obrigados a retornar pra dentro de casa e, de braços cruzados, ficar espiando o dia passar.

Rosa passava quase o dia inteiro de companhia a Doralice, que no afã de desafogar-se inventava o que fazer: passar pano molhado no assoalho, limpar a picumã do teto da despensa, picar ela mesma a lenha em cavaquinhos miúdos que acendiam melhor com aquele tempo, lavar a roupa acumulada e pôr na corda na varanda dos fundos para secar — tudo hoje, para amanhã recair numa inércia, num abatimento de fazer dó e mal sentar-se na cama para tomar um caldo que a gorda lhe apresentava num prato de louça, um dos poucos que ainda restavam na casa. Quando a Rosa não podia, mandava a escurinha do Pedro, "vai lá, minha filha, vê se sinhazinha precisa de qualquer coisa, se ela estiver muito abatidazinha vosmecê me diz que eu preparo um de comer melhorzinho mode animar a pobre", e a escurinha lá ia, falava com Doralice, tentava um proseio sem resposta, voltava, "macambúzia, dona Rosa, inté parece que perdeu a fala".

Principiando setembro a escurinha do Pedro teve seus enjôos, "novidade, hein, menina" caçoou a Rosa, e a moça se desfez em dengos, que não, que comera alguma besteira em antes do almoço e que não era "nada disso que a senhora'stá pensando não, dona Rosa", e a outra, "como se eu não entendesse dessas coisas, menina, como se eu não entendesse, apois, que botar no mundo meu mesmo só o Pedro, mas já parterei, e como!, entonces não vou lá saber o que é isso?", e a escurinha calou-se: novidade era, menino a caminho, e o Pedro exultou. Já o Totonho tão só coçou a cabeça e ficou espiando a moça, como se lhe custasse entrar no bestunto o que seria aquilo, e a Rosa passou num trambolhão: "Larga de ser pascácio, homem, não sabe o que é uma mulher grávida?" e a expressão alvar do Totonho se acentuou. Por fim riu, sorriu, com uns cavacos de dentes.

Foi também nesse comecinho de setembro, quando o tempo melhorou prometendo dias de sol e estiagem, que reapareceu a gente de Coronel Trajano Maria: um mulato de má catadura aportou no Cruzeiro num começo de tarde, chamando pela "sá dona Doralice, instrui que é da parte de nhô coroné Trajano Maria".

Como de costume o Totonho despontou no oitão da casa escorado no porrete de ipê enquanto Doralice aparecia na varanda — trazendo dessa vez a "repetição" pelo guarda-mato, a boca do cano virada para baixo:

— Diz pro seu patrão — e deitou a espingarda no parapeito do gradil — que minha palavra é uma só. O que eu tinha de dizer, já disse naquele dia. Esclareça pra ele que eu não quero ser incomodada mais.

— Sá moça, nhô coroné é homem da paz, porém aturar desfeita, inda mais de mulher, não atura não, não sabe? Adonde que, se eu fosse a moça, pensava melhor…

— Mas vosmecê é muito desaforado — e num gesto rápido empunhou a espingarda e fez fogo, arrancando da cabeça do peão o chapéu de conjunto com um tufo de pixaim. — Vai s'embora, porque o próximo vai ser no meio da tua cabeça, seu cabra sem-vergonha! Raspe-se já!

O mulato esporeou o cavalo, num segundo cruzava o riacho, noutro segundo desaparecia na curva ao longe. O chapéu com o chumaço de pixaim lá ficou, para o chão, que o Totonho aproximando-se bicou com o pé, jogando-o para o meio do mato.

— Sinhazinha — disse o velho ainda escorando-se no ipê —, esse coroné vai dar mão-de-obra.

— Pois que dê — bradou a moça do alto da varanda —, mas viva ele não me tira de minhas terras. Não enquanto eu souber usar isso, e bala tem lá dentro mode despejar nos cabras dele. E inté nele, se mostrar o focinho por aqui!

E sem mais, entrou em casa batendo a porta com força.

O Totonho balangou a cabeça, fez um muxoxo, cuspiu prum lado: teve orgulho da patroa, moça de raça estava ali.

"Ah se seu Lucas estivesse por aqui também!…" e suspirou delongado, quase um soluço.

E o que tinha de assuceder assucedeu-se, no chofre repente das coisas que têm de alcançar uma decisão a qualquer custo — que o riscado do Destino é um diverso desenho que a vista do homem por inteiro não enxerga, só no correr dos dias, no pouco a pouco, restando no fim umas incompreensões, umas perguntas sem exata resposta, que Deus, ainda que à criatura tenha concedido bom entendimento, providenciou no porém dificuldades que p'lo bestunto se atravancam, obscurecimentos mode não calhar soberbia (e mesmo assim os de mais duro coração — feito, citado exemplo, Coronel Trajano Maria — propendendo, no comum, para o orgulho e a vaidade).

A escurinha do Pedro, no avançar de setembro, engordou um pouco, vale dizer: a barriga inchou seu tanto, engrossando a cintura nas conformações de inté a roupa já não servir, requerendo-se serviço de linhas e agulhas mode alargar um vestido ou uma saia adonde melhor coubessem suas novas e temporárias redondezas.

Doralice alternava seus dias de prostração e de atividade: nestes mostrava-se bem disposta, ela mais a Rosa e a escurinha lidando na horta com boa disposição, compunha novos canteiros, semeava, debulhava o milho pra's galinhas, varria e arrumava a casa de ficar um brinco; naqueles retraía-se, socava-se num

canto e aí deixava transcorrer as horas em quietude, imóvel, o olhar parado, os pensamentos sabe Deus onde. Se fazia uma aragem mais fria — que o frio se fora deixando porém para trás uns ressaibos incômodos — enfurnava-se no quarto e, embrulhada nas cobertas, dormia, não dormia, porém não se conseguia tirá-la de seu canto. Lá uma certa manhã levantava-se espevitada, e mesmo se garoasse punha-se pra fora às vezes sem agasalho e ia pra horta, pro curral, ou ficava nas imediações da casa aproveitando a terra macia para capinar o terreiro, e de uma lida passava a outra quas'que nem dando pela chegada da noite. A Rosa, se tinha nos dias de amuamento cuidados e receios, não menos os tinha nos de agitação, pois o mais que lhe parecia era que sinhazinha estava se destrambelhando.

Destrambelhava-se decerto porque certa madrugada o Totonho, a Rosa, o Pedro e a mulher acordaram com tiros de espingarda, e no acudirem foram encontrar Doralice na varanda, arma em punho vigiando a escuridão.

— Que foi que se assucedeu, sinhazinha? — perguntou a Rosa, chegando pela retaguarda com um lampião, muito assustada e sem esconder de si mesma o medo que sentia da patroa, enquanto os outros vinham pelo terreiro, na frente o Pedro empunhando um farol de bambu.

Doralice não respondeu: continuou vigiando a noite como se houvesse alguma coisa ali no escuro que ela, mas somente ela, pudesse ver. Sem dar sinal de ter escutado a Rosa, abriu o portãozinho e desceu os degraus de madeira, passeou pelo terreiro chegando inté a beirada, a espingarda sempre na mão, e olhou para além como se enxergasse feito coruja.

No alto da varanda Rosa soerguia o lampiãozinho e embaixo, parados no seu assombro, o pequeno grupo (Pedro e a mulher mais o Totonho) observava sinhazinha sem compreender o que acontecia. De repente Doralice parece ter acordado, voltou-se e deu com eles ali:

— Que é que vocês 'tão fazendo aí a essa hora?

— Sinhazinha assustou nós — disse o Totonho sem sair do lugar.

— Ora essa, e mode quê?

— Apois, dona Doralice — disse a escurinha do Pedro avançando para a patroa —, sinhá desandou a dar tiro de espingarda a essa hora…

Doralice atrapalhou-se, pareceu desorientada, mas de seguida se recompôs:

— Escutei uns barulhos — e uma vez mais voltou-se para o breu da noite, deteve-se de novo a espiar —, eu… só escutei uns barulhos… — e fez que ia entrar, mas parou de cabeça baixa, de novo parecendo desorientada.

— Mas não teve barulho nenhum, sinhá — arriscou o Totonho —, n'é Pedro — buscou a confirmação do filho, em seguida da mulher, que sempre segurando o lampiãozinho descera também os degraus de madeira reunindo-se aos outros no terreiro —, você escutou, Rosa? 'Stá tudo num silêncio…!

— Calha que foi um sonho que sinhazinha teve — alvitrou o Pedro.

— Que sonho, ora sonho!... Estão é querendo dizer que eu perdi o juízo... É isso? — e encarou um por um. — Então agora eu sou maluca? Hein? Eu agora sou maluca?

E os quatro olharam-se entre si sem responder, baixando a cabeça e calando cada um para si mesmo a certeza de que a patroa desarranjara-se do juízo.

Mais tarde nesse dia reapareceu no Cruzeiro o coronel com seus capangas.

— Vosmecê não entendeu o que eu disse aquele dia, coronel? — no alto da varanda, empunhando a "repetição", Doralice afrontou o poderoso que, tendo desmontado, solicitara "um particular mais a moça, mode um entendimento mais propício". Porém: — Não tenho particular nenhum com vossa pessoa, coronel, que a resposta já dei duas vezes, a segunda quando deixei de acertar a cabeça de seu mulato que aqui veio da sua parte, cheio das arrogâncias. Que mais que o senhor quer? Eu não vendo minhas terras, é palavra, não retrocedo.

— Mas vosmecê nem escutou minha oferta, sá Doralice — e o coronel punha açúcares na fala mode aparentar simpatia e boa disposição.

— Nem quero escutar — tornou Doralice com decisão —, que não tem oferta que me tira de minhas terras. E agora, se me faz favor, retire-se. E não adianta mandar seus homens de noite pra me assustar, que eu medo não tenho. Pode ir.

E Coronel Trajano Maria mais uma vez retirou-se remoendo seu rancor. Podia mandar os homens invadir de uma vez a casa e trazer Doralice amarrada até ele em cabo de cabresto, expulsá-la de uma vez do Cruzeiro, mas a que custo? E essa pergunta sofreava sua decisão: lembrando-se do rego que a bala fizera na carapinha de seu mulato, inté lhe arranhando um tanto o couro da cabeça, temia por si mesmo, pois se tomasse uma atitude violenta estando ali, exposto como estava, não tinha dúvida de que a primeira bala da Doralice seria endereçada a ele, "e essa diaba atira feito o coisa ruim".

— Eles vão voltar, Rosa — Doralice previu.

— Deus nos livre e guarde, sinhazinha — disse Rosa estremecendo.

— Por enquanto eu pude defender minha casa, mas e quando vierem todos juntos, e armados?

— Deus não há de nos desamparar, sinhá Doralice — disse o Totonho consolativo, que não fosse apavorar todo mundo, em especial a escurinha do Pedro que se encontrava em especial situação, esperando menino.

De seu lado, Coronel Trajano Maria matutava plano de ação: já que a Doralice recusava conversa, já que se munia contra ele de espingarda e quas'que inté matara um de seus homens, carecia de agir com pulso firme, e desta vez sem recuos. Sentado na cadeira de balanço num canto da sala esteve-se, quieto, o pito aceso no canto da boca, fumacinha azulada subindo, e vez por outra gritava pela Nica, que lhe trouxesse café, que lhe aviasse um chá de flor de laranjeira, "despacha, negrinha, que vosmecê anda que é uma lerdeza só", e berrava "Esméria!", mas nos dias de azeite de coronel nem sinhá dona se aproximava, teme-

rosa das explosões de fúria do marido, e falando em sussurros "vai, Nica, atende coronel no que ele precisar, diga-lhe que saí, que fui em casa de comadre, que hoje eu não ponho os pés na sala" mandava a negrita que, sempre lépida, corria dum lado para outro mode atender o patrão.

Coronel Trajano Maria decidira-se pelo Cruzeiro: seriam suas aquelas terras. Enquanto nhô Taurino vivia respeitou, não fosse ele passar por desumano combatendo um velho, porém agora essa moça desabusada lhe fizera perder a paciência: estava decidido, punha a ordinária para fora de lá, apossava-se, despois veria o que fazer. Não, não a deixaria desamparada, dava-lhe um dinheiro, ajeitava-lhe a casinha de Águas Claras, inté lhe arrumava um bom casamento, mas que a Fazenda Cruzeiro seria sua, lá nisso dúvida nenhuma não punha.

— Nica! — berrou.

E a negrita, a adjutorar na cozinha, correu inté a sala:

— Nhô coroné chamou?

— Mande aqui o Calisto, mas é pra já.

Daí a pouco o Calisto entrou na sala, chapéu na mão, inda visível na carapinha o rego feito pela bala da Doralice.

— Calha que estou com a botina suja, coroné…

— Adentre, Calisto, adentre, que se sujar tem gente aí da lida mode limpar.

— Antonces com vossa licença — e se aprochegou.

— Vai ser essa noite, Calisto — disse o coronel pitando —, prepare os homens, e as armas.

— É só coroné explicar pro nêgo aqui o que tem de ser feito, que vai ser feito.

— Vosmecê e os outros vão partir daqui ali p'lo começo da tarde mode chegar no Cruzeiro já bem de noite, que daqui inté lá tem muito chão.

— Longe é, coroné, mas a cavalo se vai mais ligeiro, chega-se aí pela meia-noite.

— Ou inté antes. Pois podem começar a se preparar desde já.

— E chegando lá, coroné, nóis faz o quê?

— Agarra aquela cabrita selvagem, Calisto, amarra ela com cabo de cabresto, me traz ela aqui amarrada e com mordaça de pano lhe fechando a matraca, só não quero que me machuquem a moça. Podem tacar fogo na casa velha, que eu vou mesmo mandar demolir aquilo, e aquela gente que mora por lá, se eles ficarem quietos não precisa fazer nada, mas se reagirem, por lá tem muita grota mode atirar os corpos.

— Vai ser conforme coroné mandou.

— E toma cuidado com a pontaria dela, vosmecê já viu do que ela é capaz com uma espingarda na mão.

— Nóis toma cuidado sim, coroné, desta vez não vai ter surpresa — e fazendo um gesto de respeito, retirou-se. Coronel dera ordens, ao Calisto competia tão só cumpri-las, mas com que gosto o mulato deixou a sala mode reunir a capangada!

Na varanda cruzou com a Nica, que provinha do terreiro adonde fora apanhar uma erva mode um chá pros nervos de nhô coroné, e num tal rompante passou por ela que quase lhe dá um encontrão.

— Cruz-credo, seu Calisto, que pressa! Vosmecê vai tirar o pai da forca?

E o Calisto, que vinha desde tempos tendo a negrita pelo olho, parou, aprochegou-se mais ela nas intimidades:

— Ando com pressa mode cumprir ordem de coroné, não sabe?, por agora não posso mas outra hora me agradava ter um dedo de prosa mais a menina.

— Apois, seu Calisto, a gente proseia se for do vosso agrado — e lhe pisca um olho malicioso —, por aí tem muito lugar mode um proseio mais à vontade.

— A menina então aceita minha fala?

— Então havera não aceitar a fala dum moço do vosso porte, seu Calisto? Não vê!… Mas me diz, que ordem vosmecê vai cumprir que nem um pouquinho mais pode ficar mais eu?

— É que está chegando dia de luta, não sabe? Coroné mandou, eu cá estou por tudo, e estou indo agora reunir a capangada, botar em dia os apetrechos…

— E que luta será essa, seu Calisto? Com vossa força calha ser preciso reunir a turma?

— É pra mode sojigar uma onça brava, Nica, e onça pode morder fundo se a gente está sozinho.

— Mas por aí tem onça, seu Calisto? Olha que isso'stá me parecendo mas são lérias de vosmecê mode se arretirar mais cedo pros divertimentos em Águas Claras.

— Divertimento não digo que não seja, Nica, mas não será em Águas Claras. É onça lá do Cruzeiro, não sabe, Fazenda Cruzeiro, e é das perigosas, daquelas que inté sabem manejar boca-de-fogo.

— Credo, seu Calisto, dessa raça eu ainda não ouvi falar. Onça que maneja boca-de-fogo? É novidade pra mim, que eu inté queria ver a caçada! Pra quando vai ser?

— Dessa semana não passa, Nica, nhô coroné que isso em antes de sábado, que é pra domingo ele já ter a bicha sojigada, não sabe? É por isso que carece apresto e não posso ficar de prosa boa mais vosmecê. Inté! — dito o que o Calisto entendeu de não prolatar mais a conversa e quase correu.

— Então inté, seu Calisto.

E a negrita se põe pra cozinha que o chá de nhô coroné não podia esperar. E a Nica fez o chá, levou para o coronel e por ali esteve-se, à espera, mode recolher a caneca no que o patrão acabasse. Despois voltou para a cozinha. E sumiu. Ninguém mais na casa de Coronel Trajano Maria botou os olhos na Nica.

A noite era de lua, transitavam polo céu umas nuvenzinhas finas que quas'que nem sujavam o azul profundo pontilhado de estrelas, e no chão os ho-

mens cavalgavam a bom cavalgar, ínvios caminhos nas corcovas e recurvas da terra montanhosa, gozando da claridade celeste: avultado grupo, dúzia e meia de cabras, lá se iam com carabina às costas e intenções duvidosas no empedernido coração.

E o tropel vai se desenrolando inté com uns ecos, a conversa miúda do pouco falar, sisudos na consciência de sua obrigação nefasta, à frente o chefe que no arção da sela leva corda de couro entrançado (cabo de cabresto) e tira de reforçado pano mode à risca cumprir a ordem que lhe fora dada.

E foi na quietude da meia-noite, pra mais ou pra menos coisa de minutos, que do contorno de uma prolongada curva avistaram na vertente adiante a casa-grande do Cruzeiro, branquejando ao luar as paredes caiadas. O Calisto sofreou o animal, deixou-se cercar dos companheiros, trocou com eles umas últimas instruções a modo de a todos lembrar como fora determinado pelo patrão, "que coroné não se agrada de quem procede além do que ele ordena", e no mais era tocar para frente, a galope, invadir o Cruzeiro e sojigar a onça brava.

E a invasão se deu no galope franco com que subiram a encosta e entraram no terreiro fazendo estardalhaço — gritos e tiros para o alto — mode assombrar todo mundo e impedir reação: o Totonho abriu o olho no escuro sem entender mas a Rosa já se punha de pé e ia espiar pola fresta da janela, certa de que chegavam ao fim os dias do Cruzeiro e de sinhazinha Doralice. Já o Pedro se levantava com a agilidade natural dos moços dizendo pra mulher "se aquiete aí que vosmecê não pode sofrer abalo" enquanto dava de mão num porrete e saía para o terreiro sem saber ao certo o que fazer, pois decerto aquilo afora o tropel de animais e a gritaria haviam sido tiros e ele nem uma arma de fogo possuía com que defender a casa, e com um porrete o que poderia? No terreiro da casa-grande os homens na ligeireza do ataque já se haviam apeado e alcançado a varanda, momento em que a porta larga se abriu e apareceu Doralice de espingarda em punho. Dum disparo deitou por terra o capanga mais próximo mas logo se viu agarrada e imobilizada, caindo-lhe a arma das mãos, e foi arrastada pro terreiro por quatro braços que a continham com vigor, inda que a moça se debatesse feito uma onça de verdade.

No meio do terreiro o Calisto apesar da claridade da noite acabava de acender um farol de bambu e, soerguendo-o, alumiou em volta: dois cabras traziam para fora o companheiro morto, outros dois sustinham Doralice de pé à sua frente, e o mulato baixando o farol agora inté quase a cara da moça espiou aquelas feições transtornadas que a fúria embelezava.

— Entonces a jararaca acabou presa polo pescoço — disse o mulato com voz arrastada e um risinho perverso.

— Será que vosmecê precisa de tantos cabras pra enfrentar uma mulher sozinha, macaco? — zombou Doralice sem disfarçar sua raiva, e lançou: — Mas que macho é você? — e largou uma cusparada na cara do mulato.

Calisto inté recuou um passo na surpresa da reação, e limpou a cara com a fralda da camisa.

— Sinhá dona não abusa de minha paciência, não sabe? — disse, a voz ainda arrastada, mas o risinho mau apagando-se de sua boca —, que tenho ordem de coronel mode não machucar vossas carnes, mas posso acabar me enraivecendo.

— Pois se enraiveça, filho-da-puta que mamou numa cachorra…!

Então sucedeu, como pouco acima foi dito, no chofre repente do inesperado que mais demora há em descrever os sucessos do que para sua ocorrência: a estampilha que arrebentou na face de sinhazinha, a marca dos dedos do mulato na pele branca e macia, a moça que meio tonta enxergava agora à sua frente a cara vermelha amarronzada do jagunço, mas que agora já não via mais pois o Calisto acabava de tombar aos seus pés com a cabeça esmigalhada, e os cabras todos espantados vigiando em volta pois acabavam de escutar ("Adonde?… Adonde?…") um estrondo e de ver o companheiro tombar…

…de seguimento porém uma voz:

— Corre, Doralice!

"Lucas!…"

E na agilidade duma vera onça, aproveitando-se da surpresa dos que a sometiam desvencilhou-se e num pulo galgou a escada no rumo da varanda e da espingarda que, outra vez em suas mãos, tornava-se mortífera.

Seguiu-se tiroteio tão breve quanto intenso: os capangas buscavam acoitar-se em qualquer recanto, um tronco de árvore, uma parede, um monturo de terra respondendo ao fogo como podiam, porém na surpresa da investida uns tantos tombaram indefesos aos tiros que vinham do meio do mato e outros puderam botar à prova o que se dizia da pontaria de Doralice; no fim, quando restaram apenas seis ou sete capangas vivos mas estropiados, que se arrastaram de onde estavam para o meio do terreiro rendidos e com as mãos para cima, do meio do matagal surgiram uns homens, não tantos, cinco ou seis, à frente o Lucas que em vez de viola trazia consigo carabina de grosso calibre e uma cantiga diferente — uma cantiga na qual era entendida a gata brava Doralice que, do alto da varanda, com o coração aos pulos, acabava de avistar e reconhecer aquele por quem havia chorado nos últimos tempos…

(E no pasmo, vigiando a inusitada cena, já então se achegava — vinha se achegando — meio torto como sempre o Totonho de companhia mais a Rosa e o Pedro, que amparava a escurinha, meio lerda mode o peso da barriga.)

A gente do Lucas adentrava o terreiro agora, e Doralice descia de galope os degraus da varanda.

O violeiro parou, largou no chão a arma, abriu os braços…

…e acolheu entre eles a moça que toda se lhe entregava, feito passarinho, escondendo o rosto banhado em lágrimas em seu peito.

Anos e anos se passaram desde essa noite de sangue e reencontro.

Anos e anos… mas não será de reles interesse pr'aquele que nos acompanha nesse historiar um entremeio de prosa ocorrido na tarde de sol e lombeira que

se seguiu àquela tormentosa noite de batalha e a sobrevinda manhã de providências e atropelos, prosa entre um certo moço violeiro que polo mundo trançava sojigando a atenção do povo com a dança de seus dedos na corda do instrumento e uma moça donzela de rijeza no trato, coração empedernido e certeira pontaria no que empunhava sua *repetição*, moço que aboletado numa cadeira de palhinha na varanda ensaia uns dedilhados devaneosos, interrompidos no que a dita moça por trás, em passos de pluma, se aproxima enlaçando-o pelo pescoço e esparramando a cabelama na forma inté duma cortina defronte seus olhos.

— Saiba o moço violeiro — ela diz com sua voz rouca no ouvido do rapaz — que muito me molestou vossa ausência por esse tempo desconforme que andou arredado desta casa…

— Ausência que, porém, se deu apenas mode atender o vosso querer. Apois a moça não declarou naquele dia, e sem meias palavras, que o melhor era que eu partisse o mais tardar de manhãzinha?

— Mas não se assoberbe, seu moço, que vossa ausência só me causou mossa mode um só motivo…

— E qual?

— Que eu fiquei sem saber o fim daquela história no formato de uma canção que vosmecê cantou pr'eu escutar naquele fim de tarde.

— Não seja por esse motivo, minha prenda — disse o Lucas colhendo nos lábios da Doralice a doçura dum beijo —, que indagorinha eu acabei a feitura daqueles versos.

— Pois então cante, seu moço violeiro!

E o Lucas cantou: no todo os versos da sua história, do começo ao fim, sua cantiga de bem-querer.

E assim o violeiro que das coisas do amor só sabia pelo alheio dizer, tão somente de mera oitiva, veio por fim a conhecê-lo ao lado da moça selvagem que no entanto se revelou uma mulher de carinhos e doçuras incomparáveis, e que reunida ao seu bem-amado se endireitou do juízo, se é que chegara mesmo alguma vez a tresvariar…

A Fazenda Cruzeiro prosperou, pois sinhazinha Doralice já não estava só — adonde que se requer e se provê explicação para a providencial chegada do Lucas com seus companheiros em tempo de salvá-la da gana do mulato Calisto: pois que naquele intervalo em que esteve ausente, Lucas fora procurar os seus na Lajinha, adonde expôs o causo e seus riscos. A irmã tremeu-se toda, medrosa do que pudesse acontecer, porém o cunhado era sujeito decidido e achou que não ficava bem deixar o Lucas sem amparo naquela hora. Mais quatro ou cinco arrebanhou, de semelhante têmpera, saindo do armário as bocas-de-fogo, umas inté de repetição e petulante calibre, e foi esse grupo que defendeu o Cruzeiro naquela noite. Foi também esse grupo que, diante das terras que lhe eram oferecidas para nelas habitar, labutar e crescer, para lá se trasladou com família e

tralhas e ao lado do novo casal enfrentou a luta maior que tinham pela frente: fazer daquele lugar um diverso lugar; da escassez, fartura; da miséria, riqueza.

"Estávamos acampados na mata, por perto, à espera" relatava o Lucas ainda naquela noite, despois de terem amarrado bem os estropiados de coronel, trancando-os no porão; "mas nosso sucesso se deve principalmente a essa mocinha corajosa" e indicava a pessoa duma negrita que por ali se aquietava, acanhada, sozinha entre tanta gente desconhecida, "pois foi a Nica que nos avisou o tempo todo dos planos de coronel", e a negrita por lá também foi ficando, que se nhô coroné a pilhasse era certo de lhe dar de bacalhau no lombo inté deixar em carne-viva. Enviesava o olho mode o patrão vez em quando, desejosa, mas respeitou porque logo 'garrou de amizade mais a Doralice e não ficava bem cobiçar o homem da outra; em tempos acabou se casando com um solteirão que ali no Cruzeiro apareceu certo dia à procura de lida e ganho: pois não foi ela mesma a atender o recém-chegado? E que luminoso sorriso se abriu quando o estranho se achegou e lhe fez umas graças…

Quanto a Coronel Trajano Maria, no dia que se seguiu àquela noite agora longínqua recebeu em casa seus cabras amarrados e estropiados, o que sobrara de sua capangada "que os que caíram, nhô coroné, pra lá ficaram, atirados nas grotas mode pasto pros urubus". Sabedor de que a moça Doralice não estava mais sozinha mas tinha por ela "uma tropa armada inté os dentes" — exagerações provocadas pelo medo — aquietou-se, contou seu ouro, conteve sua raiva, resmungou suas uvas verdes: "Terra, sim, bastante… mas não é grande coisa não, vai ver inté que pedrenta, desfértil — do que nem duvido!", e em sábia decisão: "Larga pra lá que é melhor".

Sim, os anos se passaram, as têmporas do Lucas já grisalharam bem e a Doralice, ainda bonita e vigorosa, procura manter-se para seu eleito, cuida da casa, dos filhos (não pariu muitos, que só um casal lhe bastou e já crescem, estão crescidos, logo se põem adultos), e no mais seu adjutório não se dispensa: fina que só, o marido nada decide sem consultá-la.

Os anos se passaram como passam mesmo que não se queira, mas uma coisa se tornou comum e virou sucesso por aquelas bandas: todos os fins de tarde quem de fora se aprochegasse do Cruzeiro, no desconhecimento do causo, se surpreenderia com um som de viola finamente executada, uma cantiga entoada com voz segura e agradável, e às vezes mesmo uma certa canção que contava uma história — uma quase lenda de revezes e tristezas, lutas e desencontros, que no entanto calhou um feliz arremate.

Romance do boi encantado

Ê Ê Ê Ê Ê Ê… boi incantado e aruá
Ê boi quem havera de pegá[10]

6ornadear. Anos em fora: ou viver, o que é o mesmo. Maiormente buscar, pois o apenas existir conforme o entendimento duma gente mais velha é também buscar — o que se busca? Cada um tem seu termo adonde chegar, adonde sua busca finaliza, o que seja: por seu destino prescrito.

P'los cerros íngremes em vias de despenhar-se em fatal precipício, no desdormir mode nenhum arrefecimento, o parco alimento nem falta de todo fazendo, o corpo suporta suas agruras e inté a febre concede uma trégua se pela alegria ou pela loucura as enfrenta: aquilo sim foi uma busca, uma caçada de ficar escrita em folha de papel, inté calhando página de livro ou memória: mode contar pros de fora, os que vêm de longe passar a noite, ou pra distração das crianças em roda de fogo — inda que criança nem sempre aprecie, por desconhecimento se não pleno polo menos um tanto dos causos do coração: amor, essas coisas de remexer o por dentro da criatura.

Um causo de amor? Outros já se relataram por aí, o amor é antigo e cada um sabe uma história diversa, ou divertida ou de verter lágrimas — de permeio, porém, o Santa Madalena, o rio grande.

O coração tem suas devesas — um espaço cercado, recantoso, furna-caverna adonde o alheio espiar não encontra claridades: é recesso a si-só pertencido. Nele um homem se aventura — puro sonhar ou delírio de sezão? —, busca sua chama, sua luz. Não importa o futuro a realizar-se, só o idealizado porvir, este o real, supino, o que cá por baixo se sucede descombinando traz a parecença dum reles acontecimento, aos mundanos desajustes sujeito, come-lhe o cerne a ferrugem dos dias e as gentes se vão, passam, no trivial se consomem. Dissolvem-se.

Sim, um causo de amor, mas também historiar de lenda por boca dessa gente mais antiga anunciada, isso num fim de tarde ao sopro da brisa fresca: esse povo de outrora possui sabenças — lendas nem sempre são lendas…

Mas a viração do tempo?

[10] Os versos que aparecem no decorrer da narrativa são da "Cantiga do Boi Incantado", de Elomar.

Se é frio, lubrina nas serranias, ou temporal, cabeço de morro feito cume de chaminé no cozinhar com lenha inda verde: fumaceiro. Ou por outra, solina: inté uma tremura no ar, o vapor que arriba da terra; há épocas, cavalo segue estrada afora porém no vagar, cavaleiro tem suas calmas — pressa, mode quê? Preferência não há: só o costume, pois se acostuma, a um tudo se acostuma quem neste mundo lida seus labores. Dominar o tempo, quem pode a não ser Aquele lá de cima?

Porém o tempo mistério não esconde: ou é chuva ou é sol, ou sem muito divergir tempo razoável, pro melhor no entender de muitos, não no meu — calha que o que Nos'Sinhor enviar parece-me bom, afora aquelas secas prolongadas quando o mundo esturrica, ou enchente que tudo arrasta, inda que se bem não me parecem pra Ele uma razão têm, que tudo tem sua razão, nós cá é que não apanhamos o sentido mode que nosso pensar possui cercas, não ultrapassáveis rumos.

Nossa humana sabença? Uma fagulha que pouco alumia.

Donde, porém, que essa arengação não se coaduna: em devaneios se perde, vai-se perlongar os porquês, investigação duvidosa, mo'divertimento quando não se tem quefazer, cada qual lança sua opinião ou sua incerteza no círculo do proseio, porém não se alcança nenhuma verdade. Sem O lá de cima, o homem anda no escuro — à deriva —, sua fagulha sói ser menos que a luz dum vagalume.

Por oportuno, no entanto, refere-se o gostar de um alguém (ponha-se tento: o causo é relato de irrevogável querença), porém quem possui tão claro entendimento do amor? É possível obrar o impossível num caso assim? Inda mais quando esse amor nenhuma esperança acalenta?

Enredos do coração são corriqueiros: labuta-se o todo suor do rosto mode rebrilhosa lembrança ofertar nos anos da bem-amada, enfrenta-se o irmão tinhoso de olhar atravessado se ela tiver um irmão assim, inté se rouba a moça quando a família não quer consentir em namoração, inda que séria. O mais é o que se sabe: o amor sempre se acaba, que é um fogaréu, lá isso é, porém em seco capinzal: esvuraça, estraleja, esquenta, tudo num breve durar e por fim, fim. Apois, pode um cidadão continuar enleado no que a donzela de seus devaneios s'esbarranca? E a dona, que antes bem-casada, mantém aceso seu zelo se espia no canto da cama um desdeixado, cavacada de dente na boca e catinga de guampa polo corpo? Supre um sofrimento nos esconsos mod'essas certezas que por aí se verificam, gente esfrangalhada com suas crias feias e se tolerando, não mais, um carecendo do outro ou mode o suprimento de dentro de casa, ou a lavação duma roupa e o preparo do de-boca. As moradias? Mundéus, um pé-de-vento mais de repente, não sejam as escoras de pau e a mão de Deus, e dá com tudo aquilo no chão — já sucedeu, sempre sucede, e com gente por lá soterrada. Nessa terra de muito longe, não só, por esse Brasil afora, o pobre padece seus padeceres, sofre seus sofreres, nem no amor angaria um durável conforto.

Amor… Desnecessário sortimento, dita seja a verdade: sem explicação vem, passa feito um vendaval deixando suas perenes pegadas — dor e desilusão.

Porém, havera sempre de ser nesse lastimoso conforme? Similar entendimento não cabe, a não ser no geral porém não no invariável, demudanças nas coisas propiciam outras verdades, inté desconhecidas e que propelem admiração, ao menos uma definitiva certeza: que o grande amor — esse que, com seus rigorosos invernos ou ressicados estios, ou inté seus amodorrados mormaços, e o mais: nos seus delongados dias o tempo não logra derruir; o grande amor é aquele que jamais se realiza, porém num limbo permanece, frágil criatura de asas leves e brancas, inatingível e por isso mesmo perene.

eu vim de longe
bem pra lá daquelas serra
que fica adonde as vista num pode alcançá

Refere-se o romance de um peão Renildo, um que há muitos anos lidou na Laguna com nhô Demastor, adonde, mode bom proceder e melhor laborar, mereceu larga consideração — de junto com sinhozinho Belmiro muitas vezes sentar-se na mesa da casa grande feito pessoa da família. A dona de nhô Demastor, que outros filhos não tivera, guardava pelo peão um carinho de mãe, pois se o Renildo não crescera nas terras, lá surgira garoto de doze anos pola mão da mãe viúva e adoentada, que de outro pouso não dispunham. Desproviase o menino de total família ao ficar órfão ano e meio despois, se tanto; mas tendo com seus modos angariado a estima dos patrões, desde cedo 'garrou também de companheiragem mais o filho da casa quando este vinha de férias do internato (inté vir de vez no lhe principiar o buço de moço feito), donde que a dor da perda supriu-se com a alegria de uma nova família e uma grande amizade: já adultos, se não iam pra lida diária, entre a peonada e sob o comando de nhô Demastor (Belmiro, sendo quem era, não se conduzia por soberba, também lidava quas'que feito qualquer colono, não por obrigação mas por gosto, um gosto por toda a vida perseverado), ou se botavam pros socavões adonde em porta de locanda o divertimento era rolar umas pedrinhas e jogar o baralho, as apostas uns níqueis mode uma graça no perder ou ganhar; ou percorriam pagode ali por Sertãozinho — então um bem desprovido arruado —: choro de sanfona e viola, o namoro desconseqüente, os noturnos bordejos; quando não isso, só estar na varanda da casa grande inté mais tarde em proseio à toa, mais falador o Belmiro; Renildo às vezes escutando a voz do filho do patrão, recostado numa coluna e, mesmo sem cochilar e só vigiando as estrelas no céu, sonhava — com quê? Sabe-se lá, sonhava sem sonhar, contentando-se tão só em escutar a fala do outro e vez a vez responder, pontear com um breve comentário: nisso seguindo inté darem horas.

Mas Belmiro, não por ser mais velho, senão pola condição que lhe impunham os bens que um dia haveria de herdar, mais esclarecidamente se diga, pola

situação de moço rico e de algumas leituras (colhidas no colégio em tempos de garoto e adolescente, ou no ror de livros trazidos da cidade, donde o costume de acompanhar as notícias lá de fora por assinatura de jornal), cogitado naquelas bandas como partido principal, em chegar a idade estava para casar com uma moça jeitosa por nome Branca, filha mais velha duma gente de certa fortuna que nas imediações também possuía importante propriedade. O casamento fora ajustado para o fim das águas, num mês de abril, e à medida que se aproximava a data ia se amofinando o Renildo pela perda do companheiro de folguedos.

Uma noite, dessas em que permaneciam de lero na varanda inté mais tarde, num intervalo em que Belmiro seu tanto também se aquietara, o Renildo deixou escapulir:

— É… mês que vem vosmecê toma estado…

— …

— …ando magicando… que é hora d'eu caçar meu rumo…

Belmiro estranhou:

— Ora essa! E de onde lhe vem essa idéia, homem?

— Eu sou cabra solteiro… apreceio a Laguna, não nego nem posso, porém…

— Porém o quê?

— Sinto que agora meu rumo demuda…

— Só porque eu me caso?

— É um sentimento cá nos esconsos, não sabe?, que não acerto explicar…

— Pois case-se também, peão!

— Inté apreciava — o outro responde despois de um cogitativo minuto —, mas noiva, cadê? Não 'panhei chamego por ninguém inté agora, de meu nada tenho…

Estirou as pernas, largou suspiro demoroso:

— Sucede que de meu mesmo só o rumo dos caminhos. Mas não desgosto não, Belmiro. Como disse, apreceio a Laguna, iô Demastor, don'Olaia, porém mudanças têm o valor das novidades, outras vistas, o mundo é vasto…

Belmiro matutou naquilo, Renildo calou-se em demorado ensimesmar-se, a prosa desfaleceu nas noturnas horas e quando o peão levantou-se mod'ir pro seu quarto no porão da casa grande tão só pronunciou um "boa noite, Belmiro" que o outro respondeu surdamente na escuridão da varanda. Deparava-se o moço fazendeiro pela primeira vez, e já homem de quase trinta anos completos, com a irrevogável mudança, o que bastante o surpreendia pois ainda não pensara naquilo: que se casaria, e era para sempre; com isso sua vida tomaria outra direção e o amigo um rumo diverso, que dúvida nenhuma não punha nessa partida, sabia-o pelo tom definitivo de sua voz. "A vida é engraçada" foi o que com clareza pensou, quase disse, pois a vida só podia ir em frente nas transformações que sobrevinham, não fosse assim… "se não for assim, fica-se parado feito água de poço, e a vida não é pra permanecer parada".

E, ao mesmo tempo que lamentava, sorria de contentamento: teria sua própria casa e sua mulher, viriam os filhos, talvez fizesse algumas viagens, poderia ir ao estrangeiro, alvitrava nesses planos ligeiros e sucessivos que a qualquer um ocorrem… o amigo que partia? Ora, o amigo não morre, um dia volta, aparece em visita e — já imaginando — sentam-se ambos na varanda em largo proseio na remembrança dos tempos, quem sabe os filhos de um brincando ali no quintal com os do outro, nas correrias pra lá e pra cá…

Porém Renildo não haveria de partir em antes do casamento, e para esse dia festivo escolheu vestimenta melhor, tomou opinião com don'Olaia que o instruiu na escolha do terno, pois Belmiro fazia questão dele como padrinho "e o padrinho de meu filho não pode fazer feio", "está visto que não, don'Olaia, mod'isso é que vim tomar conselho".

O terno escolhido fazia vista, porém no descostume proporcionava uma comichão no pescoço e um incômodo no por debaixo dos braços, conquanto não estivesse apertado, "sou que nem cavalo chucro, don'Olaia, 'tou acostumado com a bruteza do meu couro", Renildo esperando com certa ansiedade o transcurso da cerimônia para livrar-se do paletó, mormente devido ao calor que fazia. Na casa da noiva a festança atraiu uma chusma, a comedoria distribuiu-se ao longo do dia em mesas várias, a algazarra das crianças disputava com a rapinagem dos cachorros que em dia assim se reúnem na espera dos ossos, das sobras, dos gordos bocados.

Com apenas a camisa de linho, de mangas compridas que no entanto o peão dobrou mode um mais livre estar, Renildo nem fazia feio — pois outros por ali, inté de boa prosápia, procediam pelo mesmo — nem se incomodava. Entristecia-se? Pode-se inté suspeitar, no que se sabe daquela conversa travada a desoras na varanda da Laguna, porém não era verdade: não se perdia da compreensão da vida que eram próprias as diversas direções, agora ele tomaria a dele e no de quando em vez apareceria mode uma visita. Se nesse entremeio casasse, viria com a esposa e os filhos, ele também não errava de pensar nos seus mais os do Belmiro a varejar de corrida os campos da fazenda.

E comeu bem, que a carne recebeu tempero de mão habilitada, as demais iguarias preparadas com valor, e os doces duma finura que ele nunca havia experimentado — Renildo tinha predileção por doces, de mais paladar o de coco, sua alva brancura, e no saborear de pires na mão em preservado recanto da sala, na macieza duma poltrona, viu passar polo braço do noivo a moça Branca, a noiva formosa com seu alvo vestido, adonde cabia comparação: e comparou a brancura do doce de coco com a daquele vestido, apenas dissímil o sabor, pois — não desonesto pensamento — a carne macia duma moça assim teria mais doçuras a oferecer. Susteve-se, porém, o peão de ir adiante mode um decoro que se lhe impunha: bem não ficaria imaginar o que a outro pertencia perante as leis sagradas, além das do homem, inda que tal pensamento não se propalasse. No si de si mesmo supunha desonra ao amigo se mais investigasse em tal direção, o ser maldoso não combinando com sua pessoa.

O mais duma festa de casamento são os recreios do costume, transcorre o dia num só movimento da gente conhecida com quem se pratica e da estranha que de longe se espia (não calhando a cerimônia duma nova entrosagem), e o vozerio e os risos, o intérmino ir-e-vir, um todo ondular — que o ar ondula, traz cheiros se não mais dos manjares pois o jantar findou na esquina da tarde, o sol principiando a avermelhar na direção do poente, polo menos de extrato delicado e um farfalho de luminoso vestido — luz também de um movediço olhar? —, no que o peão inté se levanta mode melhor distinguir quem chega, quem acaba de adentrar a sala com atraso para a festa (numa melodia a voz que fala dum imprevisto), moça, muito jovem, de longos cabelos negros, na retaguarda tão somente o pai, donde o alvoroço dos donos da casa que já se adiantam para recebê-los "inté pensamos que o amigo não vinha mais" — sim, moça vistosa, e o peão Renildo esquece-se do doce, esquece-se de onde está, inté da vida calhando esquecia-se só pra mode olhar o rostinho dela, daquela que encantaria — e inquietaria — seu coração…

Do que, no agora, o peão Renildo se encontra na sala da Laguna, nas mãos o velho chapéu de sola, respeitoso aguarda que nhô Demastor o mande sentar. Don'Olaia tece um crochê, vigia o rapaz com um olho de mãe emprestada.

— Venho, iô Demastor, don'Olaia, requerer licença, não sabe?, mod'eu me arretirar…

— Se arretirar? — nhô Demastor estranhativo. Don'Olaia sustém a agulha, franze o cenho, descansa as mãos no colo. — Apois, caboclo, pra que rumo?

— Não sendo contrariedade, não sabe?, tomo o rumo da fazenda Rochedo mode entrar pra lida de sinhô Antonino.

— Que novidade é essa, Renildo? — don'Olaia intervém. — Se aborreceu de nós?

— De jeito maneira, sá don'Olaia, abaixo de Deus Nos'Sinhô no céu pra mim cá na terra só iô Demastor e vossa pessoa, não sabe?, mas sucede que com o matrimônio d'iozinho Belmiro cá comigo eu senti: um esmaiamento que nem dilucidar direito não sei; e uma carência: de vaguear um tanto, pol'aí, adonde que antão calculei na fazenda Rochedo, que é bem arretirada.

— E vosmecê não espera o Belmiro chegar de viagem mode despedir-se dele? Ele ia gostar de saber que o amigo se retira…

— Dá-se, num sabe?, iô Demastor, que em antes eu já cogitava nessa idéia, adonde que eu ponhei há tempos o Belmiro a par de minha saída tão logo ele casasse.

— Hum! — nhô Demastor faz uma cara séria, coça o queixo, limpa a garganta num rascar sonoroso. — Bom, não sendo um desajuste de vossa parte conosco…

— Não! Deus me livre dum tal afrontamento…

— …eu concedo, não há que ver, concedo, porém imponho uma condição…

— Sem dúv'da, iô Demastor…

— …que vosmecê não vai se esquecer de nós, e vem nos visitar de quando em vez.

— Apois, esquecer essa casa me há de ser desacordo de só na hora da morte, iô Demastor! Voltar de visita sempre que puder é tenção que comigo levo.

Don'Olaia estendeu-lhe a mão, e o Renildo dando um passo ajoelhou-se, respeitoso curvou-se para beijá-la.

— Vai com Deus, meu filho — disse a senhora da Laguna —, que a Virgem sempre acompanhe seus passos e nunca o desampare.

— Amém.

Fora, o cavalo Ventania, novo e fogoso, parecia impaciente p'lo estradar — não mais que o cavaleiro que vem montá-lo, pois este segue o rumo de seu querer: que naquele dia de bodas, em desatenta conversa com uns e outros havia tomado instrução, informação precisa, adonde o requerimento a nhô Demastor mode se arredar da Laguna, porque lá, na fazenda Rochedo (coisa no entanto consigo mesmo reservada em segredosa cautela), sinhá-moça Ana Maria Prates, filha única de sinhô Antonino Prates, inda que sem saber esperava por ele.

Foi num domingo pela manhã, duas semanas transcorridas desde o casamento do moço Belmiro, que Renildo deixou a Laguna — ele também sem saber que seria para sempre.

alas qui viemo in dois eu e mais ventania
o mais famado dos cavalo do lugá

Nhô Antonino Prates, de grisalhados cabelos, viúvo há que anos e não tendo de novo se casado mode o desgosto da perda, filha só uma, Ana Maria, de olhos claros e cabelos dum negror de noite escura qu'inté alumiava, tão compridos que batia polas cadeiras, dezessete anos; nhô Antonino, de severosas maneiras, conduzia a fazenda Rochedo adonde uma chusma lidava nos campos, nos currais, mas dentro de casa havendo uma Jovina, negra velha, dona de rotundas gorduras, desde o nascimento na família e mui raro arredando-se da fazenda, quem no comando das pretas da cozinha e também no atender as ordens e rabugices de sinhá-moça, pois que a menina Ana Maria nem sempre se pautava pelos doces falares: mesmo com a Jovina, em cujo colo crescera, estrilava às vezes, dona de mimos e vontades; com os demais não desfazia seu decerto empinamento p'lo porquê de sua posição — não era afinal a filha única do sinhô? —, o narizinho supino e uma altivez no olhar, que dessa peonada bruta não custa, em havendo ensejo, um espiar abusado, uma fala atrevida, um afrontoso proceder — inda que tal sucedendo sinhô proveria cabível castigo ao infrator.

— Siá menina, está'í fora um peão que requer um entendimento cum sinhô vosso pai.

Sinhazinha, defronte o espelho da penteadeira, levanta-se com um gesto de enfado. Irritava-se com o atrevimento dessa gente de curral, cedo vinham incomodá-la, a pêndula na sala de jantar ainda não dera oito horas.

— Despacha, Jovina, despacha. Carece de vir me amolar? Que aborrecido! Então não sabe que papai saiu cedo e só regressa à noitinha?

— Calha que num deve de saber não, sinhazinha, mode que num é cabra cá do Rochedo não. Diz que vem de fora.

— E o que quer o sujeito? Não disse?

— Requer um entendimento mai' sinhô vosso pai.

— E decerto sou eu que tenho de resolver esses assuntos! — numa rabanada largou o pente em cima do tampo de mármore da penteadeira, pondo as mãos nos quadris numa atitude de zanga. — Não gosto de falar com essa gente dos currais, são todos uns aborrecidos. E não cheiram bem.

— Releve, sinhazinha, releve, que calhando ser coisa d'importância eu cá num tenho tino mod'esses assuntos e sinhô pod'inté zangar mai' eu.

Ana Maria suspirou, deu um último retoque nos cabelos, vigiou com gosto sua delicada formosura e saiu para o corredor acompanhada pela negra.

No terreiro um homem esperava, mais arredado a mordiscar a grama o cavalo em que recém-chegara. Espia o em-volta, a grandiosidade da casa, a suspeitada extensão das terras, nhô Antonino seria homem de não escassos haveres, do que não cabia dúvida, já lho haviam dito no buscar informação: "A fazenda Rochedo?... Pr'aquela direção, inda longe, cavalga-se bem um meio-dia ainda. Hein?... Ah, fazenda como poucas, muito gado, terra a perder de vista... chôooo, muito cobre..."

Porém uma voz provindo do alto da varanda colhe o peão de seus pensares:

— O senhor deseja falar com meu pai?

Um alumiamento, uma luz de todas as estrelas nos albores da manhã, porém no recôndito do ser um regelamento, súbita tremura que não de frio e um pordentro derreter-se: a voz que de repente não quer sair, feito quando um susto muito grande deixa o cristão paralisado.

Porém o gesto imediato: a mão que recolhe da cabeça o chapéu, o passo dado adiante, o peito opresso, o esforço para falar:

— É... é... calha que sim... não vê que...

E a moça com a costumeira altivez:

— Papai não está. Saiu cedo e só regressa à noitinha. Será algum assunto que eu possa resolver?

O peão maçaga o chapéu, por fim a fala, ainda combalida:

— Não sei... deve de que só com sinhô Antonino... porém posso lhe adiantar que provenho da Laguna, não sabe?, fazenda Laguna...

Ana Maria decerto se lembrava: aquele casamento de dias atrás não fora de um moço dessa fazenda? Voltou-se para Jovina e cochichou-lhe qualquer coisa, ao que a preta respondeu, também em voz baixa "sim, sinhazinha, foi o casamento do moço da Laguna". Ana Maria para o peão, imaginando tratar-se de alguma coisa importante:

— Se é só com o meu pai, o senhor terá de esperar. Se quiser, pode estar com a gente do curral durante o dia, enquanto papai não chega.

— Está bem, sinhá-moça, está certo, eu espero.

— Jovina — ordena com ar de senhora —, procure o capataz e diga que o peão vem da Laguna e vai estar com o pessoal do curral durante o dia, enquanto papai não chega — e sem mais se retira para dentro já esquecida do incômodo e lembrando-se de que precisa escrever a umas amigas em Águas Claras: pois sinhazinha tencionava uma festa por ocasião de seus dezoito anos, ainda que um pouco tardasse pois só p'los princípios do ano seguinte, num mais exato dizer a três de janeiro, mas não pretendia um festejo qualquer e com antecedência procedia seus planos; as amigas de Águas Claras podiam ajudá-la com idéias e opiniões, daí a inteção de ir para lá por esses dias a fim de encomendar necessárias miudezas, uma festa de anos é coisa de importância, mormente a aniversariante sendo a menina da fazenda Rochedo!

Embaraçada? Sinhá-moça Ana Maria não se embaraça por tão pouco: o importuno não reside mais em seus pensamentos, e sentando-se à escrivaninha no gabinete do pai, com quem dividia seus petrechos de escrita, apanhou o tinteiro, a pena, o papel e começou a escrever.

Deu-se portanto conforme o relato: o Renildo abicou à fazenda Rochedo naquela manhã p'los começos de maio, quase uma semana despois de sair da Laguna, e entrevistou-se primeiro e inesperadamente com a dama de seus sonhares; durante o dia esteve por lá, fez conhecimento com a gente da lida, inté demonstrou proeza no laçar uns novilhos bravios e os demais elogiaram o cavalo Ventania, de avultoso porte, alguns fazendo empenho que o Renildo botasse preço pois o negócio seria de interesse, porém o Renildo explicou tratar-se de animal de estima, "presente d'iô Demastor, num sabe?, que me criou feito filho quas'que d'eu moleque, no que minha mãe faltou eu tendo menos de catorze anos, adonde que não posso me desfazer dele". O capataz de nhô Antonino, um certo Heitor, era um sujeito baixo e forte, a cara fechada por barba grossa duma fiapada branca indicando idade, o que em conversa declinou, avançava já p'los cinqüenta, desde moço ali no Rochedo; dele se dizia homem de rigores, inté mais que o patrão; nhô Antonino não destratava serviçal, porém não era dado a lidar direto com a gente subalterna, tendo por intermediário a pessoa do capataz, que à peonada transmitia as ordens e exigia o pontual cumprimento. Inteirou-se da intenção do Renildo ao inquirir-lhe o motivo de sua chegança por ali, mais dele do que propriamente do patrão dependendo — sem que o peão tivesse ciência — que fosse aceito; o capataz no entanto apreciou o jeito de o rapaz montar e laçar e se sair noutras ações, bem como de seus modos no lidar com o povo — possuía cordura, e nos gestos e palavras polidez. Sendo de seu agrado, nhô Antonino não obstaria a admissão do novato, mormente sabendo tratar-se de peão provindo da Laguna, adonde passava por considerado segundo seu dizer (o que em qualquer tempo se podia apurar: calhando uma mentira era mandá-lo embora). Propendia a favor do Renildo a simpatia geral que angariou com a gente toda do curral e dos campos, e no que nhô Antonino informado de sua presença pelo Heitor mandou que se apresentasse na casa

grande, foi levado inté lá pelo próprio capataz, que o deixou na varanda. Chamando pela Jovina "o patrão quer falar mais o cabra aqui" disse, e saiu.

Jovina fez o Renildo entrar na sala e o conduziu ao gabinete adonde, pela manhã, sinhá-moça Ana Maria escrevera cartas. Sobre uma cômoda, um lampião provia de boa claridade o ambiente, e, sentado à escrivaninha, o dono da fazenda Rochedo parecia ocupado e à cuja vista o peão parou na porta aguardando ordem para que entrasse. De pé atrás do pai encontrava-se sinhá-moça, que o olhou com indiferença e aguardou que a entrevista terminasse para continuar o assunto de que até então tratavam, a saber, a planejada festa de aniversário: sucedia que sinhá-moça decidira uma viagem a Águas Claras, onde passaria dias em casa de amigas, moças de sua idade e filhas de gradas famílias com quem nhô Antonino mantinha ligação antiga de amizade, portanto a quem poderia confiar sua preciosa menina, sua herdeira, por duas ou três semanas.

— Essa viagem tem de ser para já, minha filha? — perguntou-lhe o pai antes de notar o vulto do peão parado à porta.

— Quanto mais cedo melhor, papai — respondeu a moça. — Quero ver as novidades, encomendar coisas de fora que lá não encontrar, e o tempo corre, o senhor sabe.

O pai suspirou. Moveu a cabeça e fez um gesto para que Renildo entrasse enquanto sinhazinha lançava-lhe aquele olhar indiferente.

Renildo, um tanto trêmulo, entrou, parou a dois ou três passos de onde se encontrava o senhor da fazenda Rochedo com sua filha de pé, atrás da cadeira. E lhe respondeu no que o patrão lhe fez perguntas: sim, provinha da Laguna adonde estivera até então, isso desde a idade de doze anos; mas não, não por malfeitoria lá cometida e sim por desejo de um demudamento, que era verdade, iô Demastor tinha por si muita consideração, punha-se com iozinho Belmiro à mesa à hora do almoço, inté saíam juntos mode passeios, e lidava bem, pois sabia o ofício do gado, do que sinhô Antonino fora informado pelo Heitor — não declinando no entanto as boas informações ouvidas mode que seria dar muita confiança ao subalterno, atitude que destoava de seu circunspecto feitio.

Finda a conversa, sinhô Antonino raspou a garganta:

— Pois muito que bem, seu Renildo, vosmecê fica por ora, sendo de sua vontade. O Heitor cuida de tudo no que lhe diz respeito, vai avaliar seu serviço e ajustar seus vencimentos. Se for de agrado, fica em definitivo. Pode sair.

Renildo curvou-se um pouco, teve seus embaraços no retirar-se, fez um gesto na direção de sinhazinha a modo de cumprimento que resposta não teve, desapareceu no corredor.

Com um suspiro de enfado Ana Maria puxou uma cadeira para perto do pai: urgia resolver o assunto de sua viagem a Águas Claras. Atirou:

— Mandei um preto hoje de tarde levar as cartas que escrevi à Luizinha Fernandes e à Terezinha Pedroso, papai, para preveni-las. Já depois de amanhã, se o senhor consentisse, eu iria…

E enlaçou o velho pelo pescoço num carinhoso abraço, certa de que o pai não lhe negaria o passeio: aquele pai nunca lhe negava nada — e o beijou na face.

A estada de sinhazinha em Águas Claras, contudo, estabelecida em duas ou três semanas, estendeu-se, e já findava o mês de agosto sem que a menina mostrasse tenção de voltar para casa. Nesse meio tempo, sinhô Antonino por lá esteve também pois carecia "não deixar a moleca à vontade", no seu dizer vez ou outra dentro de casa dirigindo-se à preta Jovina, que com muito ajuste respondia que "sinhô faz bem, inda que sinhazinha esteja com gente de prosápia". De sua partida no rastro da filha esteve com os Fernandes, com os Pedroso, demorou-se alguns dias e, seguro de que a filha era querida naquelas casas e se encontrava bem, apressou-se em voltar pois no Rochedo "a lida é diversa, minha gente, e não se pode deixar tudo por conta do capataz, inda que o Heitor seja homem de tino". Voltou, estabelecendo que Ana Maria estivesse em casa em princípios de julho, mas julho chegou e com ele só um bilhete da filha, "papai, no dia 15 é aniversário da Rita Fagundes, uma amiga da Luizinha, e vai ter festa. Convém que eu vá a essa festa, eles são gente de muito bom gosto e eu quero ver e aprender tudo, para que a minha seja muito melhor. A sua bênção. Um beijo da filha que muito o respeita…"; no dia seguinte a esse bilhete despachou um preto com ordem escrita e lacrada, determinando que "assim que passar a festa, ponha-se a caminho, que já é tempo de voltar para casa". Porém por aqueles dias choveu, e se bem que a festa tenha sido concorrida passou com uma chuvarada de fazer gosto, que pelos dias seguintes não deu mostras de amainar. Chegou na fazenda Rochedo bilhete de sinhá-moça para o pai: "Papai, pretendia voltar esta semana, mas tem chovido diariamente, o Santa Madalena transbordou e por pouco não chegou até as primeiras casas da cidade. Algumas pontes até caíram. Penso que o senhor não vai se incomodar se eu esperar que o tempo firme, é até mais seguro, pois os caminhos não estarão tão ruins." Terá sido a chuva uma justa razão para que Ana Maria permanecesse em Águas Claras ou uma conveniente desculpa mode não retornar tão já para a fazenda? Verdade é que o tempo melhorou mesmo só no final do mês, e no começo de agosto nhô Antonino recebeu outro bilhete da filha: "Papai, só agora o tempo firmou. Vou esperar alguns dias até que os caminhos sequem para que eu possa partir. Aguarde-me, pois no máximo até o dia dez estarei em casa", porém o dia dez chegou, passou, e o mês de agosto foi avançando no vagar do tempo…

Nhô Antonino, lá p'los começos da terceira semana daquele mês, estrilou ao receber novo bilhete de sinhazinha Ana Maria dando conta de não poder partir de imediato por isso e mais aquilo; estrilou, sim, mas a seu modo, que o senhor da fazenda Rochedo era homem comedido, desafeito a berros e bracejamentos: tão só fechou a cara, respirou fundo controlando sua fúria e sibilou na direção da Jovina "já se viu, Jovina! Já se viu!" e sentou-se detrás da escrivaninha amassando entre os dedos o bilhete da filha, "dona Ana Maria anda agora cheia das

vontades, anda de rédea solta e pensa que pode mudar-se de vez pra cidade!". A negra encolhia-se num canto quando sinhô estrilava (não pelos gritos que ele não escapulia, mas pela aspereza do cenho vincado), muito cordata murmurando, com voz sumida, "'inhô tem razão, carece tolher um tanto a menina…" fazendo uma pausa em antes de acrescentar, em defesa da moça "mas com jeito, sinhô Antonino, que na idade da pobrezinha inda se carece de siso", "qual siso, Jovina, qual siso nem meio siso!" retrucou, sempre em voz baixa mas já não evitando um murro no tampo do mesa que estremeceu inté o assoalho, "o que ela precisa é do cheiro dum rebenque" e levantando-se foi até a janela, adonde permaneceu a espiar para fora. Porém no engrossar a voz e referir o rebenque sinhô Antonino blefava: sim, andava furioso, mas teria coragem de dar na flor de seus dias, inda mais de rebenque? Apois, se nem com um talo de grama! O que podia fazer, e tão só, botar-se a caminho ele mesmo e trazer a filha de volta.

Porém o peão Renildo, que logo no chegar deparou com a donzela de seu encantamento e mais ela trocou sumárias palavras, naqueles quatro meses de ausência da menina o que se lhe passou pelos cogitares? Na lida diária envolvia-se, e se o pensamento num relance lhe trouxesse a lembrança de sua graciosa figura, o laborar não lhe permitia entreter-se nesses devaneios; mas as noites seriam longas, ainda que na roda dos peões à volta do fogo inté mais tarde permanecesse escutando o proseio, o dedilhar duma viola, os causos que se referiam, e ao deitar-se possível não seria evitar no escuro que sua imaginação volvesse para a pessoa de sinhá-moça Ana Maria.

Como se lhe figurava no entendimento essa sua querença por uma menina como aquela, ele, um rústico? Ora reconhecia viver tão somente uma triste ilusão, pois sinhazinha nunca botaria nele as vistas a feitio de interesse, dum gostar mais de coração, apois, isso podia-se ver nas condições de cada um, nem precisando minuciar; e se lembrava do dia de sua chegada: nas duas ocasiões em que pudera vê-la (cedo na varanda e à noite no gabinete d'inhô Antonino) Ana Maria mal olhara para ele e dois dias depois partira para Águas Claras adonde já permanecia por quase quatro meses; tivesse 'panhado por ele qualquer interesse, demorar-se-ia tanto fora de casa, fora dali, adonde se poderiam ver mais a miúdo? Porém Renildo reconsiderava os erros desse excogitar, pois a verdade é que sinhazinha não poderia mesmo ter interesse algum por sua pessoa, visto não passar de um desconhecido que de inopino aparecera à sua frente; carecia — ia ele pensando — de um tempo mode o melhor conhecimento, o ele aproximar-se pouco a pouco, falar amiudado mais ela, por uma qualquer razão dirigir-lhe a palavra de modo que a menina lhe botasse os olhos todos os dias, antão sim, podia dar-se dela principiar um agrado por sua figura, "carece, isso sim, de conquistar a moça" dizia-se num assomo de otimismo, pois sinhazinha Ana Maria seria sua, foi para tê-la que sem hesitação deixara a Laguna com destino ao Rochedo: era então manter-se perto, à vista, mostrar-se como era, um bom peão, o melhor talvez, capaz de proezas que nenhum outro podia. O impedimento, ocorria-lhe então, seria o pai, nhô Antonino tinha jeito de pessoa

soberba, raro — como havia percebido — tratando com a peonada; em seu gabinete somente o capataz Heitor botava os pés (ele lá fora naquele dia tão só por ser o de sua chegada, tendo o patrão de conhecê-lo); porém, a moça querendo, poderia o pai impedir, ainda que com severidades procedesse? "Inté sou capaz de roubar ela, em ela concordando…" Renildo delirava a desoras, tardando o sono, delirava duma febre que não lhe queimava o corpo, mas a alma.

Por fim setembro veio trazendo manhãs claras e na cauda de uma dessas manhãs, aí pelas dez horas, entrou no terreiro grande do Rochedo a pequena comitiva de sinhazinha, ela e o pai numa charrete coberta tirada por um cavalinho ligeiro, logo atrás outra, conduzindo a Terezinha Pedroso e a irmã mais nova que haviam recebido licença dos pais para estarem na roça alguns dias e, na retaguarda, uma pequena carroça guiada por um preto transportando a bagagem das meninas. Se nhô Antonino estivera zangado com a filha, e se esta pusera-se embaraçada no que ele surgiu em Águas Claras para botá-la na frente de volta, essa tempestade doméstica parecia amainada, pois a sinhazinha que saltou da charrete coberta no terreiro de casa tinha boas cores e um lindo sorriso a florir-lhe o rosto, e foi num afã que tomou as amigas pela mão e, as três, correram para casa enquanto nhô Antonino dava ordens — alimentar os cavalos, lubrificar as rodas e as molas das charretes, levar para dentro a bagagem, e logo gritou pela Jovina pedindo água para um banho, "qu'estamos a viajar desde madrugada, Jovina, desd'em antes do cantar do galo!".

Pelas imediações transitava àquela hora a caminho do serviço o Renildo peão, e estacou a olhar de longe, como num sonho que desperto se sonha, o seu amor chegar, descer da charrete, correr para as amigas e entrar em casa com elas. Não o teria visto, pensa, porém uma pergunta brota a contragosto nas funduras de si mesmo e que ele trata de nem escutar: "se tivesse avistado minha pessoa, cumprimentava-me?", pois se era que sinhazinha nem o conhecia direito mode cumprimentá-lo! Mas dagora por diante (e o Renildo, resoluto, empina o queixo pondo-se a caminho do curral) haveria mais oportunidades de se avistarem e ela acabaria sabendo dele.

No transcurso daquelas primeiras semanas de setembro, no entanto, tal oportunidade escasseou. Rondava o peão sempre de tardezinha o terreiro da fazenda mode avistar Ana Maria, o que se deu porém em raras ocasiões: um dia sinhazinha chegava com suas amigas de um passeio a cavalo e no terreiro desmontaram; avistou-o e chamou "peão!" e nem mesmo olhando para ele sibilou determinação "leve os animais para a cocheira", "sim, sinhá-moça Ana Maria" Renildo respondeu, mas no que aventurou uma fala "sinhazinha, será que eu posso…?" a moça não estava mais ali: dera-lhe as costas num repelão de indiferença e já subia os degraus da varanda com passinho ligeiro, precedendo as amigas; uns dias depois sucedeu de as três jovens apareceram à varanda no finzinho da tarde, e Renildo pensou em aproximar-se para lhes falar — tencionava um oferecimento, trazer-lhes umas frutas do mato que "as moças da cidade decerto não conhecem", acompanhá-las ao curral pela manhã para assistir a

ordenha, uma qualquer gentileza que chamasse atenção —, mas por qualquer razão Ana Maria voltou para dentro, seguida pela Terezinha Fagundes, restando ali apenas a irmã, uma moçoila de catorze anos branquela e com sardas no nariz, um tanto apagadinha, tolhendo-se o Renildo a meio caminho, ainda tardando mode ver se sinhazinha voltava, mas sinhazinha não voltou, a branquela entrou também em seu encalço e a varanda ficou vazia; por fim, na véspera chegava-se p'los fundos inté a porta da cozinha, aventara um assunto com a Jovina ou qualquer outra das pretas, esperançando ver Ana Maria por ali, e ela com efeito surgiu — de onde? — num alvoroço, passou por ele feito um pé de vento e desapareceu dentro da cozinha, nem tempo lhe restando mode a introdução duma palavra, um principiar de assunto!

"Não haverá um jeito…?"

E a certeza do peão vacilou: será que ainda lograva falar mais ela? Será que ainda lhe segurava a mãozinha entre as suas calejadas para, assim tão de perto, vigiar dentro de seus olhos de primavera? Renildo pela primeira vez desde que se empenhara em pelejar p'lo amor da moça teve suas dúvidas… ou as teve, ou então pela primeira vez permitia que aflorassem encarando-as — sombrias e fantasmáticas — de frente.

na mia vida de vaquêro vagabundo
já nem dô conta dos pirigo qui infrentei
apois qui das nação de gado qui ai no mundo
num tem um só boi qui num peguei

Porém naquela semana chegou no Rochedo uma remessa de gado novo, aquisição feita há tempos, e sinhô Antonino, apartando-se de seu costume — pelo qual raro tratava direto com a peonada, tampouco entremeando-se ao povo subalterno —, alvitrou a fim de divertir as moças de fora uma vaquejada, "no domingo, Heitor, conforme faça bom tempo. Do gado, escolha os mais ariscos que é pra ter graça". Acertaram-se as corridas para depois do almoço, pela frente toda a tarde, e no fim assariam uma carne no espeto, churrascada mode alegrar o estômago e finalizar bem o dia. A notícia porém correu, e inté gente de outras estâncias se apresentou — pra figurar na assistência ou nas disputas — e já cedo transitava p'los terreiros um magote, povo de toda sorte, e umas mocinhas das redondezas também estando ali sinhazinha e suas convidadas encontraram alegre companhia. Nhô Antonino espiava o ir-e-vir: de costume requieto em seu canto, não lhe desagradavam umas ocasionais agitações, e aquele festejo bem lhe pareceu. De cedo já se haviam preparado as grelhas para assar a carne, e a preta Jovina deambulava daqui pr'ali seu lerdo volume nas orientações do uso: um correto tempero, um corte adequado da carne, o carvão a jeito, e o mais o demais, preta velha com traquejo nesses misteres. De seu lado Heitor providenciou a quadra, a fina areia recobrindo largo espaço plano e cingido por uma cerca de troncos mode segurança para a gente que no em-volta se alojaria a

fim de ver as pelejas. E o que se seguiu é o que de feito se pode magicar, montarias, apartações, provas de laço, erros e acertos dos peões, uns mais práticos numas coisas, outros noutras, alguns em nenhuma, errando e caindo tão só mode produzir graça, a boa risada geral da assistência.

Renildo, porém, de si estava certo: teria sua oportunidade naquele dia ou nunca mais. Podia cometer algum deslize? Um desairoso haver-se? Na multidão os olhos de primavera estariam fixos nele no momento em que pisasse a quadra, no ele brandir o laço ou galopar atrás de rês bravia — tinha de ser o melhor, a todos arrancar um "ah!" de espanto, mostrar o que ainda a seu respeito ignoravam: que no laço não havia um que nem ele, no abordar o arisco novilho ninguém tão preciso, e inté mesmo montar, o que com menos freqüência ensaiava mas no que decerto não fazia feio.

Logrou suas pretensões?

Avança a tarde com a multidão aplaudindo cada prova, ou rindo das graças provocadas, e seja pelo sucesso ou pelo desastre o autor do feito curvando-se em agradecimento — porém não seria de feitio do Renildo produzir qualquer risota, não ele, o peão na Laguna afamado, não ele que ali estava tão só para que sinhá-moça Ana Maria o conhecesse, e na sua vez de adentrar a quadra deu uma carinhosa palmada no pescoço de Ventania, "agora é com nós, meu amigo" e avançou.

Teria havido como que um silêncio no que ele avançou? Ou foi tão somente mode que o povo, no comum, se aquietava um tanto a cada vez que um peão diferente surgia na quadra? Porém — e disto Renildo estava certo — ele era mesmo um peão diferente, de todos os demais diverso, inda que só naquele dia e tão só ali, no recinto daquele cercado pisando a areia que recobria o chão, pois seu galopar teria parecença com o adejo duma borboleta — tão leve — e a certeza da investida dum gavião — tão preciso —, Ventania um cavalo sem igual, o cavaleiro dono duma similar galhardia. Poderia resistir-lhe o mais espantadiço e veloz novilho da região? Perderia ele a mão no mover com donaire o laço e despachá-lo tão certeiro? Não, dentro da quadra não laborava um qualquer bruto de curral mas alguém que produzia uma tão pura magia que, sim, das gentes arrancava um "ah!" de surpresa, os corações comprimia num instante de maior risco (aquele touro bravio que por último decidira montar), e ao findar sua apresentação curvou-se, ao lado de seu cavalo, para receber os aplausos "que nenhum outro" ia consigo mesmo pensando "nenhum outro, a não ser o de sinhazinha Ana Maria… nenhum outro…" mas não teve coragem de olhar, procurá-la com os olhos no meio do povaréu.

Mas findava-se o dia de júbilo e, com a maioria procurando o rumo de casa, restou por ali um mais reduzido grupo: moças das estâncias vizinhas, uns peões da própria fazenda, e a carne ainda na grelha sendo servida à farta. Formou-se uma roda adonde principiara no formato de interlocução a referência p'los peões de sucessos vistos ou ouvidos que aos demais prendiam a atenção. Interessaram-se as moças pela conversa, muito do agrado da Terezinha Pedroso e de

sua irmã que de similar cavaqueira nunca haviam participado, com elas e as demais ficando sinhazinha Ana Maria mais o pai, apois, que no entender de sinhô Antonino não havia mal naquilo por ser uma continuação da festa, desde porém que ele, como principal, também presenciasse a modo de tolher alguma conversa de menos cabimento.

Foi no virar da tarde, o Sol já tendo entrado porém restando no céu ainda uns laivos avermelhados, no soprar duma brisa fresca que parecia sopitar a natureza, procedendo-se um geral aquietar-se inté mesmo ali, na roda dos prosadores, que um peão idoso de nome Alvarino, por Vivino mais conhecido e vindo de fora mode assistir aos torneios, propiciou seu relato — de primeiro, à guisa dum respeito polo dono da casa, a ele se dirigindo:

— Nhô Antonino, com vossa licença, pergunto se vossência inda não calhou de escutar o romance do boi encantado?

— Esse romance eu desconheço, seu Vivino — e, para os demais: — Algum aqui já ouviu falar?

Negativa geral, resmoneio, que não, ninguém conhecia, mas a todos decerto agradaria findar o dia com um gracioso historiar. Seu Vivino picava o fumo na concha da mão com um canivetinho antigo (quem conhecia o peão velho conhecia com ele aquele canivetinho) e, de seguida, alisava a palha de milho, inté aproximar o cigarro do braseiro, no ar — pita-pitando — o cheiro forte do fumo, tudo ao mesmo tempo do seu falar vagaroso — e foi referindo a história, atenção geral: um estalido no fogo? Um páss'ro que entoa? O berrado dum bezerro pela mãe na lonjura? Nenhuma outra voz s'escutando.

— Um boi, num sabe?, surgido por obra de encantamento? Calha perguntar inté que ponto tem razão o povo no seu fantasiar, apois, que a moçada não supõe essas verdades, o coração do moço é no mais um lago de águas rasas, mas os mais velhos feito eu, que já ultrapasso os setenta, meus meninos, antão que os mais velhos costumam botar tento nessas coisas: o povo fantasia, mas de toda fantasia promana uma certa verdade, adonde que duvidação não ponho nesses sucessos. Pois seja, um boi encantado: conta que foi tirado de seu limbo mode bem dirigida ação de procura por três peões de não comparado valor — e aqui supinou as vistas na direção do Renildo —, três assim feito o moço ali, que no dia de hoje obrou façanhas na quadra. Benz'o Deus, moço — e descobriu a cabeça, ralos cabelos brancos —, prossiga no seu rumo que seus quereres, não propiciando desagrado Àquele lá de cima, a seu tempo serão concedidos — e pitou largo, nuvens de cheiro s'espalhando em derredor (um que outro, no descostume, inté tossicando). — Inda que eu tenha cá pra mim que três peões, mesmo valorosos, não podiam puxar pr'esse mundo uma tal criatura, boi que jamais laço algum tolheu, nenhum cão acuou, livre vagueia p'los campos, indomável e indomado: tenho pra mim que três anjos, sim, não três homens, inda que na figura e parecença de homens existissem, inté no viver iguais, a cotidiana labuta e o suor merejando, as carências do corpo e os sofreres da alma, o similar padecimento e inté morte e velhice, tudo igual, porém três anjos a habitar

aquelas carnações. Pois foi num dia à tarde, nem noite não era, o boi foi s'enformando a força de conjuro, os três peões — os três anjos — falando nele, suas qualidades, e ele surgindo, surgindo… e era de pêlo inté duns tons esverdeados feito os campos que seus seriam, ou araçá, os dois no caso duma confusão nas vistas, que o verde e o amarelo vez a vez se confundem. Porém os chifres: dourados, transparentes. Esse é o boi — e pareceu pensativo no terminar seu relato, espiando rente pr'adiante, no fio do dia.[11]

— E adonde veve o boi, sô Vivino? — quis saber um vaqueiro dos que ali escutavam o romance.

O vaqueiro Vivino fez um gesto largo com a mão que segurava o cigarro de palha:

— P'los campos, num sabe?, todos os campos, porém nem todos avistam ele. O peão que o avista está marcado: irá com ele se defrontar.

— Um mui bonito romance, seu Vivino — disse nhô Antonino —, mas pode um cristão procurar tal criatura?

E nem esperando esclarecimento, um outro peão perquiriu:

— E alguém já se defrontou mais ele, seu Vivino?

Num espiar sorrateiro, Renildo vigiou do outro lado sinhazinha Ana Maria, que parecia divertida em escutar a lenda:

— Apois… — e o idoso fez uma pausa, no meditar a resposta: — Procurar tal criatura requer um desapego do humano tardar por esse mundo, não sabe, pois é risco de vida: magina bem, vaguear noite e dia campos e cerrados afora, varar esses morros pra não calculadas lonjuras para no fim, no ser agraciado com a presença do bicho, já cansado o vaqueiro peão defrontar-se com a fúria… — e supinou o velho os olhos antigos e mortiços no em derredor, vigiando o povo: — Não, não é obra pra qualquer… Não, nunca escutei dum cristão que tenha mais ele se defrontado. Se algum tentou, inté pode ser, se o encontrou não sei, mas se encontrou e com ele se bateu… talvez uma vida seja pouca mode tal façanha.

E concluída sua fala, restou no ar um silêncio que logo se dissolveu: conversaria, cada qual fanfarronando um encontro com o boi encantado — ali ninguém tinha medo da criatura, pelo menos no falar, e projetavam sua aventura: se vissem o bicho, laçavam ele com o melhor laço uns diziam, de outros o tão só motejo, que justo aqueles que cartavam seriam os primeiros a fugir assombrados da visagem, seguindo-se uma geral gargalhada. No seu estar, contudo, calou-se quieto o Renildo, nem disse nem riu, em si mesmo recolheu-se vigiando sem ser notado sua amada — e de repente aqueles peões todos que se gabavam ou que riam lhe pareceram uns simplórios, nenhum deles digno mesmo de respirar adonde respirava a moça da fazenda Rochedo.

[11] A narrativa do vaqueiro Vivino é uma referência ao conto "História de três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi", de Guimarães Rosa.

meu sabaruno rei do largo e do grotão
vê si num isquece da premessa que nóis feiz
naquela quadra de ferrá laço e moirão
a luz da tarde os olhos dela e meu cantar
a mais bonita de brumado ao pancadão
juremo a ela viu? te levá boi aruá.

Nhô Antonino por sua vez alvitrou que eram horas de entrar pois logo seria noite, e fez um gesto de retirar-se, bem percebido por sinhá-moça que, altiva, afastou-se do grupo em companhia das meninas de Águas Claras, as demais por sua vez partindo também. Porém dum improviso se dá inesperado sucesso, que na menção de sair nhô Antonino, adiantou-se-lhe à frente a filha e, à frente desta, as meninas de Águas Claras; porém interveio o Heitor com lembrança de última hora, necessária informação talvez pro dia seguinte, e reteve o patrão por algum tempo enquanto se dispersava a peonada; sinhazinha, que avançara seu tanto, deteve-se, o que não foi tão logo percebido pelas amigas — e tampouco pelas demais — que seguiram caminho, dando-se então que, naquele entrementes, Ana Maria viu-se dos demais isolada. Foi um momento apenas, um breve momento, que no entanto o Renildo peão aproveitou:

— Sinhá-moça Ana Maria — disse, chegando-se a ela num destro movimento.

Ana Maria, que não esperava nem o vira aproximar-se, olhou-o com estranheza, e ele continuou:

— Nesse momento, perante vossa pessoa eu me comprometo…

— ?!

— …pros anos de sinhazinha, a prenda que eu lhe posso ofertar: sojigar e trazer o boi… esse boi encantado que o vaqueiro Vivino referiu… eu vou buscar ele mode os anos de sinhazinha… é a prenda que lhe posso ofertar — e se afastou, por ninguém a não ser por ela percebido.

Naquela noite Ana Maria esteve insone.

As amigas já se haviam recolhido há horas e sinhá-moça persistia espiando pola janela do quarto, através da vidraça, os campos que defronte se estendiam sob o luar.

Por fim saiu do quarto, desceu para a sala de estar, no corredor viu luz: o pai ainda estava no gabinete, e a menina foi ter com ele.

— Ainda não dormiu, minha filha? — nhô Antonino, levantando os olhos do caderno em que fazia suas anotações.

— Sem sono, papai. Posso estar um pouco aqui, com o senhor?

— Fique, minha filha, se lhe agrada — e baixou de novo os olhos para o caderno.

Reclinada num canapé, Ana Maria esteve quieta por alguns momentos. De súbito levantou-se:

— Papai…

— Sim, filha? Alguma coisa a incomoda?

A moça conteve-se um instante encarando nhô Antonino, caiu em si: podia falar com o pai sobre o que a afligia?

— Pai…

Nhô Antonino sorri e puxa uma cadeira para perto de si:

— Sente-se aqui, menina, e diga-me o que a incomoda.

Ana Maria foi sentar-se junto do pai.

— Pai, a história contada pelo vaqueiro Vivino… o senhor acha que é verdade?

Nhô Antonino acha graça da pergunta da filha:

— Parece mais uma lenda, não, filha? Só um causo desses que os peões contam para entreter-se, um romance como diz seu Vivino, até um bonito romance, mas é só isso. Era isso que a incomodava? — e apanha as mãos da filha entre as suas.

— É que depois aconteceu uma coisa…

— E o que foi que aconteceu?

— Naquela hora em que o velho Vivino terminou sua história e o senhor se levantou para sair… por um instante fiquei sozinha afastada das meninas, que vieram na frente enquanto eu o esperava, e do senhor, que conversava com o capataz Heitor…

— Sim, e então?

— Então que aquele peão mais novo aqui da fazenda…

— O Renildo…

— Sim, o Renildo… ele parece ser um peão muito bom, o senhor não acha?

— Bem, ele provou isso hoje na quadra, não? — fez uma pausa e, um pouco a contragosto admitiu: — Nunca vi ninguém laçar feito ele, nem montar…

— É… é verdade — Ana Maria mordeu os lábios indecisa, a cabeça baixa.

Ao pai não passava despercebida a hesitação da filha. Esperando pelo que ela tinha em mente, levantou-lhe o queixo num delicado gesto olhando-a nos olhos com um meio sorriso, até que a menina por fim desatou:

— É que ele… veio falar comigo…

Nhô Antonino fez-se sério, um tanto recuou o rosto encarando a filha:

— Ele faltou ao respeito com você, Ana Maria?

— Não, papai, não!… Não é isso!…

— Então o que é?

— Ele chegou para mim, aproveitando que eu estava só, e disse… disse que ia buscar o boi encantando para mim, para os meus anos, sabe?, porque era a única prenda que podia me dar… Ele não parecia estar brincando… Em seus olhos havia como que uma… febre… embora sua voz estivesse tranqüila e segura… E repetiu: que iria sojigar o boi encantado e trazê-lo para o dia dos meus anos, pois era a única prenda que me podia ofertar…

Nhô Antonino desprendeu suas mãos das mãos da filha e voltou-se para seu caderno por um momento. Cenho franzido, refletia no que acabara de ouvir. Não, com efeito o Renildo não faltara ao respeito com ela, talvez tivesse apenas a intenção dum agrado por saber que Ana Maria aniversariava em janeiro — portanto a menos de três meses —, mas a menina ficara impressionada.

— Filha, o Renildo é uma boa pessoa mas não passa de um rústico, não tem nenhuma leitura, nada dessa instrução que eu fiz questão que você, minha menininha, tivesse. Ele decerto quis fazer-lhe um agrado e acabou causando-lhe uma má impressão. Não ligue, que amanhã eu falo com ele e ele vem desculpar-se contigo.

— Mas pai… talvez isso melindrasse o rapaz…

— Mas se você não quiser… é só não dar ensejo a que ele toque no assunto outra vez, caso aconteça de vocês se encontrarem por aí…

— Não, eu… bem — decidiu-se Ana Maria —, seria bom mesmo que ele viesse falar comigo para esclarecer o que de fato quis dizer com aquilo. Mande-o sim, papai, mande-o falar comigo logo pela manhã — e levantando-se tomou a benção ao pai, voltou para o quarto.

Porém ainda assim não dormiu: pela primeira vez punha-se a pensar no Renildo de um jeito diverso do de até então. Reconhecia, como o pai lhe havia dito, que o vaqueiro não passava dum rústico, porém tinha qualidades, entre as quais uma graça pessoal que não sabia explicar. Além do mais ela não ficara mau impressionada com a promessa que lhe fizera, não: parecia-lhe ao mesmo tempo o delírio de um demente e o arrojo de um herói: ele sair à procura de um boi que só existia nas lendas, nas inventações do velho Vivino, jurando-lhe que o traria subjugado para presenteá-la no dia dos seus anos!

Esperou com ansiedade pelo amanhecer, pela hora em que o peão, por ordem de nhô Antonino, fosse ter com ela a fim de explicar-se — esperou, mas na manhã seguinte ninguém sabia do paradeiro de Renildo: desaparecera durante a noite montando o cavalo Ventania.

de todos boi qui ai no mundo já peguei
afóra lá ele qui tem parte cum cão
o tal boi bufa cum este nunca labutei
e o incantado qui distinemo a pegá
pra nóis levá pras terra daquela donzela
juremo a ela viu te levá boi aruá

E o nascer da manhã deu com Renildo cavalgando por um caminho estreito através duma encosta. De imediato partira pois motivos diversos havia para tão repentina decisão: comprometera-se com sinhazinha Ana Maria — sojigar o boi misterioso e levar o bruto inté ela a feitio de prenda polos seus anos —, portanto não cabia retraso, não fosse chegar despois do dia pois, inda que mesmo assim fosse uma avultada proeza, um tanto perdia a graça presente

passada a propícia data. Assim sendo, quanto mais cedo partisse, mais cedo se desincumbia de seu ofício. Afora essa precaução, previa ainda uns desacertos: que sinhazinha comentasse com o pai sobre a promessa feita e nhô Antonino exigisse uma explicação para tal despropósito — pois inté mesmo o Renildo se avisava de que havia naquilo não pequeno dislate: pois o velho Vivino referira tão somente um causo, não mais que um historiar, lenda bem urdida, podia um com acerto de juízo botar fé na existência dum boi assim, saído do nada, saído do limbo, no dizer do Vivino vaqueiro, pola ação de três anjos na conformação de homens, e andar por aí, p'las lonjuras, à espera daquele de demando e coragem que o fosse enfrentar? Teria uma tal léria cabimento algum? Inté mesmo o Renildo se desconformava no sensatamente refletir sobre o causo, inda mais tendo sido ele a s'incumbir — com promessa feita à donzela de seus despertos sonhares — de tal tarefa!…

…Porém no mais fundo ajuizar da questão sobrevinha a certeza na aparência duma dor surda que lhe brotava na alma e que nem dor a bem dizer não seria, senão um aperto no por-dentro de si mesmo que inté confrangia o coração: que esse boi aruá existia naquelas plagas, nas decerto maiores longinqüidades, por lá estando à sua espera. Mas como encontrá-lo? — era a pergunta que se fazia no cavalgar ao longo da manhã por aquelas encostas em trilhos mal riscados de raro trânsito. O vaqueiro Vivino tinha explicado bem: o boi vivia pelos campos, mas buscar por ele requeria um desapego de si mesmo mode o perigo, pois não seria animal de se aquietar e sim de resistir a quem o fosse combater, e o peão Renildo de si para consigo inda ia acrescentando umas dificuldades de sua imaginação brotadas mode não desmerecer o feito: que não seria qualquer laço capaz de tolher a criatura, mas um laço novo, nunca usado e benzido por padre ou por dona rezadeira de confirmada fé; e que cabia ainda um melhor preparar-se para o momento do encontro, pois se não limpasse o espírito das impurezas do mundo em ato de contrição como encontrar ajuda de Deus Nos'Sinhô?

E num deserto vargedo, sobremonte chapadas adonde sofreando o animal aí pelo meio do dia, mode um descanso, um necessário repouso tanto para o cavaleiro quanto para o cavalo (que por ali podia pastar, perto correndo um ribeiro adonde matar a sede), Renildo desmontou, livrou Ventania de arreio e bridão, e ficou espiando para umas montanhas que azulavam longe.

Tirando do alforje algum de-comer, que não deixara o Rochedo desprovido de boca, preparou merenda e enquanto comia namorava aquela cadeia montanhas em crista, entre as quais um pico mais supino, tão reto e elevado que vinha uma nuvem enchumaçar as cumeeiras, "o Cerro do Vigário" pensou, pois sim, o nome se ajustava à semelhança com um vigário ou padre (inté a forma humana imitando) de pé tendo em roda de si o povo (as corcovas mais baixas) a ouvir preleção, "lá, adonde nasce o Santa Madalena", acertado entendimento pois de lá provinha o rio grande, que naqueles mais altos píncaros — conforme instrução colhida de quem tais direções investigara — brotava na forma de um filete e

descia, e no descer pras várzeas engrossava, todo se avolumando ao enredar-se com seus afluentes de forma que, nas larguezas de embaixo, negrejavam suas águas profundas: esse o rumo que o coração lhe instruía como o certo — pois tinha para si que naquela aventura devia guiar-se pelo coração, que com mais cabimento lhe podia falar: não era nele afinal que se produzia a jeito dum aperto a dor, dor não sendo mas que na alma à guisa de advertência lhe surdia? Ora, o coração tinha sua linguagem, e naquela empresa lhe competia ouvi-la, compreendê-la.

Mas ficava distante o Cerro do Vigário: calculou semana ou mais de jornada no rumo do nascente, e do pouco que conhecia dessas paragens imaginou mais pra baixo a cidade de Águas Claras, esta não sendo tão afastada pois aquele lugar para muito além se punha.

Em seguida descansou, proveio um cochilo no mormaço pelo pouco dormir da noite anterior, e no findar da tarde retomou a jornada.

Perdem-se as minudências da derrota tomada p'lo Renildo no rumo do Cerro, nem propiciam interesse, do que cabe não mais que um bem resumir-se: estradejou na busca por precisa informação do melhor caminho. Passou as noites ou ao relento, manta e xairel servindo de colchão, ou provendo-se de teto p'lo acaso dum pouso em choupanas matutas no sertão submersas, nos vagares em antes de dormir tecendo sempre o laço virgem com que se defrontaria com a fera, e com uns e outros falou sobre o Cerro do Vigário: diziam-lhe então "é longe" ou ainda "demanda dias, a direção não sei indicar". Mas um caminho sempre se encontra, inda que não seja direto, dado que uma hora s'esbarra com um que sabe instruir dizendo " vosmecê deve é de se guiar mat'adentro pelo Santa Madalena que muito lá'diente se quebra pra esquerda, no rumo de seu nascedouro; lá se chega, porém requer pernoites. Moradias pr'aquelas direções? Inda se topa com alguma mais pra cá, porém no que se avança é só o deserto, cristão mais nenhum. Pouca gente pra lá se aventurou, seu moço. Que mal lhe pergunte: pra mó'de quê vosmecê descamba praquelas distâncias?".

Perdeu dias inté abicar aos arredores de Águas Claras, conforme calculado aquém de seu destino, porém ali não encontrou padre nem benzedeira que abençoasse o laço virgem que havia acabado de tecer: padre santo, lhe informaram, pusera-se de viagem id'aquela semana mesmo mode estar com sua assunlença o Sr. Bispo, não se sabia quando estaria de volta, e benzedeira não calhava. Não se aperreou o peão, consigo mesmo congeminando: "Se for da vontade de Deus que eu encontre o boi e leve ele pros anos de sinhazinha Ana Maria, pol'aí pra frente encontro quem me dê a benção de que careço" — e avançou, para trás ficando as imediações de Águas Claras, as terras conhecidas, as derradeiras moradias, na última das quais deparou uma dona canorça de mais ou menos anciana aparência, que sozinha assistia.

— Boto-me pro Cerro do Vigário, sá dona, o rumo é este mesmo, pois não?

— Outro não sendo, seu moço. Mas, que mal lhe pergunte, mode que tão arredado destino?

— Causo duma obrigação assumida, não sabe?, comprometimento que descabe transgredir.

— Ah, pois… sendo assim… Mas já anoitece, o moço querendo pode pousar por hoje, que a janta não é de pobre mas tem sustança, e em riba duma cama, inda que não macia, sempre se descansa mais a gosto.

— Muito grato pol'oferecimento, sá dona, que eu nem enjeito. Porém — e ao peão acode a lembrança —, sucede-me de última hora um embaraço…

— Apois, no qu'eu puder servir o moço…

— Carecia duma dona de fé mode rezar esse laço novo que fiz, não sabe? Em Águas Claras o padre santo não se achava, e benzedeira não encontrei.

— Um laço novo?

— De laçar um boi… não qualquer boi… porém um, que se diga na fala do povo, de embruxamento… encantado, não sabe? Calha inté que a dona já escutou falar dele?…

A velha esteve-se, examinou o peão delongado momento e despois vigiou pro céu que principiava a escurecer. Murmurou quas'que consigo mesma, a voz sumida:

— Um boi encantado… bravio… que vive p'los campos e peão nenhum sojigou…

— Esse mesmo, sá dona. Já escutou falar?

De novo um silêncio, a velha sempre vigiando pr'adiente, inté perdida… Porém no se reencontrar, desdisse:

— Mas são histórias, seu moço, um boi assim vai ver que nem existe, não sabe?

— Mas calha procurar, sá dona, pois se o cristão não procura aí mesmo é que não esbarra com ele, não lhe parece? A inexistência do bicho nesse caso persiste…

— Ah… o moço é pertinaz…

E vigiou o peão Renildo com interesse:

— O coração tem seus mistérios, seu moço — ela diz, vagaroso falar, olhando-o nos olhos, e sentenciou: — Não fosse por ele, vosmecê não se embrenhava atrás duma tal delusão.

— Vossência lê adonde letra não s'enxerga, dona — ele diz, descobrindo-se.

— Porém, não se amofine, eu sou dona rezadeira — disse —, desde nova eu pratico a fé! Traga o laço que eu benzo ele em nome do Pai, do Filho e do Esp'rito Santo, e o mais pola mão de Deus se ajeita.

O peão apresentou o laço, nos refolhos de seu coração reconstruindo-se a esperança.

Por fim se viu submerso no ermo: já não montava Ventania pois o caminho não se fazia propício, conduzia-o pelo cabresto e rompia o mato com o facão quando a passagem resultava dificultosa. Já nos primeiros dias conheceu a subida, subiu sempre, próximo o medonho roncar das corredeiras e despenhadeiros

do rio grande, dificultosa jornada, momentos havendo em que pensava ser impossível seguir adiante e só a muito custo deparando uma passagem, um trilho íngreme e estreito entre as pedras e as raízes o qual, de seguimento, ainda mais para cima o transportava. Seguia-se um mais favorável caminhar, opunha-se-lhe de súbito uma densa barragem de espinheiros — em algum lugar ali perto o rio grande rumorando — que, o corpo a lanhar-se nos espinhos, era preciso romper a facão: ia indo, e de novo alcantis barravam-lhe o passo, e de novo lhe parecia impossível ir em frente, mas uma vez mais acertava com vereda tortuosa que lhe cedia passagem.

Teria perdido o juízo o peão Renildo, mode querença por uma donzela de superior linhagem lançar-se em tal desventura? Rompia semanas adentrando-se p'lo inferno, e pouco a pouco sentia suas forças minguarem, debilitar-se o corpo, escaveirar-se; acabara-se a matutagem e se valia agora apenas de frutas e folhas e raízes, porém não o detinham os obstáculos, ao contrário mais pr'adiente o impeliam, sempre mais pr'adiente, sempre mais para cima na lentidão de sua dor e de seu desespero avançando.

Uma noite choveu.

Acoitou-se em loca de pedra, deixando Ventania numas sobrecobertas de mato mais abaixo, que animal afeito está ao mau tempo e não padece. Mas a chuva, caprichosa, achou de não deixá-lo em paz e se inclinou para o desvão, ensopou-lhe as roupas já rotas, e o frio fez que ele batesse o queixo a noite inteira. Pela manhã um sol duvidoso apareceu entre as nuvens, Renildo estendeu seus trapos para secar e deitou-se nu sobre uma rocha mode um sono. Achando em antes umas frutinhas pôde naquela manhã, despois de um jejum de dois dias, forrar o estâm'go. Despois dormiu e ao acordar — com umas tremuras e uma quentura polo corpo dilacerado — ia o duvidoso sol pelo meio do céu; sentia-se ainda bambo, mas não podia tardar num só pouso: tinha de seguir em frente pois o boi misterioso não estaria decerto por ali, naquelas ingremidades, mas sim nas planícies de cima, mais perto do Vigário adonde sucediam pastagens vastas e verdejantes e um tranqüilo deslizar das águas do Santa Madalena; e que não lhe escasseasse também o tempo: pois conforme os risquinhos que ia fazendo com a ponta da faca no arção da sela, de sete em sete divididos pra não perder a conta das semanas, findava dezembro — e no contar e recontar assombrava-se: quantas semanas levara para chegar até ali! Quantos dias mais para alcançar as pastagens do boi encantado? Quantos até encontrá-lo e submetê-lo? Afligiu-se então: não seriam os anos de sinhazinha logo no entrar de janeiro? E com amargura compreendeu que não voltaria a tempo.

Mas essa nova decepção não sofreou seu afã, senão que o impulsionou para frente com renovado vigor: já não sentia a quentura, o corpo moído e magro tornava-se leve e ele avançava, Ventania — livre de sela e freio — acompanhando seus passos, obediente animal que jamais abandonaria seu dono.

Quem por fim alcançou a chapada do Cerro do Vigário? O valoroso peão Renildo que, naquela tarde de sol na quadra da fazenda Rochedo obrara proezas de laço e montaria, ou somente uma derruída sombra?

"É aqui" murmurou consigo mesmo num finzinho de tarde ao vencer uma última subida e ver se descortinarem à sua frente as planícies superiores do Vigário, as pradarias verdejantes com suas leves ondulações, o Santa Madalena imenso a deslizar com suavidade e, mais além, muito além, erguer-se o mais alto dos cumes adonde nascia o rio grande e ele por certo não chegaria, "é aqui" uma segunda vez murmurou contemplando a paisagem, "não carece ir adiante, mas tão só esperar por ele…", pois o boi façanhudo, se uma tal criatura existisse, só podia ser encontrado num lugar como aquele.

E Renildo caiu de joelhos vendo a noite chegar, sentindo-se queimar por dentro, que a febre dias atrás colhida duma noite de chuva, tendo cedido mode seu empenho em chegar inté aquelas paragens, parecia agora cobrar a concedida trégua — e tombando por terra, dormiu.

Mas naquela noite voltou a chover.

Ocorreu de janeiro entrar com fortes chuvas pras bandas de Águas Claras — conforme informações duns estancieiros que passaram pela fazenda Rochedo —, o que fazia sempre transbordar o Santa Madalena, mormente agora, tempo das águas. E ainda que por ali o tempo estivesse bom, sinhazinha Ana Maria preocupou-se com o dia dos seus anos: com essas chuvaradas naquela direção, suas amigas decerto não poderiam vir, e se bem que concorrência à festa não faltaria, uma vez que as famílias de perto haviam sido formalmente convidadas (sinhazinha porém impondo que apenas as famílias de fazendeiros, onde mantinha suas seletas amizades, e não a gente reles pois sua festa "não é para o bico de qualquer um, papai!", no que obstou de seu lado nhô Antonino, controvertendo que não ficaria bem: decerto que para o jantar mais íntimo no salão principal da casa sim, só os convidados importantes, mas não custava matar meia dúzia de bois — ou dúzia e meia se necessário fosse — e assar uma carne regada a vinho para a gente toda do lugar, a peonada, os colonos e os de mais longe que proviessem); se bem, pois, que não faltaria concorrência, a Terezinha Pedroso, a Luizinha Fernandes, a Rita Fagundes e umas outras de Águas Claras, todas suas amigas, eram meninas da cidade que haviam de propiciar com suas maneiras, sua educação, seus vestidos, um diverso brilho ao encontro.

Assim, foi com grande alegria que viu as graciosas raparigas, em alegre comitiva e acompanhadas de seus pais, adentrar o terreiro da fazenda Rochedo na véspera do grande dia. Correu ao seu encontro trocando beijinhos e tomando-as pelas mãos, manifestando todo seu contentamento e logo conduzindo-as para dentro "para tomar uma limonada, comer uns biscoitos, vocês devem estar exaustas!", e a presença de todas aquelas moças transformou a casa grande, no mais das vezes solitária, num prazenteiro burburinho de buliçosa juventude. Nhô Antonino também bulia, daqui pr'ali, de lá pra cá, entre porém os mais

velhos, que em tais reuniões sempre sucede uma divisão, os mais velhos prum lado com seus graves assuntos (inda que vez por outra se produza uma chasqueada e os soltos risos), os moços pra outro, com a leveza de sua pouca idade, mormente tratando-se de jovens solteiras.

Deu-se então que a certa altura, apanhando Ana Maria sozinha, Terezinha Pedroso puxou-a pela manga e com ar de quem conspira perguntou-lhe pelo seu apaixonado, "ora, Terezinha, e qual apaixonado?" ao que a menina respondeu com malícia "são tantos que você nem sabe de qual estou falando, hein?". Ana Maria soltou uma risada e, beliscando a outra de leve, "não é isso" disse, e então Terezinha esclareceu:

— Estou falando do tal peão que saiu pra caçar um boi encantado e lhe trazer de presente.

Ana Maria deu de ombros:

— Ah, esse!... — e fez um gracioso trejeito de descaso com a boca: — Um doido, sumiu, nunca mais soubemos notícia dele.

E antes de tomar a amiga pela mão para voltarem à sala ao encontro das outras meninas:

— Caçar um boi encantado, caçar um fantasma, vê se isso tem cabimento! — e em seguida esquecia-se do caso pois já chegavam à sala, sendo abordadas pelas amigas com alvoroço.

— Amanhã à noite sabe quem vem para sua festa, Ana Maria? — perguntou uma delas, e sem esperar resposta: — O Otaviano Camargo...

— Mas quem é esse? — Ana Maria perguntou, sem saber se devia ou não mostrar interesse.

— Otaviano? Pois nãos sabe? É um primo da Luizinha. Um garboso oficial de milícias, ele é capitão, não é Luizinha?, pois é, e está destacado no corpo da guarda do palácio do governo. É o comandante lá — e a menção ao palácio do governo, que implicava na idéia de uma Capital, de uma cidade grande mui diversa de Águas Claras, produziu em sinhazinha uma quase incontida euforia, que no entanto soube controlar para não parecer muito interessada:

— Deve ser pessoa muito ocupada. Terá tempo de vir a tão longe só para uma festa de aniversário? — disse num tom de quem não liga importância à novidade, mas no seu si-mesma excogitando se o oficial não seria vistoso.

— Ele está de licença — explicou Luizinha —, e só não veio conosco devido a uns impedimentos, mas prometeu estar aqui amanhã para a festa.

No que, porém, uma outra, informada do sucesso passado com Ana Maria, quis saber:

— Mas e o seu prometido, Ana Maria, cadê ele?

— É verdade — exclamou uma terceira —, esse que saiu correndo mundo atrás dum boi-fantasma para lhe trazer de presente? — referência que provocou sonorosa gargalhada de todas ao mesmo tempo.

Porém sinhá-moça se amofinou? Deu de ombros:

— Um doido! Escutou uma fantasia referida por um velho das redondezas e meteu essa idéia na cabeça! Coitado…

E mais se riram as meninas.

naquela hora porém na chapada do Vigário o peão Renildo consumido incendiava-se duma febre

padecera sob os temporais nos dias que se seguiram à sua chegada

debaixo dumas árvores copudas de galharias quas'qu'inté 'rastando no chão buscara escasso abrigo

encolhido e sem forças para levantar-se não punha na boca a não ser a água da chuva incessante que polas folhas escorria

quem o visse agora depararia apenas com duas chamas mortiças no lugar dos olhos e não mais que uma ossatura escanifrada por terra

um braseiro

(mas o cavalo Ventania

adonde?)

E o dia dos dezoito anos de sinhá-moça Ana Maria, filha única de sinhô Antonino da fazenda Rochedo, amanheceu de sol.

Manhãzinha a menina abriu a janela de seu quarto para receber nas faces morenas essa primeira e mágica luz, e num ramo de cedro defronte um canário trilou.

Mas o quarto foi de repente invadido pelas moças de Águas Claras que, inquietas na cama, haviam se levantado cedo. Sucedeu então entre gritos e pinotes uma batalha de travesseiros, até que um deles rompeu-se e uma nuvem de penas encheu o quarto, as penas caindo agora devagarinho enquanto as meninas sofreavam seu ímpeto…

…e o canário no ramo de cedro voou.

porém Renildo abriu os olhos na nebulosa manhã e pensou "ainda estou aqui"

e sob a gélida ventania que fustigava os serros com rajadas mais lhe encharcando o corpo alanhado viu mais abaixo turbilhonar a furiosa correnteza do Santa Madalena

o rio grande

que nas ainda distantes vertentes do Vigário nascia feito um filete e engrossava no avançar pola chapada juntando-se a outras fontes e afluentes e que dias antes tão sereno corria

o rio grande agora um revolutear impetuoso de águas lamarosas

e o Renildo lembrou-se "é hoje o dia dos anos de sinhazinha"

que não deslembrava

seu corpo sucumbia no vagar das horas que a morte nem sempre tem pressa sua memória porém dilúcida lhe certificando "é hoje o dia dos anos de sinhazinha"

(ah! Ventania o cavalo Ventania)

E aquele ensolarado dia de janeiro transcorreu na asa dum vento suave, sem nuvem no lençol azul do céu, e enquanto a fazenda Rochedo se enchia de gente, nhô Antonino desdobrando-se para a todos propiciar atenção, a Jovina preta multiplicando-se muitas vezes no dar ordens às negras na cozinha e servir na sala um cafezinho aos convidados e à varanda aportar com os jarros de limonada para a sede dos demais, sinhazinha em seu quarto escolhia vestidos. Havia encomendado para esse dia quase uma dúzia deles, e agora os espalhava em cima da cama para saber qual lhe ficaria melhor.

Sim, pois durante a manhã usara um mais simples, apenas para passar aquelas primeiras horas, que trocou por outro mais vistoso à hora do almoço, quando algumas pessoas mais importantes estariam à mesa, para não falar que à tarde a casa se encheria ainda mais de convidados e não convinha que a aniversariante se apresentasse em traje descomposto por mancha, nódia ou respingo, afinal ia e vinha a todos falando e abraçando na alegria dos cumprimentos, além das crianças que a toda hora se agarravam às suas roupas — ficaria bem ter uma aparência amarrotada justo então?

— Para o jantar — disse à Rita Fagundes que entrara em seu quarto aí pelas cinco da tarde — vou usar este, que combina mais com a cerimônia — e indicou um vestido bege escuro repleto de minúsculos bordados em linha de seda mais clara representando um entrançamento de ramos, gavinhas e pequeninas flores que chegavam a rebrilhar na claridade, sendo que o corpete, no mesmo tom dos bordados, guarnecia-se no peitilho por delicada renda negra.

— E para o baile, Ana Maria — a Rita Fagundes quis saber —, qual vai usar?

e uma vez ainda a noite com seu infindável dilúvio mais e mais engrossando as águas do Santa Madalena desceu no Cerro do Vigário

"perdoa eu sinhazinha por ter falhado na minha promessa

perdoa que tudo saiu ao contrário do meu querer"

inté no pensar um gemido

dos olhos — duas fogueiras de febre já meio apagadas — um incerto espiar pra dentro da escuridão

"perdoa eu sinhazinha"

(cavalo como aquele nenhum

chamava-se Ventania de todos o mais 'famado

porém adonde?)

Pois para o baile, ocasião em que cada qual mais se empenharia por melhor parecer: os mais velhos no sustentar sua pompa matuta na qual não faltavam porém ternos de casimira, correntes e relógios de ouro e colares de pérolas; e os moços no sentido de seus amorosos ardores, presente a moça de seu bem-querer com a qual haveriam de dançar partes diversas ou, então, a menina que de seu canto avista aquele que lhe faz bater à semelhança dum tambor o coraçãozinho inexperto e por ele espera ser convidada; para o baile, portanto, a sinhazinha do Rochedo teria de escolher o mais bonito vestido da noite.

E foi uma muda exclamação que ela a todos arrancou ao adentrar o salão conduzida pelo pai, os olhares voltando-se pressurosos para essa figura de encantamento que surgia num longo vestido da mais delicada seda e na cor de um azul noturno brilhante, pontilhado de numerosos cristais que cintilavam seu estrelado esplendor à tersa luz dos lustres e lampiões, no corpete negro o fulgor dum único rubi em perfeito engaste de ouro. Soltos, os vastos cabelos negros desciam até os quadris, e no que ela avançou, sempre pelo braço do pai para abrir as danças e a orquestra de violinos iniciou a valsa, a pêndula da sala deu meia-noite e uma aragem entrando pelas amplas janelas abertas fez agitar aqueles cabelos e deles promanar um perfume…

porém que não

aquele cavalo não abandonaria seu dono

e no negrume da noite o que restara do peão Renildo abriu os olhos sentindo a respiração morna de Ventania em seu pescoço "ah! meu pobre amigo"

e o animal insistia bufava focinhava parecia incitá-lo e Renildo tentou um esforço mode arrimar-se nos cotovelos mas em vão que de novo desfaleceu

Ventania porém ainda estava ali

focinha-que-focinha bufa-que-bufa pateia de leve o chão perto do cavaleiro caído

e Renildo que fechara os olhos abriu-os uma vez mais

"ah! sinhazinha" inda pensou

mas sentiu a presença de seu infalível companheiro que o arrimava

adonde que Renildo logrou firmar-se nos cotovelos olhando em volta em algum ponto lá'diente no escuro a rumorosa voragem do Santa madalena

foi então que ele viu

não dúvida não havia pois que ele inté estivesse acabado qu'estava mas sua memória não falecia adonde que então seus olhos não o podiam enganar

o boi

o boi encantado pastando ali no rumo do rio

parecia rebrilhar de seu sortilégio e tinha os chifres duma transparência dourada

e era imenso

Mas no salão da fazenda Rochedo findara a primeira valsa, e agora os pares se formavam, moços e moças se procurando no afã dum mais próximo estar-se, a doce música dos violinos, as mãos se tocando um tanto a medo e um todo trêmulas, e sinhazinha Ana Maria solicitada pelos mais cobiçosos…

e então umas derradeiras forças são arrancadas de cada fibra do corpo pela febre consumido

decerto aquelas que ainda lhe permitiriam ver uma vez mais a luz do dia mas que agora num único arranco se consomem

e o peão Renildo apalpa à sua volta e agarra o laço benzido por benzedeira de muita fé e larga experiência

o boi encantado lá'diente no rumo do rio grande pastava tranqüilo e inté parecia olhar pra ele vez em vez

e o peão consegue montar o Ventania 'famado e fazê-lo galopar

brande o laço na escuridão para sua grande batalha

avança no rumo do perigo

mas não frio dor ou medo pode tolher seu ímpeto agora que a natureza o curtiu com seu flagelo naqueles dias mode nem uns nem outros mais sua vontade sofrear

sente os respingos da água bravia do Santa Madalena mas não teme pois o misterioso boi está à sua espera

e então

cavalo e cavaleiro

são envolvidos pelo remoinhar furioso do rio grande que a ambos traga e arrasta para o fundo enquanto nos cimos do Cerro do Vigário lentamente o temporal declina

E foi nessa hora que Ana Maria viu, com agradável surpresa e doce envolvimento, adentrar o salão de sua casa, com grande atraso mas ainda em tempo de aproveitar seu baile de aniversário, um garboso oficial de milícias com sua bem recortada farda e um sorriso franco no belo rosto juvenil.

Poderia o moço oficial não ver desde logo naquele salão a mais bela entre as belas? Pois os olhares de ambos — a altiva sinhazinha da fazenda Rochedo e o jubiloso comandante da guarda — se entrecruzaram em muda e eloqüente mensagem, desde então entre os dois o concerto duma doce promessa e definitivo comprometimento.

Conta a lenda, não mais por boca do vaqueiro Vivino, há muitos anos falecido e do qual escassa memória resta ali pras brandas do Rochedo, que quem se

aventura na direção do Cerro do Vigário, adentrando-se no rumo dos mais altos cimos, vê visagem de produzir espanto e assombro.

Não são muitos os que se arriscam mode a dificuldade das trilhas que cavalgam sobrelevadas encostas, mas quem já foi garante que viu: nas noites escuras costuma aparecer um imenso boi de chifres pontiagudos e duma dourada transparência, e no seu encalço um peão de soberba destreza montado num cavalo veloz como o vento. Quem já viu confirma: o boi e o cavaleiro se enfrentam e desaparecem chapada afora numa luta sem vencedor nem vencido.

...

O dia acordou cedo, mas na taipa de iô Norato só se manifestou vontade de espirrar da cama quando o sol já não deixava dúvida. Ultrapassava sete horas quando levantou fumeiro arriba do telhado.

O café era de caldo, o gosto da cana puxado na boca, mas se bem que enjoativo não provia desagrado, e o moço da cidade repetiu. De mistura, aipim, que a dona do Brás fritou numa frigideira negra, das de ferro antigas, a gordura de porco estralejando na fervura. A cozinha apertada recendia. No prato de ágate os pedaços fumegavam tostados, de encher a boca. Iô Norato não comia nada cedo, seu quebra-jejum era uma pinga especial, de que virava um trago, só pra sentir o gosto, ativar o sangue conforme seu dizer, esquentar. Daí a pouco, sim, forraria o estômago com alimentação soberba: apetecia-lhe também o angu frito, além do aipim, torresmos esparramados por cima, e algum naco de carne de que sempre dispunha — passava bem de boca iô Norato.

Uma hora mais tarde o Brás, montado num burrico e puxando outro pelo cabresto, rumou para a cidade. Sá Chica ficaria, no aguardo, aproveitava para dar uma arrumação na tapera do preto, "que homem não tem jeito pr'essas coisas não, iô Norato, deixa comigo, inda mais que o senhor já está de idade".

O moço doutor e o Quitério procuraram rumo também, e da mesma forma o preto ajeitou montaria para cada um. A previsão era chegar no arraial lá pelo meio-dia.

Seguiam agora em plena mata.

— Pio de cobra?

Aquilo tinha jeito de novidade. E lá cobra piava?

— Que nem pintinho novo, sô doutor. É que vosselência calha de num'star acostumado...

E ficaram quietos, sofreando a marcha vagarenta das cavalgaduras mode escutar.

A espaços, passarinho de verdade entoava: aqui perto, mais adiante, mais longe, na fundura da floresta.

De repente, o piado — um piado triste, repetido, pra despois se aquietar...

Por fim não se escutou mais.

— Foi s'imbora — diz o matuto.

— Foi embora? — perguntou o rapaz, desconfiado, imaginando se a cobra não estaria por ali de tocaia, esperando distração para pular em cima deles.

— Foi — confirmou o Quitério —, cobra não faz pouso, sempre atrás do que comer. Depois que se farta, temporada no descanso, loca de pedra, buraco no chão, qualquer refúgio, mas em antes? Ovo de passarinho, cria de rato, tudo é petisco, que carece procurar, que nem qualquer bicho.

— Ah…

E tocaram os animais, os calcanhares contra os vazios em fingimento de espora. Burro, porém, é bicho descuidoso: caminho espichado, jornadeio tardonho, prosseguiram a passo, lá se foram, no costume da vagareza.

Mas Sertãozinho agora estava perto.

Foi então que vi: na cabeceira da ponte, debruçada no parapeito e olhando a água correr, uma moça. A moça não estava ali no eu atravessar de primeiro; estava agora, parecia descuidada em contemplar o rio — o mesmo de sempre, a água sempre a passar igual —, e os cabelos feito sol nascente escondiam, longos, o rosto. Nem com o tropel do cavalo levantou a cabeça, e mesmo passando devagar procurando discernir suas feições não consegui — não conseguiria se então eu não escutasse uma voz, chamando:

— Bininha!

Então me lembrei!

E fiquei abismado! Adonde eu tinha vivido, que tanto eu tinha feito e visto na vida naqueles dez anos, que pudera me esquecer de Bininha, a menina da ponte? Agora eu estava ali de novo, em Sertãozinho, inda que só de passagem, e sem mais nem menos esbarrava com ela, moça feita, no mesmo costume de entreter-se com o correr do rio, de se perder na correnteza das águas e de seus pensamentos!